

STEVEN SAYLOR

Autor de *A decisão de César*

ROMA

"Saylor evoca o mundo antigo de modo mais convincente que qualquer outro escritor de sua geração." THE TIMES

ROMANCE



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

STEVEN SAYLOR
ROMA



Formatação e conversão ePub: RELÍQUIA
Tradução de LUIZ CARLOS DO NASCIMENTO SILVA

3ª edição
EDITORA RECORD
2010

À sombra de Tito Lívio, conhecido em inglês como Livy, que preservou para nós as histórias mais antigas da Roma mais antiga.

SUMÁRIO

Meses e Dias Romanos

Mapa do Mundo Romano

Capítulo I. Uma Parada na Rota do Sal (1.000 a.C.)

Capítulo II. Passa Um Semideus (850 a.C.)

Capítulo III. Os Gêmeos (757-716 a.C.)

Capítulo IV. Coriolano (510-491 a.C.)

Capítulo V. As Doze Tábuas (450-449 a.C.)

Capítulo VI. A Vestal (393-373 a.C.)

Capítulo VII. O Arquiteto da Própria Fortuna (312-279 a.C.)

Capítulo VIII. A Sombra de Cipião (216-183 a.C.)

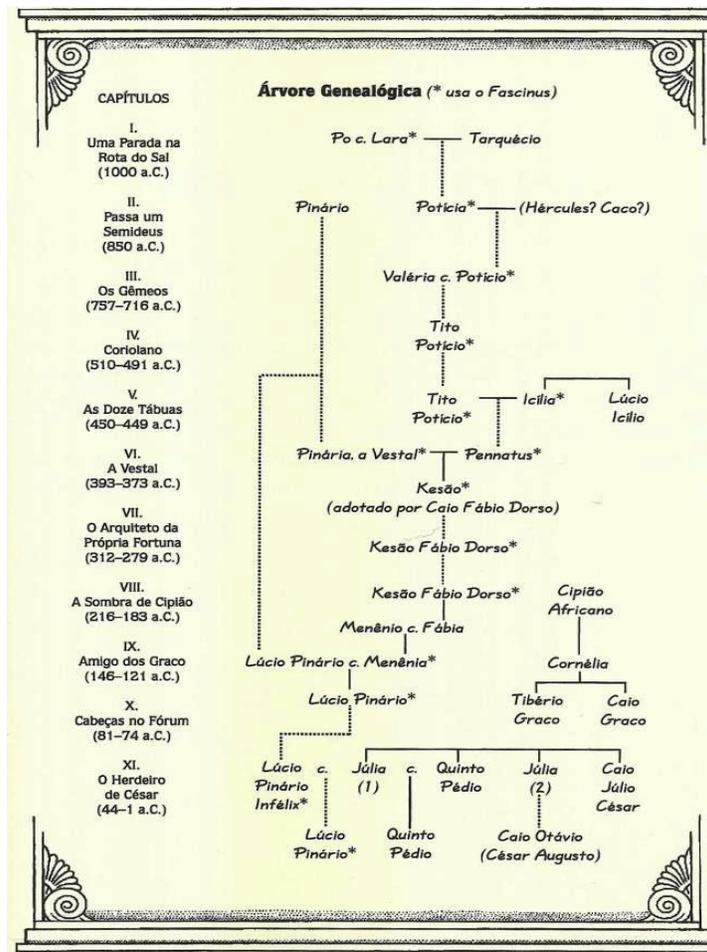
Capítulo IX. Amigo dos Graco (146-121 a.C.)

Capítulo X. Cabeças no Fórum (81-74 a.C.)

Capítulo XI. O Herdeiro de César (44-1 a.C.)

Nota do Autor

MESES E DIAS ROMANOS



Os nomes dos meses romanos eram Januarius, Februarius, Martius, Aprilis, Maius, Junius, Quinctilis (depois Julius, em homenagem a Júlio César), Sextilis (depois Augustus, em homenagem a César Augusto), Setembro, Outubro, Novembro e Dezembro.

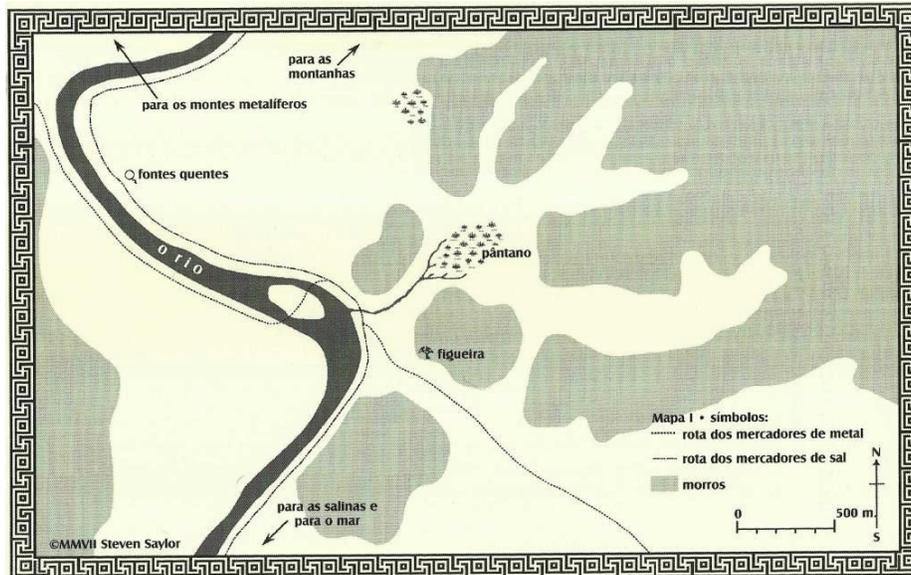
O primeiro dia de cada mês era chamado de calenda. Os idos caíam no 15º dia de Martius, Maius, Quinctilis e Outubro e no 13º dia dos outros meses. Os nonos caíam nove dias antes dos idos.

MAPA DO MUNDO ROMANO



**A LENDA É HISTÓRICA, ASSIM COMO A HISTÓRIA É
LENDÁRIA.**

Alexandre Grandazzi, *The Foundation of Rome*



CAPÍTULO I

UMA PARADA NA ROTA DO SAL

L.000 A.C.

Quando eles fizeram uma curva na trilha que corria ao lado do rio, Lara reconheceu a silhueta de uma figueira no alto de um morro próximo. Fazia calor e os dias eram longos. A figueira estava coberta de folhas, mas ainda não dera frutos.

Logo depois, Lara localizou outros pontos de referência — um afloramento de calcário à beira da trilha que tinha uma silhueta que lembrava a cara de um homem, um ponto pantanoso à margem do rio onde as aves aquáticas se assustavam com facilidade, uma árvore alta que parecia um homem de braços erguidos. Eles estavam se aproximando do ponto em que havia uma ilha no rio. Era um bom lugar para armar um acampamento. Naquela noite, eles iriam dormir ali.

Lara percorrera aquela trilha de um lado para o outro muitas vezes em sua curta vida. Seu povo não criara a trilha bem usada — ela sempre estivera ali, tal como o rio —, mas os pés cobertos de pele de alces e as rodas de madeira de seus carrinhos de mão mantinham a trilha. O povo de

Lara era composto de mercadores de sal, e seu sustento os levava a uma viagem contínua.

Na foz do rio, o pequeno grupo de meia dúzia de famílias misturadas apanhava sal das grandes salinas à beira-mar. Eles preparavam e peneiravam o sal e o carregavam em carrinhos de mão. Quando os carrinhos estavam cheios, a maioria do grupo ficava para trás, abrigando-se em meio a rochas e simples alpendres, enquanto um grupo de mais ou menos 15 dos membros mais dispostos partia pela trilha que corria ao lado do rio.

Com sua preciosa carga de sal, os viajantes atravessavam as terras baixas da costa e seguiam em direção às montanhas. Mas o povo de Lara nunca chegou ao topo das montanhas; só viajava até os sopés. Muitos povos viviam nas florestas e nas campinas relvadas dos sopés, reunidos em pequenas aldeias. Em troca de sal, aqueles povos dariam à população de Lara carne-seca, peles de animais, tecido de lã, potes de barro, agulhas e raspadeiras feitas de osso, e pequenos brinquedos de madeira.

Feito o escambo, Lara e seu povo iriam voltar pela trilha do rio até o mar. O ciclo iria recomeçar.

Tinha sido sempre assim. Lara não conhecia outra vida. Viajava de um lado para o outro, indo e vindo pela trilha do rio. Não havia um lugar em que ela morasse. Ela gostava da beira-mar, onde sempre havia peixe para comer, e o suave quebrar das ondas a embalava para dormir à noite. Ela gostava menos dos sopés das montanhas, onde a trilha ficava íngreme, as noites podiam ser frias e as vistas de grandes distâncias a deixavam tonta. Ela se sentia inquieta nas aldeias e muitas vezes ficava tímida no meio de estranhos. Era na própria trilha que ela se sentia mais em casa. Adorava o cheiro do rio num dia quente e o coaxar dos sapos à noite. Videiras cresciam em meio à luxuriante folhagem ao longo do rio, com frutos deliciosos. Até mesmo no mais quente dos dias, o pôr-do-sol trazia do mar uma brisa fresca, que suspirava e cantava em meio aos bambus e capins altos.

De todos os pontos ao longo da trilha, a área da qual eles estavam se aproximando, com a ilha no rio, era a preferida por Lara.

O terreno ao longo daquele trecho do rio era, em sua maioria, plano, mas na vizinhança imediata da ilha, a terra do lado do nascer do sol parecia um tecido enrugado, com montes, cadeias de montanhas e vales. Com o povo de Lara havia um berço de madeira, próprio para prender a um carrinho, que vinha passando de geração em geração. A ilha tinha o formato daquele berço, mais comprida do que larga e apontada para o lado do rio

acima, onde a corrente provocara a erosão das duas margens. A ilha parecia um berço, e o conjunto de montanhas do lado do rio em que o sol nascia parecia um grupo de velhas mulheres envoltas em pesados casacos, reunidas para dar uma olhada na criança que estava no berço — fora assim que o pai de Lara descrevera, certa vez, a disposição do terreno.

Larth falava assim o tempo todo, criando imagens de gigantes e monstros na paisagem. Ele percebia os espíritos, chamados de numes, que moravam em rochas e árvores. Às vezes, conseguia falar com eles e ouvir o que eles tinham a dizer. O rio era o mais velho de seus amigos e lhe dizia qual era o melhor lugar para pescar. Pelos sussurros do vento, ele podia prever o tempo que iria fazer no dia seguinte. Devido a tais habilidades, Larth era o líder do grupo.

Nós estamos perto da ilha, não estamos, papai? — disse Lara.

Como é que você percebeu?

Os montes. Primeiro, começamos a ver os montes lá à direita. Os montes vão ficando mais altos. E pouco antes de chegarmos à ilha, vemos a silhueta daquela figueira lá em cima, ao longo da crista daquele morro.

Muito bem! — disse Larth, orgulhoso da memória e dos poderes de observação da filha. Ele era um homem forte, bonito, com flocos de cinza na barba preta. Sua mulher tivera vários filhos, mas todos tinham morrido muito jovens, exceto Lara, a última, que a mulher morrera dando à luz. Lara era muito preciosa para ele. Tal como a mãe, tinha cabelos dourados. Agora que atingira a idade de procriar, começava a exhibir a plenitude dos quadris e dos seios de uma mulher. O maior desejo de Larth era poder viver para ver os netos. Nem todo homem vivia tanto assim, mas Larth tinha esperanças. Ele tinha sido saudável a vida toda, em parte, acreditava ele, devido a ter tido sempre o cuidado de mostrar respeito pelos numes que encontrava em suas viagens.

Respeitar os numes era importante. O nume do rio podia sugar um homem para baixo e matá-lo afogado. O nume de uma árvore podia fazer um homem tropeçar nas suas raízes ou deixar um galho podre cair na cabeça dele. Rochas podiam ceder quando pisadas, fazendo muxoxos de satisfação com a própria deslealdade. Até o céu, com um rugido de fúria, às vezes mandava dedos de fogo que podiam torrar um homem como um coelho no espeto, ou pior, deixá-lo vivo, mas privado de seu juízo. Larth ficara sabendo que a própria terra podia abrir-se e engolir um homem;

embora nunca tivesse visto realmente uma coisa daquelas, ele fazia um ritual todas as manhãs, pedindo licença à terra antes de passar por ela.

— Este lugar tem algo de muito especial — disse Lara, olhando para o rio brilhante à sua esquerda e depois para as montanhas rochosas, pontilhadas de árvores, à frente e à direita. — Como é que ele foi feito? Quem o fez?

Larth franziu o cenho. Para ele, a pergunta não fazia sentido. Um lugar nunca era *feito*, simplesmente *existia*. Pequenas características podiam mudar com o tempo. Arrancada por uma tempestade, uma árvore podia cair no rio. Uma pedra podia decidir rolar pela encosta da montanha. Os numes que animavam todas as coisas refaziam a paisagem todos os dias, mas as coisas essenciais nunca mudavam, e sempre existiram: o rio, as montanhas, o céu, o sol, o mar, os bancos de sal na foz do rio.

Ele tentava pensar em alguma maneira de expressar aqueles pensamentos para Lara, quando uma corça, que bebia no rio, assustou-se com a aproximação deles. A corça disparou, subindo a margem coberta de mato e entrando na trilha. Em vez de correr para um local seguro, o animal parou e olhou para eles. Com uma clareza como se o animal tivesse sussurrado em voz alta, Larth ouviu as palavras "Me coma". A corça estava se oferecendo.

Larth voltou-se para berrar uma ordem, mas o caçador mais habilidoso do grupo, um jovem chamado Po, já estava em ação. Po correu para a frente, ergueu a vara pontuda que sempre levava e atirou-a, assobiando, pelo ar entre Larth e Lara.

Um instante depois, a lança atingiu o peito da corça com tamanha força, que o animal foi atirado ao chão. Impossibilitada de se levantar, ela sacudiu o pescoço e agitou as longas e esguias patas. Po passou correndo por Larth e Lara. Quando chegou perto da corça, puxou a lança, retirando-a, e tornou a golpear o animal. A corça soltou um som abafado, como um suspiro, e ficou imóvel.

Ouviu-se uma ovação vinda do grupo. Em vez de mais um jantar com peixe do rio, naquela noite haveria carne de veado.

A DISTÂNCIA DA BEIRA DO rio até a ilha não era grande, mas naquela época do ano — início de verão — o rio estava alto demais para ser vadeado. Muito tempo atrás, o povo de Lara fizera jangadas simples com galhos amarrados com tiras de couro, que deixava nas margens do rio,

consertando-as e substituindo-as de acordo com o que fosse necessário. Da última vez em que tinham passado por ali, havia três jangadas, todas em boas condições, na margem leste. Duas delas ainda estavam lá, mas faltava uma.

Eu a estou vendo! Lá... encalhada na margem da ilha, quase escondida entre aquelas folhas — disse Po, cujos olhos eram perfeitos. — Alguém deve tê-la usado para atravessar o rio.

Talvez eles ainda estejam na ilha — disse Larth. Ele não tinha má vontade quanto a que outras pessoas usassem as jangadas, e a ilha era grande o bastante para ser compartilhada. Mesmo assim, a situação exigia cautela. Larth levou as mãos à boca, formando um cone, e soltou um grito. Não demorou muito e um homem apareceu na margem da ilha. O homem acenou.

Nós o conhecemos? — perguntou Larth, apertando os olhos.

Acho que não — disse Po. — Ele é jovem... eu diria que tem a minha idade ou menos. Parece forte.

Muito forte! — disse Lara. Mesmo àquela distância, a musculatura do jovem estranho era impressionante. Ele usava uma túnica curta, sem mangas, e Lara nunca tinha visto braços daqueles num homem.

Po, que era pequeno e magro, olhou para Lara de soslaio e franziu o cenho.

Eu não estou gostando muito da aparência desse estranho.

Por que não? — disse Lara. — Ele está sorrindo para nós.

Na verdade, o jovem estava sorrindo para Lara, e só para Lara.

O NOME DELE ERA TARQUÉCIO. Muito mais do que isso, Larth não sabia, porque o estranho falava uma língua que Larth não reconhecia, na qual cada palavra parecia tão comprida e enrolada quanto o nome do homem. Compreender o alce tinha sido mais fácil do que compreender os estranhos barulhos emitidos por aquele homem e seus dois companheiros! Mesmo assim, eles pareciam cordiais, e os três não representavam ameaça alguma para os comerciantes de sal, mais numerosos.

Tarquécio e seus dois companheiros mais velhos eram metalúrgicos competentes, de uma região que ficava a cerca de 320 quilômetros ao norte, onde as montanhas eram ricas em ferro, cobre e chumbo. Eles tinham feito uma viagem comercial para o sul e estavam voltando para casa. Assim como a trilha do rio levava o povo de Larth da costa para as montanhas,

uma outra, perpendicular ao rio, atravessava a longa planície costeira. Pelo fato de a ilha oferecer um lugar fácil para vadear o rio, era ali que as duas trilhas se cruzavam. Naquela ocasião, os comerciantes de sal e os comerciantes de metal chegaram, por coincidência, à ilha no mesmo dia. Eles agora se encontravam pela primeira vez.

Os dois grupos armaram acampamentos separados em lados opostos da ilha. Em sinal de amizade, falando com as mãos, Larth convidou Tarquécio e os outros para compartilharem da carne de veado aquela noite. Enquanto anfitriões e convidados se regalavam em torno do fogo que cozinava, Tarquécio tentou explicar alguns detalhes de sua profissão. A luz da fogueira brilhava nos olhos de Lara enquanto ela via Tarquécio apontar para as chamas e imitar com gestos o ato de forjar. A luz da fogueira dançava pelos músculos dos braços e dos ombros dele ao serem flexionados. Quando ele sorria para ela, o sorriso parecia uma jactância. Ela nunca vira dentes tão brancos e tão perfeitos.

Po viu os olhares que os dois trocavam e franziu o cenho. O pai de Lara viu os mesmos olhares e sorriu.

A REFEIÇÃO TERMINARA. OS MERCADORES de metais, depois de muitos gestos de agradecimento pela carne de veado, retiraram-se para o seu acampamento do outro lado da ilha. Antes de desaparecer nas sombras, Tarquécio olhou por cima do ombro e dirigiu a Lara um sorriso de despedida.

Enquanto os outros se acomodavam para dormir, Larth ficou acordado mais um pouco, como de hábito. Ele gostava de observar a fogueira. Como todas as outras coisas, o fogo possuía um nume que às vezes se comunicava com Larth, mostrando-lhe visões. Enquanto as últimas brasas desapareciam na escuridão, Larth adormeceu.

Larth piscou. As chamas, que tinham se reduzido a quase nada, de repente voltaram a jorrar. Ar quente espalhou-se pelo rosto dele. Os olhos ficaram ressequidos por chamas brancas que brilhavam mais do que o sol.

Em meio ao brilho estonteante, ele percebeu uma coisa que levitava acima das chamas. Era um membro masculino, desincorporado, mas, mesmo assim, exuberante e erguido. Tinha asas, como um pássaro, e pairava a meia altura. Apesar de parecer feito de carne, era impérvio às chamas.

Larth já tinha visto o falo alado antes, sempre em circunstâncias como aquela, quando olhava fixo para uma fogueira e entrava num estado de devaneio. Chegara até a dar um nome a ele, ou mais precisamente, a coisa havia plantado seu nome na mente dele: Fascinus.

Fascinus não era como os numes que animavam árvores, pedras ou rios. Aqueles numes existiam sem nomes. Cada qual era preso ao objeto no qual residia, e havia pouco a diferenciar um do outro. Quando aqueles numes falavam, nem sempre se podia confiar neles. Às vezes eram amigáveis, mas em outras ocasiões eram travessos ou até mesmo hostis.

Fascinus era diferente. Era ímpar. Existia completo, sem começo nem fim. Era evidente que, pela sua forma, tinha algo a ver com a vida e a origem da vida e, no entanto, parecia vir de um lugar fora deste mundo, esgueirando-se, por alguns momentos, por uma brecha aberta pelo calor das chamas dançantes. Uma aparição de Fascinus era sempre importante. O falo alado nunca aparecia sem dar a Larth uma resposta a um dilema que o estivesse perturbando ou sem plantar um importante novo pensamento em sua cabeça. A orientação dada a ele por Fascinus jamais o transviara.

Em outras partes, em terras distantes - Grécia, Israel, Egito -, homens e mulheres veneravam deuses e deusas. Aqueles povos faziam imagens de seus deuses, contavam histórias sobre eles e os adoravam em templos. Larth jamais conhecera aqueles povos. Ele nem mesmo ouvira falar das terras onde eles moravam e nunca encontrara ou imaginara um deus. O próprio conceito de uma divindade como aquelas que outros homens adoravam era desconhecido para Larth, mas em sua imaginação e experiência, a coisa que mais se aproximava de um deus era Fascinus.

Com um sobressalto, ele tornou a piscar.

As chamas tinham morrido. Em vez do brilho intolerável, só havia a escuridão de uma quente noite de verão iluminada pela menor fatia de lua possível. O ar que batia em seu rosto já não estava quente, mas fresco e frio.

Fascinus tinha desaparecido — mas não sem meter uma idéia na mente de Larth. Ele correu para o abrigo feito de folhagem ao lado do rio, onde Lara gostava de dormir, pensando consigo mesmo: *Tem que ser assim, porque Fascinus diz que tem!*

Ele se ajoelhou ao lado dela, mas não foi preciso despertá-la. Ela já estava acordada.

— Papai? O que é?

Vá ter com ele!

Ela não precisou pedir uma explicação. Era o que ela ansiava por fazer, deitada inquieta e ansiosa no escuro.

Tem certeza, papai?

Fascinus... — ele não terminou o raciocínio, mas ela compreendeu. Ela nunca vira Fascinus, mas o pai lhe falara sobre ele. Muitas vezes no passado, Fascinus orientara seu pai. Agora, uma vez mais, Fascinus declarara sua vontade.

A escuridão não a deteve. Ela conhecia cada desvio e curva de cada trilha da pequena ilha. Quando chegou ao acampamento do comerciante de metais, encontrou Tarquécio deitado num recesso coberto de folhagem, isolado dos outros; ela o reconheceu pela silhueta musculosa. Ele estava acordado e esperando, tal como Lara estivera deitada, acordada, aguardando, quando o pai se aproximara.

Com a aproximação dela, Tarquécio ergueu-se sobre os cotovelos. Disse o nome dela num sussurro. Em sua voz havia um tremor de algo parecido com desespero; a necessidade que ele sentia fez com que ela sorrisse. Ela suspirou e abaixou-se ao lado dele. À fraca luz da lua, viu que ele usava uma espécie de amuleto, preso por uma tira de couro passada pelo pescoço.

Aconchegado em meio aos cabelos do peito dele, o pedaço de metal disforme parecia captar e concentrar o fraco luar, refletindo um brilho mais forte do que a própria lua.

Os braços dele — os braços que ela tanto admirara antes — estenderam-se e se fecharam em torno dela num abraço surpreendentemente delicado. O corpo dele estava tão quente e nu quanto o dela, mas muito maior e mais duro. Ela se perguntou se Fascinus estava com eles no escuro, porque pareceu sentir o bater de asas entre as pernas deles enquanto era penetrada por aquilo que dava origem à vida.

NA MANHÃ SEGUINTE, QUANDO os outros começaram a acordar e se mexer, Larth viu que Lara estava de volta ao abrigo onde costumava dormir. Ele se perguntou se ela o teria desobedecido. Então viu, pela expressão dos olhos dela e do sorriso em seus lábios quando ela acordou, que não tinha.

Enquanto os outros levantavam acampamento e se preparavam para partir, Larth chamou Po para perto dele. O rapaz foi de uma lentidão fora do comum para responder e manteve os olhos desviados enquanto Larth falava com ele.

Antes de partirmos hoje de manhã, Po, eu quero que você volte ao local em que matou o alce ontem. Passe o ancinho na terra e cubra quaisquer sinais de sangue sobre a trilha. Se tiver sangue respingado em folhas e pedras soltas, jogue-as no rio. Isso devia ter sido feito ontem, mas a luz estava diminuindo e havia muito o que fazer, tirando a pele e assando o alce. Faça-o agora, antes de partirmos. Não podemos deixar sangue na trilha.

Por quê? — perguntou Po.

Larth ficou pasmo. Po nunca usara um tom assim tão ríspido com ele antes.

O sangue vai atrair animais e aves predatórios. Sangue na trilha poderá ofender os numes que moram ao longo do rio, não importa que o cervo tenha se oferecido. Mas eu não preciso explicar essas coisas a você. Faça o que estou mandando!

Po olhou para o chão. Larth estava para falar outra vez, com mais rispidez, quando se distraiu com a chegada dos comerciantes de metais, que tinham ido despedir-se deles.

Tarquécio adiantou-se. Fez uma grande encenação ao oferecer um presente a Larth. Era um objeto feito de ferro, pequeno o bastante para caber na palma da mão, com uma abertura em uma das extremidades e uma ponta muito afiada na outra. Era uma ponta de lança feita de ferro — um objeto muito útil para abater o próximo alce que atravessasse a trilha do rio. Tarquécio deixou claro que não esperava nada em troca.

O povo de Larth possuía algumas facas e raspadeiras toscamente feitas de ferro, mas nada tão bem-feito quanto a ponta de lança. Ele ficou muito impressionado. Mostrou a peça a Po.

O que acha disso? — perguntou.

Antes que Po pudesse responder, Larth agarrou a lança de Po e tirou-a da mão dele.

Você é o melhor caçador entre nós. Devia ficar com isso. Vamos deixar que Tarquécio nos mostre como fixar a ponta na haste.

Enquanto Po ficou calado, Larth entregou a lança e a ponta de ferro a Tarquécio. Tarquécio sorriu para os dois homens. A visão de seus dentes perfeitos fez com que os dedos de Po comichassem. Com um pequeno martelo e pregos, Tarquécio pôs-se a prender a ponta à haste. Larth ficou observando, fascinado, enquanto ele trabalhava, e não percebeu o forte rubor que tomou conta do rosto de Po.

Terminado o trabalho, Tarquécio devolveu a lança a Po. A nova ponta era mais pesada do que Po imaginara. A lança inclinou-se para a frente em sua mão, e a ponta de ferro bateu no chão com um barulho surdo.

— O equilíbrio é diferente — disse Larth, rindo diante da consternação do homem mais jovem. — Você vai ter que aprender de novo a mirar e atirar. Mas a nova ponta vai permitir um golpe mais limpo, não acha? Você não vai precisar atirar com tanta força.

Rápido, Po deslocou o ponto de segurar e manteve outra vez a lança erguida com firmeza, apertando tanto a haste que os nós dos dedos ficaram brancos.

UM POUCO MAIS TARDE, QUANDO OS mercadores de sal se preparavam para deixar a ilha nas balsas, Tarquécio aproximou-se de Lara. Conduziu-a a um local isolado. Não havia palavras que eles pudessem compartilhar para expressar o que estavam sentindo. Durante um certo tempo, simplesmente se tocaram e se abraçaram, e depois se afastaram. No mesmo instante, cada qual percebeu a intenção do outro: dar um presente de despedida. O momento de compreensão compartilhada e a semelhança de suas intenções fizeram com que os dois rissem.

A Tarquécio, Lara ofereceu a coisa mais preciosa que podia dar: um pequeno vaso de barro com uma rolha de cortiça, cheio de puro sal branco.

Tarquécio aceitou o presente e o pôs de lado. Por cima da cabeça, ergueu a tira de couro que lhe pendia do pescoço, juntamente com o amuleto que estava pendurado nela. O amuleto era estranho, por não ter uma forma discernível; parecia não ser nada além de um pequeno pedaço de metal bruto. Mas era um metal que ela nunca vira antes, muito pesado na palma de sua mão e de uma cor muito fora do comum, um amarelo puro como a luz do sol. O único trabalho que tinha sido feito no metal era um pequeno furo que permitia que ele pendesse do colar de couro.

Tarquécio passou-o pela cabeça dela. Murmurou alguma coisa, dando nome ao objeto que lhe dera, mas ao ouvido dela a palavra foi apenas um som estranho. Lara não tinha como saber o quanto o pequeno pedaço era precioso; era o único metal que nunca perdia o brilho. Mas pela expressão do olhar de Tarquécio, ela percebeu que ele o considerava de grande valor e, ao dá-lo de presente, a estava homenageando.

Embora ela ainda não soubesse, ele já lhe dera um outro presente. Uma nova vida se formava rapidamente em seu ventre.

O SOL ESTAVA BEM ALTO no céu quando o pequeno grupo partiu. Rio acima, a partir da ilha, os morros à direita recuavam e o rio fazia uma forte curva em torno de um promontório baixo e plano. O primeiro marco a que chegaram foi uma pequena trilha que levava a umas fontes quentes perto do rio. Quando a temperatura estava mais fresca, as fontes eram um local favorito para acampar, mas não naquela época do ano.

Larth ia entrando no ritmo da caminhada quando, de repente, lembrou-se da tarefa que atribuíra a Po antes de partirem. Olhou por cima do ombro.

Limou o sangue da trilha? — perguntou.

Pela expressão no rosto de Po, ele viu logo que sua ordem fora ignorada.

Pois então volte e faça isso agora! — disse ele, exasperado. — Nós não vamos esperar por você. Vai ter que correr para nos alcançar.

Sem dizer palavra, Po parou de chofre. Deixou que os outros passassem por ele. Ficou olhando enquanto o grupo continuava a avançar, até que o último membro do grupo desapareceu de vista.

A lança em sua mão pareceu vibrar. Ele baixou os olhos e viu que as mãos tremiam. Uma coisa era agir levado por um impulso — ver uma corça e, no mesmo instante, agir, atirar a lança e depois esfaquear o animal até ele morrer, praticamente sem pensar até que a tarefa terminasse. Fazer o que ele agora pensava era algo totalmente diverso.

Po ficou em pé na trilha por muito tempo. Por fim, girou nos calcanhares e voltou em direção à ilha, correndo a um trote firme, erguendo a lança na mão e calculando o peso dela.

O TERRENO AO LONGO DA trilha subia de forma constante, enquanto o grupo seguia rio acima. Várias vezes, em locais que proporcionavam uma vista, Larth parava e pedia que Lara — cujos olhos eram melhores que os seus — olhasse para o lado de onde eles tinham vindo. Ela não via sinal algum de Po, nem de qualquer outra pessoa na trilha. O sol começou a descer, e Po ainda não voltara a se reunir ao grupo. Larth ficou preocupado. Ele não devia ter mandado o jovem sozinho. Como Po o desobedecera, a raiva lhe toldara o julgamento.

Mas justo quando o grupo parou para acampar a fim de passar a noite, Po apareceu. Seguiu em direção a eles com um passo firme, sem pressa ou

sem fôlego. Ao contrário, parecia calmo e tranqüilo.

Você não se apressou! — disse Larth.

Para que pressa? Seguindo a trilha do rio, ninguém se perde.

Você fez o que eu mandei?

É claro.

Os olhos de Larth tinham se enfraquecido, mas ele ainda tinha um olfato muito apurado. Olhou para Po mais atentamente, em especial para os cabelos e as mãos. Estavam muito limpos — com uma limpeza fora do comum.

Você está cheirando às fontes quentes.

Durante vários segundos, Po não respondeu.

É. Parei para tomar um banho nas fontes.

Chegou até a lavar isso. — Larth tocou na túnica de lã do rapaz. Ela estava limpa e ainda ligeiramente úmida.

Eu senti... o sangue da corça em mim. Você disse para apagar todas as pistas. Os numes ao longo da trilha... — Ele baixou os olhos. — Eu senti a necessidade de me lavar.

Larth confirmou com a cabeça. Não disse mais nada.

O LOCAL EM QUE ELES acamparam ficava perto de um morro alto e íngreme. Devido a viagens anteriores, quando seus olhos permitiam uma visão mais nítida, Larth sabia que do alto daquela montanha podia-se enxergar a uma longa distância. Ele procurou Lara e pediu que o acompanhasse.

Aonde vamos, papai?

Até o alto do morro. Depressa, enquanto ainda há a luz do dia.

Ela o acompanhou, intrigada pela urgência dele. Quando chegaram ao topo, Larth fez uma pausa para recuperar o fôlego e depois apontou na direção rio abaixo. O sol poente batia-lhes nos olhos. Lançava um brilho vermelho pela região e transformava o rio sinuoso numa fita de fogo. Mesmo com a vista fraca, Larth pôde discernir a região montanhosa perto da ilha, embora a ilha propriamente dita estivesse escondida. Ele apontou para ela.

Lá, filha. Onde fica a ilha. Está vendo alguma coisa?

Ela deu de ombros.

Montes, água, árvores.

Algo se mexendo?

Ela apertou os olhos e protegeu a testa. Em silhueta contra a nuvem vermelha do pôr-do-sol, Lara viu um grande número de pequeninos pontos negros acima da ilha, movendo-se devagar em círculos e aproveitando o vento, tal como pedaços de cinza giram sobre uma fogueira.

Abutres — disse ela. — Estou vendo muitos abutres.

MAIS TARDE, ENQUANTO OS OUTROS dormiam, Larth continuava acordado, como de hábito. Durante algum tempo, ficou observando a fogueira, depois se levantou e dirigiu-se, sorrateiro, até o local em que Po estava deitado. O rapaz dormia isolado, longe dos demais, como se quisesse manter distância deles. A lança estava no chão, rente a ele. Para pegá-la, Larth teve que tomar muito cuidado para não acordá-lo.

À luz da fogueira, ele examinou atentamente a ponta de ferro. Mesmo nas fontes quentes, devia ter sido impossível tirar todos os vestígios de sangue do metal forjado. Em pequeninas e recortadas fissuras, ainda restavam traços de sangue.

Larth voltou para perto de Po e parou em pé. Pressionou a ponta da lança contra a garganta do rapaz e deu-lhe um pontapé.

Po se agitou, assustou-se e então despertou num instante. Uma gota de sangue surgiu em torno da ponta da lança apertada à sua garganta. Ele engoliu em seco e agarrou a haste com as duas mãos, mas Larth usou de toda a sua força para mantê-la firme.

— Fale baixinho! — disse ele, sem querer acordar os outros. — Tire as mãos da lança! Ponha os braços de lado! Assim está melhor. Agora, diga a verdade. Todos os três... ou só Tarquécio?

Por um longo tempo, Po não respondeu. Larth viu seus olhos cintilarem na escuridão e ouviu a respiração entrecortada. Embora Po estivesse imóvel, Larth sentia a trêmula tensão do corpo do rapaz transmitida ao longo da haste da lança.

Todos eles — disse Po, finalmente.

Larth sentiu uma enorme frieza tomar conta dele. Até aquele momento, ele não tivera certeza quanto à verdade.

Os corpos?

No rio.

O mais antigo de meus amigos, sujo de sangue!, pensou Larth. O que o nome do rio iria pensar dele e de seu povo agora?

Eles vão ser levados para o mar — disse Po. — Eu não deixei pista alguma...

Não! Ao menos um deles deve ter ficado preso à margem do rio.

Como é que você pode saber disso?

Abutres! — Larth imaginou a cena... sangue na água, um cadáver em meio aos juncos, os abutres voando em círculos lá em cima.

Larth abanou a cabeça. Que caçador o rapaz devia ser, para se aproximar silenciosamente e matar três homens! E que idiota! Será que o povo poderia se dar ao luxo de perdê-lo? Poderia dar-se ao luxo de ficar com ele? Larth tinha o poder de matá-lo ali, naquele momento, mas teria de justificar o ato junto aos outros. Mais do que isso, teria de justificar o ato junto a si mesmo.

Por fim, suspirou.

Eu sei de tudo o que você faz, Po. Lembre-se disso!

Ele ergueu a ponta da lança, afastando-a da garganta do rapaz. Deixou a lança cair ao chão. Afastou-se, voltando ao seu lugar junto à fogueira.

Podia ter sido pior. Se o rapaz tivesse sido idiota a ponto de matar apenas Tarquécio, não havia dúvida de que os outros dois teriam ido atrás dele, à procura de vingança. Teriam levado a notícia para o povo deles. O conhecimento de que um dos mercadores de sal tinha feito uma coisa daquelas teria se espalhado. As conseqüências e recriminações poderiam ter continuado ao longo da vida dele, talvez por gerações.

Tal como estava, só os numes ao longo da trilha ficariam sabendo, além do rio e dos abutres. E Larth.

Ele olhou fixo para a fogueira e desejou, com mais fervor do que jamais desejara qualquer coisa, que Fascinus lhe aparecesse naquela noite. Fascinus poderia incutir-lhe na cabeça a coisa certa a fazer. Mas o fogo virou escuridão, e Fascinus não apareceu.

Jamais tornaria a aparecer para ele.

NAQUELA NOITE, À EXCEÇÃO DOS abutres, cujas goelas estavam entupidas de carniça, a pequena ilha que havia no rio ficou deserta.

Enquanto Larth viveu, os mercadores de sal jamais voltaram a acampar lá. Ele lhes disse que lêmures — sombras dos mortos inquietos — tinham ido morar na ilha. Como se sabia que Larth possuía um profundo conhecimento dessas coisas, os outros aceitaram o que ele disse sem discutir.

Quando o inverno virou primavera, Lara deu à luz um menino. O nascimento foi difícil, e por muito pouco Lara não morreu. Mas quando seu sofrimento estava no ponto mais agudo, pela primeira e única vez na vida, ela teve uma visão de Fascinus e uma voz em sua cabeça garantiu-lhe que ela e o filho iriam sobreviver. O tempo todo, ela agarrou o pedaço de ouro que pendia do colar em seu pescoço, e o metal frio pareceu absorver-lhe a dor. Em seu delírio, o ouro e Fascinus tornaram-se um único elemento. Depois, ela disse ao pai que o nume do falo alado tinha ido morar no ouro.

Logo depois do nascimento, numa cerimônia simples perto das salinas à beira-mar, Lara se casou com Po. Apesar de saber a verdade, Po alegou que o filho era dele. Fez isso porque Larth lhe dissera que era o que ele tinha de fazer — e ele sabia que Larth estava com a razão. Po jamais seria tão versado quanto aos meios de agir dos numes quanto o seu sogro, mas até mesmo ele pôde perceber que seu ato de violência na ilha exigia um ato de contrição. Ao aceitar o filho do homem que ele matara, Po pagava uma indenização ao lêmure de Tarquécio. E também acalmava qualquer nume que tivesse testemunhado e ficado ofendido pelo sangue que ele derramara deliberadamente.

Com o passar dos anos, as lembranças que Lara tinha de Tarquécio foram diminuindo, mas o amuleto de ouro que ele lhe dera, que ela agora acreditava abrigar o nume de Fascinus, nunca perdeu o brilho. Antes de morrer, ela passou o amuleto ao filho. A explicação que deu para a origem do amuleto não era verdadeira, mas também não era uma mentira, porque Lara passara a acreditar menos em suas fracas lembranças do que nas fantasiosas histórias que ela inventara para substituí-las.

— O ouro veio do fogo — disse ela ao filho —, o mesmo fogo sobre o qual seu avô viu Fascinus na última noite em que acampamos na ilha. Sem Fascinus, meu filho, você jamais teria sido concebido. Sem Fascinus, nem você nem eu teríamos sobrevivido ao seu nascimento.

Fascinus inspirava concepção. Fascinus protegia o parto. E também tinha outro poder: Fascinus podia desviar o mau-olhado. Lara sabia disso por experiência própria, porque depois que seu filho nasceu ela ouvira outras mulheres sussurrarem às suas costas e as flagrara olhando para ela com uma expressão estranha. Na verdade, elas olhavam para ela com curiosidade e desconfiança, mas ela interpretava os olhares como sendo de inveja. Os olhares dos invejosos, segundo seu pai ensinara, podiam provocar doença, infelicidade, até mesmo morte. Mas com Fascinus

pendurado no pescoço, Lara sentira-se segura, confiante em que o deslumbrante brilho do ouro poderia desviar até o mais perigoso dos olhares.

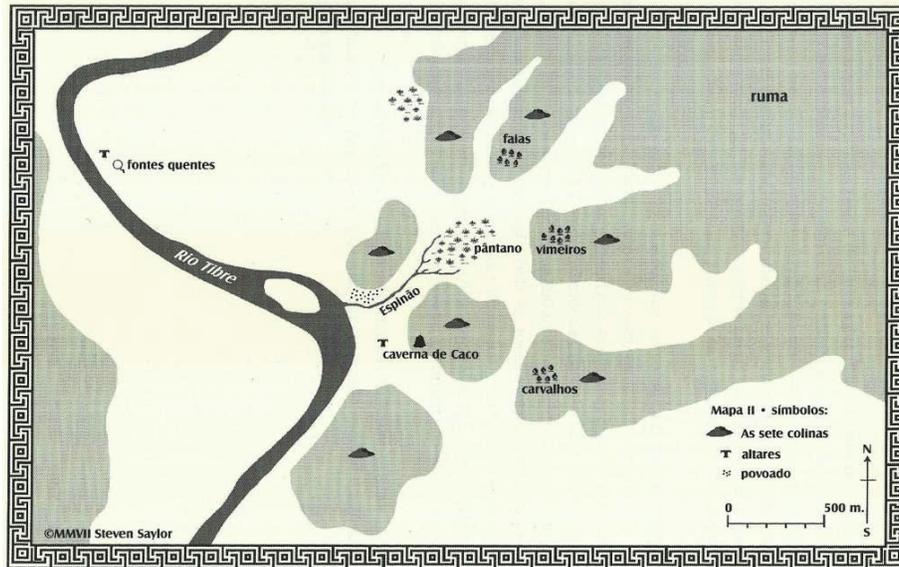
À medida que o amuleto e a história de sua origem eram transmitidos a sucessivas gerações, coube aos descendentes de Lara refletir sobre o exato papel representado por Fascinus na continuação da linhagem familiar. Teria o falo alado surgido das chamas para engravidar Lara? Será que um fato daqueles — uma relação sexual entre numes e seres humanos — ocorrera antes, ou depois? Seria porque um nume tinha sido pai do seu filho que as outras mulheres tinham ficado desconfiadas e invejosas quanto a Lara? Teria Fascinus dado o ouro de presente sabendo que Lara iria precisar dele para se proteger e salvaguardar o filho dele?

O amuleto de ouro, com a verdadeira origem esquecida, passou de geração em geração.

MUITOS ANOS SE PASSARAM. O aviso de Larth sobre lêmures agitados na ilha do rio foi esquecido e os mercadores de sal voltaram a acampar lá. Ainda assim, a ilha e a área do entorno continuaram nada mais do que um ponto de parada. Cervos, coelhos e lobos perambulavam pelas sete colinas próximas. Sapos e libélulas moravam nas pantanosas terras baixas entre as colinas. Pássaros passavam lá em cima e não viam, abaixo deles, nenhum sinal de ocupação humana.

Em outras partes do mundo, homens construíam grandes cidades, faziam guerra, consagravam templos a deuses, cantavam sobre heróis e sonhavam com impérios. No longínquo Egito, as dinastias dos faraós já tinham reinado havia milênios; a Grande Pirâmide de Giza tinha mais de 1.500 anos. A guerra dos gregos contra Tróia ficara 200 anos no passado; o rapto de Helena e a ira de Aquiles já tinham virado lenda. Em Israel, o rei David capturara a antiga cidade de Jerusalém e fizera dela a sua capital, e seu filho Salomão estava construindo o primeiro templo para o deus Jeová. Mais para o leste, migrantes arianos fundavam os reinos de Média e Parsa, precursores do grande império persa.

Mas a ilha no rio e as sete colinas próximas continuaram desocupadas por homens e esquecidas pelos deuses, um lugar onde nada de significativo jamais acontecera.



CAPÍTULO II

PASSA UM SEMIDEUS

850 A.C.

Caco achava que, em tempos passados, ele tinha sido um ser humano.

Caco nascera numa aldeia no alto das montanhas. Como os outros da aldeia, ele possuía dois braços e duas mãos e caminhava em pé, sobre dois pés. Era evidente que não tinha nascido animal, como a tímida ovelha ou os lobos selvagens, mas um ser humano.

Mas Caco sempre fora diferente dos outros. Eles caminhavam com um andar igual; Caco caminhava tropeçadamente, pois uma das pernas era curta demais e tinha uma curvatura estranha. Os outros podiam ficar altos e retos com os braços do lado; as costas de Caco eram curvas e os braços não combinavam. Os olhos eram de lince, mas parecia haver algo de errado com a boca; ele nunca aprendera a falar — só conseguia fazer um barulho truncado que parecia dizer "caco"; foi desse barulho que ele adquiriu o nome. O rosto era grosseiramente deformado; certa vez, uma outra criança lhe disse que um oleiro fizera o seu rosto de barro e depois o jogara no chão e o pisara.

Pouca gente olhava diretamente para ele. Aqueles que o conheciam desviavam o olhar por piedade; os estranhos recuavam de medo. As

deformidades deviam tê-lo marcado para a morte na hora do nascimento, mas a mãe conseguira poupá-lo, alegando que o prodigioso tamanho do bebê — ele era tão grande que ela quase morrera ao dá-lo à luz — era uma promessa de força futura. Ela estivera certa. Ainda criança, Caco ficou maior e mais forte do que até mesmo o homem mais corpulento e mais forte da aldeia.

Quando isso aconteceu, os aldeões que tinham sentido pena dele começaram a temê-lo.

Então, veio a fome.

O inverno foi seco e frio. A primavera, seca e quente. O verão foi ainda mais seco e mais quente. Cursos d'água reduziram-se a um fio e, depois, a nada. Produtos agrícolas feneceram e morreram. As ovelhas não podiam ser alimentadas. Quando parecia que as coisas não poderiam piorar, uma noite a montanha tremeu com tanta violência que algumas das cabanas desabaram. Pouco tempo depois, nuvens negras chegaram do oeste; prometiam chuva, mas despejaram apenas relâmpagos. Um raio provocou um incêndio que varreu a encosta da colina e destruiu a cabana em que grande parte dos grãos estava estocada.

Os aldeões foram aconselhar-se com os mais velhos. Alguma vez, antes, as coisas tinham ficado tão ruins assim? O que poderia ser feito?

Um dos mais velhos lembrou-se de uma época similar, quando criança, em que o número de aldeões tinha ficado demasiado e uma série de anos maus levou à fome e ao desespero. Havia um ritual transmitido de uma época anterior ao nascimento dele, chamado de rito da primavera sagrada. Fazia-se um pacto com os grandes numes do céu e da Terra: se a aldeia conseguisse sobreviver ao inverno, quando a primavera chegasse, um grupo de crianças seria levado para fora da aldeia e mandado para sobreviver da melhor maneira que lhes fosse possível no mundo lá fora.

Parecia um remédio violento, mas a fase era violenta. Os mais velhos aconselharam que tinha de haver um rito da primavera sagrada. Os aldeões concordaram.

O número de crianças que seria enviado foi decidido por presságio. Num dia tranqüilo, os mais velhos subiram para um promontório de pedra na encosta da montanha acima da aldeia. Ali, atearam fogo a um feixe de galhos secos e depois se afastaram e esperaram até que a fumaça ascendente formasse uma coluna no ar, de modo que o céu ficou separado em duas regiões, uma de cada lado da fumaça. Os mais velhos observaram o céu e

contaram a quantidade de pássaros que voavam de uma região para a outra, atravessando a linha definida pela fumaça. Até os galhos virarem cinza e a coluna de fumaça se espalhar, sete pássaros foram vistos atravessando. Sete crianças tinham que ser escolhidas.

A escolha foi feita por sorteio. Era importante que todos os habitantes da aldeia pudessem ver que os numes da sorte, não a trama de um dos pais, ditaram o resultado. Enquanto todos os aldeões observavam, as crianças fizeram uma fila. Um pote cheio de pequenos seixos, todos brancos à exceção de sete pretos, foi passado diante delas. Uma a uma, as crianças meteram a mão no pote e tiraram um seixo. Depois que todas tinham feito isso, elas abriram a mão ao mesmo tempo, para mostrar a pedra que tinham escolhido. Quando se viu quais as crianças que tinham escolhido os seixos pretos, houve muito choro; mas quando a mão em forma de garra de Caco se abriu para mostrar um seixo preto, até sua mãe pareceu aliviada.

Aquele inverno foi mais brando do que no ano anterior. Apesar da fome e das dificuldades, ninguém da aldeia morreu. Parecia que o rito da primavera sagrada aplacara os numes e preservara a aldeia. Quando a primavera chegou e os primeiros botões se abriram nas árvores, foi decidido que as crianças deviam partir.

De acordo com o ritual, um animal guiaria as crianças até seu novo lar. Todos os mais velhos concordaram com isso, mas nenhum deles se lembrava de como o animal deveria ser escolhido. O mais idoso entre eles disse que o animal se daria a conhecer e, de fato, na noite da véspera do dia em que as crianças deviam partir, vários dos veteranos tiveram um sonho, no qual viram um abutre.

Na manhã seguinte, as sete crianças foram tiradas de suas casas. As outras crianças e todas as mulheres da aldeia foram trancadas em casa; vindo das cabanas, o choro delas era ouvido por toda a encosta da colina. O idoso com visão mais perfeita subiu até o promontório e ficou olhando. Por fim, soltou um grito e apontou para sudoeste, onde viu um abutre voando em círculos bem acima do horizonte.

Os homens pegaram porretes. Batendo tambores e sacudindo matracas, os mais velhos os guiaram numa cantoria que devia invocar a coragem

deles e endurecer-lhes o coração. O canto foi ficando cada vez mais acelerado, cada vez mais alto. Por fim, gritando e brandindo os porretes, eles correram em direção às sete crianças e as expulsaram da aldeia.

Os DIAS QUE SE SEGUIRAM àquilo tinham sido muito difíceis. Toda manhã, as crianças vasculhavam o céu, à procura de um abutre. Se viam algum, seguiam em direção a ele. Às vezes o abutre as conduzia a uma carniça que ainda podia ser comida; às vezes, levava-as a uma carcaça tão podre que nem mesmo o abutre a tocava. O desespero as ensinara a caçar e pescar e a provar cada planta que pudesse ser comida; mesmo assim, eram muitos os dias em que as crianças passavam fome. Caco era grande e desajeitado demais para ser de muita serventia como caçador, e os outros ficavam ressentidos com ele porque ele precisava de mais o que comer. Mas de longe ele era o mais forte, e quando predadores uivavam à noite, era para Caco que as outras crianças se voltavam para proteção.

A primeira a morrer foi uma menina. Desmaiando de fome, ela caiu de um lugar alto e bateu com a cabeça. As crianças discutiram o que deviam fazer com o corpo. Não foi Caco que sugeriu o inimaginável, mas um outro menino, que sempre parecia mais inteligente que os demais. Os outros concordaram, e Caco fez o que eles fizeram. Teria sido então que ele começou a ser algo que não era humano, quando pela primeira vez comeu carne humana?

Pouco a pouco, as perambulações das crianças as levaram para as terras mais baixas, ao sul e a oeste das montanhas. Ali, a terra oferecia mais caça, os rios, mais peixes, e as plantas eram mais próprias para se comer. Mesmo assim, elas ainda estavam com fome.

A criança seguinte a morrer foi um menino, por causa de um pé machucado. Quando as crianças encontraram um urso e se espalharam em pânico, ele ficou para trás. O urso o pegou e o machucou seriamente. Depois, desajeitado, afastou-se quando Caco voltou correndo, gritando e brandindo um galho. O menino já estava morto.

Quando as crianças comeram naquela noite, pareceu que o normal seria que Caco tivesse a porção maior.

O verão passou, e elas ainda não tinham encontrado lugar algum para ficar. Uma das crianças morreu depois de comer um cogumelo. Uma outra morreu depois de vários dias de enjôo e febre. Apesar da fome que sentiam, os sobreviventes tinham medo de comer os corpos daqueles que tinham morrido envenenados ou de febre, por isso os enterravam em covas rasas.

Só ficaram Caco e duas outras crianças. Aquele inverno foi de uma intensidade fora do comum. As plantas tremiam nuas ao vento. A terra ficou

dura como pedra. Os animais desapareceram. Mesmo o mais habilidoso caçador teria achado impossível sobreviver sem a desesperada solução que Caco adotou.

Teria sido então que ocorreu a mudança em Caco — quando ele decidiu não esperar por uma queda, ou um urso ou outro evento ocasional? Em vez disso, ele mesmo fez. Fez o que tinha de fazer — e pelo mais básico motivo: precisava comer. Mas não agiu com imprudência. Não matou as duas crianças ao mesmo tempo. Primeiro, matou a mais forte e deixou que a mais fraca vivesse um pouco mais. Mais de uma vez aquela criança, sua última companhia, tentou fugir dele. Caco esperou o quanto pôde, até que a fome ficou tão forte que nenhum homem poderia tê-la suportado. Esperou porque sabia que, uma vez a outra criança se fosse, viria a única coisa pior do que a fome: a solidão.

A primavera chegou. Caco estava só. À noite, não conseguia dormir, mas ficava deitado acordado, ouvindo os sons da selva, penetrando cada vez mais em um mundo desprovido de razão humana.

Continuou a perambular. Eventualmente, encontrava viajantes e chegava a aldeias, mas nenhum ser humano queria ter algo a ver com ele. Eles tinham medo dele, e com razão; mais de uma vez, ele roubou uma criança e a comeu. Quando isso acontecia, os humanos perseguiam Caco. Algumas vezes, estiveram quase a ponto de capturá-lo, mas Caco sempre escapava e deixava os caçadores para trás, seus ossos limpos, sem carne alguma. A sobrevivência na selva ensinara-o a ter astúcia e ser sorrateiro. Fisicamente, nenhum homem era adversário para ele; Caco ficara maior e mais forte do que qualquer outro homem que ele já vira.

A roda das estações girou repetidas vezes. Caco sobreviveu aos verões secos e aos invernos rigorosos, sempre sozinho, sempre perambulando.

Um dia, ele viu um abutre passar voando. Era início da primavera. O verde da terra e o suave calor do ar provocaram em sua mente uma leve lembrança do início de sua jornada. Ele se pôs a seguir o abutre.

Acabou encontrando uma trilha na margem de um rio. Após uma grande curva do rio, viu à sua frente uma região de colinas e, por trás de uma delas, um penacho de fumaça. Perdeu o abutre de vista, mas decidiu que a trilha que estava seguindo era tão boa quanto qualquer outra. Trilhas levavam a aldeias; nas aldeias, havia comida para se roubar. Dessa vez, disse a si mesmo, ele ficaria escondido e só faria incursões à noite. Quanto

mais tempo pudesse ficar sem ser visto, mais demoraria para que os aldeões o escorraçassem.

De repente, Caco sentiu uma grande tristeza. Houve época em que ele vivia numa aldeia. Às vezes, os outros caçavam dele e implicavam com ele, mas o tinham aceitado *como* um deles, apesar de ser tão diferente. Depois, eles o haviam expulsado. Por quê? Porque a Terra e o céu assim o exigiram; fora isso que sua mãe lhe dissera. Antes de sair da aldeia, ele nunca prejudicara ninguém, mas o mundo, com tudo o mais que havia nele, tinha-se tornado seu inimigo. A tristeza que ele sentia cresceu e transformou-se em raiva.

Caco fez uma curva e viu à sua frente uma jovem na trilha. Ela levava uma cesta de roupas, dirigindo-se para o rio. Seus cabelos eram dourados, e no pescoço, preso por uma simples tira de couro, havia um pequeno amuleto feito de ouro que brilhava à luz do sol. A jovem o viu e gritou. Largou a cesta e fugiu correndo.

Furioso, de repente chorando, ele correu atrás dela, gritando o nome dele: "Caco! Caco!"

Ele a seguiu por apenas uma curta distância, porque lá na frente viu os primeiros sinais de um povoado. Desejando que pudesse desaparecer, saiu da trilha e meteu-se no matagal. Vindo do povoado, ele ouvia a jovem ainda gritando e depois os berros de outras pessoas que corriam para ela, perguntando o que ela havia visto.

O que será que ela realmente viu quando olhou para ele? Não um humano igual a ela, disso não havia dúvida. Tampouco um animal; nenhum animal, exceto, talvez uma cobra, inspirava tamanha repulsa e medo. Ela viu um monstro. Só um monstro poderia arrancar tal grito da garganta da jovem.

Ele se tornara um monstro. Quando isso acontecera? A Caco parecia que, há muitos e muitos anos, ele tinha sido humano...

O POVOADO À MARGEM DO rio era um entreposto. O tráfego ao longo da trilha que seguia o rio — e as idas e vindas pela rota usada pelos mercadores de metais — aumentara tanto que sempre parecia haver gente passando de um lado para o outro pela região das Sete Colinas. Foi um empreendedor descendente de Po e Lara que teve a idéia de se estabelecer de vez na encruzilhada e instalar um mercado para a troca de mercadorias. Por que deviam os mercadores de sal transportar o produto até as

montanhas, quando precisavam apenas levá-lo até o entreposto, trocá-lo pelos artigos de que precisassem e depois voltar para a foz do rio para pegar mais sal?

Um lugar que tinha sido uma encruzilhada tornou-se um destino e, para os poucos colonos do entreposto, um lar. Ao agir como intermediários e oferecer acomodações para viajantes, os colonos prosperaram.

O povoado de cerca de vinte cabanas estava localizado aos pés de um rochedo íngreme, onde uma ampla e plana campina ao lado do rio oferecia um acesso fácil à trilha e proporcionava bastante espaço para instalar o mercado. Um curso d'água sazonal, chamado Espinão, atravessava a campina e se despejava no rio, que os homens agora chamavam de Tibre.

As cabanas eram redondas com um só cômodo grande, feitas de gravetos e galhos entrelaçados emboçados com barro, com telhados pontudos feitos de junco e bambu. A título de entrada, estacas resistentes, em alguns casos trabalhosamente esculpidas, sustentavam um lintel de madeira; uma aba feita de peles de animais proporcionava uma cobertura para a entrada. As cabanas, mobiliadas com catres simples para se sentar ou dormir, eram estritamente destinadas à proteção contra as forças da natureza ou a proporcionar privacidade. Todo o preparo de comida e a maioria das atividades sociais aconteciam do lado de fora.

O mercado, do outro lado do Espinão e mais perto do rio, consistia em alguns galpões cobertos de sapé para guardar sal, cercados para o gado, e uma área aberta, onde os comerciantes podiam estacionar suas carroças e carrinhos de mão e colocar os produtos à venda. O gado incluía bois, gado vacum, porcos, ovelhas e cabras. Num único dia, os vários produtos poderiam incluir lã tingida, tapetes de pele, chapéus de palha ou feltro, sacolas de couro, vasos de barro, cestos tecidos, pentes e prendedores feitos de casco de tartaruga ou âmbar, ornamentos e fivelas de bronze, e machados e relhas de arado, feitos de ferro. Havia pinhas vindas das montanhas, camarões-d'água-doce vindos do rio, suculentas rãs do lago pantanoso, potes de mel, terrinas de queijo, jarros de leite fresco e, na época, castanhas, morangos e bagas, uvas, maçãs e figos. Alguns dos comerciantes chegavam a intervalos regulares e ficavam velhos amigos dos colonos e uns dos outros, mas caras novas estavam sempre aparecendo, homens vindos de muito longe, que tinham ouvido falar do entreposto e estavam ansiosos para ver pessoalmente a variedade de produtos encontrados ali.

O entreposto também era um lugar de trocar novidades e mexericos, escutar histórias de lugares distantes e ouvir os cantores itinerantes. Homens que conheciam magia passavam por lá, oferecendo seus serviços. Alguns podiam curar doentes ou tornar fértil uma mulher estéril. Alguns podiam ver o futuro. Outros podiam lidar com os numes que animavam o reino sobrenatural.

Decididamente, os visitantes mais exóticos eram os mercadores que chegavam de barco, remando rio acima e vindos do mar, onde chegavam em embarcações maiores, que deixavam atracadas na foz do Tibre. Aqueles navios enorme e belos — alguns dos colonos, certa vez, tinham feito uma viagem rio abaixo para ver um deles — levavam os mercadores de um lado para o outro ao longo da costa e até mesmo, segundo alegavam eles, pelo grande mar. Aqueles navegadores diziam chamar-se fenícios. Falavam muitas línguas, usavam roupas de cores brilhantes, e jóias finamente desenhadas e traziam consigo coisas extraordinárias para trocar, feitas em terras que ficavam a uma distância impossível de imaginar, dentre as quais pequenas imagens de homens, em metal ou barro. A princípio, sem compreender bem, os colonos achavam que os numes viviam nas imagens, tal como viviam no interior de árvores e rochas, embora para muitos deles a idéia de um nume morar até mesmo no mais belo objeto feito pelo homem parecesse um exagero. Os fenícios tentavam explicar que um ídolo não abrigava um nume, mas representava algo chamado deus; mas esse conceito era abstrato demais para ser entendido pelos colonos.

A mais nova descendente da linhagem de Po e Lara era uma jovem chamada Potícia, filha de Potício. Crescendo no entreposto, Potícia tivera a liberdade, desde a mais tenra idade, de perambular pela área à sua volta. Numa grande distância rio acima e abaixo, ela conhecia cada barranco íngreme e cada praia lamacenta ao longo da margem. Ela atravessara o Tibre vadeando quando ele estava baixo e a nado quando ele estava alto.

Também explorara o Espinão, que passava diante do povoado, seguindo-o por um pequeno vale ladeado por íngremes encostas até a fonte, um lago pantanoso cercado de colinas. O charco era cheio de criaturas vivas — sapos, lagartos, libélulas, aranhas, cobras e toda espécie de pássaros. Era divertido ver um bando de gansos assustados levantar vôo dos juncos ou ver os cisnes fazerem círculos no céu antes de descerem na água com fácil elegância.

À medida que ela ficava mais velha, as explorações de Potícia a tinham levado cada vez mais para longe do povoado. Certo dia, aventurando-se rio acima, ela descobrira as fontes quentes. Muito agitada, correria de volta até em casa para contar aos outros... e ficara envergonhada ao saber que seu pai já sabia da existência das fontes. De onde vinha a água borbulhante? Potício disse que ela subia de um ponto em chamas nas profundezas de terra. Curiosa, Potícia procurara por toda a área em volta das fontes quentes uma entrada para o mundo subterrâneo, mas nunca encontrara entrada alguma. Certa vez, as fontes quentes secaram, mas depois voltaram. Alarmados diante da possibilidade de uma coisa daquelas voltar a acontecer, os colonos decidiram erguer um altar nas fontes e fazer oferendas para acalmar os violentos numes da terra. O próprio Potício construía o altar, usando bois para arrastar uma enorme pedra até o local e depois esculpindo-a até uma forma que lhe parecesse adequada. Uma vez por ano, uma oferenda de sal era espalhada sobre o altar e depois espalhada sobre as fontes quentes. Até ali, elas nunca mais voltaram a secar.

Enquanto as explorações a levavam para longe da aldeia, também a levavam para cima. A primeira das Sete Colinas que Potícia conquistou foi a que ficava diretamente atrás da cabana de sua família. No lado que dava para o povoado, a colina apresentava um penhasco escarpado que era impossível de ser escalado até mesmo pela criança mais decidida, mas no lado oposto da colina, depois de várias tentativas, Potícia descobriu um caminho que levava até o topo. A vista era impressionante. Ao circundar a crista do topo, ela pôde ver lá embaixo o lago pantanoso, o povoado e a região das fontes quentes, que ela agora podia ver que estavam situadas à beira de uma grande planície que ficava num joelho do Tibre. Olhando para além daqueles locais conhecidos, percebeu que o mundo era muito mais vasto do que ela havia imaginado. O rio estendia-se nos dois sentidos, até onde a sua vista conseguia alcançar. Para onde quer que ela olhasse, o horizonte impossivelmente distante diluía-se numa mancha de púrpura.

Uma a uma, Potícia conquistou todas as Sete Colinas. A maioria era maior do que a que ficava mais perto de casa, mas eram mais fáceis de subir, quando se sabia qual era o melhor lugar para começar a subida e que caminho seguir. Cada colina tinha algo que a distinguiu. Uma era coberta por uma floresta de faia, outra era coroada com um anel de carvalhos antigos, outra era cheia de vimeiros, e assim por diante. As colinas ainda não tinham recebido nomes individuais. Coletivamente, há mais tempo do

que era possível alguém se lembrar, os homens as chamavam de Sete Colinas. Mais recentemente, um visitante em trânsito referira-se à região, em tom de brincadeira, como *ruma*, que era o mesmo termo que os homens usavam quando se referiam aos seios de uma mulher ou às tetas de uma vaca, e agora *ruma* era o termo que as pessoas sempre usavam para indicar a região montanhosa. Para os colonos, parecia perfeitamente natural equiparar os detalhes da terra às partes de um corpo.

Num penhasco diretamente em frente do povoado, depois da campina no lado oposto do Espinão, Potícia descobrira a caverna. Situada numa fenda da íngreme colina e escondida por arbustos cerrados que se agarravam tenazmente às rochas, a entrada da caverna era difícil de ser vista do piso que ficava diretamente abaixo; podia ser nada mais do que uma sombra projetada por uma beirada de rocha. Depois de várias tentativas, Potícia concluiu que era impossível descer até a caverna partindo lá do alto. Subir vindo do chão exigiria muita habilidade e coragem. As primeiras tentativas durante um certo verão resultaram numa queda forte atrás da outra e repetidos carões por parte de sua mãe, que não aprovava as mãos arranhadas, os joelhos sangrando e as túnicas rasgadas de Potícia.

Em dado momento, Potícia descobriu um meio de chegar até a caverna. Quando lá entrou pela primeira vez, viu que todos os esforços tinham valido a pena. Aos olhos de uma criança, o espaço pareceu enorme, quase tão grande quanto a cabana de sua família. Ela se sentou num afloramento de rocha que formava um banco natural e apoiou o braço numa saliência que servia de prateleira. A caverna parecia uma casa feita de pedra, à espera que ela a tomasse para si. Ao contrário das fontes quentes, era desconhecida para os outros moradores do povoado. Potícia foi o primeiro ser humano a pôr os pés dentro dela.

A caverna tornou-se seu abrigo secreto. Nos dias quentes de verão, ela fugia até lá para tirar uma soneca. Nos dias úmidos do inverno, ficava sentada lá dentro, confortavelmente e seca, ouvindo o barulho da chuva.

À medida que Potícia foi ficando mais velha, andar pelos bosques e explorar os *ruma* diminuiu de importância para ela. Ela ficou mais interessada em aprender as habilidades que sua mãe podia ensinar-lhe, como cozinhar e tecer cestos com os juncos que cresciam em torno do pântano. A mãe lhe dizia que devia começar a pensar com qual dos rapazes do povoado poderia querer se casar; por vários sinais, o corpo de Potícia começara a manifestar a chegada da feminilidade.

Para celebrar a maturidade dela, o pai de Potícia lhe deu um presente precioso. Era um amuleto feito do metal amarelo chamado ouro.

Por dez gerações, o pedaço de ouro que Tarquécio dera a Lara tinha sido deixado em seu estado natural; nada tinha sido feito com ele, porque o metal parecia muito macio para ser trabalhado como devia. Fora um visitante fenício que mostrara ao avô de Potícia que o ouro podia ser ligado a outro metal precioso chamado prata e, por um preço elevado, o artífice fenício transformara a peça de metal fundido que daquilo resultara numa forma especificada pelo avô de Potícia. Segundo o mais alto padrão fenício, o trabalho do amuleto era rude, mas aos olhos de Potícia, era uma maravilha. Feito para ser pendurado em um colar de couro, o pequeno amuleto tinha a forma de um falo alado. O pai dela o chamou de Fascinus — aquele que traz fertilidade, o protetor das mulheres e dos infantes no parto, guardião contra o mau-olhado.

Embora interrogasse o pai sobre o assunto e ouvisse com muita atenção as respostas dele, Potícia não entendia bem se o amuleto *era* Fascinus, continha Fascinus ou apenas o representava, tal como se dizia que os ídolos dos fenícios representavam os deuses deles. Apesar da falta de uma compreensão perfeita, Potícia sentia-se muito adulta quando usava o amuleto. Já não era a menina de joelhos ralados e pés enlameados, a criança que perambulava descuidada pelo pequeno mundo dos *ruma*. Mesmo assim, levava em seu íntimo a sensação de pasmo de uma criança e a doce nostalgia de ter crescido em um mundo onde havia pouco a temer e muito a descobrir.

Até pouco antes, aquele mundo permanecera inalterado — um lugar onde estranhos se reuniam num ambiente camarada e no qual Potícia poderia esperar criar seus filhos com poucos motivos para se preocupar com a segurança deles, permitindo que andassem à vontade, como ela fizera. Agora, porém, tudo mudara. O mundo se tornara escuro e perigoso. Famílias mantinham seus filhos sempre ao alcance da vista. Mesmo homens feitos não ousavam passar sozinhos pelos *ruma*.

A chegada do monstro Caco alterara tudo.

Foi POTÍCIA QUEM O VIU primeiro, naquele dia em que descera até o rio para lavar uma cesta de roupa. Ao vê-lo, ela gritara, largara a cesta e fugira. A criatura correrá atrás dela, fazendo um barulho horrível que fizera com que os cabelos da nuca de Potícia se arrepiassem: "Caco! Caco!"

Justo quando a energia dela falhou e ele poderia tê-la alcançado, o monstro desistira da perseguição. Potícia chegara ao povoado ilesa. Estava convencida de que Fascinus, e só Fascinus, a salvara. Durante todo o caminho de volta para a aldeia, ela corria com uma das mãos na garganta, apertando o amuleto, implorando a proteção de Fascinus, murmurando alto:

— Me salve, Fascinus! Me salve, Fascinus!

Depois, tremendo de alívio, tornou a murmurar para o amuleto, apresentando-lhe os agradecimentos e jurando devoção. Foi uma oração que Potícia fez, de um modo que os fenícios teriam entendido perfeitamente, não para um nume sem nome que habitasse uma coisa ou um lugar, mas para uma entidade de poder sobre-humano que possuía a inteligência para compreender suas palavras. Ela não oferecera uma expiação ritual a um nume, mas rezara diretamente para um deus. Naquele momento, apesar de Potícia agir sem ter idéia alguma do significado do que fizera, Fascinus tornou-se o primeiro deus nativo a ser venerado na terra dos *ruma*.

POR MUITO TEMPO, SÓ POTÍCIA tinha visto o monstro, e havia pessoas no povoado que, ao ouvirem a descrição que ela fazia de Caco, pensavam que ela devia ter imaginado o encontro na trilha. Afinal, a família dela era conhecida por suas crenças fantasiosas, exibindo o amuleto que chamava de Fascinus e dando a entender que sua linhagem nascera da união de um nume e uma mulher — como se uma coisa dessas fosse possível!

Então, pouco a pouco, ficou evidente que alguma criatura malvada estava realmente entre eles. Porções de comida desapareciam, juntamente com pequenos objetos que ninguém tinha motivo para roubar. De vez em quando, objetos de valor eram encontrados quebrados — uma roda de tear, um pote de barro, um carrinho de brinquedo feito de madeira —, como se uma criança exageradamente crescida e com uma força sobre-humana as esmagasse só de raiva. O provocador atacava durante a noite e não deixava pistas; Caco desenvolvera a habilidade de cobri-las.

Os colonos estavam irados e amedrontados. O medo que sentiam do monstro era aumentado por um outro: o de que os comerciantes que iam ao mercado ficassem sabendo da existência de Caco e se mantivessem afastados pelo medo. Se os mercadores deixassem de aparecer, os colonos perderiam o seu sustento e o povoado poderia desaparecer por completo.

Certa manhã, durante o mais movimentado mercado de gado do ano, todos no povoado foram acordados por um mugido. Fora do curral, uma

vaca foi encontrada morta, o corpo aberto com um rasgo e sem grande parte da carne. A vaca não poderia ter pulado a cerca sozinha, e a porteira continuava trancada. Que tipo de homem possuiria a força necessária para erguer uma vaca, jogá-la do outro lado da cerca, que era resistente, e depois matar o animal e abri-lo rasgando-o com as próprias mãos? Uma onda de pânico passou pelo povoado. Alguns dos comerciantes de gado reuniram seus rebanhos e levaram-nos logo para casa.

Armados de facas e lanças, caçando em duplas, os colonos vasculharam as Sete Colinas. Ao que tudo indicava, dois dos caçadores tinham encontrado o monstro. Seus corpos acabaram sendo descobertos na colina dos vimeiros, quebrados e eviscerados, em estado muito parecido com aquele em que a vaca havia sido deixada.

Não demorou muito para que a notícia se espalhasse por todas as trilhas que levavam aos *ruma*: o monstro que espreitava o posto comercial gostava muito de carne humana. Os mercadores não se limitaram a parar de fazer negócios no povoado; faziam grandes desvios para evitar passar por qualquer ponto perto dele.

Com a maioria dos comerciantes desaparecidos e o tráfego muito reduzido nas trilhas, o monstro ficou ainda mais ousado. Uma menina desapareceu. Seus restos foram encontrados a uma curta distância do povoado, aos pés da íngreme colina que ficava do outro lado do Espinão. Um dos homens que a procuravam, erguendo os olhos para evitar a horrível visão, percebeu um movimento na encosta acima. Por trás de uma projeção de rocha coberta de amoreira silvestre, um rosto horrendo deu uma olhada para baixo e desapareceu. Um instante depois, uma chuva de pedras caiu sobre os batedores, que fugiram. Olhando encosta acima, de uma distância segura, perceberam o que parecia ser uma caverna, a entrada obscurecida por amoreiras silvestres. Nenhum deles conseguiu ver um modo de escalar a encosta. Mesmo que ela pudesse ser escalada, nenhum deles podia imaginar o que os aguardava assim que alcançassem a entrada da caverna.

De volta ao povoado, os batedores contaram o que tinham descoberto. Potícia ficou horrorizada ao perceber que o monstro fixara residência em sua caverna secreta, que já não era mais um segredo.

De seu esconderijo no alto da encosta da colina, Caco aventurava-se a sair à noite para aterrorizar o povoado. Durante o dia, ficava escondido na caverna.

Por mais de uma vez, os colonos tentaram escalar a encosta e atacá-lo em sua toca. Berrando o seu nome, Caco atirava pedras neles. Um dos colonos caiu e quebrou o pescoço. Um outro foi atingido no olho e ficou cego. Outro conseguiu chegar mais perto da entrada da caverna do que qualquer um antes, mas teve morte instantânea ao ser atingido por uma pedra na testa. Em vez de cair, seu corpo ficou preso em pedras cortantes e amoreiras silvestres. Ninguém teve coragem de subir para resgatá-lo. Ficou ali pendurado vários dias e noites, uma horrível reprimenda para aqueles que tinham tentado destruir o monstro. Certa manhã, o corpo não estava mais lá. Caco o havia apanhado. Os ossos do homem, totalmente descarnados, apareceram um a um no sopé da colina à medida que Caco os jogava fora.

Foi Potício quem sugeriu que se ateasse fogo na encosta. Se as chamas e a fumaça não matassem o monstro, pelo menos poderiam fazê-lo sair da cova. As amoreiras silvestres ao pé da colina foram incendiadas. As chamas espalharam-se para cima, indo diretamente para a caverna. Então, soprou um vento do Tibre, que desviou as chamas para todos os lados. Brasas traçaram espirais bem altos, foram sopradas para o outro lado do Espinão e puseram fogo no sapé de uma cabana. As chamas se espalharam de cabana em cabana. Os colonos trabalharam desesperados para apagá-las com baldes d'água trazidos do rio. Quando finalmente o fogo se extinguiu, a face da encosta estava chamuscada e preta, mas a caverna estava intata e o monstro, ileso.

DECIDIU-SE QUE DEVERIA SER CRIADA uma vigilância para a caverna, para que, se o monstro descesse, pudesse ser dado o alarme. Homens e rapazes se revezavam dia e noite, fixando os olhos no pouco que se podia ver da entrada da caverna lá de baixo.

Um dos primos de Potícia, um rapaz corpulento, exaltado, chamado Pinário, jactou-se para ela de que iria acabar com Caco de uma vez por todas. Contagiada pelo entusiasmo dele, Potícia confessou ao primo que tinha subido várias vezes até a caverna. Mesmo sem acreditar muito nela, Pinário aceitou a explicação de como aquilo era possível.

Na tarde em que era a sua vez de vigiar a caverna, Pinário decidiu agir. O dia estava quente e o ar convidava mais a dormir. O resto dos colonos cochilava, exceto Potícia, que sabia qual era o plano do primo e deu-lhe um beijo para desejar-lhe sorte antes dele começar a subida.

Lá de cima veio um leve ruído que eles pensaram ser o barulho do monstro roncando. Talvez fosse o zumbido de moscas, atraídas para a caverna por sangue fresco ou coagulado. Potícia lembrou-se das tardes de verão em que ela cochilara no sombrio frescor da caverna. Imaginou o monstro dormindo naquele lugar que para ela era conhecido e adorado. A imagem a fez estremecer e, no entanto, também a feriu com uma tristeza que ela não sabia explicar. Pela primeira vez, ficou imaginando de onde o monstro teria vindo. Será que havia outros iguais a ele? Claro que uma mãe o dera à luz. Que destino o levava aos *ruma*, para se tornar a mais vil de todas as coisas vivas?

Pinário fez a subida em silêncio e depressa, mas ao se aproximar estendeu a mão para um apoio que o teria levado na direção errada. Olhando lá de baixo, Potícia corrigiu-lhe o rumo com um sussurro alto.

O som que devia ser o ronco do monstro parou de repente. Potícia sentiu um tremor de pavor.

Pinário chegou à abertura da caverna. Com um impulso, subiu para a beirada de pedra, recuperou o equilíbrio e sorriu para ela lá embaixo. Tirou a faca e mostrou-lhe a lâmina, depois desapareceu no interior da caverna.

O grito que se seguiu foi diferente de tudo o que ela já ouvira, tão alto que acordou todos os que dormiam na aldeia. Seguiu-se um barulho de rasgar e, depois, o silêncio. Momentos depois, a cabeça de Pinário saiu voando pelo buraco que havia na encosta. Foi cair, com um ruído surdo, na grama pouco depois de Potícia, que foi ao chão, desmaiada. Atordoada, com o sol nos olhos e zonga de tanto calor, ela ergueu o olhar e viu Caco em pé na projeção de pedra lá no alto, olhando para ela. O corpo volumoso, disforme, estava coberto de sangue fresco e sangue coagulado. O som que saiu da garganta — "Caco? Caco?" — tinha uma qualidade baixa, urgente, interrogativa, como se ele olhasse para uma coisa que o fascinava, da qual queria uma resposta.

Caco? — repetiu ele, inclinando a cabeça e olhando para ela lá embaixo.

Potícia levantou-se desajeitada. Correndo cegamente, tropeçou na cabeça de Pinário. Soltou um grito e voltou cambaleando para o povoado, aos prantos.

A MORTE DE PINÁRIO LEVOU muitos dos colonos ao limite da resistência. O pai dele, que também se chamava Pinário, alegou que chegara a hora de abandonar o povoado. O monstro provocara um grande

sofrimento, e eles eram impotentes contra ele; porém mais do que isso, a chegada da criatura desencadeara um grande mal na terra dos *ruma*. Os numes do entorno tinham-se voltado contra os colonos. O pior dos azares tinha sido o incêndio das cabanas por ventos e chamas traiçoeiros, mas nos últimos dias tinham acontecido muitos outros azares de menor grau. Os colonos tinham de se mudar, alegava o Pinário mais velho. As únicas questões a debater eram quando e para onde — e se eles deviam manter-se unidos ou cada um ir para uma direção diferente.

Se formos embora, primo, o que irá manter o monstro aqui? — perguntou Potício. — Eu acho que ele vai nos seguir. Vai se aproximar de nós em silêncio, na estrada. Nossos filhos serão suas presas.

Talvez — reconheceu Pinário. — Mas em campo aberto, longe da caverna, talvez tenhamos pelo menos uma chance de matar a coisa.

Potício abanou a cabeça.

Essa criatura é um caçador muito mais habilidoso do que qualquer um de nós. Nós não teríamos chance alguma contra ele na selva. Ele nos pegaria, um a um.

É isso que ele está fazendo agora! — Pinário chorou, sentindo a perda do filho.

O assunto não ficou resolvido, mas a Potícia pareceu que era apenas uma questão de tempo até que os argumentos de Pinário saíssem vencedores.

O *ruma* se tornara um lugar de tristeza e desesperança. Ainda assim, era de partir o coração pensar em deixar as colinas de sua infância.

ENTÃO, O ESTRANHO CHEGOU.

Foi o mugido de bois que acordou Potícia naquela manhã. Há muito tempo não havia bois no mercado. A princípio, ela pensou que devia estar sonhando com a época anterior à chegada de Caco. Mas ao se movimentar e levantar, o mugido dos bois continuou. Ela saiu correndo da cabana para ver o que estava acontecendo.

Sem dúvida, um pequeno rebanho de bois estava parado à oblíqua luz do sol na planície do outro lado do Espinão, comendo pacificamente o capim que crescia perto do pé da colina onde Caco morava. Perto do rebanho, sentado no chão e reclinado contra um tronco de árvore, estava o boiadeiro. Seus olhos estavam fechados e a cabeça, inclinada para trás; ele parecia estar dormindo. Mesmo de relance, e àquela distância, Potícia

estava perfeitamente certa de que nunca o tinha visto. Em primeiro lugar, ele era muito maior do que qualquer outro homem que ela já vira, exceto Caco, se é que Caco podia ser chamado de homem. Ao contrário de Caco, ele não era nada feio ou amedrontador de se ver. Na realidade, era inteiramente o oposto. Ela se viu atravessando as pedras da pavimentação que atravessava o Espinão e caminhando em direção a ele.

— Potícia! O que você está fazendo?

O pai dela, juntamente com a maioria dos outros colonos, se reunira perto do curral vazio. Eles observavam o estranho a uma distância segura, tentando decidir se deviam aproximar-se dele e quem iria fazê-lo. Potícia concluiu que eles estavam com medo do estranho, mas ela não partilhava daquele temor.

Ao chegar mais perto, viu que a boca do homem estava ligeiramente aberta e ouviu-o roncar baixinho. Os cabelos eram compridos e pretos. A barba era espessa. Tudo em relação a ele era de tamanho maior do que o normal. O rosto de feições fortes, irregulares, combinava com os ombros e braços musculosos. Potícia concluiu que ele era; de longe, o homem mais bonito que ela já vira, embora parecesse um tanto ridículo, sentado ali, ressonando.

Sobre os ombros, ele usava uma pele não identificada, amarrada em volta do peito pelas pernas dianteiras do animal. A pele era de um ouro amarelo-castanho, e as patas acabavam em garras enormes. Potícia percebeu que era a pele de um leão e observou o estranho com uma curiosidade ainda maior.

Ele devia ter engolido um inseto que voava, porque de repente se jogou para a frente, acordando no mesmo instante. Fez uma careta e cuspiu convulsivamente. O grupo reunido do outro lado do rio teve um coletivo engolir em seco de alarme, mas Potícia riu. Para ela, o boiadeiro pareceu mais ridículo — e mais atraente — do que nunca.

Com a mão, ele tirou uma mosca da boca, encolheu os ombros, depois ergueu os olhos para ela e sorriu.

Potícia suspirou.

Você não pode ficar aqui.

Ele franziu o cenho.

Os seus bois não estão seguros aqui — explicou ela.

A expressão no olhar dele foi de quem não tinha compreendido. Seria possível que ele não tivesse ouvido falar em Caco? Ela achou que ele devia

ter vindo de muito longe. Quando ele falou, sua suspeita foi confirmada. Ela não entendeu uma só palavra que ele disse.

Um cachorro que estivera deitado perto dos bois pôs-se de pé e chegou para perto deles, abanando o rabo. O boiadeiro abanou a cabeça. Sacudiu um dedo para o cachorro e disse algo num tom de delicada censura. Era evidente que o trabalho do cachorro era acordá-lo se alguém se aproximasse dos bois enquanto ele estivesse dormindo, e o cão não cumprira com o seu dever.

O boiadeiro levantou-se e esticou os maciços braços acima da cabeça. Ele era ainda mais alto do que Potícia pensara. Esticando o pescoço para olhar para ele, ela se sentiu muito pequena, como uma criança. Sem perceber, levou a mão à garganta e tocou no amuleto de ouro. O boiadeiro olhou fixo para Fascinus por um instante e depois a encarou. O olhar dele provocou certos sentimentos nela, e Potícia viu que já não era mais uma menina, mas uma mulher.

POR MAIS QUE TENTASSEM, OS colonos pareciam incapazes de comunicar ao estranho o perigo que ele enfrentava ao ficar na campina tão perto da caverna de Caco. Eles apontavam, faziam gestos, falavam em todos os vários dialetos que tinham aprendido com os mercadores. O homem não entendia.

Eu não acho que ele está em seu juízo perfeito — disse o pai de Potícia.

Amanhã, quando acordarmos, vamos encontrar o corpo dele ao pé da colina — resmungou Pinário.

O que você está dizendo é horrível! Eu acho que vocês dois estão errados — disse Potícia. Ela sorriu para o boiadeiro, e ele respondeu ao sorriso.

Pinário trocou um olhar de esguelha com o primo e baixou a voz.

Nós discordamos em muitas coisas importantes, Potício, mas eu acho que uma coisa é evidente para nós dois. Sua filha está encantada por esse estranho.

Ele é impressionante *mesmo* — disse Potício, olhando o homem de alto a baixo. — Como é que você acha que ele conseguiu aquela pele de leão que ele usa? Se Potícia o acha adequado...

Pinário abanou a cabeça e cuspiu.

Isso não vai dar certo. Guarde bem as minhas palavras!

A TARDE TORNOU-SE DE UM calor sufocante quando o sol de verão pleno bateu nos *ruma*. Um bafo quente, cheirando a lama e decomposição, subiu dos pântanos e seguiu o Espinão até o Tibre. O zoar de cigarras encheu a campina, onde os bois ressonavam à sombra.

Como os colonos acreditassem que havia numes em lugares e objetos, também acreditavam que os numes influenciavam certos fenômenos, como o sono. Como outros numes, os do sono podiam ser amigos ou inimigos. O sono podia curar os cansados e os doentes e dar conforto aos sofredores. O sono também podia tornar extremamente indefeso até mesmo o mais forte dos homens.

Naquela tarde, os numes do sono baixaram no povoado como uma mão sobre a testa de uma criança, fechando os olhos dos colonos, quer eles quisessem fechá-los, quer não. Os homens lutavam para ficar acordados, mas perdiam a batalha sem sequer saber disso.

Os bois dormiam. O cachorro dormia. O boiadeiro também dormia, reclinado na árvore onde Potícia o vira pela primeira vez.

Potícia não dormia. Sentou-se à sombra de um carvalho e estudava o estranho, perguntando-se o que o futuro poderia lhe reservar.

Houve outra pessoa que não dormiu. Com seus braços compridos e sua imensa força, Caco achara um meio de descer da caverna que nem mesmo Potícia conhecia. As amoreiras silvestres o mantiveram escondido em quase todos os pontos enquanto ele descia. Se ele foi muito sorrateiro e não fez com que sequer uma folha tremesse ou uma única crosta de pedra cedesse sob seus pés, seu movimento de descida pela face do rochedo foi quase invisível. Mesmo que o menino que tinha sido postado para observar a caverna naquele dia não estivesse tirando uma soneca, é provável que Caco tivesse descido sem ser visto.

Caco não sabia da chegada do estranho, mas tinha ouvido o mugir dos bois. Há muitos dias ele não comia carne de animal.

No outro extremo da campina, ele viu os bois. Não viu nem o boiadeiro nem Potícia. Os dois estavam perto, mas muito quietos, e obscurecidos pela salpicada sombra das árvores. Ele escolheu o menor dos bois e seguiu em direção a ele. Nem um único galho partiu-se sob seus pés; era impressionante como uma criatura tão grande e tão desajeitada podia se deslocar em tanto silêncio pelo chão. Mesmo assim, o boi pressentiu o

perigo. Sacudiu o rabo, ficou de pé e emitiu um mugido baixo. O animal viu Caco, deu um passo para trás, depois ficou imóvel.

Quando chegou perto do boi, Caco não hesitou. Cerrou os punhos juntos, ergueu-os no ar e desfechou na testa do boi um golpe que pareceu uma martelada.

O boi resfolegou uma vez, estremeceu e caiu morto. Bateu no chão com um barulho surdo. Os outros bois se agitaram e começaram a andar de um lado para o outro, confusos. As orelhas do cachorro se mexeram, mas ele continuou dormindo.

Potícia, que acabara de adormecer, deu um salto. Abriu os olhos e viu que o monstro estava a uma distância de não mais de dez passos. Engoliu em seco e teria gritado, mas a garganta ficou tão apertada de repente que nenhum som teria saído.

Ela se pôs em pé de um salto. O primeiro pensamento, foi acordar o boiadeiro, mas para isso teria de passar correndo pelo monstro. Deu meia-volta e correu na direção oposta, para longe do povoado, em direção à caverna.

O olhar de Caco foi atraído pelo movimento. Ele apenas a viu de relance por entre o mato alto, mas reconheceu-a na hora. Correu atrás dela.

As pernas de Caco não eram do mesmo tamanho, mas muito compridas e fortes. Quando necessário, ele podia correr a uma velocidade incrível. As moscas que tinham estado zumbindo em torno dos bois seguiram atrás dele num enxame, atraídas pelos odores de sangue e de carne em decomposição que estavam agarrados nele.

O pé de Potícia bateu numa raiz exposta e ela saiu voando. Talvez fosse como tinha dito Pinário mais velho: todos os numes dos *ruma* haviam se voltado contra eles, e até as raízes das árvores conspiravam a favor do monstro. Que boba ela tinha sido ao pensar que a chegada do boiadeiro era um sinal da vinda de melhores tempos! Enquanto caía no chão duro, torrado pelo sol, Potícia ergueu a mão para tocar em Fascinus no seu pescoço e sussurrou uma oração para que o monstro a matasse com rapidez.

Mas Caco não tinha a intenção de matá-la.

O BOIADEIRO DORMIA, SONHANDO COM a muito distante terra de sua infância. Era um sonho de sol brilhante e campinas quentes, bois que mugiam e cigarras que cantavam.

Então, num instante, ele estava acordado.

Um dos bois estava em pé ao seu lado, pressionando com urgência o focinho molhado contra a bochecha dele. O estranho resmungou com nojo, enxugou o rosto com as costas da mão e olhou em volta.

Imediatamente viu o motivo da preocupação do boi. Um dos companheiros do animal estava caído na grama perto dali, totalmente imóvel e numa posição que nada tinha de normal. Onde estava o cachorro? Ele o viu enroscado sobre um leito de folhas, que não ficava longe. O cachorro bocejou, abriu os olhos por um instante e depois tornou a fechá-los, voltando a se instalar em posição mais confortável.

O boiadeiro praguejou e levantou-se de um salto.

Ouviu um som abafado que poderia ter sido o grito de uma mulher e correu na direção dele.

O que viu primeiro foi um enxame de moscas acima de uma depressão no capim alto. Depois, viu de relance uma carne nua, peluda — a corcunda de Caco, mexendo-se para cima e para baixo e de um lado para o outro. O boiadeiro avançou mais cauteloso, sem ter certeza quanto ao tipo de homem ou animal de que se aproximava. Pontuando os arquejos, gemidos e sons de baba que a coisa emitia estava um som curioso, gutural: "Caco... Caco... Caco!"

Então, ouviu um som que lhe gelou o sangue — o grito que ele tinha ouvido antes, de uma mulher em grande sofrimento.

O boiadeiro soltou um berro. As costas corcundas ficaram imóveis de repente. Um rosto, de uma feiúra chocante, ergueu-se acima do capim alto e olhou para ele. A criatura rosou, deu um grito de indignação — "Caco!" — e levantou-se por inteiro. Que a criatura era macho ficou evidente pelo membro viril exibido entre as pernas. Embaixo da criatura, ainda escondida pelo capim, a mulher soltou um soluço dorido.

O boiadeiro não estava acostumado a encontrar qualquer criatura que andasse sobre duas pernas que chegasse ao seu tamanho; aquela coisa era maior. Tampouco tinha encontrado antes uma criatura tão desprezível de se ver como Caco. Uma repugnância subiu-lhe à garganta e uma emoção a que ele não estava acostumado tomou conta dele — o frio toque do medo. O leão cuja pele usava, ele havia matado com as mãos nuas, mas um leão parecia uma ameaça sem importância comparado a Caco.

O boiadeiro se preparou e deu outro grito, desafiando a criatura para lutar. Um instante depois, com um rugido ensurdecedor, Caco avançou contra ele.

A simples massa da criatura atingiu o boiadeiro com uma força contundente, levando-o ao chão. O fedor do hálito de Caco encheu-lhe as narinas. O gosto do suor asqueroso misturou-se, na sua língua, com o gosto amargo da terra enquanto eles caíam no chão. As moscas que voavam em massa em torno da criatura zumbiam nos ouvidos do boiadeiro e entravam em suas narinas e nos olhos, atormentando-o e desviando sua atenção.

Com a criatura em cima dele, esmagando-o, o boiadeiro procurou, agitado, agarrar qualquer coisa que pudesse servir de arma. Sua mão fechou-se num galho caído. Ele o brandiu com toda a sua força. Um impacto vibrante percorreu-lhe o braço quando a galho se partiu contra o crânio da criatura. O pedaço que ficou em sua mão estava irregular e pontudo; ele golpeou o flanco de Caco com aquele pedaço. Um grito penetrou-lhe os ouvidos. Sangue quente escorreu sobre sua mão, fazendo com que ele perdesse a pressão sobre a arma. A criatura ergueu-se de um salto e se afastou dele.

O boiadeiro se levantou com dificuldade. Viu a criatura arrancar o fragmento de madeira de sua carne que sangrava e jogá-lo fora. Por um instante, pensou que Caco poderia fugir. Em vez disso, Caco se jogou contra ele e o derrubou no chão. O boiadeiro conseguiu livrar-se e, desajeitado, tornou a ficar em pé. A uma curta distância, em meio ao capim alto, viu uma pedra do tamanho de um bezerro recém-nascido e correu em direção a ela. Surpreendeu até a si mesmo quando ergueu a pedra acima da cabeça. Atirou-a na direção de Caco, que vinha atrás dele.

Caco conseguiu desviar-se da pedra, mas não de todo; ela raspou-lhe o ombro e o fez cambalear. Enraivecido, ele pegou uma pedra ainda maior e atirou-a. O boiadeiro mergulhou para um lado. A pedra atingiu um enorme carvalho e partiu o tronco. A árvore toda caiu com um estrondo.

Em meio a um barulho de rachar e quebrar, um bando de passarinhos chilrando saiu voando, e depois ficou tudo em silêncio. O boiadeiro esforçou-se para recuperar o fôlego. A criatura não era vista em lugar nenhum. Teria fugido? Estaria preso embaixo dos galhos da árvore? Por um instante, o boiadeiro baixou a guarda — e então sentiu o fedor da criatura e ouviu o zumbido de moscas. Girou sobre os calcanhares e no instante seguinte sentiu duas mãos agarrarem sua garganta.

Manchas dançaram diante de seus olhos. A campina ficou escura, como se a noite tivesse caído de repente. Sua cabeça pareceu inchar como um odre de vinho encharcado, até que ele achou que ela fosse explodir.

Ele lutou para tirar as mãos de Caco de sua garganta. O aperto da criatura era inabalável. O boiadeiro procurou desesperadamente um ponto de apoio com as pontas dos dedos e por fim conseguiu agarrar um dos dedos de Caco e, devagar, torcê-lo para trás. Ouvia o dedo quebrar — e ficou enjoado com o barulho — mas Caco agüentou firme. O boiadeiro quebrou outro dedo, na outra mão da criatura, e outro mais. Quando um quarto dedo quebrou, Caco soltou um grito sobrenatural e afrouxou a pressão. O aperto foi rompido.

Antes que Caco pudesse escapar, o boiadeiro deslizou com destreza para trás dele e prendeu o pescoço da criatura numa gravata. Com a outra mão, agarrou o punho, apertando a gravata. Caco lutou para respirar, mas não conseguiu. Assim como também não conseguiu afastar o braço da garganta, porque seus dedos estavam quebrados e suas mãos de nada adiantavam.

Reunindo toda a força que lhe restava, o boiadeiro forçou a cabeça da criatura para um lado e deu-lhe uma torção violenta. O pescoço de Caco quebrou. Ele se debateu e teve uma convulsão. O enorme peso de seu corpo escorregou da pressão do boiadeiro. Ele desabou no chão, a cabeça virada num ângulo impossível e os membros dobrados.

Completamente exausto, o boiadeiro caiu de joelhos, lutando contra a náusea e esforçando-se para recuperar o fôlego. Sua visão estava embaçada. Moscas zumbiam em seus ouvidos.

De repente, o cachorro, agora bem desperto, chegou a galope, latindo feroz e mostrando os dentes ao ver o cadáver. Trepou no corpo mole de Caco, ficou rígido, ergueu as orelhas e alertou o povo dos *ruma* com um longo uivo de triunfo.

EM RELANCES FEBRIS, POTÍCIA TESTEMUNHARA a luta inteira.

Quando o desafio do estranho atraiu a atenção de Caco, ela conseguira pôr-se em pé com dificuldade e fugir. Tropeçando e cambaleando, olhara para trás repetidas vezes. Parecia que estava vendo não dois homens, mas duas entidades maiores do que seres humanos envolvidas numa luta até a morte. Sentia a terra tremer sob os pés deles. Viu-os levantar pedras que nenhum mortal poderia levantar. Viu uma grande árvore cair ao chão, destruída pelo combate dos dois. Viu Caco cair morto e o boiadeiro cair de joelhos.

Entorpecida, ela foi até o rio. Por maior que fosse a força com que esfregava a corpo, chegando a ponto de deixar a pele vermelha e em carne viva, o fedor do monstro não a deixava.

Quando voltou cambaleando para o povoado, ninguém se referiu ao fedor. Na verdade, nem tomaram conhecimento dela. Ao saberem da morte do monstro, os extasiados colonos tinham rodeado o boiadeiro e o elogiavam em voz alta, tocando-o com timidez, tentando erguê-lo nos ombros e rindo quando ficou evidente que ele era grande e pesado demais.

Ninguém percebeu o que acontecera com Potícia, exceto o boiadeiro, que lançou a ela um olhar com um misto de alívio e remorso. Ela mesma nada disse sobre o assunto, nem mesmo ao pai.

O CORPO DE CACO FOI arrastado para bem longe do povoado. Repetidas vezes, abutres tentaram pousar nele. As pessoas os afastavam, até que o boiadeiro deixou claro que deviam desistir e deixar que os abutres pegassem as guloseimas que pudessem. Quando os abutres saíram voando com os olhos e a língua de Caco, o boiadeiro os aplaudiu.

— Parece que esse sujeito tem os abutres em alta conta — observou Potício. — E por que não? Sempre que ele vê um abutre, é provável que seja porque mais um de seus inimigos está morto!

Convencido de que os abutres tinham sido atendidos, o povo apedrejou o cadáver de Caco e depois ateou fogo nele. Um vento sudoeste levou a fedorenta fumaça bem alto e para longe dos *ruma*. Os nubes do fogo e do ar, pelo visto, estavam de acordo com o povo, que podia apenas esperar, com a funesta influência do monstro eliminada, que os outros nubes da região voltassem a mostrar bondade e proteção para com ele.

Naquela noite, houve comemorações no povoado. O boi que tinha sido morto por Caco foi preparado para ser comido. A carne foi assada para uma grande festa em homenagem ao estranho que os libertara. A fome dele era voraz; ele comeu tudo que colocaram à sua frente.

Potício sentiu-se levado a fazer um discurso.

—Nunca, pelo que se tem memória, aconteceu algo tão terrível quanto a chegada do monstro. Nunca houve nada tão maravilhoso quanto a destruição do monstro. Estávamos à beira de abandonar este lugar, desesperançados. — Ele olhou de soslaio para seu primo Pinário. — Então, fomos salvos por uma ocorrência que nenhum de nós poderia ter previsto: a chegada de um estranho que foi um adversário totalmente à altura do

monstro. Isso é um sinal de que fomos destinados a morar para sempre na terra dos *ruma*. Aconteça o que acontecer, devemos ter fé no fato de que o nosso destino é especial. Mesmo em nossos momentos mais tenebrosos, temos que nos lembrar de que estamos protegidos por numes amigos de grande poder.

O vinho sempre fora um artigo raro e precioso no povoado; e ficara ainda mais depois que os mercadores deixaram de ir até lá. Ainda assim, o estoque que restava, misturado com água, foi suficiente para proporcionar uma dose para todos os presentes à festa, com porções extras — sem adição de água e na quantidade que ele pudesse beber, que mostrou ser uma grande quantidade — para o boiadeiro. Encorajado por estridentes gargalhadas e gritos, ele repetia, em mímica, sua batalha com Caco, rindo e cambaleando em torno da assadeira, até que finalmente se deitou, exausto, e caiu em sono profundo.

Os colonos estavam bêbedos e entupidos de comida. Muitos não desfrutavam um sono de verdade desde a chegada de Caco e, felizes, seguiram o estranho para a terra dos sonhos.

Todos dormiram — exceto Potícia, que estava com medo de que o sono só lhe trouxesse pesadelos.

Procurou um lugar só para ela, longe dos demais, e deitou-se numa esteira de lã, sob as estrelas. A noite estava quente e iluminada por uma lua brilhante. Numa noite assim, quando era menina, ela talvez tivesse subido até a sua caverna e dormido lá, a salvo e isolada. Isso jamais poderia voltar a acontecer. O monstro arruinara para sempre a caverna e as lembranças que Potícia guardava dela.

Potícia abraçou a si mesma e chorou — e depois levou um susto quando sentiu a presença de outra pessoa. Sentiu o cheiro do hálito dele, carregado de vinho. A silhueta maciça bloqueava a lua. Ela estremeceu, mas quando ele se ajoelhou e tocou-a com delicadeza, soltou um grande suspiro e parou de soluçar. Ele acariciou-lhe a testa. Beijou as lágrimas que escorriam em suas faces.

Ele cresceu sobre ela, tal como Caco crescera, mas era diferente sob todos os aspectos. O cheiro de seu corpo era forte, mas agradável a ela. Caco tinha sido brutal e exigente, mas o toque do boiadeiro era delicado e tranqüilizador. Caco lhe provocara dor, mas o toque do estranho levava apenas prazer. Quando ele recuou, temeroso de que o simples tamanho dele

pudesse sufocá-la, ela o agarrou como uma criança talvez agarrasse o pai ou a mãe, e puxou-o mais para perto dela.

Quando o paroxismo do primeiro coito deles passou, durante um certo tempo ela ficou quieta e sentiu-se extremamente relaxada, como se flutuasse no ar. Então, de repente começou a tremer. Estremeceu e recomeçou a chorar. Ele a abraçou com força. Sabia que ela passara por uma provação que ele não tinha como compreender e esforçou-se — sem jeito, mas com uma delicadeza refinada — para consolá-la.

Mas a causa do choro dela estava além da compreensão da própria Potícia. Ela estava se lembrando de algo que estivera tentando esquecer. No momento de sua abominação e seu desespero extremos — enquanto Caco estava dentro dela, apertando-a e esmagando-a de todos os lados —, ela olhara nos olhos dele. Não eram os olhos de uma fera, mas de um ser humano igual a ela. Naquele instante, ela vira que Caco estava mais cheio de sofrimento e medo do que ela podia imaginar. Em meio à abominação e ao nojo, ela sentira algo mais: pena. Aquilo a golpeara como uma faca. Agora, com todas as defesas baixadas, ela se viu chorando não pelo que Caco havia feito a ela, mas pelo próprio Caco e pela monstruosidade de sua existência.

No DIA SEGUINTE, QUANDO os colonos de ressaca acordaram, o estranho tinha ido embora. O mesmo acontecera com os bois e o cachorro.

Pinário disse que alguém devia ser mandado atrás dele, para pedir-lhe que voltasse. Potício foi contra; assim como a chegada do estranho tinha sido imprevista, o mesmo acontecera com a sua partida, e os habitantes do povoado não deviam fazer nada para interferir nas vindas e idas de seu libertador.

A notícia da morte de Caco espalhou-se. Um a um, os mercadores começaram a voltar ao povoado. Quando ouviam a história do boiadeiro, apresentavam muitas teorias sobre quem ele poderia ser e de onde devia ter vindo.

Foram os navegadores fenícios, os mais viajados de todos os mercadores, que apresentaram a idéia mais atraente. Declararam que o boiadeiro era o homem forte de suas lendas, o semideus chamado Melcarte. Um semideus, explicaram, era o filho de um deus e de um humano. Os colonos inclinaram-se a concordar que o estranho exibira uma força acima do simples mortal.

Ah, sim, o herói que salvou vocês deve ser, com toda certeza, Melcarte — declarou o capitão fenício. — Todo fenício sabe quem ele é; muitos já estiveram com ele. O fato de usar a pele de um leão prova a sua identidade. A morte de um leão foi uma das mais famosas proezas de Melcarte; ele usa a pele a título de troféu. Sim, foi Melcarte quem matou esse seu monstro, sem dúvida alguma. Vocês deviam erguer um altar para ele, assim como seus ancestrais ergueram um altar para os numes que habitam as fontes quentes. Não há dúvida de que Melcarte fez mais por vocês do que aquelas fontes quentes! Vocês deviam fazer sacrifícios a ele. Deviam rezar pela proteção permanente dele.

Mas como foi que esse... semideus... apareceu aqui, tão longe das terras onde ele é conhecido? — perguntou Potícia.

Melcarte é um grande viajante. Ele é conhecido em muitas terras, por vários nomes. Os gregos o chamam de Hércules. Eles dizem que o pai dele foi o deus celeste que eles chamam de Zeus.

Os colonos tinham apenas uma vaga idéia de quem poderiam ser os gregos, mas o nome Hércules era mais agradável ao ouvido do que Melcarte, embora a pronúncia do grego pelo capitão fosse um pouco truncada. Por isso, ficou decidido que eles iriam referir-se ao boiadeiro como Hércules.

Como o capitão fenício sugerira, foi erguido um altar para Hércules, muito perto do ponto em que Potícia o vira dormindo pela primeira vez. Como os fenícios entendiam mais de adoração a deuses do que os colonos, foram consultados quando estes discutiram as melhores maneiras de prestar honras a Hércules. Ficou decidido que cães e moscas deviam ser mantidos longe daquele altar, uma vez que, no combate, o cão aliado dele não o ajudara e as moscas tinham lutado contra ele. Dos abutres ele tinha sido a favor, de modo que se decidiu que o abutre seria sagrado para a memória dele. Ficou também resolvido que, quando se fizesse uma oferenda, todas as partes do animal sacrificado deveriam ser comidas, uma vez que o próprio Hércules demonstrara ter um apetite bom e sem discriminações.

Assim, embora Fascinus fosse o primeiro deus nativo e o primeiro deus a receber as orações de um colono, foi uma divindade já adorada em outras terras que recebeu o primeiro altar dedicado a uma divindade na terra dos *ruma*.

POTÍCIA AUMENTOU DE VOLUME DEVIDO à gravidez. Seu pai tinha desconfiado que algo além de um flerte talvez tivesse transpirado entre sua

filha e o estranho, e a gravidez parecia confirmar a suspeita. Potício ficou contente. Segundo a lenda da família, há muito tempo uma ancestral tivera relações sexuais com um nume; Potícia descendia parcialmente de Fascinus, cujo amuleto ela usava. Será que o semideus Hércules tinha visto a centelha de espiritualidade em Potícia? Teria sido por isso que ele a achara digna de gerar um filho seu? E não iria aquela criança ser algo novo e especial na Terra, contendo a essência mista de nume, semideus e humano nas veias? Potício refletiu sobre aquelas idéias e ficou satisfeito.

Potícia foi presa de pensamentos mais pessimistas, porque sabia que havia uma chance igual de que a criança pudesse ter um pai diferente: Caco. Se a coisa que saísse de seu ventre fosse um monstro horripilante, todos ficariam sabendo de sua vergonha. Será que iriam matar a criança imediatamente e a ela também? Aquilo que se mexia em seu ventre era um deus ou um monstro? Ela estava dilacerada por muitas emoções. Seu pai estava intrigado e consternado diante de seu sofrimento.

Ficou decidido celebrar o primeiro sacrifício a Hércules não no aniversário de sua chegada, como mais tarde passaria a ser o costume, mas no dia em que Caco fora visto pela primeira vez, na primavera; assim, a primeira Festa de Hércules poderia apagar a amarga lembrança da chegada de Caco. Potício e Pinário discutiram sobre quem iria assumir o dever de abater um boi, assar a carne e colocar as oferendas sobre o altar de pedra antes de consumi-las. Por fim, decidiram dividir o dever e realizar os ritos juntos. A festa seria dividida igualmente pelas suas famílias.

Mas no dia escolhido para o sacrifício, Pinário estava ausente. Ele tinha ido visitar parentes numa fazenda rio acima e ainda não voltara. Potício resolveu começar o ritual sem ele.

Os cachorros foram afastados e um espanador feito de rabo de boi foi usado para expulsar as moscas. O boi foi sacrificado, esfolado e assado, e a oferenda foi colocada sobre o altar. Uma oração de súplica foi cantada, usando-se frases sugeridas pelo capitão Fenício. Potício chamou os membros de sua enorme família para que participassem da festa.

— Temos que comer tudo — disse-lhes ele —, não apenas a carne, mas também os órgãos e as entranhas: o coração, os rins, o fígado, os pulmões e o baço, porque foi esse o exemplo que Hércules nos deu com o seu voraz apetite. Comer essas partes do animal sacrificado é nosso privilégio, e devemos começar por elas. Tome, filha, a você eu dou um pedaço do fígado.

Enquanto comia, Potícia se lembrou da primeira vez em que vira Caco e da oração que tinha feito para Fascinus; lembrou-se, também, do terror que sentira quando Caco a atacara e da delicadeza do homem que eles agora chamavam de Hércules. Ela estava muito perto de dar à luz e sujeita a poderosos extremos de alegria e desespero. Muitas vezes, ria e chorava ao mesmo tempo. Potício, observando-a, vendo o quanto ela estava pálida e tensa, perguntava a si mesmo se a filha não teria sido um vaso delicado demais para receber a semente de um semideus.

A festa estava quase no fim quando Pinário chegou, trazendo a família.

Você chegou tarde, primo... muito tarde! Nós fizemos tudo sem você — disse Potício. Uma barriga cheia e uma porção de vinho, apenas ligeiramente misturado com água, o haviam deixado de bom humor. — Lamento já termos acabado com as entranhas, mas sobraram alguns cortes finos de carne para você.

Pinário, irritado consigo mesmo por ter perdido a cerimônia, ficou furioso diante de mais aquela indignidade.

Isso é um ultraje! Nós concordamos que eu iria servir igualmente como sacerdote do Altar de Hércules e que comer as entranhas era um dever sagrado. No entanto, você não deixou nenhuma para mim e minha família!

Vocês se atrasaram — disse Potício, o bom humor estragado. — Não comer o que o deus deixou para vocês!

O debate deles ficou mais alto e as palavras, mais beligerantes. Os parentes começaram a se reunir atrás de cada um deles. Parecia que o primeiro sacrifício a Hércules poderia se transformar numa rixa.

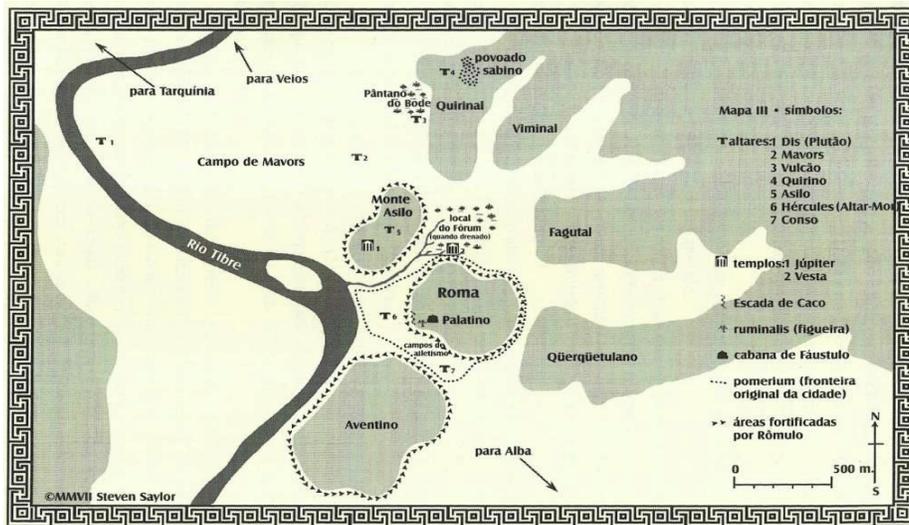
A discussão foi interrompida de repente por um grito. Ele veio de Potícia. O trabalho de parto havia começado.

O parto aconteceu diante do Altar de Hércules, porque Potícia estava sofrendo demais para ser removida. O trabalho foi curto mas intenso, e havia algo que não estava certo. O bebê era demasiado grande para sair; as parteiras entraram em pânico. Junto com a dor física, Potícia estava numa agonia de suspense.

Por fim, a criança saiu de seu ventre. Era um menino. Potícia estendeu os braços para ele. As parteiras o colocaram em seus braços. Ele era grande, muito grande, sim — mas não um monstro. Todos os membros estavam intatos, e as proporções não eram diferentes das de qualquer outra criança. Ainda assim, Potícia estava em dúvida. Olhou para os olhos do

bebê como olhara para os de Caco e também para os olhos do boiadeiro. Não conseguia ter certeza! Os olhos que agora olhavam para ela poderiam ser os olhos de qualquer um dos dois homens.

Potícia não se importou. Fosse quem fosse o pai, o filho era uma preciosidade para ela e para Fascinus. Fraca e exausta, mas plena de alegria, Potícia retirou seu colar de Fascinus e o colocou no pescoço de seu filho recém-nascido.



CAPÍTULO III

OS GÊMEOS

757 A.C.

O dia foi importante para Potício — o mais importante, até então, para a sua jovem vida. Desde criança, ele tinha assistido ao ritual. Mais tarde, tornara-se participante da festa. Agora, pela primeira vez, aos 14 anos de idade, ajudava o pai a realizar os ritos anuais de sacrifício no Altar de Hércules.

Enquanto os membros reunidos das famílias dos Potício e dos Pinário assistiam, o pai de Potício ficou em pé diante do altar e recitou a história da visita do deus, contando como Hércules aparecera na época em que o povo estava mais necessitado, matara o monstro Caco e depois, também de repente, desaparecera. Enquanto isso, o jovem Potício rodeava o altar lentamente e agitava o espanador sagrado, feito de rabo de boi com um cabo de madeira, para espantar as moscas que pudessem se aproximar. Seu primo distante, Pinário, que tinha a mesma idade e também participava pela primeira vez do ritual, rodeava o altar num círculo mais largo, caminhando na direção oposta; seu trabalho era afastar qualquer cachorro que chegasse perto.

O pai de Potício terminou a história. Voltou-se para o pai de Pinário, que estava em pé a seu lado. Durante gerações, as duas famílias, em conjunto, cuidavam do altar e realizavam a cerimônia, trocando tarefas de ano em ano. Naquele ano, coube ao Pinário mais velho recitar a oração pela proteção de Hércules.

Um boi foi abatido e estripado. Enquanto estava sendo assado, uma porção de carne crua foi colocada sobre o altar. Os sacerdotes e seus filhos correram os olhos pelo céu. Foi o jovem Potício, com um grito de agitação, o primeiro a ver um abutre a voar lá no alto e começar a descrever círculos acima deles. O abutre era protegido de Hércules; seu aparecimento era um sinal certo de que o deus estava satisfeito com a oferenda e a aceitava.

Os sacerdotes e suas famílias reuniram-se para se servirem do boi. Em todos os outros assuntos relativos à cerimônia, as famílias dividiam tarefas precisamente iguais; mas, seguindo a tradição, comer as entranhas continuava sendo um privilégio concedido apenas aos Potício. Virara uma tradição, também, os diversos Pinário resmungarem bem-humorados sobre isso: — "Onde está a nossa porção? Por que não nos dão entranha alguma?" — ao que os primos, bem-humorados, davam a resposta tradicional: "Nada de entranhas para vocês! Vocês chegaram atrasados à festa!"

O jovem Potício levava muito a sério todas as suas tarefas. Chegou até a tentar caçoar do jovem Pinário sobre as entranhas, mas recebeu como resposta apenas um olhar carrancudo. Os dois garotos nunca tinham sido amigos.

Depois da festa, o pai puxou Potício para o lado.

Estou orgulhoso de você, filho. Você trabalhou bem.

Obrigado, papai.

Só falta mais um ritual para completar o dia.

Potício franziu o cenho.

Pensei que tivéssemos acabado, papai.

Ainda não. Eu acho que você sabe, filho, que apesar de raramente falarmos sobre isso... não é preciso fazer com que os Pinário fiquem com mais ciúme de nós do que já têm!... nós acreditamos que nossa linhagem pode recuar diretamente a Hércules.

Sei, papai.

Você também sabe que entre os ancestrais dos Potício está um deus ainda mais antigo do que Hércules. — Ele ergueu a mão para tocar no

amuleto de Fascinus que pendia de uma tira de couro em torno de seu pescoço.

Potício podia contar nos dedos das mãos as vezes em que tinha visto o amuleto. Seu pai só o usava em ocasiões muito importantes. Olhou para o amuleto, fascinado pelo brilho do ouro.

O pai sorriu.

Quando eu tinha a sua idade, participei pela primeira vez dos ritos do Altar de Hércules, fazendo exatamente o que você fez hoje, enxotando as moscas. Quando a festa acabou, meu pai me levou para um lado. Ele me disse que eu tinha trabalhado bem. Naquele dia, disse ele, eu já não era mais um menino, mas me tornara um homem. Sabe o que ele fez então, filho?

Sério, Potício abanou a cabeça.

Não, pai. O que foi que ele fez?

Em resposta, o pai ergueu a tira de couro por cima da cabeça e depois, com ar solene, colocou-a no pescoço de Potício. Sorriu e passou a mão pelos sedosos cabelos louros do filho, um gesto de afeto para selar o último momento de sua infância.

Você agora é um homem, meu filho. Eu passo o amuleto de Fascinus para você.

POTÍCIO PODIA SER UM HOMEM agora, mas depois da festa, quando as tarefas do dia tinham terminado e finalmente ele estava livre para fazer o que quisesse, voltou a se portar como um garoto. Restavam muitas horas do sol de meados do verão. Ele prometera visitar seus dois melhores amigos depois da festa e estava ansioso por juntar-se a eles.

Desde a época de Caco, o pequeno povoado à margem do Tibre continuara a prosperar e crescer. O mercado à beira do rio via um movimentado tráfego de sal, peixe e gado; estes três produtos chegavam em separado, mas depois de serem tratados com sal, o peixe e a carne bovina podiam ser transportados por longas distâncias ou trocados por outros produtos que chegavam ao movimentado mercado. As famílias mais antigas e mais prósperas, como os Potício e os Pinário, continuaram a viver no povoado original perto do Espinão e da área do mercado, em cabanas não muito diferentes das de gerações

anteriores, embora o número de cabanas tivesse aumentado bastante e agora elas fossem construídas muito mais próximas uma da outra. Inúmeros outros povoados, menores, alguns consistindo em praticamente uma única

família, tinham surgido pelos *ruma*, alguns nos vales e outros nos topos das colinas. Trilhas para andar a pé, bem usadas, interligavam todos os povoados.

A própria palavra, *ruma*, como referência à região das Sete Colinas, sofrerá uma sutil alteração da pronúncia ao longo dos anos e, devido ao uso repetido, adquirira o status de um nome próprio, de modo que as pessoas agora chamavam a área de "Roma". O nome tinha uma singularidade e uma comodidade, transmitindo a idéia de uma área montanhosa que cuidava de seus habitantes com carinho.

Com mais povoados e mais habitantes, viera a tendência de formalizar os nomes dos vários locais em meio às Sete Colinas, muitas vezes dando aos lugares o nome das árvores que existiam lá. Assim, o morro dos carvalhos passou a chamar-se Qüerqüetulano — "Morro do Carvalho" —, enquanto o morro dos vimeiros era o Viminal e o morro das faias, o Fagutal.

Agora, pastores e porqueiros viviam e cuidavam de seus rebanhos no alto da colina sobre a antiga caverna de Caco. Aquele morro era chamado de Palatino, em homenagem à deusa que os pastores adoravam, Pales. Deuses, outrora desconhecidos em Roma, agora havia muitos. Assim como a população dos mortais tinha crescido, o mesmo acontecera com o número de divindades. Cada uma das pequenas comunidades espalhadas pelas Sete Colinas reconhecia uma divindade local à qual prestava homenagens. Algumas dessas divindades mantiveram o caráter sem nome e nebuloso dos antigos numes, mas outras tinham adquirido nomes e atributos bem definidos à moda de deuses e deusas. Entre essas divindades, a primazia de Hércules era reconhecida por todos em Roma e, por isso, seu altar passou a ser chamado de *Ara Maxima* — ou Altar-Mor. Ficou combinado que o pai dele era o deus do céu chamado localmente de Júpiter. O papel dos Potício e dos Pinário, de cuidar do Altar-Mor, deu a eles um grande status entre o povo de Roma.

Potício orgulhava-se em dar prosseguimento às tradições da família; agora, porém, terminadas as tarefas, estava ansioso por juntar-se a seus dois amigos que moravam no Palatino. Voltou rápido para a casa dos pais, um conjunto de cabanas interligadas, onde se desfez do manto de lã belamente tecido que usara para a cerimônia e vestiu uma velha túnica, mais adequada às brincadeiras rudes. Manteve o amuleto de Fascinus ao pescoço, porque queria exibi-lo aos amigos.

Potício passou pelo movimentado mercado e atravessou uma ponte de madeira só para pedestres que ligava as duas margens do lamacento Espinão. Passou pelo Altar-Mor, onde alguns de seus parentes embriagados pelo vinho ainda permaneciam na cena da festa. Continuou até o sopé do Palatino, onde subiu uma íngreme escada talhada na encosta rochosa. A escada tinha sido feita havia muito tempo, logo depois da morte do monstro Caco, para remover a ameaça do que tinha sido uma caverna inacessível. A encosta já não era intransponível, graças à escada, e a própria caverna, um lugar maldito, tinha sido aterrada com pedras e terra. Amoreiras silvestres e arbustos parasitas tinham nascido sobre o local, de modo que restavam muito poucos vestígios da caverna — nada mais do que um fraco contorno que só podia ser observado por alguém que a estivesse procurando. Potício conhecia a história da Escada de Caco, como o povo chamava a trilha íngreme, e seu pai lhe mostrara exatamente onde a caverna estivera localizada; sempre que passava por ela, Potício fazia uma oração de agradecimento a Hércules. Mas a Escada de Caco também cumpria uma função puramente prática; era o caminho mais curto para se chegar ao topo do Palatino.

No alto da Escada crescera uma figueira. A árvore era mais velha do que Potício e, para uma figueira, muito grande, com galhos que formavam um amplo dossel. Depois de escalar os degraus, Potício recebeu de bom grado a sombra fresca proporcionada pela densa folhagem da árvore. Fez uma pausa para recuperar o fôlego e depois soltou um grito quando alguma coisa lhe bateu na cabeça. O projétil era macio o bastante para não causar dano algum ao seu couro cabeludo, mas duro o suficiente para provocar uma pontada. Potício foi atingido outra vez, e depois mais outra.

Lá de cima, Potício ouviu risadas. Esfregando a cabeça dolorida, ergueu os olhos e viu seus dois amigos sentados num galho alto, sorrindo para ele. Remo começou a rir tanto que parecia que ia cair do poleiro. Rômulo sopesou um figo ainda verde na mão.

Parem, vocês dois! — gritou Potício. Então, viu Rômulo armar o braço para atirar o figo. Potício esquivou-se, mas tarde demais. Soltou um grito quando o figo atingiu-lhe a testa. Rômulo era conhecido como bom de mira e por ter um braço forte.

Eu mandei parar!

Potício deu um salto e agarrou a ponta do galho no qual os irmãos estavam sentados. Usando todo o peso do corpo, ele se balançou para a

frente e para trás. A madeira macia cedeu sem quebrar, e o movimento foi violento o bastante para desequilibrar os gêmeos em seu poleiro. Rindo com estardalhaço, os dois caíram.

Ambos se recuperaram logo, agarraram Potício e usaram o peso combinado para imobilizá-lo. Os três resfolegavam, mal tendo fôlego para rir.

O que é isso? — perguntou Rômulo. Estendeu a mão para o amuleto de Fascinus e levantou-o, fazendo com que o colar de couro ficasse esticado. Um fecho de luz do sol, perfurando as folhas da figueira, refletiu-se no ouro. O irmão foi olhar também.

Potício sorriu.

É a imagem do deus que chamamos de Fascinus. Meu pai me deu, depois da festa. Ele disse que...

E onde seu pai adquiriu uma coisa dessas? — perguntou Remo. — Roubou de um mercador fenício?

Não seja ridículo! Fascinus é o deus da nossa família. Meu pai recebeu este amuleto do pai dele, que o recebeu do pai dele, e assim por diante, recuando até o começo dos tempos. Papai disse...

Deve ser ótimo! — disse Rômulo, lacônico, já não rindo mais, mas ainda segurando o amuleto e olhando fixo para ele. De repente, Potício sentiu-se constrangido, como às vezes ficava com os dois amigos. Potício vinha de uma das mais antigas e respeitadas famílias de Roma. Rômulo e Remo eram órfãos; o porqueiro que os criara era um homem de pouca importância e a mulher do porqueiro tinha má reputação. O pai de Potício não aprovava os gêmeos, e só escondido de seu pai Potício conseguia conviver com eles. Potício gostava muito dos dois, mas às vezes, como naquele momento, sentia muito a diferença entre a posição deles e a sua.

E o que é que esse Fascinus faz? — perguntou Rômulo.

Remo riu.

Eu sei o que eu faria se a minha masculinidade tivesse asas! — Ele agitou os braços e fez um gesto lascivo.

Potício começava a lamentar o fato de ter usado o amuleto. Tinha sido um erro pensar que os gêmeos pudessem compreender o significado dele para Potício.

Fascinus nos protege — disse ele.

Não de figos voadores! — disse Remo.

Nem de meninos que são mais fortes do que você — acrescentou Rômulo, recuperando o bom humor. Ele soltou o amuleto, segurou o braço de Potício e torceu-o para as costas deste.

Vocês *não são* mais fortes do que eu! — protestou Potício. — Posso derrotar qualquer um dos dois, desde que venha um de cada vez.

Mas por que nós iríamos fazer isso, quando somos dois? — Remo agarrou o outro braço de Potício e deu-lhe uma torcida. Potício uivou de dor.

Era sempre assim com os gêmeos: eles agiam de acordo um com o outro, como se tivessem uma única mente. A harmonia era uma das coisas que Potício, que não tinha irmãos, mais admirava neles. O que importava se ninguém conhecia a linhagem deles?

Os gêmeos, ainda criancinhas, tinham sido descobertos pelo porqueiro Fáustulo depois de uma grande inundação. O Tibre transbordava com frequência, mas aquela enchente tinha sido, de longe, a pior de que se podia lembrar. O rio subira tanto que o mercado ficara submerso. O lago pantanoso que alimentava o Espinão tornara-se um pequeno mar, e as Sete Colinas se tornaram sete ilhas. Depois que a água recuou, o porqueiro Fáustulo encontrara, entre os destroços, dois bebês num berço de madeira na encosta do Palatino. Muitas pessoas que viviam rio acima tinham morrido na enchente. Como ninguém jamais reclamara a posse dos gêmeos, partiu-se do pressuposto de que seus pais deviam estar mortos. Fáustulo, que morava bem perto da figueira numa esquálida cabaninha cercada por chiqueiros, criou-os como filhos.

A mulher de Fáustulo se chamava Aca Larência. Segundo uma piada indelicada contada quando os gêmeos não estavam por perto, eles tinham sido amamentados por uma loba. Quando era um garotinho e ouviu essa piada pela primeira vez — contada com um malicioso olhar de soslaio por seu primo Pinário —, Potício achou que era a pura verdade; só mais tarde percebeu que "loba" era outro termo para prostituta e, assim, um insulto a Aca Larência. Pinário também lhe dissera que os nomes dados aos gêmeos por Fáustulo era um rude uso de palavras — Rômulo e Remo referindo-se aos dois *ruma* de Aca Larência, que Fáustulo se deliciava em ficar olhando quando ela amamentava os dois bebês ao mesmo tempo. Como o local favorito dela para amamentá-los era à sombra da figueira, Fáustulo dera à árvore o nome de *ruminalis* — ou árvore de amamentar.

Um homem vulgar, sórdido, praticamente igual aos porcos que cria! — Tinha sido este o pronunciamento do pai de Potício sobre Fáustulo. — Quanto a Aca Larência, quanto menos se falar, melhor. Dificilmente eles têm condições de ser chamados de pais, tal a maneira que deixam aqueles garotos andarem soltos por aí. Rômulo e Remo nem são melhores por causa disso... um par de lobos, criados num chiqueiro!

Mas mesmo aqueles que mais desaprovavam o comportamento dos gêmeos não podiam negar que eles eram de uma beleza fora do comum. "Só Rômulo é mais bonito do que Remo", era o ditado local, no qual os nomes podiam ser facilmente invertidos. "E só Remo pode competir com Rômulo", dizia a resposta, porque os gêmeos eram, de longe, os mais rápidos e mais fortes dos meninos locais e adoravam qualquer oportunidade de provar isso. Para Potício, parecia que os gêmeos eram tudo o que um menino podia desejar ser — bonito, atlético e livre do controle paterno. Mesmo quando eles se juntavam para castigá-lo um pouco, Potício sempre achava emocionante estar na companhia deles.

Agindo ao mesmo tempo, os gêmeos o soltaram. Potício gemeu e esfregou os ombros para aliviar a dor.

Então? — disse Rômulo, olhando para o irmão. — Vamos dizer a ele ou não?

Você disse que devíamos dizer.

Mas eu estou mudando de idéia. Ele está todo arrogante com o amuleto fantástico que ganhou do pai. Ele olha com desprezo para gentalha como nós.

Eu, não! — protestou Potício. — Me dizer o quê?

Remo olhou para ele com ar de malícia.

Nós dois, meu irmão e eu, estamos bolando um plano. Vamos nos divertir um pouco. O povo vai ficar dias sem falar de outra coisa.

Dias? Anos! — disse Rômulo.

E você pode se unir a nós... se tiver coragem — disse Remo.

É claro que tenho — disse Potício. Seus ombros doíam tanto que ele mal podia levantar o braço, mas estava decidido a não demonstrar a dor. — Qual é o plano que vocês estão tramando?

Você sabe o que o povo diz sobre a gente... pelas costas? — perguntou Rômulo.

Sem ter certeza de como responder, Potício deu de ombros e tentou não fazer uma careta por causa da dor.

Eles nos chamam de lobos. Rômulo e Remo são uma dupla de lobos, dizem eles, amamentados por uma loba.

O povo é idiota — disse Potício.

O povo tem medo de lobos, isso é que é — disse Remo.

Especialmente as garotas — acrescentou o irmão. — Olhe isso aqui.

Ele estendeu a mão para pegar algo na base da figueira e encaixou a coisa na cabeça. Era a pele de um lobo, preparada de tal maneira que a cabeça do animal se encaixava sobre o rosto e formava uma máscara, deixando a boca a descoberto.

O que é que você acha?

Com as mãos nos quadris e a cara do lobo substituindo a dele, Rômulo exibia uma imagem amedrontadora. Potício olhou para ele, sem fala. Então, Remo apanhou outra pele, encaixou-a na cabeça e se colocou ao lado do irmão.

Rômulo deu um sorriso afetado, satisfeito com a expressão de espanto no rosto de Potício.

É claro que, se formos apenas Remo e eu, todo mundo vai saber que somos nós. É por isso que tem que haver um terceiro lobo na alcatéia... para confundir as pessoas.

Um terceiro lobo? — perguntou Potício.

Remo jogou algo para ele. Potício se assustou, mas conseguiu agarrá-lo.

Vista isso — disse Remo.

Era outra pele de lobo. Com as mãos trêmulas, Potício encaixou a cabeça sobre o rosto. Um odor repulsivo encheu-lhe as narinas. Olhando pelas aberturas para os olhos, ele se sentiu estranhamente escondido do mundo e curiosamente transformado.

Rômulo sorriu.

Você parece muito feroz, Potício.

É mesmo?

Remo deu uma risada.

Mas o som parece o de um garotinho. Você tem que aprender a rosnar... assim.

Ele demonstrou. Rômulo juntou-se a ele. Depois de um instante de hesitação, Potício fez o máximo para imitá-los.

E você tem que aprender a uivar.

Remo inclinou a cabeça para trás. O som que saiu de sua garganta fez com que um arrepio corresse pela espinha de Potício. Rômulo uniu-se a ele, e a harmonia produzida pelo latido deles era tão impressionante que Potício ficou todo arrepiado. Mas quando ele próprio soltou um uivo, os outros dois caíram na gargalhada.

Está claro que vai ser preciso um pouco de treino — disse Rômulo. — Você ainda não está pronto. Você tem que aprender a uivar como um lobo, Potício. Tem que aprender a andar como um lobo e a pensar como um lobo. Você tem que *virar* lobo!

E quando esse dia chegar, você não pode deixar de tirar esse amuleto — acrescentou o irmão. — Caso contrário, alguém vai reconhecê-lo e denunciar a gente ao seu pai.

Potício deu de ombros. A dor nos ombros tinha desaparecido.

Eu sempre poderia usar Fascinus dentro da túnica, onde ninguém vai vê-lo.

Sua túnica? — Rômulo soltou uma gargalhada. — Lobos não usam túnicas!

— Mas... o que é que vamos usar?

Rômulo e Remo olharam um para o outro e riram, depois inclinaram a cabeça para trás e uivaram.

O INVERNO CHEGOU ANTES QUE os gêmeos sentissem que Potício tinha dominado o comportamento de um lobo. Não seria possível executar sua trama enquanto o tempo estivesse frio e chuvoso. Eles esperaram até aquecer outra vez. Por fim, o dia perfeito chegou — um dia bem claro, ameno, quando todos que viviam nas Sete Colinas estariam na rua, movimentando-se.

Naquela manhã, muito cedo, eles foram caçar. Os gêmeos tinham ficado vários dias seguindo um lobo, observando-lhe os movimentos para descobrir onde era a toca. Pouco depois do nascer do sol, eles o desentocaram e o caçaram. Foi Rômulo quem matou o animal com a sua lança.

Num altar improvisado — uma simples lasca de pedra —, tiraram a pele do lobo e banharam as mãos no sangue dele. Cortaram a pele em tiras e amarraram-nas nos pulsos, nos tornozelos, nas coxas e nos braços. Outras tiras, levaram nas mãos. Potício achou que podia sentir a força vital do animal ainda emanando da pele morna e flexível.

Potício já não achava estranho correr nu pelas colinas. Ele fizera aquilo muitas vezes com Rômulo e Remo, apesar de geralmente à noite e longe dos povoados. O que ainda parecia estranho era a máscara de lobo que lhe cobria o rosto. Espiar pelos furos para os olhos, saber que estava escondido, imaginar a aparência feroz — tudo aquilo lhe dava um sentimento de poder e um senso de que o seu relacionamento com tudo o que o cercava tinha mudado, como se a máscara realmente lhe incutisse faculdades que nada tinham de humanas.

Eles correram pelas colinas e pelos vales, de povoado em povoado, uivando, gritando e brandindo as tiras. Sempre que encontravam uma jovem, corriam direto para ela, competindo para ver quem chegaria primeiro e daria uma batida no traseiro dela com a tira. Eles eram os lobos, e as garotas podiam ser as ovelhas; como as ovelhas, a maioria saía em grupos para fazer suas tarefas matutinas — buscar água ou levar peso. Algumas gritavam, alarmadas, ao vê-los. Outras soltavam risadas estridentes.

Potício nunca fizera nada tão divertido em toda a sua vida. Ele ficou fisicamente excitado. Muitas das garotas pareciam mais alarmadas pela visão de seu sexo balançando do que pela ameaça da tira de pele de lobo, embora algumas parecessem achar divertido, dando risinhos nervosos por trás das mãos e desviando o olhar. Rômulo e Remo, vendo a sua excitação, avançaram contra ele. Rindo e gritando, miravam seu sexo com as tiras de pele de lobo.

Foi uma pena você ter deixado aquele amuleto em casa hoje — sussurrou Rômulo. — Você não tem falo no pescoço para proteger o que está entre as suas pernas!

Pare de tentar se cobrir — disse Remo, sacudindo-se de tanto rir. — Uma boa surra com uma dessas tiras vai deixar você mais potente do que nunca! Você vai ficar com a força do lobo entre as pernas!

Por fim, os gêmeos ficaram com pena, e os três voltaram a perseguir as garotas que gritavam.

TAL COMO OS GÊMEOS TINHAM previsto, o incidente passou a ser o assunto do dia de Roma inteira. À noite, o pai de Potício reuniu a família mais próxima — Potício, a mãe e as irmãs — para conversar sobre o assunto.

Três rapazes nus, exceto pelas peles de lobo que lhes escondia os rostos covardes, correndo por todas as Sete Colinas, aterrorizando todos que encontravam... um comportamento desses é um ultraje!

Ninguém tentou detê-los? — perguntou a mãe de Potício.

Alguns idosos ousaram repreendê-los com severidade pelo seu comportamento; os vagabundos correram em círculo em volta dos pobres coitados, uivando como animais, quase os matando de medo. Uns poucos jovens saíram atrás deles, mas os provocadores foram mais rápidos.

Mas como eles eram, marido? Não havia nada que os distinguisse?

Eu não os vi. Algum de vocês viu?

Potício desviou o olhar e não disse nada. Nervoso, mordeu o lábio quando uma de suas irmãs, que era um pouco mais moça do que ele, falou com humildade.

Eu os vi, papai. Eu estava visitando uma amiga no Viminal quando eles avançaram pela aldeia, uivando e rosnando.

A fisionomia do pai tornou-se severa.

Eles a molestaram de algum modo?

Ela enrubesceu.

Não, papai! Só que...

Fale, filha!

Cada um deles levava uma coisa na mão; eu acho que era uma tira comprida e estreita de pele de lobo. Estalavam as tiras no ar, como pequenos chicotes. E eles...

Continue.

Sempre que se aproximavam de uma garota ou de uma mulher jovem, batiam nela com a tira.

Batiam nela?

Sim, papai. — Ela ficou mais corada do que nunca. — No traseiro.

E eles bateram em você, filha... no seu traseiro?

Eu... eu não lembro, papai. Foi tudo tão pavoroso que não me recordo.

Mentirosa!, quis dizer Potício. Ele se lembrava muito bem daquele momento. Tinha certeza de que sua irmã também se lembrava. Fora Remo que batera no traseiro dela, e, longe de ficar amedrontada, ela correria atrás deles, com risadas reprimidas e tentando dar em troca uma palmada no traseiro nu de Remo. Apesar do nervosismo, Potício precisou de um grande esforço para evitar que um sorriso aflorasse em seu rosto.

O pai de Potício abanou a cabeça.

Como eu disse, um ultraje! O que é ainda mais ultrajante é o fato de que nem todos parecem pensar como nós sobre esse assunto.

O que o senhor quer dizer com isso, papai?

Eu estava falando, há pouco, com o Pinário mais velho. Ele parece ter se divertido com o incidente! Segundo ele, só os mais velhos acham esse comportamento escandaloso. Diz ele que todos os rapazes sentem inveja desses selvagens filhotes de lobo, e todas as jovens os admiram. Você não tem inveja deles, tem, Potício?

Eu? É claro que não, papai.

Nervoso, Potício tocou no amuleto que pendia em seu pescoço. Ele colocara o colar assim que voltara para casa ao anoitecer, por querer Fascinus perto dele. Claro que não estava exatamente mentindo para o pai; não era possível um homem sentir inveja de si mesmo.

E você, minha filha... você não admira esses desordeiros, admira?

Claro que não, papai. Eu os desprezo!

Ótimo. Outras pessoas podem elogiar esses selvagens, mas nesta família há padrões a serem mantidos. Os Potício dão um exemplo para toda a Roma. Os Pinário também deviam dar, mas receio que nossos primos podem ter se esquecido de sua posição especial entre o povo. — Ele abanou a cabeça. — A identidade de dois daqueles filhotes de lobo é evidente demais: aqueles salafários Rômulo e Remo. Mas quem era o terceiro filhote? Que jovem inocente os filhos do porqueiro levaram a participar dessa nojenta brincadeira com eles? — Ele olhou diretamente para Potício, que empalideceu. — Você acha, meu filho... você acha que pode ter sido seu primo, o jovem Pinário?

Potício engoliu em seco.

Não, papai. Tenho certeza de que não foi o Pinário.

O pai resmungou e lançou-lhe um olhar perspicaz.

Muito bem. Chega de falar nesse assunto. Eu tenho uma coisa muito mais importante a discutir. Isso tem ligação com você, meu filho.

Sim, papai? — disse Potício, aliviado pela mudança de assunto.

O Potício mais velho pigarreou.

Como sacerdotes de Hércules, temos um papel muito importante entre o povo. O nosso julgamento em assuntos do divino é muitíssimo respeitado. Mas ainda há muito que poderíamos aprender quando se trata de interpretar a vontade de deuses e nunes. Diga, meu filho: quando o poço de um

agricultor seca, quem ele chama para pacificar o maldoso nune que bloqueou a fonte? Quando um pescador quer encontrar um novo lugar para pescar, quem ele chama para marcar limites no rio e fazer uma oração para aplacar os nunes da água? Quando um raio mata um boi, quem o boiadeiro consulta para determinar se a carne atingida está amaldiçoada e deve ser consumida pelo fogo num altar ou abençoada e comida com alegria?

Se puderem pagar, chamam um adivinho etrusco, o que os etruscos chamam de arúspice.

Exatamente. Os nossos bons vizinhos do norte, os etruscos, são muito sábios no que se refere a adivinhações... e os arúspices etruscos vivem muito bem à custa disso. Mas a adivinhação é apenas uma habilidade, como qualquer outra. Pode ser ensinada e pode ser aprendida. Há uma escola de adivinhação na cidade etrusca de Tarquínia. Estou certo de que é a melhor desse tipo de escola. Tomei providências para que você estude lá, meu filho.

Potício ficou calado por um longo momento.

Mas, papai, eu não falo etrusco.

Claro que fala.

Só o suficiente para pechinchar com negociantes etruscos no mercado.

Então, aprenderá a falar etrusco fluentemente... e depois aprenderá tudo o que os etruscos puderem lhe ensinar sobre adivinhação. Quando seus estudos terminarem, você voltará para Roma como um arúspice e se tornará um homem importante entre o povo.

Potício ficou dividido entre a animação e o medo de deixar família e amigos.

Quanto tempo eu vou ficar fora?

Fui informado de que seus estudos vão durar três anos.

Tanto tempo! Quando é que eu parto, papai?

Amanhã.

Assim tão rápido!

Quanto mais cedo, melhor. Como o incidente de hoje com os filhotes de lobo demonstraram com muita clareza, existem más influências em nosso meio. Tenho plena fé no seu caráter, meu filho. Apesar disso, acho que seria melhor afastá-lo dessas influências, e o quanto mais cedo, melhor.

Mas papai, o senhor não acha...

— Eu acho que Rômulo e Remo devem ser rapazes muito convincentes. Penso que sua influência maléfica poderá levar até os jovens

mais íntegros a se meterem em sérias encrências. Meu dever, como seu pai, é fazer com que uma coisa dessas não aconteça com você, meu filho. Você vai para Tarquínia. Vai obedecer seus instrutores em todos os aspectos. Vai dominar as artes etruscas de adivinhação. Desconfio que você tem aptidões para essas coisas, e o aprendizado lhe será fácil. E você não vai mais pensar em Rômulo e Remo. Os mal-educados filhos do porqueiro são bons apenas para uma coisa: provocar encrências. Eles vieram do nada e vão dar em nada!

754 a.C.

QUANTO AO SEU AMOR POR aprender e à sua aptidão natural para adivinhação, o pai de Potício provou que estava certo. Quanto ao destino dos gêmeos, não podia estar mais enganado.

Potício tinha sido o primeiro jovem a cair sob o feitiço dos gêmeos, mas não foi o último. O incidente dos filhotes de lobo aumentaram, e muito, o conceito deles entre os agitados jovens de Roma, muitos dos quais estavam ansiosos por se tornarem seus companheiros. Em pouco tempo, Rômulo e Remo atraíram um número considerável de seguidores, em especial entre aqueles que o pai de Potício teria rotulado de mal-afamados — jovens de famílias obscuras e poucos recursos, que não estavam acima de roubar de vez em quando uma vaca ou tosquiarem uma ovelha e escambar a lã sem o conhecimento do dono.

— Eles vão acabar mal — declarou o pai de Potício, contente por seu filho estar na Tarquínia fazendo seus estudos. — Rômulo e Remo e sua pequena quadrilha pensam que suas atividades são inofensivas, que os homens que eles roubam são ricos demais para se importarem ou tímidos demais para reagirem. Porém, mais cedo ou mais tarde eles irão enganar o homem errado, e isso será o fim de Rômulo e Remo!

Seu vaticínio esteve muito perto de se tornar realidade no dia em que Remo e alguns companheiros, aventurando-se para mais longe do que de costume, envolveram-se numa escaramuça com alguns pastores nas vizinhanças de Alba, uma cidade numa região montanhosa a sudeste de Roma. Ao contrário dos romanos, há muito tempo os albanos tinham sido subjugados pelo homem mais forte que havia entre eles, que se dizia seu rei e usava uma coroa de ferro. Amúlio, o rei de Alba naquele momento, acumulara uma grande riqueza — metais preciosos, jóias refinadas,

exóticos vasos de barro e tecidos da mais alta qualidade —, que guardava numa área fechada cercada por altas estacas de madeira e protegida por guerreiros mercenários. Ele morava não numa cabana, mas num grande pavilhão feito de madeira.

Posteriormente, a causa da escaramuça foi assunto de muito debate. Muitos presumiram que Remo e seus homens estivessem tentando roubar algumas ovelhas e os pastores albanos os pegaram; Remo iria declarar mais tarde que foram os pastores que provocaram uma briga com seus homens, insultando-os com referências à sua masculinidade e com críticas contra o povo de Roma. Qualquer que tenha sido a causa, foi Remo que levou a pior na escaramuça. Alguns de seus homens foram mortos, outros foram capturados, e uns poucos conseguiram fugir. O próprio Remo foi feito prisioneiro, preso com correntes de ferro e conduzido à presença do rei Amúlio. A atitude de Remo foi desafiadora. O rei, que não estava acostumado a ser enfrentado, ordenou que Remo fosse pendurado numa viga e passou a torturá-lo, usando ferros em brasa, lâminas afiadas e chicotes de couro.

Quando a notícia da prisão de Remo chegou ao irmão dele no Palatino, Rômulo pôs-se a recrutar todos os jovens das Sete Colinas, apelando que não só resgatassem seu irmão, mas defendessem o orgulho de Roma. Até mesmo homens de famílias honradas, que nunca haviam concordado com os gêmeos, uniram-se à causa. Sabendo que os mercenários de Amúlio estariam bem armados, eles reuniram todas as armas que puderam encontrar — bordões de pastores que poderiam servir como degraus de escadas de mão, facas de estripar, atiradeiras, arcos e flechas de caçadores — e partiram.

Diante dos muros de Alba, Rômulo exigiu que o rei soltasse seu irmão e os outros presos. Amúlio, flanqueado por seus mercenários no parapeito, olhou para o heterogêneo bando lá embaixo e recusou-se.

— É resgate que você quer? — perguntou Rômulo.

Amúlio soltou uma gargalhada.

Com o que vocês poderiam pagar? Umas poucas peles de ovelha roídas por traças? Não, quando eu acabar de torturar seu irmão e seus amigos, vou cortar a cabeça deles e colocar todas elas nesta parede de estacas, como um aviso a outros de sua espécie. E se você ainda estiver no meu reino quando amanhecer, seu jovem tolo, sua cabeça vai acabar junto com a de seu irmão!

Rômulo e seus homens retiraram-se. A princípio, a altura das estacas que cercavam a área do rei os atemorizou, bem como os arqueiros que guardavam o muro. Parecia não haver como atacar a área sem ser abatido por uma saraivada de flechas. Mas naquela noite, ao abrigo da escuridão, Rômulo conseguiu pôr fogo num trecho do muro que estava mal vigiado. O fogo se espalhou com rapidez. No caos que se seguiu, seus homens mostraram-se mais valentes e mais sedentos de sangue do que os mercenários de Amúlio. Os guardas do rei foram massacrados.

Entrando no grande salão, Rômulo agarrou Amúlio e declarou que queria ver o irmão. O rei, tremendo de medo, levou-o ao aposento onde Remo pendia acorrentado, pegou uma chave e libertou-o das grilhetas. Fraco demais para ficar em pé, Remo caiu de joelhos. Enquanto Remo assistia, Rômulo derrubou Amúlio no chão, chutou-o e agrediu-o até que ficasse desacordado; depois, cortou-lhe a garganta. A coroa do rei, um simples aro de ferro, saiu rolando pelo chão, girou sobre a beirada e, com um estalar, foi parar no piso em frente a Remo.

Pegue-a, irmão — disse Rômulo. — Ela agora nos pertence!

Mas Remo, o corpo nu marcado por queimaduras e cortes, estava fraco demais até mesmo para erguer a coroa de ferro. Chorando por ver o irmão naquele estado, Rômulo ajoelhou-se diante dele, pegou a coroa e começou a colocá-la na cabeça de Remo.

Então, hesitou. Ergueu a coroa, afastando-a da testa do irmão.

Esta coroa pertence a nós dois, irmão, igualmente. Mas só um pode usá-la de cada vez. Deixe-me usá-la primeiro, para que eu possa aparecer diante daqueles que lutaram ao meu lado e mostrar a eles que a coroa de Alba, agora, pertence a nós.

Rômulo colocou a coroa de ferro na própria cabeça e depois levantou-se e foi declarar a vitória a seus homens.

Ao SE APOSSAREM DO TESOURO de Alba, Rômulo e Remo se transformaram em homens ricos, muito mais ricos do que qualquer outro homem em toda a Roma. Quando Remo se recuperou o suficiente para viajar, voltaram para casa em triunfo, cercados pelos fiéis companheiros e seguidos por carroções carregados de butim.

Nem todos em Roma estavam plenamente satisfeitos com o sucesso deles. O pai de Potício reuniu-se com os outros mais velhos e expressou suas dúvidas.

Se Remo foi capturado pelos pastores de Amúlio enquanto tentava roubar-lhes as ovelhas, o rei Amúlio estava em seu direito de mantê-lo prisioneiro até que recebesse um resgate. Nesse caso, o ataque de Rômulo a Alba foi injustificado. Matar o rei foi assassinato e o seqüestro do tesouro foi roubo. Será que vamos transformar bandidos em heróis?

O Pinário mais velho discordou.

O que Remo estava fazendo em Alba era errado? Não importa. Depois que ele foi feito prisioneiro, Amúlio não exigiu resgate ou compensação; em vez disso, passou a torturar Remo e declarou claramente a intenção de matá-lo. Para salvar o irmão, Rômulo não teve outra opção a não ser pegar em armas. Amúlio foi um idiota... e teve a morte de um idiota. A riqueza que Rômulo confiscou em Alba é dele por direito.

Os albanos podem não pensar assim — disse o Potício mais velho.

Um incidente desses pode desencadear uma luta sangrenta que poderia durar gerações. E os gêmeos podem ter ofendido os deuses, também. Devíamos consultar um arúspice, para determinar a vontade dos deuses neste caso.

Com licença, enquanto eu pergunto a um etrusco se posso mijar!

disse Pinário, a voz transbordando de sarcasmo.

Acontece, primo, que não temos necessidade de um arúspice etrusco. Meu filho completou os estudos. Deve estar chegando de volta qualquer dia desses. Potício poderá realizar os ritos adequados.

Que sorte do rapaz estar convenientemente ausente quando aconteceu a batalha de Alba e, com isso, ter evitado todos os riscos — disse Pinário, cujo filho lutara ao lado de Rômulo.

Essas palavras são inoportunas, Pinário, e indignas de um sacerdote de Hércules!

Na verdade, o Potício mais velho estava aliviado pelo fato de seu filho não ter voltado a tempo de ser recrutado por Rômulo, mas a insinuação de covardia feita por Pinário era injusta. Ele respirou fundo para se acalmar.

Uma adivinhação deve ser feita para determinar a vontade dos deuses.

E se a adivinhação for contra Rômulo? O que acontecerá, então? — perguntou Pinário. — Não, eu acho que deve haver um jeito melhor de garantir que todos os envolvidos, até mesmo os albanos, possam ver que foi justo e adequado Rômulo tomar a coroa e o tesouro do rei Amúlio.

Pelo astuto brilho nos olhos dele, Potício pôde perceber que o homem já estava com alguma trama em andamento.

POTÍCIO CHEGOU DE VOLTA DA Tarquínia no dia seguinte. A família o recebeu com grande alegria e não pouca curiosidade, pois ele estava vestido no estilo de um arúspice etrusco. Sobre uma túnica amarela, usava um casaco comprido, pregueado e preso ao ombro por um grampo de bronze; na cabeça, usava um chapéu cônico seguro por uma tira que passava por baixo do queixo. O pai observou, com orgulho, que ele também usava o amuleto de Fascinus. Quando dera o amuleto a Potício, ele dissera ao filho que este era um homem, embora no fundo do coração ainda não acreditasse nisso. Mas Potício amadurecera bastante nos anos em que estivera fora. O porte confiante e o modo atencioso de falar eram de um homem, não de um menino.

O pai falou com ele sobre o cerco em Alba e o triunfante retorno dos gêmeos. Em vez de mostrar agitação ao ouvir a história, Potício pareceu muitíssimo preocupado com os ferimentos que Remo sofrerá, e mais essa demonstração de maturidade tornou a agradar ao pai.

Eu sei que você era amigo deles, meu filho, apesar de eu desaprovar. Vá visitá-los. Faça com que tomem juízo. Mostre-lhes a vontade dos deuses. Neste momento, todos em Roma estão cantando suas loas. Tolos como Pinário só irão estimulá-los a fazer mais estripulias. Eles vão ficar cada vez mais temerários, até provocarem a ira de um senhor de guerra contra todos nós. Roma não tem muros, como os que Amúlio construiu em Alba. Nossa segurança depende inteiramente da boa vontade e do interesse próprio daqueles que vêm até aqui para fazer negócios. Se os gêmeos continuarem a derramar sangue e saquear as vítimas, se transformarem os jovens locais em nada mais do que um bando de salteadores, mais cedo ou mais tarde morderão o rabo de um lobo maior do que eles, e o povo de Roma vai pagar um preço terrível.

NA MANHÃ SEGUINTE, POTÍCIO FOI visitar seus velhos amigos. Apesar da riqueza recente, os gêmeos ainda moravam na cabana do porqueiro no Palatino. Ondas de nostalgia cobriram Potício enquanto ele escalava a Escada de Caco, fazendo uma oração de agradecimento a Hércules ao passar pelo local da caverna. Chegou ao alto e passou sob a figueira. Os galhos estavam arqueados de tanta fruta madura. A sombra era tão densa

que de início ele não viu as três figuras que estavam sentadas em círculo perto do tronco.

Ouviu um sussurro:

Estão vendo? Eu disse que ele tinha voltado. E mais arrogante do que nunca... vejam o chapéu elegante que ele está usando!

Quando seus olhos se adaptaram à escuridão, Potício percebeu que não era nenhum dos gêmeos que havia sussurrado; era seu primo, Pinário.

Rômulo ergueu-se de um salto. Ele deixara crescer uma barba espessa e estava mais musculoso do que nunca, mas o sorriso brilhante era o mesmo. Ele fingiu perplexidade diante dos trajes exóticos de Potício, erguendo uma das sobranceiras e batendo de leve com um dedo no chapéu cônico. Da mesma forma, Potício ergueu uma das sobranceiras e apontou para a coroa que estava na cabeça de Rômulo. Os dois caíram na gargalhada.

Remo se pôs de pé lentamente. O sorriso era fraco e ele caminhava com um ligeiro mancar. Abriu os braços e abraçou Potício.

Pinário se conteve, olhando para Potício com os braços cruzados e uma expressão sardônica no rosto.

É um prazer ter você de volta, primo. Seus estudos deram certo?

Extremamente certo, depois que meus professores meteram na minha cabeça um etrusco suficiente para que eu pudesse acompanhar as aulas.

Que bom para os professores. Por estas bandas, os gêmeos têm nos ensinado a todos um tipo diferente de lição... como derrubar um reino e pegar a coroa!

É, meu pai me contou. Eu agradeço a Hércules por você ainda estar vivo, Remo.

Hércules pode ter ajudado, mas foi meu irmão que cortou a garganta daquele canalha do Amúlio.

Rômulo sorriu.

É, nós estávamos discutindo exatamente isso com Pinário.

Pinário olhou desconfiado para Potício.

Talvez eu deva ir agora, e poderemos continuar a discussão mais tarde.

Não é preciso! Potício pode juntar-se a nós — disse Rômulo.

Tem certeza de que é uma boa idéia? — O olhar do primo era tão gelado que Potício fez meia volta para se retirar, mas Remo segurou-lhe o braço.

Fique, Potício. Nós precisamos de seus conselhos.

Os quatro sentaram-se à sombra da figueira. Rômulo retomou a discussão.

O problema é o seguinte: há quem diga que o que fizemos em Alba foi errado, que matar Amúlio foi assassinato e pegar o tesouro dele foi roubo. Pouco importa que essa conversa seja idiota; se houver quem pense que estamos errados, isso poderá nos criar problemas no futuro. Ninguém quer uma disputa sangrenta com os parentes de Amúlio nem mais encrencas entre Alba e Roma. Não se engane comigo: eu vou lutar contra qualquer homem que resolva nos enfrentar e vou matar qualquer homem que nos engane. Mas seria tudo mais fácil se as pessoas pudessem entender que nós agimos certo. Se ainda não entendem assim, como podemos convencê-las? Remo e eu temos refletido sobre essa questão há dias, sem chegar a lugar nenhum, e então, animado e cedo, hoje de manhã, vem Pinário com uma idéia que é tão brilhante que ilumina o céu. Não é brilhante, Remo?

Talvez. — O tom de voz dele era menos entusiasmado do que o do irmão.

Remo e eu não somos pensadores, somos realizadores. É por isso que um sujeito como Pinário é um amigo tão valioso. Ele lutou como um leão em Alba... e tem a cabeça no lugar, também!

Pinário lançou um olhar presunçoso para Potício.

Potício franziu o cenho.

Rômulo, do que você está falando?

Do plano de Pinário! Ou melhor, da verdade que Pinário nos revelou, que Iremos revelar para o resto do mundo. Devo contar a história a ele ou você conta, Remo?

Remo deu um sorriso fraco.

Conte você, irmão. Eu tenho medo de esquecer alguma coisa.

Muito bem. Você se lembra da história de como Fáustulo nos achou? Foi no ano da grande inundação. Remo e eu fomos colocados à deriva num berço de madeira que encalhou na encosta do Palatino, bem aqui. Foi aqui que Fáustulo nos encontrou. Como muita gente se afogou, todos pensaram que nós fôssemos apenas mais dois órfãos e, por isso, por que não deixar Fáustulo e sua mulher nos criarem como se fôssemos filhos deles? Eles sempre foram bons para conosco, isso ninguém pode negar. Eu os chamo de pai e mãe, e tenho orgulho disso.

Desviando o rosto dos gêmeos, Pinário sorriu. Potício sabia que ele estava pensando na piada de mau gosto sobre os irmãos sendo amamentados por uma loba.

Mas há uma coisa que Pinário descobriu fazendo algumas perguntas lá em Alba — continuou Rômulo. — Lembre-se: tudo isso aconteceu *no ano da grande inundação*. Naquela época, Amúlio não era o rei de Alba; seu irmão, Numitor, era o rei. Mas Amúlio, o canalha sanguinário que sempre foi, matou o irmão e assumiu a coroa. Ora, *aquilo* foi assassinato; *aquilo* foi roubo. Eu acho que não deve haver crime pior do que esse: um homem matar o próprio irmão! A única pessoa que restava que poderia causar problemas para Amúlio era a filha de seu irmão, Réia Sílvia. E se ela tivesse um filho, e se esse filho um dia decidisse, vingar o avô e retomar a coroa? Para evitar que isso acontecesse, Amúlio obrigou Réia Sílvia a se tornar uma sacerdotisa de Vesta... sendo Vesta a deusa do fogo que eles adoram em Alba. Suas sacerdotisas são chamadas de vestais e fazem um voto sagrado de se manterem virgens, sob pena de morte. Amúlio deve ter pensado que estava sendo muito esperto. Deixou que a sobrinha vivesse e, com isso, não manchou as mãos com mais sangue, mas encontrou um modo de evitar que ela gerasse um possível rival... e o fez de maneira que pudesse alegar ser agradável à deusa.

"Mas algo deu errado com o plano de Amúlio. Apesar do voto, apesar de ser mantida num pomar consagrado ao deus da guerra, Mavors, Réia Sílvia ficou grávida. Em Alba, há quem diga que Amúlio deve tê-la estuprado, uma vez que ele era o único homem que tinha acesso a ela, e qualquer homem que tenha matado o próprio irmão não estaria acima de estuprar a sobrinha. Mas outras pessoas em Alba contam uma história mais curiosa. Elas acham que deve ter sido Mavors que desonrou Réia Sílvia, uma vez que era no pomar dele que ela era mantida isolada.

"Fosse quem fosse o pai, Réia Sílvia conseguiu ocultar a gravidez até começar o trabalho de parto. Quando Amúlio foi informado, ficou furioso. Réia Sílvia deu à luz, mas muito pouco depois estava morta. Pode ser que Amúlio a tenha assassinado, pode ser que ela tenha morrido do parto. Mas agora a história fica ainda mais interessante, porque o povo de Alba diz que Réia Sílvia teve *gêmeos*. E é de se perguntar: o que aconteceu àqueles dois meninos, os netos do assassinado rei Numitor?

Potício olhou para ele com ar de dúvida.

Rômulo, o que você está insinuando?

Lembre-se, Potício, tudo isso aconteceu no ano da grande inundação... exatamente o ano em que Remo e eu fomos achados por Fáustulo.

Evocê acha...?

Os gêmeos recém-nascidos desapareceram... mas como foi que Amúlio se livrou deles? Ele podia reivindicar o direito de matar Réia Sílvia, você sabe, pois ela quebrara o voto de castidade, mas nem mesmo Amúlio queria nas mãos o sangue de dois recém-nascidos inocentes. Segundo o que se comenta em Alba, ele fez o que as pessoas normalmente fazem quando querem se livrar de um recém-nascido deformado ou indesejado: mandou um criado levar os gêmeos para um ponto longínquo e abandoná-los.

Potício confirmou com a cabeça, sério.

Ninguém pode ser declarado responsável pela morte de crianças abandonadas na selva. Elas morrem segundo a vontade dos deuses.

Mas será que sempre morrem? Todo mundo já ouviu falar de crianças abandonadas que foram criadas por animais selvagens ou, então, resgatadas porque os deuses ou os numes acharam que era preciso ajudá-las. Quem pode dizer que aqueles dois bebês, colocados lado a lado num berço de madeira em alguma encosta distante, não foram levados pela grande inundação para um lugar distante de Alba, onde ninguém os conhecia e onde foram criados em circunstâncias tranqüilas e humildes, a salvo de Amúlio, até o dia em que os deuses acharam que deviam guiá-los para o seu destino?

Potício abanou a cabeça.

Rômulo, esse tipo de conversa é um absurdo. É uma coisa louca.

Claro que é... brilhantemente louca! Dou todo o crédito a Pinário, que descobriu a história, viu a conexão óbvia e veio aqui hoje para nos expor os fatos.

Remo se mexeu. Fez uma careta. Será que estava com dor ou se sentia constrangido pelo entusiasmo do irmão?

Não se trata de fatos, Rômulo. São especulações absurdas.

Talvez. Mas não é o tipo de história em que o povo gosta de acreditar?

Você acredita, Rômulo? — perguntou Potício.

Seu treinamento como arúspice instilara nele um grande respeito pela busca da verdade. Procurar a verdade era, muitas vezes, uma atividade

difícil; os olhos e os ouvidos de uma pessoa não eram confiáveis, assim como não o eram as histórias contadas por outras, e mesmo nas melhores circunstâncias a vontade dos deuses podia ser obscura e sujeita a interpretações. A maneira pouco sincera de seu amigo brincar com a verdade o deixava constrangido, da mesma forma que, podia ver, constrangia Remo.

Talvez eu acredite nisso — respondeu Rômulo. — Sabe me dizer o nome da mulher que deu à luz Remo e eu, Potício? Não. Então, por que não dizer que foi Réia Sílvia?

Mas... isso faria de Amúlio seu pai... o homem que você matou por uma coroa!

Talvez. Ou terá sido o deus da guerra, Mavors, o nosso pai? Não zombe, Potício! Você diz que é descendente desse deus que está pendurado no seu pescoço e alega que o sangue de Hércules corre nas suas veias. Por que Remo e eu não poderíamos ser filhos de Mavors? Seja como for, a história indica que nós somos os netos e herdeiros do velho rei Numitor. Quando nos livramos de Amúlio e pegamos o seu tesouro, não estávamos fazendo mais do que vingar o assassinato de nosso avô e recuperar o que era nosso por direito!

Houve um longo silêncio, até que, por fim, Remo falou.

Tal como Potício, eu tenho reservas quanto a essa idéia. Mas devo admitir que reivindicar uma linhagem de sangue real poderá resolver uma quantidade enorme de problemas para nós, não apenas agora, para pacificar o povo de Alba, mas também mais adiante, se pessoas daqui hesitarem em nos ser leais ou sentirem inveja da nossa boa sorte.

Rômulo colocou uma das mãos no ombro de Remo e sorriu.

Meu irmão é o mais sábio dos homens. E você, Pinário, é o mais inteligente. — Pinário respondeu com um sorriso. — E que sorte nós temos, hoje, por receber de volta o nosso mais velho e fidelíssimo amigo, depois de tantos anos de ausência.

Ele olhou para Potício com uma expressão de tamanho calor e afeto que os sentimentos de constrangimento de Potício desapareceram, assim como a névoa matutina sobre o Tibre desaparece sob o sol nascente.

753 a.C.

Nos MESES SEGUINTEs, os GÊMEOS continuaram a tirar proveito de seu sucesso em Alba. Espalhados por vários pontos que ficavam a poucos dias de viagem de Roma havia inúmeros homens que tinham acumulado riqueza e poder suficientes para mandar nos vizinhos, cercarem-se de guerreiros e intitular-se reis. Rômulo e Remo encontraram motivos para desafiar aqueles homens, e um a um os derrotaram em combate, confiscaram sua riqueza e convidaram os guerreiros a juntarem-se a eles em Roma. Os gêmeos eram combatentes ferozes e destemidos. À medida que as vitórias se acumulavam, os dois iam adquirindo a reputação de invencíveis. As pessoas achavam fácil acreditar que fossem filhos de Mavors.

Quanto mais a fama se espalhava, mais homens vinham juntar-se a eles, atraídos pela chance de aventura e de participação no butim. Todo dia, novos estranhos apareciam no mercado, perguntando pelos gêmeos. Esses homens eram muito diferentes dos mercadores honestos que vinham visitando o mercado havia gerações, bem como dos trabalhadores diligentes que passavam pela região à procura de emprego sazonal nos abatedouros e no salgado de carne. Os recém-chegados eram homens de aspecto rude. Alguns portavam armas, usavam elmos de bronze ou peças de armadura que não combinavam, e tinham cicatrizes de batalhas anteriores. Alguns chegavam apenas com os farrapos que vestiam e muitos desviavam o olhar e mantinham segredo quando se tratava de seus passados. Alguns eram jovens inocentes, sonhadores, com ânsia de aventura, cativados por histórias sobre os gêmeos e ansiosos por servirem sob suas ordens.

— O que eles fizeram com a nossa Roma? — lamentou-se o Potício mais velho. — Eu me lembro de quando se podia circundar as Sete Colinas sem encontrar uma única pessoa que não se conhecesse pelo nome. Nós conhecíamos o vizinho; conhecíamos os avós dele, sabíamos quem eram seus primos e qual deus era o mais sagrado na casa dele. Todas as famílias entre nós moravam aqui há várias gerações. Agora, toda vez que saio da cabana, sinto como se tivesse caído num agrupamento de rejeitados e de ladrões de gado! Foi muito ruim quando esses estrangeiros começaram a aparecer entre nós, espalhando-se por aqui, sem que tivessem sido convidados. Agora, os gêmeos divulgaram uma convocação para que esse tipo de homem venha para Roma! "Venha unir-se a nós!", dizem eles. "Não importa quem você é, onde esteve, ou do que está fugindo. Se tem condições físicas para lutar e está disposto a fazer um juramento de fidelidade, pegue em armas e venha saquear conosco!" Todos os assassinos

e bandidos das montanhas até o mar podem encontrar um lar em Roma, lá no monte Asilo. E por que não? Assassinos e bandidos são exatamente o tipo de homem que Rômulo e Remo estão procurando!

Potício, que agora tinha cabana própria e morava perto dos gêmeos no Palatino, tinha ido à casa dos pais para uma breve visita, mas ficara preso pelas reclamações do pai. A referência do pai ao monte Asilo foi de uma crueldade especial. Como o número de seguidores dos gêmeos tinha ficado cada vez maior, encontrara-se lugar para eles no topo do morro alto que ficava diretamente acima do mercado. Era um ponto natural para alojar um exército; os dois locais mais altos em pontos opostos do monte proporcionavam vistas amplas da região nas cercanias, e encostas íngremes em cada lado faziam do monte o ponto mais defensável de Roma. O nome que o povo dera ultimamente ao morro, Asilo, vinha do altar que os gêmeos tinham erguido lá, dedicado a Asileu, o deus padroeiro dos vagabundos, fugitivos e exilados, que oferecia abrigo àqueles que não podiam conseguir em qualquer outro lugar. Por ser um arúspice, e devido ao seu treinamento como sacerdote de Hércules, Potício presidira a consagração do Altar de Asileu. As palavras duras de seu pai sobre o Asilo e seus habitantes atingiram Potício como uma reprovação pessoal.

Mas o Potício mais velho estava apenas começando sua diatribe.

E você, meu filho... você vai com eles nesses ataques. Você participa do saque!

Eu viajo com Rômulo e Remo como arúspice deles, papai. Nas travessias dos rios, eu peço aos numes uma passagem segura. Antes de cada batalha, eu faço os prognósticos, lendo as entranhas de pássaros para determinar se o dia está propício a uma vitória. Durante as tempestades, estudo os sinais dos raios à procura da vontade dos deuses. São as coisas que fui treinado para fazer durante meus estudos em Tarquínia.

Antes de se tornar um arúspice, você era um sacerdote de Hércules, meu filho. Primeiro, e acima de tudo, você é o guardião do Altar-Mor.

Eu sei disso, papai, Mas pense bem: Hércules era filho de um deus e um herói para o povo, Rômulo e Remo também são.

Não! Os gêmeos não são nada além de órfãos criados por um criador de porcos e pela prostituta da mulher dele. Eles se parecem mais com Caco do que com Hércules.

— Papai!

Pense, meu filho. Hércules salvou o povo e seguiu em frente, sem pedir nada. Caco matou e roubou sem remorso. Com qual dos dois seus adorados gêmeos se parecem?

Potício engoliu em seco diante da temeridade das palavras de seu pai. Se ele próprio algum dia tivera tais pensamentos, ele os banira assim que tomara a decisão de apoiar os gêmeos e vincular sua sorte à deles.

E agora — prosseguiu o pai — eles planejam cercar uma boa parte de Roma com um muro, ainda mais alto e mais forte do que as estacas que cercavam a imponente casa de Amúlio em Alba.

Mas, papai, um muro certamente é uma coisa boa. Roma vai se tornar uma cidade propriamente dita. Se formos atacados, o povo poderá encontrar segurança do lado de dentro dos muros.

E por que alguém iria querer atacar o bom e honesto povo de Roma, exceto pelo fato de os gêmeos terem provocado derramamento de sangue e miséria sobre os outros... e trazido na volta um butim maior do que aquilo de que necessitam? Há duas maneiras de seguir caminho no mundo, meu filho. Uma é aquela que seus ancestrais seguiram: negociando em paz e honestamente com terceiros, oferecendo hospitalidade a estranhos, não acumulando bens acima do que se precisava para viver com conforto e esforçando-se para não ofender nem homens nem deuses. As pessoas devem fazer trocas pelas coisas que necessitam; Roma proporcionava um lugar seguro e honesto para se fazer isso e, assim, interessava a todos deixar Roma ileso. E por não termos acumulado riqueza, não atraíamos a inveja dos homens gananciosos e violentos.

"Mas existe um outro meio de vida, o de homens como Amúlio, Rômulo e Remo: tirar pela força aquilo que outros homens acumularam com trabalho árduo. Sim, o estilo deles conduz, com rapidez e certeza, a uma grande riqueza... e, com a mesma certeza, ao derramamento de sangue e à ruína. Está tudo bem quando se trata de intimidar e roubar vizinhos e depois usar o tesouro que se roubou para pagar estranhos para ajudar a intimidar e roubar mais vizinhos. Mas o que vai acontecer quando esses vizinhos se unirem e vierem à procura de vingança ou quando um vagabundo mais forte aparecer em cena e tentar roubar o tesouro dos gêmeos?

"Ah, mas se isso acontecer, diz você, haverá um *muro* para nos manter a salvo. Que absurdo! Será que os gêmeos não aprenderam nada com a vitória deles sobre Amúlio? Os muros mantiveram Amúlio a salvo?

Seus guerreiros mercenários o salvaram? Todo o tesouro dele deu para comprar sequer uma única respiração quando Rômulo lhe cortou a garganta?

Potício abanou a cabeça.

—Tudo o que o senhor diz faz um sentido perfeito, papai, exceto quanto a uma grande diferença entre Amúlio e os gêmeos. Amúlio perdeu o apoio dos deuses; a sorte voltou-se contra ele. Mas os deuses amam Rômulo e Remo.

Você quer dizer que *você* os ama, meu filho!

—Não, papai. Eu falo não como amigo deles, mas como um sacerdote e um arúspice. Os deuses amam os gêmeos. É uma verdade manifesta. Em toda batalha, em especial numa batalha até a morte, tem que haver um vencedor e um perdedor. Rômulo e Remo vencem sempre. Isso não poderia acontecer a menos que os deuses assim o desejassem. O senhor fala com desprezo sobre o caminho que eles escolheram, mas eu lhe digo que o caminho deles está abençoado pelos deuses. De que outra forma se pode explicar o sucesso deles? É por isso que eu os sigo e é por isso que uso todas as aptidões que possuo para iluminar a estrada à frente deles.

O pai, incapaz de refutar aquelas palavras, ficou calado.

Os GÊMEOS CONCORDAVAM QUE SE devia construir um muro, mas não concordavam quanto à sua localização.

Rômulo era a favor de um muro que cercasse o Palatino. Remo achava que o muro devia ser construído em torno do Aventino, mais ao sul. Dia após dia, Potício ouvia os dois discutirem.

Seus motivos são puramente sentimentais, irmão — disse Remo. — Nós fomos criados aqui no Palatino e, portanto, você quer torná-lo o centro de Roma. Mas ninguém mora no Palatino, exceto uns poucos pastores e seus rebanhos. Por que construir um muro em torno de uma cidade de ovelhas? Ou você pretende expulsar os pastores e cobrir o Palatino de prédios? Eu lhe digo: deixe este monte selvagem e aberto, como foi quando nós éramos meninos, e construa a cidade em outro ponto qualquer. Ao sul do Espinão é o local natural para expandir, perto da beira-rio. O mercado, os depósitos de sal e os abatedouros já estão pressionando o sopé do Aventino. É ele o monte que devíamos cercar com um muro, sobre o qual começaríamos a construir uma cidade de verdade.

O que você diz é perfeitamente razoável, irmão! — Rômulo deu uma risada.

Os dois irmãos, juntamente com Potício e Pinário, passeavam pelo Palatino. O céu estava de um azul estonteante, com nuvens acumuladas sobre o horizonte. O monte estava coberto de capim verde e flores primaveris, mas não se via uma única ovelha pastando; as ovelhas tinham sido todas recolhidas em seus redis, que eram adornados com galhos de junípero e coroas de folhas de louro. Era o dia das palílias, o festival da deusa Pales. Aqui e ali, rolos de fumaça subiam aos céus. Cada família tinha armado o seu altar a Pales, e sobre aquelas pedras erguidas estavam queimando várias substâncias: para purificação, punhados de enxofre, que emitia uma fumaça azul-celeste, seguidos de gravetos de alecrim aromático, louro e sabina, depois uma oferenda composta por talos de feijão misturados com cinzas de bezerros, salpicados com sangue de cavalo. Com galhos de junípero, os pastores abanavam a fumaça pelos animais cercados; a fumaça sagrada de Pales manteria o rebanho saudável e fértil. Depois, os pastores festejavam com bolos de painço e bebiam terrinas de leite quente salpicado de mosto vermelho.

Perfeitamente razoável — repetiu Rômulo. — Mas não estamos falando de razão, irmão. Estamos falando sobre a criação de uma cidade feita para dois reis. Você diz que eu sou a favor do Palatino porque sou sentimental. Sou mesmo! Como é que você pode caminhar por este morro no dia das palílias e não sentir o caráter especial deste local? Houve um motivo para os deuses deixarem o nosso berço na encosta do Palatino. Na verdade, este é o verdadeiro coração de Roma! É em torno do Palatino que devemos construir um muro, para honrar o lar que nos criou. Os deuses vão abençoar o nosso empreendimento.

Ridículo! —vociferou Remo, com uma violência que assustou a todos. — Se você não sabe atender à razão, como espera governar uma cidade?

Rômulo esforçou-se para manter um tom normal.

Eu já fiz um bom trabalho até agora, irmão, montando um exército e liderando-o em combate.

Governar uma cidade será diferente. Será que você é tão tolo que não entende isso?

Você tem a ousadia de *me chamar* de tolo, Remo? Não fui eu o tolo que foi capturado por Amúlio e precisou ser resgatado...

Como ousa jogar isso na minha cara?! Ou será que gosta de me lembrar das horas que passei sofrendo, inutilmente, porque você perdia tempo aqui em Roma...

Injusto, irmão! Não é verdade!

E porque *você* estrangulou Amúlio, *você* usa a coroa todos os dias, embora tenha prometido que ela seria dividida igualmente entre nós dois.

É este o motivo disso tudo? Tome! Use-a! — Rômulo ergueu a coroa de ferro da cabeça, atirou-a no chão e retirou-se. Pinário correu atrás dele.

Quando eram meninos, os gêmeos nunca haviam discutido. Agora, pareciam discutir o tempo todo, e as discussões ficavam cada vez mais violentas. Desde a infância, Rômulo tinha sido o mais teimoso e impulsivo, e era Remo que continha o irmão. Mas a tortura que ele sofrerá nas mãos de Amúlio provocara mudanças em Remo. Seu corpo jamais se recuperara de todo; ele ainda andava mancando ligeiramente. Mais do que isso, até a moderação o abandonara; ele ficara tão fácil de se irritar quanto o irmão. Rômulo também mudara desde Alba. Continuava dinâmico como antes, mas estava mais disciplinado e resoluto... e mais seguro de si e arrogante do que nunca.

Em Alba, Remo sofrerá as torturas de Amúlio; Rômulo desfrutara o brilho do triunfo e a satisfação de salvar o irmão. Um tinha sido vítima; o outro, herói. Essa disparidade criara um fosso entre eles, pequeno no início, mas que estava sempre aumentando. Potício sabia que a discussão que acabara de testemunhar não era sobre o muro, mas sobre algo que dera terrivelmente errado entre os gêmeos, algo que nenhum dos dois sabia dizer o que era nem como resolver.

A coroa jogada fora tinha ido cair aos pés de Potício. Ele se curvou para levantá-la da grama e ficou surpreso ao ver como era pesada. Ofereceu-a a Remo, que a pegou, mas não a colocou na cabeça.

Essa questão do muro tem de ser resolvida de uma vez por todas — disse Remo com tranqüilidade, olhando para a coroa. — O que você acha, Potício? — Ele viu o olhar preocupado no rosto do amigo e deu uma gargalhada magoada. — Não, eu não estou pedindo que você tome partido. Estou pedindo o seu conselho como arúspice. Como poderíamos resolver essa questão consultando a vontade dos deuses?

Com a rapidez de um piscar de olho, uma sombra passou sobre eles. Potício ergueu o olhar e viu um abutre lá no alto.

Acho que sei um modo — disse ele.

A DISPUTA FOI REALIZADA NO dia seguinte. Não foi Potício que classificou o fato como uma disputa, mas os gêmeos, porque era evidente que era assim que pensavam. Para Potício, foi um rito muito solene, que exigiu toda a sabedoria que ele adquirira em Tarquínia.

O ritual foi realizado simultaneamente em cada um dos montes envolvidos na disputa. Rômulo ficou sobre um ponto elevado no Palatino, olhando para o norte; ao seu lado estava Pinário, no papel de sacerdote de Hércules. Remo, com Potício, estava sobre o Aventino, olhando para o sul. Em cada ponto, uma lâmina de ferro tinha sido fíncada na terra, em pé, de modo que pela sua sombra pudesse ser determinado o exato momento do meio-dia. Uma marca fora feita no chão a uma distância estabelecida da lâmina, para assinalar, pela sombra móvel da lâmina, a passagem de uma exata medida de tempo. Naquele período, cada irmão e seu sacerdote ficariam observando o céu à procura de abutres voando. Os sacerdotes iriam contar cada abutre que fosse avistado, fazendo um risco na terra com uma lança.

Por que abutres? Potício explicara seu raciocínio aos irmãos:

— O abutre é sagrado para Hércules, que sempre se alegrava ao avistar um deles. Dentre todas as criaturas, ele é a menos nociva; ele não danifica produtos agrícolas, nem árvores frutíferas, nem gado. Não mata nem fere qualquer coisa viva, mas caça apenas carne em decomposição, e mesmo assim não caça outros pássaros; enquanto que águias, falcões e corujas atacam e matam a própria espécie. De todos os pássaros, é ele o mais raro de se ver, e poucos homens alegam já ter visto filhotes de um abutre. Por causa disso, os etruscos acreditam que os abutres vêm de um outro mundo. Portanto, que a visão de abutres determine a vontade do céu quanto à localização da cidade de Roma.

Chegou o meio-dia. No topo do Aventino, Remo ergueu o braço e apontou.

Lá está um!

Potício abafou um sorriso. Seu treinamento como arúspice o ensinara a reconhecer todo tipo de pássaro a uma grande distância.

Eu creio que aquilo é um falcão, Remo.

Remo apertou os olhos.

E é mesmo.

Continuaram a observar. O tempo parecia passar muito devagar.

Estou vendo um, lá longe — disse Potício. Remo seguiu a direção do olhar e confirmou com a cabeça. Potício pressionou o chão com a lança e fez uma marca.

E lá está outro! — gritou Remo. Potício concordou, e fez um segundo sulco.

E assim foi, até que a sombra da lâmina atingiu a marca que assinalava o fim do torneio. Havia seis sulcos no chão, para assinalar os seis abutres que Remo havia visto. Ele sorriu e bateu palmas, parecendo contente. Potício concordou que era um número considerável, que indicava um bom augúrio.

Eles desceram do Aventino. Deviam encontrar-se com Rômulo e Pinário na ponte para pedestres sobre o rio Espinão, mas depois de muito esperar, Remo ficou impaciente. Foi em direção à Escada de Caco, seguido por Potício. Quando Remo subia a escada, tropeçou em alguns dos degraus. Potício observou que o mancar do amigo estava muito forte naquele dia.

Encontraram Rômulo e Pinário sentados numa árvore caída não muito longe do ponto em que eles tinham ficado de vigia sobre o Palatino. Os dois riam e conversavam, evidentemente muito satisfeitos.

Nós devíamos nos encontrar no Espinão — disse Remo. — Por que vocês ainda estão aqui?

Rômulo se levantou. Tinha um sorriso largo.

Por que o rei de Roma deixaria o centro exato de seu reino? Eu disse a você que o Palatino é o coração de Roma, e hoje os deuses deixaram claro que concordam com isso.

O que você está dizendo?

Vá ver você mesmo.

Rômulo apontou para o local em que Pinário tinha feito os sulcos no chão.

Quando Potício viu o número de sulcos, respirou bem fundo.

Impossível! — sussurrou ele.

Eram tantos os sulcos que não podiam ser contados com um simples olhar. Remo contou em voz alta:

... dez, onze, doze. Doze! — Ele se voltou para encarar Rômulo. — Você está dizendo que viu doze abutres, irmão?

Vi, mesmo.

Não foram pardais, águias, falcões?

Abutres, meu irmão. O pássaro mais sagrado para Hércules... e o mais raro. No período indicado, eu vi e contei doze abutres no céu.

Remo abriu a boca para dizer alguma coisa, depois fechou-a, perplexo. Potício olhou para Pinário.

Isso é verdade, primo? Você confirmou a contagem com seus próprios olhos? Você fez cada um desses sulcos no chão? Realizou o ritual aberta e honestamente perante os deuses, como deve fazer um sacerdote de Hércules?

Pinário encarou-o friamente e não piscou.

Claro, primo. Foi tudo feito como devia ser feito. Rômulo viu doze abutres, e eu fiz doze marcas. Quantos abutres Remo viu?

Se Pinário estava mentindo, Rômulo também estava, tapeando o próprio irmão e sorrindo enquanto o fazia. Potício olhou para Remo; o queixo do amigo tremia, e ele piscava rapidamente. Desde a tortura que sofrerá por parte de Amúlio, às vezes o rosto de Remo tremia com violência, mas aquilo era diferente. Remo estava contendo as lágrimas. Abanando a cabeça, sem poder falar, ele se afastou depressa, mancando bastante.

Quantos o Remo viu? — tornou a perguntar Pinário.

Seis — sussurrou Potício.

Pinário confirmou com a cabeça.

Neste caso, a vontade dos deuses está clara. Não concorda, primo?

MAIS TARDE, QUANDO RÔMULO O levou para um canto e pediu seu conselho, como arúspice, quanto à construção das fronteiras da cidade, Potício resistiu. Ele quase acusou Rômulo de ter mentido, mas Rômulo leu seus pensamentos. Nunca admitindo trapaça, ele afastou as dúvidas de Potício com relação à contagem dos abutres. Tinha havido uma discordância, a discordância tivera que ser resolvida de algum modo — e tinha sido solucionada; agora, eles deviam seguir em frente.

Por meio de uma sutil bajulação, Rômulo convenceu Potício de que a sua participação era essencial para a fundação da cidade. Havia um meio certo e um meio errado de fazer uma coisa dessas, e não havia dúvida, para o bem do povo de Roma e seus descendentes, de que tudo seria feito de acordo com a vontade dos deuses — e quem podia adivinhar, de modo confiável, a vontade deles, a não ser Potício? Rômulo declarou seu mais

enfático desejo de que Remo realizasse uma parte igual do ritual e convenceu Potício a fazer o papel de pacificador entre eles.

Graças a Potício, quando chegou o dia de estabelecer o *pomerium* — a fronteira sagrada da nova cidade —, tudo foi feito como devia, e os dois gêmeos participaram.

O ritual foi realizado de acordo com antigas tradições transmitidas pelos etruscos. No local que Potício determinou como sendo o centro exato do Palatino — e, assim, o centro da nova cidade—, Rômulo e Remo deram o primeiro passo e cavaram uma cova profunda, usando uma pá que passavam de um lado para o outro. Todos aqueles que quisessem ser cidadãos avançavam um a um e jogavam um punhado de terra na cova, dizendo: "Aqui está um punhado de terra de...", e diziam o nome do lugar de onde vinham. Aquelles que moravam em Roma havia gerações realizaram o ritual tal como os que eram recém-chegados, e a mistura do solo simbolizava a fusão da coletividade. Até o pai de Potício, apesar de suas reservas quanto aos gêmeos, participou da cerimônia, jogando na cova um punhado de terra que raspava do chão em frente do portal da cabana da família.

Quando a cova ficou cheia, um altar de pedra foi colocado no chão. Potício pediu ao deus do céu, Júpiter, pai de Hércules, que olhasse pela fundação da cidade. Rômulo e Remo convidaram Mavors e Vesta para servirem de testemunhas — o deus da guerra que, segundo os boatos, era o pai deles, e a deusa do fogo, à qual aquela que se dizia ser a mãe deles, Réia Sílvia, tinha sido consagrada.

Num prazo mais curto do que o esperado, os gêmeos tinham cercado o Palatino e decidido o melhor caminho para uma rede de fortificações que o rodeasse. Agora, desceram ao sopé do monte, onde um arado de bronze tinha sido preso a uma junta puxada por um touro branco e uma vaca branca. Revezando-se, os irmãos cavaram um sulco ininterrupto para marcar a fronteira da nova cidade. Enquanto um arava, o outro caminhava ao seu lado e usava a coroa de ferro. Rômulo começou o sulco; Remo pegou o último turno e uniu o *finis* do sulco ao seu começo.

A multidão que havia seguido cada passo do avanço ovacionou, riu e chorou de alegria. Os irmãos levantaram os cansados braços para o céu, depois se voltaram um para o outro e se abraçaram. Naquele momento, Potício achou que os gêmeos eram realmente amados pelos deuses e que nenhum poder sobre a Terra poderia derrotá-los.

Naquele dia, no mês que mais tarde seria chamado de Aprilis, no ano que mais tarde seria conhecido como 753 a.C., nasceu a cidade de Roma.

A CONSTRUÇÃO DE FORTIFICAÇÕES COMEÇOU imediatamente. Comparado com as grandes muralhas que tinham sido construídas em outras partes do mundo, como as da antiga Tróia, tratava-se de um projeto muito modesto. O plano não era construir um muro de blocos de pedra; isso teria sido impossível, uma vez que não havia pedreiras para fornecer a pedra, não havia pedreiros competentes para dar forma aos blocos e fixá-los, nem ninguém com competência suficiente em engenharia para projetar um muro daqueles. Em vez disso, a nova cidade seria defendida por uma rede de trincheiras, defesas aterradas e estacas de madeira. Em alguns lugares, emendas e modificações da encosta íngreme proporcionariam uma defesa adequada.

Por mais modesto — ou mesmo primitivo — que o projeto tivesse parecido a um rico tirano grego ou a um construtor egípcio de templos, as primeiras fortificações de Roma foram uma realização numa escala nunca antes tentada na região das Sete Colinas. Como mão-de-obra, Rômulo e Remo convocaram os moradores do monte Asilo que tinham feito incursões com eles, bem como os jovens locais com os quais eles tinham crescido. Poucos de cada um dos dois grupos tinham muita experiência nas tarefas que os gêmeos lhes atribuíram. Erros freqüentes e muito esforço desperdiçado provocavam muitas brigas no local de trabalho.

Sempre que algo dava errado, era Rômulo, e não Remo, que tinha acessos de raiva. Ele berrava com os operários, ameaçava-os e, às vezes, até mesmo batia neles. Quanto mais os operários protestavam que não tinham culpa, mais furioso Rômulo ficava, enquanto Remo ficava de lado e via as explosões do irmão com um prazer que praticamente não era disfarçado. A princípio, Potício achava que as coisas estavam simplesmente voltando ao normal, com Rômulo mostrando ser o mais esquentado dos gêmeos e Remo, o mais calmo. Mas depois que aquela cena se repetiu inúmeras vezes — uma falha nas fortificações, expressões de ultraje por parte de Rômulo, os operários alegando não ter culpa e Remo observando calado o incidente —, Potício começou a sentir uma incômoda suspeita.

Ele não estava sozinho. Pinário também estava presente todos os dias, e havia pouco que escapasse à sua atenção. Uma tarde, ele levou Potício para um lado.

Primo, essa situação não pode continuar. Eu acho que você devia ter uma palavra com Remo... a menos, é claro, que seja você que esteja fazendo com que ele aja desse modo.

Do que é que você está falando, Pinário?

Até agora, eu não disse nada a Rômulo sobre minhas suspeitas. Eu não quero, de forma alguma, provocar mais encrenca entre os gêmeos.

Seja mais claro! — disse Potício.

— Muito bem. Tem havido muitos problemas com a construção dessas fortificações. Os homens podem não ser construtores capazes, mas não são idiotas. Tampouco são, todos, preguiçosos e covardes a ponto de nenhum deles aceitar a responsabilidade por um erro honesto. No entanto, continuam a acontecer erros, sem que ninguém assuma a culpa. Rômulo fica mais contrariado a cada dia, enquanto Remo mal consegue conter o riso. Um pouco de dano inofensivo é uma coisa. Traição deliberada é outra.

Você está dizendo que alguém está sabotando a construção?

Talvez não seja nada além de travessuras. A intenção pode ser enfurecer Rômulo, mas o dano vai além disso. Estão fazendo com que Rômulo pareça um idiota. Sua autoridade está sendo solapada. O moral dos homens está sendo danificado. Alguém muito inteligente está por trás disso. É você, primo?

Claro que não!

Então, quem é? Alguém íntimo de Remo, alguém que possa falar com ele livremente, precisa discutir esse assunto muito seriamente com ele. Eu, não; Remo pensa que eu sou a favor de Rômulo. Talvez você devesse falar com ele, primo.

E acusá-lo de traição?

Use as palavras que achar melhor. Apenas faça com que Remo entenda que essa situação não pode continuar.

MAS QUANDO POTÍCIO CONVERSOU COM Remo — com muito cuidado e de forma indireta, sem acusá-lo de nada, mas dando a entender que alguém estava prejudicando o progresso das fortificações —, o gêmeo afastou a idéia.

Quem faria uma coisa dessas? Sem dúvida, ninguém que eu possa imaginar. Mas você já pensou, meu bom Potício, que o projeto todo está amaldiçoado? Que se há uma vontade agindo para frustrar a construção, não poderia ser uma vontade que não seja humana?

Potício abanou a cabeça.

Tudo foi feito para tranquilizar os numes e apelar aos deuses pela bênção deles. Você mesmo invocou Mavors e Vesta...

Sim, mas será que a adivinhação original foi conduzida de maneira correta?

Potício sentiu-se pessoalmente afrontado.

A disputa para avistar os abutres foi concebida de maneira correta. Eu usei de todos os princípios de adivinhação que aprendi em Tarquínia...

Eu não vejo falha alguma em você, Potício, nem em sua habilidade como arúspice. Mas será que os abutres foram contados de forma correta... e honesta? Se não, a escolha do Palatino foi baseada numa falsidade, e a cidade imaginada por meu irmão Rômulo é uma ofensa aos deuses... que têm meios de tornar a vontade deles conhecida.

Potício abanou a cabeça.

Mas se você acredita nisso, Remo...

Eu não disse que acredito. Só estou falando nisso como uma possibilidade. Pelo menos, ela é tão crível quanto a sua sugestão de que alguém, maldosamente, está provocando danos. Volto a lhe perguntar, Potício: quem faria uma coisa dessas? Quem iria querer provocar tanta encrenca e teria a ousadia e a astúcia para fazê-lo?

Remo ergueu uma sobrancelha e dirigiu a ele um sorriso indulgente para mostrar que, no que lhe dizia respeito, a idéia do amigo tinha sido posta de lado. Mas Potício, mais constrangido do que nunca, viu-se diante de uma nova suspeita. Ele agora estava certo de que Remo não havia feito nada para prejudicar a construção, apesar de demonstrar um amargo prazer diante da aflição do irmão. Se havia um provocador entre eles, uma pessoa que dizia uma coisa e queria dizer outra, que sempre parecia ter seus próprios motivos ulteriores, essa pessoa não seria seu primo Pinário?

Sobre esta nova suspeita, Potício nada disse. Decidiu observar e esperar e, enquanto isso, ficar calado. Mais tarde iria desejar ter desabafado, não apenas para Remo, mas também para Rômulo; mas talvez nada que ele pudesse ter feito teria alterado o rumo dos acontecimentos.

O VERÃO CHEGOU E, COM ele, dias longos e sufocantes. O trabalho nas fortificações continuou, mas devagar e com repetidos reveses. Os homens foram ficando cansados de tanto trabalho árduo e inquietos; queriam voltar

a fazer ataques repentinos. Foi num dia muito quente, úmido, quando os pavios já estavam curtos, que o pior de todos os percalços aconteceu.

Os homens estavam trabalhando numa seção do perímetro em que o terreno, em sua maioria era plano e, por isso, exigia uma grande fortificação. Primeiro construíram um muro de estacas em seções. Cada seção era feita de estacas pontudas, colocadas lado a lado e depois presas umas às outras com tiras de couro. Cavou-se uma trincheira estreita, na qual as seções de estacas foram colocadas em pé e amarradas, para que quando a trincheira fosse cheia com terra firmemente compactada, o muro de estacas ficasse seguro. Mas Rômulo não ficou satisfeito com a altura do muro pronto. Muitos dos troncos e galhos de árvores que tinham sido usados para as estacas mal ultrapassavam a altura de um homem e, uma vez enterrados na trincheira, ficaram ainda mais curtos; se escombros — ou cadáveres — suficientes fossem empilhados diante do muro, um atacante com pernas longas e nervos fortes poderia ousar saltar por cima das estacas. Rômulo decidiu que ao longo daquela seção era necessária uma outra camada de defesa e ordenou que os homens cavassem uma trincheira externa, à altura do joelho, que seria cercada de estacas.

Cavar era a atividade que os homens mais desprezavam, em especial na terra dura, cozida pelo sol. O suor pingava, eles resmungavam e comentavam como seria muito mais agradável montar num cavalo e sair cavalgando com o vento quente batendo-lhes no rosto, à procura de butim, derramamento de sangue e mulheres.

De repente, primeiro em uns poucos locais e depois ao longo de todo o comprimento da cova, a encosta de terra entre o muro e a trincheira começou a desmoronar. Os homens tinham cavado muito perto das estacas. A terra batida que escorava o muro cedeu. No mesmo instante, todo o muro caiu para a frente, diretamente sobre os homens que cavavam a trincheira.

Rômulo estava perto, discutindo o trecho seguinte das fortificações com Remo, Potício e Pinário. Ao som de homens gritando, todos acorreram e viram uma cena de desespero. O muro caído era pesado demais para ser deslocado. Os homens presos embaixo dele tinham de ser arrastados para fora. Quando isso era impossível, os homens que faziam o resgate passavam a desmontar o muro, golpeando com facas as amarras de couro e puxando as estacas. Muitos dos homens tinham ficado gravemente feridos, com dedos esmagados, ossos quebrados e crânios rachados. Eles seguravam os ferimentos e gritavam de dor.

Em meio ao caos, Potício viu que Pinário levava Remo para um lado e estava falando junto ao ouvido dele. Potício nunca vira uma expressão de tanta fúria no rosto de Remo. O que estaria Pinário dizendo a ele?

Potício chegou mais perto e ouviu Pinário, que falava num sussurro rouco:

Isso nunca foi idéia minha, eu juro! Rômulo insistiu, e eu tive medo de negar...

Eu sabia! — bradou Remo. — Eu desconfiava, mas até agora não tinha certeza. Que mentiroso!

De faca na mão, ele empurrou Pinário para o lado e caminhou em direção ao irmão. Rômulo se levantou depois de ajudar um operário ferido e o viu se aproximar. Empalideceu ao ver a expressão na face de Remo e deu um salto para trás.

Remo não o atacou. Em vez disso, apontou com a faca para o muro caído.

Pronto, irmão, está vendo o que as suas tramas e mentiras conseguiram? Está contente agora?

Rômulo o encarou, perplexo.

Você reclamou que o muro não tinha altura suficiente — disse Remo. — Olhe para ele agora! Qualquer homem pode pular por cima dele, até mesmo um homem que manca.

Remo saiu correndo e pulou por cima do muro caído, depois voltou-se para provocar Rômulo mais ainda.

De que serve um muro, se não ficar em pé? E por que ele não fica em pé? Porque os deuses estão zombando de você, irmão. Você os irritou. Você pode mentir para mim, pode mentir para todo mundo em Roma, mas não pode enganar os deuses. Eles estão rindo de você, irmão, tal como eu estou rindo de você!

Os deuses estão do meu lado! — berrou Rômulo. — É você que tem derrubado todo o meu trabalho árduo. Como se atreve a cometer traição pelas minhas costas, e depois lançar a culpa nos deuses? Como ousa rir de mim? — bradou Rômulo, furioso, apanhou uma pá de ferro e avançou contra o irmão.

Os gêmeos tinham condições físicas parecidas demais para que a briga pendesse logo para um ou outro lado. Desde a tortura que sofrerá, Remo se tornara o mais fraco, mas brandia uma arma superior. A raiva de Rômulo deixava-o desajeitado e ele agitava a pá com selvageria, abrindo-se

para a faca de Remo. Os cortes de raspão que ele recebia deixavam-no mais furioso do que antes, mas também mais descuidado, e a dor solapava sua força. Algumas vezes, conseguiu atingir Remo em cheio com a pá, batendo-lhe nos ombros e quadris com força suficiente para derrubá-lo, mas Remo tornava a se levantar, desajeitado, recuperava o equilíbrio e, com habilidade, brandia a faca. Por fim, Rômulo acertou um golpe na mão de Remo e a lâmina voou pelos ares.

Rômulo ergueu a pá e ficou preparado para atacar o indefeso Remo com toda a força. Como se fossem uma só pessoa, aqueles que assistiam prenderam a respiração. Mas em vez de bater, Rômulo soltou um grito e jogou a pá fora. Caiu sobre Remo, segurando-o pela garganta, e os dois caíram no chão.

Potício apertou o peito com as mãos. Até aquele momento, ele realmente havia temido que um dos irmãos pudesse matar o outro. Agora, porém, atracados e lutando só com as mãos, estava claro que eles esgotariam sua fúria e cairiam na realidade. Potício abriu as palmas das mãos para o céu e sussurrou uma oração a Hércules. Enquanto fazia com os lábios o movimento correspondente ao nome do deus, achou tê-lo ouvido sendo dito em voz alta e voltou-se, vendo Pinário também de palmas abertas, sussurrando uma oração. Mas para que resultado Pinário rezava?

Os gêmeos rolavam no chão. A vantagem passava de um lado para o outro, enquanto eles se agrediam com selvageria, esganavam-se e tentavam furar os olhos um do outro.

Naquele dia, era a vez de Remo usar a coroa de ferro. Ela estava apertada. Ficou na cabeça dele durante todo o combate, até que de repente Rômulo estendeu a mão para agarrá-la e arrancou-a da cabeça do irmão. Remo deu um grito e tentou pegá-la de volta. Cada gêmeo agarrou a coroa com as duas mãos. Torceram-se de um lado para o outro até conseguirem se erguer e ficar de joelhos, cada qual puxando com toda a força o círculo de ferro, que parecia suspenso no ar, imóvel, entre eles. Os nós dos dedos deles ficaram brancos. Sangue escorria-lhes dos dedos, pintando a coroa de vermelho.

Remo perdeu a força. Seus braços ergueram-se bruscamente e ele caiu para trás. Rômulo também caiu de costas, mas voltou, desajeitado, a ficar de joelhos. Antes que Remo pudesse tornar a se levantar, Rômulo ergueu a coroa bem alto e arriou-a com toda a força.

Potício, que continuava sem parar as orações fervorosas e murmuradas, ouviu o destroçar de osso sob a carne cortada. O som foi tão agudo e estridente quanto o quebrar de um galho num dia de inverno. O golpe na cabeça de Remo foi tão violento que deixou no crânio uma massa do tamanho do punho de um homem.

Rômulo respirava com dificuldade, tremendo de exaustão. Olhou por um momento para o rosto arruinado do irmão e depois se levantou com dificuldade. Colocou a coroa ensangüentada na cabeça. Circundou o corpo do irmão, pisando e cambaleando como um bêbedo, olhando para o círculo de rostos chocados à sua volta.

Apontou para Remo.

— Pronto! Estão todos vendo? É isso que acontece a qualquer homem que tiver a ousadia de pular os *meus* muros!

Alguns dos membros da multidão engoliram em seco. Outros choraram. Uns poucos, os mais cruéis e sanguinários dos vagabundos que tinham ido para Roma a fim de procurar asilo, grunhiram em sinal de selvagem aprovação. Ao fundo, Potício ouviu os gritos de homens ainda presos sob o muro caído.

Potício viu grandes pontos oleosos diante de seus olhos e sentiu-se tonto. O momento tornou-se irreal. De algum modo, o mundo desperto desaparecera e aquele pesadelo o substituíra.

Rômulo parou de repente. Os ombros caíram. O olhar seguiu a linha de seu braço até o dedo indicador ensangüentado e depois até o rosto esmagado do irmão. Seu peito começou a encher e esvaziar convulsivamente. Ele jogou a cabeça para trás, caiu de joelhos e lançou um grito que nenhum dos presentes tinha ouvido antes. Homens taparam os ouvidos para isolá-lo. Ouvindo aquele grito, Potício sentiu como se seu coração tivesse parado de bater e seu sangue se tivesse transformado em gelo.

Rômulo desabou sobre o cadáver do irmão, chorando incontrolavelmente.

Potício desviou o rosto. Viu-se olhando para Pinário, que assistia, sem piscar, ao espetáculo da dor de Rômulo. Mais do que nunca, Potício achou que devia estar vivendo um pesadelo, pois como era possível alguém presenciar o horror do que Rômulo tinha feito e reagir, como Pinário reagia, com um leve sorriso?

REMO FOI ENTERRADO NO CUME do Aventino, no ponto em que ele olhara para o céu à procura de abutres. Potício supervisionou os ritos funerários. Rômulo estava entre os presentes ao velório. Ele não chorou. Também não falou; foi Potício que fez o elogio fúnebre. Na verdade, Rômulo nunca mais voltaria a falar no irmão nem, depois do funeral, permitiria que ninguém mais pronunciasse o nome de Remo em sua presença.

Foi um fato curioso, observado por todos, que depois da morte de Remo a série de dificuldades cessou. A construção das fortificações continuou sem mais contratempos, e o grandioso projeto foi rapidamente acabado.

Teria Remo mentido para Potício quando se eximiu de responsabilidade pelo contratempo? Não. Potício acreditava que uma outra pessoa tinha sido o responsável e parara depois da morte de Remo, a fim de fazer com que parecesse que Remo tinha sido o culpado. A mesma pessoa trabalhara para envenenar a mente de Rômulo contra o irmão e, da mesma forma, incitara Remo contra Rômulo ao dizer-lhe, no dia de sua morte, que o desafio dos abutres tinha sido um conchavo.

Mas Potício não tinha como provar aquelas suspeitas, e, sem provas, suas idéias de nada valiam; sua influência junto ao rei desaparecera. Depois da morte de Remo, Rômulo se valia, mais do que nunca, da assessoria de Pinário.

Foi seguindo os conselhos de Pinário que Rômulo, como rei de Roma, assumiu cada vez mais os deveres religiosos da cidade — deveres que, caso contrário, teriam ficado a cargo de Potício. Potício permaneceu sacerdote hereditário de Hércules e guardião do Altar-Mor — e continuaria assim pelo resto da vida — e de vez em quando o rei Rômulo ainda se utilizava de suas habilidades como arúspice; mas na maioria das vezes era o rei, e não Potício, que lia o céu à procura de sinais do favor dos deuses e determinava a vontade dos céus. E por que não? O próprio Rômulo era filho de um deus.

717 a.C.

RÔMULO TINHA APENAS 18 ANOS quando fundou a cidade e tornou-se seu rei. Trinta e seis anos depois, ele ainda era o rei de Roma.

Naqueles anos, muita coisa tinha sido realizada. Muitas batalhas tinham sido travadas. A maioria havia sido pouco mais de incursões

sazonais para saquear vizinhos e estabelecer o domínio de Rômulo sobre outros homens que se intitulavam reis. Uma recente série mais importante de combates tinha sido travada contra a cidade vizinha de Veios, que tentava reivindicar a propriedade dos leitos de sal na foz do Tibre e assumir o controle do comércio de sal. Pela força das armas, Rômulo obrigou os veiosianos a desistir de suas reivindicações. Estabeleceu a supremacia de Roma como incontestável empório de sal e garantiu o prosseguimento de sua prosperidade. Mas Veios tinha sido apenas vencida, não conquistada; a cidade ainda continuaria a guerrear contra Roma por muitas gerações.

Altars para muitos deuses e deusas tinham sido erguidos, e templos também foram construídos. O primeiro templo de Roma foi construído por Rômulo no alto do monte Asilo e dedicado ao rei dos deuses, Júpiter. Era um pequeno prédio retangular de madeira — o lado mais comprido media apenas 15 passos — de fachada muito simples, com um frontão triangular sem adornos, sustentado por dois pilares. Não continha estátua alguma, apenas um altar, mas abrigava os espólios de guerra que Rômulo tirara de outros reis.

Em honra a Réia Sílvia, sua mãe, ele construiu um templo para a deusa Vesta. Era um prédio redondo, com paredes de vime e um telhado de sapé; quanto à forma, não era diferente da cabana em que Rômulo crescera, mas muito maior. Continha uma lareira na qual queimava uma chama sagrada cuidada por sacerdotisas virgens. Em honra a Mavors, seu pai, ele ergueu um altar sobre a larga planície cercada pelo braço do Tibre, que servia de terreno adequado para o treinamento de seus soldados. Aquela área ficou conhecida como o Campo de Mavors.

Assim como fortificara o Palatino, Rômulo acabou fortificando o monte Asilo e também o Aventino, realizando a ambição de seu irmão. O lago pantanoso que alimentava o Espinão, Rômulo secou e encheu com entulho e terra bem prensada. O vale que disso resultou, acessível a todas as Sete Colinas, tornou-se um entroncamento e um ponto de encontro naturais; as pessoas o chamavam de Fórum.

Para uso próprio, Rômulo construiu uma residência real, maior e mais grandiosa do que o salão de Amúlio em Alba. A cabana em que ele crescera foi consagrada como local sagrado, a ser preservado para a posteridade em sua condição humilde, como um monumento às origens do fundador. Da mesma forma, a árvore sob a qual ele havia sido amamentado foi transformada em sagrada, e foi declarado que uma figueira deveria estar

sempre localizada naquele ponto e chamada de ruminante — ou árvore da amamentação.

Para recompensar os mais bravos de seus guerreiros e os mais decididos partidários, Rômulo criou um corpo de elite chamado de Senado. Aos cem membros, concedeu privilégios especiais e delegou deveres especiais. Potício estava entre os primeiros senadores. Pinário também.

Rômulo alterou e aumentou o calendário de festivais. As palílias tinham sido celebradas a cada primavera, desde tempos imemoriais; devido à proximidade do feriado com a inovadora cerimônia em honra a Roma, tinham se tornado também a ocasião para celebrar o nascimento da cidade. Só homens idosos, na casa dos 50, como Potício, podiam lembrar-se da época em que as palílias eram um festival em si, sem conexão alguma com a fundação de Roma.

A corrida dos filhotes de lobo também se tornara um acontecimento anual, o que Potício achava muito divertido. Como seu falecido pai, quando já idoso, reclamara daquilo! A cada inverno, no aniversário da ocasião em que Rômulo, Remo e Potício tinham corrido nus pelas Sete Colinas, os romanos celebravam as lupercais, um festival em honra a Luperco, deus dos rebanhos. Os jovens filhos de senadores passeavam nus, mas em vez de se enfeitarem com peles de lobo e brandir tiras de pele de lobo, levavam tiras do couro de um bode sacrificado. Mulheres jovens ofereciam os pulsos para serem açoitados, acreditando que o contato com o tosão sagrado lhes aumentaria a fertilidade; sem dúvida, uma grande quantidade de bebês nascia nove meses depois das lupercais. O ritual que começara como uma celebração de predadores agora celebrava o rebanho, como cabia a um povo civilizado que vivia num cercado protetor sob o comando de um rei.

Outras tradições continuaram intatas e inalteradas por todo o longo reinado de Rômulo. A Festa de Hércules ainda era realizada no Altar-Mor todos os anos, exatamente como acontecia havia gerações, com os Pinário fingindo chegar atrasados às festividades e os Potício reivindicando o privilégio exclusivo de comer as vísceras oferecidas ao deus.

PELA QÜINQUAGÉSIMA QUARTA VEZ NA vida — e, embora não soubesse, a última — Potício tomara parte da Festa de Hércules. Seu neto mais velho participara pela primeira vez do ritual, agitando o sagrado espanador feito de rabo de boi para manter as moscas longe do Altar-Mor. O garoto fizera um bom trabalho. Potício estava orgulhoso e ficara de bom humor o dia

todo, apesar do calor e da inevitável contrariedade anual de ter de lidar com seu colega sacerdote e primo Pinário.

Agora as festividades tinham acabado. Potício se recolhera à sua cabana no Palatino e estava deitado, cochilando. Valéria, sua esposa de muitos anos, estava deitada a seu lado, os olhos fechados. Ela comera bem na festa e também estava sonolenta.

Potício olhou para a mulher e sentiu uma grande onda de amor e ternura. Os cabelos estavam quase cinza e o rosto estava tão enrugado quanto o dele, mas Potício ainda sentia prazer em olhar para ela. Valéria fora uma esposa fiel, uma mãe sábia e paciente, uma boa companheira. Quando nada, a vida lhe dera Valéria. Ou, para dar o crédito a quem o merecia: quando nada Rômulo lhe dera Valéria.

Dali a poucos dias, o povo de Roma celebraria o grande festival do meio do verão, as Consuais. Potício não podia pensar em Valéria sem pensar nas Consuais; não conseguia pensar nas Consuais sem pensar em Valéria e lembrar que...

As primeiras de todas as Consuais — embora só mais tarde o festival fosse receber esse nome — tinham sido celebradas por Rômulo no início de seu reinado. Ele havia decretado um festival de disputas atléticas a ser realizado no longo vale entre o Palatino e o Aventino — corridas a pé, cambalhotas, demonstrações de ousadia a cavalo e competições de lançamento de pedras. Para participar da amigável competição com os jovens de Roma, Rômulo convidou alguns vizinhos da cidade — membros de uma tribo chamada sabinos, que se instalara numa das Sete Colinas, aquela que ficava mais ao norte. Os sabinos chamavam essa colina de Quirinal, em homenagem ao seu deus principal, Quirino.

O propósito aparente daquelas primeiras Consuais era a realização de competições atléticas; mas Rômulo tinha uma surpresa reservada para os visitantes, que tudo ignoravam.

Potício, quando colocado a par do plano secreto de Rômulo, protestara com veemência. A hospitalidade para com os visitantes era uma lei instituída pelos deuses. Todo sacerdote em todo país concordava: um viajante com intenções honestas tem sempre que ser bem recebido, e era dever do anfitrião mantê-lo em segurança. O que Rômulo tramava — estimulado, Potício não tinha dúvidas, pelo seu consultor Pinário — infringia todas as leis de hospitalidade.

Potício tentou dissuadi-lo, mas o rei estava inabalável.

Há homens demais em Roma, e não há mulheres em número suficiente, e mais homens chegam todos os dias — insistiu ele. — Os sabinos do Quirinal têm excesso de mulheres jovens. Já fiz contatos com o líder deles, Tito Tácio, convidando-o a mandar esposas para meus homens, mas ele se recusa; as mães das moças reclamam que os romanos são muito grosseiros. Elas querem que as filhas se casem com outros sabinos, ainda que isso signifique que tenham de sair do Quirinal para ir viver com as tribos nas montanhas. Isso é uma absurdo! Meus homens merecem esposas. Será que não são bons o bastante para as sabinas? Quanto à irreverência, tenho rezado para o deus Conso, pedindo orientação neste caso.

O deus dos conselhos secretos?

Isso. E por meio de vários sinais ele tem mostrado sua aprovação.

Rômulo realizara seu intento. Os jovens sabinos chegaram para participar das competições. Os sabinos mais velhos e as sabinas foram assistir; era fácil dizer quais eram as mulheres solteiras, porque as matronas ficaram em um grupo e as virgens, em outro. Todos os sabinos chegaram desarmados, como cabia a visitantes convidados. As provas começaram. Os jovens sabinos aplicavam-se ao máximo, esgotando-se, enquanto os romanos se continham e poupavam energia. A um sinal de Rômulo, alguns dos romanos agarraram as sabinas solteiras e as levaram embora, para a cidade fortificada, enquanto outros pegavam em armas. Os sabinos, desarmados e exaustos, foram expulsos com facilidade.

Aquilo não tinha sido o fim do assunto. Tito Tácio, a princípio decidido a recuperar as mulheres, convocou seus parentes entre as tribos sabinas para ajudá-lo, mas não conseguiu reunir forças suficientes para cercar Roma seriamente. Seguiram-se muitas escaramuças e emboscadas; enquanto isso, Rômulo estimulou seus homens a cortejar as mulheres cativas e conquistá-las sem o uso da força. Muitas das mulheres acabaram casando-se com seus pretendentes, por vontade própria, e tiveram filhos; mesmo aquelas que não estavam contentes em Roma começaram a perceber que não poderiam voltar para suas casas no Quirinal, pois os outros sabinos iriam considerá-las comprometidas e impróprias para o casamento. Com o tempo, Tito Tácio decidiu aproveitar ao máximo uma situação desfavorável e encerrar a disputa com uma negociação. Rômulo fez um acerto em que dava bens às famílias das mulheres raptadas e, em troca, os sabinos reconheciam os casamentos e concordavam em reatar relações pacíficas. Ficaram alguns ressentimentos, mas, no fim, o casamento de membros dos

dois grupos fez com que eles ficassem mais unidos, e Rômulo e Tito Tácio formaram uma aliança que durou muito tempo.

Potício nunca deixou de protestar contra o plano de raptar as sabinas — até que viu Valéria. Ela estava entre as outras sabinas virgens, mantida contra a vontade no pátio murado da casa do rei. Parecendo amedrontada e sofredora, não era a mais bonita das sabinas, mas possuía alguma coisa que atraiu o olhar de Potício, e ele não conseguiu desviá-lo. Pinário viu-o olhando fixo para Valéria e sussurrou-lhe ao ouvido:

— Você a quer, primo? Pegue-a... caso contrário, eu pego!

Quando os dois homens se aproximaram dela, Valéria encolheu-se diante do brilho predador nos olhos de Pinário, mas quando viu Potício, que parecia tão sofredor quanto ela, uma emoção muito diferente iluminou-lhe o rosto. Naquele momento, formou-se entre eles um elo que iria durar a vida inteira. De todas as sabinas, Valéria foi a primeira a se casar de livre e espontânea vontade com um de seus raptadores. O filho deles foi o primeiro a nascer de um romano com uma sabinas.

O próprio Rômulo se casou com uma das sabinas, Hersília. O casamento deles foi feliz, mas estéril. Potício, que teve muitos filhos, se perguntava se os deuses não teriam amaldiçoado Rômulo a continuar sem filhos por ter violado de modo tão flagrante as sagradas leis da hospitalidade para capturar as sabinas. Se o rei também pensava assim, jamais o expressou em voz alta.

Mas Rômulo adotou idéias rígidas sobre casamento e vida em família. Como rei, transformou as idéias em lei. Nenhum casamento poderia ser dissolvido em qualquer época, apesar de o marido ter o direito de matar a mulher se ela cometesse adultério ou bebesse vinho (uma vez que Rômulo acreditava que beber vinho levava as mulheres ao adultério). Sobre seus filhos e os filhos deles, o pai detinha controle absoluto durante a vida toda; poderia alugá-los a terceiros como trabalhadores, prendê-los, bater neles ou até mesmo matá-los. Nenhum filho jamais teria autoridade legal maior do que a do pai. Era a lei do páter-famílias — o chefe supremo do domicílio familiar — e continuaria absoluta e inquestionável em Roma durante séculos.

Dessas coisas Potício se lembrava e sobre elas refletia, pensando em Valéria, nas primeiras Consuais e no chamado estupro das sabinas. Quando nada, Rômulo lhe dera Valéria...

Ao lado dele, Valéria dormia. Potício sabia, porque ela ressonava suavemente. Estudando o rosto dela, recordando todos os anos que tinham passado juntos, ele concluiu que o casamento deles teria sido bem-sucedido com ou sem as rígidas leis de Rômulo, assim como os filhos teriam se tornado respeitadores e obedientes, tivesse ou não o rei decretado a lei do páter-famílias. O pai de Potício muitas vezes não aprovara suas decisões, mas jamais teria invocado uma lei para puni-lo ou ir contra a sua vontade. O que sabia Rômulo — que não tinha filhos nem filhas, que alegava não ter um pai humano — sobre criar filhos ou respeitar um pai? No entanto, o mundo que veio depois de Rômulo seria diferente do mundo de antes dele, por causa das leis que ele impusera às famílias de Roma.

Houve um raspar na porta da cabana. Deslocando-se depressa mas com cuidado, para não acordar Valéria, Potício foi atender à porta. O sol da tarde ofuscou-lhe os olhos e firmou apenas a silhueta do visitante, de modo que Potício só o reconheceu quando ele falou.

Boa tarde, primo.

Pinário! O que faz aqui? A festa acabou. Pensei que não precisaria ver a sua cara por pelo menos um ano!

Palavras indelicadas, primo. Não vai me convidar para entrar?

O que é que nós dois temos a dizer um ao outro?

Convide-me para entrar e descubra.

Potício franziu o cenho, mas afastou-se para o lado, a fim de deixar que Pinário entrasse. Fechou a porta.

Mantenha a voz baixa. Valéria está dormindo. — Atrás da tela de vime que escondia a cama deles, ele ouvia o suave ressonar dela.

Eu olhei bem para ela na festa hoje — disse Pinário. — Ela ainda é uma mulher bonita. Se ao menos eu tivesse agido mais rápido do que você, todos esses anos atrás...

Por que você está aqui?

Pinário abaixou ainda mais a voz.

Está vindo uma mudança, primo. Alguns de nós irão sobreviver a ela. Outros não.

Fale claramente.

Você sempre teve diferenças com o rei. Repetidas vezes você se opôs a ele... desde o início do reinado dele. Se eu lhe dissesse que esse reinado vai acabar em breve, você soltaria uma lágrima?

Bobagem! Rômulo está em condições iguais às de um homem com a metade da idade que ele tem. Ele ainda lidera seus guerreiros em combate e briga na linha de frente. Vai viver até os 100 anos.

Pinário soltou um suspiro e abanou a cabeça.

Você realmente não faz idéia do que está se passando, faz, primo?

Era assim que Pinário falava com ele — em charadas, com uma mistura de pena e escárnio. Mas Potício percebeu que o primo falava sério — e sobre algo muito grave,

Pois então me conte. O que se passa pelas costas do rei?

Os senadores resmungam, dizendo que o rei ficou arrogante demais, que vem reinando há um tempo demasiado, que aceita o seu poder como ponto pacífico e abusa dele. Você já viu como ele anda pelo Palatino com a túnica escarlate e o manto com bordas roxas, cercado pelo seu círculo social íntimo de carrancudos jovens guerreiros. Lictores, é como ele os chama, usando o termo etrusco para indicar o guarda-costas real... mais uma de suas presunções. Outro dia, quando ele se dignou a comparecer a uma reunião no Senado, sentou-se no luxuoso trono e olhou para nós com desprezo, sequer prestando atenção; em vez disso, ria e brincava com seus lictores. Só ficou de ouvidos em pé quando um vagabundo, um preguiçoso porqueiro, apareceu diante dele com uma reclamação forjada contra um respeitável homem de posses. E como Rômulo decidiu? Em favor do porqueiro e contra o senador! Enquanto ainda estávamos boquiabertos diante daquele ultraje, ele anunciou que dividiria um trecho recém-conquistado de terra cultivada de primeira qualidade entre seus soldados... sem nos consultar nem nos dar uma parte. O que virá depois? Será que o rei vai começar a expulsar seus velhos companheiros do Senado e substituir-nos por porqueiros e pés-rapados que chegaram ontem a Roma?

Potício deu uma risada.

Rômulo adora o povo, e o povo o adora. E por que não? Ele foi criado por um porqueiro! Ele pode morar num palácio, mas seu coração está na pocilga. Ele adora seus soldados, também, e eles o adoram. Ele nasceu para ser encenqueiro e demagogo. Pobres dos senadores que ficaram gananciosos demais e gordos demais para manter o amor do rei! Vocês reclamam que ele é arrogante, mas o que fazem quando Rômulo desfila por aí num manto púrpura? Vocês só se preocupam em proteger seus próprios privilégios contra os recém-chegados e as pessoas comuns que não reconhecem o seu lugar.

Pinário projetou a mandíbula para a frente.

Talvez seja assim, primo, mas as coisas não podem continuar como estão. Está para chegar um dia de acerto de contas, um dia assinalado no calendário dos céus.

Potício resmungou.

Sempre houve tramas contra Rômulo... e Rômulo sempre as conteve. Você veio aqui para me dizer que um outro golpe está para espoucar? Está me pedindo para participar?

Primo, você sempre lê meus pensamentos! — Pinário sorriu. — A você, eu nunca digo a verdade... mas para você, eu não tenho segredos.

Potício abanou a cabeça.

Eu não vou ter nada a ver com qualquer plano para prejudicar o rei. — Atrás do biombo, Valéria suspirou e girou o corpo, dormindo. — Não quero mais ouvir falar nisso. Você deve se retirar.

Você é um tolo, Potício. Sempre foi.

Talvez seja. Mas não quero ser também um traidor.

Pois então, pelo menos mantenha distância do rei, se quiser ficar com a cabeça no lugar. Qual é o ditado etrusco? "Quando a segadeira corta a erva daninha, o capim também é cortado." Você vai saber que a hora do ajuste chegou quando a luz do sol faltar e o dia virar noite.

Do que você está falando?

Seus etruscos lhe ensinaram muito sobre adivinhação, Potício, mas não lhe ensinaram nada sobre fenômenos celestes. Esse estudo coube a mim. Há muitos anos, Rômulo me encarregou de procurar sábios que pudessem prever os movimentos do sol, da lua e das estrelas, para que pudessemos estabelecer melhor as estações e fixar os dias dos festivais. Há meios de saber com antecedência quando vão acontecer certos fatos raros. Está chegando o dia em que, por um curto espaço de tempo, a luz do sol se apagará e os deuses retirarão seus favores do rei. Rômulo vai deixar esta Terra, juntamente com todo aquele que ficar muito perto dele. Está compreendendo?

Estou compreendendo que você é ainda mais maluco do que eu pensava!

Você foi avisado, primo. Fiz o possível para salvá-lo. Mas se você soprar uma só palavra sobre isso com alguém, a bela Valéria vai ficar viúva antes da hora.

Saia da minha casa, primo!

Sem mais uma palavra, Pinário retirou-se.

Depois da visita de Pinário, Potício sofreu noites em claro. Ele não tinha qualquer dúvida de que o primo realmente sabia sobre uma trama contra o rei; tampouco duvidava de que a ameaça com que Pinário se despedira era sincera. Será que ele devia avisar Rômulo? Repetidas vezes Potício se imaginou fazendo isso, mas não encontrou a disposição para agir. Seria por temer Pinário? Ou seria porque, apesar de seus protestos de lealdade, suas relações com o rei tinham ficado tão tensas quanto as dos outros senadores?

Pinário o deixara com a impressão de que um ataque contra Rômulo era iminente. Poucos dias depois, Roma celebrou o festival das Consuais, com rituais e competições para comemorar os primeiros jogos atléticos e a captura das sabinas. Os deveres de Potício como arúspice exigiam que ele ficasse a serviço do rei, e ele passou o dia das Consuais numa agonia de suspense. Primeiro, foi feito um sacrifício a Conso, o deus das deliberações secretas, a quem Rômulo rezara quando formulava o plano de capturar as sabinas e ao qual erguera um altar depois de seu sucesso. O Altar de Conso era mantido escondido durante o resto do ano e só era descoberto para as Consuais, quando o rei pedia a contínua bênção do deus para seus planos secretos. Que dia mais apropriado poderia haver para um ataque a Rômulo, planejado em segredo? Pinário também auxiliava o rei, e Potício o observava com muita atenção; mas Pinário não mostrava sinais de tensão ou de grande emoção. O sacrifício a Conso foi propício, os jogos foram abençoados com um tempo esplêndido, e o dia passou sem incidente.

Mais dias vieram e se foram, sem nenhum ataque a Rômulo, mas Potício não sentiu alívio algum da ansiedade que lhe perturbava o sono. Ele se viu observando o rei e os senadores sob um olhar diferente. Tudo o que Pinário tinha dito era verdade. O rei se tornara arrogante e descuidado; favorecia ostensivamente jovens guerreiros e recém-chegados — e com o mesmo grau de ostensibilidade mostrava desprezo pelos velhos companheiros. Os senadores escondiam a raiva na presença do rei, mas depois que ele e seus jovens lictores passavam, o ódio lhes irrompia na fisionomia e eles se punham a trocar sussurros — sussurros que cessavam no instante em que Potício se aproximava o bastante para ouvir.

716 a.C.

O VERÃO TRANSFORMOU-SE EM OUTONO, o outono em inverno, e o inverno, em primavera. Outro verão se aproximava, e os senadores ainda não tinham agido. O reinado do rei parecia inabalável como sempre. Será que os conspiradores tinham mudado de idéia? Teria o fenômeno celeste previsto por Pinário deixado de ocorrer? Ou será que a proposta inicial de seu primo para que ele se juntasse ao plano e a recusa de Potício, tinham sido motivo suficiente para o cancelamento? Potício não tinha como saber, pois os outros senadores não permitiam que participasse de suas reuniões. Por ter esperado demais, ele perdera o direito a qualquer chance de avisar o rei, como poderia explicar a Rômulo sua procrastinação diante de uma ameaça daquelas? Potício viu-se sem amigos e sozinho.

Disse a si mesmo que a trama contra Rômulo, tal como todas as anteriores, tinha dado em nada. Apesar disso, um sentimento de destruição iminente, do qual não conseguia se livrar, tomou conta dele.

Fazia muito tempo, Potício tomara a decisão de romper com uma velha tradição familiar. Em vez de passar o amuleto de Fascinus para seu filho, quando o rapaz atingisse a maturidade, ele guardara o amuleto para si, pretendendo usá-lo em ocasiões especiais, até morrer. Isso estava de acordo, alegava ele, com a lei do páter-famílias decretada por Rômulo, segundo a qual Potício continuaria sendo o cabeça supremo de seu domicílio familiar enquanto vivesse.

Agora, porém, instigado por uma premonição de temor, Potício decidiu passar o amuleto para o neto mais velho. A princípio, pensou em honrar a tradição e fazê-lo na próxima Festa de Hércules, mas a premonição ficou tão urgente, que ele reuniu a família um mês antes do festival. Chorou ao ver todos eles num só lugar, certo de que aquilo estava acontecendo pela última vez; eles ficaram se perguntando qual seria a causa das lágrimas, que ele não se esforçou para explicar. Fez uma cerimônia solene para retirar o talismã do pescoço e colocá-lo no pescoço do neto. Uma vez feito isso, Potício sentiu-se muitíssimo aliviado. Fascinus era o deus mais antigo de sua família, mais velho, ainda, que Hércules, e agora que Potício passara o amuleto do deus adiante com segurança, a obrigação mais antiga estabelecida por seus ancestrais tinha sido cumprida.

No dia seguinte, Potício foi convocado para tomar parte nas profecias na inauguração do altar a Vulcão, deus das regiões incandescentes do subsolo. O local era o Pântano do Bode, na extremidade oeste do Campo de Mavors, onde um córrego que cortava o vale ao norte do Quirinal terminava

numa fossa de areia movediça quente e borbulhante. Ao longo dos anos, muitos bodes errantes tinham sido perdidos na traiçoeira fossa; daí o nome e a idéia de que o local devia ser consagrado a Vulcão. Ali, o deus reivindicava sacrifícios, quer fossem oferecidos, quer não.

Rômulo decidira dar grande pompa à ocasião. Ordenou que todos os senadores e cidadãos de Roma comparecessem. Durante toda a manhã, pessoas se reuniram no Campo de Mavors, vindas de suas casas espalhadas pelas Sete Colinas. Os guerreiros que tinham lutado nas várias campanhas do rei usavam os troféus que tinham capturado em combate — armaduras de bronze finamente trabalhadas, elmos decorados com plumas feitas de crinas de cavalos vistosamente tingidas, cintos de couro trabalhado com fivelas de ferro. Até mesmo os cidadãos mais pobres vestiam o que tinham de melhor, ainda que fosse apenas uma túnica sem um único furo.

Na hora marcada, o rei e sua comitiva atravessaram a multidão a pé. Potício vestia a capa amarela e o chapéu cônico usados nas cerimônias. O rei vestia uma nova capa, na qual a tintura mal secara; Potício sentia o cheiro característico da cor vermelha obtida da garança. Os jovens lictores do rei trajavam armaduras recém-feitas, que brilhavam intensamente sob o sol do meio-dia. Numa tradição tomada emprestada à realeza etrusca, as armas que eles portavam eram molhes de varas e machados — varas para açoitar quem ofendesse o rei, e machados para executar na hora qualquer homem que o rei declarasse ser seu inimigo.

O novo altar tinha sido cortado de blocos de pedra calcária e erigido sobre um alto monte de terra. Estava decorado com esculturas trabalhadas que ilustravam cenas de batalhas da recente guerra contra Veios e a triunfal procissão de Rômulo, a pé, pelas ruas de Roma. Os melhores artesãos etruscos tinham sido contratados para esculpir o altar. Olhando para os resultados do trabalho complicado, Potício pensou no quanto o Altar-Mor, sem adorno algum, parecia simples e modesto quando comparado àquele.

Perto dali, o bode destinado ao sacrifício balia, melancólico, como se soubesse do seu destino. Rômulo faria o sacrifício pessoalmente, abatendo o bode com uma faca ritual sobre o altar. O papel de Potício era examinar o animal primeiro, para certificar-se de que não tinha defeitos. Ele viu se os olhos do bode estavam claros, se os orifícios estavam sem descarga, se o pêlo estava perfeito, se os membros estavam inteiros, se as patas estavam saudáveis. Potício declarou a Rômulo que o bode estava próprio para o sacrifício. Enquanto o bode era amarrado, Potício olhou para o rosto dos

senadores que estavam nas primeiras fileiras da multidão. Seus olhos conectaram-se aos de Pinário.

O primo estava com uma expressão estranha. Sorria, mas os olhos estavam sérios. Com uma pontada de apreensão, Potício percebeu que o dia do qual Pinário falara finalmente havia chegado. No entanto, como alguém teria a ousadia de atacar o rei num lugar daqueles, num momento como aquele? Seus lictores estavam por todo lado, toda a população de Roma estava reunida para testemunhar, e a ocasião era sagrada.

Amarrado e balindo, o bode foi colocado sobre o altar. Rômulo ergueu a faca para o sacrifício e voltou-se para encarar a grande multidão que se reunira no Campo de Mavors.

— Tanta gente! — murmurou ele. A voz estava tão baixa que só Potício estava perto o bastante para ouvir. — Alguma vez você pensou, quando éramos jovens, que um dia desses chegaria? Que todos eles iriam ficar diante de nós e nos chamar de rei? Que só deuses estariam acima de nós?

Potício ouviu as palavras do rei, mas sabia que elas não tinham sido dirigidas a ele; era com Remo que Rômulo falava. Naquele instante, Potício soube por que ele nunca avisara o rei da trama contra ele — não por ter medo de Pinário nem por causa de suas pequenas mágoas contra o rei. No mais profundo recesso de seu coração, ele jamais perdoara Rômulo pelo assassinato de Remo. Tampouco Rômulo jamais perdoara a si mesmo.

O murmúrio que subiu da multidão foi abafado pela expectativa da invocação do rei a Vulcão. Potício olhou para o mar de rostos. Pareceu-lhe que tinha havido uma gradativa alteração na luz, uma crescente penumbra que era extremamente peculiar, quase absurda. Outras pessoas também tinham percebido a alteração. Umas poucas, em meio à multidão, ergueram o rosto para o sol.

O que elas viram era bizarro e inexplicável. Uma grande parte do sol tinha ficado preta como carvão, como se um pedaço de sua chama tivesse se apagado.

Homens apontavam e gritavam, alarmados. Logo, todos estavam olhando para o sol. O fogo diminuiu até parecer uma bola de carvão enegrecido com uma borda de chamas. Membros da multidão engoliram em seco de perplexidade e pavor, depois começaram a gritar em pânico.

Ao mesmo tempo, Potício sentiu um forte vento no rosto. O céu estivera quase sem nuvens; agora, vindo do oeste, imensos blocos de nuvens

negras despejavam-se pelo céu já escurecido. O vento arrancou o chapéu cônico da cabeça de Potício. Em vão ele esticou o braço para pegá-lo, voltou-se e ficou olhando enquanto o chapéu saía girando no ar. Uma mão invisível pareceu erguê-lo por cima do altar, amassá-lo e depois atirá-lo na brilhante superfície do Pântano do Bode. O chapéu era muito leve, mas mesmo assim a borbulhante areia movediça sugou-o num piscar de olhos.

Potício voltou-se para tornar a olhar para a multidão. Sob uma luz espectral que ficava mais fraca a cada batida de coração, ele viu que o Campo de Mavors se tornara um cenário de caos. Acima do uivar do vento, ele ouviu gritos de dor e medo. Gente corria de um lado para o outro, tropeçando e pisoteando quem caía. Os jovens lictores de Rômulo estavam tão amedrontados quanto os demais; em vez de formarem um cordão de isolamento em torno do rei, espalharam-se como folhas. Um relâmpago recortado rasgou o céu escuro e atingiu o monte Asilo. O estalar da trovoadas que o seguiu rachou os ouvidos de Potício e quase o derrubou. O relâmpago o cegara por completo, de modo que quando ele se adiantou, pensando em procurar o rei, tateava o ar vazio como um homem sem olhos.

Pingos de chuva tão fortes quanto seixos denteados malharam seu rosto. Ele sentiu o cheiro da tintura da garança e percebeu que Rômulo estava perto. Seus dedos tocaram a roupa de um outro homem. Ele agarrou a lã e segurou firme. Outro relâmpago rasgou o céu. À luz de um branco sobrenatural, ele viu à sua frente não Rômulo, mas Pinário. Em uma das mãos o primo segurava uma espada manchada de sangue. Na outra, agarrando-a por uma mecha de cabelo, segurava uma cabeça decepada. A face estava voltada para o outro lado, mas sobre a cabeça Potício viu a coroa de ferro de Rômulo.

Quando Remo morrera, Potício sentira como se estivesse num pesadelo. Agora, apesar do tremendo horror do momento, ele se sentia aguda e extremamente lúcido, como se estivesse acordando de um sonho. Um outro relâmpago iluminou a cena. Ele observou, com um curioso desinteresse, enquanto Pinário levava a espada para trás. Potício ergueu a mão, num reflexo, para tocar o amuleto de Fasclnus no pescoço, mas o talismã não estava lá; ele o dera ao neto na véspera. O amuleto, pelo menos, estava a salvo.

Com um forte grito, Pinário brandiu a lâmina vermelha em direção ao seu pescoço.

O próprio Júpiter sancionara o que ele tinha feito. Ou foi esse o raciocínio de Pinário, porque embora ele tivesse previsto havia muito tempo o eclipse e planejado aproveitar-se do pasmo e da confusão que seriam inevitáveis, não poderia ter previsto a magnífica tempestade que o acompanhara. O relâmpago foi a mão de Júpiter. O trovão, sua voz. O próprio deus iluminara o caminho de Pinário até o altar. O deus rugira sua aprovação quando Pinário arrancara a cabeça dos ombros de Rômulo.

Pinário avisara seu primo para que não ficasse muito próximo do rei. Todos os demais, até mesmo os lictores de Rômulo, tinham fugido da cena e, no entanto, no primeiro momento depois de cometido o ato, ali estava Potício, agarrando-lhe a túnica e olhando-o fixamente. A decisão de matá-lo tinha sido instantânea — e correta. Júpiter rugira a sua aprovação com uma ensurdecadora trovoadas.

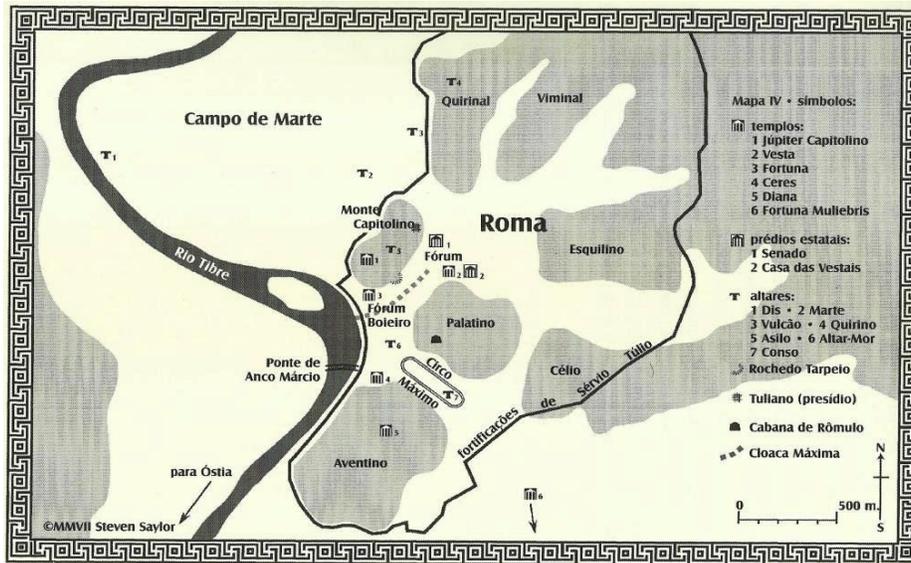
Com muita rapidez, Pinário e seus cúmplices despiram o corpo sem cabeça de Rômulo e o jogaram no Pântano do Bode, onde afundou sem deixar pistas. Fizeram o mesmo com o corpo de Potício. Mesmo que um dia o pântano viesse a revelar seus segredos, quem poderia identificar dois corpos nus, ambos sem cabeça? Vários dos senadores se retiraram com pedaços da roupa escondidos sob as túnicas, jurando queimar aqueles pedaços de provas incriminatórias assim que chegassem em casa.

Pinário retirou a coroa da cabeça de Rômulo e colocou o círculo de ferro sobre o altar, onde poderia ser achado com facilidade. Ele pretendia livrar-se pessoalmente da cabeça de Rômulo, mas, em vez disso, a entregara a um de seus cúmplices e ordenara ao homem que a enterrasse num local secreto. A morte de Potício o colocava diante de uma obrigação mais premente. O homem tinha sido um tolo, mas também era parente de Pinário e seu companheiro sacerdote de Hércules; desfazer-se de sua cabeça decepada era o mínimo e o último favor que Pinário poderia prestar a Potício.

O eclipse estava acabando. A escuridão diminuía aos poucos, mas a tempestade continuava. O Campo de Mavors estava abandonado, mas mesmo assim Pinário manteve a cabeça escondida sob seus mantos enquanto seguia em direção ao monte Asilo. Ele seguiu depressa pela trilha íngreme. Recém-chegados ainda faziam acampamentos diante do Altar de Asileu, mas a fúria da tempestade afugentara todos para outro lugar. Pinário seguiu para o Templo de Júpiter. Para agradecer ao deus a bênção aos

acontecimentos daquele dia, Pinário iria enterrar a cabeça do primo na sombra do templo de Júpiter.

Ele se ajoelhou na lama e lançou um último olhar para o rosto do primo. Depois, usando as mãos nuas, pôs-se a cavar um buraco profundo na terra fofa e molhada.



CAPÍTULO IV

CORIOLANO

510 A.C.

O menino de 12 anos de idade estava sentado no chão, as pernas cruzadas, recitando as lições. Seu avô estava sentado diante dele, numa simples cadeira de madeira de armar com dobradiças de bronze. Embora a cadeira não tivesse encosto, o senhor sentava-se rigidamente ereto, dando um exemplo ao menino.

Agora me diga, Tito, em que dia o rei Rômulo partiu desta Terra?

Nas nonas de Quinctilis, há 206 anos.

Que idade ele tinha?

Cinqüenta e cinco.

E onde foi que isso aconteceu?

No altar de Vulcão que fica em frente ao Pântano do Bode, no lado oeste do Campo de Marte.

Ah, sim, mas naquela época ele era chamado de Campo de Marte? O menino franziu o cenho. Depois, lembrando-se do que lhe tinham ensinado, sua fisionomia se animou.

Não, vovô. Na época do rei Rômulo, o povo o chamava de Campo de Mavors, porque era assim que chamavam Marte antigamente: Mavors.

E o que aprendemos com esse exemplo?

Que palavras e nomes podem mudar ao longo do tempo... em geral ficam mais curtos e mais simples, mas que os deuses são eternos.

O velho sorriu.

Muito bem! Agora, descreva a ascensão do rei Rômulo.

Houve um eclipse do sol e também uma grande tempestade, e o povo fugiu apavorado. É por isso que o festival que acontece todos os anos naquele dia é chamado de Populifugia... "a fuga do povo". Mas um homem, o ancestral dos Pinário, ficou. O nome dele era apenas Pinário; naquela época, a maioria das pessoas só tinha um nome, não dois, como temos agora. Pinário testemunhou o milagre que ocorreu. O céu se abriu e um rodaminho na forma de funil desceu. Era a mão de Júpiter, e ela elevou o rei Rômulo para o céu. Antes de partir, o rei tirou a coroa de ferro e colocou-a no Altar de Vulcão, para o seu sucessor. Assim, o rei Rômulo se tornou o único homem em toda a história que nunca morreu. Ele simplesmente deixou a Terra, para ir viver como um deus entre os deuses.

Muito bem, Tito! Você tem estudado bastante, não tem?

Tenho, vovô.

Satisfeito consigo mesmo, o jovem Tito Potício ergueu a mão e tocou o amuleto de Fascinus que pendia de uma corrente de ouro que ele usava no pescoço. O pai lhe dera o amuleto na última Festa de Hércules, quando Tito participara pela primeira vez como sacerdote no altar.

Agora me diga: quais foram os reis que se seguiram a Rômulo e quais as suas maiores realizações?

O rei Rômulo não teve filhos, de modo que, depois que ele partiu, os senadores se reuniram e discutiram sobre quem deveria sucedê-lo. Isso criou um precedente que seria seguido para sempre: de que a sucessão dos reis não é hereditária; em vez disso, um rei é escolhido, pelo Senado, para servir pelo resto da vida. Eles escolheram Numa Pompílio, homem de sangue sabino que jamais pusera o pé em Roma. Isso criou um outro precedente sábio: o novo rei podia ser um estrangeiro e não deveria sair dos quadros do Senado, pois se fosse assim, poderia acontecer de os senadores lutarem entre si pela coroa. O reinado de Numa foi longo e pacífico. Ele era muito piedoso e fez muito para organizar os colégios de sacerdotes e a adoração dos deuses.

"Depois, veio Tulo Hostílio. Esse era tão guerreiro quanto Numa tinha sido pacífico. Ao destruir seus rivais, ele fez de Roma a principal cidade de todos os povos de língua latina da Itália. Tulo Hostílio construiu o imponente salão no Fórum, onde o Senado se reúne.

"Depois veio Anco Márcio, que era neto de Numa. Construiu a primeira ponte que atravessa o Tibre. Também fundou, a cidade de Óstia, na foz do rio, para servir como porto marítimo para Roma.

"O quinto rei foi o primeiro rei Tarquínio. Ele tinha sangue grego, mas era da cidade etrusca de Tarquínia, da qual tirou seu nome. Foi tanto um grande guerreiro quanto um grande construtor. Construiu o grande esgoto subterrâneo, o Cloaca Máxima, que segue o antigo curso do Espinão e drena o Fórum. Instalou a grande pista de corridas de cavalos no longo vale entre o Palatino e o Aventino, que nós chamamos de Circo Máximo, e construiu as primeiras arquibancadas para a platéia. E fez a planta e iniciou as fundações do mais imponente prédio jamais concebido em qualquer parte da Terra, o novo Templo de Júpiter, no monte Capitolino."

Tito levantou-se do chão e foi até a janela, onde os postigos estavam abertos para deixar entrar a brisa morna. A casa dos Potício ficava no alto do Palatino, de modo que a janela oferecia uma vista esplêndida do maciço projeto de construção no vizinho monte Capitolino. Cercado por andaimes cheios de artesãos e operários, o novo templo começara a tomar forma. Era num desenho etrusco chamado *araeostylos*, com um frontão triangular amplo e decorado, colocado sobre colunas largamente espaçadas e uma única entrada grandiosa por um alpendre recuado. Tito olhou a vista, fascinado.

O avô, sempre o pedagogo, lançou uma digressão.

O monte sempre se chamou Capitolino?

Não. Desde a época do rei Rômulo chamava-se monte Asilo, mas agora o público começou a chamá-lo de Capitolino, "colina da cabeça".

E por quê?

Por causa da coisa impressionante que os escavadores acharam quando começaram a trabalhar nas fundações do novo templo, Sá no reinado do primeiro rei Tarquínio. Descobriram a cabeça de um homem, que parecia ser muito antiga, mas estava notavelmente bem conservada. Os sacerdotes a classificaram como um sinal dos deuses... e um excelente sinal... que previa que Roma se tornaria a cabeça do mundo. — Tito franziu o cenho. — Como

pode ter acontecido uma coisa dessas, vovô? Quem teria enterrado uma cabeça sem corpo no Capitolino, e como foi que ela ficou conservada?

O velho pigarreou.

Há mistérios que homem algum pode explicar, que mesmo assim são verdadeiros, porque a tradição assim nos ensina. Se você duvida da veracidade da história, posso assegurá-lo de que eu mesmo, quando era jovem, tive o privilégio de ver a cabeça não muito depois de ter sido achada. As feições do homem estavam um tanto decompostas, mas podia-se ver muito claramente que os cabelos eram de um louro meio grisalho, assim como a barba.

Ele parece o senhor, vovô.

O homem ergueu uma sobrancelha.

Não estou tão gasto assim! Voltemos à lista dos reis. Depois do primeiro Tarquínio...

O primeiro Tarquínio foi sucedido por Sêrvio Túlio. Ele tinha sido um escravo no domicílio familiar real, mas se destacou tanto que quando Tarquínio morreu, foi apresentado pela viúva de Tarquínio para sucedê-lo. Sêrvio reforçou e estendeu muito as fortificações da cidade... até que todas as Sete Colinas ficaram cercadas por estacas, muros, defesas e trincheiras. Também escavou a cela subterrânea da prisão estatal aos pés do Capitolino, que nós chamamos de Tuliana, onde os inimigos do rei são executados por estrangulamento. Ele deu preferência a esses projetos, de modo que os trabalhos no novo templo sofreram uma interrupção.

"E depois de Sêrvio Túlio vem o rei atual, filho de Tarquínio, que também se chama Tarquínio. O nosso rei é famoso por ter adquirido os Livros Sibílicos, que estão cheios de profecias que orientam o povo em tempos de crise.

E como foi que isso aconteceu?

Tito sorriu, porque aquela era uma de suas histórias favoritas.

A Sibila mora numa caverna lá em Cumas, na costa. O deus Apolo obrigou-a a escrever centenas de versos estranhos em folhas de palmeiras. Ela costurou todas as folhas, formando nove rolos, que trouxe para Roma e tentou vender ao rei Tarquínio, dizendo que o homem que conseguisse interpretar da forma correta os seus versos poderia prever o futuro. Tarquínio ficou tentado, mas disse a ela que o preço estava muito alto, ao que ela agitou a mão e três dos rolos pegaram fogo. Depois ela se propôs a vender os seis restantes... pelo preço original pedido pelos nove! Tarquínio

ficou irritado e voltou a recusar, ao que a Sibila pôs fogo em mais três rolos, e depois citou o mesmo preço uma vez mais. O rei Tarquínio, pensando em todo o conhecimento que já tinha sido perdido, cedeu. Pagou o preço que ela pedira por nove rolos e recebeu apenas três. Os Livros Sibilinos são muito sagrados. Só devem ser consultados em casos de emergência máxima. Para abrigá-los, Tarquínio se pôs a terminar o grande templo que o pai começara.

Tito voltou a olhar pela janela. Na maior parte de sua vida, a obra no templo vinha avançando. Com as imensas colunas e o maciço frontão triangular finalmente no lugar, a forma definitiva ficava mais evidente a cada mês que passava. Até mesmo homens que viajavam muito além de Roma, para as grandes cidades da Grécia e do Egito, diziam nunca terem visto um prédio tão majestoso.

Não é de admirar que eles o chamem de Tarquínio, o Soberbo — murmurou Tito.

O velho enrijeceu o corpo.

O que foi que você disse?

Tarquínio, o Soberbo. É assim que tenho ouvido os homens chamando o rei.

Que homens? Onde?

Tito deu de ombros.

Estrangeiros. Lojistas. Gente passando no Fórum ou na rua.

Não dê ouvidos a eles. E não repita o que eles dizem!

Mas por que não?

— Apenas faça o que eu digo!

Tito curvou a cabeça. Seu avô era o mais velho dos Potício, o páter-famílias. Sua vontade, dentro da família, era lei, e não cabia a Tito questioná-lo uma única vez.

O velho suspirou.

Vou explicar, mas só uma vez. Quando os homens usam esse termo para se referirem ao rei, não fazem isso a título de cumprimento. Muito pelo contrário: eles querem dizer que ele é arrogante, teimoso e fútil. Por isso, não diga uma coisa dessas em voz alta, nem mesmo para mim. Palavras podem ser perigosas, em especial palavras que visem ofender um rei.

Tito balançou a cabeça, sério, e depois franziu o cenho.

Uma coisa me deixa intrigado, vovô. O senhor diz que a monarquia não é hereditária, mas o pai do atual rei Tarquínio também foi rei.

Foi, mas a coroa não passou diretamente de pai para filho.

Eu sei; Sêrvio Túlio veio entre eles. Mas Tarquínio não o matou, e foi por isso que se tornou rei?

O velho deu um rápido suspiro, mas não respondeu. Tito já tinha idade suficiente para aprender a lista de reis e suas principais realizações, mas ainda não estava maduro o bastante para aprender sobre as maquinações políticas que tinham levado cada rei ao trono e os escândalos que existiram em cada reinado. Para um jovem que ainda não podia compreender a importância da discricão, hesitava-se em falar mal até mesmo de reis há muito falecidos; era evidente que não se falava mal de um rei vivo. Sobre Tarquínio e os assassinatos que o tinham levado ao trono, bem como sobre todos os assassinatos que se seguiram, pouco havia a se dizer que fosse apropriado para os ouvidos do garoto.

Ambicionando tornar-se um rei como o pai, Tarquínio se casara com uma das duas filhas do sucessor de seu pai, Sêrvio Túlio, mas quando ela mostrou ser mais fiel ao pai do que a Tarquínio, ele concluiu que preferia a irmã dela, mais implacável. Quando a mulher de Tarquínio teve uma morte conveniente, como aconteceu com o marido da cunhada dele, e os dois esposos enlutados se casaram, a palavra "veneno" foi sussurrada por toda a Roma. Pouco depois, Tarquínio e sua nova mulher assassinaram o pai dela e Tarquínio declarou-se rei, dispensando as formalidades da eleição pelo povo e da confirmação pelo Senado.

Tendo assumido o trono pela força, Tarquínio governava pelo medo. Reis anteriores tinham consultado o Senado sobre assuntos importantes e convocado-o a agir como um corpo de jurados. Tarquínio só mostrava desprezo pelo Senado. Reivindicava a autoridade única para julgar casos capitais e usava essa autoridade para punir homens inocentes com a morte ou o exílio; confiscava a propriedade das vítimas para pagar seus grandes planos, inclusive o novo templo. O Senado crescera até incluir trezentos membros, mas o número diminuía à medida que o rei destruía, um após outro, seus homens mais ricos e mais destacados. Seus filhos cresceram tão arrogantes quanto o pai, e havia rumores de que Tarquínio planejava indicar um deles como seu herdeiro, abolindo de uma vez por todas a antiga regra de sucessão não-hereditária e eleição pelo povo.

O velho suspirou e mudou de assunto.

Apanhe o seu estilo e o tablete de cera. Você vai treinar suas habilidades na escrita.

Obediente, Tito tirou os instrumentos de uma caixa especial na qual eram guardados. O tablete era um pedaço emoldurado de madeira plana sobre o qual fora colocada uma grossa camada de cera. O estilo era uma pesada vareta de ferro com uma ponta afiada, de circunferência própria para caber confortavelmente na mão de um menino. Na cera tinha-se escrito apenas umas poucas vezes e depois ela fora esfregada para ficar plana para a lição seguinte.

Escreva o nome dos sete reis, em ordem — disse o avô.

A escrita era uma habilidade que os romanos tinham aprendido com os etruscos; os etruscos a tinham aprendido com o povo da Magna Grécia - gregos que, em gerações recentes, tinham colonizado o sul da Itália, levando consigo as vantagens de uma cultura mais avançada e refinada do que as dos italianos nativos. A escrita, em especial, tinha provado ser de grande valor. Registros e listas podiam ser feitos, proclamações e leis reais podiam ser escritas, podiam-se fazer correções e acréscimos no calendário, e mensagens podiam ser enviadas de um lugar para outro. Era necessário ter uma grande aplicação para dominar a arte, que era mais bem aprendida numa tenra idade. Como sacerdote de Hércules hereditário e membro da classe dos patrícios

descendente de uma das famílias fundadoras de Roma — com a perspectiva de um dia se tornar senador, tal como o avô, era muito vantajoso que o jovem Tito aprendesse a ler e escrever.

Em geral, Tito era muito escrupuloso quanto a fazer letras, mas naquele dia parecia incapaz de se concentrar. Estava sempre cometendo erros, apagando-os e recomeçando. Olhava para a janela repetidas vezes. O avô sorria. Em termos de chamar a atenção de um menino, fazer letras na cera não podia competir com a construção do novo templo. O fascínio de Tito pelo projeto talvez não fosse um mal; saber como um prédio daqueles era feito poderia vir a lhe ser útil um dia.

Ele esperou até que, com muito esforço, Tito escrevesse o "O" no final de Tarquínio, e depois deu-lhe um tapinha na cabeça.

Já chega — disse ele. — Suas lições terminaram por hoje. Pode se retirar.

Tito ergueu o olhar para ele, surpreso.

Eu não disse para se retirar? — falou o avô. — Estou um pouco cansado hoje. Ser comparado àquela cabeça encontrada no Capitolino fez

com que eu sentisse a idade que tenho! Alise a cera, guarde o estilo, e depois vá embora. E dê lembranças minhas àquele tal de Vulca!

A TARDE ESTAVA QUENTE E ensolarada, restando ainda horas de luz do dia. Tito correu da casa de sua família no Palatino descendo até o Fórum, depois morro acima de novo, até o topo do Capitolino. Só parou quando chegou ao Rochedo Tarpeio, o topo do qual os traidores eram lançados para a morte. O rochedo também proporcionava uma vista panorâmica da cidade lá embaixo. Seu amigo Cneu Márcio gostava muito de brincar com miniaturas de soldados em madeira, fingindo ser o comandante; Tito preferia olhar para a cidade de Roma lá de cima, como se os prédios fossem brinquedos, e imaginar-se rearrumando-os e construindo outros.

Roma mudara muito desde a época de Rômulo. Onde outrora as Sete Colinas eram cobertas por florestas e pastagens e os povoados eram pequenos e espalhados, agora havia prédios em qualquer ponto para o qual se olhasse, construídos juntos uns aos outros com ruas de terra e cascalho interligando-os. Alguns cidadãos ainda viviam em cabanas de teto de sapé e mantinham animais em cercados, mas agora muitas casas eram feitas de madeira, algumas erguendo-se em dois andares, e as casas de famílias abastadas — como os Potício — eram grandes obras feitas de tijolo e pedra com janelas com postigos, pátios internos, varandas e telhados. O Fórum se tornara o centro cívico de Roma, com uma rua pavimentada chamada de Via Sacra a atravessá-lo; era o local de inúmeros templos e santuários, bem como do Senado. O mercado ao lado do rio agora era chamado de Fórum Boieiro, derivado da palavra *bovino*, numa referência ao seu antigo e continuado papel de mercado de gado; o mercado se tornara o grande empório da Itália central. O povoado original aos pés do Capitolino, incluindo a ancestral cabana dos Potício, há muito havia sido derrubado para dar espaço ao mercado em expansão. No centro do Fórum Boieiro ficava o antigo Altar-Mor, onde uma vez por ano Tito e sua família, juntamente com os Pinário, celebravam a Festa de Hércules.

Roma, sob o controle dos reis, tinha prosperado e crescido. Agora, o mais imponente sinal do progresso da cidade estava sendo erguido no topo do Capitolino. Dando as costas para a vista panorâmica, Tito ergueu os olhos para o magnífico projeto que a cada dia chegava mais perto do término. Desde a sua última visita ao local, uma nova seção de andaimes

subira pela frente do templo. Os operários sobre a última fileira estavam aplicando emboço na superfície recuada do frontão triangular.

Tito, meu amigo! Já faz tempo que não o vejo. — Quem falava era um homem alto de barba grisalha, mais ou menos da idade do pai de Tito. Havia poeira de emboço na sua túnica azul. Ele carregava um estilo e um pequeno tablete de cera para fazer esboços.

Vulca! Eu tenho estado muito ocupado com os estudos, ultimamente. Mas o meu avô me liberou cedo hoje.

Ótimo! Eu tenho algo de muito especial para lhe mostrar. — O homem sorriu e fez um gesto para que ele o seguisse.

Vulca era etrusco, famoso em toda a Itália como arquiteto e artista. O rei Tarquínio o contratara não apenas para supervisionar a construção do templo, mas para decorá-lo por dentro e por fora. O prédio era feito de material comum — madeira, tijolo e emboço —, mas quando Vulca acabasse de pintá-lo, ficaria deslumbrante: amarelo, preto e branco para as paredes e colunas, vermelho para os capitéis e as bases das colunas, mais vermelho para enfeitar o frontão triangular, e muitos tons de verde e azul para destacar os pequenos detalhes arquitetônicos.

Mas a mais impressionante das criações de Vulca seriam as estátuas dos deuses. Em si, as estátuas não eram ornamentos; não iriam decorar o templo; ao contrário, o templo é que existiria para abrigar as estátuas sagradas. Vulca descrevera suas intenções a Tito muitas vezes e desenhara esboços no seu tablete de cera para ilustrá-las, mas Tito ainda não as tinha visto; as estátuas em terracota estavam sendo feitas sob muito sigilo, numa oficina escondida no Capitolino, à qual só Vulca e seus artesãos muitíssimo habilidosos tinham acesso. Tito ficou muito surpreso quando o artista o conduziu por uma porta improvisada para uma área murada do templo — e ainda mais surpreso quando eles contornaram um canto e uma estátua de Júpiter surgiu diante deles.

Tito engoliu em seco. A estátua era de terracota vermelha, ainda não estava pintada, mas mesmo assim a impressão de que o deus estava fisicamente presente era impressionante. Sentado num trono, o pai dos deuses, barbado e de compleição poderosa, olhava para ele com fisionomia serena. Júpiter vestia uma toga muito parecida com o traje que o rei usava, e na mão direita, em vez de um cetro, segurava um raio.

A toga será pintada de púrpura, com a borda de folhas de ouro — explicou Vulca. — O raio também será de ouro. O rei reclamou quando

soube do custo da folha de ouro, até que eu assinalei o quanto lhe custaria um raio feito de ouro maciço.

Tito ficou pasmo.

Magnífico! — sussurrou ele. — Eu nunca poderia... quero dizer, você descrevia para mim como se pareceria a estátua, mas na verdade eu nunca podia imaginar... ela é tão... tão mais... — Ele abanou a cabeça. As palavras lhe faltavam.

É claro que ninguém verá o deus assim tão de perto. Júpiter ficará posicionado num pedestal devidamente ornamentado, ao fundo da câmara principal, de modo a olhar lá de cima para todos os que entrarem. Os outros dois serão colocados em suas câmaras menores, individuais, Juno à direita e Minerva à esquerda.

Tirando à força o olhar de Júpiter, Tito viu as outras duas figuras atrás. Aquelas não estavam tão adiantadas. Juno ainda não recebera a cabeça. Minerva era pouco mais que uma armação que sugeria a forma que teria.

Então seu olhar caiu sobre uma visão ainda mais fantástica do que Júpiter. Seu arquejo de espanto foi tão alto, que Vulca deu uma risada.

A peça era enorme, e tão complexa, que deixou Tito confuso. Era uma estátua — em tamanho acima do normal — de Júpiter numa quadriga — um carro puxado por quatro cavalos. O Júpiter em pé, segurando o raio no alto, era ainda mais impressionante do que o Júpiter no trono. Os quatro cavalos, cada um diferente, estavam esculpidos com impressionante detalhe, desde os faiscantes olhos e as narinas dilatadas até os membros musculosos e os rabos magníficos. O carro era feito de madeira e bronze, como um veículo de verdade, mas de tamanho gigantesco, com desenhos e decorações extravagantes em cada superfície.

Tudo isso é separado em partes, é claro, para que possa ser montado novamente no alto do frontão triangular — explicou Vulca. — Os cavalos serão pintados de branco... quatro corcéis magníficos, brancos de neve, dignos do rei dos deuses. A fixação desta escultura no frontão será o último passo da construção. Assim que Júpiter e a quadriga estiverem firmemente no lugar e totalmente pintados, o templo estará pronto para ser consagrado.

Tito ficou boquiaberto.

Vulca, eu não posso acreditar que você está me mostrando isso. Quem mais já viu?

Só os meus operários. E o rei, é claro, uma vez que é ele que está pagando.

Mas por que você está me mostrando?

Vulca disse algo em etrusco, que depois traduziu para o latim:

Se a pulga ficar por ali o tempo suficiente, mais cedo ou mais tarde verá os testículos do cachorro. — Quando Tito olhou para ele com uma expressão de que não tinha entendido, Vulca deu uma risada. — É um ditado etrusco muito antigo e muito vulgar, meu rapaz, que sem dúvida o seu sério avô desaprovava. Quantas vezes vi você andando sorratamente em volta do local de obras antes que eu o chamasse para perguntar qual era o seu nome? E quantas vezes você voltou desde então? E quantas perguntas você tem me feito sobre as ferramentas, os materiais e todos os processos? Acho que nem consigo contar. Eu diria que não existe um homem, em toda a Roma, a não ser eu mesmo, que conheça este prédio melhor do que você, Tito Potício. Se eu morresse amanhã, você poderia dizer aos operários o que falta fazer.

Mas você não vai morrer, Vulco! Júpiter jamais permitiria!

O rei tampouco, pelo menos antes que eu termine o templo dele.

Tito caminhou até um dos cavalos e teve a ousadia de tocar nele.

Eu nunca imaginei que eles seriam tão grandes e tão bonitos. Este será o templo mais grandioso que já foi construído... em qualquer parte.

Eu gostaria de pensar assim — disse Vulca.

De repente, Tito deu um grito. Ergueu a mão para esfregar o ponto em que um cascalho tinha atingido sua cabeça. Viu de relance uma outra pedra descendo sobre ele, diretamente do céu e pulou para o lado.

Do outro lado do muro que escondia os trabalhos em andamento veio o som de risadinhas infantis.

Vulca ergueu uma sobrancelha.

Creio que devem ser seus dois amigos, Tito. Sinto muito, mas eles *não são* convidados a ver as estátuas, de modo que, se quiser juntar-se a eles, você terá que sair.

Tito! — chamou um dos garotos do lado de fora, num sussurro alto. — O que é que você está fazendo aí dentro? Aquele etrusco louco e velho está incomodando você? — Ouviram-se mais muxoxos.

Tito enrubescou. Vulca esfregou os cabelos louros do menino e sorriu.

Não se preocupe, Tito. Há muito tempo que deixei de me ofender com provocações de estudantes. Vá depressa e veja o que aqueles dois querem

de você.

Relutante, Tito despediu-se de Vulca e saiu da área cercada. Detrás de uma pilha de tijolos, seus amigos Públio Pinário e Cneu Márcio haviam montado uma emboscada de brincadeira, um deles agarrando-lhe os braços enquanto o outro lhe fazia cócegas. Tito se livrou. Os outros correram atrás dele até o Rochedo Tarpeio, onde todos pararam de repente, dando gargalhadas e ofegantes.

O que é que o etrusco estava mostrando a você lá dentro? — perguntou Cneu.

Eu acho que eles estavam praticando um jogo — disse Públio. — O etrusco disse: "Eu te mostro o meu metro e você me mostra o seu Fascinus." — Ele tocou de leve com um dedo o amuleto que estava no pescoço de Tito.

Não chega a ser um jogo de verdade — disse Cneu. — Qualquer pessoa pode ver o Fascinus do Tito!

Tito fez uma careta e enfiou o amuleto na túnica, escondendo-o.

Seja como for, vocês dois não são dignos de olhar para o deus.

Eu sou! — protestou Públio. — Eu não sou o seu colega sacerdote de Hércules? E não sou tão patrício quanto você? Em fevereiro, não corri ao seu lado nas Lupercais? Ao passo que o seu amigo Cneu, aqui...

Cneu lançou-lhe um olhar irado. Públio tocara num assunto sobre o qual Cneu ficava cada vez mais sensível. Públio e Tito eram da classe patrícia, descendentes dos primeiros senadores, aos quais Rômulo chamava de pais, ou *patres*, de Roma. Os patrícios mantinham, zelosamente, os antigos privilégios da classe. O restante dos cidadãos, tanto os ricos quanto os pobres, eram simplesmente a gente comum — ou plebeus. Os plebeus podiam obter riqueza por meio do comércio e da distinção no campo de batalha. Podiam até conseguir um grande poder — Anco Márcio, parente distante de Cneu, havia se tornado rei —, mas jamais poderiam conquistar o prestígio que era próprio dos patrícios.

Claro, a mãe de Cneu era uma patrícia; Vetúria vinha de uma família quase tão antiga quanto os Potício e os Pinário. Mas o pai, já falecido, era plebeu e, segundo a lei do páter-famílias, o filho era incluído na classe do pai. Para Tito e Públio, o status de plebeu do amigo pouco importava; Cneu era o melhor atleta, o cavaleiro mais habilidoso e o menino mais bonito e inteligente que eles conheciam. Para Cneu, porém, a classe tinha uma importância muito grande. Seu pai morrera em combate quando ele era muito criança, e ele se identificava mais intimamente com a mãe e a família

dela. Vetúria o criara para ser tão orgulhoso quanto qualquer patrício, e ele se sentia muito irritado com o fato de que patrício era a única coisa que ele poderia ser. Por capricho, não tinha nenhuma simpatia por plebeus que alegavam que as distinções de classe deviam ser abolidas; Cneu sempre ficava do lado dos patrícios e não mostrava nada, a não ser desprezo, pelo que chamava de "plebeus emergentes".

Cneu costumava portar-se com uma autoconfiança indiferente, um traço que Tito admirava muito; suas maneiras combinavam com a altiva boa aparência. Mas a ironia de sua lealdade classista era a falha em sua armadura; Públio, que gostava de provocá-lo, não resistia, de vez em quando, a mencionar, a condição plebéia de Cneu. Naquele dia, Cneu praticamente nem piscou. Fixou o outro menino com um olhar de aço.

Muito em breve, Públio Pinário, nós três teremos idade para entrar em combate. Todo romano luta; o maior dever que Roma exige de seus cidadãos é que eles treinem toda primavera e saiam todo verão à procura de novo butim. Mas nem todo romano atinge o mesmo grau de glória. Os plebeus, mais pobres, com as espadas enferrujadas e as armaduras caindo aos pedaços, que têm de lutar a pé porque não têm condições para comprar um cavalo, sofrem muito; só nos cabe ter pena deles e esperar poucas glórias de seu derramamento de sangue. Mas de homens de posses, como nós, que podem comprar as melhores armas e armaduras, que têm tempo para treinar e oportunidade para dominar a bela arte da equitação, Roma espera muito mais. O que importa, neste mundo, é a glória. Só o maior guerreiro consegue a mais alta glória. É isso que eu pretendo ser, ainda que só para deixar minha mãe orgulhosa de mim: o maior guerreiro que Roma já viu. Por enquanto, Públio, você pode me provocar o quanto quiser, porque ainda somos apenas meninos, sem glória. Mas em breve seremos homens. Aí, os deuses verão qual dentre nós pode ter mais orgulho de se dizer um romano.

Públio abanou a cabeça.

Emergente! Plebeuzinho pretensioso!

Cneu girou nos calcanhares e se afastou, a cabeça erguida.

Tito reagiu à fala de Cneu em grande parte como reagira quando contemplou a estátua de Vulca e, olhando para o amigo que se afastava, murmurou a mesma palavra:

Magnífico!

Públio olhou de soslaio para ele e deu-lhe um tapa na nuca.

Eu acho que você está mais apaixonado pelo Cneu do que pelo seu pederasta etrusco. — Públio acabara de aprender aquela palavra, de origem grega, e gostava de usá-la.

Cale a boca, Públio!

NAQUELA NOITE, O AVÔ DE Tito presidiu um grande jantar em família, que incluiu o pai e os tios de Tito e suas famílias. Também havia dois convidados: um jovem primo do rei Tarquínio, chamado Colatino, e sua mulher, Lucrecia. As mulheres jantaram ao lado dos homens, mas depois da refeição, quando uma criada levou uma jarra de vinho, não foram oferecidas taças às mulheres. Quando Colatino fez um brinde à saúde do rei, elas ficaram apenas observando.

Ele era um jovem de boa aparência, de espírito alegre, um pouco espalhafatoso e arrogante, mas não tão arrogante quanto os filhos de Tarquínio. Seu tipo acessível era a principal razão pela qual o Potício mais velho decidira cultivar um relacionamento com ele, achando que Colatino poderia proporcionar-lhe um acesso ao rei sem o dissabor de lidar com os filhos do rei.

Depois do brinde, em vez de tomar apenas um gole, Colatino esvaziou sua taça.

Um vinho para lá de excelente — declarou ele, depois estalou os lábios e olhou de soslaio para sua mulher. — Pena você não poder prová-lo, minha querida.

Lucrecia abaixou os olhos e corou. Naquele momento, o olhar de todos os homens na sala estava dirigido a ela, inclusive o de Tito, que acreditava nunca ter visto outra mulher com sequer a metade da beleza dela. O rubor só serviu para acentuar a perfeição da pele leitosa. Os cabelos eram pretos, lustrosos e tão longos que era possível que nunca tivessem sido cortados. Apesar de modestamente vestida numa estola de mangas compridas de lã azul escura, as linhas do vestido sugeriam um corpo de raras proporções. Quando o rubor diminuiu, ela sorriu e tornou a erguer o olhar. O coração de Tito deu uma parada quando os olhos verdes da moça se encontraram com os dele por um breve instante. Depois Lucrecia olhou para Colatino.

Às vezes, quando você me beija, marido, eu recebo um leve sabor de vinho de seus lábios. Para mim, isso basta.

Colatino sorriu e segurou-lhe a mão.

Lucrécia, Lucrécia! Que mulher você é! — Ele se dirigiu aos demais. — Foi sábia a lei do rei Rômulo que proibiu as mulheres de beberem vinho. Dizem que os gregos que moram no sul deixam que suas mulheres bebam, e isso causa problemas infundáveis. Até aqui em Roma há alguns, que ficaram relaxados e permitem uma coisa dessas; homens da mais alta categoria, que deviam saber o que estão fazendo. — Tito achou que Colatino estava se referindo aos primos reais. — Mas nenhum bem pode resultar disso, e fico satisfeito por ver que aquela antiga virtude e o senso comum são praticados pelos Potício, como condiz com a sua condição de uma das famílias mais antigas de Roma.

O avô de Tito balançou a cabeça para agradecer o cumprimento e sugeriu um outro brinde.

À virtude à moda antiga!

Colatino tornou a esvaziar a taça. Tito, por ser um menino, foi servido de vinho misturado com água, mas Colatino bebia o vinho puro e estava sentindo os efeitos.

Se a virtude deve ser brindada — disse ele —, então devemos fazer um brinde especial à pessoa mais virtuosa entre nós: minha esposa, Lucrécia. Não há mulher mais fina em toda a Roma! Depois do brinde, vou lhes contar uma história para provar o que digo. A Lucrécia!

A Lucrécia! — disse Tito.

Ela enrubesceu e tornou a baixar os olhos.

Poucas noites atrás - disse Colatino —, eu estava na casa de meu primo Sexto. Os dois irmãos dele também estavam presentes, e lá estávamos nós, todos os filhos do rei e eu. Começamos a beber, talvez um pouco mais do que devíamos... aqueles garotos Tarquínio fazem tudo em excesso! — e surgiu um debate sobre qual de nós tinha a esposa mais virtuosa. Bem, eu digo "surgiu um debate"; na verdade, talvez tenha sido eu que levantei o assunto... e por que não? Quando se tem orgulho de uma coisa, deve-se ficar calado? Minha esposa Lucrécia, disse-lhes eu, é a mais virtuosa das mulheres. Não, não, disseram eles, as esposas deles eram tão virtuosas quanto a minha. Absurdo, disse eu. Vocês têm coragem de apostar nisso? Os Tarquínio não resistem a uma aposta!

"Assim, uma a uma, fizemos uma visita a nossas esposas. Encontramos a de Sexto na sua ala da casa, num jogo de tabuleiro e mexericando com uma das criadas. Não é grande coisa como virtude! Lá fomos nós para a casa do Tito. A esposa dele... ela deve ter o triplo do

tamanho de Lucrecia!... estava deitada num sofá de jantar, comendo um bolo de mel atrás do outro, cercada por uma montanha de farelos. Não há muita virtude na glotonaria! Depois, visitamos a esposa de Arunte. Lamento informar que a encontramos, com algumas de suas amigas, *bebendo vinho*. Quando Arunte fingiu estar chocado, ela disse que ele deixasse de ser tolo e tornasse a encher a sua taça! Era evidente que ela faz isso o tempo todo, sem o menor receio de ser castigada. "Isso me ajuda a dormir", disse ela. Já imaginaram?

"Então, fomos visitar Lucrecia. Estava ficando tarde. Eu presumi que ela já estivesse dormindo, mas sabem o que nós a encontramos fazendo? Ela estava sentada ao tear, trabalhando enquanto cantava uma canção de ninar para o nosso filho recém-nascido, que estava no berço ao seu lado. Eu lhes digo, nunca houve um momento de maior orgulho em minha vida! Não apenas ganhei a aposta, mas os senhores deviam ver a expressão no rosto dos irmãos Tarquínio quando eles viram Lucrecia. Ela está sempre bonita, mas sentada ali ao tear, usando um simples vestido branco, sem mangas, para deixar os braços livres, com o brilho da luz da lâmpada no rosto, ela me fez prender a respiração. Aqueles Tarquínio ficaram com muita inveja! Você me fez ficar muito orgulhoso, querida."

Colatino pegou a mão da esposa e beijou-a. Tito suspirou, imaginando a visão de Lucrecia à luz da lâmpada, ombros e braços nus, mas seu avô franziu o cenho e mexeu-se, constrangido.

O velho mudou logo de assunto, e a conversa passou a tratar de política. Cautelosa e gradativamente, o Potício mais velho procurou determinar o grau de franqueza com que poderia falar na presença de Colatino. À medida que Colatino bebia mais vinho, mais evidente ficava que ele não gostava exageradamente de seu primo, o rei. A tendência aristocrata de sua política, se não os pontos específicos, faziam Tito lembrar-se de seu arrogante amigo, Cneu Márcio.

— Todo esse afago dos plebeus por parte do rei... e não o melhor tipo de plebeu, gente de respeito que os senhores ou eu poderia convidar para jantar, mas operários e preguiçosos comuns; posso lhes dizer que não gosto disso — disse Colatino. — Claro, é muito inteligente da parte do rei reduzir o poder do Senado, mesmo enquanto conquista o favor da plebe. Ele processa homens ricos, confisca seus bens, depois usa essa riqueza para fazer grandes obras públicas, o que dá emprego à ralé; aquela monstruosidade de templo é o exemplo mais evidente. Ele envia os mais

valentes e ousados dos patrícios para combater vizinhos de Roma; o território que é conquistado é transformado em colônias, onde os plebeus sem terra podem se instalar. O sangue dos melhores guerreiros de Roma é derramado para que um pedinte possa receber o seu pequeno pedaço de terra para plantar nabo!

"Se ele tivesse se tornado rei à maneira antiga, por eleição, ninguém poderia reclamar. Dizem que os senadores de antigamente tiveram que ficar de joelhos e implorar ao rei Numa que aceitasse o cargo; o primo Tarquínio tem senadores implorando-lhe que não tire a propriedade deles! Até o sábio Numa precisava do Senado para aconselhá-lo, mas Tarquínio, não; ele tem uma fonte mais alta de conhecimento. Sempre que há uma questão sobre política pública, seja fazer a guerra contra um vizinho, seja consertar uma rachadura na Cloaca Máxima, Tarquínio saca os Livros Sibilinos, escolhe um verso ao acaso, lê o verso no Fórum e declara que aquilo é a prova de que os deuses estão do seu lado. Tarquínio, o Soberbo, francamente! Minha boca está muito seca. Podem nos servir mais vinho?"

Talvez o senhor devesse beber um pouco de água — sugeriu o avô de Tito.

Não faço idéia do motivo, uma vez que o senhor tem um vinho tão bom em casa. Ah, aí vem a criada. Por favor, encha até a beira! Excelente; este está mais saboroso do que o anterior. O que era mesmo que eu estava dizendo? Ah, sim: os Livros Sibilinos. Bem, pelo menos o rei pagou à Sibila por eles, tudo certo e justo, ainda que tenha levado a pior no negócio. Em geral, ele toma o que quer, mesmo de membros da própria família. Veja o que ele fez com o sobrinho, Bruto. O povo adora Bruto; em sussurros, as pessoas vão dizer-lhe que ele teria dado um rei muito melhor do que o tio. Ele é um dos poucos homens que Tarquínio não tem coragem de destruir de uma vez por todas. Em vez disso, foi tirando aos poucos toda a riqueza de Bruto, reduzindo-o a um homem pobre. No entanto, Bruto tem suportado todas as indignidades sem dizer uma só palavra contra seu tio, o rei. O povo o respeita ainda mais por mostrar tanta força e controle.

A fala de Colatino estava arrastada e suas pestanas caíam; de repente, ele pareceu não ter mais energia. O avô de Tito, que achava que coisas demais já tinham sido ditas, viu uma oportunidade para dar a noite por encerrada. Começou a se levantar, mas antes que pudesse se despedir dos visitantes, Colatino voltou a falar.

O primo Tarquínio podia tirar tudo de mim, também, tal como tirou de Bruto. Podia fazê-lo assim! — Ele estalou os dedos. — Rápido como um raio enviado por Júpiter! Devastador como um terremoto enviado por Netuno! Eu poderia perder tudo, exceto a única coisa... graças aos deuses!... que o rei e seus filhos nunca poderão tirar de mim, o mais perfeito e mais precioso de todos os meus bens: a minha Lucrécia!

Durante a noite toda, ela o ouvira com paciência, sorriera levemente com as piadas dele, não mostrara constrangimento quando ele falava com demasiada franqueza e corara delicadamente quando ele a cumprimentava. Agora, com toda a graça, segurou-lhe a mão e se pôs de pé, levantando-o com ela. Ela tinha visto que estava na hora de se retirar e, sem esforço algum, ajudou o inebriado marido a sair com cortesia.

Tito, observando-a, pensou que ela devia ser muito inteligente e muito amorosa, tanto quanto bonita.

POUCOS DIAS DEPOIS, TITO, COM seus amigos Públio e Cneu, estava sentado numa saliência de pedra perto do Rochedo Tarpeio, vendo os operários no andaime que cercava o novo templo. Tito estava explicando como a quadriga com Júpiter seria içada para o alto do frontão triangular — Vulca lhe descrevera, o procedimento, em detalhes — quando Cneu o interrompeu abruptamente. Cneu tinha o hábito de mudar de assunto quando ficava enfadado.

Minha mãe disse que vai haver uma revolução.

O que é que você quer dizer? — perguntou Públio, que também estava enfadado com a conversa de Tito sobre o templo.

Os dias do rei Tarquínio estão contados. Foi o que minha mãe disse. O povo... pelo menos o povo que tem importância... está cheio dele. Vão tomar-lhe a coroa e dá-la a alguém mais digno.

Ah, e eu suponho que Tarquínio vai curvar humildemente a cabeça para que possam tirar a coroa dele? — disse Públio, a voz rouca. — Mesmo assim, o que sua mãe sabe? Ela é apenas uma mulher. Meu bisavô diz exatamente o contrário. — Públio tinha orgulho do fato de seu bisavô ainda estar vivo e em seu juízo perfeito, representando muito bem o páter-famílias da família Pinário. — Ele diz que Tarquínio cortou as pernas de todos os que podiam opor-se a ele... homens como o sobrinho dele, Bruto... e que é melhor nos acostumarmos com a idéia de que um de seus filhos irá ocupar seu lugar quando ele morrer. "Pode haver um Tarquínio no trono enquanto

houver um Pinário cuidando do Altar-Mor", é o que diz o meu páter-famílias. E o seu avô, Tito? Quando você não o está fazendo dormir com a conversa sobre a construção do templo, o que o cabeça dos Potício diz sobre o nosso querido rei?

Tito não gostava de admitir que o avô evitava falar diretamente com ele sobre assuntos tão sérios assim. Embora tivesse alguma idéia sobre as opiniões do avô, também sabia que o avô não iria querer que ele as discutisse abertamente com o falastrão do Públio.

Provavelmente meu avô diria que garotos da nossa idade não devem fazer mexericos perigosos.

Só é mexerico quando mulheres mal informadas como a mãe de Cneu estão falando. Quando se trata de homens de negócios como nós, é uma discussão séria sobre política — disse Públio.

Tito deu uma risada e estava para dizer alguma coisa zombeteira sobre o enfatuado ego de Públio, quando de repente Cneu jogou-se sobre o outro garoto.

Públio não era adversário para Cneu, especialmente quando apanhado de surpresa. Num piscar de olhos, estava de costas no chão, os membros agitando-se impotentes.

Vai pedir desculpas por ofender minha mãe! — exigiu Cneu.

Tito tentou tirá-lo dali, mas os braços do amigo estavam resistentes como pedra.

Cneu, largue ele! Como é que ele pode dizer alguma coisa se você está apertando a garganta dele? Solte, Cneu! Você vai matá-lo por estrangulamento!

Tito estava sinceramente alarmado. Ao mesmo tempo, não podia conter o riso. O rosto de Públio estava tão vermelho quanto a toga do rei, e os ruídos que ele fazia com a boca pareciam estar saindo da outra extremidade do corpo.

Tito ria cada vez mais forte, até ficar com dor nos lados. Cneu, que tentava manter uma cara de zangado, de repente estourou numa gargalhada e perdeu a força. Públio sacudiu o corpo, libertando-se, e rolou para o lado. Levou as mãos à garganta e olhou sério para Cneu. Entre tosses e chiados, conseguiu um rouco protesto.

Você é louco, Cneu Márcio! Podia ter me matado!

Eu *devia* ter matado você, por insultar minha mãe e contestar a minha honra.

Sua honra! — Públio abanou a cabeça. — Devia haver uma lei proibindo que um plebeu como você até mesmo tocasse com um dedo um patricio como eu.

Cneu não se lançou sobre ele, mas ficou absolutamente imóvel. Seu rosto ficou rubro.

Como ousa me dizer uma coisa dessas?

Como ousa chamar você de plebeu? É isso o que você é, Cneu Márcio! Só um idiota não aceita o seu destino, é o que diz o meu páter-famílias.

Tito abanou a cabeça. Por que Públio ainda estava provocando Cneu? Será que ele queria ser atirado do alto do Rochedo Tarpeio? Tito se perguntava se devia correr para procurar ajuda, quando ouviu um barulho que vinha da cidade lá embaixo.

O que foi isso? — perguntou ele.

O quê? — Públio mantinha um olhar desconfiado sobre Cneu.

Esse barulho. Não está ouvindo? Parece um grande gemido...

Ou um rugido. É, estou ouvindo. Como o som que se ouve saindo de dentro de uma concha.

O barulho chegou até a fazer com que Cneu se esquecesse de sua raiva.

Ou um soluçar — disse ele. — O barulho de um número enorme de mulheres soluçando ao mesmo tempo.

Aconteceu alguma coisa — disse Tito. — Está vindo do Fórum.

Juntos, eles foram até a beira do rochedo e olharam para baixo. Os operários que estavam no templo também tinham ouvido o barulho. Desceram do andaime para o telhado do templo, para que pudessem ter uma visão melhor.

Uma grande multidão se reunira no Fórum. Mais gente chegava de todas as direções. Um grupo de senadores, vestindo suas togas, estava no portal do Senado. Entre eles, mesmo àquela distância tão grande, Tito reconheceu o sobrinho do rei, de rosto desolado. Em vez de uma toga, Bruto usava uma túnica esfarrapada, que mal servia para um pedinte — uma demonstração da pobreza à qual o rei o reduzira. Ele estava falando para a multidão.

Você consegue ouvir o que ele está dizendo? — perguntou Tito.

Ele está muito longe, e a multidão está muito barulhenta — respondeu Cneu. — Por que eles não calam a boca?

As pessoas que estavam mais perto do Senado estavam caladas e atentas, todas voltadas para uma só direção, prestando atenção ao que Bruto dizia. Eram as pessoas atrás da multidão que andavam de um lado para o outro com as mãos erguidas, gritando e chorando. Estavam se separando para dar passagem a alguém que tentava passar e seguir para o Senado.

Quem é aquele homem e o que ele está carregando? — perguntou Tito.

Que homem? — perguntou Públio, rouco, esfregando a garganta.

Não consigo ver quem é, mas posso ver o que ele está carregando — disse Cneu. — Uma mulher. Ele está levando uma mulher nos braços. Ela está completamente mole. As pessoas estão se afastando para abrir passagem para ele. Eu acho que estou vendo sangue na túnica dele. Acho que a mulher deve estar...

Morta — disse Tito, sentindo um nó frio e duro na boca do estômago.

O homem atravessou a multidão, passo a passo, com dificuldade. Por onde quer que passasse, havia uma comoção, seguida de um impressionante silêncio. Quando chegou aos degraus do Senado, toda a multidão ficara sinistramente calada. Cambaleando, como se o fardo que levava tivesse ficado intoleravelmente pesado, ele subiu os degraus que levavam à entrada. Bruto e os senadores curvaram a cabeça e abriram passagem. O homem se voltou para ficar de frente para multidão.

Eu sabia! — sussurrou Tito. — É Colatino. Isso quer dizer que a mulher em seus braços...

O corpo sem vida estava vestido numa estola azul-escura de mangas compridas, manchada de sangue na altura do busto. A cabeça estava caída para trás, escondendo-lhe o rosto. Os cabelos pretos caíam retos, tão compridos que roçavam os pés do marido.

Bruto adiantou-se. No completo silêncio, Tito conseguiu ouvi-lo claramente.

Diga a eles, Colatino. Eles não vão acreditar em mim. Não querem acreditar numa coisa tão terrível assim. Conte a eles o que aconteceu.

O violento soluço de Colatino reverberou pelo Fórum e fez com que um calafrio perpassasse pela multidão. Por um longo momento ele pareceu incapaz de se controlar. Quando finalmente falou, suas palavras soaram em alto e bom som.

Sexto Tarquínio fez isso. O filho do rei! Ele estuprou minha esposa, minha adorada Lucrecia. Enquanto eu estava ausente, ele foi até minha

casa. Foi recebido como um visitante honrado, convidado a jantar, e um quarto lhe foi designado. Durante a noite, ele foi procurá-la. Meteu-se à força na cama dela... na nossa cama! Manteve uma adaga junto à garganta dela... os senhores podem ver onde a lâmina cortou a pele! Uma criada ouviu-a implorar por clemência, mas um dos homens de Sexto vigiava a porta. A criada mandou me chamar, mas quando eu cheguei, Sexto tinha ido embora. Lucrécia estava chorando, inconsolável, louca de tanto sofrer. Sexto deixara a faca que usara para ameaçá-la. Antes que eu pudesse impedir, ela a mergulhou no coração. Morreu nos meus braços!

Como se de repente o peso ficasse insuportável, Colatino caiu de joelhos, ainda aninhando o cadáver nos braços. Inclinou a cabeça e chorou.

Bruto adiantou-se e ergueu uma adaga ensangüentada.

Esta é a faca! — bradou ele. — A lâmina que Sexto Tarquínio usou quando estuprou Lucrécia, a lâmina que ela usou para se matar!

Ele esperou que diminuísse o arfar da população.

Por quanto tempo mais vamos apoiar isso? O que mais vamos permitir que o tirano e seus filhos tirem de nós? Esta situação intolerável acaba aqui e agora, hoje!

Bruto ergueu bem a faca e voltou-se para ficar de frente para o Capitolino, como se estivesse se dirigindo a Júpiter em seu inacabado templo no alto do monte. Para Tito, parecia que o homem de aparência austera e fisionomia sombria havia se voltado abruptamente para olhar diretamente para ele e seus amigos. A sensação era perturbadora, e Tito estremeceu.

Pelo sangue inocente que está nesta faca — declarou Bruto — e pelos deuses, eu juro que com fogo e espada, e o que mais puder dar força ao meu braço, vou perseguir Tarquínio, o Soberbo, sua malvada mulher e todos os seus filhos, nenhum dos quais merece viver na companhia de homens decentes, muito menos governá-los. Vou expulsá-los, e nunca mais vou permitir que eles ou qualquer outro homem seja rei em Roma!

A multidão explodiu num tumulto de gritos. Mulheres puxavam os cabelos. Homens brandiam os punhos. Uma turba lançou-se pelos degraus do Senado e ergueu Bruto nos ombros. Ele parecia flutuar acima da multidão, o braço erguido para apontar a faca ensangüentada em direção ao céu.

Mesmo da segurança do Capitolino, Tito sentiu uma pontada de medo. Ele nunca vira um espetáculo daqueles; a fúria da multidão parecia

uma força da natureza liberada. Seu coração batia forte no peito. A boca estava seca demais para falar.

O que vocês acham que ele quis dizer com aquilo? — perguntou Cneu. Sua voz parecia de uma calma sobrenatural.

Ele não podia ter sido mais claro — disse Públio, a voz entrecortada. — Bruto pretende expulsar Tarquínio de Roma.

É. Mas e depois?

Públio falou num resfolegar de desespero.

Bruto vai tomar o lugar dele, é claro.

Não, Públio, não foi isso que ele disse. "Nunca mais vou permitir que eles *ou qualquer outro homem* seja rei em Roma." Bruto pretende expulsar o rei e não colocar ninguém no lugar dele.

Públio franziu o cenho.

Mas se não houver um rei, quem vai governar a cidade?

Tal como seus amigos, Tito estava intrigado. Sentia-se amedrontado e eufórico, tudo ao mesmo tempo, e apatetado de dor pelo fato de Lucrecia - a bela, inteligente e adorável Lucrecia — ter tido um destino tão horrível. Ele estava totalmente dominado pelo que acabara de presenciar. Alguma coisa chegara ao fim naquele dia, e outra coisa qualquer começara, e a vida de todos eles seria alterada para sempre.

509 a.C.

VESTINDO SEUS TRAJES SACERDOTAIS E usando, com orgulho, o talismã de Fascinus - porque naquele dia ele estava presente tanto no papel ancestral de sacerdote de Hércules como no de descendente dos Potício —, Tito estava entre o pai e o avô nas fileiras da frente da multidão que se reunira no Capitolino diante do novo Templo de Júpiter. Os Pinário também estavam lá, num lugar de honra igual. O bisavô de Públio parecia muito frágil e mais do que um pouco confuso; mas que cabeça não estava girando, depois dos tumultuados acontecimentos do ano anterior?

A ocasião era a consagração do templo. Até o último minuto, Vulca estivera agitado, dando toques finais aqui e ali — dando toques de tinta no cotovelo arranhado de Minerva, polindo as enormes fechaduras de bronze das portas, instruindo seus homens para deslocar o trono de Júpiter o equivalente à largura de um dedo para a esquerda porque a estátua não estava exatamente centrada em cima do pedestal. Não importava que Vulca

ainda percebesse ínfimas imperfeições em toda parte; para Tito, nunca houvera nada tão bonito quanto o templo. Ele era realmente digno de sua dominadora posição no alto do Capitolineo, o que o tornava o prédio mais destacado de toda a Roma, dominando a silhueta da cidade vista de todos os pontos de observação. Com o andaime finalmente retirado, Tito podia apreciar plenamente a perfeição das proporções e a linha arrojada das colunas que sustentavam o frontão triangular. Em cima do frontão, a estátua de Júpiter em seu carro puxado por quatro cavalos brancos evocava majestosamente o rei supremo de deuses e homens. O templo era uma coisa de beleza terrena que inspirava o respeito religioso.

Em pé lado a lado na entrada do templo, supervisionando a consagração, estavam dois cônsules, Bruto e Colatino. Embora a fisionomia estivesse esquelética como sempre, Bruto já não se vestia em farrapos de mendigo. Tal como Colatino, usava uma toga com uma faixa púrpura para indicar sua condição de um dos dois mais altos magistrados da nova república.

República: o termo ainda era novo para Tito e lhe soava estranho aos ouvidos. Tinha origem nas palavras *res* (uma coisa, uma circunstância, um estado de ser) e *publica* (do povo). *Res publica*: o estado do povo. Na esteira da repentina queda e partida de Tarquínio — o levante fora tão avassalador que a revolução ocorrera quase sem derramamento de sangue —, os líderes do Senado decidiram que eles mesmos iriam governar o estado, sem um rei. O povo comum insistira aos berros que deveria ganhar uma assembléia própria e leis que o protegesse, porque o favor do rei tinha sido sua única proteção contra os caprichos dos ricos e poderosos patrícios.

— Regras, regras, regras! — reclamara o avô de Tito, depois de comparecer às primeiras e estridentes reuniões do novo governo. — Quando ninguém é rei, todo mundo é rei e pensa que sua vontade deve prevalecer... ou pelo menos que tem que dar sua opinião. O resultado é o caos! Discussões infundáveis e nenhum acordo sobre qualquer coisa, exceto que deve haver novas regras para anular quaisquer regras antigas sobre as quais se tinha chegado a um acordo. Ninguém fica satisfeito. Cada um pensa que todos os outros estão levando mais vantagem. Isso é *quase* o bastante para deixar um homem com saudade daquele que chamávamos de Soberbo!

Apesar de todos os problemas que atormentavam o novo estado, aquele era um dia de comemoração. A consagração de um novo templo, que

deveria ter sido a realização máxima do rei Tarquínio, iria servir, em vez disso, para assinalar o primeiro ano da nova república. De fato, para Tito, a magnificência das estátuas de Vulca pintadas em cores brilhantes e a impressionante perfeição de sua arquitetura exemplificavam um ousado novo espírito na cidade de Roma.

Para um visitante, poderia ter parecido que os dois magistrados à entrada do templo eram co-governantes, pouco diferentes de reis. Seus trajes os colocavam separados e acima dos demais e, como reis, eles eram protegidos por lictores armados com varas e machados. Mesmo o fato de terem sido eleitos para o cargo não os diferenciava dos reis, pois todos os reis de Roma, exceto Tarquínio, tinham sido eleitos para o cargo, ainda que alguns tivessem sido escolhidos de forma mais livre do que outros. Mas os dois cônsules, governando lado a lado para que um pudesse servir como contrapeso do outro, iriam servir por apenas um ano, e depois passariam o cargo aos dois cônsules seguintes que vencessem a eleição. Ao dividirem-se os poderes dos cônsules e realizando eleições anuais, esperava-se que se pudesse fazer com que o estado servisse ao povo, e que Roma nunca mais caísse em poder de um tirano como Tarquínio.

A cerimônia pública chegou ao fim. As grandes portas do templo foram abertas. Os cônsules entraram, seguidos por um grupo muito seletivo de cidadãos, porque o santuário só podia acomodar uma pequena parte da multidão. O avô de Tito estava entre eles, bem como o bisavô de Públio, que subiu os degraus com dificuldade, apoiando-se no braço de seu colega sacerdote veterano de Hércules. Tito não teve permissão para comparecer à cerimônia mais restrita dentro do santuário, mas, graças a Vulca, ele já tinha visto as câmaras acabadas que abrigavam as estátuas de Júpiter, Juno e Minerva e tivera permissão para contemplar os deuses à vontade.

A multidão começou a se dispersar. Havia um espírito alegre no ar. Homens saudavam uns aos outros com abraços e risos. Tito sentia-se inspirado e edificado.

Quando viu Cneu perto, ficou ainda mais animado, até que Públio sussurrou-lhe ao ouvido:

— Olha lá! É o seu amigo plebeu, Cneu Márcio. Como foi que ele chegou tão perto da frente da multidão? Ele deve estar posando de vetúrio hoje fingindo que o sangue da mãe o torna um de nós.

Cale a boca, Públio! Não diga nada para insultá-lo. Provocar deliberadamente uma desavença num dia desses mostra falta de respeito

para com Júpiter.

Públio soltou uma gargalhada.

Por todos os deuses, eu odiaria ferir suas sensibilidades religiosas, Tito! Por isso, vou simplesmente seguir em frente. Cumprimente o pretensioso plebeuzinho da maneira que achar que vá agradar a Júpiter.

Depois que Públio desapareceu, Tito saudou Cneu, que retribuiu o sorriso.

—Você estava certo o tempo todo sobre Vulca e o templo—disse Cneu. —Estrangeiro ou não, ele nos deu um prédio realmente magnífico, algo de que toda a Roma pode se orgulhar. Estou ansioso para ver as estátuas lá dentro.

Tito limitou-se a um balançar de cabeça. Para Públio ele teria jactado-se, com orgulho, de já ter visto as estátuas, mas Cneu poderia achar que ele estava se considerando superior, e ficar ofendido.

O sorriso de Cneu desapareceu.

Você estava mais perto dos cônsules do que eu. Bruto não parecia muito fatigado?

Talvez. Meu avô diz que corre o boato de que ele não está bem.

Se fosse só isso!

O que quer dizer?

Cneu pegou no braço de Tito e puxou-o para longe da multidão. Falou em voz baixa.

Você não ouviu os rumores sobre os filhos de Bruto?

Os dois filhos do cônsul eram poucos anos mais velhos do que Tito, que os conhecia apenas o suficiente para saudá-los pelo nome quando os via no Fórum.

Rumores?

Cneu abanou a cabeça.

Só porque seu avô ainda o trata como um menino não quer dizer que você tenha que pensar como um menino, Tito. Nós já estamos velhos demais para isso. Os tempos estão muito perigosos. Você precisa se interessar mais pelo que acontece à sua volta.

Tito deu um sorriso um tanto torto e tocou no talismã de Fascinus que lhe pendia no pescoço.

Tudo o que quero agora é aprender a ser construtor, como Vulca.

Você devia deixar esses assuntos para os artesãos contratados. Homens como nós nasceram para ser guerreiros.

Mas os templos nos fazem ficar mais perto dos deuses. Construir um templo é tão importante quanto vencer uma batalha.

Cneu bufou.

Eu nem vou responder a isso! Mas nós estávamos falando sobre Bruto e seus filhos. Como você parece desconhecer a situação, eu vou lhe dizer. Essa situação precária... esta chamada república... está pendurada por um fio. Nossos vizinhos estão fazendo alianças para guerrearem contra nós. Sem um rei, eles acham que somos fracos, e têm razão. Toda essa disputa e essa briga solaparam a nossa força. A turba desprezível da cidade foi aplacada por uns tempos, depois que os usurpadores deixaram que ela saqueasse as propriedades da família Tarquínio... que vergonha, Bruto e Colatino terem permitido um ultraje desses! Mas agora a turba está ficando desconfiada dos novos magistrados e acha que uma assembléia formada pelos seus membros deve tomar o lugar do Senado. Que os deuses ajudem Roma se isso acontecer! E agora... — Ele abaixou ainda mais a voz. — Agora existe uma trama para recolocar o rei no trono. Alguns dos homens mais respeitados de Roma estão envolvidos.

Tito respirou bem fundo.

Será possível uma coisa dessas?

Não sem muito sangue derramado. Mas sim, é possível. Enquanto Tarquínio e seus filhos estiverem vivos, nunca deixarão de tramar para retomar o trono. Sei que eu não deixaria!

Mas quem iria ajudá-los a fazer uma coisa dessas? Depois do que Sexto Tarquínio fez com Lucrecia...

E daí? Um homem estuprou a mulher de outro, não pela primeira vez, nem pela última. Foi um crime, é claro... mas não um motivo para abolir todo o sistema da monarquia que fez de Roma uma cidade forte. Não se esqueça de que foi um rei que nos deu o templo do qual você se orgulha tanto. Os inimigos de Tarquínio simplesmente usaram o estupro como meio de provocar a ira contra o rei, a fim de que pudessem tomar o lugar dele.

Tito sentiu uma pontada de medo.

Cneu... *você não* está envolvido nessa trama para trazer o rei de volta, está? Cneu, responda!

Cneu exibiu uma expressão de indiferença, misteriosa, e Tito viu que seu amigo estava realmente gostando da sua consternação.

Não, não estou — disse ele, por fim. — Mas também não estou de todo contra aqueles que pensam que Roma era melhor com um rei.

— Mas, Cneu, até para uma pessoa como você... — Tito percebeu que tinha de falar com cuidado, para não ofender o amigo; ao mesmo tempo, queria mostrar que não era tão ignorante em relação à política quanto Cneu parecia achar. — Colatino é um patrício, mas Bruto, não; sua mãe era irmã do rei, mas seu pai era plebeu. Ao vencerem a eleição para o consulado, os dois estabeleceram um precedente para o futuro. Na república, qualquer homem de valor... patrício *ou* plebeu... terá a chance de governar o estado.

Cneu resfolegou.

- Durante um ano! O que adianta isso?

Tito continuou.

Novos homens também foram acrescentados ao Senado. Tarquínio matou tantos senadores que Bruto e Colatino estão nomeando novos membros todos os dias, para levar o número de volta a trezentos. Não apenas patrícios, mas plebeus também.

Pior ainda! Isso é o melhor que um homem pode esperar? Tornar-se um dos trezentos?

Tito franziu o cenho, realmente intrigado.

Cneu, eu acho que você não está entendendo.

Ele não podia deixar de imaginar o grau de franqueza com que Públio teria explicado o fato: Ainda pode haver um lugar para você na nova república, Cneu, apesar de você ser apenas um reles plebeu!

Não, Tito, *você* não entende. Essa república, esse governo pelo povo, o que ela pode oferecer a um homem, a não ser a chance de se tornar um mero senador, um dos trezentos, ou no máximo um cônsul, o primeiro entre iguais, e um de dois, eleito por apenas um ano? Enquanto Roma tinha um rei, havia esperança; havia algo pelo que um homem podia lutar.

Não compreendo.

Esperança, Tito! Um homem ambicioso, um grande homem, um guerreiro valente, um homem cabeça e ombros acima de todos os demais, esse homem, antigamente, podia ter a esperança de um dia ocupar o trono, tornar-se um verdadeiro governante de homens, ser o rei de Roma. Mas agora, com o fim da monarquia, substituída por essa patética república, que esperança restou para um homem assim?

Tito olhou fixo para o amigo, fascinado e horrorizado. Será que Cneu realmente imaginava que um dia poderia ser o rei de Roma? De onde viera aquela desenfreada ambição? Ela devia ser temida ou admirada? Ele quase

desejou que Públio estivesse presente, para esvaziar as fantásticas idéias de Cneu com um simples comentário sarcástico.

Tito abanou a cabeça.

Como foi que passamos a falar dessas coisas? Você ia me dizer algo sobre Bruto... e os filhos dele...

Pouco importa — disse Cneu. Ele escondeu o rosto, mas em sua voz Tito ouviu toda a raiva, a dor e o desespero de um jovem cujos sonhos não são compreendidos por ninguém mais, nem mesmo por seu amigo mais íntimo.

Cneu se afastou sem mais uma só palavra.

ASSIM COMO O AVÔ SALIENTARA para Tito a importância do domínio das letras, também Bruto providenciara para que seus dois filhos soubessem ler e escrever. Foi essa capacidade que os condenou.

O irmão mais moço da mulher de Bruto estava totalmente envolvido na trama para recolocar o rei no trono. Foi esse homem, Vitélio, que convenceu os sobrinhos a unirem-se à conspiração, com promessas de que seriam altamente recompensados no segundo reinado de Tarquínio. Enviados secretos levavam e traziam mensagens entre o rei e os conspiradores. À medida que se aproximava a data para o planejado retorno de Tarquínio — um dia que iria transformar o Fórum num lago de sangue — o rei, nervoso, insistia em mais garantias por parte de seus partidários. Exigia cartas de intenção expressa, com explícitos juramentos de lealdade, assinadas de próprio punho. Os dois filhos de Bruto, Tito e Tibério, assinaram uma carta dessas e colocaram-na nas mãos de um escravo que pertencia ao tio deles, Vitélio.

O escravo tinha sido subornado por Bruto para mantê-lo informado sobre a trama. Bruto sabia que o cunhado estava envolvido; não gostando nada de Vitélio ele estava decidido a denunciá-lo. Bruto não sabia do envolvimento de seus próprios filhos.

Se Bruto pudesse apresentar provas positivas da conspiração, o escravo receberia a promessa de liberdade e de todos os direitos de cidadania na nova república. Com uma mistura de medo e emoção, ele se dirigiu à presença dos dois cônsules para entregar as cartas que lhe tinham sido confiadas.

Quantas? — perguntou Bruto.

— Vinte cartas — disse o escravo —, assinadas por vinte e um homens.

Bruto franziu o cenho.

Uma das cartas traz dois nomes?

Trazem, cônsul.

Uma a uma, Bruto apanhou as cartas e leu-as; em seguida, passou-as para Colatino. Alguns dos nomes não foram surpresa para Bruto; outros o chocaram. Absolutamente cômico da gravidade do momento, ele evitou que sua fisionomia expressasse qualquer emoção.

O escravo desviou os olhos quando entregou a Bruto a última carta. O cônsul olhou fixo para ela durante um tempo tão longo, e mantendo uma postura tão estranhamente rígida que Colatino, esperando que a carta lhe fosse passada, se perguntou se Bruto tinha sofrido alguma forma de paralisia. Ficando impaciente, ele tirou a carta das mãos de Bruto. Quando viu os nomes que estavam nela, ofegou.

Ainda assim, Bruto não mostrou reação alguma. Sua voz não dava sinal de emoção.

Nós agora temos os nomes deles. Temos prova da culpa deles. Sabemos onde moram todos esses homens. Temos que mandar nossos lictores prendê-los o mais rápido possível, para que nenhum deles possa avisar os outros.

E depois? — perguntou Colatino num sussurro.

Não há necessidade de julgamento. O Senado nos deu poderes de emergência para lidar exatamente com uma circunstância como esta. Vamos agir com rapidez e certeza, para salvar a república.

No DIA SEGUINTE, OS CIDADÃOS foram convocados a se reunirem no Campo de Marte, onde os cônsules assumiram seus lugares sobre uma plataforma elevada.

Os condenados foram levados à presença deles. Tinham sido despídos de todas as peças de roupa. Eram todos jovens... e todos de famílias respeitáveis. Vistos de longe, poderiam ter parecido atletas nus desfilando diante da multidão no Circo Máximo, só que atletas acenam para a multidão, e aqueles homens tinham as mãos presas às costas.

Todos os olhares estavam voltados para os filhos de Bruto. Se eles não tinham aprendido outra coisa com o pai, tinham aprendido compostura. Enquanto alguns dos conspiradores gritavam maldições, ou imploravam

misericórdia, ou choravam ou lutavam com os lictores que os continham, Tito e Tibério permaneciam rigidamente eretos, de boca fechada e olhos voltados bem para a frente.

Grossos troncos de árvore tinham sido colocados em fileira diante do tribunal. Os prisioneiros foram obrigados a ficar em pé lado a lado diante dos troncos, depois ajoelhar-se na areia e inclinar-se para a frente, de modo a apoiarem o peito na madeira. Uma corda comprida foi enrolada uma vez no pescoço de cada homem, unindo-os todos; as partes frouxas de corda entre os homens foram presas por travas de ferro enfiadas na areia a marteladas. Dessa maneira, os prisioneiros ficaram contidos e preparados para o castigo.

Primeiro, foram açoitados. Os lictores iam com calma. Os filhos de Bruto e seu tio Vitélio não receberam nem mais nem menos açoites do que os outros. O açoite continuou até a areia ficar vermelha de sangue. Alguns dos prisioneiros desmaiaram. Foram banhados com água para reanimá-los.

Se os prisioneiros fossem guerreiros de outra cidade que haviam sido capturados, ou criminosos comuns, ou escravos rebelados, a multidão teria zombado e rido; naquelas circunstâncias, praticamente não se ouvia barulho algum, exceto, aqui e ali, o som de choro abafado de homens que escondiam o rosto e não agüentavam assistir. A maior parte da multidão fez o possível para emular Bruto, que estava sentado em sua cadeira, rígido como uma estátua, e observava o castigo dos traidores sem se retrair.

Um a um, os prisioneiros foram decapitados. Os lictores dividiram a tarefa, passando o machado de homem para homem, limpando-o de sangue e resíduos antes de tornar a usá-lo. Os filhos de Bruto estavam perto do meio da linha, lado a lado. Quando os lictores chegaram a Tito, dez homens já tinham sido executados; suas cabeças jaziam onde tinham caído na areia, em poças do sangue que saía dos pescoços cortados. Alguns dos homens mais adiante na linha estavam chorando; outros, em acessos de pânico, lutavam furiosamente contra a corda que os prendia. Alguns tinham perdido o controle do intestino e da bexiga; o fedor de urina e fezes somou-se ao cheiro de sangue. Vitélio, que estava bem no fim da fila, começara a gritar sem parar. Um dos lictores, incapaz de suportar o barulho, tapou-lhe a boca com um retalho sujo de sangue.

O machado foi passado. O lictor limpou a lâmina, ergueu-o no ar e arriou-o no pescoço de Tito. Tibério, que mantinha os olhos bem fechados,

foi decapitado em seguida. Restavam mais nove prisioneiros. Os lictores continuaram seu trabalho.

Olhando do alto do tribunal, o rosto de Bruto não estava menos impassível depois da execução de seus filhos do que estivera antes. Os cidadãos que estavam na multidão olhavam para ele com admiração.

Quando chegou a sua vez, Vitélio conseguiu cuspir a mordaca que estava em sua boca e recomeçou a gritar. O machado subiu e desceu. Os gritos pararam de repente. O Campo de Marte ficou em completo silêncio.

Colatino se levantou. Seu porte era rígido; só pelo repetido fechar e abrir dos punhos ele revelava sua agitação. Ao lado dele, Bruto ergueu-se da cadeira. Por um breve instante, pareceu vacilar. Em uníssono, a multidão prendeu a respiração, temendo que as pernas fossem ceder sob ele. Instintivamente, Colatino estendeu a mão para agarrar o braço de seu colega cônsul, mas parou pouco antes de tocá-lo e recuou a mão.

Colatino falou com ele em voz baixa; estava se oferecendo a cumprir um dever que anteriormente eles tinham concordado que caberia a Bruto. Bruto abanou a cabeça, recusando a oferta. Estendeu o braço direito. Um dos lictores entregou um bastão em sua mão aberta.

Vindício, adiante-se! — bradou Bruto.

O escravo que havia desmascarado seu senhor Vitélio e os outros conspiradores aproximou-se do tribunal. Bruto adiantou-se e olhou para ele.

Pelo seu papel de salvar a república de seus inimigos, foi-lhe prometida uma recompensa, Vindício. Na curta vida da nossa república, nunca antes um escravo se tornou cidadão. Você será o primeiro. Pelo toque deste bastão, eu lhe concedo os direitos, deveres e privilégios de um homem livre de Roma.

Vindício curvou a cabeça. Bruto tocou-lhe a cabeça com o bastão.

A voz de Bruto, elevada ao tom de um orador, tinha um toque estridente, mas não se interrompeu.

Que seja visto que um escravo pode se tornar um cidadão ao servir à república. E que seja visto que qualquer cidadão que trair a república não terá misericórdia. Todos os homens executados aqui hoje eram culpados de traição. Eles traíram sua cidade e seus concidadãos. Alguns eram culpados de um outro crime: traíram o pai. Deslealdade para com o pai ou para com a mãe-pátria... por qualquer dos dois crimes só pode haver um castigo, que vocês viram aplicado hoje. Isto nós fizemos no Campo de Marte, sem nada a nos esconder dos olhos do céu. Que os deuses sejam testemunha. Pela

continuação de seu favor, que eles afirmem que o que fizemos foi feito bem e corretamente.

Bruto desceu do tribunal, a cabeça bem erguida. Seu andar era firme, mas só por causa do bastão em sua mão direita, sobre o qual ele se apoiava com força. Nunca antes ele precisara de um bastão para ajudá-lo a andar; nunca mais ele tornaria a poder andar sem ele.

Entre os que estavam nas primeiras fileiras da multidão, observando a saída do cônsul, achavam-se Tito Potício e seu amigo Cneu Márcio.

Tito, graças à posição de sua família, estava acostumado a ficar na frente de qualquer reunião; naquele dia, ele poderia ter desejado estar em qualquer outro lugar. Várias vezes, em especial durante as decapitações, sentira-se fraco e enjoado, mas com o avô em pé perto dele, não ousara desviar o olhar. Seu amigo Cneu, que estava acostumado a ficar mais para trás em qualquer multidão, naquela ocasião tinha pedido a Tito que lhe permitisse ficar ao lado dele, para que pudesse ter a melhor visão possível dos acontecimentos. Quando Tito se sentira fraco, tocara Fascinus com uma das mãos e com a outra procurara, como uma criança, a mão de Cneu. Cneu, apesar de achar que aquilo o fazia sentir-se ligeiramente tolo, segurara a mão do amigo sem protestar; afinal, ele devia a Tito o seu lugar à frente da multidão.

Cneu não era enjoado; a visão de tanto sangue não o perturbara. Tampouco sentira pena dos prisioneiros. Eles tinham corrido um tremendo risco, sabendo quais eram as possíveis conseqüências. Se tivessem vencido, não teriam mostrado mais misericórdia para com suas vítimas do que a que fora mostrada para com eles.

Sobre Bruto, Cneu não tinha certeza do que pensar. O homem tinha uma vontade de ferro; se algum mortal merecia ser rei, devia ser Bruto; no entanto, o homem não tinha interesse algum em reivindicar o trono; seu ódio pela monarquia parecia ser totalmente sincero. Bruto investira todas as suas esperanças e sonhos na curiosa idéia da *res publica*, o estado do povo. A *res publica* havia levado seus filhos e exigira que ele próprio aplicasse o castigo. Até mesmo um deus que exigisse um sacrifício tão cruel assim poderia ver-se desprezado, mas Bruto ainda venerava a *res publica*!

Cneu tinha visto o nascimento de um novo mundo, um mundo em que os patriotas, não os reis, dominavam. O mundo mudara, mas Cneu, não; ele ainda estava decidido a ser o primeiro entre os homens, estimado acima de todos os demais. Como isso poderia ser realizado no novo mundo, ele não

sabia, mas tinha fé em seu destino. O tempo e os deuses iriam mostrar-lhe o caminho.

504 a.C.

A CHEGADA DE ATOS CLAUSO a Roma foi uma ocasião de grande pompa e comemoração. Todos os envolvidos reconheceram que se tratava de um acontecimento significativo, embora ninguém pudesse ter percebido a extensão que teriam os seus efeitos.

Os primeiros cinco anos da nova república tinham sido marcados por muitos retrocessos e desafios. Inimigos internos tinham conspirado para repor o rei no trono. Inimigos externos tinham procurado conquistar e subjugar a cidade. Os cidadãos se irritavam com descontentamento, enquanto o poder se deslocava de uma facção para outra, numa inexorável disputa de vontades.

Entre os inimigos externos da cidade estavam as tribos sabinas que ficavam no sul e no leste, que há muito tinham sido unificadas em sua hostilidade para com Roma. Quando um de seus líderes, Atos Clauso, começou a defender a paz entre os sabinos e Roma, os senhores da guerra seus companheiros voltaram-se contra ele e Clauso viu-se em perigo iminente. Fez um pedido urgente ao Senado, dizendo que deveria ter permissão para emigrar para Roma, juntamente com um pequeno exército de guerreiros e suas famílias. O Senado debateu o assunto e deu poderes aos cônsules para negociar com Clauso. Em troca de uma substancial contribuição para o esgotado tesouro estatal e o recrutamento de seus guerreiros para as fileiras romanas, Clauso recebeu as boas-vindas a Roma. Aos seus dependentes foram prometidas terras às margens do rio Ánio, e o próprio Clauso foi incluído na lista dos patrícios e recebeu uma cadeira no Senado.

No dia da chegada, uma grande multidão de simpatizantes encheu o Fórum e saudou-o enquanto ele caminhava pela Via Sacra com a família. Pétalas de flores foram espalhadas no caminho deles. Trombetas e flautas tocavam a festiva melodia de uma antiga canção sobre Rômulo, sua aquisição das esposas sabinas e o feliz resultado disso. A procissão chegou ao Senado. Enquanto a esposa e os filhos ficaram aos pés dos degraus, Clauso subiu para a entrada.

Como sempre, Tito Potício estava perto da frente da multidão, de onde podia ver muito bem o famoso senhor da guerra sabino. Ficou impressionado com o porte distinto do homem e sua cabeleira negra salpicada de fios prateados, digna de um rei. O avô de Tito estava entre os magistrados e senadores na entrada que receberam Clauso e o presentearam com uma toga senatorial. A túnica sabina que Clauso usava era um esplêndido traje verde com suntuosos bordados de ouro, mas ele se exibiu ao levantar, bem-humorado, os braços e deixar que a toga fosse colocada e ajeitada como devia. Ele ficou bem com ela e parecia ter nascido para o Senado romano.

Seguiram-se discursos. A atenção de Tito começou a vagar, e ele se viu estudando os membros da família Clauso que estavam por perto. A esposa do novo senador era uma mulher impressionante, e as crianças eram os rebentos de pais muito bonitos. Uma das filhas, em especial, chamou a atenção de Tito. Era uma beldade morena com um nariz comprido, lábios sensuais e faiscantes olhos verdes. Tito não conseguia desviar o olhar. Ela sentiu seus olhos nela e retribuiu o olhar, analisando-o por um longo momento antes de sorrir e desviar o olhar; na entrada, o pai dela começara a falar. O coração de Tito estava agitado como não estivera desde que ele vira a condenada Lucrecia pela primeira vez.

Clauso falava latim com um encantador sotaque sabino. Expressou gratidão ao Senado de Roma — sem fazer, como Tito percebeu, menção ao povo comum — e prometeu continuar os esforços para convencer os outros líderes sabinos de que um acordo de paz devia ser feito com Roma.

— Mas se eles não puderem ser pacificados na câmara do conselho, terão de ser esmagados no campo de batalha, e nesse empenho eu farei a minha parte. Os guerreiros sabinos que trouxe comigo são, agora, orgulhosos guerreiros romanos, assim como eu, agora, sou um orgulhoso senador romano. Na verdade, no momento em que vesti esta toga, abandonei meu nome sabino. Hoje de manhã acordei como Atos Clauso, mas a partir deste momento, eu me declaro ser Ápio Cláudio. Penso que o nome me cai bem, assim como esta toga me cai bem!

Ele sorriu e, lentamente, deu um giro para exibir o novo traje, provocando aplausos e risadas amáveis. A multidão o adorou.

Tito também sentiu uma onda de amor, bem como de esperança, porque agora, finalmente, sabia como chamar o objeto do seu desejo. A filha de qualquer homem chamado Cláudio levaria o nome de Cláudia.

Cláudia! pensou ele. Estou apaixonado pela garota mais bonita do mundo e o nome dela é Cláudia!

— SEGUNDO ÁPIO CLÁUDIO, ELE vai deixar a decisão por conta da jovem. Que figura estranha, esse homem!

Sim, vovô — disse Tito, balançando a cabeça, nervoso. — E...?

E o quê?

Qual foi a decisão dela?

Por Hércules, meu rapaz, eu não faço idéia. Passei a visita toda conversando com o pai. Nem sequer vi a moça. Se ela tiver qualquer semelhança com sua avó, não vai se decidir na hora. Dê tempo a ela para pensar no assunto!

Nos dias que se seguiram à sua chegada a Roma, Ápio Cláudio e sua família tinham sido convidados para os lares de todas as famílias mais destacadas da cidade. Entre os primeiros anfitriões estavam os Potício, porque Tito encorajara o avô a convidá-los para jantar assim que possível. Tito aproveitara a oportunidade para conhecer Cláudia e conseguira conversar com ela em particular por alguns momentos. Ela se mostrara mais fascinante do que ele poderia ter imaginado; sua voz parecia música, e as palavras que pronunciava levaram-no para um reino de magia. Cláudio, que os romanos começavam a considerar um pouco excêntrico à medida que passavam a conhecê-lo, providenciara a educação das filhas tanto quanto a dos filhos. Cláudia sabia realmente ler e escrever, e quando Tito mencionou seu interesse pela arquitetura, ela falou sobre o quanto ficara impressionada com o grande Templo de Júpiter no alto do Capitolino.

Imagine só, vovô — dissera Tito depois. — Uma mulher que sabe ler e escrever! Uma mulher dessas poderá ser uma grande companheira para o marido.

Ou uma ameaça absoluta! Uma esposa que pode ler os papéis privados do marido? Que idéia horrível! Mas o que você está dizendo, Tito? Você quer essa garota para sua esposa?

E assim começara a corte de Tito a Cláudia. Ele teve permissão para vê-la em mais algumas ocasiões, sempre com a criada de Cláudia presente para atuar como aia. O encanto dele por ela aumentava a cada breve visita. Os entendimentos sobre o casamento tinham sido feitos, em sua maioria, pelos páter-famílias das duas casas; o avô de Tito enviou perguntas a Ápio Cláudio, que reagiu com uma resposta positiva. Um vínculo matrimonial

ofereceria vantagens a ambas as famílias. Cláudio era imensamente rico; a filha levaria um dote considerável, e os Potício estavam precisando de uma infusão de riqueza. Eles, por sua vez, eram uma das mais antigas e mais distintas famílias de Roma; uma união matrimonial com um Potício concederia aos Cláudio uma instantânea legitimidade entre os patrícios da cidade.

Os entendimentos sobre o casamento caminharam muito bem, até o dia em que o avô de Tito chegou em casa com notícias perturbadoras. Tito não era o único pretendente interessado na jovem Cláudia.

Quem mais? — quis saber Tito. — Seja quem for, eu vou... eu vou... — Ele não estava certo quanto ao que iria fazer, mas sentiu uma onda de agressão que nunca sentira antes.

É seu amigo, Públio Pinário — disse o avô. — Já imaginou? Ao que parece, Públio viu a jovem naquele primeiro dia diante do Senado, tal como você, e os Pinário receberam os Cláudio para jantar logo no dia seguinte ao que nós recebemos. Públio tem cortejado a menina desde então, com a mesma assiduidade que você. Isso coloca Ápio Cláudio numa certa dificuldade. Ele alega... e isso eu não posso negar... que há muito pouco para distinguir os Potício e os Pinário quando se trata de um bom casamento para a família dele. Nossas linhagens são igualmente antigas, igualmente distintas na história da cidade.

Só que os Pinário chegavam tarde para a Festa de Hércules!

O avô deu uma gargalhada.

Sim, tem isso, mas eu não acho que uma mancada cometida há algumas centenas de anos seja suficiente para pender a balança a nosso favor. Com todas as coisas sendo iguais entre você e Públio, Cláudio diz que vai deixar a decisão para a menina.

Quando é que ela vai decidir?

Meu querido rapaz, eu já lhe disse que não faço idéia. Eu não dei um prazo-limite ao homem.

Talvez devesse ter dado. Eu acho que não vou suportar a espera! Isso é pior do que a primeira vez em que entrei em combate. Pelo menos ali eu senti que tudo dependia de mim, se ia me sair bem ou não. Mas isto é terrível; eu fiz tudo o que podia, e agora tudo o que posso fazer é esperar. Estou totalmente à mercê dela!

Tito começou a andar. Eles estavam no pequeno jardim do pátio ao centro da casa. Havia roseiras em cada canto do jardim. Tito andava de uma

para outra, sem dar atenção às flores e seu perfume. O avô abanou a cabeça e sorriu, recordando, vagamente, o que tinha sido sentir as ânsias apaixonadas de um rapaz que ainda não se casara.

Ficar aflito não vai dar em nada — disse ele. — Talvez você devesse...

Um escravo aproximou-se e anunciou que havia uma visita à porta.

O velho ergueu uma sobrancelha.

Pode ser a nossa resposta. Cláudio disse que enviaria um mensageiro assim que a jovem tomasse uma decisão.

Não é um mensageiro — disse o escravo. — É a jovem que já esteve aqui antes.

Cláudia?

Tito, repentinamente sem fôlego, passou pelo escravo. Um curto corredor levava ao vestíbulo na frente da casa. Pela clarabóia aberta em cima, um fecho de luz do sol de meio-dia iluminava o implúvio, o pequeno poço para captar a água da chuva. Faíscas de luz refletida dançavam por Cláudia e sua aia.

Você veio! — disse Tito, passando pela aia e tendo a ousadia de tomar as mãos da jovem nas suas.

Cláudia baixou os olhos.

Vim. Eu tive que mandar uma mensagem me lamentando...

O coração de Tito afundou.

—... a Públio Pinário. O mensageiro de meu pai deve estar à porta da casa dele agora. Mas para você eu queria vir pessoalmente, para que pudesse lhe dizer: sim! Eu serei sua esposa, Tito Potício.

Tito atirou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada, depois tomou Cláudia nos braços. A aia, discretamente, olhou para o outro lado, mas o avô de Tito, das sombras, viu o primeiro beijo do casal com um sorriso de satisfação por ter sido tão bem-sucedido nas negociações do casamento. Ele só esperava que o jovem Públio Pinário não recebesse a sua rejeição com demasiada amargura.

AS CERIMÔNIAS DE CASAMENTO DA maioria dos romanos eram simples assuntos familiares, sem ritos religiosos. Muitos casais se casavam praticamente sem nenhuma cerimônia; um homem e uma mulher só precisavam declarar que estavam casados e viver juntos para que a união fosse reconhecida.

O casamento de dois patrícios era outra coisa.

Primeiro, o avô de Tito consultou os auspícios para determinar um dia favorável para a cerimônia. Como a noiva precisaria realizar certos ritos religiosos em seu novo domicílio familiar no dia seguinte ao casamento, vários dias do calendário com ritos religiosos conflitantes foram imediatamente excluídos das considerações. Da mesma forma, devido a uma longa tradição, os meses inteiros de Februarius e Maius foram tidos como desfavoráveis. Sobre o Altar-Mor, o avô de Tito colocou um pergaminho no qual ele escrevera cinco datas possíveis. Uma a uma, ele colocou uma pedra em cima de cada data, observou o vôo dos pássaros à procura de sinais do favor do céu e determinou o dia mais auspicioso para a cerimônia.

Aquele era o primeiro casamento romano na família de Ápio Cláudio, e ele estava decidido a observar todas as tradições locais. Quando perguntou sobre as origens de cada costume, os romanos puderam explicar alguns, mas não outros, que vinham sendo transmitidos desde tempos imemoriais.

No dia marcado, ao pôr-do-sol, a comitiva do casamento saiu da casa de Ápio Cláudio. A procissão era liderada pelo mais jovem dos meninos da família — o irmãozinho de Cláudia —, que levava uma tocha de pinho acesa na lareira da família; sua chama seria acrescentada à lareira do noivo quando eles chegassem à casa de Tito Potício.

Atrás do portador da tocha estava uma virgem vestal, usando as vestimentas de linho de sua ordem e trazendo à testa uma estreita tira de lã trançada em vermelho e branco amarrada em torno dos cabelos cortados muito curtos. Ela levava um bolo feito de grãos consagrados e salpicado de sal sagrado; uns poucos pedaços seriam comidos pelo casal durante a cerimônia; depois disso o bolo seria compartilhado com os convidados.

Em seguida, vinha a noiva. O véu nupcial de Cláudia era de um amarelo vivo, tal como os sapatos. O longo manto branco era apertado na cintura por uma faixa púrpura amarrada atrás numa configuração especial chamada de nó de Hércules; mais tarde, seria privilégio — e desafio — do noivo desfazer o nó. Nas mãos, ela levava os implementos da fiação, um fuso e uma roca com lã. Ladeando-a, fingindo estar se esforçando muito para dar apoio aos braços dela, estavam dois dos primos da noiva, meninos provavelmente não mais velhos do que o portador da tocha. A princípio, aqueles acompanhantes levavam seu dever muito a sério e andavam com expressões fechadas, mas quando o portador da tocha deu um tropeção,

irromperam em risinhos abafados tão contagiantes que até a virgem vestal começou a rir.

Depois da noiva estavam a mãe e o pai, e os demais membros da comitiva da noiva, que cantavam uma canção romana de casamento muito antiga, chamada "Talássio". Os Cláudio, nascidos no estrangeiro, tiveram que aprender a canção do zero, mas a letra era encantadoramente apropriada, considerando-se as circunstâncias. Quando as mulheres sabinas foram raptadas por Rômulo e seus homens, a mais bela foi capturada pelos companheiros de crime de um certo Talássio, um leal tenente do rei, que a tinha observado e escolhido com antecedência. Enquanto era levada embora, a sabinia implorou para saber para onde os homens a estavam levando, e a canção dizia o seguinte:

Para onde estão me levando?
Para Talássio, o obediente!
Por que estão me levando?
Porque ele acha que você é bela!
Qual será o meu destino?
Casar-se com ele, ser a sua companheira!
Que deus me salvará?
Todos os deuses abençoaram esta data!

A comitiva matrimonial chegou à casa de Tito Potício. Diante da casa, a céu aberto, à luz de círios embebidos em cera, uma ovelha foi sacrificada sobre o altar e tosquiada. A pele foi jogada por cima de duas cadeiras, nas quais a noiva e o noivo se sentaram. Os auspícios foram levantados e declarados bons. Os deuses foram clamados a abençoar a união.

Ainda levando a roca e o fuso, Cláudia levantou-se da cadeira e foi escoltada pela mãe até a porta da casa, que estava decorada com grinaldas e flores. A mãe a abraçou. Fingindo um ataque, Tito adiantou-se e puxou a noiva dos braços da mãe. Esse foi um outro eco do rapto das sabinas, como também o que aconteceu em seguida: Tito, enrubescendo furiosamente, ergueu-a no colo, abriu a porta com um pontapé e levou-a como uma prisioneira pelo portal.

A mãe de Cláudia chorou. O pai combateu as lágrimas com risadas. Os presentes ao casamento ovacionaram e aplaudiram.

No interior da casa, Tito colocou Cláudia num tapete feito com pele de carneiro. Ela largou a roca e o fuso. Ele entregou-lhe as chaves da casa e perguntou, com uma emoção que não o deixava respirar:

Quem é esta recém-chegada a minha casa?

Cláudia respondeu como prescrito pelo antigo ritual:

Quando e onde você estiver, Tito, então e lá eu serei Títia.

Assim, a noiva deu a si mesma um primeiro nome, a forma feminina do primeiro nome do marido — algo que não existia para as mulheres no mundo em geral e só seria usado na privacidade entre os dois.

O BANQUETE DO CASAMENTO ERA, em sua maioria, um assunto de família, mas certos amigos íntimos da noiva e do noivo foram convidados. Tito pensara muito — e por muito tempo — se deveria ou não convidar Públio Pinário. No fim, aceitara o conselho do avô e fizera o convite e, como o avô previra, Públio poupou todos de um constrangimento ao enviar uma mensagem dizendo que lamentava não poder comparecer porque sua família estaria visitando parentes no interior.

Cneu Márcio, no entanto, aceitou o convite de Tito. Havia pouco tempo, ele ficara noivo de uma plebéia chamada Volúmnia. Se estava decepcionado por não ter arranjado casamento com uma patrícia, não o admitiu. Seu comportamento era altivo como sempre; quando nada, a autoconfiança aumentara, estimulada por suas primeiras incursões em combate. Por enquanto, Cneu ainda estava longe de realizar seu grandioso objetivo — tornar-se o maior guerreiro que Roma já vira —, mas começara bem, chamando a atenção de seus comandantes ao provar, repetidas vezes, bravura em combate.

Ocupado recebendo os cumprimentos de todos os outros convidados, Tito conseguiu dar só um pouco de atenção a Cneu. Preocupava-o a possibilidade de seu amigo sentir-se um tanto deslocado entre tantos Cláudio e Potício ou, devido a suas sensibilidades, com um pouco de inveja, talvez até mesmo ressentimento, por testemunhar toda a pompa do casamento patrício que ele próprio jamais experimentaria. Então Tito viu, no outro extremo da multidão, que Cneu estava conversando animadamente com Ápio Cláudio. Os dois pareciam muito sérios um momento, caíam na gargalhada em seguida, depois voltavam à conversa séria.

Do que estariam falando? Tito atravessou a multidão com certa dificuldade até chegar perto bastante para entre ouvir.

—... e, no entanto — dizia Cláudio —, eu entendo que mesmo antes da chegada da república, havia um grande atrito entre as melhores famílias e a plebe comum. Parece injusto culpar Bruto por provocar um ninho de abelhas. Sua intenção, por certo, era espalhar os poderes que Tarquínio acumulara nele próprio entre os senadores, a fim de que todos os melhores homens pudessem ter um período no leme, por assim dizer.

A revolução que Bruto começou ainda continua... e pode sair do controle a qualquer momento — disse Cneu. — As revoluções começam no topo e depois vão descendo. O truque está em deter o processo antes que as piores pessoas matem as melhores e conquistem o controle.

Mas a república parece estar funcionando — disse Cláudio. — É verdade... e talvez lamentável... que até os mais baixos cidadãos possam votar nos magistrados; por outro lado, só os melhores são elegíveis para concorrer ao cargo. Os cidadãos votam não como indivíduos, mas em unidades tribais, e esses votos são pesados; as unidades que incluem as melhores famílias e seus dependentes valem muito mais do que as da plebe comum. Parece um sistema razoável.

Talvez... se o povo comum estivesse satisfeito com ele. Mas o senhor já ouviu os provocadores da plebe no Fórum? Eles dizem que as dívidas dos pobres deviam ser perdoadas. Já imaginou o caos se isso acontecesse? Eles dizem que os plebeus devem poder eleger seus próprios magistrados, para "protegê-los" contra os patrícios. Eles querem dois governos em vez de um! Dizem que o povo comum devia pensar em separar-se da cidade por completo... desligar-se e fundar sua própria cidade... e deixar Roma para lutar por si mesma contra seus inimigos. Isso é conversa de traidor!

Um assunto sério, sim — disse Cláudio. — Graças aos deuses Roma tem jovens perspicazes como você, Cneu Márcio, que sabe reconhecer que alguns animais nasceram para puxar um arado e outros, para guiá-lo.

E graças aos deuses, Ápio Cláudio, um homem tão inteligente e honrado quanto o senhor decidiu unir seu destino ao da nossa adorada Roma.

Tito sorriu e se afastou, satisfeito, mas não inteiramente surpreso que seu aristocrático sogro e seu elitista melhor amigo tivessem encontrado um no outro uma afinidade.

493 a.C.

O ESCRAVO ENTROU NO GABINETE de seu senhor, levando um grande pergaminho enrolado. Ele pigarreou.

Com licença, senador. Acho que são estas as plantas que o senhor pediu.

Tito Potício, que estava curvado sobre uma mesa, estudando um pergaminho semelhante sob a forte luz do sol que entrava pela janela, ergueu o olhar e confirmou com a cabeça, distraído.

O quê? Ah, sim, as plantas para o Templo de Júpiter no Capitolino! Estou querendo ver os antigos desenhos de Vulca. Eles poderão me ajudar a resolver um problema que encontrei com o projeto do novo Templo de Ceres. Coloque o pergaminho ali, naquele canto. Vou consultá-lo mais tarde.

O escravo obedeceu e depois voltou para perto de Tito e tornou a pigarrear.

Sim? Há mais alguma coisa?

O senhor me pediu para lembrá-lo, mestre, quando a hora da marcha triunfal estivesse chegando.

É claro! Tenho estado tão ocupado que me esqueci por completo! Não devo me atrasar! Eu diria que o velho Comínio não se importaria se eu comparecesse ou não, mas Cneu jamais me perdoaria se eu não estivesse presente para assistir a esse momento de glória. Vá buscar a minha toga e me ajude a vesti-la.

UMA HORA DEPOIS, TITO ESTAVA entre seus colegas nos degraus do Senado. Seu avô tinha morrido não muito depois do casamento de Tito; seu pai morrera havia três anos. Agora, com 29 anos, Tito era o páter-famílias da família e um dos mais jovens membros do Senado. Como sempre, por toda a vida, sua origem familiar lhe dava direito a um lugar de honra — naquele caso, em um dos degraus superiores, que proporcionavam uma visão excelente. No degrau acima de Tito estava seu sogro, Ápio Cláudio, que conquistara um grande destaque no Senado; só os cônsules e os outros magistrados ficavam mais no alto, na entrada do prédio. No degrau abaixo estava seu amigo Públio Pinário. Em frente ao Senado, o filho de Tito estava no mesmo ponto em que ele ficara quando criança, à frente da multidão de patrícios que tinham se reunido para assistir à triunfal procissão na Via Sacra.

A ocasião da marcha triunfal era a vitoriosa conclusão de uma guerra contra um povo chamado volscos, ao sul de Roma. O cônsul Postúmio Comínio comandara a campanha. Rapidamente, suas tropas tomaram as cidades volscianas de Âncio, Lôngula, Polusca e — o maior prêmio de todos — Coríolos. Um Senado agradecido votara com entusiasmo a concessão a Comínio de uma marcha triunfal, honraria outrora concedida exclusivamente pelos reis a si próprios, mas que agora era facultada pelo Senado aos cônsules que conquistavam uma grande vitória militar.

Tito ouviu o estridente som das flautas tocando uma melodia militar. Cercado pelos músicos, um boi branco liderava a parada. Mais tarde ele seria sacrificado, juntamente com uma parte dos espólios de batalha, num altar diante do Templo de Júpiter, no alto do Capitolino.

Depois do boi vinham os guerreiros volscianos que tinham sido capturados em combate. Eles tinham sido despidos de suas armaduras e vestiam farrapos. Imundos e desgrenhados, eles se arrastavam algemados, cabeças curvadas. A multidão ria e zombava deles. Meninos atiravam seixos para fazer com que eles se encolhessem. Um soldado romano de cabelos grisalhos, desdentado, adiantou-se da multidão para cuspir neles. Ao término da marcha triunfal, após cumprirem sua finalidade como ornamentos, os prisioneiros mais sortudos poderiam ser devolvidos a suas famílias, se um resgate adequado tivesse sido oferecido. Os outros seriam vendidos como escravos.

Em seguida vinham os prisioneiros de elite, aqueles que tinham sido os principais homens das cidades capturadas. Por eles, nem a liberdade nem a escravidão esperavam. Enquanto os sacerdotes estivessem sacrificando o boi a Júpiter, aqueles prisioneiros seriam arriados para dentro do Tuliano, a cela de prisão aos pés do Capitolino, e estrangulados pelos carrascos. Segundo os sacerdotes, as oferendas eram mais agradáveis ao deus quando acompanhadas pela morte daqueles que tinham sido os líderes dos inimigos de Roma.

Em seguida, vinham os espólios da batalha: as armas e a insígnia capturadas dos volscianos, bem como carroças cheias de moedas, jóias e objetos finos, inclusive vasos e espelhos de prata entalhados — todos os itens portáteis de valor que tinham sido seqüestrados quando as cidades vencidas foram saqueadas. O maior de todos era o butim de Coríolos, onde os volscianos mais ricos tinham vivido em alto luxo.

Depois dos espólios da guerra vinham os lictores do general, usando túnicas vermelhas e marchando em fila indiana com seus machados erguidos bem alto, enquanto gritavam o canto de vitória latino: "*Io triumphe! Io triumphe! Io triumphe!*" O general os seguia num carro puxado por quatro cavalos, decorado com placas de bronze entalhadas com imagens de vitórias aladas.

Vendo a quadriga se aproximar, Tito sorriu. Em sua mente, ouvia a voz de palestrante do avô: "Rômulo *caminhava* pela Via Sacra em suas marchas triunfais; os pés eram suficientes para ele! Essa história de andar numa quadriga só começou com o Tarquínio mais velho." O tropel das patas dos cavalos foi acrescentado ao canto dos lictores, e depois os dois foram abafados pelos gritos da multidão.

Comínio vestia uma túnica bordada com flores e um manto bordado a ouro. Na cabeça, levava uma coroa de louros. Na mão direita, um tronco de louro; na esquerda, um cetro encimado por uma águia. Seu filho mais moço ia com ele na quadriga e manobrava as rédeas.

Em comemoração ao sangue inimigo derramado sob seu comando, as mãos e o rosto de Comínio estavam manchados de vermelho forte com cinábrio. Ele ergueu o cetro numa saudação aos senadores, que responderam.

Atrás do general marchavam os soldados que tinham lutado sob suas ordens. À frente deles, num lugar de honra, estava o velho amigo de Tito, Cneu Márcio, o herói da batalha de Coríolos.

Durante anos, numa batalha após outra, Cneu estivera conquistando a reputação de lutador destemido, mas em Coríolos, onde servira como segundo em comando para Comínio, suas proezas o haviam elevado a um novo nível de glória. Num momento crucial durante o cerco, os defensores, num ato de ousadia, tinham aberto os portões e feito avançar seus mais violentos combatentes. O derramamento de sangue que se seguiu foi horrível, mas um romano jamais vacilou enquanto abatia um inimigo atrás do outro: Cneu Márcio. Levado por um impulso que parecia mais do que humano, ele abriu caminho à força até os portões abertos e entrou na cidade correndo, sozinho. Os soldados e cidadãos de Coríolos o cercaram em massa, decididos a matá-lo, mas não conseguiram deter Cneu. Depois de se cercar de cadáveres, ele pegara uma tocha e tocara fogo em qualquer coisa que pudesse queimar. Os romanos invadiram a cidade e seguiu-se um massacre.

Depois da batalha, Comínio elogiara o heroísmo de Cneu diante das tropas reunidas. Ele o presenteara com um magnífico cavalo de guerra com arreios ricamente enfeitados, dignos de um general. Também prometera a Cneu toda a prata de Coríolos que pudesse carregar e dez prisioneiros, à sua escolha, para se tornarem seus escravos. Cneu aceitara o cavalo, dizendo que ele iria ajudá-lo a combater os inimigos de Roma, e um prisioneiro, um homem que reconhecia por ter lutado bravamente contra ele, que depois ele libertou. Quanto aos outros presentes, ele os rejeitara, dizendo que não tinha feito nada além do que qualquer soldado romano devia fazer. A conquista de Coríolos era a única recompensa que ele queria.

Naquele dia, Cneu Márcio se tornara um herói para seus colegas soldados. Agora, marchando atrás dele na procissão triunfal, eles começaram a cantar, baixinho no início, depois cada vez mais alto: "Coriolano! Coriolano! Coriolano!" — um título honorífico para saudá-lo como conquistador de Coríolos.

Tendo em vista que um título desses ficaria mais apropriado se fosse dado a um comandante, Tito pensou que os homens estavam se referindo a Comínio. O general, aparentemente, pensou a mesma coisa, porque deu um largo sorriso, voltou-se no carro para ficar de frente para os soldados e ergueu o cetro para eles. Mas no instante seguinte ficou evidente para quem os soldados estavam gritando. Um grupo deles saiu da formação, avançou correndo e ergueu Cneu Márcio nos ombros. Eles o giraram, gritando o tempo todo: "Coriolano! Coriolano! Coriolano!"

Um homem inferior poderia ter sido traído por um lampejo de inveja ao ver um subordinado tão homenageado no dia de sua marcha triunfal, mas Comínio era tanto um político perspicaz quanto um comandante. Seu sorriso inabalável tornou-se um sorriso dirigido a Cneu Márcio. Seu cetro erguido tornou-se uma saudação ao herói de Coríolos. Quando a multidão também começou a cantar o refrão, Comínio aproveitou o momento. Gesticulou para os soldados que levavam Cneu no ar. Eles se adiantaram correndo, rindo como crianças, e depositaram o companheiro no carro, ao lado do comandante.

Alguns membros da multidão ficaram surpresos com aquela quebra de decoro. Abaixo dele, Tito ouviu Públio Pinário resfolegar e murmurar:

— Por Hércules, já viu uma coisa tão audaciosa assim?

Mas um número muito maior de espectadores ficou entusiasmado a ponto de ovacionar e emocionado a ponto de chorar, em especial quando

Comínio abraçou efusivamente Cneu e depois colocou a mão de Cneu no cetro ao lado da sua e ergueu-o bem alto.

Povo de Roma, eu lhes dou Cneu Márcio, o herói de Coríolos! Que todos aclamem Coriolano!

Coriolano! — cantou o povo. O nome reverberou pelo Fórum como uma trovoada.

Do degrau acima, Ápio Cláudio inclinou-se para a frente e falou ao ouvido de Tito.

Eu sempre soube que esse seu amigo ficaria famoso. Hoje ele ficou, e todos em Roma estão gritando seu nome. — Cláudio ficou ereto, levou as mãos à boca e juntou-se aos demais: — Coriolano! Que todos aclamem Coriolano!

— ENTÃO O TEMPLO SERÁ consagrado muito em breve? — perguntou Cneu Márcio.

Tito riu.

Será, muito em breve. Gentileza sua perguntar, Cneu... ou será que agora devo chamá-lo de Coriolano? Mas nós dois sabemos que você se interessa muito pouco por templos... e menos ainda pela arquitetura em si. Nós nos vemos tão raramente hoje em dia que me parece que devíamos falar de assuntos que interessem a ambos.

Eles estavam jantando sozinhos no jardim da casa no Palatino onde Cneu morava com a mãe e a mulher. Na véspera, vários cidadãos tinham organizado festas particulares para se seguirem à marcha triunfal. A comida fora tão farta e Tito comera tanto que achou que nunca mais sentiria fome. No entanto, no dia seguinte, seu estômago estava vazio outra vez, e ele se viu louco por uma refeição simples. Mais ainda, ele estava louco pela companhia de seu velho amigo Cneu; só eles dois, longe do enxame de estranhos e pessoas que queriam cumprimentá-lo, pessoas que tinham cercado Cneu na véspera com seus incessantes gritos de "Salve Coriolano!" E, assim, quando Cneu o convidou para um jantar privado para desfrutar o grão-de-bico e o mingau de painço preparados por sua mãe, Tito aceitou, ansioso.

É verdade que nossas vidas tomaram rumos diferentes nos últimos anos — disse Cneu. — Mas isso pode estar prestes a mudar.

Como assim? Será que eu vou deixar o Senado e os projetos de construção de que eles me encarregaram e juntar-me a você em combate?

Eu nunca fui muito bom nisso. Acho que eu podia ser o seu porta-lança... ou manter aberta a porta de uma cidade inimiga enquanto você a invade.

Eu me refiro exatamente ao contrário. Eu estarei invadindo o seu domínio.

Meus projetos de construção?

Não! Eu me refiro ao Senado.

O que você está dizendo?

Cneu sorriu.

Comínio me prometeu isso, ontem, depois que me convidou para a quadriga dele. Enquanto passávamos por toda aquela gente ovacionando, ele sussurrou ao meu ouvido: "Veja como eles adoram você, rapaz! Impressionante! Nunca vi nada parecido! Um homem como você deve estar no Senado, onde poderá fazer por Roma um bem ainda maior do que o que fez em Coríolos. Vou fazer uma reunião especial, e só por isso vão dizer que o meu ano como cônsul foi bem gasto."

Cneu, isso é maravilhoso! Só que agora eu realmente não faço idéia de como devo chamá-lo. Senador? Coriolano? Senador Cneu Márcio Coriolano... é um nome difícil de dizer!

Pois então, em vez de dizê-lo, encha a boca com grão-de-bico e painço — disse Cneu. Ele riu, mas um momento depois Tito viu que os lábios de Cneu pronunciavam, em silêncio, o impressionante título novo... e que este o agradava.

Como os deuses devem gostar de você! Você sempre disse que se tornaria o maior guerreiro de Roma... e se tornou. Agora, pode tornar-se o político mais amado de Roma. Comínio não é nada tolo. Ele não o indicaria ao Senado se não visse um grande potencial em você. Ápio Cláudio também vê. Tome nota do que eu digo, você será eleito cônsul.

Talvez. Enquanto isso, vou precisar de alguém que me ensine os meandros do Senado. Você é o homem para isso, Tito.

Eu acho que não! Ápio Cláudio é o homem de quem você precisa. Ele me tomou sob sua proteção quando entrei para o Senado. Foi graças à influência dele que fui nomeado encarregado da construção do Templo de Ceres. Ele fará o mesmo com você, uma vez que um sujeito tão competente assim precisa ficar sob a proteção de alguém.

Cláudio é um bom homem para se conhecer. Mas nada substitui um amigo de infância. Quando as probabilidades estiverem contra mim, é você quem vou procurar, Tito. — Cneu pôs a mão no ombro de Tito.

Tito inclinou a cabeça.

Coriolano me deixa honrado.

Cneu inclinou-se para trás e sorriu.

Então... como vai o trabalho no Templo de Ceres?

Um assunto pelo qual você não se interessa!

Não me interessa como soldado, talvez, Mas como senador, poderei ter um grande interesse no projeto.

Então amanhã irá ver pessoalmente. É uma localização destacada, bem espetacular... um contraforte do Aventino que dá para os portões de largada do Circo Máximo. É no estilo etrusco, tal como o Templo de Júpiter no Capitolino. Não tão grande, mas será decorado de forma bem majestosa. Vulca não está mais conosco, infelizmente, mas contratamos os melhores escultores etruscos para a estátua de Ceres em terracota. Para executar os afrescos e os relevos nas paredes, trouxemos dois artistas gregos, Gorgaso e Damófilo. Eles estão quase acabando, e o trabalho é impressionante! E...

Tito percebeu que Cneu não estava prestando atenção. Estava olhando para um ponto a meia distância, com uma expressão distraída. Ele percebeu que Tito tinha parado de falar e abriu um sorriso irônico.

Você tem razão, Tito. Eu não dou a mínima para a arquitetura do templo ou seus adornos. Mas me interessa pela política que está por trás dele.

A fome — disse Tito, sem rodeios. — Foi a fome de há três anos que inspirou a construção do templo. Foram tantos os homens chamados para a guerra que não havia ninguém para semear os produtos naquele ano, e os campos que foram semeados foram devastados por mais guerra. Roma tinha estoques insuficientes, e o povo passou fome... bem, os mais pobres. Meu pai também morreu naquele ano, não diretamente da fome, porque a nossa classe nunca passou fome, mas de febre; a doença anda de mãos dadas com a fome, e de uma febre ninguém escapa. Os Livros Sibílicos foram consultados. Foi decretado que um templo deveria ser consagrado a Ceres. Para evitar uma outra crise de fome, iríamos apelar para a deusa da safra. Há vezes em que o conselho dos versos sibílicos faz sentido!

Ou será que houve uma outra agenda? — perguntou Cneu. Seu tom ficara sério de repente. — Ceres é uma divindade favorita dos plebeus. Não é verdade que o festival anual para comemorar o templo dela será organizado exclusivamente por plebeus, assim como o festival anual para comemorar o Templo de Júpiter é organizado por patrícios?

É. Assim vamos ter um novo festival plebeu à altura do antigo festival patricio. O que isso tem de errado? — perguntou Tito, com um suspiro.

Ele sabia para onde o argumento de Cneu estava indo, pois o ouvira antes, de Ápio Cláudio; era realmente muito impressionante o quanto as atitudes de Cneu combinavam com as do sogro de Tito. Os dois homens desconfiavam, sem limites, de tudo o que pudesse aumentar o poder político dos plebeus. Cláudio manobrou para conseguir que Tito supervisionasse a construção do Templo de Ceres não porque aprovasse o projeto, mas por motivos bem contrários: "Se ele tem que ser feito, é melhor colocar você como encarregado do projeto, meu rapaz, em vez de um velhaco que só queira conquistar o favor da turba com bajulação!"

Tito era muito apático no que se referia a política; quando nada, era ligeiramente simpático às lutas dos plebeus. Suas principais prioridades eram determinar o melhor desenho para qualquer projeto, empregar os melhores artistas e artesãos pelo melhor preço e providenciar para que a construção se transformasse de imaginação em esplêndida realidade.

Cneu abanou a cabeça.

Se os plebeus continuarem a ter opinião, Tito, um dia desses você talvez acorde em um mundo que já não conhece mais, no qual os mais baixos usurparam os mais altos e o antigo prestígio de um nome como Potício não vale nada. Será que você não vê que o novo festival plebeu indica uma perigosa mudança no equilíbrio do poder? Desde o nascimento da república, por este ou aquele meio, em pequeno ou alto grau, as massas plebéias não pararam de conspirar tirar poder dos patricios, sempre em detrimento da segurança e da prosperidade de Roma.

Alguns diriam que eles têm apenas tentado sair de debaixo do calcanhar patricio — disse Tito.

Eles têm se recusado a pagar suas dívidas, o que é roubo! Alguns têm se recusado a prestar o serviço militar, o que é traição! E no ano passado, eles deram o mais ultrajante golpe de todos, a chamada "secessão" da cidade. Milhares deles, homens, mulheres e crianças, empacotaram seus pertences e foram embora de Roma de vez. Deixaram a cidade paralisada e se recusaram a voltar até que suas exigências fossem atendidas.

As exigências deles eram exageradas?

Claro que eram! Graças aos deuses por homens como o seu sogro. Ápio Cláudio lutou como um leão para impedir que seus colegas senadores capitulassem, mas capitularam. Os plebeus foram atendidos em suas

exigências e acabaram com a secessão. Agora, eles podem eleger seus próprios magistrados. E o que é que esses chamados edis dos plebeus vão fazer?

A função primária deles é sagrada: proteger o novo Templo de Ceres.

E o que vai ser guardado no templo? Um arquivo dos decretos do Senado. Essa foi outra das exigências dos plebeus: que todos os decretos do Senado fossem escritos, para que quem quisesse pudesse consultá-los à procura de discrepâncias e examiná-los para ver se há algum tratamento injusto dos plebeus.

Será que é errado, Cneu, que as leis e proclamações sejam escritas? Os reis governavam à base de palavras. Podiam fazer promessas sem vacilar e retirá-las da mesma forma. Podiam arruinar a vida de uma pessoa por um capricho e depois alegar que nada tinham a ver com isso. Meu avô, que Hércules o abençoe, ensinou-me a respeitar a palavra escrita. Fazer com que as leis sejam devida e precisamente registradas não é um mal.

Cneu estava irredutível.

Ainda piores do que os edis... muito piores... são esses outros funcionários públicos que os plebeus agora podem eleger, os chamados tribunos. Desde a antigüidade o povo tem sido dividido em tribos, de modo que elas chamam esses representantes de seus tribunos... mas eu os chamo de brigões e arrogantes! Sob o pretexto de proteger os cidadãos comuns dos supostos abusos de magistrados e senadores, esses tribunos dos plebeus podem confiscar sumariamente a propriedade de qualquer pessoa... qualquer pessoa!... que acharem que tenha ameaçado o bem-estar físico de um cidadão. E onde serão depositados os bens confiscados? No Templo de Ceres, sob a guarda dos edis! E se qualquer pessoa se atrever a ameaçar ou, de qualquer modo, se meter com um tribuno, poderá ser exilada ou até mesmo condenada à morte!

Tito suspirou.

Na verdade, tem havido abusos contra os plebeus. Certa vez, no ano da fome, eu vi um velho veterano ser perseguido pelos bandidos alugados de um senador. O veterano era aleijado e esfarrapado. Ele talvez estivesse devendo dinheiro ao senador, mas era evidente que não tinha meios de pagar o empréstimo nem estava em condições de trabalhar para pagá-lo, por mais que os rufiões o pressionassem. O velho lhes pedia clemência. Por fim, arrancou a túnica e mostrou as cicatrizes obtidas em combate, os ferimentos que recebera lutando por Roma. Se os tribunos existissem

naquela época, poderiam ter acabado com aquele vergonhoso espetáculo! E se o Templo de Ceres existisse, o veterano poderia ter ido até lá para pedir proteção, pois, entre suas outras funções, ele servirá como asilo para os plebeus.

Cneu fungou.

Eu já ouvi cem vezes essa história sobre o veterano que sofreu abusos e nunca acreditei nela. Nenhum homem digno de ser chamado de veterano romano exibiria suas cicatrizes para fugir ao pagamento de uma dívida.

Tito abanou a cabeça.

O templo também abrigará um centro para distribuir alimentos aos pobres. Isso o ofende?

Ofende, sim! Como é que os edis vão comprar esses alimentos? Com a riqueza confiscada dos patrícios que tiveram a ousadia de ofender os tribunos! — Cneu ergueu uma sobrancelha e depois se recostou e cruzou os braços. Soltou um longo suspiro. — Tito, meu caro Tito. Eu acho que gostava mais quando eu era um guerreiro e você era um construtor, e nós não tínhamos nenhum interesse em comum.

Pertencer ao Senado não une, necessariamente, os homens — disse Tito com ironia. — Mas se o meu sogro e eu podemos ir vivendo, apesar de nossas diferenças, nós dois também podemos, Cneu. Você vai descobrir que eu tenho poucas opiniões fixas; no que toca à política, sigo o consenso. A única coisa que realmente me interessa é a minha paixão pelas construções.

À conversa uniu-se uma voz feminina.

Será que eu ouvi você dizer algo sobre distribuir minha comida para os pobres, Tito Potício? O meu grão-de-bico e o meu mingau de pão são comuns demais para o seu gosto?

Tito levantou-se para mostrar ter visto o aparecimento da mãe de Cneu no jardim. Não era preciso olhar mais adiante do que para a graciosa Vetúria para ver o modelo que inspirara a postura ereta e as maneiras altivas de seu filho.

Vetúria! Você não ouviu bem os meus comentários. Pelo seu mingau, eu só tenho os mais altos elogios!

Ótimo! Fui eu que fiz. Nenhuma comida preparada por escravos serve para o meu filho, na rara ocasião de estar em casa depois de lutar contra inimigos de Roma!

Por trás, ela se inclinou para abraçar Cneu, que continuou sentado e ergueu os braços para agarrar-lhe as mãos e dar-lhe um beijo. A viúva

Vetúria ainda era uma mulher muito atraente, e Cneu a adorava descaradamente; os dois pareciam mais amantes do que mãe e filho. *Ainda que apenas para deixar minha mãe orgulhosa de mim*, dissera Cneu certa vez, declarando sua ambição, desde criança, de se tornar o maior guerreiro de Roma. Naquele momento, a mãe de Coriolano parecia realmente muito orgulhosa.

NÃO FORAM TODOS OS SENADORES cujo primeiro pronunciamento perante o augusto corpo provocou quase um motim dentro da câmara — e um motim completo lá fora.

A nomeação especial do herói Coriolano para o Senado foi feita com rapidez. Ele foi vestido com uma toga senatorial, e o dia da posse, se não tão momentoso quanto o de Ápio Cláudio, também foi marcado por todas as cerimônias e discursos de boas-vindas de praxe.

O fato de Cneu ser plebeu não era um impedimento para a sua admissão. Vários plebeus ricos, poderosos, tinham sido admitidos no Senado. Um pequeno número chegara até a ser eleito cônsul, a começar com o próprio Bruto, embora alcançar o consulado representasse um grande desafio para qualquer homem que não pertencesse às fileiras patrícias. Uma coisa era atingir a *nobilitas*, a posição de estar entre "os conhecidos", que o fato de ser membro do Senado dava a um homem e seus descendentes; completamente diferente era atingir as mais altas honrarias da nobreza. Como certa vez Públio Pinário comentara com Tito, aprovando:

—Para alcançar o ponto mais alto na nossa brava nova república, não basta ser nobre; é necessário que essa nobreza esteja coberta de mosto púrpura como vinho envelhecido, que seja antiga e enferrujada como ferro. Esse tipo de status só é atingido com gerações de ensinamento!

Se alguém podia ter se oposto à nomeação de Cneu para suas fileiras, era a minoria plebéia no Senado, que regularmente apresentava uma legislação radical e que sabia muito bem com quem estavam os compromissos de Cneu; mas os plebeus esperaram um momento mais oportuno e não se manifestaram contra ele. Foi Cneu que falou contra eles.

Os senadores mais conservadores sempre tinham se oposto à criação dos tribunos como protetores dos plebeus. Alguns que tinham concordado com a necessidade, a fim de acabar com a secessão dos plebeus, agora estavam arrependidos. Mas ninguém, nem mesmo o reacionário Ápio Cláudio, tinha coragem de pedir em público a abolição dos tribunos. Havia

uma certa dúvida sobre se sequer seria legal fazer isso; intervir no trabalho dos tribunos era um crime passível de punição com exílio ou morte, e não seria possível alegar-se que pedir a abolição deles resultava em interferência nesse trabalho?

Coube a um homem que não sabia o que era ter medo fazer aquilo que Ápio Cláudio e seus colegas tinham medo de fazer.

Na manhã em que Cneu foi recebido em suas fileiras, os trabalhos do Senado eram corriqueiros. Era preciso apropriar recursos para reparos numa seção da Cloaca Máxima. Mais fundos eram necessários para reconstruir um trecho de uma estrada ao sul da cidade, que se tornara intransitável por causa de fortes chuvas. Uma parte do muro que protegia o Aventino precisava de reparos. Houve debates sobre quem deveria receber aqueles contratos; certos senadores eram notórios por conseguirem os contratos mais lucrativos — e também por superfaturarem tais contratos. Depois de algumas trocas de palavras cáusticas, a questão do financiamento foi colocada em pauta e marcada para debates mais amplos.

Perguntou-se a Tito Potício sobre o progresso na construção do Templo de Ceres.

Tenho o prazer de comunicar que o trabalho dos artistas gregos Gorgaso e Demófilo está quase completo. Alguns dos senhores já viram os resultados. Acredito que eu possa dizer, sem exagero, que nossos netos, e os netos deles, quando contemplarem esse templo, irão louvar seus ancestrais por terem criado um presente assim tão requintado para a deusa. Em anos de liberalidade, teremos um local para agradecer a ela. Em anos difíceis, teremos um lugar para apelar para a bondade dela.

Houve um murmúrio de aprovação por toda a câmara. Tito era benquisto, e sua competência era indiscutível, a atenção do Senado voltou-se para o seu mais novo membro, que havia apresentado um pedido para falar. Cneu, que estava sentado entre Ápio Cláudio e Tito, pôs-se de pé e dirigiu-se ao centro da câmara, para que pudesse se movimentar livremente e, com isso, encarar todos os senadores.

Meus colegas, permitam que lhes diga logo de início que não sou homem de palavras delicadas. Minhas habilidades de oratória, se é que existem, não foram adquiridas no Campo de Marte, onde os candidatos a cônsul imploram votos. Não estou acostumado a bajular ninguém, muito menos os meus inferiores. Aprendi a falar no campo de batalha, exortando outros homens a lutar e derramar seu sangue por Roma. Hoje, eu me

encontro em outro campo de batalha, onde o destino de Roma está na balança. Os senhores, senadores, são os guerreiros que devo reunir para pegar em armas e lutar por Roma!

"Não faz muito tempo, quando os plebeus armaram sua chamada secessão, um dos senhores, o distinto Menênio Agripa, fez um discurso apaixonado ao povo, tentando fazer com que as pessoas tivessem bom senso. Ele lhes contou uma fábula que era mais ou menos assim: há muito tempo, as partes do corpo humano não estavam todas em harmonia, como estão agora, mas cada uma tinha seus próprios pensamentos e idéias. Os membros, que trabalhavam muito, e os olhos e os ouvidos, vigilantes... perceberam que a barriga parecia não fazer nada, mas apenas esperar que as outras partes a alimentassem. 'Nós trabalhamos muito para satisfazer a barriga, mas o que a barriga faz por nós?', disseram elas. 'Vamos dar uma lição à barriga!' Assim, elas conspiraram para impedir que qualquer nutrição chegasse a ela. Os membros se recusaram a colher grãos, os olhos se recusaram a ficar atentos à procura de caça, as mãos se recusaram a levar comida à boca, a boca se recusou a se abrir. Quando a barriga vazia começou a resmungar... não uma exigência egoísta, mas um aviso de perigo!... as outras partes simplesmente deram risada. Como aquelas partes eram simplórias, como eram desprezíveis! Porque, em muito pouco tempo, os membros começaram a fraquejar, as mãos começaram a tremer, os olhos e os ouvidos ficaram insensíveis. As partes enfraquecidas sucumbiam a todo tipo de doença. Por fim, perceberam que a barriga também tinha o seu papel essencial a representar no grande plano das coisas, porque era a barriga que sustentava o resto do corpo e, sem ela, as outras partes não poderiam continuar a existir! A rebelião acabou. A ordem natural foi restaurada. Pouco a pouco, o corpo voltou a ter saúde e nunca mais as outras partes conspiraram contra a barriga. Quando ela pedia para ser alimentada, todas elas trabalhavam juntas para isso, sem discutir.

"Se ao menos a fábula contada por Agripa tivesse sido suficiente para fazer com que aqueles descontentes vissem o erro de sua ação! Uma cidade tem que ser governada pelos melhores e mais sábios de seus homens, e esses homens devem receber o respeito e os privilégios que merecem. Os outros cidadãos têm a sua finalidade, mas *não é* a de governar a cidade! Eles existem para preencher as fileiras do exército, instalar novas colônias a fim de disseminar o poder de Roma e rodeá-la de aliados obedientes, colher as safras e construir as estradas. Não cabe à plebe governar, mas, no

entanto, eles persistem em suas temerárias tentativas de derrubar seus superiores e tomar o lugar deles! Eles só podem fracassar, porque, como os membros que se rebelaram contra a barriga, o que estão tentando vai contra a ordem natural do universo, contra a vontade dos deuses.

"E, no entanto, esses descontentes já causaram um grande dano ao estado, e fizeram isso com a covarde cooperação de uma maioria dentro desta câmara! Esse apaziguamento tem que acabar. Mais do que isso, tem que retroagir, antes que o dano se torne irreparável. Isso não é apenas um assunto interno, um desentendimento entre cidadãos. Nunca se esqueçam de que Roma está cercada de inimigos, e que esses inimigos estão sempre observando. Como devem estar satisfeitos por verem o nosso grande apuro! Um a um, os melhores homens de Roma serão derrubados pela plebe. Quem, então, irá defender a cidade contra seus inimigos? Assim como os homens inferiores irão destruir os superiores em Roma, cidades menores irão unir-se para destruir Roma. Suas fortunas e sua terra serão tiradas dos senhores. Suas famílias serão vendidas como escravos. Nossa adorada Roma deixará de existir... e homens dirão que a sua destruição começou com a criação dos tribunos dos plebeus!

Houve um alvoroço na câmara. Alguns membros gritavam: "Esse problema já foi resolvido!" e "Os plebeus não são o inimigo!" Mas outros estavam embriagados pelas palavras de Cneu, inclusive Ápio Cláudio, que se ergueu de um salto e gritou:

Salve Coriolano, o homem que tem a coragem de dizer a verdade!

Cneu ergueu as mãos. Quando o barulho amainou, um senador gritou:

O que você realmente sugere, Cneu Márcio?

O que acha? Eu proponho que os tribunos sejam abolidos.

A proposta é ilegal! — gritou um senador. — Retire-a já!

Não retiro! Eu sustento o que disse e lhes peço, meus colegas, que me sustentem. Um grave erro foi cometido e precisa ser corrigido, pelo bem de Roma!

Se Cneu tinha a esperança de apresentar uma proposta formal e pedir uma votação, foi contrariado. Por toda a câmara, senadores levantaram-se de um salto e exigiram, em voz alta, que lhe fosse dada a palavra. Os gritos levaram ao xingamento e, depois, à troca de empurrões. Em meio ao caos, Cneu, que estava acostumado com a disciplina do exército e suas nítidas linhas de autoridade, ergueu as mãos em sinal de contrariedade e retirou-se da câmara.

Tito alcançou-o enquanto ele descia os degraus do Senado.

Cneu, aonde vai?

A qualquer lugar para fugir daquele pandemônio. O Senado é justo o que eu esperava: todos reis, ninguém de coroa. Nem posso imaginar como eles conseguem realizar alguma coisa. Você acredita que hoje mesmo, de manhã, Comínio estava me dizendo que eu devia pensar em me candidatar a cônsul? Pode me imaginar bajulando aquela corja e mais a plebe comum? Acho que não!

Normalmente, não é assim tão bagunçado. —Tito deu uma risada. — Não há dúvida de que você os deixou muito irritados.

Deixei, não deixei? Porque eles precisavam disso! — O sorriso de Cneu desapareceu de repente. No meio do Fórum, ele se viu confrontado por um grande grupo de homens. Um deles se adiantou.

Você é Cneu Márcio, chamado Coriolano?

Você sabe que sou. Quem é você?

Espúrio Icílio, tribuno dos plebeus. Fui informado de uma ameaça feita contra mim e contra o bem-estar de todos os plebeus.

Do que é que você está falando?

Você não apresentou, há poucos momentos, uma proposta ao Senado no sentido de que o tribunato dos plebeus seja abolido, ameaçando, assim, a segurança e a proteção de todos os plebeus?

Como você sabe disso? Você tem espiões no Senado?

Os olhos e os ouvidos dos tribunos estão por toda parte. Nós somos os protetores do povo.

Vocês não passam de agitadores.

Você ameaçou os tribunos ou não?

O que eu disse perante o Senado vou dizer na sua cara: para a sobrevivência de Roma, os tribunos têm de ser abolidos!

Cneu Márcio, eu o prendo por ameaçar um tribuno dos plebeus e por interferir na missão dele. O seu destino será decidido por um voto da assembléia do povo.

Isso é ridículo!

Venha comigo.

Não vou! Tire as mãos de cima de mim! — Cneu rechaçou o tribuno com tanta força que o homem tropeçou e caiu para trás.

Alguns dos homens que estavam com Icílio sacaram porretes e os brandiram. Cneu atingiu um deles bem no nariz e o fez cambalear; depois,

com habilidade, se esquivou de um porrete dirigido para a sua cabeça. Atingiu outro homem e derrubou-o. Tito, envolvido na agitação, entrou na briga justo quando chegavam mais homens com porretes.

Temos que fugir, Tito! — gritou Cneu.

Fugir? Coriolano nunca foge! — Tito esquivou-se de um porrete.

Quando está desarmado e em inferioridade numérica, até Coriolano faz uma retirada estratégica!

Os homens do tribuno bloqueavam o caminho de volta para o Senado. Tito e Cneu correram na direção oposta, em direção ao Capitolino, com o tribuno e seus homens atrás. A última vez em que os dois tinham subido a colina tinha sido no dia da marcha triunfal, quando Cneu recebera seu título por aclamação do povo. A Tito ocorreu que alguns dos homens que os perseguiram talvez estivessem entre aqueles que gritavam "Coriolano!" Como eles adoraram Cneu naquele dia; como o odiavam agora! Cneu estava certo, pensou ele. A plebe era volúvel e tola; não merecia ter um guerreiro como Coriolano para lutar suas batalhas.

Eles subiram correndo pela trilha sinuosa e aproximaram-se do topo.

Já lhe passou pela cabeça — perguntou Tito, respirando com dificuldade — que não vamos ter para onde ir quando chegarmos ao alto?

—Não há retirada estratégica sem uma estratégia!—disse Cneu.—Vou entrar no Templo de Júpiter e pedir asilo. Se a plebe pode conseguir asilo no seu Templo de Ceres, não há dúvida de que Júpiter pode proteger um senador!

Mas quando se aproximavam da escadaria do templo, foram bloqueados por um grupo de homens que de algum modo tinha chegado primeiro.

Não havia escolha, a não ser continuar correndo, até chegarem ao Rochedo Tarpeio e não poderem mais correr.

Os mais rápidos dos perseguidores, quase os alcançando, gritaram para os que estavam atrás:

Já pensaram? Os deuses os conduziram direto para o local da execução!

Não se aproximem! — bradou o tribuno Icílio. — Ninguém vai ser executado hoje. Este homem está preso.

Mas à medida que a turba se aproximava, ouviam-se gritos de "Justiça rápida!" e "Empurra ele lá para baixo!" e "Mata ele agora!"

Tito, já tonto de correr, olhou para o precipício e recuou cambaleando. Ele estava zozzo, e seu coração batia forte.

Agora vemos que tipo de homens vocês realmente são — disse Cneu. — Assassinos a sangue-frio!

Ninguém vai ser assassinado! — insistiu Icílio. Ele forçou a passagem até a frente da multidão. A turba cresceu atrás dele. Ele baixou a voz. — Senador, eu mal tenho condições de conter esses homens. Não faça nada que os provoque ainda mais! Para sua própria segurança, senador, o senhor deve me acompanhar.

Eu não vou! Eu não reconheço a autoridade de ninguém para prender um cidadão romano simplesmente por ter dito o que pensa. Recolha seus vira-latas, tribuno, e deixe-me em paz!

Você tem a ousadia de nos chamar de cachorros?

Um dos homens atrás de Icílio atirou seu porrete. A arma errou Cneu, mas bateu de raspão na testa de Tito. Tito cambaleou para trás e oscilou na beira do precipício. Cneu deu um salto para agarrá-lo, e por um instante pareceu que os dois iriam cair. Por fim, Cneu recuperou o equilíbrio e puxou Tito para um lugar seguro.

A turba, que ficara olhando numa agitação ao prender a respiração, soltou um rugido de decepção e lançou-se para a frente. Icílio ergueu os braços para contê-los, mas eles eram muitos.

De repente, houve uma comoção na retaguarda da multidão. O cônsul Comínio chegara com seus lictores. Os porretes da turba não eram adversários para os machados dos lictores, que rapidamente abriram uma passagem no meio da multidão.

Tribuno, o que está acontecendo aqui? — perguntou Comínio.

Eu estou prendendo este homem.

É mentira! — gritou Cneu. — Esses arruaceiros perseguiram meu colega e eu desde o Fórum com a nítida intenção de nos matar. Antes de você chegar, eles estavam para nos jogar de cima do Rochedo Tarpeio.

Você merece é a morte dos traidores! — gritou um dos homens. — Morte para todo aquele que tenta acabar com os protetores do povo!

Acalmem-se! — bradou Comínio. — Espúrio Icílio, acabe com essa loucura. Recolha seus homens. Revogue a prisão.

Você tem a ousadia de interferir nos deveres legais de um tribuno, cônsul? — Icílio fixou o olhar em Comínio, que acabou baixando os olhos.

Uma vez que você insiste, que haja um julgamento — disse Comínio. — Mas, até lá, deixe Coriolano em liberdade.

Icílio olhou fixo para Cneu durante um longo momento, e depois fez um gesto afirmativo com a cabeça.

Muito bem. Que o povo decida o destino dele.

Aos poucos, resmungando e cuspidando com desprezo nos pés dos lictores, a turba se dispersou e Icílio se retirou. Cneu estourou em gargalhadas e adiantou-se para abraçar seu velho comandante, mas a expressão do cônsul era grave.

Tito, sentindo-se um pouco enjoado devido ao golpe na cabeça, sentou-se no Rochedo Tarpeio. Os outros pareciam fantasmas saídos de um sonho. Ele se viu olhando para o templo e para a magnífica quadriga de Júpiter no alto do frontão triangular. Como ele adorava a edificação que Vulca construía!

— ÀS VEZES EU ACHO que até os deuses se voltaram contra mim — sussurrou Cneu.

Ele estava andando de um lado para o outro no jardim iluminado pelo luar. Seu rosto estava na sombra, como estavam os rostos daqueles que tinham ido em resposta ao seu chamado. Nenhuma lâmpada tinha sido acesa; o menor tremeluzir de luz poderia alertar seus inimigos para a reunião secreta à meia-noite, na casa de Cneu Márcio.

Tito estava lá. O mesmo acontecia com Ápio Cláudio e o cônsul Comínio. Também havia alguns homens vestindo armadura inteira, como se estivessem prontos para montar e entrar em combate. Parecia haver um número muito grande deles, espremidos sob a colunata que cercava o jardim. À luz da lua cheia que batia em seus membros, Tito podia perceber que a maioria era jovem e, pela qualidade das armaduras, que todos eram homens de recursos.

Nos últimos dias, Cneu havia atraído um grande grupo de seguidores formado por jovens guerreiros, a maioria patrícios, ou homens como ele próprio, de categoria plebéia mas com sangue patrício. A devoção deles por Cneu — ou Coroliano, como sempre o chamavam — era realmente fanática. Não menos fanática era a determinação do tribuno Icílio e seus seguidores plebeus de verem Cneu destruído. A feroz disputa sobre o destino dele dividira Roma. O julgamento teria lugar no dia seguinte.

Os deuses nada têm a ver com essa farsa — disse Ápio Cláudio, com amargura. — A culpa é dos homens. Homens fracos e tolos! Você devia ter sido aplaudido como um herói pelo Senado, Cneu. Em vez disso, eles o abandonaram.

O caso nunca foi tão simples assim — disse Comínio, com um suspiro. — O direito a eleger os tribunos só foi conquistado pela plebe depois de uma luta violenta. Cneu se meteu no caminho de um touro raivoso quando decidiu enfrentá-los.

E nós não vamos fazer nada enquanto esse touro atropela o melhor homem de Roma? — disse Tito, a voz falha. O dia em que a turba os perseguira até o Rochedo Tarpeio marcara um ponto decisivo em sua vida. Uma grande raiva o dominara; ela endurecera o coração de Tito contra os plebeus e o unira mais do que nunca ao amigo de infância. Como é que ele fora tão cego, e por tanto tempo, para a ameaça que os plebeus representavam? Como é que ele não tinha visto que Cneu estava certo o tempo todo? Tito sentia-se culpado por não ter apoiado Cneu com mais entusiasmo desde o início. Quando Cneu foi vaiado por homens mais fracos por ter dito a verdade no Senado, Tito devia estar com um discurso pronto para apoiá-lo.

Não se preocupe com o touro violento, Tito — disse Cneu. Ele colocou a mão no ombro do amigo. — A besta jamais tocará em mim! Eu prefiro morrer pela minha própria espada a ter de me submeter ao castigo daquela ralé.

Aquela "ralé", como você a chama, é a assembléia do povo — disse Comínio —, e eu receio que o direito que eles têm de julgar você é indiscutível. O assunto foi plenamente debatido no Senado...

Uma vergonha! — murmurou Ápio Cláudio. — Eu fiz o possível para convencê-los, mas não adiantou!

E assim, esse arremedo de justiça, esse chamado julgamento, vai acontecer amanhã — disse Cneu. — É verdade que não há esperança, Comínio?

Nenhuma. Icílio provocou os plebeus até a fúria. Eu esperava que a influência de seus superiores poderia servir para esfriar a sede dele pelo seu sangue, mas até mesmo o suborno puro e simples não funcionou. Amanhã, você vai ser julgado perante a assembléia do povo e considerado culpado de impugnar a dignidade e pôr em risco as pessoas dos tribunos. Sua propriedade será confiscada e levada a leilão; o resultado será doado ao

fundo para os pobres no Templo de Ceres. Sua mãe e sua esposa ficarão sem nada.

E eu?

Comínio baixou a cabeça.

Você será açoitado e executado em público.

Não! Nunca! — bradou um dos jovens guerreiros das sombras da colunata. Seus colegas uniram-se a ele com gritos de ultraje.

Cneu ergueu as mãos para silenciá-los. Voltou-se para Comínio.

E se eu for embora de Roma esta noite por minha livre e espontânea vontade? Se eu fugir, me exilando?

Comínio respirou fundo.

Icílio poderia julgá-lo *in absentia*, mas eu acho que posso convencê-lo a não fazer isso. Ele terá conquistado a vitória que procura, terá estabelecido a inviolabilidade dos tribunos, e os plebeus irão exultar. Se não houver julgamento, sua propriedade ficará intata. Sua mãe e sua esposa serão amparadas.

Eu estou pouco ligando para a minha vida — disse Cneu. — Que me esfolem e comam a minha carne, se quiserem. Mas eu nunca vou permitir que minha propriedade seja passada às mãos dos edis para alimentar a preguiçosa plebe de Roma!

Ele ergueu o rosto para olhar a lua cheia. À luz branca, suas belas feições pareciam ter sido esculpidas em mármore.

Exílio! — sussurrou. — Depois de tudo o que fiz em favor de Roma!

Ele baixou o rosto, que tornou a ficar na sombra. Dirigiu-se aos guerreiros que o cercavam.

Alguns de vocês, na última vez em que nos encontramos, fizeram um juramento de erguer uma espada e derramar sangue plebeu em vez de me ver executado ou, se isso não fosse conseguido, acompanhar-me no exílio. Mas agora que o momento de decisão chegou, não exijo de homem algum o cumprimento desse juramento.

Nós fizemos um voto! — objetou um dos homens. — Um romano jamais quebra o seu juramento!

Mas se nós sairmos de Roma para nunca mais voltarmos, será que continuaremos sendo romanos? Pensem no que significa ser um homem sem uma cidade! Este destino me foi imposto. Eu não posso impô-lo a mais ninguém.

Um dos homens se adiantou.

Nós todos viemos aqui esta noite armados e prontos para lutar... prontos para morrer, se necessário. Se sua decisão, como nosso comandante, é recuar em vez de enfrentar o inimigo, nós vamos com você, Coriolano!

Mesmo para lá das portas de Roma?

Sim, tal como o seguimos dentro das portas de Coríolos! Naquele dia, você lutou para entrar, sozinho, e nós fomos atrás de você, como alunos que chegavam atrasados. Hoje, não! Nós ficamos ao seu lado, Coriolano!

Todos vocês confirmam?

Todos nós confirmamos! — gritaram os guerreiros.

Cneu riu.

Com esse grito, vocês acordaram todo o Palatino! Em breve, Roma inteira estará querendo saber o que se passa na casa de Cneu Márcio. Agora, não temos escolha, a não ser partir imediatamente!

Enquanto os outros se preparavam, Cneu se despediu de Comínio e Cláudio. Viu Tito em pé na sombra e foi até ele.

Eu já me despedi de minha mãe e de minha mulher. Tome conta delas, Tito, com o mesmo cuidado com que cuida de Cláudia.

Eu devia ir com você.

Cneu abanou a cabeça.

Você ouviu o que eu disse aos meus guerreiros. Este é um sacrifício que não posso exigir de homem algum.

Mesmo assim, eles o seguem.

É a escolha deles.

Também devia ser a minha escolha.

Cneu ficou calado por um longo momento. Sombras escondiam seu rosto, mas Tito sentiu os olhos do homem fixos nele.

Você tem que terminar um templo, Tito.

Dane-se o Templo de Ceres e tudo o que ele representa!

Cneu franziu o cenho.

É preciso se ter algo em que acreditar.

Como certa vez você acreditou em Roma?

—Acredite em Roma, Tito. Acredite no Templo de Ceres. Esqueça que Coriolano existiu.

Cneu voltou-se e se afastou. Seus seguidores o rodearam. O séquito retirou-se do jardim.

A casa de Tito ficava a uma curta distância dali. Cláudio ofereceu-se para ir com ele, mas Tito preferiu caminhar sozinho.

A noite estava quente. Os postigos estavam abertos. O luar inundava a câmara em que Cláudia dormia. Tito olhou para o rosto dela por um longo tempo. Seguiu para o quarto onde seu filho dormia e olhou para o rosto dele por um tempo ainda mais longo.

Ele não parava de pensar na imagem que Comínio lhe metera na cabeça, de Cneu confrontado pelo touro espavorido. Hércules, cujo altar estivera sob a guarda da família de Tito havia gerações, certa vez enfrentara um boi espavorido na distante ilha de Creta. Deuses exigiam sacrifício; heróis mereciam lealdade. Coriolano não era exatamente um herói como Hércules tinha sido?

Em seu estúdio, à luz da lua — porque temia que o acender de uma lâmpada pudesse acordar quem estava dormindo —, ele escreveu uma mensagem para Ápio Cláudio: *Sogra, eu lhe imploro, cuide bem de sua filha e do seu neto. Eu fiz o que sei que é o certo.*

Ele entrou no quarto do filho. Ergueu o talismã de Fascinus que pendia do seu pescoço e passou-o, com cuidado e em silêncio, pelo pescoço do filho. Em sono profundo, o menino ergueu a mão e tocou o talismã, mas não acordou.

Se Tito se apressasse, poderia alcançar Coriolano e seus homens antes que eles saíssem pelas portas da cidade.

491 a.C.

— A ESTRADA QUE NOS trouxe até aqui é longa — disse Cneu.

— Uma estrada realmente muito longa — disse Tito, sorrindo pesaroso.

Ele sabia que o amigo não se referira, literalmente, à estrada sob seus pés, que os levava, a cada som da batida das patas dos cavalos, para mais perto de Roma. Cneu estava falando das curiosas reviravoltas e desvios que a vida deles tinha sofrido desde a noite em que fugiram da cidade, havia dois anos.

Um homem como Cneu, com seus conhecimentos da arte da guerra e sua reputação de homem valente, que tinha ao seu lado uma companhia de guerreiros fanaticamente dedicados, teria sido bem acolhido em muitas cidades. Foi irônico mas talvez previsível que ele tivesse optado por fazer

uma proposta aos volscos. É verdade que ele derramara muito sangue volscos, mas sempre em combate honrado, e quem teria mais probabilidade de reconhecer seu verdadeiro valor do que os volscos? Foi curioso, intrigante no início para Tito, que aqueles contra quem Cneu lutara com tamanha ferocidade pudessem recebê-los em suas fileiras com tanto entusiasmo. Assim era a peculiaridade do guerreiro: por um simples desvio do destino — e num piscar de olhos — um inimigo podia tornar-se um aliado.

Claro que Cneu, por ser Cneu, tornara-se muito mais do que um aliado. Rapidamente, ele se tornara o principal guerreiro dos volscos — e depois, com a mesma rapidez, comandante de todo o exército. A campanha para vingar-se de Roma não tinha sido idéia dele, mas dos volscos mais velhos, que tiveram que argumentar durante muito tempo e com insistência para vencer sua resistência. Quem melhor para prever e frustrar cada estratégia romana, do que o homem que tinha sido o maior guerreiro de Roma? Que triunfo poderia ser maior, para os volscos, do que ver Coriolano fazer com Roma o que ele tinha feito com Coríolos? Que vingança poderia ser mais prazerosa para Cneu Márcio do que deixar de joelhos a cidade que o rejeitara?

Na campanha contra Roma, Cneu ultrapassara a si mesmo. O homem que proclamara o desejo de tornar-se o maior guerreiro de Roma tornara-se o maior guerreiro de toda a Itália — e também o general mais destemido. A Tito, que lutou ao lado de Cneu numa batalha atrás da outra, parecia que os próprios deuses deviam ter dado uma mãozinha, concedendo tantas vitórias a seu amigo. Os homens sob o comando de Cneu adquiriram uma supersticiosa crença na sua liderança; a magia de sua presença, não a bravura deles, era a chave da vitória. Tito tinha uma convicção própria de que o antigo espírito de Hércules revivia agora em Coriolano, o herói daquela era. Essa convicção religiosa era um grande consolo para Tito nos momentos em que a saudade de Roma e da família ameaçava sobrepujá-lo.

Agora, a batalha final estava perto. Cada batida das patas dos cavalos ao longo da estrada levava Cneu e o exército dos volscos mais para perto daquela mesma porta pela qual ele fugira da cidade. Numa batalha atrás da outra, os exércitos de Roma tinham sido derrotados. Suas fileiras estavam esgotadas, os depósitos de armas, capturados e confiscados. O povo também estava enfraquecido. Produtos agrícolas tinham sido queimados, colônias romanas tinham sido saqueadas, e fornecimentos de emergência de

grãos vindos da Sicília tinham sido interceptados. À medida que Roma ficava mais debilitada, todos os inimigos que ela humilhara nos últimos anos correram em massa para unir-se a Cneu e aos volscos. A força liderada por Coriolano era invencível.

Enquanto os invasores ainda estavam dois dias ao sul de Roma, enviados tinham saído a cavalo para encontrar Cneu. Eles o lembraram de sua linhagem romana. Imploraram-lhe para que fizesse seu exército dar meia-volta. Cneu os tratou com desdém, mas permitiu que voltassem para Roma com as cabeças nos pescoços.

O fato de os romanos implorarem a paz mostra que eles estão certos da derrota — disse ele a Tito.

No dia seguinte, chegaram mais dois enviados. A poeira de sua quadriga subia bem alto no ar parado e podia ser vista por muito tempo antes que eles chegassem perto o bastante para que fossem reconhecidos. Tito prendeu a respiração quando viu as fisionomias desfiguradas de Ápio Cláudio e Postúmio Comínio.

Cneu ordenou que seus homens ficassem para trás enquanto ele cavalgava para se encontrar com os dois senadores. Tito o acompanhou. Enquanto Cneu respondia à saudação dos dois homens, Tito permaneceu afastado, sem querer encarar o sogro.

Primeiro, Comínio garantiu a Cneu que sua esposa e sua mãe estavam bem; apesar da traição de Cneu, ninguém se vingara na família dele, e agora ninguém teria coragem de fazê-lo.

Minha filha Cláudia e o jovem Tito Potício também estão bem — acrescentou Cláudio, embora Tito ainda evitasse seu olhar.

Falando em nome dos cônsules e do Senado, os dois homens reconheceram o grande erro que havia sido cometido contra Cneu. Prometeram a restauração de sua cidadania e seu lugar no Senado, além de plena imunidade contra processos dos tribunos.

Cneu ouviu seus dois antigos mentores com respeito depois perguntou:

E os tribunos dos plebeus, e os edis? Eles vão ser abolidos? O Templo de Ceres será derrubado?

Comínio e Cláudio baixaram os olhos. O silêncio serviu de resposta.

Cneu deu uma risada.

Vocês pensam em fazer Coriolano ir embora com umas poucas palavras, mas com todo o poder do Senado, não conseguem nem mesmo

fazer com que os plebeus façam o que vocês querem! Agora, nenhuma promessa vazia vai me deter. Se realmente amam Roma, voltem e aconselhem seus colegas a entregar a cidade sem lutar. Eu não tenho nenhum desejo de derramar mais sangue do que for necessário, e a ânsia dos meus homens pelo saque será mais fácil de controlar se eles ocuparem a cidade sem luta. Quer vocês resistam a mim, quer não, amanhã, mais ou menos a esta hora, Roma vai ser minha.

Uma amarga volta para casa! — disse Comínio.

Mesmo assim, uma volta para casa.

E se você ocupar a cidade... que Júpiter não permita!... o que vai fazer então? — perguntou Cláudio.

Cneu respirou fundo.

Se já não tiverem se suicidado, alguns dos meus velhos inimigos irão receber o troco que merecem. Eu acho que você sabe quem é o primeiro da lista.

O tribuno Espúrio Icílio — disse Comínio.

Que prazer vai ser jogá-lo do Rochedo Tarpeio!

E o Senado? — perguntou Cláudio.

Talvez eu deixe que ele continue a existir, devolvido ao papel que representava sob o domínio dos reis, dar assessoria e assistência ao poder real. Seus membros menos úteis serão expurgados e substituídos por novos, de sangue volsco.

Comínio abafou um grito de desespero. Cláudio lançou um olhar penetrante para Tito.

O que você tem a dizer sobre isso, meu genro?

Tito devolveu o olhar, olhando firme.

Quando eu era menino, meu avô me ensinou a lista de reis: Rômulo, Numa Pompílio, Tulo Hostílio, Anco Márcio, Tarquínio o Mais Velho, Sérvio Túlio. Tarquínio, o Soberbo, iria ser o último, derrubado e substituído para sempre por uma coisa chamada república. Um fingimento! Um erro! Um experimento que falhou! Hoje é o último dia da república. Amanhã, homens irão gritar no Fórum: "Todos saúdem o rei Coriolano!"

Ele sacou da espada e ergueu o braço para Cneu. O cavalo empinou.

Todos saúdem o rei Coriolano! — bradou Tito.

Os círculos de guerreiros leais que tinham saído de Roma com Cneu e que sempre seguiam à frente do exército ouviram o grito de Tito e juntaram-se a ele.

Todos saúdem o rei Coriolano!

O brado espalhou-se pelas fileiras do imenso exército: "Todos saúdem o rei Coriolano!" Homens ergueram suas espadas em saudação, depois bateram com elas em seus escudos, criando um assustador ruído contínuo, enquanto gritavam, sem parar: "Todos saúdem o rei Coriolano!"

Cláudio pareceu intimidado. Comínio fez a quadriga dar meia-volta. Uma nuvem de poeira ergueu-se atrás deles enquanto voltavam às pressas para Roma.

Naquele ponto, a poucos quilômetros da cidade, o exército de Coriolano acampou.

NA MANHÃ SEGUINTE, o EXÉRCITO acordou ao amanhecer e preparou-se para marchar para a batalha.

Como sempre, Coriolano cavalgou à frente do exército, com Tito ao seu lado e seus guerreiros romanos montados imediatamente atrás. A cada passo, chegavam mais perto de Roma.

Aproximaram-se da crista de uma colina baixa. Ao chegar ao alto, as colinas de Roma ficariam visíveis ao longe.

Acima do tropel das patas e do ruído provocado por um enorme exército em marcha, Tito ouviu um outro som, baixo no início, mas depois mais alto. Vinha do outro lado da crista da colina. Alguma coisa estava lá, ainda não visível, algo que emitia um som horrível, penetrante, amedrontador, um som como o que um homem poderia ouvir em sua descida para o reino de Plutão, um som de extrema impotência e desespero.

Cneu também ouviu. Ele franziu o cenho e virou o rosto de lado, a fim de deixar um dos ouvidos voltado para a frente.

O que é *isso*? — sussurrou ele.

Não sei — disse Tito —, mas me deixa com os cabelos da nuca eriçados.

Um medo supersticioso tomou conta dele. E se os deuses gostassem mais de Roma do que de Coriolano? E se, ao trair Roma, Tito e Cneu tivessem pecado contra os deuses? Que tipo de criatura sobrenatural do fim do mundo poderiam os deuses ter criado para encontrá-los no caminho para Roma? Ou será que uma enorme cova tinha se aberto na terra, na qual todos eles seriam lançados para nunca mais voltar? Era isso que o barulho dava a entender — os gritos e os gemidos de um enorme coro dos mortos.

Assim que chegassem à crista da colina, eles saberiam.

Agarrando com força as rédeas do cavalo, os nós dos dedos de Cneu ficaram brancos. Tito engoliu forte, em seco. Olhou para trás. Até mesmo os guerreiros calejados pelas batalhas, que estavam nas primeiras fileiras, tinham empalidecido ao ouvir aquele barulho irritante.

Eles chegaram à crista.

Diante deles, como uma gigantesca serpente preta na estrada reta, estendendo-se até à porta da cidade lá bem longe, estava uma procissão de mulheres em trajes de luto. Parecia que todas as mulheres de Roma tinham saído da cidade.

O som sobrenatural era o barulho coletivo da lamentação delas. Algumas choravam baixinho. Algumas eram sacudidas por soluços. Algumas oscilavam o corpo e gemiam. Umas poucas gritavam de tanto rir, como loucas. Algumas caminhavam com o corpo rígido, como se num sonho, enquanto outras sacudiam-se de um lado para o outro numa espécie de frenesi e varriam com os cabelos soltos a estrada sob seus pés.

Em contraste com as outras, as mulheres que iam bem à frente da procissão caminhavam com grande dignidade. Estavam caladas e de cabeça erguida. Entre elas, com as bandas de fios entrelaçados de lã vermelha e branca e os cabelos cortados, Tito reconheceu as virgens vestais. Cinco delas estavam presentes, tendo uma delas sido deixada para trás, como sempre, para cuidar da lareira sagrada no Templo de Vesta; numa época de crise como aquela, era mais vital do que nunca que a chama não fosse extinta. À frente das vestais estavam três mulheres que, apesar do porte orgulhoso, ereto, estavam vestidas em farrapos escuros, como mendigas de luto. Estavam até mesmo descalças, mas era evidente que não estavam acostumadas a isso, porque os pés sangravam. Apesar da agonia que deviam estar sentido, jamais tropeçavam ou erravam um passo.

Como fizera quando os senadores se aproximavam na véspera, Cneu fez um sinal para que o exército parasse enquanto ele avançava, com Tito ao seu lado.

Que vergonha para o Senado! — disse Tito. — Os mais persuasivos enviados da cidade não conseguiram deter você, e por isso eles agora se curvam, enviando mulheres!

Quando Cneu não respondeu, Tito olhou para ele. Em vez de uma expressão sardônica para combinar com a de Tito, a expressão no rosto do amigo era de preocupação e seus olhos brilhavam. O coração de Tito afundou. Sentiu uma premonição do que viria em seguida.

A um sinal das vestais, as mulheres que vinham atrás delas pararam, cambaleando. As três mulheres em farrapos que lideravam a procissão continuaram a avançar e só pararam quando os dois cavaleiros estavam quase em cima delas. No centro, Tito reconheceu Vetúria, mãe de Cneu. Parecia muito mais velha do que da última vez em que ele a vira. Apesar de estar rigidamente ereta, parecia necessitar de um pouco de ajuda das duas mulheres que a flanqueavam. À direita, estava a mulher de Cneu, Volúmnia. Quando Tito viu a terceira mulher, engoliu em seco. Ele não via Cláudia desde o dia em que saíra de Roma. O rosto dela estava desgastado de tanta preocupação. Ela abaixou os olhos e não quis olhar para ele.

Vetúria, por outro lado, manteve a cabeça erguida e fixou o olhar no filho.

Cneu! — bradou.

Mamãe! — sussurrou ele.

Você vai olhar para sua mãe de cima, como um senhor que olha para uma escrava?

Na mesma hora, Cneu desmontou. Tito fez o mesmo. Mas quando Cneu se adiantou, Tito ficou parado. Ele agarrou as rédeas, mais para se apoiar do que para conter os cavalos. De repente, sentiu-se tonto. Parecia a sensação que havia experimentado ao ser atingido na cabeça no Rochedo Tarpeio. Tudo, entre aquele momento e esse, parecia um sonho, e ele temia que estivesse para ser sacudido com violência para acordar. Seu coração batia forte.

Quando Cneu chegou perto de sua mãe, ergueu os braços, mas ela recusou o abraço. Ele deu um passo atrás.

Por que a senhora não me abraça, mamãe? Por que fica tão rígida assim?

Se eu erguesse os cotovelos do apoio que Volúmnia e Cláudia me dão, eu cairia no chão.

Eu a seguraria.

Mentiroso!

Mamãe!

Ela o olhou de olhos arregalados.

Sempre pensei que, se chegasse a uma idade em que não pudesse ficar em pé sozinha, o braço forte do meu filho estaria ali para eu me apoiar nele. Mas quando fui precisar do seu braço, Cneu, ele não estava lá. Tive que me

apoiar nos outros, o que foi uma vergonha para mim! Que os deuses me aleijem por completo se um dia eu me apoiar no seu braço!

Palavras duras, mamãe!

Não chegam sequer à metade da dureza do destino que você me deu.

O que eu fiz foi porque fui obrigado. Em nome da minha dignidade...

Você jogou fora a sua dignidade no dia em que pegou em armas contra Roma. Naquele dia, você colocou uma faca no peito de sua mãe. Hoje, parece decidido a enfiar essa faca no coração dela.

Não, mamãe. O que fiz foi pela senhora. A senhora sempre me ensinou...

Nunca ensinei meu filho a ser um traidor! Se ouvir você dizer uma coisa dessas, vou arrancar a espada da sua bainha e me jogar sobre ela, em vez de respirar mais uma vez!

Mamãe, mamãe...

De repente, Vetúria puxou o braço que estava sendo seguro pela nora. Cora toda a força, deu uma bofetada em Cneu. O estalo do golpe foi de uma altura impressionante. Os cavalos relincharam e puxaram com força as rédeas, queimando as palmas das mãos de Tito.

Vetúria começou a cair para a frente, mas as mulheres a agarraram. Cneu estava estupefato. Depois de um longo momento, fez um sinal para que Tito se aproximasse. Sussurrou ao ouvido dele.

Diga aos homens que mandei fazer uma parada. Monte a minha tenda à beira da estrada. Tem muita gente olhando para nós. Eu tenho de me encontrar com minha mãe em particular.

O QUE FOI DITO NAQUELA tenda? Que promessas ou ameaças foram feitas, que lembranças ou sonhos foram reacesos? Ninguém jamais saberia, exceto Coriolano e sua mãe.

Vetúria foi a primeira a sair da tenda. Volúmnia e Cláudia — que ainda não tinham olhado Tito nos olhos — adiantaram-se rapidamente para ajudá-la. Sem uma palavra, as três voltaram para onde as vestais esperavam. Vetúria falou com as virgens em voz baixa e elas, por sua vez, fizeram gestos para as mulheres que estavam atrás para que dessem meia-volta e regressassem para a cidade. Enquanto a imensa procissão se retirava, a multidão de mulheres não chorava nem estava jubilosa, mas, em vez disso, mantinha um silêncio sinistro.

Cneu ficou sozinho na tenda por muito tempo. Quando finalmente saiu, estampava no rosto uma expressão de determinação como Tito nunca

vira antes.

Cneu montou em seu corcel e depois chamou a sua vanguarda romana. Os guerreiros montados reuniram-se diante dele. Tito estava entre eles, com medo do que estava por ouvir.

Não haverá ataque a Roma — disse Cneu.

Os homens ficaram pasmos.

Quando saímos de Roma, partimos para ir ao encontro do nosso destino. O destino nos levou muito perto de completar um círculo. Chegamos até aqui, perto de Roma, mas não vamos chegar mais perto do que isso. Do outro lado das montanhas, além-mar, há um vasto mundo para além das terras dos romanos e dos volscos. Talvez lá esteja o nosso destino agora.

Os homens se entreolharam, aflitos, mas seu grau de disciplina era tal, que nenhum deles disse uma só palavra de protesto.

Nós, agora, vamos voltar pelas fileiras volscas. Quando chegarmos à retaguarda do exército, simplesmente seguiremos em frente.

E os volscos? — perguntou Tito.

Se eles quiserem atacar Roma, que ataquem.

Eles jamais farão isso! Você é o talismã deles. Só Coriolano pode levá-los à vitória.

Neste caso, acho que eles também vão embora.

Cneu agitou as rédeas e avançou. A vanguarda romana foi atrás. Tito alcançou-o e cavalgou ao lado de Cneu. A infantaria volscas recuou para dar passagem, olhando para eles, intrigada e confusa.

Isso é coisa daquela mulher! — gritou um deles. — Ela voltou o filho contra nós!

Coriolano está nos abandonando!

Impossível!

Veja você mesmo!

Mas por que ele nos trouxe até aqui?

É uma armadilha! Coriolano nos atraiu para cá, e agora os romanos devem ter reservado uma surpresa terrível!

A consternação espalhou-se pelas fileiras. Tito achou que parecia que eles estavam cavalgando sobre um mar de fisionomias zangadas. O bramir daquele mar foi ficando cada vez mais alto. Suas correntes levantavam-se aqui e ali, com uma violência cada vez maior.

Volte, Coriolano! — gritavam os volscos. — Volte! Lidere a gente!

Se não...

Uma pedra atingiu o elmo de Tito. O barulho reverberou pelo seu crânio. Uma vez mais, ele se lembrou do dia em que a pedra o atingira no Rochedo Tarpeio e Cneu lhe salvara a vida. Cada vez mais, o mundo à sua volta parecia estranho e semelhante a um sonho, mudo e distante.

Mais pedras acertaram sua armadura. Tito praticamente não as sentia. Os volscos começaram com pedras, mas logo depois sacaram as espadas. Os romanos a cavalo fizeram o mesmo. Aos ouvidos de Tito, o choque de ferro estava estranhamente abafado. Seguiu-se um movimento indistinto. Foi com uma certa surpresa que ele viu sangue em sua própria espada — e então sentiu uma dor penetrante do lado. O mundo girou e virou de cabeça para baixo. Tito teve a vaga noção de que devia estar caindo do cavalo, mas nunca chegou a sentir a batida no chão.

Nos DIAS QUE SE SEGUIRAM, o Senado de Roma declarou que o dia da salvação da cidade de Coriolano devia ser declarado um dia de ação de graças e que homenagens especiais deveriam ser prestadas às corajosas mulheres de Roma, que tinham conseguido o que nem a força das armas nem a diplomacia poderiam ter conseguido.

Aquelas decisões foram fáceis. Decisões mais difíceis vieram em seguida.

Um grande amargor participou do debate referente ao Altar-Mor. Desde o nascer dos tempos, o Altar de Hércules tinha sido mantido pelas famílias dos Pinário e dos Potício, os sacerdotes hereditários que celebravam, juntos, a Festa de Hércules. À luz da desonra lançada sobre sua família por Tito Potício, será que se devia permitir que aquela família continuasse como guardiã do altar e sacerdotes da Festa de Hércules ou será que ela deveria perder tal papel, que seria dado a uma outra família ou a sacerdotes nomeados pelo estado?

Ápio Cláudio estava entre aqueles que alegavam que o estado não tinha direito algum de interferir num esquema religioso que era mais antigo do que o próprio estado. O próprio Hércules escolhera as duas famílias para manter seu santuário. Nenhum ato do estado poderia desfazer o que um deus decidira numa época imemorial. Aquele era o seu papel público. Reservadamente, Cláudio disse a seus colegas que a vergonha lançada sobre ele pelo genro era um tormento que mal dava para suportar; ele renegara a filha e o neto, e declarara que enquanto ele ou qualquer descendente que

levasse o seu nome tivesse alguma influência no estado, nenhum homem com o sobrenome Potício seria eleito para um alto cargo.

A argumentação de Cláudio foi aprovada pelo Senado. A manutenção do Altar-Mor continuaria em mãos familiares, sem alterações. Mas o cônsul recém-eleito, Públio Pinário, protestou, dizendo que sua família não iria mais cumprir seus deveres tradicionais ao lado dos Potício, que tinham caído em desgraça.

Depois de gerações que nem se pode contar quantas foram, nós renunciamos ao nosso lugar na manutenção do altar. Que os Potício façam tudo sozinhos!

Houve muito debate entre a elite de Roma em relação àquelas duas antigas famílias patrícias e às curiosas guinadas do destino que tinham levado Públio Pinário ao consulado, o zênite das fortunas de sua família, mesmo enquanto os Potício atingiam o seu nadir com a desgraça de Tito Potício.

ANOS DEPOIS, UM ANDARILHO ESFARRAPADO viu-se, por acaso, a poucos quilômetros ao sul de Roma. Era um homem sem cidade ou tribo, condenado a perambular perpetuamente, vivendo de expedientes, que muitas vezes eram produto de uma mente confusa, e dependendo da misericórdia de estranhos; um homem alquebrado, sem esperanças ou sonhos. Havia muitos anos ele não passava por ali.

Tinha apenas uma vaga noção de onde estava, mas sabia que o pequeno templo à beira da estrada não estava lá antes. Era de um desenho simples, mas muito bem executado e belamente decorado. Um jovem pastor estava descansando nos degraus.

Me diga, menino — disse o andarilho —, o que é este templo? A que deus ele foi dedicado?

A princípio, o menino olhou para ele com ar de desconfiança, mas depois viu que o estranho grisalho era inofensivo.

Um deus, não, mas uma deusa: Fortuna, a primeira filha de Júpiter. Ela decide os altos e baixos da vida.

Pelo que me lembro, existem muitos templos dedicados a Fortuna em Roma — observou o andarilho, com um tom sonhador na voz.

Sim, mas este aqui é diferente. Eles o chamam de Templo de Fortuna Muliebris, Fortuna das Mulheres.

Por que isso?

Porque as mulheres de Roma pagaram para construí-lo, se é que pode acreditar. Este é o ponto exato, sabe?, em que o vilão Coriolano foi mandado de volta.

É? — disse o andarilho, com um tremor na voz.

— É, mesmo. E depois disso as mulheres acharam que devia haver um templo aqui para assinalar o local. O Senado e os sacerdotes aprovaram, e as próprias mulheres levantaram o dinheiro para construí-lo. É uma bela construção, não é?

É. — O andarilho olhou para a estrutura, com admiração. — Eu já fui construtor.

Você? — O pastor olhou para ele com ar de dúvida, depois deu uma batida na própria coxa e soltou uma risada. — E eu já fui senador! Mas olhe só para mim agora, tomando conta dessas ovelhas imundas!

Com que então aquele era o ponto exato. A mente de Tito foi inundada por lembranças há muito abafadas. Vagamente, lembrou-se de assistir ao fim horrível de Cneu; nem mesmo o maior guerreiro da Itália poderia derrotar todo um exército que ele mesmo treinara para o combate. Pelo menos, Cneu morrera lutando. Vagamente — graças aos deuses, só vagamente! — Tito se recordou das torturas a que os volscos o tinham submetido antes de o libertarem.

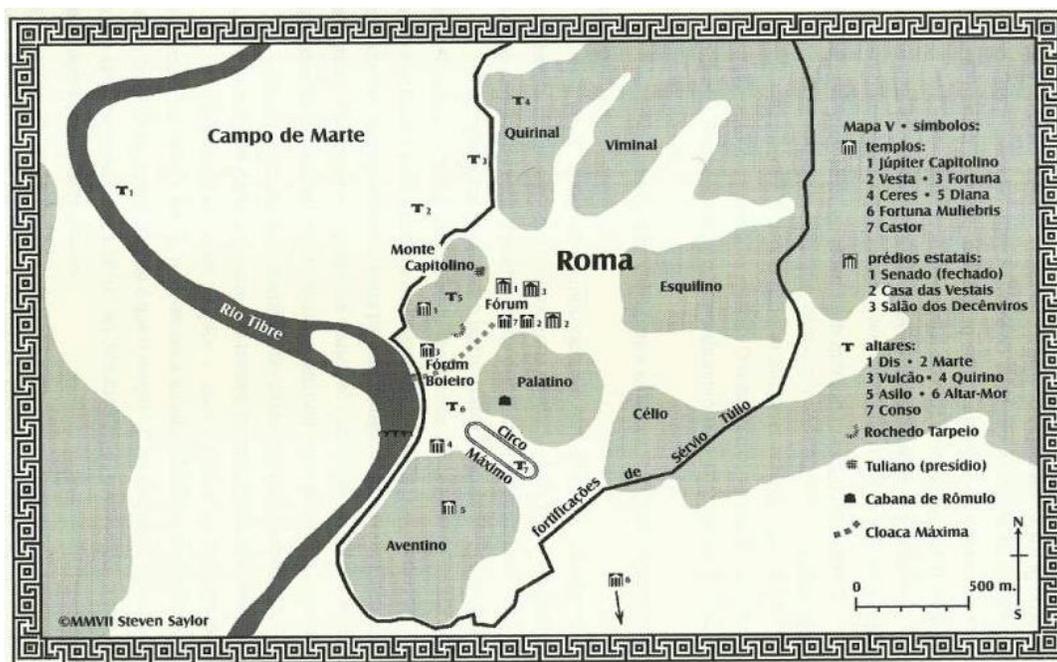
Tudo parecia muito distante, como um sonho quase esquecido. Todos os dias de sua vida pareciam assim, até mesmo ontem, até mesmo hoje.

Se você gosta de ver templos — disse o pastor —, ande um pouco até a crista da colina. De lá, pode-se ver a cidade. O ponto mais alto que se vê é o Templo de Júpiter. Aquilo é que é templo! Fica em cima do Capitolino, como uma coroa na cabeça de um rei. Mesmo daqui, pode-se ver como ele é imponente. Vá, dê uma olhada.

O coração de Tito bateu forte em seu peito. Como ainda estava acostumado a fazer em momentos de grande emoção, mesmo depois de todos aqueles anos, Tito ergueu a mão para tocar no talismã de Fascinus que lhe pendia do pescoço. Claro que o talismã não estava mais lá. Ele o dera ao filho adormecido, na noite em que saíra de Roma. Como estaria o menino? Será que ainda estava vivo? Será que tinha progredido? Será que mantinha os antigos ritos de Hércules, como tinham feito seus ancestrais?

— Pode ir — disse o pastor. — Ande até a elevação e dê uma olhada na cidade.

O esfarrapado andarilho, sem dizer nada, fez meia-volta e seguiu na direção oposta.



CAPÍTULO V

AS DOZE TÁBUAS

450 A.C.

- Mais um brinde! — declarou Lúcio Icílio.

O quê? Outro, não! — Lúcio Virgínio deu uma gargalhada espontânea. Ele era um homem de ombros largos que parecia um urso. Gostava muito de vinho, e o protesto era pura exibição.

Como seu anfitrião, devo insistir — disse Icílio. Com um agitar do braço comprido e ossudo, mandou que a jovem que servia tornasse a encher as taças.

A ocasião era alegre — um jantar para celebrar o casamento do filho de Icílio, o jovem Lúcio, com Virgínia, filha de Virgínio, que ocorreria em breve. O casamento uniria duas das mais distintas famílias plebéias de Roma, Os Virgínio eram pessoas de destaque na cidade há quase tanto tempo quanto algumas famílias patrícias. O ramo de Lúcio Virgínio, embora não fosse rico, era famoso pela bravura em combate; em recentes campanhas contra os sabinos e os equis, Lúcio Virgínio mantivera os

padrões de bravura estabelecidos por seus ancestrais. Os Icílio eram abastados, politicamente atuantes, cheios de vitalidade e ambição. Homens das duas famílias tinham servido como tribunos dos plebeus.

Os vínculos do matrimônio entre os Icílio e os Virgínio iriam fortalecer ambos os clãs. Era, também, um casamento por amor; Lúcio e Virgínia tinham se apaixonado à primeira vista. Naquela noite, faltando apenas alguns dias para o casamento, as duas famílias jantavam juntas sob o teto de Icílio para celebrar a união iminente.

Icílio ergueu a taça.

Um brinde às mães! Nunca se deve subestimar o poder de uma matrona romana. Há mais de quarenta anos, quando o traidor Coriolano marchou contra Roma, qual foi a única coisa que conseguiu fazê-lo dar meia-volta? Não foram armas, não foram os muros, nem mesmo o humilhante rebaixamento dos senadores. Só a súplica de uma mãe teve poder suficiente para salvar Roma. Às mães da noiva e do noivo!

Às mães! — concordou Virgínio, erguendo sua taça.

Sim, às nossas mães! — disse o jovem Lúcio, os olhos brilhando por ter bebido mais vinho do que de costume.

Os alvos do brinde, com modéstia, baixaram os olhos e não participaram da bebida. Como também não participou a irmã mais moça do noivo, a bela morena Icília. Tampouco a jovem Virgínia, que nunca provara vinho. Ela não precisava de inebriante algum para fazer seus olhos azuis brilharem nem aumentar a cor de suas faces, que eram macias como pétalas de rosa. Virgínia era tão branca quanto Lúcio era moreno; ela era baixa e voluptuosa, em vez de alta e esguia, como o noivo. As diferenças físicas dos dois só serviam para complementar a beleza um do outro; todos concordavam que eles formavam um casal adorável.

Icílio esvaziou a taça e enxugou a boca.

Ora, você deve estar se perguntando por que, num grupo assim tão congenial, eu mencionaria o palavrão que é o nome de Coriolano, que inspira desdém no peito de qualquer patriota.

Porque ele traz à luz o motivo do seu brinde: a influência de uma mãe! — disse Virgínio, arrastando um pouco a voz.

Ah, sim, mas mais do que isso, eu menciono aquele maldito nome para lembrar a todos nós o grande benefício a Roma que foi feito por um de meus parentes, o grande tribuno Espúrio Icílio. Foi Espúrio que expulsou Coriolano de Roma. Uma mãe pode ter mantido o vilão lá fora, mas foi um

Icílio que o expulsou da primeira vez. Eu menciono isso, Virgínio, para mostrar a você que a família para a qual sua filha está entrando ao se casar, embora possa não ter uma história tão longa quanto a sua, mesmo assim *fez* história. Com um honrado e jovem descendente como o meu menino Lúcio, esta família continuará fazendo isso!

E por que não, com os belos filhos homens que a minha Virgínia dará a ele?! — bradou Virgínio.

Virgínia enrubesceu. Lúcio também, embora tentasse uma risada máscula para esconder seu constrangimento. Icília, cuja pele era ainda mais escura que a do irmão, não mostrou um rubor com tanta facilidade, mas era evidente que aquela conversa a perturbava; os outros, se notaram, atribuíram a expressão dolorida em seu rosto à modéstia virginal.

Mas, falando mais seriamente... — Icílio fez uma pausa; toda a sua concentração foi momentaneamente necessária para abafar um arrote. O momento crítico passou. — Como eu ia dizendo, falando mais seriamente: quarenta anos se passaram desde que o malvado do Coriolano teve a ousadia de ameaçar os tribunos, e por esse crime ele foi devidamente punido; e, no entanto, de muitas maneiras, agora, a discórdia entre as classes está mais violenta do que nunca. Só raramente, hoje em dia, um plebeu é eleito para o consulado, e não é por acaso. Os patrícios ficam cada vez mais ciumentos de seus privilégios, e não menos. Apresentam todos os obstáculos possíveis, a fim de evitar que os plebeus mais qualificados consigam as magistraturas mais elevadas. Você sabe que isso é verdade, meu bom Virgínio.

O outro confirmou com a cabeça.

Lamentavelmente, meu bom Icílio, isso é verdade.

Lúcio grunhiu.

Não, papai. Nada de política esta noite!

Icílio chamou a atenção dele.

Isso não é política, meu rapaz. É uma conversa séria em família. Os Virgínio e os Icílio representam o que há de melhor dos plebeus. A união de nossas famílias é muito mais do que o casamento de uma bela jovem e um belo rapaz; esse casamento representa a esperança do futuro.

"Será que algum dia haverá uma paz duradoura entre os patrícios e nós? Temos que começar reconhecendo que tem havido abusos dos dois lados. Desde a época de Coriolano, nós, os plebeus, não provocamos mais secessões, mas às vezes talvez tenhamos ficado ansiosos demais para usar o

poder dos tribunos para punir patrícios arrogantes. Alguns tribunos têm provocado a plebe sem necessidade e usado seus poderes de forma precipitada. Não há dúvida de que vários patrícios, por meios desonestos, têm fugido do castigo e enganado a justiça. Fracassos e abusos de ambos os lados têm levado a mais recriminações, que só fazem provocar mais brigas e discórdia.

"Nesta época sombria, apesar dos melhores esforços de homens honestos, as duas classes parecem estar se afastando cada vez mais uma da outra. Só podemos esperar que os filhos de Lúcio e Virgínia herdem uma Roma melhor do que aquela em que seus pais nasceram!

Apoiado, apoiado! — concordou Virgínio. — Disse-o bem, Icílio! Os próprios decênviros deviam estar aqui esta noite para ouvir você falar.

O jovem Lúcio, sentindo-se tonto, ergueu a taça.

Aos decênviros!

Os mais velhos lançaram-lhe abruptamente um olhar que fez com que Lúcio se sentisse muito pequeno. Mas o espírito estava jovial demais para que o momento tenso prevalecesse. Virgínio sorriu primeiro, depois Icílio.

Um brinde aos decênviros, meu filho? — Icílio estalou a língua.

Um brinde implica congratulações, e no caso dos decênviros, seria prematuro. Ninguém ainda viu o fruto do trabalho deles, apesar de os nossos dez pequenos Tarquínios já terem desagradado a muitos bons cidadãos.

Os Dez Tarquínios? É um pouco forte, não? — disse Virgínio.

Será? — Icílio ergueu uma sobrancelha.

Dois anos antes, a discórdia em Roma se tornara tão exacerbada que patrícios e plebeus tinham concordado com uma medida extraordinária. As eleições foram canceladas, o Senado foi dissolvido, e os magistrados, inclusive os tribunos, foram dispensados de seus cargos. Uma junta de dez homens

os decênviros — recebeu o poder temporário de governar o estado e foi encarregada da tarefa de redigir um código de leis abrangente. Na época, pareceu uma boa idéia: os dez homens mais sábios de Roma iriam apurar o motivo pelo qual o estado chegara ao ponto de parar, exercer o poder que fosse necessário para resolver os problemas, criar leis justas e gravar essas leis em pedra, para que todos vissem. Há muito os plebeus vinham provocando agitações em favor de uma legislação escrita, acreditando que uma lista clara de ofensas e uma enumeração dos direitos dos cidadãos

fariam mais do que qualquer outra coisa para acabar com os arbitrários abusos dos patrícios. Mas o processo se arrastava por dois anos, sem resultados visíveis, e os decênviros tinham ficado descuidados e abusivos ao exercerem seu poder.

Icílio estalou a língua.

Nós todos esperávamos, com otimismo, talvez tolamente, que os decênviros fossem seguir o exemplo de Cincinato...

O velho e bom Cincinato! Um brinde ao Cincinato! — bradou Virgínio, que havia servido sob as ordens do famoso comandante. Oito anos antes, quando um exército romano tinha ficado encurralado pelos equis e tinham a destruição como certa, o general que virara agricultor, Lúcio Quíncio Cincinato, tinha sido convocado para deixar a aposentadoria; foi nomeado ditador e recebeu poder total sobre o estado enquanto durasse a crise. A contragosto, Cincinato largou o seu arado, liderou uma força para salvar o exército, derrotou por completo os equis, exonerou-se do cargo e voltou para a fazenda — tudo no espaço de 15 dias. Dizia-se que o arado estava exatamente no lugar em que ele o deixara e que ele se pôs a terminar o sulco que tinha começado, como se não tivesse havido interrupção alguma. Éxpedito e retraído, Cincinato se tornara uma lenda viva.

Mas os decênviros não tinham seguido o exemplo de Cincinato. Por meios tortuosos, tinham ampliado o prazo de duração de seu cargo e continuado a governar como ditadores absolutos, enquanto o povo ainda aguardava a publicação do novo código. Nos últimos meses, os abusos tinham ficado mais flagrantes, com eles suprimindo, implacavelmente, quem quer que questionasse a autoridade deles. Homens tinham morrido por se oporem a eles; mas os decênviros, enquanto mantivessem o cargo, eram imunes a acusações de assassinato.

A boa nova — disse Icílio — é que o novo código legal deve ser divulgado a qualquer momento. Os decênviros o chamam de as Doze Tábuas. Vamos esperar que eles tenham feito um trabalho tão notável que as virtudes das Doze Tábuas nos façam esquecer os vícios dos Dez Tarquínios.

O jovem Lúcio franziu a testa.

Outro dia ouvi um boato sobre essas novas leis.

Um boato? — perguntou o pai dele.

O meu tutor, Xênon, diz que eles planejam considerar fora da lei o casamento entre patrícios e plebeus.

Uma idéia horrível! — disse Virgínio.

Icílio teve uma expressão de tristeza.

O que o seu tutor grego sabe dessas coisas?

Lúcio deu de ombros.

Xênon ensina outros rapazes, inclusive alguns dos netos dos decênviros. Ele ouve todo tipo de história.

Icílio olhou para sua taça vazia.

Sem dúvida, há quem, tanto patrícios quanto plebeus, acredite que uma separação *maior* das classes, e não menor, seja a resposta para os males sociais de Roma. Uma proibição de casamentos entre as classes poderia não ser um mal.

Então suponho que devo me considerar um homem de sorte — disse Lúcio —, pelo fato de que a garota mais bonita de toda a Roma é uma plebéia e por acaso é minha noiva.

Ele olhou satisfeito para Virgínia, que sorriu e baixou os olhos.

Ninguém estava olhando para a irmã de Lúcio, Icília, cuja beleza escura estava abruptamente maculada por um profundo franzir de cenho.

Virgínio grunhiu.

"Os Dez Tarquínios", foi como você chamou os decênviros. Ápio Cláudio deve ser o pior deles! Há poucas gerações, os Cláudio nem eram romanos. Tampouco eram os Cláudio! Qual foi o estranho nome sabino com que seu avô nasceu?

Atos Clauso — disse Icílio.

Ah, foi! E agora o neto é o principal entre os decênviros. Um sujeito totalmente desagradável, sempre andando por aí cercado de lictores, usando uma toga vermelha e esperando que todas as pessoas que ele encontrar façam o que ele mandar. O homem gosta demais de ser um decênviro! E agora propõe a proibição de casamentos mistos! Que patrício hipócrita! Poucos meses atrás, ele me pediu a mão de Virgínia.

Papai! — disse Virgínia. — Eu não acho que o senhor deva mencionar...

Por que não? Não é como se você ou eu tivesse incentivado o velho bode de alguma maneira. Que Júpiter me mate se eu disse uma mentira! Há poucos meses, Ápio Cláudio me perguntou se ele podia se casar com Virgínia.

E o que foi que você respondeu? — perguntou Icília.

Eu disse que não, é claro! Não que a união fosse ser inadequada, uma vez que Ápio Cláudio pode ser um viúvo com filhos crescidos, um pouco

velho para a Virgínia, mas os Cláudio adquiriram um grande nome em três curtas gerações, e eles *são* patricios, por mais emergentes que sejam. — Virgínio disse aquilo como se fosse espontâneo, mas era evidente que não se importava com o fato de deixar claro para Icílio que sua filha poderia ter se casado com um patricio, se Virgínio assim tivesse decidido. — Eu rejeitei Ápio Cláudio como pretendente porque não gosto daquele sujeito. Só isso! Não suportava a idéia de tê-lo como genro, nem como pai de meus netos. Prefiro você, Lúcio. E o que é mais importante, Virgínia também prefere!

Virgínio deu uma gargalhada gostosa e levantou-se de seu sofá de jantar para dar um beijo na filha. Ela voltou o rosto para oferecer-lhe a face. Ao fazer isso, também escondeu sua expressão de todos os demais que estavam na sala.

Mais um brinde, então! — disse Icílio.

Mais um? — Virgínio caiu para trás no sofá e fingiu gemer.

Isso! Um brinde ao amor.

Ao amor, sim! — disse Virgínio. — A Vênus, a deusa do amor, que evidentemente abençoou essa união com a centelha do desejo mútuo. O que poderia ser melhor do que um autêntico casamento por amor que os dois pais aprovam?

Os homens beberam mais vinho, depois caíram na gargalhada. As mães também riram, envolvidas pela exuberância dos homens. Até mesmo a escura Icília parou de franzir o cenho, jogou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada.

Só Virgínia não riu. A partir do momento em que seu pai mencionara Ápio Cláudio, o decênviro, e o desejo abafado do homem de se casar com ela, uma expressão apreensiva se instalara em seu rosto.

NO DIA SEGUINTE, ICÍLIA E Virgínia foram juntas fazer compras no mercado, acompanhadas de suas mães.

As duas jovens tinham sido criadas em círculos diferentes e tinham poucos conhecidos em comum; no entanto, uma vez que em breve seriam cunhadas, todos esperavam que comessem a agir como se já fossem velhas amigas. As recentes saídas juntas, desde o anúncio do noivado de Virgínia com Lúcio, pareciam forçadas e artificiais para as duas; as mães, interminavelmente preocupadas com detalhes do casamento, tinham mais assunto do que elas. Para complicar as coisas, cada uma das jovens tinha

um problema a pesar sobre si própria, mas ainda não se sentia pronta para dividir o segredo com a outra. Elas se deslocavam pelo mercado lado a lado, conversando esporadicamente, cada uma envolta em seus próprios pensamentos privados.

O que acha disso, Virgínia? — Icília correu os dedos numa peça de linho amarelo finamente tecido.

O mercador sorriu.

De Siracusa, na ilha da Sicília. Todas as melhores coisas vêm de Siracusa, e eu as ofereço pelos melhores preços!

Siracusa tinha sido fundada por colonos vindos de Corinto e era quase tão antiga quanto Roma. Era uma das muitas colônias gregas não apenas na Sicília, mas por toda a parte sul da Itália, uma região tão fortemente colonizada por gregos que os romanos a chamavam de *Magna Graecia*, Grande Grécia. Os romanos vinham fazendo negócios com aquelas cidades durante gerações e até então tinham evitado envolver-se nas intermináveis guerras que elas faziam umas contra as outras. Nos últimos anos, Siracusa surgira como a mais brilhante, a mais livre e a mais próspera cidade em todo o Mediterrâneo ocidental. A frota siracusana dominava o mar Tirreno. Mercadores siracusanos construíram armazéns em Óstia, na foz do rio Tibre, para guardar todos os produtos que negociavam com Roma e seus vizinhos. Mais de uma vez os grãos siracusanos, tinham salvado Roma da fome. Eruditos siracusanos ensinavam nas melhores casas romanas; o tutor de Icílio, Xênon, era de Siracusa.

Eu acho que é bom — disse Virgínia, mal olhando para o tecido. Seus pensamentos, evidentemente, estavam em outra parte.

Talvez as jovens estejam mais interessadas em peças de cerâmica e barro — sugeriu o mercador. — As jovens talvez ainda não tenham casas próprias, mas muito em breve moças tão bonitas assim estarão casadas e procurando muitas taças e jarras para recepções.

O mercador podia ver, pelas túnicas simples, de mangas compridas, que as jovens ainda estavam solteiras; ainda não tinham passado para as estolas mais complicadas que eram usadas por suas mães. Ele ergueu um cântaro preto.

Este padrão é de uma beleza especial. A borda vermelha é uma variação rara de um tradicional desenho básico grego...

Icília, que havia franzido o cenho e virado para o lado assim que o homem falara em casamento, de repente viu um rosto conhecido do outro

lado do mercado lotado. Seu coração deu um salto até a garganta. Olhando por cima do ombro, ela viu que as mães das duas, mergulhadas em conversas, tinham seguido em frente. Impulsivamente, Icília agarrou o braço de Virgínia, puxou-a para afastá-la do mercador e de sua conversa fiada e sussurrou-lhe ao ouvido.

Virgínia, você tem que me fazer um favor!

O que é, Icília?

Por favor, eu lhe imploro...

Icília, o que está acontecendo?

Não está acontecendo nada. Mas eu preciso deixá-la só por um instante... só um instante, prometo! Se nossas mães voltarem e derem pela minha falta, diga... diga que tive que ir ao lavatório feminino em cima da Cloaca Máxima.

E se elas perguntarem por que eu não fui com você ou decidirem ir à sua procura?

Então, diga... oh, eu não sei o quê!

Virgínia sorriu. Ela não tinha certeza do que Icília estava armando, mas a julgar por vários pequenos indícios, passara a desconfiar que a irmã de Lúcio devia ter um pretendente secreto; talvez aquilo tivesse a ver com ele. Se Icília ainda não estava pronta para lhe contar os detalhes, ali estava uma oportunidade de Virgínia conquistar sua confiança e as duas jovens ficarem mais íntimas. Não era exatamente isso o que as mães delas desejavam?

É claro que eu vou ajudá-la, Icília. Faça o que tiver de fazer... mas não demore muito! Eu não tenho muita experiência em dizer mentiras para minha mãe.

Que Fortuna a abençoe, Virgínia! Eu lhe prometo que vai ser muito rápido.

Lançando uma última olhadela para as mães, que tinham se distanciado ainda mais, ela desapareceu na multidão.

Ele a vira de relance no mesmo instante em que ela o vira. Estava esperando logo depois da esquina de onde ela o tinha visto, com um sorriso ansioso no rosto.

Icília!

Tito! Oh, Tito! — Foi tudo o que ela pôde fazer para não beijá-lo, bem ali; mas embora estivessem longe do trânsito pesado do mercado, ainda estavam visíveis. Ansioso, ele a pegou pelo braço e conduziu-a para outra

esquina, entrando num espaço estreito entre dois prédios que ficava protegido dos olhares pela folhagem de um cipreste.

Ele apertou o corpo dela contra o seu e deu-lhe um longo beijo. Icília não era tímida; a própria impossibilidade do relacionamento deles a estimulava a abandonar todas as restrições durante os raros e passageiros momentos em que estava com ele. Correu as mãos pelos fortes ombros dele, dentro da gola da túnica e no peito, que era coberto por finos pêlos louros. Os dedos encontraram o talismã que ele usava. "Fascinus", era como ele chamava aquele curioso pendente, dizendo que era um deus que tinha protegido sua família durante séculos.

Icília não podia deixar de pensar que Fascinus tinha fracassado no serviço nas últimas gerações. Era difícil acreditar que os Potício já tinham sido ricos; até mesmo as melhores túnicas de Tito eram surradas. A primeira vez em que Icília o vira, ele vestia o único traje que possuía que não estava coberto de remendos, a túnica sacerdotal que ele usava no Altar-Mor. Observando-o officiar no altar com o pai, ela se apaixonara pela beleza dele. Depois, havia precisado usar de muita engenhosidade para conhecê-lo. A paixão que nascera entre eles foi tão imediata e tão avassaladora que devia ter sido a mão de Vênus que os guiara um para o outro. No entanto, quando Icília mencionou Tito Potício de forma bem indireta ao pai, ele reagira com uma veemência que a assustara.

A princípio, Icília presumiu que era a pobreza de Tito, ou simplesmente a sua condição de patrício, que ofendia seu pai e teve esperança de que aquelas barreiras pudessem ser vencidas. Foi seu irmão Lúcio que lhe explicou a razão para as cadentes fortunas dos Potício — o fato de o avô de Tito ter lutado ao lado de Coriolano. Não era de admirar que o pai dela tivesse reagido com tanta violência! O nome de Coriolano era maldito na casa deles, e o mesmo aconteceria com o nome de qualquer traidor que tivesse sido seu aliado. Jamais o pai concordaria em deixar que ela se casasse com um Potício; nem o pai de Tito iria aprovar uma união daquelas, pois tinha sido um Icílio que engendrara o exílio de Coriolano e, por extensão, a ruína do avô de Tito.

A situação era insolúvel. Aqueles breves momentos roubados eram tudo o que ela poderia ter com Tito, mas a ânsia por aqueles encontros era quase mais do que ela podia suportar, e nos dias entre um encontro e outro ela pensava em pouca coisa mais. Quando Tito começou a erguer a barra de sua túnica e da dela também e a pressionar sua ereção entre as pernas dela,

Icília não ofereceu resistência alguma. Em vez disso, agarrou-o com a força que lhe era possível, rezando para que os deuses parassem o tempo e fizessem aquele momento durar para sempre.

Tito penetrou-a. Mexeu-se dentro dela. A respiração dele estava quente em seu ouvido. Um incêndio foi provocado no cerne dela e irradiou-se para fora, crescendo para uma descarga extasiante. O êxtase atingiu o ápice; o prazer foi tão intenso, tão perfeito, que como podia ela duvidar de que a união deles estava certa? Que o fato de ela amar Tito, era o desejo dos deuses, que se sobrepujam às objeções de pequenos mortais, inclusive o pai dela?

Depois, enquanto recuperava o fôlego, Tito sussurrou-lhe ao ouvido.

Temos que tentar outra vez. Temos que ir falar com nossos pais e implorar que nos deixem casar. Tem que haver um jeito de convencê-los.

Não! Meu pai nunca... - Icília deixou a frase incompleta e abanou a cabeça. A sensação de êxtase desapareceu de repente e foi substituída por desamparo e desespero. — Mesmo que ele aprovasse, de nada adiantaria. As novas leis... um rumor horrível...

O que você está dizendo?

Meu irmão soube pelo tutor dele. As novas leis dos decênviros... eles querem proibir o casamento entre patrícios e plebeus. Se isso acontecer, não haverá esperança!

Tito cerrou as mandíbulas.

Eu também ouvi o rumor. O mundo todo conspira contra nós!

Ele suspirou e beijou-a nos lábios. — Se ao menos...

Icília enrijeceu o corpo.

Tito, eu tenho que ir embora.

Agora? Está com medo de que a Virgínia denuncie você?

Não, mas as nossas mães estão conosco. É provável que neste exato momento elas estejam dando pela minha falta. Se...

Tito silenciou-a apertando a boca na dela e tirando-lhe o fôlego. Mas quando ela pressionou o corpo contra o dele, ele a soltou. Ela fugiu dele como uma quente luz do sol banida por uma nuvem. O último toque dela foi uma ponta de dedo pressionando o talismã que estava no peito dele — e depois ela desapareceu.

Vá embora, homem horrível!

De volta ao mercado, Virgínia viu-se abordada, não pela primeira vez, pelo baixinho bajulador chamado Marcos Cláudio. Ela achava que, sem dúvida, ele não nascera na família dos Cláudio; devia ter sido um escravo que adotou o nome de família de seu senhor quando recebera a manumissão, como era o costume. Marcos Cláudio tinha os modos bajuladores e insinuantes de um escravo, sempre inclinando a cabeça para um lado como se para evitar um golpe, lambendo os lábios e lançando-lhe um malicioso olhar de esguelha.

Mas por que você não vem, queridinha? Ele só quer conversar com você.

Eu nada tenho a dizer a Ápio Cláudio.

Mas há tanta coisa que ele quer lhe dizer.

Eu não quero ouvir!

É só um instante. Ele está ali. — O homem apontou para um prédio no lado oposto do mercado.

Na loja de especiarias?

Ele é o dono. No andar de cima há um pequeno e aconchegante apartamento. Está vendo aquela janela com os postigos entreabertos? Ele está observando você neste exato momento.

Virgínia olhou por cima das tendas do mercado, para o prédio do outro lado. A brilhante luz do sol fez com que apertasse e protegesse os olhos. Não dava para ver grande coisa do escuro interior do quarto, mas ela achou que podia discernir, muito mal, um vulto na janela.

Por favor, vá embora! — disse ela. — Eu vou dizer ao meu pai...

Isso não seria prudente. O *decênviro* não iria querer isso — disse Marcos, salientando o título de Ápio Cláudio. — O *decênviro* é um homem poderoso.

De repente, Virgínia ficou sem fôlego.

— Você está ameaçando meu pai?

Eu, não, mocinha; eu, não! Quem é o humilde Marcos Cláudio para pensar em algum dia fazer mal a um grande guerreiro como Virgínio? Ah, não, seria preciso um homem poderoso para provocar a ruína de seu pai, um homem realmente muito poderoso; um *decênviro*, talvez.

O peito arfando, Virgínia olhou para a janela. Viu, sem dúvida, a figura de um homem barbudo nas sombras.

Olhe, está vendo? — disse Marcos. — Ele tem um presente para você!

A figura chegou mais perto da janela; os contornos ficaram mais nítidos. O homem segurava alguma coisa. Quando estendeu a mão, um pouco de luz do sol brilhou no objeto.

Marcos sussurrou em seu ouvido.

Está vendo? Um belo presente para uma bela jovem: um colar de prata com pendants de lápis-lazúli. Como aquelas jóias azuis vão ficar bonitas em contraste com o seu pescoço branco! — O homem deu uma risadinha. — Eu acho que na outra mão ele tem outro presente para você!

Enquanto mantinha o colar erguido, com a outra mão a figura na janela parecia estar apertando e massageando algo sob a túnica, perto do meio do corpo.

Virgínia abafou um grito e, com um safanão, livrou-se de Marcos. Correu e bateu de frente com Icília.

Onde você estava? — vociferou ela, dirigindo toda a fúria para a outra jovem. — Eu procurei e procurei você, e então aquele homem horrível...

Ah, lá estão elas! — A mãe de Icília, na ponta dos pés, acenou para elas do outro lado da multidão.

Que homem? — sussurrou Icília.

Virgínia olhou atrás dela. Marcos se misturara à multidão. Ela olhou para a janela acima da loja de especiarias. Os postigos estavam fechados.

E logo as mães estavam junto delas, e mesmo que as jovens estivessem com vontade de trocar confidências, não puderam.

POUCOS DIAS DEPOIS, PERGAMINHOS CONTENDO a primeira parte das Doze Tábuas foram pregados no muro de avisos no Fórum.

Uma grande multidão se reuniu, formada tanto de patrícios como de plebeus. Um homem com bons olhos e uma voz clara ofereceu-se para ler os pergaminhos em voz alta, para que os demais pudessem ouvir, inclusive a grande maioria que não sabia ler. Foi freqüentemente interrompido por exclamações e perguntas, e quando acabou, a multidão iniciou uma animada discussão, na qual muitas vozes se ergueram:

Está claro que as novas leis afirmam os tradicionais direitos do páter-famílias. Muito bem! Enquanto houver um sopro de vida em seu corpo, o homem *tem* que ter o controle sobre a esposa e os filhos, bem como sobre as esposas e filhos destes.

Mas e esse direito de o chefe da unidade familiar vender os filhos e netos homens como escravos e mais tarde comprá-los de volta?

Isso já está sendo feito, todos os dias. Um homem tem uma dívida e, por isso, troca o filho homem por um período de servidão. A nova lei apenas codifica a prática comum... e estabelece um limite para o número de vezes que se pode fazer isso, o que é uma boa coisa para os filhos e netos.

E quanto à lei que dá aos escravos livres os plenos direitos de cidadania?

Por que não? Na maioria das vezes, um escravo é o filho bastardo de seu senhor, nascido de uma escrava da família; se o senhor achar por bem libertar o bastardo, este deve se tornar um cidadão, tal como os demais filhos daquele homem.

Talvez, no final das contas, os decênviros não tenham feito um serviço tão mau assim.

Ora, se ao menos eles achassem recomendável abrir mão dos cargos, chamar de volta o Senado e nos deixar eleger novos cônsules!

E não se esqueça dos tribunos dos plebeus, os protetores do povo!

Você quer dizer os capangas do povo.

— Por favor, cidadãos, por favor! Não vamos entrar na velha discussão! O propósito único das Doze Tábuas é fechar as rachaduras dentro da cidade e permitir que sigamos em frente...

Por estar um pouco afastada da multidão, Icília esforçava-se para ouvir o que os homens diziam. Não ficaria bem uma jovem meter-se no meio deles ou gritar uma pergunta, mas ela estava desesperada para saber se a comentada proibição do casamento entre classes estava entre as leis exibidas. Ela e Virgínia estavam a caminho do Templo de Fortuna para consultar um áuspice que escolhesse uma nova data para as núpcias de Virgínia. Virgínio tinha sido convocado de repente para uma missão militar, e o casamento teria de ser adiado por pelo menos um mês. As mães das duas, conversando sem parar, tinham se adiantado um pouco, e quando Icília vira a multidão e percebera sobre o que estavam falando, implorou a Virgínia que ficasse com ela por um instante.

Não adianta — murmurou ela, por fim, abanando a cabeça. — Nenhum deles está falando sobre casamento; é tudo sobre escravidão e poderes dos páter-famílias. Podemos ir agora, Virgínia. Virgínia?

Ela olhou à sua volta. Virgínia não era vista em parte alguma.

As mães tinham dado pela falta delas e estavam voltando, parecendo contrariadas.

Icília! — gritou a mãe dela. — Você tem que nos acompanhar. Nada de perder tempo! Temos muito que fazer hoje. Onde está Virgínia?

Eu não sei.

Ela não estava com você?

Estava, mas só paramos por um instante. Eu me virei para o lado, e quando tornei a olhar...

Icília foi interrompida por um homem que chegou correndo até elas, parecendo alarmado.

A senhora não é a esposa de Virgínio? — perguntou ele.

A mãe de Virgínia confirmou com a cabeça.

Onde está o seu marido? Ele tem que vir rápido!

Ele não está na cidade.

Onde ele está?

Está fora, em serviço militar. O que está acontecendo?

Eu não estou certo, mas é muito estranho. Sua filha, Virgínia...

O que há com ela?

Venha ver!

O homem conduziu-as para o outro lado do Fórum, em direção ao prédio onde os decênviros se reuniam. Uma pequena multidão se reunira diante do prédio. No centro da multidão, flanqueado pelos lictores que costumeiramente guardavam a entrada, estava Marcos Cláudio. No punho, ele segurava uma corda, cuja ponta estava amarrada no pescoço de Virgínia, que estava em pé, tremendo, ao lado dele, olhos baixos e rosto vermelho.

A mãe de Virgínia prendeu a respiração, horrorizada.

O que significa isso? — bradou ela, abrindo caminho à força na multidão. Homens recuaram para deixá-la passar, mas quando ela tentou tirar a corda do pescoço da filha, os lictores brandiram os machados e os porretes.

Ela gritou e recuou.

Quem é você? O que fez com a minha filha?

Meu nome é Marcos Cláudio. — Ele olhou para ela com ar de superioridade. — E esta mulher *não é* sua filha.

Claro que é. Esta é minha filha, Virgínia.

Você está mentindo! Esta mulher nasceu no meu domicílio familiar, uma escrava. Há anos ela desapareceu, roubada durante a noite. Só agora

descobri que ela foi levada para o domicílio familiar de um certo Lúcio Virgínio. Aparentemente, o patife tem feito com que ela passe por sua filha e está até conspirando para arranjar um casamento para ela sob falsos motivos.

A mãe de Virgínia ficou estupefata.

Isso é loucura! Claro que Virgínia é minha filha. Eu a dei à luz. Ela é minha filha! Largue-a agora mesmo!

Marcos Cláudio deu um sorriso malicioso.

Roubar a escrava de outro homem e tramar um casamento fraudulento são crimes graves sob as novas leis promulgadas pelos decênviros. O que você tem a dizer em sua defesa, mulher?

A mãe de Virgínia falou de modo confuso e começou a chorar.

Quando meu marido.

Sim, onde está o patife?

Fora da cidade...

Entendo! Ele deve ter sido avisado de que eu tinha descoberto o artil dele e fugiu.

Isso é ridículo! Isso é um absurdo!

A mãe de Virgínia olhou para a multidão à sua volta implorando. Alguns dos homens olharam para ela com pena, mas outros, com desdém. Alguns olhavam abertamente de soslaio, animados pelo espetáculo de uma jovem que se passava por bem-nascida ser denunciada como escrava e exibida com uma corda no pescoço, enquanto a mulher que alegava ser sua mãe se agitava, enfurecida.

A mãe de Icília adiantou-se para tentar acalmá-la, mas Icília percebeu que seu modo de agir era tenso e era difícil interpretar a expressão de seu rosto. Teria o homem chamado Marcos Cláudio provocado uma dúvida em sua mente? Ele argumentava que Virgínio estava perpetuando deliberadamente uma fraude; se isso fosse verdade, as vítimas daquela fraude eram os Icílio. Que tipo de homem poderia oferecer uma filha em casamento e, em vez disso, entregar uma escrava, e ainda por cima uma escrava roubada?

Icília só podia pensar numa coisa a fazer: procurar o irmão. Ela foi para casa, correndo o máximo que podia.

Marcos Cláudio cruzou os braços.

É evidente, esposa de Virgínio, uma vez que você não vai confessar o roubo da minha escrava e, ao contrário, insiste em alegar que ela é sua filha,

que a identidade dela terá que ser determinada por um tribunal de justiça. A corte normalmente encarregada de tratar esse tipo de disputa está suspensa no momento; os decênviros examinam todos os casos desse tipo. Eu creio que o decênviro encarregado desse tipo de disputa é...

Pois então procure os decênviros imediatamente! — bradou a mãe de Virgínia. — Mas enquanto isso, devolva a minha filha!

Marcos coçou o queixo e franziu os lábios.

Eu acho que não. Se o pretense pai estivesse presente, eu poderia ser persuadido a entregá-la a ele, mas não a uma mulher, que não pode ter nenhuma posição legal!

Eu sou a mãe dela!

É o que você diz, mas onde está o homem para confirmar essa afirmativa? Como Virgínio não está presente, eu só cedo a posse dessa mulher a uma autoridade competente.

Vários homens que estavam na multidão, mesmo aqueles que pareciam simpatizar com a mãe de Virgínia, confirmaram com um gesto da cabeça e grunhiram em sinal de aprovação, convencidos pelo raciocínio legal de Marcos.

Eu só a entregarei a um decênviro. Ah, olhem lá! Ali está exatamente o homem para assumir a responsabilidade. Este é o decênviro encarregado de julgar casos assim.

Ápio Cláudio tinha aparecido, aparentemente por acaso. Vestia a toga vermelha com uma borda de ouro que os decênviros usavam como traje oficial e estava acompanhado de uma guarda pessoal de lictores. Ele tinha um porte muito digno. Os cabelos grisalhos e a barba bem aparada davam-lhe uma aparência distinta. Com uma expressão de inocente curiosidade, ele atravessou a multidão.

Virgínia, que tinha ficado imóvel por muito tempo, paralisada pela vergonha, abraçou a si mesma e começou a tremer violentamente. A mãe da jovem caiu aos pés de Ápio Cláudio.

Decênviro, ajude-nos! — bradou ela.

Claro que vou ajudá-la, minha boa senhora — disse ele tranqüilo, abaixando a mão para tocar-lhe a testa. Ele se dirigiu a Marcos. — Cidadão, o que se passa aqui? — A voz dele era baixa e firme; havia o mais leve tremor, quase imperceptível, para combinar com o fogo de excitação que fervia por trás de seus olhos.

Deixe-me explicar, decênviro — disse Marcos. — Acabo de recuperar essa jovem escrava que fugiu de meu domicílio familiar há anos.

De repente Virgínia agarrou a corda que envolvia seu pescoço e tentou fugir, mas Marcos, reagindo na hora, aumentou a pressão na corda e, quando ela chegou ao limite da folga, Virgínia foi jogada ao chão. Sua mãe soltou um grito de horror.

Ápio Cláudio ergueu uma sobrancelha.

Parece que cheguei bem na hora. É evidente que essa situação exige a sabedoria e a autoridade que só um decênviro pode oferecer.

Naquele momento, Icília voltou, acompanhada pelo irmão, os dois respirando com dificuldade por terem corrido a toda velocidade.

Largue-a! — berrou Lúcio.

E quem é você, rapaz? — perguntou Ápio Cláudio.

Lúcio Icílio. Essa jovem vai ser minha esposa.

Marcos grunhiu e lançou-lhe um olhar sarcástico.

A mulher é minha escrava. Uma escrava não pode ser esposa de homem nenhum. Agora, se eu decidir cruzar a vagabunda...

Lúcio correu em direção a ele, gritando de raiva e agitando os punhos. Os lictores o detiveram.

Parem com esse ultraje já! — gritou Ápio Cláudio. — Vocês estão perturbando a paz.

Este homem está tentando raptar uma jovem nascida livre! — berrou Lúcio. — *Isso, sim*, é um ultraje! Se ao menos ainda tivéssemos tribunos para nos protegerem...

Ah, agora eu sei quem você é — disse Ápio Cláudio. — O filho dos Icílio, uma família famosa por seus ativistas políticos e agitadores da plebe. Pois bem, rapaz, lamente a ausência dos tribunos o quanto quiser; os decênviros são as únicas autoridades do estado, e é por um decênviro que este caso tem de ser resolvido. Como eu, por acaso, sou o decênviro encarregado dessas disputas de propriedade...

Isto não é uma disputa de propriedade! É um seqüestro!

Talvez, rapaz; mas sou eu que vou decidir.

Decênviro, o senhor conhece essa jovem. Ela é Virgínia, filha de Lúcio Virgínio. O senhor mesmo não pediu... — Lúcio se calou. O fato de Ápio Cláudio ter pedido para se casar com Virgínia, fato revelado por Virgínio depois de beber vinho demais, não era assunto que Lúcio fosse discutir em público.

Meu rapaz, se você persistir nesta agitação, incitando a multidão à violência, não terei outra opção que não a de ordenar aos meus lictores que o detenham. Vou dar a eles o poder de usarem toda a força necessária. Se eu der essa ordem, você poderá ser morto na hora.

Icília agarrou o braço de Lúcio.

Irmão, faça o que ele diz. Acalme-se.

Lúcio deu um safanão, livrando-se da mão dela. Sua raiva se transformou em lágrimas.

Decênviro, não está vendo o que este homem pretende? Não percebe o que ele tem a intenção de fazer com Virgínia? A jovem é virgem. Vai ser a minha esposa. Em nome da decência, ela não pode passar uma noite sob o teto de homem nenhum, exceto do pai dela!

Eu entendo a sua preocupação — disse Ápio Cláudio, que aproveitou a oportunidade para olhar abertamente para Virgínia.

Ela continuava onde tinha caído, de quatro, a corda no pescoço, enrubescendo e tremendo, extremamente aterrorizada. Os lábios do decênviro se abriram. Seus olhos semicerraram-se. Todos os homens da multidão olhavam fixo para Virgínia; ninguém percebeu a expressão de luxúria no rosto de Ápio Cláudio. Até mesmo Lúcio, ao ver Virgínia numa posição tão vergonhosa assim, olhou para o outro lado.

Ápio Cláudio endireitou os ombros e ergueu o queixo.

Apesar da audácia, o jovem Icílio está certo: até que seja decidido se ela é ou não sua propriedade, a mulher não pode ser deixada sob a posse de Marcos Cláudio. Até a volta de Virgínio, quando um julgamento bem fundamentado puder ser feito quanto à situação da mulher, eu mesmo ficarei com ela sob custódia. Tenho um aposento particular no prédio de reuniões dos decênviros. A jovem ficará perfeitamente a salvo lá. Cidadão, dê-me a corda.

Marcos, curvando a cabeça e inclinando-a para o lado, entregou a corda a Ápio Cláudio.

O decênviro curvou-se para tocar o rosto de Virgínia, que estava molhado de lágrimas.

Levante-se, menina. Venha comigo.

Ele segurou o braço dela e ajudou-a a ficar de pé. Poucos viram a força com que ele a agarrou, pressionando os dedos na carne até que ela choramingou de dor. Tremendo de medo, Virgínia avançou desajeitada. Ápio Cláudio passou um braço pelo ombro dela e sussurrou algo ao seu

ouvido. Um observador poderia presumir que ele estivesse dizendo palavras de garantia e consolo. Na verdade, sem poder mais se conter, ele estava dizendo as coisas que há muito sonhava dizer-lhe, falando exatamente sobre o que pretendia fazer com ela assim que eles ficassem a sós em seu aposento, Virgínia enrijeceu o corpo e abriu a boca, chocada, mas nenhum som saiu.

Enquanto Ápio Cláudio a conduzia para dentro do prédio, Virgínia agarrou o portal e conseguiu emitir um fraco pedido de socorro. Lúcio, percebendo de repente a trama do decênviro, deu um grito de angústia e correu atrás deles.

Os lictores convergiram contra ele. Eles o derrubaram no chão e agrediram-no com seus porretes. Irritados ao verem um dos seus receber uma agressão em público, um grupo de jovens plebeus que estava a multidão lançou-se contra os lictores e ajudaram Lúcio a se levantar. Gritos cortaram o ar e sangue foi derramado nas pedras do pavimento.

Mais lictores surgiram do prédio. A multidão se dispersou com rapidez.

Abatido e sangrando, Lúcio voltou mancando para casa, ajudado pela mãe e pela irmã. A mãe de Virgínia foi atrás, chorando, sem conseguir se controlar.

Os atos de Ápio Cláudio naquele dia e nos dias que se seguiram seriam objeto de especulações por muito tempo.

Quando a história completa veio à tona, concluiu-se que o decênviro devia ter sofrido uma espécie de loucura. Era evidente que nenhum homem em seu juízo perfeito teria pensado que o ardil armado por Marcos Cláudio iria suportar um exame profundo ou que o povo de Roma simplesmente não ligaria para o destino de Virgínia. E no entanto, o tempo todo, Ápio Cláudio exerceu uma espécie de raciocínio, pois cada passo do plano tinha sido feito com antecedência e executado com cuidado; até a ordem convocando Virgínia para o serviço militar, segundo se revelou, tinha se originado no decênviro. Ápio Cláudio não tinha apenas se aproveitado de uma situação que surgira nem sucumbira a uma súbita tentação que ofuscara o seu bom discernimento; ele orquestrara deliberadamente a situação e a explorara com inabalável crueldade.

Antes que se tivesse passado uma hora desde o rapto de Virgínia, Lúcio enviou um mensageiro ao acampamento militar fora da cidade, onde

Virgínio tinha sido colocado. Virgínio cavalgou a noite toda e voltou para Roma na manhã seguinte.

Os dois homens, o pai de Virgínia e o noivo, foram imediatamente para o Fórum, onde contaram sua história a quem quisesse ouvir. Da noite para o dia, a notícia do incidente se espalhou por toda a cidade, fazendo com que o sofrimento de Virgínia virasse o assunto do dia de Roma. Quando as pessoas souberam que Lúcio e Virgínio estavam falando em público, acorreram para ouvi-los.

Os dois homens estavam com um aspecto de dar pena. Depois de uma noite cavalgando, angustiado e sem dormir, Virgínio estava abatido e rouco. Lúcio apanhara muito dos lictores; sua cabeça estava envolvida por uma bandagem suja de sangue, e o rosto estava muito arranhado, com um olho fechado de tão inchado. O ombro direito tinha sido deslocado e o braço estava numa tipóia.

Cidadãos! — bradou Virgínio. — Muitos de vocês me conhecem. Muitos mais ouviram falar em mim. Já lutei em muitas batalhas por Roma. Lutei contra os equis, sob as ordens de Cincinato! Se algum homem fez jus ao respeito de vocês como soldado, sou eu. Mas qual o motivo de lutarmos quando arriscamos a vida em combate? Nós lutamos para manter nossas esposas e nossos filhos a salvo! No entanto, vejam o que aconteceu. Mesmo enquanto eu estava no campo, preparando-me para o combate, aconteceu exatamente aquilo que eu mais temo, bem aqui no Fórum. Minha filha, uma virgem tão pura quanto qualquer vestal, foi tirada de sua mãe e presa de um dia para o outro contra a vontade. Isso foi feito por algum invasor selvagem? Não! Ela foi levada por um patrício, um homem que muitos de vocês admiram e respeitam, embora não estivessem muito errados se o chamassem de invasor sabino. Atos Clauso era o nome do avô dele, e eu amaldiçoo o dia em que aquele porco sabino foi admitido no Senado!

Algumas pessoas ovacionaram ao ouvir aquilo, mas outras vaiaram. Um homem gritou:

A garota nem é sua filha! Ela é escrava de um outro homem!

É mentira! Não há dúvida, qualquer que seja, sobre a identidade de minha filha. Ela foi raptada, em plena luz do dia, e com apenas um propósito: satisfazer a luxúria do decênviro Ápio Cláudio. Cidadãos, podem imaginar o quanto é doloroso para mim até mesmo falar sobre isso, a vergonha que eu sinto por ter que pedir a ajuda de vocês numa questão dessas? Não haverá pais entre vocês que possam imaginar o que eu temo?

Isso é ridículo! — gritou outro homem. — Eu estava lá. Vi o que aconteceu. Você dá a entender que o decênviro planejou tudo... parece muito exagerado. Um homem como Ápio Cláudio tem muito o que perder para se portar de forma assim tão descuidada. Mas é possível que aquele tipo duvidoso, Marcos Cláudio, estivesse aplicando um golpe...

Ou talvez a história de Marcos seja verdade — disse o homem que tinha interrompido Virgínio primeiro. — Coisas mais estranhas já aconteceram! Rômulo e Remo eram príncipes, mas foram criados por um porqueiro. O que impediria que uma jovem escrava, roubada, fosse criada como filha de um cidadão?

Virgínia é *mesmo* minha filha, sangue do meu sangue!

É possível — disse o homem. — E talvez Marcos Cláudio tenha cometido um erro sem saber. Nesse caso, o decênviro estava absolutamente certo ao se meter e assumir o controle da situação. Em vez de arrancar os cabelos e fazer acusações terríveis contra Ápio Cláudio, você devia estar agradecendo ao homem!

Isso é loucura! — bradou Lúcio. — Não estão vendo o que aconteceu? Um patrício levou uma jovem plebéia contra a vontade dela e contra a vontade do pai e do noivo dela. Quem sabe o que ele fez com ela durante a noite? Eu fico louco só de pensar nisso!

Um grupo de plebeus que estava na multidão, estimulados pelas lágrimas de Lúcio, ficou tão enfurecido que começou a agredir os homens que tinham se manifestado contra Virgínio, acusando-os de serem agentes pagos por Ápio Cláudio. Mas, pagos ou não, havia mais adeptos do decênviro na multidão do que os irritados imaginavam. Quando estourou a violência, os dois lados pareciam ser praticamente do mesmo tamanho. Em dado momento, lictores surgiram do palácio dos decênviros e dispersaram a multidão.

O dia todo, Virgínio e Lúcio continuaram no Fórum, falando para todos que quisessem ouvir. Repetidas vezes multidões se formavam e explodiam em violência. Repetidas vezes as turbas rebeldes eram dispersadas, mas a cada vez voltavam em maior número.

Por fim, quando a tarde ia adiantada, Ápio Cláudio saiu do palácio dos decênviros, protegido por um exército de lictores. Ele parecia extremamente tranquilo; na verdade, parecia muito contente consigo mesmo.

Estou pronto para julgar o caso da identidade da mulher conhecida por Virgínia — anunciou ele. — Ergam um tribunal!

Uma plataforma foi montada e uma cadeira de grande estilo foi colocada sobre ela. Ápio Cláudio subiu para o tribunal e sentou-se, deslumbrante em sua toga vermelha. Lúcio abriu caminho até ficar na frente da multidão. A expressão de presunçoso do decênviro o deixou enojado e fez com que ele fervesse de raiva. Lictores cercaram o tribunal. Um dos homens que haviam batido nele no dia anterior sorriu com malícia para ele. Lúcio tremeu de raiva.

Ápio Cláudio pigarreou.

—Já ouvi os argumentos apresentados por Marcos Cláudio, em particular, no meu aposento. Devo dizer que a defesa dele é muito convincente. Ele mencionou uma certa característica física da jovem escrava que foi roubada dele. Eu pude confirmar, com meus próprios olhos, a presença dessa marca identificadora, examinando pessoalmente a jovem.

Que marca? — bradou Lúcio.

Não há necessidade de revelar essa informação.

Que marca? — perguntou Lúcio.

O decênviro teve um sorriso recatado.

Eu preferiria ser menos explícito, mas uma vez que você insiste em saber, há uma pequena marca de nascença no lado interno da coxa esquerda da jovem. A localização da marca é tal que nenhum homem poderia tê-la visto, exceto um marido ou, como no caso de Marcos Cláudio, um cidadão que tivesse ocasião de examinar intimamente seus escravos.

Lúcio cobriu o rosto e chorou.

Mesmo assim — disse Ápio Cláudio —, resta-me ouvir o que esse indivíduo Virgínio tem a dizer em sua defesa. A acusação de raptar a escrava de outro homem e tentar casá-la como uma jovem nascida livre é muito séria.

Isso é um arremedo de justiça! — gritou Lúcio. — Você a desnudou! Você viu o que havia para ver, e seja lá o que tenha visto, Marcos Cláudio podia alegar ser "o sinal característico" pelo qual ele podia identificá-la!

Cale-se, rapaz, a menos que deseje outra surra. Eu acho que você não sobreviveria a ela. Na verdade, estou certo de que não sobreviveria.

De repente o lictor de sorriso malicioso bateu com seu porrete na cabeça enfaixada de Lúcio. Este soltou um grito e caiu de Joelhos.

Adiante-se, Virgínio!

Parecendo um fantasma de si mesmo, Virgínio caminhou até o tribunal. Ao seu lado estava uma mulher de idade, usando uma túnica simples.

Quem é essa mulher? — perguntou Ápio Cláudio.

A voz de Virgínio estava muito rouca.

Decênviro, esta é uma de minhas escravas, a ama que cuidou de Virgínia quando ela era criancinha. Ela ainda mora em nosso domicílio familiar, mas se movimenta muito pouco hoje em dia. Como o senhor pode ver, ela é muito idosa, mas sua memória está perfeita. Eu a chamei até aqui porque... — Ele hesitou, como um homem que está contando uma história e perdeu o fio da meada. — Eu a trouxe aqui porque penso que... que existe uma possibilidade... que talvez, quando minha filha ainda era muito criança, tenha sido tirada de mim e uma escrava tenha sido deixada em seu lugar. Minha filha recém-nascida também tinha um sinal característico. Se a mulher que foi a babá pudesse examinar Virgínia agora... como o senhor mesmo pôde examinar... — Ele rangeu os dentes. — Se o senhor permitir, decênviro, talvez, no final das contas, eu possa ser convencido de que a jovem que eu pensava ser minha filha não o é.

Ápio Cláudio abanou a cabeça.

—Eu não posso lhe dar a custódia da jovem para essa finalidade. Você poderia raptá-la.

Eu não peço custódia, decênviro. Se a ama e eu simplesmente tivéssemos permissão para ver Virgínia, por pouco tempo, num lugar reservado...

O decênviro alisou a barba e não disse nada.

A multidão foi ficando inquieta. Um cidadão gritou:

Deixe que ele veja a menina!

Outros juntaram-se a ele.

Isso, deixe o Virgínio vê-la!

Por fim, Ápio Cláudio fez um gesto afirmativo com a cabeça.

Muito bem. Você e a ama podem entrar em meus aposentos e examinar a mulher. Dois de meus lictores irão escoltá-los.

Virgínio e a mulher seguiram até a entrada do prédio. Lúcio apressou-se a juntar-se a eles, mas Virgínio abanou a cabeça.

Não, Lúcio. Esta tarefa não cabe a você.

Mas eu tenho que vê-la!

Não! Virgínia é minha filha, não sua esposa. Esse dever cabe a mim, e só a mim.

Virgínio e a ama entraram no prédio. A sala de reuniões estava vazia. Um dos lictores os levou por um comprido corredor até os aposentos de Ápio Cláudio. O licitor deixou que Virgínio e a ama entrassem no quarto sozinhos, mas não permitiu que eles fechassem a porta.

Então olhe para o outro lado! — ordenou Virgínio.

O licitor olhou para ele furioso, mas virou o rosto.

O quarto era pequeno, escuro e bastante longe do Fórum lotado, de modo que nenhum som lá de fora podia ser ouvido. Enquanto Virgínio e Lúcio se dirigiam aos cidadãos com discursos bombásticos o dia todo, era ali que Ápio Cláudio se mantivera trancado, a sós com Virgínia.

Virgínio franziu o nariz.

O licitor grunhiu.

Isso fede como um puteiro, não é?

Virgínia estava sentada num sofá cheio de colchas amarrotadas. Ela se levantou e apertou os seios. Seu rosto estava vermelho de tanto chorar.

Papai! Graças aos deuses, finalmente!

Virgínio virou o rosto para o lado.

Ama, examine-a. Licitor, mantenha os olhos voltados para outro lugar!

A velha ama se adiantou. Ao vê-la, Virgínia pareceu tornar-se uma criança. Ficou passiva e não ofereceu resistência alguma enquanto a mulher erguia sua túnica e se curvava para olhar entre suas pernas.

A voz de Virgínio era um sussurro rouco, que mal dava para ouvir.

O que você está vendo?

Senhor, a menina já não é mais virgem.

A anciã estremeceu e começou a chorar. O licitor riu em silêncio.

Virgínia recuou, afastando-se da ama e puxando a túnica para baixo. Seus lábios tremiam.

Papai? — disse ela. Ela olhou para a porta, não para o pai, e sua voz tremia de medo.

Virgínio deslocou-se rápido em direção a ela. Abruptamente, ela abriu os braços. Ficou na posição de uma mulher que esperava um abraço ou se rendia a um golpe.

Virgínio meteu a mão na túnica e sacou uma adaga. Com o que restava de voz, soltou um grito de angústia. O som que saiu foi horrível — um grasnido rouco, abafado. Foi o último som que Virgínia iria ouvir.

Apenas momentos depois de ter entrado no prédio, Virgínio surgiu, carregando o corpo ensangüentado de sua filha.

O lictor, enrubescido, saiu correndo atrás dele.

Decênviro, isso aconteceu antes que eu pudesse impedir! Eu nunca pensei...

Ápio Cláudio ergueu-se de sua cadeira oficial. Cerrou os punhos, mas seu rosto não registrou expressão alguma.

Como um vento quente em campo de trigo, um murmúrio passou pela multidão, viajando daqueles que viam Virgínio para quem não conseguia vê-lo. O murmúrio foi seguido de respirações arfadas e gritos sufocados enquanto pessoas avançavam correndo para verem por si mesmas. Alguns, vendo o corpo da jovem apenas de relance, achavam que ela estava viva e sendo carregada como se fosse uma criança; gritavam, alegres, que Virgínio havia salvado a filha. Depois, viam o modo de o braço da menina oscilar a cada passo, bambo e sem vida como seus cabelos; viam a mancha vermelha no peito. Gritos de alegria se transformavam em gritos de angústia.

Marcos Cláudio apareceu, abrindo os braços para bloquear o caminho de Virgínio. Por cima do ombro, lançou ao decênviro um olhar de pânico. Ápio Cláudio limitou-se a erguer uma sobrancelha.

O que foi que você fez, seu louco? — gritou Marcos Cláudio. — A jovem... minha propriedade...

Isso é culpa sua — disse Virgínio. — Sua, e do decênviro. Vocês não me deram alternativa. Ela era minha filha. Eu fiz a única coisa que um pai poderia fazer. — Ele se voltou para o tribunal e ergueu o corpo que estava em seus braços. — E que os deuses o julguem, Ápio Cláudio!

O rosto do decênviro podia ter sido feito de pedra. Só os olhos mostraram em lampejo de emoção, que alguns interpretaram como medo, mas outros como escárnio.

A multidão foi assustada por um grito de agonia. Lúcio apareceu, as mãos apertando a cabeça, o rosto contorcido quase a ponto de não ser reconhecido. Caiu de joelhos diante de Virgínio. Segurou a mão de Virgínia, apertando-a em desespero. Pressionou-a contra os lábios e depois largou-a, horrorizado com a carne sem vida. Reuniu punhados dos cabelos dela, soluçou e escondeu o rosto nas tranças.

No tribunal, prevendo o que estava para acontecer, Ápio Cláudio mandou que os lictores se posicionassem à sua volta. Toda a Roma pareceu

dar uma última respirada e então o tumulto começou.

Toda a violência que acontecera antes nada era em comparação com a fúria que assolou o Fórum e espalhou-se para as ruas adiante. A cidade inteira caiu numa espécie de loucura. O ultraje que a turba sentia diante do destino de Virgínia liberou imensos depósitos de raiva e ressentimento que nada tinham a ver com as singulares vilanias perpetradas contra a jovem por Ápio Cláudio. Em meio à comoção, homens agiam sob os mais irresponsáveis impulsos e davam vazão a suas mais sombrias ânsias de vingança e revide. Homens eram perseguidos pelas ruas e agredidos sem misericórdia. Casas eram arrombadas e vandalizadas. Velhas contas foram ajustadas com uma violência sem limites.

Naquele dia, muito sangue foi derramado em Roma — mas não o de Ápio Cláudio. Só a sua morte poderia ter deixado satisfeita a irada turba; só a visão de seu corpo ao lado do de Virgínia poderia ter acalmado o tumulto. A cadeira de honra foi esmagada e o tribunal, derrubado; Ápio Cláudio não estava entre os escombros. Homens forçaram a passagem pelos lictores, arrombaram a entrada para o plenário e percorreram cada cômodo; o decênviro não estava em parte alguma. A fuga inexplicável parecia um golpe rancoroso aplicado na turba, um insulto deliberado à fúria justificada.

Quase esquecido em meio ao caos, Virgíno arriou o corpo da filha para o chão e ajoelhou-se ao lado dela, acompanhado por Lúcio. Pai e amante choraram incontrolavelmente, somando suas lágrimas ao sangue que manchava o seio de Virgínia.

449 a.C.

QUANDO A GRAVIDEZ DE ICÍLIA começou a aparecer, muitas coisas tinham mudado em Roma.

A mudança que a afetara mais intimamente fora a morte do pai. Enquanto caminhava pelo Fórum um dia, Icílio levava as mãos ao peito e caíra. Quando chegou em casa, levado numa liteira, o coração já parara de bater.

Com a morte do pai, o irmão de Icília, Lúcio, se tornara o homem mais velho da família e, assim, o páter-famílias. Era Lúcio que iria decidir o destino de Icília, bem como o da criança que ia nascer.

Grandes mudanças também tinham acontecido na cidade.

O trágico fim de Virgínia abalara Roma em suas fundações. Teria Ápio Cláudio feito qualquer idéia das forças que sua trama louca iria desencadear? Era difícil imaginar como qualquer homem, por mais cego que estivesse pela luxúria ou pela arrogância, pudesse ter seguido um caminho assim tão cruel. Durante gerações, seu nome seria um sinônimo para o que os gregos chamavam de *hubris* — um orgulho tão dominador que os próprios deuses são compelidos a aniquilar o infrator.

Teria Ápio Cláudio previsto a intenção de Virgínio, de matar a filha? Teria ele deixado, de propósito, que aquilo acontecesse, depois de ter decidido, a sangue-frio, que aquela era sua melhor atitude? Depois da insurreição, houve quem apresentasse essa opinião. Alegavam que Ápio Cláudio já fizera o que queria com a jovem e, assim, ela de nada lhe valia. Para ele, ela se tornara um risco; sua morte iria aliviá-lo da responsabilidade de determinar a identidade dela, e que melhor solução do que incitar o pai a cometer o ato?

Ápio Cláudio pensava ter encontrado um meio de conseguir o que queria sem pagar por isso. Se um homem tivesse poder e fosse esperto, e se fosse ousado o bastante para executar uma trama cruel, então mesmo pelo mais terrível dos crimes ele poderia ter a esperança de escapar ao castigo.

Outras pessoas diziam que nem mesmo Ápio Cláudio podia ser tão frio e calculista assim. Por desejar Virgínia de forma tão desesperada, a ponto de executar uma trama tão perigosa, era evidente que apenas uma noite e um dia não tinham esgotado seu apetite por ela. O fato de seu rosto não mostrar reação alguma diante da morte da jovem era porque ele ficara extremamente perplexo pelo que Virgínio fizera.

Sejam quais tenham sido suas intenções, o desejo do decênviros por Virgínia nada tinha a ver com política; no entanto, o pai e o noivo da jovem conseguiram convencer do contrário seus companheiros plebeus. Um patrício impiedoso espoliara uma virgem plebéia, agredira e humilhara seu ultrajado noivo plebeu, e levava o atormentado pai plebeu a um ato de extrema vergonha e desespero.

Todo o descontentamento semeado pela tirania dos decênviros chegou a um desfecho em conseqüência do ultraje cometido contra Virgínia. Pela primeira vez numa geração, os plebeus armaram uma secessão, igual à que lhes dera o direito de eleger tribunos. Plebeus que moravam na cidade se retiraram dela; agricultores plebeus largaram seus arados; soldados plebeus

recusaram-se a lutar. A exigência deles era o fim dos decênviros e, em especial, o julgamento e castigo de Ápio Cláudio.

No fim, depois de muita linguagem bombástica e negociações, todos os dez decênviros renunciaram. Alguns conseguiram escapar do julgamento; outros enfrentaram acusações de prevaricação e foram proibidos de deixar a cidade, inclusive Ápio Cláudio, que se entrincheirou em sua bem vigiada casa e se recusou a sair. Suas ofensas eram as mais odiosas das cometidas pelos decênviros, no entanto, ele parecia ser o menos arrependido.

Virulento e resoluto até o fim, Ápio Cláudio se enforcou para não enfrentar o julgamento do tribunal.

Marcos Cláudio, o cúmplice do decênviro, era covarde demais para seguir o exemplo de seu senhor; foi levado a julgamento e condenado. O próprio Virgínio pediu que o vilão fosse poupado da pena de morte, e Marcos teve permissão para fugir para o exílio. Diziam que no dia em que ele deixou Roma, o espírito de Virgínia, que durante meses andara perambulando de casa em casa nas Sete Colinas, chorando e gemendo durante a noite, aterrorizando crianças e partindo o coração dos pais, finalmente encontrara paz e deixara de assombrar a cidade.

O Senado voltou a se reunir. Novos magistrados foram eleitos. Entre os novos tribunos dos plebeus estavam Virgínio e o jovem Lúcio Icílio.

A amargura sentida em relação aos decênviros como homens e como tiranos era quase universal, mas o trabalho deles como legisladores era amplamente respeitado. As Doze Tábuas foram aceitas por um consenso entre patrícios e plebeus e tornaram-se a lei da terra.

As novas leis foram entalhadas em placas de bronze que foram afixadas no Fórum, onde qualquer cidadão pudesse lê-las ou pedir que fossem lidas em voz alta para ele. A lei romana já não seria mais uma questão de tradição oral — uma acessão de precedentes que se desfaziam, caprichos momentâneos, pressupostos imprecisos e deduções recônditas — conhecida apenas por senadores e juristas experientes; em vez disso, as Doze Tábuas ali estavam, para que todos vissem. Praticamente todo cidadão tinha uma ou outra preocupação com alguma cláusula das novas leis, mas essas objeções eram afastadas pelo irresistível valor das Doze Tábuas como um todo. Houve época em que as palavras de reis eram a mais alta autoridade; depois, a dos cônsules eleitos; agora, a palavra escrita era o que valia, e todos os cidadãos tinham acesso a ela.

No DIA EM QUE AS placas de bronze foram afixadas, Icília vestiu a túnica simples de uma de suas escravas e saiu de casa às escondidas. Esperou no ponto isolado perto do mercado onde seu filho tinha sido concebido. Tito iria encontrá-la ali. Ele ainda não sabia da existência da criança.

Tito chegou atrasado. Enquanto se esgueirava pela densa folhagem do cipreste, conseguiu sorrir. Beijou-a. Quando recuou, o sorriso desaparecera. A seriedade que estava em seu rosto refletia a dela.

- Estou vindo do Fórum — disse ele. — Eles afixaram as Doze Tábuas.

- Você as leu?

- Nem todas. Mas li a parte sobre o casamento. — Ele baixou os olhos. — É exatamente o que temíamos. Não pode haver casamento entre patrícios e plebeus.

Icília engoliu em seco. Ela estivera esperando uma coisa quase impossível — que de algum modo talvez fosse possível um casamento com Tito. Ela se agarrara desesperadamente àquela fantasia enquanto pudera; agora, a fantasia acabara. Ela se sentia amedrontada e extremamente sozinha, apesar dos braços que a envolviam.

- Tito, tem uma coisa que eu preciso lhe dizer.

Ele afastou um fio de cabelo do rosto dela e sentiu lágrimas nas pontas dos dedos.

- O que você precisa me dizer, Icília? Seja o que for, não pode ser tão grave quanto o que eu acabei de lhe dizer.

- Tito, há uma criança crescendo dentro de mim. Seu filho.

Os braços dele se enrijeceram. Depois de um instante, ele a apertou com força; depois, muito abruptamente, recuou, como se tivesse medo de prejudicá-la. Em seu rosto havia uma expressão que ela nunca vira no rosto de ninguém: alegria e desespero ao mesmo tempo.

- E seu irmão?

- Lúcio ainda não sabe. Ninguém sabe... exceto você. Eu escondi de todo mundo. Mas não posso esconder por muito mais tempo.

- Quando? Quanto falta?

- Não tenho certeza. Eu não entendo dessas coisas... e não tenho ninguém para perguntar! — Mais lágrimas escorreram-lhe pelas faces.

- Icília! Icília! O que vamos fazer? Você vai ter que contar ao Lúcio. Vocês dois sempre foram muito chegados. Talvez...

- Não somos mais! Eu agora tenho medo dele. Desde que Virgínia morreu, ele é uma pessoa diferente. Ainda não se recuperou das surras que levou dos lictores; um de seus olhos nunca mais ficará bom. Há tanta raiva nele, tanta amargura! Ele nunca foi de odiar os patrícios; agora, está mais vingativo do que o papai jamais foi. Ele não fala em nada, a não ser em prejudicar aqueles que ele odeia. Nós não podemos esperar ajuda dele, Tito.

Mas ele vai ter que saber, mais cedo ou mais tarde. A decisão será dele.

Decisão? — Ela não estava certa quanto ao que ele queria dizer. Ele se afastou dela, só o bastante para erguer a mão e tirar o colar pela cabeça. Um pouco de luz do sol brilhou no talismã de ouro que ele chamava de Fascinus.

Para o nosso filho — disse ele, colocando-o no pescoço dela.

Mas, Tito, isso pertence à sua família. É sua herança de família!

Sim, transmitido de geração a geração, desde o início dos tempos. A criança dentro de você é minha, Icília. Eu dou este talismã ao meu filho. A lei impede o nosso casamento. Mesmo que a lei o permitisse, seu irmão iria proibi-lo. Mas nenhuma lei, nenhum homem, nem mesmo os deuses, podem impedir que nos amemos. A vida dentro de você é prova disto. Eu lhe dou Fascinus, e você irá dá-lo à criança que você der à luz.

O pendente era frio ao contato com a pele dela — e surpreendentemente pesado. Tito alegara que o amuleto trazia boa sorte, mas Icília se lembrava de suas próprias dúvidas.

Ah, Tito, o que vai ser de nós?

Eu não sei. Só sei que te amo — sussurrou ele. Tito pensou que ela estava se referindo a eles dois, mas Icília estava pensando nela e na vida impotente dentro dela. Naquele momento, ela sentiu o bebê se mexer e dar um pontapé, como se atingido pelo medo da mãe.

TODAS AS PARTEIRAS, QUANDO Lúcio, irritado, as consultou, concordaram: embora existissem meios pelos quais uma gravidez pudesse ser interrompida — a inserção de um fino galho de salgueiro ou a ingestão do veneno chamado cravagem de centeio —, era muitíssimo tarde para fazer isso sem ameaçar gravemente a vida da própria Icília. A menos que ele

não ligasse a mínima para a vida da irmã, ela devia ter permissão para gestar a criança.

A notícia claramente desagradou a Lúcio. A mais velha e mais enrugada das parteiras, que tinha presenciado todas as circunstâncias possíveis relativas ao nascimento de uma criança, chamou-o em particular.

Acalme-se, tribuno. Assim que o bebê nascer, será fácil desfazer-se dele. Se o senhor quiser salvar sua irmã e evitar mexericos, eu lhe aconselho o seguinte...

Icília foi enviada para fora de Roma, para ficar com uma parenta da parteira que morava num acampamento de pescadores fora de Óstia. Não havia necessidade de Lúcio inventar desculpas para a ausência da irmã. Uma mulher jovem e solteira tinha pouca vida pública; poucas pessoas sentiram falta de Icília, e aquelas que realmente sentiram aceitaram a explicação de que ela estava isolada, ainda de luto pelo pai.

O parto de Icília foi longo e difícil. O sofrimento estendeu-se por um dia e uma noite — tempo para o aviso chegar ao seu irmão em Roma e para que ele chegasse ao acampamento de pescadores enquanto o bebê nascia.

Depois disso, quando Icília recuperou os sentidos plenos, a primeira coisa que viu foi Lúcio em pé junto a ela no quarto escurecido. Seu coração pulou com uma súbita esperança. Sem dúvida ele não teria vindo lá de Roma se simplesmente pretendesse mandar o bebê ser afogado no Tibre ou lançado ao mar.

Irmão! Eu sofri tanto...

Ele confirmou com a cabeça.

— Eu vi os lençóis. O sangue.

O bebê...

Um menino. Forte e saudável.

Sua voz era monótona. Era difícil ler qualquer expressão em seu rosto. Ele já não sorria mais, e a pálpebra superior de seu olho doente pendia ligeiramente.

Por favor, irmão, traga-o para mim! — Icília ergueu os braços esticados.

Lúcio abanou a cabeça.

É melhor você nunca mais tornar a ver a criança.

O que você está dizendo?

Tito Potício veio me procurar há poucos dias. He me pediu... não, ele *implorou*... que eu o deixasse adotar a criança. "Ninguém precisa saber de

onde ela veio", disse ele. "Eu vou dizer que ela era órfã das guerras ou o filho de uma prima distante. Pedi a meu pai que me deixasse fazer isso, e ele deu permissão." — Lúcio abanou a cabeça. — Eu disse a Tito Potício: "Ainda assim, a criança será uma bastarda." "Não importa", disse ele. "Se for menino, terá a meu nome e eu irei criá-lo como meu filho." Foi por isso que vim hoje, irmã.

Para que pudesse dar o menino ao Tito? — Icília soluçou, em parte de alívio, em parte de tristeza.

Lúcio grunhiu.

- Pelo contrário! Eu disse ao maldito patrício que de maneira alguma ele teria a posse da criança. Por isso estou aqui. Tive medo de que Potício descobrisse onde você está e tentasse pôr as mãos na criança. Vou garantir que isso não aconteça.

Icília agarrou-lhe o braço.

- Não, irmão... você não deve matá-lo!

Lúcio ergueu uma sobrancelha, fazendo com que a outra caísse ainda mais.

- Era esta a minha intenção. Mas agora que vi o menino, tenho uma idéia ainda melhor. Vou levá-lo comigo de volta para Roma, onde irei criá-lo como escravo, para me servir e servir ao meu domicílio familiar. Imagine só! O bastardo de um patrício servindo como bode expiatório num domicílio familiar plebeu!

Ele sorriu de modo sinistro, satisfeito com a idéia.

- Mas Lúcio, o menino é seu sobrinho.

- Não! O menino é meu escravo.

- E quanto a mim, irmão?

- Eu conheço um mercador grego de Crotona nos confins da Magna Grécia. Ele concordou em ter você como esposa. Você vai partir de Óstia amanhã. E nunca deverá falar sobre a criança. Você jamais deverá voltar a Roma. Sua vida será aquilo que você fizer dela. Você e eu não tornaremos a nos falar.

- Lúcio! Que crueldade...

Os Destinos são cruéis, Icília. Fortuna é cruel. Eles me roubaram Virgínia...

E por isso agora você me rouba o meu filho?

O menino é um bastardo e não merece viver. Isto é um ato de clemência, irmã.

Deixe-me vê-lo!

Não.

Icília viu que ele não cederia.

Faça uma coisa por mim, irmão. Eu só lhe peço uma coisa! Dê isso a ele, um presente meu.

Com as mãos tremendo, ela ergueu o colar, passando-o pela cabeça.

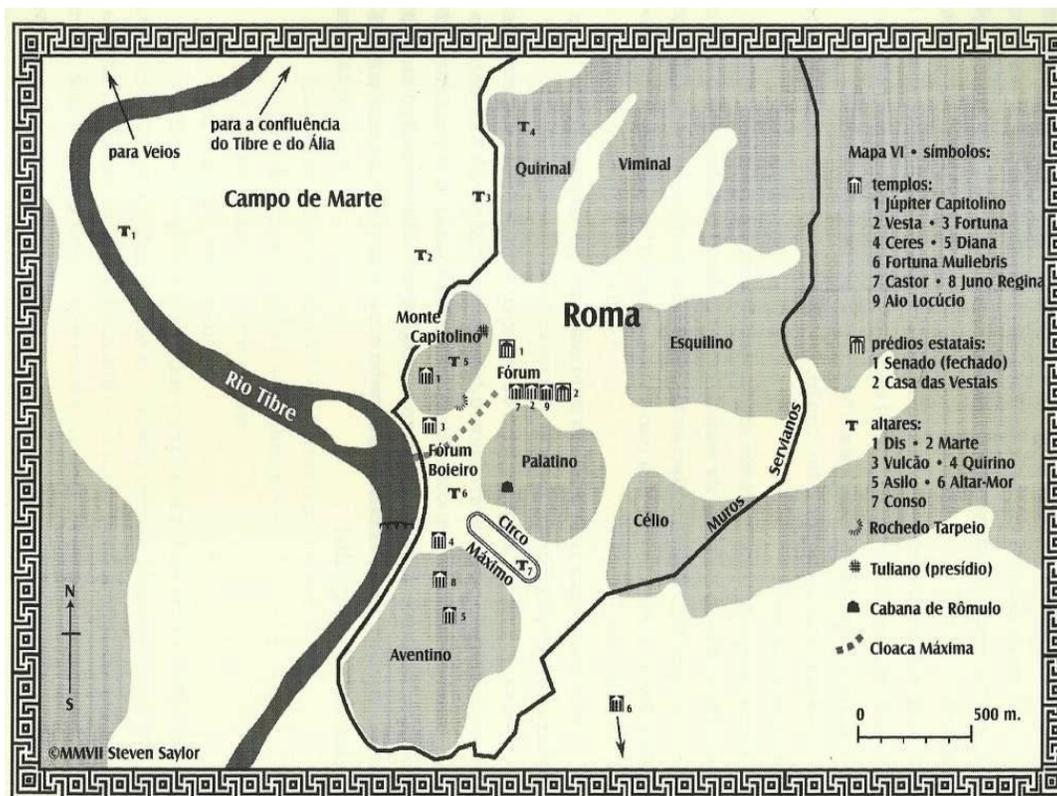
Lúcio arrancou o colar da mão dela e examinou-o, irritado.

O que é isso? Algum tipo de talismã? Não veio de ninguém da nossa família. Foi Tito Potício que deu isso a você, não foi?

Foi.

Lúcio olhou fixo para o objeto por muito tempo, depois fez um lento gesto afirmativo com a cabeça.

Por que não? Parece ser feito de ouro; eu bem poderia ficar com ele para mim e derretê-lo pelo valor, mas vou fazer o que você pediu. Vou deixar o menino escravo ficar com ele, como um espalhafatoso berloque para enfeitar seu pescoço. Vai servir para me lembrar da origem dele. Que o antigo sangue dos Potício continue nas veias de um escravo e que o escravo use este talismã como um sinal de vergonha!



CAPÍTULO VI

A VESTAL

393 A.C.

Na véspera da maior catástrofe que já caíra sobre a cidade, o povo de Roma, que de nada suspeitava, comemorava o maior de seus triunfos. Uma das mais antigas rivais da cidade tinha sido finalmente conquistada.

A cidade de Veios ficava a quase 32 quilômetros de Roma. Um homem que tivesse pernas fortes podia cobrir aquela distância a pé num só dia. A cavalo, era possível ir até lá e voltar em questão de horas. No entanto, durante gerações e gerações, mesmo com Roma conquistando inimigos mais distantes, Veios continuou orgulhosamente independente, às vezes em paz com Roma, outras vezes em guerra com ela. Nas últimas gerações, Veios ficara imensamente rica. Suas alianças com outras cidades da região

começaram a ameaçar o predomínio de Roma sobre a rota e o tráfego de sal no Tibre.

Durante dez verões seguidos, exércitos de Roma sitiaram Veios, mas com a chegada de cada inverno e o cessar da guerra, Veios continuou incólume. Dizia-se que seria necessário um grande general para acabar com Veios. Por fim, esse general apareceu. Seu nome era Marcos Fúrio Camilo.

Ninguém que assistiu à marcha triunfal de Camilo um dia iria esquecê-la. Todos concordavam que se tratava da mais pomposa marcha triunfal de que se tinha memória; o número de prisioneiros, o esplendor do butim exibido (graças à opulência de Veios) e o espírito alegre do acontecimento ultrapassavam todas as marchas triunfais anteriores. Mas, por mais impressionantes que fossem, não foram aqueles detalhes que tornaram o acontecimento inesquecível; foi a visão de Camilo numa quadriga puxada por quatro cavalos brancos.

Em pé na plataforma reservada para dignitários religiosos, a vestal Pinária prendeu a respiração. Para a vestal que estava a seu lado, ela sussurrou:

Fóslia, você já viu uma coisa dessas?

Acho que não. Ninguém viu uma coisa dessas! Quatro cavalos brancos!

Pinária balançou a cabeça, impressionada.

Igual à quadriga de Júpiter no alto do tempo no Capitolino.

Nenhum general fez uma coisa dessas antes — declarou Fóslia.

Aos 17 anos de idade, Pinária era a mais jovem das seis vestais. Fóslia era apenas cinco anos mais velha, mas era muito estudiosa, e uma espécie de sabe-tudo. Era especialmente bem versada na história das observâncias religiosas e, como todo ato público em Roma, uma marcha triunfal era um rito religioso.

Rômulo andava a pé nas suas marchas triunfais. Tarquínio, o Prisco, foi o primeiro a usar uma quadriga. Mas nenhum general teve a ousadia de emular Júpiter e atrelar quatro cavalos brancos à sua quadriga!

Você acha que isso é um ato ímpio? — perguntou Pinária.

Não cabe a mim julgar — disse Fóslia, afetada.

Mesmo assim, é uma visão belíssima.

É, mesmo — Fóslia sorriu. — E o general é muito bonito... mesmo com a cara pintada de vermelho!

As duas jovens olharam uma para a outra e deram uma gargalhada. A Virgem Máxima não aprovava uma conversa naqueles termos, mas todas as vestais faziam aquilo. Pinária achava que quando não estavam discutindo assuntos religiosos, em geral elas estavam falando a respeito de homens, e, na maioria das vezes, sobre Camilo. Na casa dos 50, o general era mais robusto do que muitos homens na casa dos 30, com uma bela juba de cabelos brancos, peito largo e membros poderosos.

Você acha que ele sabe como é notável a maneira como os cavalos brancos destacam os cabelos brancos dele? — perguntou Fóslia.

Certamente, o homem que conquistou Veios não tem tempo para vaidades — disse Pinária.

Bobagem! Quem é mais fútil do que um general, em especial no dia de sua marcha triunfal? Mas, olhe ali, vindo atrás dele: é a estátua de Juno Regina!

De todos os objetos tirados de Veios, aquele era o mais valioso: a estátua maciça da padroeira divina da cidade, a rainha-mãe dos deuses, Juno, em cuja honra fora construído o mais grandioso templo em toda Veios. Durante gerações, Juno Regina tinha protegido os veientes. Na véspera da última batalha, Camilo jurara que se Veios caísse, ele levaria Juno Regina para Roma e construiria para ela um templo ainda mais grandioso. Agora, estava cumprindo a primeira parte do juramento.

Homens que tinham ficado roucos ovacionando Camilo ergueram ainda mais a voz ao verem a estátua. Ela estava sendo transportada numa carroça pesada puxada por veientes capturados, entre os quais estavam ex-sacerdotes de Juno, que tinham tido suas túnicas arrancadas e sido postos em grilhões. A estátua era feita de madeira, mas não se via sinal algum das junções; a superfície tinha sido esculpida e alisada pelos melhores escultores etruscos, e coberta com tinta forte e um dourado precioso. Juno Regina estava sentada num trono, segurando um cetro em uma das mãos e uma cuia para libações na outra, com uma arara a seus pés.

Magnífico! — declarou Fóslia. — Não pode haver nenhuma outra imagem de Juno que se iguale a ela. Até mesmo a estátua feita pelo grande Vulca para o Templo de Júpiter não se compara a essa. Essa é muito maior, três vezes o tamanho de qualquer mortal! A expressão no rosto da deusa é realmente sublime! E aquela arara gigante, com as asas abertas... Você já viu tamanha variedade de cores?

Enquanto elas olhavam, um menino, empurrado pelos amigos, saiu correndo da multidão. Agarrou a tanga de um sacerdote preso, arrancou-a e voltou correndo para a multidão, gritando e agitando a tanga como se fosse um troféu. O sacerdote, um homem de meia-idade que já cambaleava de tanto cansaço, ficou vermelho e chorou de vergonha, incapaz de se cobrir, pois as mãos estavam presas com grilhões à corda passada pelo ombro. Pinária engoliu em seco e Fóslia ergueu uma sobrancelha, mas nenhuma das duas desviou o olhar.

Eu gostaria de saber o que a deusa pensa disso — disse Pinária.

Continue olhando. Ela pode falar a qualquer momento!

Está falando sério?

Por que não? Você conhece a história: quando Camilo mandou soldados para tirar a estátua do templo dela em Veios, um dos homens, só para bancar o engraçadinho, curvou-se e perguntou à deusa se ela queria ser levada para a nova casa. Que choque aqueles sujeitos tiveram quando a estátua fez um gesto afirmativo com a cabeça... e depois falou em voz alta! Eles pensaram que alguém estava lhes pregando uma peça, de modo que tornaram a perguntar a ela e, com a clareza com que estou falando com você agora, ela disse: "Sim, levem-me para Roma imediatamente!" Dizem que ela parecia irritada; Juno Regina não gosta de repetir o que diz. Claro que ela queria vir para cá. Se ela não tivesse perdido o afeto pelos veientes, eles nunca teriam sido conquistados. Camilo ordenou a construção de um novo templo no Aventino, especialmente para abrigar a estátua. A riqueza veiente vai pagar o material. Escravos veientes vão fornecer a mão-de-obra. Aquele sacerdote nu pode parar de enrubescer. Um escravo não precisa de roupa para cavar uma trincheira ou carregar tijolos.

Você acha que os gregos trataram os troianos dessa maneira depois de conquistá-los? — perguntou Pinária. Entre as vestais, ultimamente houvera muitas discussões comparando a queda de Veios com a de Tróia, uma história que os romanos tinham aprendido com os colonos gregos que tinham ido para o sul. Assim como o sítio de Tróia durara dez anos, o mesmo acontecera com o de Veios. Assim como os gregos finalmente tomaram a cidade usando de uma tapeação — usando o famoso cavalo de Tróia criado por Odisseu —, os romanos também acabaram triunfando devido a um stratagema inteligente, cavando túneis sob os muros para que soldados romanos pudessem entrar sorrateiramente à noite e abrir as portas.

Claro que trataram — disse Fóslia. — As mulheres troianas, inclusive a rainha Hécuba e as princesas, foram feitas escravas. O mesmo aconteceu com os homens, pelo menos com os que não morreram. Nenhuma cidade é conquistada, a menos que seu povo tenha ofendido os deuses; porque os conquistadores matarem ou escravizarem os habitantes é do agrado dos deuses. O povo de Roma sempre soube disso. A humilhação dos nossos inimigos é uma das maneiras pelas quais nós agradamos aos deuses e, ao agradarmos aos deuses, continuamos a prosperar.

Como sempre, a lógica religiosa de Fóslia era irrefutável, e Pinária a respeitou com prazer, mas a visão do sacerdote veiente caído em desgraça a deixou perturbada. Ela virou a cabeça e olhou, então, para a quadriga triunfal, que agora se afastava delas em direção ao Capitolino. Camilo, virando-se de um lado para o outro para acenar para a multidão, olhou por acaso por cima do ombro. Seu olhar deteve-se, abruptamente, em Pinária. Ele parou de acenar, inclinou a cabeça num ângulo engraçado e sorriu de modo enigmático.

Fóslia agarrou o braço dela e deu um gritinho de alegria.

Pinária, ele está olhando direto para você! E por que não? Você é tão bonita, mesmo com os cabelos cortados curtos! Ah, se ele olhasse para mim dessa maneira, eu acho que morreria!

O rosto de Pinária ficou quente e ela baixou os olhos. Quando teve coragem de erguê-los novamente, a quadriga fizera uma curva e desaparecera de vista.

Ela ouviu um súbito estouro de gargalhadas e aplausos por parte da multidão. Atrás da estátua de Juno Regina vinha um bando de gansos. Os pássaros brancos andavam de modo afetado, abrindo e sacudindo as asas, esticando o pescoço e grasnando. Eram os gansos sagrados de Juno, capturados dos veientes juntamente com a estátua, objetos de veneração religiosa, mas também de um humor benévolo. As criaturas mimadas pareciam compreender sua posição exaltada; olhavam para a multidão, a cabeça altiva. De repente, um dos gansos correu para a frente, em direção ao sacerdote que tinha sido despido, e mordeu o homem no tornozelo. O sacerdote soltou um uivo de dor.

Sem dúvida ele está se vingando do antigo dono por alguma transgressão — sussurrou Fóslia.

A multidão explodiu em gargalhadas.

NA ÚLTIMA HORA DA LUZ do dia, depois do sacrifício do boi branco num altar diante do Templo de Júpiter e do estrangulamento ritual dos prisioneiros de alta estirpe no Tuliano, quando os festejos e as danças nas ruas começaram a diminuir, as vestais se reuniram no Templo de Vesta.

Enquanto as outras assistiam à marcha triunfal, uma delas, como sempre, tinha ficado para cuidar da lareira sagrada no interior do templo redondo. Agora, as outras cinco virgens juntaram-se a ela para a recitação das orações do anoitecer, lideradas pela mais velha do grupo, Postúmia, a Virgem Máxima. A manutenção da lareira sagrada era a obrigação primordial da ordem. Se alguma vez o fogo se apagasse, não havia dúvida de que logo em seguida viriam a catástrofe e o azar para Roma.

A manutenção dos votos de castidade era uma obrigação de igual importância. Se uma vestal quebrasse aquele voto, poderia esconder o crime de outros mortais, mas nunca da deusa. Vesta ficaria sabendo e, em consequência, o fogo da lareira iria falhar e reduzir-se. Só uma virgem pura podia manter uma chama firme na lareira de Vesta.

As vestais deram-se as mãos e fizeram um círculo em torno da chama. Enquanto as outras balançavam-se suavemente e cantarolavam em harmonia, a Virgem Máxima entoava a oração da noite.

Deusa Vesta, ouvi-nos. Mantivemos sua chama por mais um dia, e agora uma outra noite vem chegando, sua escuridão iluminada, como sempre, pela vossa luz imortal. Vós nos aqueceis. Vós iluminais o nosso caminho. O mesmo fogo inabalável que confortou o bebê Rômulo ao nascer nos conforta em vosso templo.

Postúmia era a mais velha, mas seus curtos cabelos grisalhos ainda tinham fios pretos e sua voz era forte, sem oscilações. Ela cantarolou e oscilou com as outras virgens por um instante, olhando fixo para a chama, depois recomeçou a oração.

Durante trinta anos cada uma de nós jura servir-vos, deusa Vesta. Viemos a vós antes de fazermos 10 anos de idade; durante 10 anos, aprendemos; durante 10 anos, realizamos os ritos públicos; durante 10 anos, ensinamos as recém-chegadas. Então, podemos ir embora... ou ficar.

"Abençoi-me, deusa Vesta! Meus trinta anos passaram há anos, mas eu preferi continuar a vosso serviço. Deixai-me ficar, deusa, enquanto tiver olhos para testemunhar a chama santa e força para cuidar dela, enquanto eu tiver palavras e sabedoria suficientes para ensinar as virgens mais jovens.

"Abençoei todas nós, deusa Vesta, mas em especial abri os vossos braços para a mais jovem de nós, Pinária. Ela está entre nós há sete anos. Agora que Fósia entrou no décimo ano, Pinária é a única noviça. Ela ainda tem muito o que aprender. Dai a ela uma orientação especial, deusa Vesta.

Pinária, que entrara numa espécie de transe enquanto cantarolava e observava a chama, levou um pequenino susto diante da menção do seu nome. Não era sempre que a Virgem Máxima mencionava as vestais pelo nome em suas orações. Por que estava fazendo isso agora, e por que por Pinária? O que ela disse em seguida perturbou Pinária ainda mais.

Nós rezamos, deusa, para que vos lembrais de todas as vestais que vieram antes de nós, recuando até a época do rei Rômulo, que nomeou as primeiras quatro vestais de Roma, e do rei Tarquínio, o Prisco, que aumentou o nosso número para seis e que, em sua sabedoria, impôs um castigo muito mais terrível do que a simples morte para qualquer vestal que quebrasse os seus votos, o castigo que continua em vigor até hoje.

Pinária respirou bem fundo, como fizeram todas as vestais, seus pensamentos tranquilos de repente invadidos por imagens daquela mais terrível de todas as mortes. O cantarolar e o balanço pararam. O pequeno templo ficou em silêncio absoluto, exceto quanto ao estalar do fogo na lareira. O coração de Pinária batia tão forte que ela achou que as outras deviam estar ouvindo. Por que a Virgem Máxima a mencionara em sua oração e logo em seguida falara no terrível castigo para aquelas que se desgarravam?

Dai força a todas nós, deusa Vesta — sussurrou Postúmia. — A vida da vestal nem sempre é fácil, e é mais difícil para algumas do que para outras. Só a presença do fogo de sua lareira em nossos corações pode nos manter puras.

A oração acabou. As vestais soltaram-se as mãos. Do lado de fora da porta do templo, o crepúsculo transformara-se em escuridão.

Cada uma de vocês pode acender um círio no fogo sagrado, para iluminar o seu caminho de volta em segurança para a Casa das Vestais. É a vez de Pinária cuidar da chama nas próximas quatro horas. Uma vez que ela é uma noviça, vou ficar com ela um pouco.

Mas Virgem Máxima, eu já cuidei da chama muitas vezes antes sozinha. Eu sei... — Pinária viu o olhar fulminante de Postúmia e baixou os olhos. — Claro, Virgem Máxima, eu me sinto honrada por ter a senhora comigo.

As outras saíram em fila, levando seus círios. Fósia, a última a sair, voltou-se para olhar para Pinária com uma expressão de culpa antes de fechar a porta ao passar.

Por um longo tempo, Postúmia olhou fixo para a chama e não disse nada. Por fim, respirou fundo.

Você pode achar difícil imaginar, Pinária, mas já houve uma época em que eu tive a sua idade. Eu não era tão bonita quanto você; ah, não, nem de perto! Se é para o bem ou para o mal, com seus cabelos ruivos e seus brilhantes olhos verdes, você é uma jovem excepcionalmente bonita. Mas eu era jovem, e consideravelmente bonita, e muito, muito fútil, como só uma jovem pode ser. Levava o meu voto de castidade muito a sério, mas, apesar disso, não via mal algum em me enfeitar. Usava braceletes feitos de prata e, às vezes, um colar de cornalina que pertencera à minha avó; dizia às pessoas que achava que a pedra vermelha combinava muito bem com a faixa vermelha e branca que usamos na cabeça, mas, na verdade, eu achava que ela destacava o brilho rosado das minhas faces. Eu untava as mãos e o rosto com um óleo perfumado que vinha lá do Egito... ou assim alegava o mercador que vinha uma vez por mês à Casa das Vestais para nos oferecer coisas assim.

A Virgem Máxima permitia isso? — perguntou Pinária.

Postúmia nunca permitia que qualquer das vestais usasse jóias ou qualquer tipo de perfume ou unguento, e embora os homens pudessem entrar na Casa das Vestais durante o dia — nunca depois de escurecer —, eles só podiam fazê-lo se tivessem assuntos oficiais ou de família a tratar com uma das virgens. Um vendedor de óleos perfumados jamais teria permissão para entrar!

A Virgem Máxima, naquela época, era muito tolerante. Ela paparicava as vestais mais jovens. Paparicava especialmente a mim; eu era a favorita dela. Ela me estimulava. "Como esse colar fica bonito em você, Postúmia", dizia ela, ou, "Ora, que pele adorável você tem, tão perfeita e macia!" Eu não posso culpá-la pela minha vaidade, mas não há dúvida de que ela não fez nada para desestimulá-la. Tampouco desestimulava a minha natureza namoradeira. A vaidade leva ao flerte, sabe? Do que vale ser bonita se ninguém percebe? E como é que uma garota sabe que foi notada, a menos que olhe os outros nos olhos? Primeiro, ela aceita os olhares de admiração e, depois disso, aceita os elogios de viva voz, e depois... — Postúmia abanou a cabeça. — Esse tipo de comportamento é perigoso para uma

vestal. Muito perigoso! E tudo começa com os olhos. Um homem nos olha, e nós aceitamos o olhar dele com prazer, e esse prazer, que parece muito inocente, nos leva a desejar outros prazeres.

Pinária franziu o cenho.

Virgem Máxima, eu não entendo por que a senhora está me dizendo isso. Eu não uso jóias; a senhora não permite, e mesmo que permitisse, eu não tenho vontade...

Camilo olhou para você hoje.

Pinária piscou.

Talvez.

Ele olhou para você com prazer.

Pinária deu de ombros.

Olhou? Eu não saberia dizer se...

E isso lhe deu prazer, não deu? O fato de um grande homem, o herói do momento, muito forte e bonito, desejar olhar para você.

O rosto de Pinária esquentou.

Eu não fiz nada de errado, Virgem Máxima.

Você retribuiu o olhar dele.

Talvez, mas só por um instante!

Pinária franziu o cenho. Por um curto e irreverente momento, ela imaginou que a Virgem Máxima estava com ciúme do olhar que Camilo lhe dirigira.

Virgem Máxima, não há dúvida de que Camilo é um homem piedoso. Nenhum romano respeita mais os deuses ou é mais amado por eles. Antes do último cerco de Veios, ele jurou construir um imponente e novo templo para Juno Regina e, em troca, a deusa permitiu que ele capturasse a cidade. Além disso, ele jurou dar a décima parte de todo o butim ao deus Apolo...

Eu não discuto a piedade de Camilo. Mas um homem piedoso é homem, de qualquer modo. Pinária, Pinária! Eu não estou dizendo que Camilo, em si, seja uma ameaça para você... a menos que você lhe dê corda. A ameaça vem de dentro de você.

Mas, Virgem Máxima...

Silêncio! — O busto de Postúmia subiu e desceu num súbito acesso de emoção. Ela ficou olhando para as chamas até ficar mais calma. — Escute, Pinária. Como eu lhe disse, quando eu tinha a sua idade, eu era muito fútil. Eu adorava a mim mesma. Aceitava os olhares dos homens... e retribuía. Ria quando eles diziam coisas engraçadas. Tentava ser espirituosa

em troca, e quando os homens riam, eu sentia uma onda de emoção. Eu não fazia nada de errado, certamente nada que traísse o meu voto a Vesta. Mas o meu comportamento chamava a atenção.

"No ano em que fui promovida de noviça para sacerdotisa completa, ocorreu uma série de maus agouros. Um bode nasceu com duas cabeças. Uma tempestade de granizo no verão despejou uma chuva de pequeninos sapos. Pior de tudo, um agouro atrás do outro indicava azar no campo de batalha. O povo ficou alarmado. Queriam saber a causa. Será que os comandantes militares tinham deixado de fazer sacrifícios adequados aos deuses? Será que o Pontífice Máximo tinha cometido um erro? Teria a mais alta autoridade da religião estatal deixado de cumprir com os seus deveres? Ou será que os sacerdotes que guardam os Livros Sibílicos tinham interpretado erradamente as profecias e desencaminhado o povo? Todas essas possibilidades foram investigadas; no entanto, não se encontrou nenhum erro no desempenho de qualquer dos ritos sagrados, bem como nenhuma impureza foi encontrada naqueles encarregados de executar tais ritos. E então... a investigação voltou-se para mim.

Uma vez mais, Postúmia ficou em silêncio por um longo tempo, olhando para a chama.

Você sabe qual é a penalidade imposta a uma vestal que se descubra que perdeu a virgindade?

Pinária mal conseguiu falar acima de um sussurro.

Claro que sei, Virgem Máxima.

Pois então, me diga.

Pinária engoliu em seco.

Se uma vestal for acusada de romper o voto de castidade, o próprio Pontífice Máximo investiga o caso. Uma junta de sacerdotes dá a decisão. Se a considerarem culpada...

Continue.

Os sacerdotes a despem de seus trajes. O homem com quem quebrou os votos é levado perante ela acorrentado e é espancado até a morte diante de seus olhos. Depois, os sacerdotes voltam sua fúria contra a vestal. Eles a açoitam com chicotes até que ela não possa mais ficar em pé. Vestem-na como a um cadáver, toda de preto, e amarram-na com tiras de couro a uma carreta fúnebre, tão apertado que ela não consegue gritar. Colocam a carreta num carro fúnebre, coberto por um pano preto, e o carro desfila pela cidade

para que todos vejam, tal como se a vestal já estivesse morta e sendo levada para o funeral...

Continue.

Eles a levam ao lugar onde foi cavada uma cripta sob o muro da cidade. Eles a tiram do carro. Depositam-na na cripta. Vedam a entrada e cobrem com um monte de terra. Não há ritos fúnebres em homenagem a ela. Nunca mais se fala nela. — A boca de Pinária estava tão seca que mal dava para ela falar. — Ninguém a mata. Ninguém a vê morrer. O que acontece a ela na tumba só Vesta sabe.

Postúmia, séria, fez um gesto afirmativo com a cabeça.

Qual foi a última vestal a receber um castigo desses?

Pinária franziu o cenho.

Vamos, vamos, Pinária! Fósia responderia isso num segundo.

— Agora eu me lembro. Foi há quase cem anos...

Foi exatamente há 79 anos — disse Postúmia, ríspida —, na época de minha avó.

Isso mesmo, Virgem Máxima.

Em que circunstâncias? Qual era o nome da vestal?

Ela se chamava Urbínia. As mulheres de Roma tinham sucumbido a uma pestilência, em especial mulheres que estavam grávidas; havia um aborto atrás do outro. O Pontífice Máximo desconfiou de impureza. Descobriu-se que Urbínia se entregara não a um só homem, mas a dois, e, no entanto, ela ainda tinha a ousadia de cuidar da chama sagrada. Urbínia foi julgada e considerada culpada. Depois que foi punida, a pestilência acabou e, uma vez mais, as mulheres tiveram bebês saudáveis.

Postúmia confirmou com a cabeça.

Urbínia foi a mais recente vestal a ser considerada culpada de impureza e castigada. Mas não foi a primeira. Você é de uma família muito antiga, não é, Pinária?

Sou, Virgem Máxima.

Uma família mais antiga do que a república, mais antiga do que os reis; uma família que deu a Roma muitos cônsules e magistrados, muitos guerreiros e sacerdotes, e não poucas vestais. Mas mesmo as mais respeitáveis das famílias têm manchas em sua história. Foi o rei Tarquínio, o Prisco, que aprovou o método pelo qual as vestais são punidas. E qual foi o nome da primeira vestal a ser castigada segundo tal prática?

O nome dela... — o coração de Pinária deu uma parada.

Vamos, menina! Você sabe a resposta.

O nome dela era o mesmo que o meu: Pinária. Uma ancestral minha foi a primeira vestal a ser...

Enterrada viva! — sussurrou Postúmia. Ela respirou fundo. — Enterrada viva... foi isso que fizeram com Pinária e com Urbínia. Foi o que quiseram fazer comigo. Mesmo agora, não consigo falar nisso com voz firme.

Mas é evidente que a senhora era inocente.

Claro que era, sua tola! Tivesse eu sido outra coisa que não inocente, não estaria hoje aqui! No fim, graças à deusa, pude convencer o Pontífice Máximo disso. Mas a investigação... o medo que senti... a humilhação... o terror... os pesadelos que ainda tenho depois de todos esses anos! — Postúmia pigarreou. — Quando me tornei Virgem Máxima, prometi a mim mesma que nenhuma vestal sob minha responsabilidade jamais passaria por isso. Não basta manter o voto. Não basta ser inocente! Uma vestal tem que estar acima da tentação, sim, mas também deve estar acima de qualquer suspeita. Está entendendo, Pinária?

Sim, Virgem Máxima, entendo. — Pinária estremeceu e começou a chorar.

Postúmia abraçou-a, apertando-a com força e acariciando-lhe os cabelos cortados curtos.

Pronto, pronto! Eu a amedrontei, menina. Mas eu faço isso para o seu próprio bem. Faço isso para o bem de todas nós.

Embora a porta estivesse fechada, um repentino golpe de ar atravessou o aposento, como se o próprio templo tomasse a respiração. O sagrado fogo da lareira oscilou de um lado para o outro, tremeluziu e, por um instante, pareceu ter morrido de todo.

390 a.C

— É CLARO QUE A proibição do casamento entre plebeus e patrícios nunca deveria ter sido revogada — disse Postúmia.

Fóslia soltou uma gargalhada.

Mas Virgem Máxima, o que isso pode vir a ter com a chamada Questão Veios?

Postúmia, que estava para dar uma mordida numa folha de videira recheada, segura delicadamente com o indicador e o polegar, largou a

guloseima e pigarreou. Estava ligeiramente perturbada pela gargalhada desrespeitosa de Fóslia.

Todas as questões de certo e errado têm influência umas nas outras. Em questões de religião... e não existem assuntos que não tenham relação com religião... todo caso é importante para todos os demais.

Fóslia estava cética.

Uma proibição do casamento entre as classes... isso não ficou em vigor por pouco tempo, por ser muito impopular? E foi há tanto tempo. Gente da minha idade praticamente não sabe que uma proibição dessas existiu algum dia!

A ocasião era um jantar na Casa das Vestais. O clima estava ameno. As sacerdotisas jantavam no jardim a céu aberto, reclinadas em sofás. O sofá da Virgem Máxima ficava no ponto de destaque do grupo. Jantando num sofá em frente à Virgem Máxima estava a mais jovem — ainda Pinária, porque nos três anos que se passaram desde a marcha triunfal de Camilo, nenhuma vestal se retirara ou morrera e, por isso, nenhuma noviça fora recebida.

Criadas deslocavam-se em silêncio entre elas, servindo pratos novos e levando os vazios. "Os olhos e ouvidos do Pontífice Máximo", era como Fóslia chamava as criadas. "Elas nos vigiam como gaviões", observara ela, certa vez, a Pinária. "Elas prestam atenção a cada palavra que dizemos. Se algum dia uma vestal se transviar, o Pontífice Máximo vai ficar sabendo antes até mesmo da deusa, graças a suas vigilantes espiãs!" Fóslia dizia aquelas coisas de brincadeira, mas Pinária não achava graça.

Tampouco a Virgem Máxima achava graça do pouco caso de Fóslia em relação ao seu comentário sobre o casamento.

Deixe que eu lhe lembre, Fóslia, de que um casamento entre dois patrícios exige um rito religioso, enquanto qualquer casamento envolvendo um plebeu é puramente um caso civil. Na época dos decênviros, esse fato foi um dos argumentos mais fortes contra o casamento entre classes. Em qualquer união mista, o parceiro patrício é privado da cerimônia religiosa, uma situação que, sem dúvida alguma, deve ofender os deuses. Um patrício só devia se casar com outro patrício, e fazê-lo segundo os ritos sagrados. Sim, a proibição foi revogada... mas isso não significa que não vai voltar.

Postúmia deu uma mordida na folha de parreira recheada e depois recolocou o que restou num pequeno prato de prata e acenou para uma

criada, mandando que o retirasse. Ela acabara de comer e estava pronta para pontificar em benefício das vestais mais jovens.

As épocas de piedade e impiedade ocorrem em ciclos. Eu cresci numa era permissiva, mas agora vivemos numa era não muito diferente da dos decênviros. Nos últimos anos, devido à pressão de uma guerra constante, a eleição de cônsules foi suspensa, e Roma é governada por seis tribunos militares. Quanto ao conflito entre as classes, quando nada, ele pode ser pior do que na época dos decênviros, porque os patrícios estão sempre recuando e os plebeus estão sempre exigindo mais concessões, mais terra para se assentarem, mais perdão de dívidas, mais direitos de voto. Se os nossos líderes usassem o poder que têm para revigorar a proibição de casamentos entre classes, pelo menos nessa esfera Roma voltaria a estar em harmonia com a vontade dos deuses, e talvez as classes pudessem reassumir os papéis que lhes são de direito no estado. Essa idéia não é minha; é do nosso pai sagrado, o Pontífice Máximo, que me disse, ontem mesmo, que pretende pedir aos tribunos militares o retorno da proibição do casamento entre classes. E nesta casa nós não contradizemos o Pontífice Máximo. Se você for de opinião contrária, Fóslia, pode ficar calada.

É claro, Virgem Máxima. — O tom sardônico de Fóslia parecia indicar que, embora não pudesse expressar suas opiniões, ainda assim iria tê-las. — E é claro que a senhora está certa em dizer que o casamento, pelos menos qualquer casamento envolvendo um patrício, é um assunto religioso. Mas nós estávamos discutindo a Questão Veios e, sem dúvida, ela diz respeito a apenas duas coisas: dinheiro e política.

Postúmia abanou a cabeça.

Ao contrário, Fóslia, será que você não vê que a Questão Veios é, e muito, um assunto religioso? Pinária, você está muito calada esta noite. Você pode ainda ser a mais jovem, mas já não é uma noviça. Fale.

Pinária engoliu uma azeitona recheada com queijo de cabra.

Muito bem, Virgem Máxima. Eu penso, mais do que nunca, que a conquista de Veios por Roma é uma reprodução exata da conquista de Tróia pelos gregos. Primeiro, levou dez anos. Segundo, aconteceu graças a um stratagema inteligente, e não pela força bruta. Terceiro, embora parecesse resolver todos os nossos problemas na época, em vez disso, como os gregos depois de Tróia, descobrimos que a conquista simplesmente provocou mais dissensão na nossa terra.

Postúmia confirmou, pensativa, com um gesto da cabeça.

Continue.

Veios era tão rica que as pessoas achavam que a captura de um butim tão grande aliviaria as tensões entre as classes. Sem dúvida, achavam que haveria o suficiente, e mais do que o suficiente, para todos de Roma. Mas quando chegou a hora da divisão dos espólios, ninguém ficou satisfeito. O templo de Juno Regina e as cerimônias de dedicar o templo custaram mais do que qualquer pessoa esperava. Somada a isso havia a décima parte prometida por Camilo a Apoio e seus sacerdotes. Os plebeus disseram que estavam sendo roubados de um butim pelo qual tinham derramado seu sangue. Em resposta a isso, os patrícios disseram que era um sacrilégio dos plebeus tentar reivindicar um butim que tinha sido prometido aos deuses.

E o resultado?

Amargas acusações de injustiça e ganância partindo dos dois lados.

O que, sem dúvida, não tem nada de novo — disse Fóslia, que nunca podia ficar muito tempo fora de qualquer discussão. — Durante gerações, e com muita razão, os patrícios vêm alegando que todos têm que se unir em prol do bem comum. Nós temos que ficar unidos sob os nossos líderes, todos dispostos a se sacrificar diante de tantas ameaças de tantos inimigos. E no mesmo período, plebeus egoístas, míopes, não têm feito nada mais do que reclamar. Às vezes, eles até se recusam a prestar o serviço militar!

É evidente... — disse Pinária, e depois hesitou.

Certas idéias que ela entreouvia fora da Casa das Vestais nem sempre eram bem recebidas pelas suas colegas vestais, em especial pela Virgem Máxima.

Continue — disse Postúmia.

Sim, continue — disse Fóslia, com um brilho malicioso nos olhos, esperando ver a Virgem Máxima ser provocada.

Pinária falou devagar e com cuidado.

Entendam que essas idéias não são minhas; mas a gente ouve coisas. Por exemplo, há quem alegue que, enquanto o templo homenageia Juno Regina, o dinheiro para construir o templo vai, na verdade, para os bolsos dos empreiteiros escolhidos pelo Estado. A maioria desses empreiteiros é formada por patrícios e já está muito rica. E como esses empreiteiros tendem a usar escravos, homens capturados na guerra e vendidos a eles muito barato pelo Estado, os operários plebeus não lucram nada com um projeto desses.

O lucro deles é a boa vontade da deusa, que fica satisfeita com o templo dela!—declarou a Virgem Máxima.—Reduzir a construção de um templo, um ato sagrado, para brigar por causa de dinheiro é, no mínimo, um sacrilégio, do tipo vomitado pelos piores provocadores da plebe. Francamente, Pinária, você tem que aprender a deixar que esse tipo de conversa entre por um ouvido e saia pelo outro. Pense nisso: o raciocínio simples dita que os deuses têm sempre que receber a primeira e maior parte dos espólios. Caso contrário, poderemos perder o favor deles, e então onde ficaríamos? Veios teria nos conquistado, em vez de acontecer o contrário! Depois dos deuses, os nossos líderes responsáveis e trabalhadores, os homens que garantem a adoração adequada dos deuses, devem receber a parte que lhes cabe por direito. E depois disso, a plebe deve ficar satisfeita com os espólios que possam restar... assim como deveria ficar satisfeita pelos casamentos com gente da sua própria classe! Em vez de alimentar idéias malucas de que estão aptos a governar o Estado, eles deveriam submeter-se àqueles cujas famílias provaram ser mais capazes de guiar o destino de Roma. Estamos em um mundo perigoso, cheio de inimigos. Só a liderança comprovada que seja do agrado dos deuses pode nos proteger de uma catástrofe.

Pinária curvou a cabeça.

A Virgem Máxima se expressa com sabedoria.

As outras vestais, inclusive Fóslia, fizeram um gesto afirmativo com a cabeça e ecoaram suas palavras:

A Virgem Máxima se expressa com sabedoria.

E, no entanto... — a voz de Postúmia tremia de emoção. — E, no entanto, às vezes parece que nossos piores inimigos estão dentro da cidade, não fora dela. A ralé pode não estar em condições de governar, mas eles ainda têm seus tribunos e outros homens poderosos que os cativam, como temos visto muito bem demonstrado nos últimos dias.

As outras vestais puseram a comida de lado. A Virgem Máxima estava se referindo a um assunto que era doloroso para todas elas.

Fóslia quebrou o silêncio constrangedor.

Não há nenhuma esperança para Camilo, Virgem Máxima?

Postúmia suspirou.

A situação continua inalterada. Mesmo enquanto conversamos, Marcos Fúrio Camilo está se preparando para deixar Roma. Em vez de enfrentar um julgamento, ele irá para o exílio. Nós todas sabemos como esta

lamentável situação aconteceu: na fúria quanto aos espólios de Veios, a ralé decidiu dar vazão à sua raiva sobre o homem mais responsável pela distribuição daqueles espólios. Acusaram Camilo de infringir a lei. Alegam que ele, erradamente, enriqueceu seus amigos e membros da família.

Mas não há dúvida de que ele não é culpado — disse uma das vestais. A Virgem Máxima abanou a cabeça.

Infelizmente, homens que estão a par do que acontece nas cortes me dizem o contrário. Segundo a estrita letra da lei, Camilo realmente cometeu impropriedades. Ele não tem como comprovar toda a riqueza que distribuiu. As cortes levam esses assuntos muito a sério e não podem fingir que não vêem. Na verdade, essas leis são redigidas como se fossem moldadas intencionalmente para dar uma arma aos inimigos de qualquer homem que esteja na vida pública. Quanto mais alto um homem sobe, e quanto mais abrangentes suas decisões, mais vulnerável ele se torna a acusações de corrupção. E por isso Camilo, nosso adorado Camilo!, está sendo expulso de Roma. Há apenas três anos, todos os homens, mulheres e crianças gritavam o nome dele nas ruas, elogiando-o como o nosso salvador. E agora, isto! Que Vesta me perdoe por dizer uma coisa dessas, mas se Camilo pegasse em armas contra nós, como fez Coriolano, dificilmente eu poderia negar que a cidade bem mereceu! Mas é claro que ele nunca fará isso. Camilo é um homem grande demais... e um romano leal demais... não importa que seus inimigos o tenham transformado num proscrito. Hoje à noite, quando nos reunirmos no templo, todas teremos de nos lembrar dele em nossas orações. Que Camilo possa ser reconfortado e mantido aquecido pela chama de Vesta, por mais longe da lareira que possa chegar.

Que a chama de Vesta o aqueça! — ecoaram as outras vestais, e algumas começaram a chorar em silêncio; muitas lágrimas tinham sido vertidas na Casa das Vestais por causa dos infortúnios de Camilo nos últimos dias. Nos anos que se seguiram à sua marcha triunfal, todas as vestais, inclusive a Virgem Máxima, tinham passado a olhar para o conquistador de Veios com um certo temor respeitoso. Em tons reverentes, elas falavam de seus triunfos militares e suas grandiosas obras públicas; em sussurros, falavam de suas feições esculpidas e seu porte musculoso, o exemplar da masculinidade romana. As vestais tinham armado um verdadeiro culto em torno de Camilo, e sua queda as deixara arrasadas.

Pinária não chorou. Estava se recordando do dia da marcha triunfal de Camilo e do choque que sentira ao ver os quatro cavalos brancos que

puxavam sua quadriga. Sem dúvida Júpiter, que tudo via lá das nuvens, também tinha visto aqueles cavalos brancos. Teria o deus acreditado que um mortal o estava imitando? A Virgem Máxima via a vontade dos deuses em todas as coisas; por que não iria vê-la na queda de Camilo? Mas Pinária já provocara a Virgem Máxima uma vez, naquela noite; não queria fazer isso de novo, atribuindo qualquer defeito a um homem pelo qual todas as vestais tinham tamanha estima.

Ocorreu a Pinária que, no curso das digressões da noite, o tópico que havia sido levantado de início foi exatamente aquele que tinha sido discutido: a Questão Veios.

Os espólios de Veios tinham sido reivindicados; o povo tinha sido vendido como escravo e a cidade conquistada tinha sido despida de todos os seus ornamentos, tal como abutres tiram a carne de uma carcaça. Mas até mesmo os abutres mais carniceiros deixam ossos, e os ossos de Veios continuavam lá: suas casas, seus muros e poços, seus recintos para reuniões, suas ruas, seus jardins e templos. As casas de Veios ficaram vazias. Veios era uma cidade sem cidadãos.

O que seria feito com Veios?

Uma das facções, liderada por um tribuno dos plebeus chamado Sicínio, alegava que metade da população de Roma devia deixar suas casas e mudar-se para Veios, passando a residir nas casas que estavam vazias. Locatários poderiam tornar-se proprietários; homens mergulhados em dívidas poderiam começar do zero. Fazendeiros a quem tinham sido prometidas pequenas propriedades no distante território volsco conquistado poderiam, em vez disso, receber lotes fora de Veios, desfrutando as amenidades de uma cidade já construída e vivendo perto da família e dos amigos de Roma. Com duas cidades completas para acomodar a população de uma só, grande parte da disparidade entre os que têm e os que não têm de Roma poderia ser eliminada da noite para o dia.

Os adeptos da proposta de Sicínio ficaram muitíssimo entusiasmados, mas a oposição foi violenta. Em Roma, os donos de terras e aqueles que emprestavam dinheiro tinham tudo a perder e nada a ganhar. Aqueles que mandavam na cidade previam uma diluição de sua autoridade; e se Veios se tornasse não um anexo de Roma, mas uma cidade rival, com seus próprios magistrados e cleros? Oponentes acusaram Sicínio de estar tramando para enriquecer por meio do controle da distribuição de propriedades em Veios; talvez ele até pretendesse, tornar-se o rei de Veios. Para a oposição, a

migração proposta era nada menos que uma outra secessão dos plebeus — só que, dessa vez, a secessão seria permanente. Os deuses tinham demonstrado que eram a favor de uma cidade, Roma, e Roma deveria continuar como estava. Veios deveria ser totalmente destruída, seus muros derrubados e seus prédios queimados por inteiro.

Camilo estivera entre aqueles que falaram com muita veemência contra a decisão de ocupar Veios. Num discurso ao Senado, ele dissera uma frase que se tornara a palavra de ordem da oposição:

— Qualquer cidade abandonada pelos deuses jamais deve ser habitada por homens!

Algumas pessoas diziam que seu exílio era o preço que ele pagava por fazer oposição a Sicínio e sua facção. Eles tinham apresentado acusações de corrupção das quais Camilo não conseguira defender-se, mas o verdadeiro motivo tinha sido a posição de Camilo quanto à Questão Veios.

Roma devia ser uma cidade ou duas? Veios devia ser habitada ou destruída? A questão não resolvida sobrepujou todas as outras preocupações que a cidade enfrentava. O debate foi violento e incansável — e com freqüência descambava para a violência explícita no Fórum. Parecia não haver um meio- termo; a migração ou prometia a solução de todos os problemas ou ameaçava o aniquilamento de Roma. Os interesses em jogo eram incrivelmente altos. Não era de admirar que Fóslia tivesse rido diante da estranha digressão da Virgem Máxima sobre o casamento entre classes quando a Questão Veios foi levantada!

E no entanto, como Postúmia argumentara, todas aquelas questões estavam, em determinado nível, relacionadas umas com as outras. A política dividia cada questão em muitas outras diferentes, todas controvertidas e insolúveis: todo homem defendia sua vontade, e aquele que fosse o mais forte em dado momento dominava. A religião unificava todas as questões numa só, para a qual só havia uma resposta: a vontade dos deuses.

Muitas vezes Pinária achava que o mundo fora da Casa das Vestais era um caos de violência e incerteza que girava como um redemoinho. Os inimigos de Roma buscavam a sua destruição, como ela buscava a deles. Os cidadãos de Roma lutavam uns contra os outros sem parar, à procura de riqueza e poder; mesmo dentro das famílias, filhos disputavam entre eles e, às vezes, desobedeciam seus páter-famílias, e esposas rebelavam-se contra os maridos. Mas todas essas brigas eram meras sombras de algo muito

maior e, no entanto, difícil de perceber, como um templo, devido à sua enormidade, deve ser difícil de perceber para uma formiga: a vontade dos deuses. A sabedoria não vinha de dentro nem de outros mortais; a sabedoria vinha de determinar o desejo dos deuses. Mas como isso podia ser feito? Mesmo depois de anos de estudo, muitas vezes o caminho parecia obscuro para Pinária.

Ela ficou contente quando o jantar terminou e a conversa acabou; agora, as vestais seguiriam para o templo da deusa para a ação de graças da noite. Não importa o grau de prazer que o jogo de palavras desse a pessoas inteligentes como Fóslia ou a professoras como a Virgem Máxima: conversa nunca resolveu coisa alguma. A paz só chegava na realização do ritual, e a maior paz vinha naqueles preciosos momentos em que Pinária podia olhar, sem ser interrompida e livre de todos os pensamentos irrelevantes, para o fogo de Vesta, sabendo que ele era a única coisa, no mundo inteiro, que era pura e permanente.

— ELES ESTÃO VINDO! ELES estão vindo! Eu tenho que avisar a todo mundo! Eles estão vindo!

O louco abrira caminho à força entre as criadas na entrada da Casa das Vestais. Correria pelo vestíbulo e entrara no átrio, onde agora se achava em pé no implúvio. Era meio-dia e o sol brilhava diretamente sobre ele. Quando ele batia os pés na água que cobria o tornozelo, como uma criança tendo um acesso de raiva, a luz do sol cintilava e acendia um arco-íris em meio à água salpicada.

Eles estão vindo! — gritou ele, os punhos fechados, os braços pendendo lateralmente e o cenho bem franzido. — Por que ninguém me dá ouvidos?

As vestais e as criadas, acotoveladas formando um bloco, mantinham-se afastadas e olhavam para ele, fascinadas. Fóslia, que acabara de chegar, sussurrou ao ouvido de Pinária.

Quem é essa criatura?

Eu não sei. Mas eu já o vi antes, na rua entre aqui e o Templo de Vesta.

Ele parece um mendigo, a julgar pelos farrapos. E esses horríveis cabelos e barba despenteados! Ele ameaçou alguém?

Não. Ele parece estar tentando nos avisar de alguma coisa. A Virgem Máxima foi procurar o Pontífice Máximo...

Você deve estar brincando! Achei que tinha ido procurar lictores armados para levar o homem acorrentado.

Ela pareceu levar o homem muito a sério.

Houve uma comoção na entrada. Postúmia e o Pontífice Máximo apareceram no vestíbulo e entraram no átrio, seguidos de um séquito de sacerdotes e áugures.

O louco caiu de joelhos, espalhando água.

Pontífice Máximo! Finalmente! O *senhor* vai ouvir a verdade do que eu disser.

O alto-sacerdote usava uma toga que se destacava pelas várias dobras reunidas e enfiadas num laço logo acima da cintura; o capelo, que teria coberto a cabeça em cerimônias, estava empurrado para trás, revelando uma coroa calva com bordas de cabelos brancos. Ele alisou a longa barba branca e olhou com ar superior para o homem que estava no implúvio.

Marcos Cedi cio! Como você caiu no mundo... e não me refiro apenas a ficar de joelhos.

Pontífice Máximo, o senhor conhece esse homem? — perguntou Postúmia.

Conheço. Cedício era um plebeu respeitável, um pisoeiro que lavava e tingia lã; observe as manchas escuras por baixo das unhas das mãos. Mas há algum tempo ele abandonou a loja e virou um vagabundo. Frequenta um determinado ponto na rua acima do Templo de Vesta. Você nunca o viu andando por aí, falando sozinho? Bem, Cedício, que absurdo é esse? Onde é que você está com a cabeça, entrando à força nesta morada sagrada e assustando as santas virgens! O que você tem a dizer?

Oh, Pontífice Máximo, o senhor tem que me ouvir!

Eu *estou* ouvindo, seu tolo. Fale!

Eu ouvi uma voz. Eu estava na rua, sozinho... não havia outro mortal à vista, eu juro... e uma voz falou comigo, tão clara e distinta quanto eu estou falando com o senhor agora. Uma voz vinda do nada!

Cedício esfregou as mãos e mordeu o lábio inferior.

Por Hércules, homem, diga logo! Você acha que eu não tenho nada melhor para fazer? O que foi que essa voz disse?

Ela disse: "Os gauleses estão chegando!" Foi o que ela disse, tão claramente quanto o senhor me ouve agora: "Os gauleses estão chegando!"

O Pontífice Máximo franziu o cenho.

Os gauleses?

Um de seus subordinados aproximou-se dele.

Uma tribo de selvagens que vem lá do norte, Pontífice Máximo, depois de uma grande cadeia de montanhas chamada Alpes. Faz alguns anos, eles descobriram um passo que atravessa os Alpes. Alguns deles entraram na Itália e fundaram uma cidade chamada Mediolano. Dizem os poetas que foi uma ânsia por vinho que atraiu os gauleses para a Itália; na sua terra natal, eles não têm nada parecido. Dizem que a língua deles é uma combinação de grunhidos, muito estranha e que dói no ouvido...

Já ouvi falar nesses gauleses — disse o Pontífice Máximo. — Por que viriam aqui, Marcos Cedício, e por que deveríamos nos preocupar?

Cedício bateu as mãos na água rasa, quase chorando.

Os gauleses estão vindo! Não está entendendo? A chegada deles será terrível, a coisa mais terrível que jamais aconteceu! Perdição! Morte! Destruição! Avise os magistrados! Fuja agora mesmo e leve as vestais com o senhor! Reze aos deuses pela nossa salvação!

Por um longo tempo, um rotundo e pequeno sacerdote que estava no séquito atrás do Pontífice Máximo estivera procurando num pergaminho, rolando os cilindros com as duas mãos e percorrendo o texto com os olhos. O homem teve uma súbita contração muscular, que chamou a atenção de Pinária.

Fóslia também percebeu. Ela agarrou o braço de Pinária e sussurrou ao ouvido dela.

Você percebeu o que aquele sacerdote está segurando? É um dos Livros Sibílicos!

Claro que não — sussurrou Pinária. — Eles não são guardados no Capitolino, numa câmara debaixo do Templo de Júpiter?

É claro; é lá que os sacerdotes estudam os versos gregos, traduzem-nos para o latim e debatem o seu significado. O baixinho gorducho deve ser um dos sacerdotes, e aquele deve ser um dos Livros Sibílicos!

Eu nunca pensei que algum dia iria ver um deles — disse Pinária, sentindo um tremor de receio. Os versos arcanos só eram consultados em épocas de crises terríveis.

O sacerdote teve outra contração muscular e soltou um grito de emoção.

Pontífice Máximo, encontrei uma coisa! Eu sabia que já tinha visto a referência antes; finalmente, eu a localizei. A própria Sibila previu esse momento. Ela escreveu um verso para nos orientar.

O que ele diz? Leia o oráculo em voz alta.

O pequeno sacerdote ergueu os olhos do pergaminho. Por um longo momento, lançou um olhar arregalado para Marcos Cedício, depois piscou e pigarreou, e leu:

Um homem se ajoelha na água sem afundar.

Ele fala aos sábios para fazê-los pensar.

Diante do aviso eles não podem recuar.

O pequeno sacerdote abaixou o pergaminho. Todos os que estavam no aposento olharam para o homem que estava ajoelhado na água rasa e alegava ter ouvido um aviso de uma voz sem corpo que proclamava: "Os gauleses estão vindo!"

NÃO MUITO DEPOIS QUE CEDÍCIO deu seu aviso, chegou a notícia de que um imenso exército de gauleses tinha descido em massa do norte e estava sitiando a cidade de Clúsio, localizada à margem de um tributário do Tibre, 160 quilômetros a montante de Roma.

Os políticos da cidade trocaram idéias. A profecia de Cedício e as palavras da Sibila foram debatidas. Ficou decidido que uma delegação deveria ser enviada a Clúsio para observar os gauleses ao vivo. Se eles fossem tão numerosos quanto diziam os rumores, e tão ameaçadores quanto Cedício acreditava, os enviados deveriam usar de diplomacia — promessas, pactos ou ameaças — para fazer com que os gauleses voltassem de Clúsio ou, no mínimo, dissuadi-los de se deslocarem mais para o sul e assestar suas miras sobre Roma.

Os embaixadores romanos eram três irmãos da distinta família Fábio. Os gauleses os receberam com cortesia, porque tinham ouvido falar em Roma e sabiam que a cidade era uma força que tinha de ser respeitada. Mas quando os Fábio perguntaram que ofensa os clusinos tinham feito aos gauleses a ponto de eles atacarem a cidade deles, e se fazer uma guerra sem justificativa não era uma ofensa dos deuses, o capitão dos gauleses simplesmente riu deles. Breno era um homem de queixo grande, com uma espessa barba ruiva e uma desordenada cabeleira, tão maciço e musculoso que parecia ter sido lavrado de um bloco de granito. Os gauleses estavam muito perto de serem uma raça de gigantes, e Breno era muito mais alto do que os embaixadores romanos.

Muito embora falasse com uma espécie de humor rude, aos romanos parecia que ele os estava menosprezando.

— Como foi que os clusinos nos ofenderam? — perguntou Breno. — Tendo demais, enquanto nós temos muito pouco! Sendo tão poucos, enquanto nós somos tantos! Quanto a ofender os deuses, os seus podem ser diferentes dos nossos, mas a lei da natureza é a mesma em toda parte: os fracos se submetem aos fortes. O mesmo acontece entre os deuses, os animais e os homens. Por tudo que ouvimos sobre vocês, vocês, romanos, não são diferentes. Vocês não fizeram a sua quota de tirar o que pertence aos outros, transformando homens livres em escravos simplesmente porque vocês são mais fortes do que eles e porque isso interessa a vocês? Foi o que pensei! Por isso, não nos peçam para que tenhamos pena dos clusinos. Em vez disso, talvez devêssemos ter pena dos povos que *vocês* conquistaram e oprimiram. Talvez devêssemos tratar de libertá-los e devolver-lhes os seus bens. O que vocês acham, romanos? O que têm a dizer? Ha!

Breno riu na cara deles. Os Fábio sentiram-se muitíssimo ofendidos, mas ficaram de boca fechada.

O assunto poderia ter acabado ali, mas Quinto Fábio, o mais moço e mais destemperado dos irmãos, estava decidido a arrancar um pouco de sangue gaulês. Todas as raças, inclusive os gauleses, reconheciam a posição de protegidos pelos deuses dos enviados; um acordo universal dizia que os embaixadores deviam receber hospitalidade e não deviam ser maltratados; em troca, não deviam pegar em armas contra os anfitriões. Quinto Fábio violou essa lei sagrada. No dia seguinte, vestindo a armadura de um clusino, uniu-se às forças da cidade sitiada e, a cavalo, entrou em combate contra os gauleses. Escolhendo um gaulês de uma estatura muito grande, ele cavalgou em direção ao homem e matou-o com um único golpe da espada. Querendo um troféu, Quinto Fábio saltou do cavalo e se pôs a tirar a armadura do morto e, ao fazê-lo, o elmo clusino caiu-lhe da cabeça, e Breno, que lutava perto dali, viu seu rosto e o reconheceu na hora.

O chefe gaulês sentiu-se ultrajado. Se ele tivesse podido enfrentar Quinto Fábio ali no campo de batalha, a morte de um ou de outro poderia ter encerrado o caso, mas a pressão da batalha afastou os dois homens e ambos terminaram o dia ilesos.

Os Fábio voltaram para Roma. Breno, um homem impulsivo, orgulhoso, matutou a noite toda. De manhã, anunciou que o sítio de Clúsio acabara. Por insultá-lo gravemente — primeiro, ao sugerir que ele tinha ofendido os deuses; depois, violando flagrantemente a lei divina para pegar em armas contra ele —, os romanos tinham que ser punidos. Breno declarou

que toda a força dos gauleses — mais de 40 mil combatentes — iria marchar imediatamente para o sul.

Em Roma, o Pontífice Máximo pediu a punição de Quinto Fábio, dizendo que toda a culpa deveria ser colocada num único homem, a fim de exonerar o resto dos cidadãos e poupá-los da vingança divina. A opinião popular, porém, aplaudiu Quinto Fábio por seu destemido. O povo escarneckia da vingança dos deuses ou dos gauleses; Quinto não provara como era fácil matar um gaulês, por mais gigantesco que ele fosse, e os deuses não o tinham levado em segurança para casa? A época da eleição estava próxima e, em vez de punir Quinto Fábio, o povo o elegeu, junto com os irmãos, tribunos militares. Ao saber disso, Breno ficou ainda mais enraivecido. Seus discursos levaram os gauleses ao delírio. A imensa horda lançou-se pelo vale do Tibre e rapidamente chegou mais perto de Roma.

Um único homem tinha a comprovada capacidade de unificar as forças romanas e levá-las à vitória, mesmo diante de enormes dificuldades, mas aquele homem estava no exílio: Camilo. Todas as noites, as vestais rezavam pela sua volta, mesmo vendo augúrios em toda parte que previam um desastre. Mas Camilo não foi chamado de volta do exílio, e nenhum ditador foi nomeado para tratar da emergência; em vez disso, os Fábio e os três outros tribunos militares decidiram dividir o comando entre eles. Apesar de reunirem um exército à altura dos gauleses em número, a imensa maioria daqueles soldados era de recrutas inexperientes. Muitos nunca tinham segurado uma espada ou atirado uma lança; cheios de bravata como seus líderes, eles eram desregrados, indisciplinados e excessivamente confiantes. Na véspera do combate, ainda em desacordo com o clero que exigira o castigo de Quinto Fábio, os comandantes negligenciaram e não tiraram as profecias nem fizeram sacrifícios aos deuses. Roma iria enfrentar Breno sem Camilo, sem um exército treinado bastante e sem o favor dos deuses.

A batalha teve lugar no solstício do verão. O dia mais longo do ano tornou-se o mais infeliz de toda a história de Roma.

As forças romanas avançavam rio acima ao lado do Tibre, fracamente compactadas e confusas, graças a instruções conflitantes de seus comandantes. Ao se aproximarem da confluência em que o rio Ália corria por um íngreme desfiladeiro para unir-se ao Tibre, cerca de 16 quilômetros a montante da cidade, ouviram um barulho que parecia uma quantidade enorme de animais zurrando. O barulho ficou maior e mais perto, até que os

romanos começaram a perceber que devia ser uma canção marcial cantada pelos gauleses em sua linguagem tosca. Os batedores não tinham dado aviso algum, e parecia impossível que os gauleses pudessem ter chegado até ali tão depressa. Um tremor de medo percorreu as fileiras da vanguarda. No instante seguinte, elas se viram cara a cara com o inimigo.

Os romanos entraram em pânico, romperam as fileiras e correram. Milhares foram empurrados para dentro do rio e se afogaram. Outros milhares fugiram para o estreito desfiladeiro; aqueles que não foram pisoteados pelos próprios companheiros, foram abatidos pelos gauleses. Os que sobreviveram à batalha só o fizeram porque Breno, perplexo diante da facilidade da vitória, desconfiou de uma armadilha. Impediu que seus homens avançassem com a rapidez que poderiam ter, o que permitiu que os romanos que jogaram as armas no chão e se desfizeram das armaduras corressem mais do que os perseguidores, salvando-se enquanto se livravam de todos os vestígios de dignidade. Por estar mais perto, a maioria fugiu para Veios, não para Roma. Só uns poucos conseguiram voltar para a cidade com a notícia do desastre.

O exército romano estava destruído. O que restava dele, estava desarmado e espalhado. Alegres pela boa sorte, mas exaustos de tanto matar, os gauleses descansaram aquela noite. No dia seguinte, tiraram o butim dos mortos derrotados; eram tantos os romanos que tinham sido mortos, que o processo durou o dia todo.

Na manhã seguinte, os gauleses seguiram em direção a Roma. Quando chegaram, ao anoitecer, viram uma cidade com portas abertas e nem uma única sentinela nos muros. Estava tudo silencioso e quieto. A visão era tão sinistra que naquela noite Breno acampou do lado de fora dos muros, mais

uma vez temendo uma armadilha. Esperou até amanhecer para arriscar-se a entrar na cidade indefesa.

SOZINHA NO TEMPLO DE VESTA, Pinária dormia. Nem mesmo a deusa estava presente, porque o fogo sagrado de Vesta fora embora. Só restavam cinzas na lareira.

Na véspera, enquanto as outras se preparavam para fugir, correndo em pânico pela Casa das Vestais, Pinária fora dominada por um desejo de passar mais alguns momentos, por fugazes que fossem, no templo de Vesta. Ela pretendia esgueirar-se rapidamente até o templo e, com a mesma

rapidez, voltar, mas as massas de gente na rua prejudicaram suas intenções. Aos milhares, os cidadãos de Roma a estavam abandonando. Alguns fugiam a pé, não levando nada mais do que as roupas que vestiam. Outros empurravam carroças carregadas bem alto com pertences. Outros mais, atrelavam mulas a carroças e tentavam levar todos os seus bens com eles.

Enquanto Pinária forçava a passagem pela multidão, outras pessoas, ao verem seus trajes sagrados, tentavam abrir caminho para ela, mas em muitos pontos a multidão estava simplesmente espessa demais. Pinária era empurrada de um lado para o outro. O calor do dia de meio-verão estava sufocante e opressor. Pessoas gemiam de tanto sofrer. Uma mulher gritou e disse, aos brados, que o filho tinha caído e estava sendo pisoteado. Pinária se voltou para olhar, mas a multidão a levou para a frente, contra a sua vontade.

Por fim, ela chegou ao templo. Livrou-se da multidão e subiu correndo os degraus vazios. As portas estavam abertas. Não havia ninguém lá dentro. Pinária fechou as portas ao passar e respirou fundo.

Por que tinha ido? Vesta já não estava mais lá; onde quer que o fogo estivesse, aquele era o lugar em que a deusa poderia ser encontrada, e a chama eterna fora transferida para um braseiro portátil, a fim de ser transportada para longe de Roma, para um local seguro. O Pontífice Máximo e a Virgem Máxima tinham supervisionado a séria cerimônia enquanto as vestais olhavam e choravam; enquanto o fogo de Vesta pudesse ser preservado, restaria uma chance, por tênue que fosse, de que a cidade de Roma pudesse resistir.

O santuário circular estava escuro e vazio. A câmara estava surpreendentemente silenciosa; as pesadas portas abafavam o rebuliço da multidão lá fora. Enquanto ficava sozinha no Templo de Vesta, uma sensação de calma baixou sobre Pinária.

— Do que adianta uma profecia? — perguntou ela em voz alta, apesar de não haver ninguém para ouvi-la.

Marcos Cedício tinha avisado os magistrados e os sacerdotes sobre os gauleses, mas o aviso de nada adiantara. Apesar dos esforços deles para evitar a chegada dos gauleses — na verdade, exatamente por causa daqueles esforços! —, os gauleses estavam, agora, marchando contra Roma, sem nada que os detivesse. A profecia de Cedício não se mostrara mais útil do que as profecias da princesa troiana Cassandra, que previu a ruína de sua

cidade e, no entanto, nada pudera fazer para evitá-la. Será que o destino de Tróia iria tornar-se o destino de Roma?

Pinária estremeceu e fechou os olhos. De repente sentiu-se muito cansada. Ajoelhou-se no chão e recostou-se na lareira vazia.

Ela não pretendia pegar no sono. Na verdade, teria pensado que era impossível fazê-lo, considerando-se o estado extenuado da cidade e dela própria. O deus Sono a dominara, acompanhado por seu filho Morfeu, aquele que dá forma aos sonhos.

PINÁRIA ACORDOU. ELA O FEZ de repente, com uma irritante sensação de deslocamento no tempo e no espaço.

Onde estava? Piscando, percebeu que estava no Templo de Vesta. Sentiu uma pontada de pânico. Teria adormecido enquanto cuidava do fogo sagrado? Olhou para a lareira. Estava fria e escura, o fogo, extinto! O coração de Pinária disparou, ela se sentiu tonta, e depois se lembrou: os gauleses estavam vindo. A chama fora retirada, para que pudesse ser levada para um lugar seguro.

Percebeu que muitas horas tinham se passado desde que entrara no templo. O murmúrio da multidão já não penetrava as pesadas portas; do lado de fora, não vinha som algum. Não era noite; uma brilhante luz do sol entrava pela estreita fresta embaixo das portas.

Pinária abriu as portas e protegeu os olhos, deslumbrada pela brilhante luz matutina. A mão de Sono tinha sido muito pesada para ela, a ponto de fazer com que dormisse da luz de um dia para a luz do dia seguinte.

Morfeu também a visitara, porque agora ela se lembrou de um sonho que a assustara enquanto dormia. Fósia estava no sonho, falando sem parar, exibindo sua erudição. Tudo o que ela dizia deixava Pinária irritada e mais angustiada...

Rômulo ia a pé em suas marchas triunfais. Você acha que Breno vai andar de quadriga em Roma, como Camilo? Eu me pergunto se Breno é tão bonito...

Houve mais, embora no sonho Pinária protestasse e tentasse cobrir os ouvidos:

As mulheres troianas foram levadas como escravas. Você acha que nós; vestais, vamos virar escravas? Eu não imagino que os gauleses vão nos deixar continuar virgens por muito tempo...

E embora Pinária uivasse em protesto, Fósia continuou, decidida a exibir sua irrefutável lógica religiosa:

Nenhuma cidade é conquistada, a menos que seu povo tenha ofendido os deuses. Matar ou escravizar os habitantes de uma cidade conquistada agrada aos deuses. Agora, os gauleses conquistaram Roma. O que acha que isso significa, Pinária? O que isso diz a respeito de Roma?

Que pesadelo horrível! Pinária sentiu arrepios, apesar do calor do dia. Enquanto descia os degraus e olhava em torno, o que viu era tão inquietante quanto o sonho, e igualmente estranho.

A rua estava entupida de artigos jogados fora, todas as coisas que as pessoas pensaram que poderiam levar enquanto fugiam, mas tinham abandonado quando o pânico ou o bom senso as dominou: peças de cerâmica, sacos cheios de roupas, caixas cheias de quinquilharias e mementos, brinquedos feitos de madeira ou palha, e até cadeiras e pequenas mesas de três pés. Carroças e carrinhos de mão, esquecidos, tinham sido virados de lado, o conteúdo espalhado junto deles.

Não se via uma só pessoa, nem se ouvia o som de uma só voz. Pinária vivera a vida toda na cidade; estava acostumada à fervilhante energia, às multidões barulhentas e impetuosas. Ver a cidade sem gente era bizarro. Roma estava como uma concha vazia. Parecia um túmulo sem um corpo.

Até os deuses tinham ido embora. Antes de fugir, os romanos haviam tirado todos os objetos sagrados dos templos. O fogo de Vesta, estátuas dos deuses, talismãs sagrados dos reis, os Livros Sibilinos — todos levados para ser guardados em segurança ou enterrados em locais secretos por toda a cidade. Só ficaram Sono e Morfeu; talvez eles ainda pairassem sobre Pinária, porque ela se sentia como se estivesse caminhando pelo estranho e irreal ambiente de um pesadelo.

Ela perambulou pelo Fórum, às vezes assustada pelo eco de suas passadas nos vazios espaços públicos. Dobrando uma esquina, ela prendeu a respiração. Afinal, não estava sozinha. Numa cadeira sem encosto, em frente a entrada de sua residência oficial, estava sentado o Pontífice Máximo. Ele ouviu o arfar dela, levou um susto e voltou a cabeça, tão surpreso ao vê-la quanto ela estava de vê-lo.

Correu para ele, que ficou onde estava, sentado rigidamente ereto e franzindo o cenho.

Pinária! O que está fazendo aqui? Todas as vestais foram embora ontem.

Ela se ajoelhou ao lado da cadeira dele.

Sim, Pontífice Máximo, e eu deveria ter ido com elas. Mas eu quis visitar o Templo de Vesta pela última vez. Pretendia ficar só por um momento, mas de algum modo...

Shhh! Está ouvindo?

Pinária inclinou a cabeça. A princípio, o som era distante e vago, depois ficou mais perto e mais distinto. Era o som de homens falando, pontuado por gritos e gargalhadas.

Os gauleses — sussurrou o Pontífice Máximo. — Finalmente eles chegaram!

Mas, Pontífice Máximo, por que o senhor ainda está aqui? Por que não fugiu?

Porque alguns dentre nós ainda são romanos. Fugir da cidade?

Nunca!

Mas quando os gauleses o encontrarem...

Não sou o único. Ande pela cidade e verá os outros que restam. A maioria, homens velhos, como eu; homens que nunca na vida fugiram de um inimigo e não pretendem fazer isso agora. Tampouco vamos nos encolher de medo dentro de nossas casas. Cada um de nós levou uma cadeira para a frente de sua moradia, para sentar e esperar o que quer que venha, com a nossa dignidade romana intacta.

Mas os gauleses são monstros! Eles são gigantes, com o dobro do tamanho dos homens normais. Eles bebem sangue humano e sacrificam criancinhas, e queimam suas vítimas vivas!

Eles podem destruir o meu corpo, mas não me tirarão a dignidade. Mas escute, Pinária... eles estão mais perto! Você tem que fugir!

Para onde?

Atravesse a rua, depressa! Esconda-se entre os galhos daquele teixo e não faça ruído algum, não importa o que veja. Vá!

Relutante, Pinária o deixou. Escondeu-se pouco antes de uma tropa de gauleses surgir na rua, rindo e agitando as espadas pela emoção de ouvir as lâminas cortarem o ar. Eles eram realmente grandes, apesar de não tão gigantescos quanto Pinária esperara. Também não eram tão feios quanto ela pensara; alguns podiam até ser chamados de bonitos, apesar dos cabelos em tranças estranhas e das barbas por aparar.

Os gauleses viram o Pontífice Máximo e ficaram calados por um instante. Aproximaram-se, olhando curiosos para ele. O Pontífice estava

sentado tão parado, com as mãos nos joelhos e os olhos voltados direto à frente, que os gauleses pensaram que se tratasse de uma estátua pintada. Devagar, eles o rodearam, trocaram grunhidos em sua língua selvagem, riram, e fingiram cutucá-lo com as espadas. Ele não reagiu de forma alguma; nem mesmo piscou. Por fim, um dos gauleses — um gigante ruivo do qual os outros recebiam ordens — inclinou-se e olhou para o Pontífice Máximo, olho no olho, nariz no nariz. Agarrou a longa barba branca, sorriu e deu um puxão violento.

A reação do Pontífice Máximo foi instantânea: ele deu uma bofetada no gaulês. O estalar do golpe ecoou de um lado ao outro da rua. Pinária ofegou.

O gaulês deu um salto para trás e rugiu. Sacou uma longa espada e agitou-a num círculo no ar. O Pontífice Máximo não se mexeu, mas o rosto ficou branco como sal. Com toda a força, o gaulês golpeou o pescoço do Pontífice Máximo. Houve um som repugnante, e a cabeça do sacerdote voou pelo ar, a barba branca seguindo atrás como a cauda de um cometa. Ela caiu na rua, quicou uma vez e depois rolou e parou apenas a alguns passos do lugar em que Pinária estava escondida.

Sem querer, ela abriu a boca para gritar, mas, vinda de trás, a mão deslizou sobre a sua boca e um braço enlaçou-a com tanta força que ela não teve fôlego para gritar.

O corpo decapitado do Pontífice Máximo tornou-se uma fonte de sangue. Os membros sacudiam-se em espasmos e os dedos se contorciam, alucinados. Os gauleses riam e pareciam refrescados pela chuva de sangue que caía sobre eles. A visão foi tão horrível, que Pinária lutou com selvageria contra os braços que a apertavam, com uma vontade desesperada de fugir, mas o homem agüentou firme. Contra suas costas, ela pôde sentir que o coração dele batia com a mesma rapidez que o dela. O corpo de uma vestal era sacrossanto; Pinária não estava acostumada a ser tocada. A sensação de ser agarrada com tanta força era, ao mesmo tempo, aterrorizante e estranhamente confortadora.

Os gauleses derrubaram da cadeira o corpo do Pontífice Máximo, chutaram-no algumas vezes e depois começaram a seguir em frente. O líder latiu uma ordem para um de seus homens, que voltou correndo para apanhar a cabeça separada do corpo. O homem chegou tão perto de Pinária, que poderia facilmente tê-la visto, se tivesse olhado para a folhagem do teixo,

mas manteve os olhos na cabeça enquanto a agarrava pela barba e saiu correndo, agitando-a acima de sua cabeça.

Os gauleses desapareceram de vista.

Lentamente, o homem afrouxou a pressão sobre Pinária. Ela se esgueirou, livrando-se, e girou sobre os calcanhares para ver um jovem que não era mais velho do que ela. Ele vestia uma túnica esfarrapada. Os sapatos eram meros pedaços de couro, tão gastos que mal valia a pena usá-los. Pinária olhou para a mão que tinha coberto sua boca, e depois para a que tinha lhe tocado o seio.

Onde está o seu anel? — perguntou ela.

O rapaz apenas ergueu uma sobrancelha. Tinha brilhantes olhos azuis e era muito bonito, apesar de um corte de cabelo tão irregular que os cabelos louros apontavam para um lado e para outro como tufos de palha.

O seu anel de cidadão? — exigiu Pinária. — Onde está ele?

De acordo com um costume dos gregos, todo cidadão romano usava um anel, em geral uma simples tira de ferro. Às vezes, aqueles anéis eram gravados com letras ou símbolos identificadores; aqueles que tinham motivo para enviar cartas ou documentos, usavam os anéis para imprimir sua insígnia na cera que os lacrava.

Não tenho anel — disse o rapaz. — Mas tenho isto.

Ele indicou um amuleto que pendia de uma tira de couro passada pelo pescoço. Parecia ser feito de chumbo, moldado muito toscamente na forma de um membro masculino com asas.

Pinária ficou pálida.

Você é um escravo, não é?

Sou.

Um escravo teve a ousadia de tocar em mim!

O jovem soltou uma gargalhada.

Preferiria que eu tivesse deixado você gritar? Aqueles gauleses a teriam achado, sem dúvida, e aí também teriam me achado. E como eu sou mais bonito do que você, qual de nós dois eles teriam seviciado? Não sei o que você acha, mas eu não gosto da idéia de me tornar um brinquedo para um daqueles gigantes sanguinários.

Pinária olhou firme para ele, perplexa. Nenhum homem falara com ela daquele jeito tão rude. Poucos escravos tinham falado com ela até então, exceto em resposta a ordens suas. Ninguém a encarara antes e sorrira para ela com tanto atrevimento.

O escravo a olhou de cima a baixo.

Você deve ser uma vestal.

Sou!

O que é que ainda está fazendo aqui? Eu teria pensado que você tinha ido embora ontem.

De repente, Pinária ficou à beira de chorar. Respirou fundo e se acalmou.

Você é muito impertinente.

É isso que você vai dizer a Breno quando ele a colocar de pernas abertas no meio do Fórum, e a fila formada por gauleses para conhecê-la se estender até o Aventino?

Pinária deu-lhe um tapa no rosto e depois começou a chorar, incontrolável. O escravo não fez gesto algum para tocá-la, mas deu um passo para trás e cruzou os braços.

Eu a amedrontei?

Amedrontou.

Ótimo! Porque mais gauleses irão chegar a qualquer momento, e este não é um lugar muito bom para se esconder.

Pinária controlou as lágrimas.

Preciso sair da cidade.

Impossível.

Então, para onde posso ir?

Segure a minha mão.

O quê?

Há mais gauleses chegando. Não está ouvindo?

Pinária prestou atenção. Perto dali, ouviu homens vociferando uma canção marcial na horrível língua dos gauleses. Pareciam estar bêbedos.

A propósito, meu nome é Pennatus. Agora, segure a minha mão e não largue. Nós vamos correr, e bem rápido.

Para onde?

Sei lá! Vamos confiar nos deuses para nos guiarem.

Os deuses foram embora de Roma — disse Pinária, mas mesmo assim segurou a mão dele.

ELES CORRERAM PARA LÁ E para cá, morro acima e morro abaixo, em direção a parte alguma, esforçando-se apenas para evitar os gauleses. À medida que mais e mais gauleses apareciam, invadindo a cidade como ratos

que invadem um navio, fugir deles ficava mais difícil. Às vezes, os dois eram avistados, e os gauleses gritavam e corriam atrás deles, mas sempre eles escapavam. Pennatus parecia conhecer cada beco tortuoso e cada buraco em cada muro da cidade.

Eles viram muitas coisas terríveis. Tal como o Pontífice Máximo, outros homens tinham decidido receber os gauleses sem temor, sentados como estátuas diante de suas casas. Alguns, como o Pontífice Máximo, haviam sido decapitados. Outros foram mortos por estrangulamento e a facadas. Alguns tinham sido enforcados em árvores.

Parecia haver um surpreendente número de romanos na cidade que, como Pinária, haviam pretendido fugir mas não conseguiram antes dos gauleses chegarem. A cidade virou um campo de matança; os gauleses eram os caçadores, os romanos, a caça. Homens eram trucidados e mulheres e crianças eram estupradas enquanto Pinária olhava.

Lojas eram saqueadas. Construções eram incendiadas. Os gauleses olhavam estupidamente para as opulentas casas no Palatino, e mais ainda para a rude Cabana de Rômulo, preservada como monumento rústico em meio às mais bonitas moradias da cidade. Será que aquelas criaturas insensíveis, semi-humanas, podiam compreender o que a cabana sagrada representava? Enquanto Pinária olhava das sombras, um grupo de gauleses bêbados fez um círculo em torno da cabana e urinou nela, gritando e transformando a profanação em competição. Nenhuma outra visão, naquele dia, deixou Pinária mais ofendida ou a fez sentir mais desesperadamente que a história de Roma acabara para sempre.

O dia terrível parecia interminável. Por fim, passando abaixo do Rochedo Tarpeio, Pinária e Pennatus ouviram vozes chamando-os lá de cima.

— Aqui! Aqui em cima! Vocês estarão mais seguros se puderem chegar ao topo do Capitolino!

Olhando para cima, eles viram figuras pequeninas olhando por cima do rochedo. As figuras gesticulavam para eles, e depois apontaram, agitadas.

Gauleses! Muito perto de vocês, logo atrás daquela construção! Corram! Depressa! Se puderem chegar à trilha que serpenteia do outro lado do Capitolino...

Pinária estava amedrontada demais para pensar, cansada demais para se mexer. Foi Pennatus que a arrastou à frente, segurando-a pela mão.

Atravessando o Fórum, foram avistados pela mesma tropa de gauleses que tinha decapitado o Pontífice Máximo; um dos gigantes ainda carregava a cabeça do sacerdote como troféu, levando-a pela barba. Pinária gritou. Os gauleses riram e correram atrás deles.

Os dois chegaram à trilha que os levaria ao topo do Capitolino, a mesma rota pela qual toda procissão triunfal ia ao Templo de Júpiter. Esgotada pelo sofrimento, imobilizada pelo terror, Pinária chegara ao fim de sua resistência, mas, no entanto, com Pennatus a puxá-la para a frente, parecia quase voar pela sinuosa trilha acima. De fato, achava ela, o escravo devia ter asas, como seu nome sugeria, porque, de que outro modo estava sendo transportada quando todos os seus membros tinham falhado e seu ânimo se esgotara por completo?

Com suas encostas íngremes, o Capitolino sempre oferecia uma das posições mais naturalmente defensáveis entre as Sete Colinas. Ao longo das gerações, um acréscimo de monumentos e prédios ligados por muros e defesas o transformara essencialmente em uma fortaleza. Os defensores que estavam lá no alto tinham apenas que encher algumas aberturas e passagens com entulho para garantir o perímetro. Era o que eles estavam fazendo enquanto Pennatus e Pinária chegavam ao topo da trilha sinuosa.

Uma estreita abertura ainda restava em meio a pedras e pedaços de madeira que eram empilhados com rapidez, para bloquear a passagem. Um homem estava na abertura, acenando, agitado.

Os gauleses estão bem atrás de vocês! — gritou ele.

Um outro romano apareceu por cima da barreira, ergueu um arco e disparou uma flecha que por muito pouco não dividiu o couro cabeludo de Pinária. O zunido da flecha foi seguido de um grito, tão perto atrás dela, que Pinária se encolheu. Os perseguidores estavam muito próximos, praticamente fungando em sua nuca.

Pennatus atravessou correndo a abertura, puxando-a atrás de si. Ela tropeçou no entulho e raspou o ombro num pedaço irregular de madeira ao passar para o local seguro.

Mais flechas zuniram pelo ar, mesmo enquanto alguns homens apressavam-se para fechar a brecha. O arqueiro deu um grito de triunfo.

Eles estão batendo em retirada! Acertei um no olho, e outro no ombro. Até os gigantes metem o rabo entre as pernas e fogem, se a gente mostra a eles quem é que manda.

O arqueiro pulou da barricada, fazendo a armadura tilintar. Retirou o elmo para revelar um rosto bem-barbeado, brilhantes olhos verdes, e uma mecha de cabelos pretos. Endireitou os largos ombros e ficou rigidamente ereto.

Caio Fábio Dorso — anunciou numa voz grave, tendo tanto prazer em dizer seu nome, que o efeito foi quase cômico. Olhou para a vestimenta de Pinária. — Será possível que você seja uma das vestais?

Meu nome é Pinária — disse ela, tentando manter a voz firme.

O que é isso?

Dorso olhou com atenção para o ombro dela. O tecido da túnica tinha sido rasgado. A carne pálida estava maculada por um arranhão e brilhantes pingos de sangue vermelhos. Ele desviou os olhos, cômico da santidade do corpo dela.

Como foi que uma coisa dessas aconteceu? O escravo deve ter tratado você com muito desleixo! Se ele precisar ser punido...

Não seja ridículo — disse Pinária. — O ferimento não é nada, e o escravo salvou minha vida.

Ela cobriu com a mão o arranhão que estava exposto e fez uma careta, repentinamente cômica da dor. Olhou para Pennatus. Talvez ele não fosse tão bonito quanto ela pensara; vendo-o ao lado de Caio Fábio Dorso, parecia ligeiramente ridículo, com os cabelos muito malcortados e trajes andrajosos. Mesmo assim, quando sorriu para ela — que ousadia, partindo de um escravo! —, ela não pôde deixar de retribuir o sorriso. O rosto ficou quente e ela baixou os olhos.

SE TIVÉSSEMOS ASAS, PODERÍAMOS voar para longe daqui — disse Pinária. — Se...

Ela estava de pé atrás de uma defesa do lado sudeste do Capitolino, dando para o Fórum e para as colinas que o cercavam. Muitos dias tinham passado desde a chegada dos gauleses. A visão de Roma ocupada por selvagens — aterrorizadora e bizarra no início, quase impossível de compreender - agora tornara-se uma coisa banal. Era raro, agora, os sitiados romanos que estavam no alto do Capitolino ouvirem os gritos de algum infeliz cidadão sendo desencavado de um esconderijo pelos gauleses para ser torturado e estuprado. A maioria dos que estavam escondidos tinha sido descoberta logo nos primeiros dias da ocupação; uns poucos sortudos haviam conseguido ir para o Capitolino. Mesmo assim, os assaltos dos

gauleses à cidade propriamente dita continuavam, um dia atrás do outro. Depois que uma casa era saqueada, era muito freqüente os gauleses a incendiarem, aparentemente por nenhum outro motivo a não ser o de se deliciarem com a destruição da casa ou para enfurecer os romanos que assistiam do Capitolino. Naquele dia, por toda a cidade, grandes colunas de fumaça subiam pelo ar. Bem alto, acima das colinas, a fumaça aglutinava-se num miasma cinzento que obscurecia o sol do solstício do verão e transformava o meio-dia em crepúsculo.

O punhado de defensores no alto do Capitolino — Caio Fábio Dorso insistia para que eles se considerassem assim e não como prisioneiros, porque eram romanos e estavam em solo romano — tinha, por enquanto, o suficiente para comer e beber. Nos primeiros dias da ocupação, suas atividades foram todas para fortalecer as defesas. Levantaram cercas de estacas, cavaram trincheiras, e até mesmo desbastaram alguns pontos das encostas, a fim de as tornarem mais íngremes. Enquanto vigiassem dia e noite, a posição deles era praticamente inexpugnável. No entanto, o desespero estava sempre por perto. A visão de sua adorada cidade sendo demolida casa por casa, a perda de todo contato com aqueles que tinham fugido, o medo de que os deuses os tivessem abandonado — essas angústias rondavam seus pensamentos enquanto estavam acordados e coloriam seus pesadelos.

Se ao menos tivéssemos asas; se ao menos fosse possível voar para longe...

Ao lado dela, Pennatus sorriu. Ele estava sempre sorrindo, apesar da gravidade da situação. Era totalmente diferente de qualquer pessoa que Pinária já conhecera. A maioria dos escravos que ela encontrara era calada e retraída, sem desejar nada, a não ser passar despercebidos. A maioria dos homens livres que ela conhecera era constrangidamente respeitosa em companhia dela, desajeitada ou reservada. Pennatus não era nada disso. Estava sempre brincando e não ligando para a situação deles, e a nobre posição dela parecia nada significar para ele, que parecia ser extremamente sem escrúpulos religiosos ou mesmo fé religiosa. Muitas vezes dizia coisas que eram mais do que um sacrilégio, não tanto por afrontar os deuses, mas por rejeitar a existência deles.

Pinária nunca encontrara alguém assim, ou mesmo imaginara que alguém assim pudesse existir. Parecia não haver nada que Pennatus temesse dizer a ela. Às vezes, até pensava que ele devia estar flertando com ela,

embora tivesse tão pouca experiência naqueles assuntos que não podia dizer ao certo. Se ao menos Fólia estivesse com ela, para que Pinária pudesse ter alguém com quem conversar sobre os sentimentos incomuns provocados nela por aquele escravo esquisito!

Seja lá como for — disse Pennatus —, apesar do meu nome, eu não tenho, e nunca tive, asas. Já lhe contei como foi que recebi meu nome?

Pinária abanou a cabeça.

Ele me foi dado pelo meu senhor, quando eu era um garotinho. Ele também era dono de minha mãe.

E o seu pai?

Pennatus deu de ombros.

Eu nunca o conheci. Pelo que sei, o velho senhor foi o meu pai.

Pinária enrubesceu. Pennatus estalou a língua.

Diga a verdade: eles não ensinam a vocês, vestais, nada a respeito da realidade da procriação? Ora, é claro que não. Qual o sentido prático de saber disso poderia haver para uma virgem vestal?

Ela enrubesceu ainda mais.

Ora, Pennatus! Vou rezar para Vesta, pedindo que você possa ficar mais respeitoso em relação às servas dela.

Por que se incomodar? Sou apenas um escravo. Desconfio que a sua deusa não tem mais interesse por mim do que eu tenho por ela.

Pinária suspirou, exasperada.

Você estava me dizendo como foi que recebeu o seu nome.

Foi por causa desse pingente pendente que eu uso. Como vê, ele tem asas. Minha mãe o usava. Ele a protegeu no parto, mas depois ela quis que eu ficasse com ele. Ela o colocou num cordão em volta do meu pescoço pouco depois de eu ter nascido. A vista do velho senhor era fraca, e tudo o que ele podia dizer sobre o talismã era que tinha asas, e por isso me deu o nome de Pennatus: "alado". Eu era muito pequeno quando minha mãe morreu. Este presente me ajuda a me lembrar dela.

Pinária olhou para o objeto preto, que se aninhava no centro do peito dele. A túnica dele era rústica, e a larga abertura que dava passagem à cabeça expunha uma boa parte do peito, de modo que o talismã estava sempre visível. Não pela primeira vez, Pinária observou que a musculatura do peito dele era muito pronunciada, e a pele firme, queimada do sol, era coberta de macios pêlos dourados.

O amuleto é feito do quê?

Ele deu um sorriso estranho, como se estivesse rindo de alguma piada secreta.

Com o que ele parece?

Ela deu de ombros.

Chumbo?

Ele cantarolou e confirmou com a cabeça.

E que senhor se daria o trabalho de tirar um pingente de chumbo sem valor de um escravo? Mas se ele fosse feito de algum metal precioso... prata, ou mesmo ouro... muitos senhores iriam pegar o talismã para eles, para usá-lo ou vendê-lo. Até mesmo um velho senhor de escravos bondoso, indulgente e ligeiramente senil, poderia fazer isso.

Acho que sim — disse Pinária, que raramente pensava na vida dos escravos e nos problemas e humilhações por eles enfrentados. O mundo era o que os deuses tinham feito, e não se questionava tais disposições. Mas se a pessoa fosse como Pennatus, que parecia não acreditar nos deuses, como deviam parecer muito diferentes o mundo e as pessoas que nele viviam...

Pennatus tivera sorte. Seu senhor o tratara bem e, em troca, Pennatus tinha sido muito leal ao velho, que precisava de cuidados constantes. Quando os gauleses chegaram, o senhor estava fraco demais para ser deslocado. Pennatus ficou com ele e, ao fazê-lo, perdera a chance de fugir da cidade. O choque dos acontecimentos foi forte demais para o velho. Seu coração parou de bater na exata manhã em que os gauleses chegaram, deixando Pennatus para se virar sozinho. Foi assim que ele se viu perambulando pela cidade quando encontrou Pinária.

Pinária suspirou e olhou para as colunas de fumaça que subiam por toda a cidade. Um barulho vindo lá de baixo chamou sua atenção. Lá no Fórum, um grupo de gauleses bêbados estava atacando, com aduelas de madeira, a estátua de mármore de Hércules. As aduelas estavam sempre quebrando contra a pedra, mas os gauleses, os rostos vermelhos, dando risadas de quem estava alucinado, teimavam em continuar o assalto. Por fim, um dedo foi arrancado da estátua e saiu tilintando pelas pedras do pavimento. Os gauleses saracotearam e uivavam, triunfantes.

Pennatus riu.

Que idiotas!

Que monstros! — Pinária não estava achando engraçado. O lamentável espetáculo fazia com que ela se sentisse desanimada e muito triste. Ergueu os olhos para o imenso nimbus de fumaça que velava o escuro

céu vermelho. — Se você realmente tivesse asas, Pennatus, não voaria imediatamente para longe daqui? Para longe, bem longe?

Ele ergueu uma sobrancelha.

É possível. Ou eu poderia ficar com as asas dobradas, neste mesmo lugar... aqui com você.

Que coisa boba de se dizer! — murmurou Pinária, mas de repente sentiu-se menos triste.

Eles se entreolharam por um longo tempo, e depois se voltaram ao som de passos que se aproximavam. Caio Fábio Dorso ia em direção a eles.

Como sempre, exibia o porte ereto de um militar, mas não estava de armadura. Vestia uma toga com um cinto cerimonial de tecido dourado e púrpura e uma faixa na cabeça do mesmo tecido, como se estivesse para tomar parte de algum rito religioso. Nas mãos, um tanto desajeitado, portava vários copos feitos de cobre batido.

Você está pronto, Pennatus? Posso levar os copos de vinho e óleo, mas vou precisar que você leve as tigelas de sal e painço moído.

Pennatus confirmou com a cabeça. Adiantou-se para livrar Dorso das tigelas.

O que está havendo? - perguntou Pinária.

Dorso empertigou-se diante dela e levantou o queixo.

Hoje é o dia do sacrifício anual dos Fábio no Quirinal. Como sou o único Fábio que restou em Roma, vou cuidar do ritual.

Mas onde você vai oferecer esse sacrifício?

No velho altar no Quirinal, é claro.

Mas, como? Deve haver mil gauleses pelo caminho.

Sim, e outros mil espalhados pelo Quirinal como ratos. Mesmo assim, cabe a mim realizar o ritual, e é o que vou fazer.

Mas, Dorso, isso não é possível!

O ritual tem sido realizado neste dia todos os anos, sem falhar, há muitas gerações. Muito tempo atrás, durante a primeira guerra contra Veios, um exército formado totalmente por Fábio, 307 ao todo, foi lutar por Roma. Houve uma emboscada terrível, da qual só um Fábio voltou. Para evitar a repetição de um desastre desses, todo ano fazemos uma oferenda ao pai Rômulo em seu papel divino de deus Quirino. Hoje é o dia.

Mas, Dorso, sair do Capitolino seria uma loucura!

—Talvez. Mas negligenciar o sacrifício seria, sem dúvida, uma loucura maior. Querida vestal, acho que precisamente você iria

compreender isso. Vou atravessar a cidade a pé, indo direto para o altar. Vou realizar o ritual; vou voltar direto para cá, a pé. Se os gauleses me interpelarem, direi a eles que estão atrapalhando uma procissão sagrada. Esses gauleses são um povo esquisito. Parecem não ter religião alguma e pouco conhecimento dos deuses, mas são muito supersticiosos e podem ser facilmente intimidados.

Mas você nem mesmo fala a língua deles!

Eles vão ver que estou carregando vasos sagrados. Pela minha expressão facial, vão ver que meu propósito é sagrado. O deus Quirino vai me proteger.

Pinária abanou a cabeça. Olhou para Pennatus e engoliu em seco, com dificuldade.

Você tem que levar Pennatus?

Um escravo costuma acompanhar o Fábio que realiza o ritual, para ajudar a levar os vasos.

Mas Pennatus não é seu escravo.

Não, não é, e não o estou obrigando a me acompanhar. Pedi que viesse, e ele concordou.

Isso é verdade, Pennatus?

O escravo deu de ombros e abriu um sorriso irônico.

Na hora, pareceu razoável. Eu estou ficando entediado, preso aqui um dia atrás do outro. Acho que pode ser uma grande aventura.

Pinária abanou a cabeça.

Não, isso não está certo. Pennatus... Pennatus é um herege! Não pode tomar parte num ritual desses. Ele não tem mais respeito pelos deuses do que os gauleses.

Melhor ainda! — declarou Dorso. — Se eu não conseguir amedrontá-los, talvez os gauleses vejam em Pennatus um espírito irmão e nos deixem em paz por causa dele.

Ele sorriu para Pennatus, que lhe devolveu o sorriso.

A inverossímil amizade que surgira entre os dois jovens era um grande enigma para Pinária. Era praticamente impossível dois mortais serem mais diferentes. Caio Fábio Dorso era um guerreiro patrício piedoso e probo; era estranhamente cativante, apesar de ser mais do que um pouco vaidoso e convencido. Pennatus era um escravo ímpio que parecia não respeitar nada nem ninguém. No entanto, postos juntos no alto do Capitolino, numa situação em que as restrições normais da sociedade foram

eliminadas, os dois tinham descoberto um prazer na companhia um do outro que ficava mais profundo a cada dia. Agora, para espanto e desânimo de Pinária, eles estavam para se meter numa aventura louca que, sem dúvida, iria ser o fim dos dois.

Pinária adiantou-se e pôs a mão no braço de Dorso.

Por favor, eu imploro, não faça isso! Não faça o ritual. Os deuses... se ainda tiverem algum amor por todos nós, vão compreender e perdoar.

O toque tornou Dorso mais humilde. Ele baixou os olhos.

Por favor, vestal, eu preciso da sua bênção, não de palavras desanimadoras. A verdade é a seguinte: voltei para a cidade, vindo da batalha no rio Ália, e fiquei aqui, apesar da vinda dos gauleses, com a expressa finalidade de realizar esse ritual. Eu estou... — ele respirou fundo e baixou a voz para um sussurro. — Estou bem ciente do papel representado pelos meus ancestrais na provocação da ira dos gauleses e, talvez, da ira dos deuses contra Roma. Não posso fazer o tempo voltar e inverter o dano que foi causado pelo meu impetuoso e ímpio primo, Quinto. Pelo seu crime, Quinto devia ter sido punido. O próprio Pontífice Máximo disse isso. Mas, em vez disso, foi louvado pelo povo de Roma e nomeado comandante das legiões. Agora, o desastre nos dominou, e cabe a mim honrar os deuses e meus ancestrais realizando esse antigo ritual. Se... — Ele tornou a respirar fundo. — Se eu morrer tentando fazer isso, talvez meu sangue acalme os deuses. Talvez eles aceitem o meu sacrifício em lugar do meu primo Quinto e voltem a favorecer Roma.

Pinária ficou tão emocionada, que por um longo momento não conseguiu falar. Conteve as lágrimas e, por fim, disse:

Se a Virgem Máxima estivesse aqui, ela iria abençoá-lo... mas a Virgem Máxima foi embora, e todas as outras vestais também. Sou a única que ficou em Roma, de modo que irei abençoá-lo, Caio Fábio Dorso. Vá e faça o sacrifício... e volte são e salvo!

Dorso curvou a cabeça para ela e depois voltou-se e dirigiu-se para a barricada, levando os vasos com vinho e óleo.

Pennatus demorou-se um instante atrás. Lançou a Pinária um olhar estranho; os olhos pareciam sorrir, muito embora os lábios não sorrissem. Ele baixou os olhos para os vasos de pão e óleo, franziu o cenho e a testa, e depois soprou forte e pareceu ter tomado uma decisão.

Muito bem! Eu disse que iria com ele e, por isso, vou.

Volte são e salvo, Pennatus! — sussurrou ela.

Ela quase tocou o braço dele, como tocara no de Dorso, mas no último momento recuou a mão. Dificilmente seria do agrado dos deuses uma vestal tocar num escravo.

Pennatus endireitou os ombros e respirou fundo.

É claro que vou voltar. Os seus deuses não vão me proteger? Se os gauleses nos ameaçarem, simplesmente vou criar asas e voltar voando para você!

Com Dorso na frente e Pennatus seguindo-o a pé, os dois atravessaram o Capitolino. A notícia das intenções de Dorso tinha se espalhado, e uma multidão reuniu-se para vê-los partir. Soldados acorreram para ajudar os dois a manter o equilíbrio enquanto subiam pela barricada, segurando os vasos rituais no alto. Nenhum grão de sal ou de painço, ou pingo de vinho ou de óleo foi derramado, o que foi considerado um bom agouro. Os soldados acumularam-se ao longo do alto da barricada para ver Dorso e Pennatus descendo a trilha sinuosa.

Cabeças se voltaram e um silêncio caiu sobre os espectadores quando Pinária subiu para juntar-se aos soldados. Eles se afastaram para abrir espaço para a vestal. Ela olhou para a procissão de duas pessoas que se afastava e começou a mexer os lábios sem emitir um único som. Pensando em unir-se a ela em oração, homens murmuravam súplicas ao deus Quirino pela segurança de seus adoradores, mas as palavras formadas pelos lábios de Pinária não eram dirigidas a deus algum.

Volte! — pedia ela, em silêncio. — Volte para mim, Pennatus!

AS HORAS PASSARAM DEVAGAR. O sol da tarde encheu o enfumaçado céu com um brilho pálido e começou a descer em direção às colinas distantes para além do Tibre. Na barricada, sentinelas de olhares penetrantes vigiavam o Quirinal, mas não viam nada que indicasse o destino de Dorso e Pennatus.

Pinária andava de um lado para o outro nos espaços abertos do Capitolino. Reflexivamente, murmurava orações para Vesta, mas no íntimo sentia como se estivesse falando para o nada. O fogo da lareira da deusa tinha ido embora de Roma, e seu templo tinha sido profanado por selvagens ateus. Vesta deve estar muito, muito longe, pensou Pinária, fora do alcance até mesmo da mais devotada vestal. Mesmo que a deusa ainda estivesse presente e pudesse ouvi-la, será que não veria o que se passava no coração de Pinária e saberia que sua oração era profana? Porque uma vestal rezar

pela passagem em segurança de Dorso, era uma coisa; ele era um cidadão romano numa missão santa. Mas a oração que chegava sem ser solicitada aos lábios de Pinária não eram por Dorso, e nada tinha a ver com a realização de ritos sagrados. O que iria a deusa pensar, ao ouvir uma de suas virgens implorar tão desesperadamente pela volta de um escravo? Era melhor que a deusa estivesse ausente, incapaz de ouvir a oração de Pinária, do que Vesta ouvi-la e perceber a ânsia que havia no coração de Pinária.

Ela foi despertada de seu sombrio devaneio por um grito de uma das sentinelas.

Ali! No sopé do Capitolino! Eu os vejo! Dorso e o escravo... e gauleses. Centenas de gauleses...

As palavras deram a Pinária um momentâneo lampejo de esperança e depois a mergulharam no desespero. Ela imaginou Dorso e Pennatus correndo o mais rápido que podiam, perseguidos por guerreiros; imaginou as cabeças deles cortadas, erguidas na ponta de varas por gauleses escarnecendo. Ela correu para a barricada, subiu ao topo e olhou para o sopé da íngreme encosta.

Lá! — disse a sentinela. — Na trilha, vindo em nossa direção.

O que ela viu foi a última coisa que esperava ver. Andando orgulhosamente eretos, levando nas mãos erguidas os vasos sacrificatórios agora vazios, Dorso e Pennatus estavam subindo pela sinuosa trilha num passo firme, sem pressa. Uma enorme multidão de gauleses os seguia, portando espadas e lanças mas mantendo distância e nada fazendo para impedir-lhes o avanço.

O oficial encarregado da barricada abanou a cabeça.

Esses gauleses e seus jogos cruéis! Não esperar até Dorso chegar quase à barricada e depois derrubá-lo enquanto ficamos olhando. Gente vil! Nós devíamos atirar contra eles agora, enquanto Dorso ainda tem uma chance de se libertar e correr. Arqueiros! Ergam os arcos!

Não! — gritou Pinária.—Não está vendo a cara deles? É exatamente o que Dorso previu. Os gauleses estão com um medo respeitoso dele. Está vendo como se mantêm afastados? Está vendo como trocam sussurros e empurram uns aos outros, na tentativa de conseguir uma posição melhor para olhar para ele? Ele os enfeitiçou de alguma maneira. Se atirarem contra eles, vocês vão quebrar o encanto. Abaixem os arcos! Não façam nada! Não digam nada!

Os homens da barricada desencaixaram as flechas e ficaram calados.

Seguindo pela trilha sinuosa, Dorso e Pennatus se aproximavam cada vez mais. Os gauleses iam, teimosos, atrás deles. O coração de Pinária batia forte em seu peito. A espera era dolorosa. Por que eles andavam tão devagar? Ela viu de relance o rosto de Dorso quando ele fez a última curva; viu a expressão tranqüila de um homem em paz consigo mesmo e com o destino, pronto para viver ou morrer, de acordo com a vontade dos deuses. Então, viu Pennatus. Seu coração pulou quando os olhos dele encontraram os dela. Ele sorriu... e depois piscou para ela!

Os dois homens chegaram à barricada. Mãos esticaram-se para pegar os vasos e ajudá-los a subir. Dorso subiu com dificuldade para o topo da barricada e olhou por cima do ombro.

Gauleses estúpidos — murmurou ele. — Arqueiros! Aqui está a sua chance de matar alguns desses idiotas. Mirem e disparem logo, antes que possam fugir!

Flechas assobiaram pelo ar, seguidas de gritos e dos caóticos sons dos gauleses batendo em retirada, num pânico repentino.

Rápido, Dorso escoltou Pinária para longe da barricada, para ficar protegida.

Foi a sua bênção, vestal, que fez o milagre — sussurrou ele. — Senti a deusa da lareira nos protegendo, a cada passo do caminho.

Sentiu? Vocês sentiram mesmo a presença de Vesta? — Pinária olhou de Dorso para Pennatus.

Alguma coisa deve nos ter protegido — disse Pennatus. — Foi impressionante! Os gauleses ficaram perplexos! Recuaram de todos os lados, como grãos cortados por uma foice. Nenhum deles teve a coragem de chegar perto de nós. Nenhum deles sequer levantou a voz.

Dorso e Pennatus olharam um para o outro e espontaneamente se abraçaram, rindo como dois meninos depois de uma grande aventura. Pinária ansiava por juntar-se ao abraço deles. Em especial, ansiava por abraçar Pennatus e ser abraçada por ele, para assegurar-se de que ele ainda vivia e respirava, sentir o calor de seu corpo, tocar-lhe o peito cabeludo, onde o pingente preto pendia entre os músculos firmes. Aqueles pensamentos a deixavam fraca e afogueada, mas ela não conseguia controlá-los.

Poderia ter sido como Dorso disse? Seria possível que Vesta tivesse olhado pelos dois homens e os protegido, apesar dos sentimentos impuros de Pinária? Ou teria Pennatus escapado com vida só porque — ou

precisamente porque — a deusa estava ausente, não estava mais presente para punir uma vestal que errava e o objeto de seu desejo?

Ou Vesta sabia da paixão de Pinária pelo escravo e a aprovava — idéia louca! — ou Vesta fora embora, talvez para sempre, e já não controlava a sua dedicada virgem — outra idéia louca! Em qualquer dos dois casos, Pinária percebeu, num lampejo cegante, que não restava empecilho algum para refrear seus sentimentos. A percepção a deixava tonta. O chão cedeu embaixo dela e o céu se abriu com um estalo.

Olhou para Pennatus. Ele olhou para ela. Seus olhos falaram uma língua secreta. Ela viu que ele sentia a mesma coisa.

Naquele momento, Pinária estava perdida, e sabia disso. Caiu em prantos. As pessoas que tinham se reunido para receber Dorso presumiram que eram lágrimas de alegria e alívio, e homens curvaram a cabeça ao ver uma virgem sagrada profundamente emocionada pela prova de que continuavam as boas graças dos deuses para o povo de Roma.

ERA PEQUENA A PRIVACIDADE DE que desfrutavam os defensores no topo do Capitolino, mas o pouco que foi possível arranjar foi dado à vestal que morava com eles. Enquanto outros dormiam a céu aberto ou se amontoavam dentro dos templos e dos prédios públicos, uma pequena câmara nas fundações do Templo de Júpiter foi dada a Pinária para seu uso exclusivo.

A entrada era pelos fundos do templo, que ninguém via. Foi Pennatus quem sugeriu a Dorso que seria apropriado instalar um simples fecho no lado de dentro da porta, para que ninguém pudesse entrar sem ser anunciado ou por acaso quando a vestal estivesse lá. Como Pennatus sabia como fazer um fecho assim, recebeu a incumbência de fazê-lo.

— Que sujeito inteligente você é! — observou Dorso depois que o fecho foi instalado.

Certa noite, houve uma batida de leve na porta de Pinária.

Era tarde da noite, mas Pinária não estava dormindo. Levantou-se da cama e foi logo até a porta. Não se preocupou em perguntar quem batia.

Abriu a porta e viu a cabeça e os ombros dele em silhueta provocada pelo luar. A primeira idéia foi de que ele estava maluco ao ir procurá-la numa noite em que a lua estava tão brilhante e podia iluminar com tanta intensidade seus movimentos. E se ele tivesse sido observado?

No instante seguinte, ele tinha entrado, fechando a porta. Depois, seus braços a enlaçavam e o corpo estava apertado contra o dela. Foi Pinária que iniciou o beijo, pressionando a boca na dele. Ela nunca beijara um homem antes. Achou que os dois respiravam juntos e tinham as mesmas batidas de coração.

Ela não estava acostumada a ficar nua, mesmo entre as outras vestais, mas era assim que ele a queria. Ela deixou que ele a despisse e depois ajudou-o a tirar a túnica; não queria indicação alguma de que qualquer coisa estivesse sendo feita unicamente a pedido dele ou contra a vontade dela. Acontecesse o que acontecesse, não seria porque ela simplesmente permitisse, mas porque ela fizera com que acontecesse.

Ela conhecia alguma coisa sobre o ato sexual básico, mas não poderia ter imaginado as sensações que o acompanhavam. O toque da pele dele na sua foi emocionante, mas nada comparado com a sensação quando uma parte do corpo dele penetrou no seu e começou a se mexer dentro dela. No início, houve uma dor forte, mas pareceu pouco em comparação com o prazer que veio em seguida. O ritmo do ato lembrava uma dança complicada, ou uma canção de uma beleza sobrenatural, às vezes lenta e lânguida, outras vezes apressada e ofegante. O ritmo dele inspirou-a a procurar um ritmo dentro dela; ela se esforçou para acompanhar os movimentos dele, gritou de frustração diante da repentina falta de jeito, e então, rindo ofegante, agarrando os quadris dele, exigiu que o ritmo dele se ajustasse ao seu. Ele obedeceu, resistiu, e tornou a obedecer. Por uns momentos os dois pareciam estar competindo um com o outro, depois quase díspares, e então, sem aviso prévio, em perfeita e arrebatadora harmonia.

Chegaram ao clímax no mesmo instante. Ela o sentiu tremer e convulsionar-se dentro dela, e ao mesmo tempo uma onda de prazer fora do comum inundou-lhe o corpo inteiro.

Estava feito. Não podia haver retorno.

A OCUPAÇÃO DOS GAULESES CONTINUOU por todo o quente verão e entrou pelo outono. Dias mais frios levaram um certo alívio para os defensores no alto do Capitolino, mas a fome deles aumentou. As rações foram reduzidas a um pouco de pão e uma taça de vinho por dia.

De casa em casa, os gauleses continuaram a pilhagem e a incendiar a cidade lá embaixo, envenenando o ar com a fumaça. Depois do fracasso de

suas tentativas iniciais, os gauleses pararam de sitiá-lo o Capitolino, mas sentinelas ainda mantinham uma vigília constante em torno do perímetro.

Numa noite de outono, quando o ar estava frio mas irritante devido à fumaça, Pinária e Pennatus estavam deitados nus na cama dela. Um facho de luar, entrando por uma janela alta e pequena, iluminava seus corpos lustrosos pelo suor. Era meia-noite, mas nenhum dos amantes dormia; ainda havia prazer demais a ser recebido do corpo de um pelo outro, para pensar em dormir.

Pinária ficara encantada, mas não surpresa, por descobrir que Pennatus era um amante tão insaciável assim. O que a deixara surpresa era a intensidade do desejo dela, que era tão grande quanto o dele, se não maior. A devoção que outrora dedicara a cuidar do fogo sagrado, agora ela usava para cuidar do fogo que queimava dentro dos dois toda vez que seus corpos se encontravam. Quando ela se unia a Pennatus, parecia que era levada a um lugar além do mundo mortal, para um reino místico tal como aquele em que os deuses deviam morar. Ela venerava o corpo dele, o veículo que a transportava para aquele lugar divino; ela adorava o sexo dele, aquela parte dele, tão potente e, no entanto, tão exposta e vulnerável, que ele, ansioso, colocava dentro dela para ficar em segurança. Sem dúvida, tais pensamentos eram blasfemos; mas os deuses tinham ido embora, e a vestal já não era mais virgem, e um escravo tinha se tornado senhor dela. O mundo era um lugar louco, quebrado, mas Pinária nunca se sentira tão viva e completa.

Pela janelinha, muito fraco, eles ouviram o grito de "Tudo em paz!" da sentinela mais próxima. O grito foi ecoado de vários pontos em torno do perímetro das barricadas e rochedos. No silêncio que se seguiu, um ganso soltou um único e dorido grasnido. Para salvá-los dos gauleses, os gansos sagrados de Juno tinham sido levados do novo templo da deusa no Aventino e estavam sendo mantidos numa reserva ao lado do Templo de Júpiter.

— Em breve, vamos ter que comê-los — disse Pennatus.

Os gansos? Eles são sagrados para Juno — disse Pinária.

Mas do que servem gansos para uma deusa, se todos os seus adoradores morrerem de fome?

Ninguém teria coragem de tocar neles.

Mas eu percebi que a ração de grãos deles foi reduzida. Esses gansos estão ficando horrivelmente magricelas. Daqui a pouco, não haverá carne

neles que valha a pena ser comida. É melhor comê-los agora, enquanto ainda podem nos oferecer mais sustento.

O povo vai preferir comer os cachorros!

Mas os cães, pelo menos, têm uma função. Eles ficam de vigília à noite, junto com as sentinelas. Meu velho senhor gostava, em especial, de fígado de ganso. Ele dizia que era uma delícia.

Pennatus, que coisas horríveis de se dizer!

Ele se aconchegou mais.

Como as coisas que eu sussurro ao seu ouvido quando estou dentro de você?

Ela estremeceu e agarrou o sexo dele, que estava pleno e firme em sua mão. Eles tinham acabado instantes antes, e ele já estava duro de novo. Ele segurou o seio dela e beijou o mamilo. Uma onda de puro prazer percorreu o corpo de Pinária.

Ela suspirou.

Muito antes de alguém pensar em comer os gansos sagrados, Camilo vai chegar.

Era aquela a esperança que estava nos lábios de todos. Poucos dias antes, um intrépido soldado lá de fora, Pôncio Comínio, conseguira atravessar as defesas da Gália e chegar aos defensores no topo do Capitolino. Ele enchera a túnica com pedaços de cortiça e descera o Tibre flutuando e depois, à noite, esgueirara-se pelas ruas e escalara o Capitolino num ponto tão irregular e íngreme que os gauleses não o vigiavam. A sentinela romana que vira a sua chegada tinha ficado perplexa ao ver um ser humano subindo como se fosse uma aranha pelo lado íngreme do rochedo, e ainda mais perplexa quando o homem se dirigiu a ela em latim. Pôncio Comínio levava a notícia de que forças romanas estavam se reagrupando aos poucos sob a liderança do exilado Camilo, que pedia que o grupo de senadores encurralados no topo do Capitolino lhe dessem formalmente os poderes de ditador. Os senadores tinham mandado Pôncio Comínio de volta para Camilo com um juramento de apoio total e promessas de rezar pela sua vitória. Será que o mensageiro passara são e salvo pelas forças gaulesas para voltar para onde estava Camilo? Ninguém sabia, mas a notícia vinda lá de fora trouxera uma nova esperança ao Capitolino. Camilo estava em marcha e poderia chegar a qualquer dia. Camilo, o conquistador de Veios, iria salvá-los e expulsar os gauleses de Roma!

Pennatus rolou o corpo, afastando-se dela e ficando deitado de costas. Seu membro ficou perceptivelmente mais flexível na mão dela.

E então, o quê? Você vai voltar a ser uma vestal, e eu voltarei a ser um escravo.

O suor ficou frio no corpo de Pinária. Ela soltou o sexo dele e puxou a colcha para cobrir os seios. O futuro que Pennatus sugeria — voltar a assumir o tipo de existência que vigorara antes de os gauleses chegarem — era muito menos horrível do que aquele que ela imaginava. Pinária sabia bem demais o que era feito com uma vestal considerada culpada de violar o voto e o que era feito com o amante da vestal.

Quem pode dizer o que o futuro nos trará? — sussurrou ela. — Quem sabia que Camilo seria exilado, ou que Breno e os gauleses viriam e mudariam tudo? Quem sabia que você se tornaria meu amante... quem poderia imaginar uma coisa dessas! Quem sabia que eu...

O súbito interromper da voz dela fez com que ele franzisse o cenho.

Continue, Pinária. O que é que você ia dizer?

Ela respirou bem fundo.

Eu posso estar errada. Pode ter sido a tensão do sítio que provocou a interrupção. Acho que, às vezes, isso acontece com as mulheres... quando há uma crise terrível, ou se elas passam fome...

Pinária, o que é que você está dizendo?

A lua cheia veio e foi embora, e tornou a voltar, e no entanto... nenhum sangue fluiu de dentro de mim. Não sei muito sobre essas coisas... mas até eu sei o que significa quando o ciclo de uma mulher é interrompido!

Ele se ergueu sobre os cotovelos e olhou para ela. Sombras escondiam seu rosto.

Você está grávida?

Não sei, não tenho certeza. Como eu disse, talvez haja uma outra explicação...

Ele se aproximou mais. O luar revelou a expressão de espanto.

Mas isso é maravilhoso! Terrível e maravilhoso, ao mesmo tempo!

Pinária estremeceu e abraçou a si mesma.

Mais cedo ou mais tarde, vai começar a aparecer. O que é que eu vou fazer, então?

Talvez ninguém perceba.

Não perceber? Eu vou ficar mais gorda, enquanto todos os outros ficam mais magros!

Você pode afrouxar as túnicas. Pode dizer que precisa de isolamento. Eu cuidarei de você e não deixarei que ninguém se aproxime. E talvez Camilo chegue logo e nos liberte, e que possamos ir embora do Capitolino...

E ir para onde? Eu jamais poderia esconder o meu estado entre as outras na Casa das Vestais.

Então, vamos nos esconder. Ou fugir. Vamos fugir para a Gália e viver entre selvagens ateus! Não sei o que faremos, Pinária, mas vamos pensar em alguma coisa. É como você disse, ninguém pode saber o que futuro nos trará.

Ele se meteu sob a colcha e deitou-se ao lado dela. A mão procurou a dela e apertou-a. Juntos, olharam fixamente para os cantos escuros do quarto.

Sei que você está com medo — disse ele. — Medo do que os outros farão conosco se descobrirem. Mas... é mais do que isso?

O que quer dizer?

Você se sente infeliz porque... porque é um filho de um escravo que está dentro de você?

Pennatus! Nunca pensei em gerar o filho de homem algum. Não sei o que estou sentindo. Eu nunca disse que me sentia infeliz...

Porque... porque há uma coisa a meu respeito que você não sabe. Ela poderia fazer uma diferença.

Ela se voltou para encará-lo. Tocou-lhe as faces e olhou-o nos olhos, que refletiam o pálido luar.

Sei que você é muito valente, Pennatus. E muito engraçado. E às vezes, maldoso: que coisas ímpias você diz! Sei que você não se parece com ninguém que eu já encontrei, e que eu o amo. E sei que você me ama. Que coisa preciosa, esse amor entre nós! Há vezes em que penso que deve ser um presente da deusa, muito embora eu saiba que isso é impossível. Eu nunca poderia lamentar o fato de você ter me dado um filho, Pennatus. Eu só queria...

Eu também queria que as coisas fossem diferentes. Gostaria que você não fosse uma vestal. Eu queria não ter nascido escravo! Mas se não fosse o amargor do destino, eu poderia ser tão bem-nascido quanto você, Pinária. Eu tenho sangue de patrícios.

O que quer dizer?

Este talismã que eu uso... é mais do que aparenta. E eu também! — Ele ergueu a imagem de Fascinus. O amuleto preto teve um reflexo opaco ao luar. — Ele não é feito de chumbo, Pinária. Foi apenas mergulhado em chumbo, para esconder o que está por baixo, a fim de que nenhum senhor de escravos se importasse em tirá-lo de nós. Se você raspar o chumbo, poderá ver o puro brilho amarelo que está por baixo. Ele é feito de ouro, Pinária. Vem de geração em geração. É muito antigo, mais velho do que Roma... mais velho do que todos os deuses e deusas de Roma! Fascinus esteve aqui primeiro, antes mesmo de Júpiter.

Ela abanou a cabeça.

Mais blasfêmia, Pennatus? Isso não tem graça.

Não é nem blasfêmia, nem piada. É a verdade, Pinária. Antes de morrer, minha mãe me contou de onde eu vim e quem eu sou de verdade. Nasci escravo, sim, e ela também, mas o pai dela era filho de Tito Potício, um romano do mais antigo sangue patrício, e Icília, a irmã de Lúcio Icílio, que foi um tribuno dos plebeus. O filho de Tito Potício e Icília foi ilegítimo, e foi feito escravo ao nascer, devido ao desprezo do tio. Mas mesmo como escravo, ele usava o talismã dos Potício preso ao pescoço, e o próprio Tito Potício, em segredo, contou-lhe a história de seu nascimento. Aquele escravo repassou o talismã para sua filha, minha mãe. Ela nasceu escrava no domicílio familiar de Icílio, mas depois foi vendida ao meu senhor, em cuja casa eu nasci. Antes de morrer, ela me passou o talismã. Ele representa o deus Fascinus, a mais antiga divindade adorada por mortais em Roma. Fascinus era conhecido até mesmo antes de Hércules e Júpiter, e muito antes dos deuses que chegaram a nós por intermédio dos gregos.

Pinária ficou em silêncio por muito tempo.

Você nunca me contou isso.

É o meu segredo mais guardado, Pinária.

Você zomba dos deuses.

Eu acredito em Fascinus!

Você zomba dos nascidos livres. Você ri da vaidade dos patrícios.

Eu *sou* um patrício... de sangue, ainda que não de nascimento! Tito Potício era meu bisavô. Você não vê, Pinária, que a criança dentro de você não é filho de um inferior, um escravo que veio do nada, que não tem ancestrais que mereçam ser lembrados? A criança dentro de você tem o sangue dos primeiros colonos de Roma, tanto da mãe *como* do pai. O que quer que outras pessoas possam dizer, e seja lá como a lei possa me chamar,

você não precisa ter vergonha do filho. Pode se sentir orgulhosa, ainda que tenha de ficar orgulhosa em segredo!

Pennatus! Eu não tenho vergonha alguma do que fizemos, ou do que resultou disso. Talvez não seja nem mesmo ímpio. Se Vesta foi realmente embora, e todos os deuses deixaram seus templos aqui no Capitolino, é possível que o seu deus Fascinus mantenha o controle em Roma, sozinho, como fez certa vez há muito tempo, e você e eu estávamos fazendo o que ele quer, e tudo seja apropriado. Quem pode dizer, num mundo onde tudo pode mudar num piscar de olhos? Não, Pennatus, eu não me envergonho. Mas tenho medo, por você, e por mim, e pela criança. — Ela abanou a cabeça. — Eu não queria lhe contar. Um impulso me dominou e fez com que eu falasse. Eu tinha pensado em não revelar nada, até que tivesse certeza, ou então...

Ela mordeu a língua e não disse mais nada. Por que dizer a Pennatus até onde seus pensamentos a levavam sempre que pensava na criança que poderia estar crescendo dentro dela? Havia modos de livrar o ventre de uma mulher de um filho indesejado. Pinária tinha uma vaga idéia de que havia poções que podiam ser bebidas, algumas perigosamente venenosas, ou que uma vara fina, talvez feita de salgueiro flexível, podia ser inserida em seu corpo para provocar a desejada expulsão. Mas Pinária não tinha conhecimentos seguros desses assuntos, e não havia ninguém a quem pedir conselhos ou assistência, e não havia como conseguir uma poção daquelas. Não havia nem mesmo um salgueiro no Capitolino! E agora que ela contara a Pennatus sobre a criança, e ele reagira compartilhando seu mais profundo segredo com ela, e mostrara um orgulho quase violento no ato de dar um filho a ela...

Abanou a cabeça. A voz da piedosa vestal que ainda vivia dentro dela sussurrou: Que coisa, um escravo ficar tão orgulhoso com seu filho! Que mundo, onde uma vestal pode enganar a si mesma, levando-a a pensar que sua gravidez poderia agradar a um deus!

De repente, na silenciosa quietude da noite, um dos gansos sagrados de Juno soltou um grasnido alto, intenso. O barulho inesperado quebrou a tensão entre os dois. Pennatus riu. Pinária conseguiu dar um sorriso irônico.

O ganso tornou a grasnar, e depois repetiu.

Se isso continuar, um certo ganso deverá ser depenado, consagrado a Juno ou não — murmurou Pennatus.

Ele encostou os lábios nos dela. Eles se beijaram. Ele se mexeu para abraçá-la, mas depois recuou. Ao ganso isolado tinham-se unido outros, fazendo o mesmo barulho abrupto e vociferante.

Que bom não estarmos tentando dormir!

A culpa é da sentinela, acordando-os ao gritar que está tudo em paz — disse Pinária.

Mas isso foi há muito tempo. Tempo suficiente para os gansos voltarem a dormir. — Pennatus franziu o cenho. — Talvez tempo suficiente para as sentinelas caírem no sono.

O grasnar dos gansos continuava.

Fique aqui — sussurrou Pennatus. — Tranque a porta quando eu sair. Haverá outras pessoas acordadas, despertadas pelos gansos. É possível que eu não consiga voltar esta noite sem ser visto. Me beije, Pinária!

Pennatus arrancou-se dos braços dela, apanhou a espada — Dorso insistira em armá-lo, apesar de sua posição — e esgueirou-se pela porta. Esperou até ouvi-la enfiar a tranca no lugar e depois saiu correndo para o posto da sentinela depois do cercado para os gansos.

A face rochosa do Capitolino era muito íngreme naquele ponto — na verdade, era exatamente o local pelo qual Pôncio Comínio fizera sua impossível subida. Mas é claro que a subida de Pôncio Comínio não tinha sido impossível; se ele podia fazê-lo, outros também poderiam. Numa noite de luar, será que uma companhia de gauleses poderia encontrar os apoios para os pés e para as mãos pelos quais Pôncio Comínio chegara ao topo do Capitolino?

Parecia impossível. E sem dúvida, na quietude da noite, uma sentinela ouviria qualquer pessoa fazendo aquela subida e daria uma espiada pela beira para percebê-los muito antes de chegarem ao topo. A menos que...

Os gansos continuavam a grasnar.

Pennatus viu a sentinela, em pé em seu posto à beira do rochedo — e então percebeu que a figura fracamente iluminada pela lua não era a sentinela, mas um gaulês! Enquanto Pennatus olhava, surgiram dois outros gauleses, subindo para a borda, desajeitados, e depois ficando em pé.

Seu sangue gelou. Ele apertou a mão sobre a espada. Ele nunca usara realmente uma arma daquelas, exceto em treinos com Dorso. Agarrou a imagem de Fascinus e fez algo que nunca fizera antes: sussurrou uma oração, pedindo coragem e força.

Saia da frente, escravo!

Uma figura vestindo armadura derrubou-o para o lado e passou por ele correndo. Pennatus reconheceu Marcos Mânlio, amigo de Dorso e ex-cônsul. O grisalho veterano lançou-se em direção aos gauleses. Soltando um grande berro, ele atingiu o mais adiantado com o seu escudo. O homem cambaleou para trás e caiu, gritando, do rochedo, levando os outros dois com ele.

Mais gauleses subiram desajeitados pela beira. Mânlio batia com o escudo e golpeava com a espada. Pennatus deu um grito e correu para unir-se a ele.

Sua espada atingiu metal com um estalar ensurdecador. Ele tornou a lançar-se à frente e atingiu carne. O impacto repugnante pareceu viajar-lhe pelo braço e por todo o corpo. Pennatus nunca fizera com que outro homem sangrasse, muito menos matara um homem. Ao luar, o sangue nas pedras do calçamento era brilhante e preto.

Ele ouviu um grito, voltou-se e viu Dorso. O guerreiro brandiu a espada com tanta força contra o pescoço exposto de um gaulês, que quase decapitou. Uma fonte de sangue esguichou do ferimento. A expressão do rosto de Dorso era feroz e aterrorizante, cheia de um ódio extremo. Os gauleses tinham destruído a sua cidade, expulsado seus deuses, arruinado seu mundo. Agora, finalmente, Dorso tinha uma chance de provocar, em troca, morte e sofrimento para pelo menos alguns gauleses.

O que tinham os gauleses feito a Pennatus? A invasão lhe dera uma liberdade inesperada, uma amizade que ele nunca pudera ter antes, e um amor que nunca teria tido a ousadia de imaginar. Ele temia os gauleses, mas jamais poderia tê-los odiado como Dorso odiava. Então, pensou em Pinária. Se o Capitolino fosse tomado, estaria tudo perdido. Pinária, a coisa mais requintada e perfeita do mundo — o que poderiam eles fazer com ela?

Milagrosamente, o gaulês que tinha sido atacado por Dorso ainda estava vivo, cambaleando de um lado para o outro. Com um grande grito, Pennatus correu em sua direção, ergueu a espada e terminou o serviço que Dorso começara. A cabeça do gaulês saiu voando. Desapareceu pelo precipício, por cuja borda mais gauleses estavam subindo.

Os gansos grasnavam alucinadamente. Homens gritavam e berravam. De repente, havia muitos mais gauleses e outros tantos romanos. O que começara como uma escaramuça tornara-se abruptamente uma batalha, com espadas estalando por todo lado e sangue por toda parte. A batalha iluminada pelo luar parecia incrivelmente intensa e, no entanto, irreal ao

extremo para Pennatus, como um sonho estranho; no entanto, não era mais estranho — nem mais perigoso — do que o sonho acordado no qual Pennatus se tornara o amante secreto de uma vestal decadente.

OS GAULESES FORAM RECHAÇADOS. POR ser o primeiro a correr em defesa dos romanos, Marcos Mânlio foi declarado um herói e recompensado com rações extras de pão e vinho. Uma plena ração de grãos também voltou a ser dada aos gansos sagrados, cujo grasnar alertara os defensores.

Quanto às sentinelas de serviço naquela noite, os comandantes militares, a princípio, declararam que todos seriam executados por negligência. O mesmo aconteceria aos cachorros que mantinham vigília com eles. Presumiu-se que todos tinham caído no sono em seus postos, inclusive os cachorros, uma vez que nenhum latira. Os gansos tinham mostrado que eram melhores sentinelas!

Dorso manifestou-se contra a punição em massa, dizendo que os romanos não tinham condições de perder tantos homens, e entre os soldados comuns houve um grande protesto. Ficou decidido que só a sentinela responsável pela área onde o assalto acontecera seria punido.

O homem negou ter dormido. Na quietude da noite, disse ele, ele ouvira um homem e uma mulher conversando. Distraído e enfiado, ele se afastara do posto em direção ao Templo de Júpiter, tentando descobrir de onde vinham as vozes. A desculpa não conquistou simpatia alguma. Ele foi jogado da borda onde os gauleses tinham armado o ataque. Como castigo simbólico, um único cão de guarda também foi jogado do alto do rochedo.

Os romanos aumentaram a vigilância. O mesmo fizeram os gauleses, que estavam decididos a não deixar nenhum outro mensageiro chegar ao Capitolino vindo do mundo exterior.

DURANTE TODO o INVERNO, A ocupação e o sítio continuaram. A chuva trouxe água de beber para os romanos, mas os alimentos ficaram mais escassos.

Se ao menos chovesse peixe — disse Pennatus um dia, olhando uma chuvarada do frontão triangular do Templo de Júpiter.

Ou bolos de mel! — disse Dorso.

Ou pedaços de carne-seca! — disse Marcos Mânlio, que gostava muito de rações militares.

A situação no alto do Capitolino ficava cada vez mais desesperada, porém o mesmo acontecia com as circunstâncias dos gauleses. Por nunca terem morado numa cidade, eles nada conheciam sobre saneamento e como se desfazerem de seus excrementos. Transformaram Roma num chiqueiro, e uma peste irrompeu entre eles. Tantos morreram tão depressa, que os sobreviventes desistiram de enterrar os corpos em separado mas, em vez disso, faziam pilhas deles e punham fogo.

Uma vez mais, como no início do sítio, chamas e colunas de fumaça cercavam o Capitolino. A visão das piras chamejantes era horrível. A fumaça e o fedor dos corpos queimando eram sufocantes. Como Pennatus comentou ironicamente com Dorso:

Esses gauleses são loucos por queimar. Depois de incendiarem todas as casas, eles agora tocam fogo uns nos outros!

Os gauleses também ficaram com fome. No início do cerco, descuidados, eles puseram fogo em vários armazéns cheios de grãos. Agora, sentiam uma falta terrível daqueles grãos. Embora os romanos que estavam no Capitolino não tivessem como saber, as forças de Camilo haviam assumido o controle de grande parte do interior, e os gauleses já não podiam fazer incursões para refazer os estoques. A cidade que eles tinham reivindicado como prêmio estava se tornando uma armadilha e um túmulo.

De público, Pinária participava das orações diárias para que Camilo chegasse em breve e os salvasse. Em particular, ela vivia num medo constante. Fazia todo o possível para esconder a visível prova de sua gravidez. Talvez porque a criança que crescia dentro de si devia ser pequena e subnutrida, até aquele momento ela tinha conseguido. Mas o que iria acontecer quando desse à luz? Ainda que pudesse esconder-se em seu quarto e ter a criança em segredo, como poderia esconder uma criancinha que chorasse? Será que teria coragem de matar a criança imediatamente após o nascimento? Todos os dias deixavam-se que bebês morressem se fossem imperfeitos ou do sexo feminino, mas mesmo a mais insensível das mães não matava um bebê indesejado com as próprias mãos; a criança era tirada dela e deixada num lugar aberto, para morrer de exposição aos elementos ou a animais selvagens. A maneira mais rápida e mais fácil de se desfazer da criança seria atirá-la do alto do Capitolino, mas até isso poderia vir a ser impossível, porque todos os pontos do perímetro estavam sendo muito bem vigiados. Será que Pennatus faria isso, se ela pedisse? Que coisa horrível, pedir a um pai que matasse o próprio filho!

E no entanto, se a criança nascesse e a deixassem viver, sem dúvida ela seria descoberta — a prova do crime deles — e os três seriam executados. Muitas vezes, Pinária acordava de pesadelos nos quais via Pennatus sendo morto a pancadas, e depois era colocada numa câmara subterrânea selada, sem luz nem ar. O bebê era enterrado com ela, e na escuridão absoluta da cripta o choro dele era tudo o que ela conseguia ouvir.

Em momentos tenebrosos, ela se permitia imaginar que a criança nasceria morta. Isso acabaria com o medo e o temor — mas que coisa, a mãe querer dar à luz um filho morto! Talvez fosse melhor para Pinária ela mesma pular do precipício, e fazê-lo logo, antes que a criança dentro dela crescesse mais. Que os gauleses achassem seu corpo destroçado e o queimassem numa pira. Homens iriam honrar sua memória, então; diriam que ela, uma vestal pura, tinha se oferecido como um sacrifício aos deuses. O filho por nascer morreria com ela, e a culpa de Pennatus nunca seria revelada. Escravo ou não, não havia dúvida de que um indivíduo inteligente como ele tinha pela frente uma vida digna de ser vivida. Em pouco tempo ele iria esquecê-la e esquecer o filho que resultara do crime deles. Seria como se Pinária nunca tivesse existido...

O único resultado que ela não se permitia imaginar — porque era impossível e, assim, doloroso demais — era que o bebê nasceria saudável e perfeito, e que ela poderia olhar para o rosto dele e exibi-lo, orgulhosa, e cuidar dele com toda a dedicação e afeto de qualquer mãe normal. Uma coisa dessas jamais poderia acontecer.

Aqueles pensamentos desesperados a esgotavam. Ela se afastou de Pennatus. Os dois pararam de ter relações sexuais. O ato que lhe dera tanto prazer, ela agora achava uma coisa traiçoeira, uma armadilha na qual ela, bobamente, caíra. Durante algum tempo, os dois ainda se encontravam em segredo e, em vez de fazer sexo, conversavam — mas que assunto havia para abordar, a não ser o sofrimento imposto a eles pelo cerco, e o sofrimento ainda maior que os aguardava? Ela acabou proibindo que Pennatus voltasse a seus aposentos privados, dizendo que fazia isso para o próprio bem dele, quando na verdade não podia suportar ficai' a sós com ele,

Ela foi ficando mais chegada a Dorso, que a tratava sempre com deferência e respeito. Pennatus, como amigo de Dorso, muitas vezes estava presente quando os dois se encontravam, mas sabia que não deveria tratá-la com demasiada familiaridade. Ele ocultava a dor e a confusão fazendo

comentários irônicos e piadas mordazes, e ninguém percebeu que seu comportamento mudara. As pessoas notaram, sim, uma mudança¹ em Pinária, e comentavam sobre isso. Homens a chamavam de vestal melancólica, mas achavam que seu sofrimento era por eles, e honravam sua tristeza como um sinal de piedade.

DURANTE SETE MESES, OS GAULESES ocuparam Roma, do meio do verão ao meio do inverno. Foi nos idos de Februarius que Pinária, atravessando o Capitolino, a cabeça cheia de pensamentos lúgubres, recebeu a notícia de Dorso.

Ele correu até ela. Disse algo. Ela estava tão distraída que não ouviu as palavras que ele disse, mas pela expressão animada percebeu que algo de grande importância acontecera. Pelo canto dos olhos, ela notou um movimento. Olhou à sua volta e viu que todo o Capitolino estava numa grande agitação. Pessoas andavam apressadas para um lado e para outro, agarravam umas às outras, falavam em sussurros e berros, riam, choravam.

— O que está acontecendo, Dorso?

Chegou um mensageiro... um romano! Os gauleses o deixaram passar. Ele subiu direto pela trilha.

Um mensageiro? Quem o enviou?

Camilo, é claro! Venha, vamos ouvir o que o homem tem a dizer.

Ele a conduziu para o Templo de Júpiter, onde um soldado, vestindo armadura mas sem portar armas, estava no último degrau para se dirigir à multidão. Pessoas se desviaram para deixar Pinária passar para ficar à frente da multidão.

Homens gritavam perguntas ao mensageiro, que ergueu a mão.

Tenham paciência! — disse ele. — Esperem até que todos estejam reunidos. Caso contrário, terei que me repetir cem vezes.

Mas veja isso! — gritou Marcos Mânlio. — Caio Fábio Dorso chegou, com a vestal melancólica. São todos os que têm importância! Diga o que tem a dizer!

Membros da multidão riram. O estado de espírito era alegre, porque todos podiam ver, pela expressão no rosto do mensageiro, que ele chegara com boas novas.

Muito bem. Nos últimos meses, nossos exércitos reagruparam-se sob a liderança do ditador Marcos Fúrio Camilo...

Houve uma grande ovação.

—... que enfrentou os gauleses em algumas escaramuças pequenas. Não podemos alegar que derrotamos o inimigo, mas o picamos repetidas vezes e os gauleses se deram por satisfeitos. Eles estão prontos para deixar Roma.

A ovação foi ensurdecadora. O mensageiro fez um sinal pedindo silêncio.

Mas os gauleses não vão sair sem um resgate.

Resgate? — gritou Mânlio. — Eles não saquearam tudo o que tinha algum valor em Roma?

Saquearam, mas exigem ainda mais. Deve haver um pagamento em jóias e metais preciosos. Camilo reuniu tudo o que pôde dos romanos no exílio e apelou a nossos amigos, pedindo contribuições...

O povo de Clúsio deve pagar o resgate! — gritou Mânlio. — Nós não nos sacrificamos para evitar que eles fossem saqueados pelos gauleses?

Os clusinos contribuíram, muito generosamente, e o mesmo fizeram muitos outros — disse o mensageiro —, mas isso ainda não é o bastante. Camilo espera que vocês, aqui no Capitolino, que nunca saíram de Roma, ajudem a completar o resgate.

Houve gritos de protesto.

Nós? — disse Mânlio. — Durante meses, temos comido farinha coberta de fezes de moscas e bebido nada além de água da chuva! A essa gente não resta nada para ser dado!

Tem certeza? Talvez alguns de vocês saiba onde existe tesouro enterrado, para escondê-lo dos gauleses. Talvez algumas das mulheres ainda tenham algumas jóias. Todas as mulheres romanas no exílio já contribuíram com todas as peças de joalheria que possuíam.

Isso está errado! — gritou Mânlio. — Nossas mulheres não devem ter todos os ornamentos tirados simplesmente para satisfazer a ganância de Breno.

Não há outro meio — disse o mensageiro. — Os gauleses têm que ser pagos. Assim que eles forem embora, a cidade tornará a ser nossa e poderemos começar a reconstruí-la.

Dorso olhou por cima do ombro para Pennatus e sorriu.

Talvez você deva doar esse pequeno talismã que usa com tanto orgulho.

Pennatus agarrou a imagem de Fascinus. Fez uma careta e apertou-o com tanta força, que os nós dos dedos ficaram brancos.

Dorso soltou uma gargalhada.

Acalme-se, Pennatus! Eu só estava brincando. Nem mesmo um gaulês iria querer esse pedaço de chumbo que não vale nada!

O resgate foi pago no Fórum.

Breno insistiu numa cerimônia formal, à qual o próprio Camilo esteve presente. Os que estavam no Capitolino viram a transação com uma mistura de desalento e alívio. Os gauleses apareceram com uma enorme balança, grande o bastante para pesar um boi inteiro. Pesos de chumbo foram colocados em um dos pratos. Os emissários romanos empilharam o resgate no outro. O tesouro de lingotes, moedas e jóias foi ficando cada vez mais alto, até que, finalmente, os pesos de chumbo começaram a subir.

Os dois lados da balança atingiram o equilíbrio. Um suspiro passou pela multidão que olhava do Capitolino, para ver uma fortuna paga para recuperar a cidade que era deles por direito de nascença.

Lá no Fórum, Breno pavoneava-se diante da balança e ria.

Ainda não é o suficiente! — gritou ele.

Camilo olhou para ele, sério.

O que é que você está dizendo? Os pratos estão equilibrados.

Eu me esqueci de incluir *isto*. Você quer que eu a abandone, não? — Breno sacou a espada e jogou-a por cima dos pesos de chumbo.

Gemidos de raiva e repulsa subiram da delegação romana. Alguns dos oficiais fizeram menção de sacar as espadas, mas Camilo ergueu a mão para detê-los.

Ainda temos mais um pouco de objetos de valor de reserva. Coloquem-no nos pratos.

Mais objetos foram acrescentados ao resgate, até que os dois lados voltaram a ficar equilibrados. Breno soltou um rugido de triunfo e bateu palmas. Os gauleses irromperam numa rouca ovação e gargalhadas. Mesmo do Capitolino, os observadores viram o rosto de Camilo ficar rubro de fúria e pesar.

Pinária, assistindo com os demais, de repente sentiu a presença de Pennatus ao seu lado.

A mão dele procurou a dela. Ela cedeu em unir os dedos aos dele.

O que quer que possa acontecer, Pinária, eu a amo! — sussurrou..

E eu... — Ela não reuniu coragem para dizer as palavras. Ofegou, retirou a mão, e colocou-a sobre a barriga. O filho dava chutes dentro dela.

Ela sentia que a hora estava chegando muito perto.

TAL COMO AS PERIGOSAS ÁGUAS de uma enchente que recua, os gauleses se retiraram de Roma. O processo levou vários dias; eles eram muitos, e não estavam com pressa. Continuaram a remexer à procura de butim e tocar fogo até a última hora da ocupação.

Os romanos que estavam no Capitolineo, apesar da impaciência, esperaram até que o último gaulês fosse embora antes de começarem a subir pelas barricadas e descer pela trilha sinuosa. Eufóricos por finalmente estarem livres, mas horrorizados com os escombros de sua adorada cidade, eles se dispersaram pelas Sete Colinas, cada qual procurando um resto de lar, e aguardaram a volta de Camilo e dos exilados.

Dorso, com Pennatus ao lado, acompanhou Pinária até a entrada da Casa das Vestais. A estrutura parecia intacta, apesar de as portas terem sido arrombadas e penderem tortas dos gonzos.

Tremendo, Pinária entrou. Dorso fez um movimento de que ia segui-la, mas Pinária abanou a cabeça.

Não, fique. O que tenho que fazer aqui, preciso fazê-lo sozinha.

Mas não podemos ter certeza de que é seguro. Eu não posso abandoná-la, vestal.

Claro que pode! Acha que a deusa me protegeu até agora, só para deixar que me aconteça algum infortúnio na Casa das Vestais? Vá, Dorso. Deixe-me, para que eu possa tratar de purificar a casa antes que as outras vestais voltem. Você não está ansioso por ver o que aconteceu com a sua casa?

Dorso franziu o cenho.

E você, Pennatus? Para onde vai?

Ele deu de ombros.

Acho que vou voltar para a casa do meu antigo senhor... se restar alguma coisa dela.

Muito bem, então — disse Dorso. Os três se separaram.

Apenas momentos depois que Pinária atravessou o portal, as dores começaram. Cambaleando, ela seguiu até o seu quarto. O aposento estava imundo, a cama desarrumada; na ausência dela, um gaulês dormira ali. Ela sentiu uma onda de repugnância, mas não teve outra opção, a não ser desabar na cama.

Pouco depois, abriu os olhos. Pennatus estava de pé a seu lado. Em seu delírio, pensou que ele fosse uma imagem enviada por Vesta para assombrá-la com sua culpa, mas então Pennatus sorriu e ela percebeu que era de verdade. Ele tirou o cordão do pescoço e colocou-o pela cabeça dela.

Fascinus protege mulheres no parto — sussurrou ele. — Não se preocupe, Pinária! Ficarei com você.

Mas, o que é que você entende de parto?

Ele sorriu.

O que é que eu *não* sei? Quando era pequeno, olhava jovens escravas dando à luz bastardos do meu senhor. Quando fiquei mais velho, levava e buscava as parteiras. Sei o que fazer, Pinária. Você estará a salvo comigo, e o bebê também.

Pennatus, Pennatus! Quando é que você vai parar de me deixar impressionada?

Nunca! Eu te amo, Pinária.

Isso me impressiona mais do que todo o resto.

Foi UM PARTO PREMATURO E O bebê era pequeno, mas mesmo assim saudável; deu um berro quando Pennatus o ergueu para a luz a fim de examiná-lo à procura de defeitos. Durante uma hora, Pinária o segurou.

O dia de inverno era curto, e as sombras já estavam se alongando. Da rua, vinham vozes. Os primeiros dos exilados já tinham entrado na cidade. A qualquer momento, as vestais poderiam chegar.

Pennatus, o que vamos fazer com o bebê?

Ele nasceu inteiro e saudável. Isso deve significar que os deuses querem que ele viva.

Você acha mesmo isso?

Eu quero que ele viva, não importa o que os deuses pretendam.

Blasfêmia, Pennatus! — Ela abanou a cabeça e conseguiu uma risada triste. — Que absurdo, eu o admoestar. Acabo de dar à luz um filho, na Casa das Vestais!

Você vai ficar aqui, Pinária?

Não há outro lugar para onde eu possa ir.

O bebê não pode ficar aqui com você.

Não.

Você agüenta abrir mão dele, Pinária?

Ela olhou firme para a criança em seus braços.

Para onde você vai levá-lo, Pennatus? O que vai fazer com ele?

Tenho um plano.

Você sempre tem! Meu inteligente Pennatus...

Delicadamente, ele tirou a criança dela. Lágrimas correram pelas faces de Pinária. Ela tocou o talismã em seu peito.

Você também tem que levar isso, para o bebê.

Pennatus balançou a cabeça.

O Fascinus é para você. Ele evita o mau-olhado. Vai protegê-la da inspeção minuciosa das outras vestais.

Não, Pennatus...

O Fascinus é o meu presente para você. Que ele a faça lembrar-se de mim, Pinária, como serviu para me fazer lembrar de minha mãe.

Sua mãe morreu, Pennatus.

Eu também morri, no mundo para o qual você tem que voltar. Nunca mais voltaremos a nos ver, Pinária, pelo menos não como agora. Nunca mais vamos ficar a sós juntos, nunca mais diremos palavras de amor. Mas você vai saber que nosso filho está vivo e bem, prova do amor que partilhamos no Capitolino. Isso, eu lhe prometo!

Ela fechou os olhos e chorou. Quando tornou a abri-los, Pennatus e a criança tinham desaparecido. O quarto ficou escuro. O tempo passou, e mais tempo, e lentamente o quarto foi ficando claro outra vez. Vindo de dentro da casa, ela ouviu vozes, a princípio indistintas, e depois ficando mais próximas e mais altas. Eram vozes de mulheres, falando com grande agitação.

Ela reconheceu a voz da Virgem Máxima e de Fóslia. Elas chamaram seu nome em voz alta:

Pinária! Pinária! Você está aqui?

As vestais tinham voltado.

— ME CONTE OUTRA VEZ onde e quando você encontrou esse bebê — disse Dorso, franzindo o cenho.

Ontem, abandonado nas moitas fora das ruínas da casa do meu velho senhor — disse Pennatus. — É evidente que a mãe acabara de dar à luz.

E quem poderia ter sido a mãe?

Por certo, não era gaulesa. A criança é bonita demais para ser gaulesa, não acha?

Dorso examinou minuciosamente a criança.

Ele é, realmente, um menino bonito. E pequeno demais para ser um gaulês! Filho de uma romana que voltou, então?

A minha intuição me diz que sim. Sem dúvida a mãe passou por dificuldades durante a ocupação, e quando voltou para a cidade e descobriu que tudo o que ela conhecia tinha sido queimado ou estava em ruínas, a perspectiva de cuidar do recém-nascido simplesmente foi demais para ela. Outro legado duro dos gauleses, o fato de as mulheres de Roma ficarem tão dominadas pelo medo e pela incerteza que abandonam os filhos! E uma criança tão bonita quanto esse garotinho!

Você parece gostar muito desse menino, Pennatus.

Há algo muito especial em relação a ele. Não percebe? Acho que foi um sinal, o fato de eu ter encontrado essa criança exatamente no dia em que os gauleses saíram e os romanos voltaram... um voto dos deuses de que a cidade deve renascer e que seus melhores anos estão por vir.

Palavras de piedade e otimismo vindas de *você*, Pennatus?

Sou um homem mudado, desde os meses que passei no Capitolino.

E vai ser um homem livre, também, se eu tiver qualquer influência no assunto. Você me acompanhou quando fiz o sacrifício no Quirinal. Você lutou ao nosso lado quando os gauleses chegaram ao topo e assustaram os gansos. Fez mais do que merecer a liberdade, e seu senhor morreu e não precisa mais de você. Pretendo entrar em contato com os herdeiros dele, pagar uma quantia razoável, e providenciar para que libertem você. O que me diz disso, Pennatus?

Não há dúvida de que os deuses estão sorrindo para mim, fazendo com que eu salve essa criança e receba uma promessa dessas do senhor, no espaço de dois dias! Mas...

O que é, Pennatus? Fale!

Se o senhor quer realmente premiar um humilde escravo pelo serviço prestado no Capitolino, eu tenho um pedido diferente a fazer. Não tanto para mim, porque o que sou eu, exceto um fio partido na grande tapeçaria tecida pelos Destinos? Mas para o bem dessa criança impotente e inocente.

Dorso franziu os lábios.

Continue.

Do que me adianta a liberdade? Sozinho, numa cidade devastada como esta, um sujeito sem brilho como eu talvez morra de fome. Preferiria que o senhor me comprasse e me mantivesse como seu escravo. Prometo que irei me esforçar todos os dias para provar meu valor para ser o seu

servo de confiança. E me sentirei honrado de ser escravo do mais valente descendente da mais valente de todas as casas romanas, os Fábio. E se um dia, depois dos meus anos de serviço, o senhor achar por bem me libertar, terei a honra de usar o nome de um liberto que honre o meu ex-senhor: Caio Fábio Dorso Pennatus.

Dorso não era imune a lisonjas, mesmo de um escravo.

— Eu entendo o seu ponto de vista. Será um prazer atender a esse pedido. Você será o mais graduado dos escravos em meu domicílio familiar, e meu amigo de confiança.

E também... apesar de saber que se trata de um pedido extraordinário, sinto-me compelido a fazê-lo... eu lhe peço que adote esse menino enjeitado e o crie como se fosse seu filho.

Vendo a surpresa estampada no rosto de Dorso, Pennatus continuou:

Será que não há um antigo precedente para um ato desses? Rômulo e Remo foram enjeitados, o resto de destroços deixados por uma grande enchente ao recuar; assim também essa criança foi abandonada quando os gauleses, como uma terrível enchente, finalmente recuaram. Fáustulo adotou os gêmeos e nunca teve motivo para se arrepender, porque era isso que os deuses queriam que fizesse e, sem dúvida, o senhor não vai se arrepender se adotar esse enjeitado.

Dorso ergueu uma sobrancelha. Por que Pennatus estava tão interessado por aquela criança? Ele alegava ver o recém-nascido como um presságio, mas ver presságios e curvar-se à vontade dos deuses não se encaixava bem no caráter de Pennatus, a menos que seu cativo no Capitolino realmente o tivesse transformado. Não seria mais provável que a preocupação de Pennatus com o recém-nascido fosse o resultado de um motivo mais pessoal? Na sua cabeça, Dorso já fizera um cálculo simples de aritmética. A ocupação e o sítio tinham durado sete meses; uma gravidez normal levava cerca de nove meses. Não era difícil imaginar que Pennatus tivesse tido um flerte pouco antes da chegada dos gauleses e, depois, durante a ocupação, ficara separado da amante — provavelmente uma jovem escrava, mas possivelmente uma mulher livre, talvez até bem-nascida, porque tais coisas realmente aconteciam. Agora, Pennatus descera do Capitolino e descobrira que era pai de um recém-nascido. Escrava ou livre, a mãe se via obrigada a abrir mão da criança em vez de ficar com ela — e agora o astuto escravo tentava, com aquela jogada, fazer do seu bastardo o filho de um Fábio!

Dorso sentiu um impulso de desmascarar Pennatus e exigir a verdade dele. No entanto... os deuses impunham sua vontade por meios misteriosos, usando aqueles que duvidavam e eram descrentes e até mesmo escravos como seus veículos, sem que eles soubessem. Pennatus podia pensar que estava enganando seu novo senhor; na realidade, porém, era possível que os deuses estivessem orientando os dois homens a fazerem exatamente aquilo que os deuses queriam.

Dorso lembrou-se da longa caminhada do Capitolino até o Quirinal, com Pennatus atrás dele. Em retrospecto, a louca ousadia do ato o fazia perder o fôlego mas, no entanto, mostrara ser a melhor coisa que já fizera na vida ou provavelmente iria fazer algum dia. Aquele ato fizera dele um homem famoso; seu nome seria falado e reverenciado muito tempo depois que morresse. Naquele dia, Dorso se tornara imortal — e Pennatus estivera lá ao seu lado, a cada passo do caminho, ajudando-o a manter a coragem simplesmente por não demonstrar medo. Pennatus não fizera menos do que Dorso e, no entanto, seria esquecido pela posteridade. Será que Dorso não tinha uma dívida para com Pennatus — uma dívida tão grande que exigia um pagamento tão ousado como a caminhada até o Quirinal? Dorso confirmou com a cabeça, sério.

Muito bem, Pennatus. Vou adotar o seu... vou adotar a criança. Ele será meu filho.

Pegou a criança nos braços e sorriu para o pequenino e soltou uma gargalhada diante da expressão de assombro no rosto de Pennatus.

Você não esperava que eu concordasse?

Eu esperava... eu sonhava... eu rezava... — Pennatus se pôs de joelhos, agarrou a mão de Dorso e beijou-a. — Que os deuses o abençoem, senhor!

Num reflexo, ele ergueu a mão para agarrar o talismã de Fascinus em seu peito, mas os dedos tocaram apenas a pele nua.

Os EXILADOS QUE ESTAVAM ESPALHADOS voltaram para Roma. Pouco a pouco, a ordem foi restabelecida na cidade devastada. O Senado voltou a se reunir. Os magistrados reassumiram seus cargos.

Quase que de repente, a Questão Veios voltou a ser levantada. Camilo estava decidido a resolver o caso, de uma vez por todas.

Uns poucos dos mais radicais tribunos dos plebeus alegavam que a cidade estava tão arruinada, e seus locais sagrados tão poluídos pelos

gauleses, que Roma devia ser abandonada. Propunham que a população inteira se mudasse imediatamente para Veios, onde muitos dos exilados tinham achado abrigo durante a ocupação e começavam a se sentir à vontade. Ignorando todas as outras possibilidades, Camilo agarrara-se àquele argumento e decidira dar ao debate um formato de proposta na base de "tudo ou nada": os cidadãos iriam abandonar Roma por completo e mudar-se para Veios, ou demolir todos os prédios de Veios para conseguir material para reconstruir Roma?

Com o Senado unido a apoiá-lo, Camilo compareceu perante o público reunido no Fórum. Subiu para a plataforma, a fim de se dirigir a ele.

— Meus concidadãos, as controvérsias levantadas pelos tribunos dos plebeus são tão dolorosas para mim, que durante o tempo todo que vivi num amargo exílio meu único consolo era estar muito distante dessa interminável disputa! Para enfrentar esse absurdo, eu nunca teria voltado, mesmo que vocês me chamassem por mil decretos senatoriais. Mas agora voltei, porque a minha cidade precisava de mim... e agora volta a precisar, para combater uma batalha ainda mais desesperada, pela própria existência dela! Por que sofremos e derramamos o nosso sangue para livrá-la de nossos inimigos, se agora pretendemos abandoná-la? Enquanto os gauleses ocuparam a cidade, um pequeno bando de bravos resistiu no topo do Capitolino, recusando-se a abandonar Roma. Agora, os tribunos querem fazer o que os gauleses não conseguiram: querem obrigar aqueles bravos romanos, e todos os demais, a deixar a cidade. Será que é uma vitória, perder aquilo que nos é mais caro?

"Acima de qualquer outra preocupação, é preciso levar em consideração a vontade dos deuses. Quando seguimos a orientação divina, tudo vai bem. Quando a desprezamos, o resultado é o desastre! Uma voz vinda do céu anunciou a chegada dos gauleses a Marcos Cedício... um claro aviso para que nos preocupássemos... e, no entanto, pouco depois, um de nossos embaixadores enviados aos gauleses violou flagrantemente a lei sagrada e pegou em armas contra eles. Em vez de serem castigados pelo povo, o infrator foi recompensado. Pouco depois, os deuses nos castigaram, permitindo que os gauleses ocupassem a nossa adorada Roma.

"Durante a ocupação, porém, ocorreram atos de tamanha piedade, que os favores dos deuses nos foram restaurados. Contra desvantagens impossíveis, Caio Fábio Dorso realizou um feito milagroso. A fim de homenagear o fundador da cidade, ele deixou a segurança do Capitolino e

foi a pé até o Quirinal, desarmado e sem ligar para o perigo. Tão avassaladora foi a aura de santidade que o protegeu, que ele voltou incólume! E embora os defensores do Capitolino sofressem terrivelmente com a fome, deixaram os sagrados gansos de Juno intocados... um ato de piedade que resultou na salvação deles.

"Que sorte a nossa, possuir uma cidade que foi fundada por Rômulo com a aprovação divina! Aqueles que vieram em seguida encheram-na de templos e altares, de modo que deuses habitam em cada canto da cidade. Alguns idiotas dirão: 'Mas sem dúvida os deuses podem ser adorados tanto em Veios quanto aqui em Roma.' Um absurdo! Uma blasfêmia! Se os deuses quisessem viver em Veios, nunca teriam deixado que ela fosse conquistada. Se eles não quisessem viver em Roma, jamais teriam permitido que retomássemos a cidade. O favor divino de um lugar não é uma coisa que se possa colocar num baú e levar consigo!

"Sim, Roma está em ruínas, e durante um certo tempo teremos que suportar o desconforto. Mas mesmo que tenhamos todos que morar em cabanas outra vez, o que tem isso? Rômulo morou numa cabana! Nossos ancestrais eram porqueiros e refugiados, mas, no entanto, construíram uma cidade em poucos anos a partir do nada, a não ser florestas e pântanos. Nós iremos olhar para o exemplo deles e reconstruir a cidade, tornando-a melhor do que era antes.

"Esse desastre dos gauleses não passa de um breve episódio. Roma tem um grande destino. A história dela está apenas começando. Já se esqueceram de como o Capitolino recebeu o seu nome? Uma cabeça humana foi exumada lá, e os sacerdotes acharam isso um poderoso augúrio: aqui ficaria, um dia, a cabeça e o supremo poder soberano do mundo. Esse dia ainda não chegou... mas chegará! Abandonem Roma, e vocês abandonam o seu destino; entregam seus descendentes ao esquecimento.

"Olhem para seus corações, romanos! *Aqui* está a terra do seu coração. Permitam que lhes diga, por experiência própria, que não há nada pior do que sofrer com saudade de casa. No meu exílio, nunca deixei de sonhar com essas colinas e esses vales, com o Tibre sinuoso, com as vistas dos cumes, com o céu infundável sob o qual nasci e fui criado. O meu lugar é aqui. O lugar *de vocês* é aqui. Aqui, e em mais lugar nenhum, agora e para sempre!"

A multidão estava profundamente emocionada, mas continuou indecisa. Respondeu às palavras finais de Camilo com um prolongado e

incômodo silêncio.

Justo naquele momento, uma companhia de soldados que voltava do serviço de guarda chegou ao lado oposto do Fórum. Os soldados escalados para render a companhia estavam atrasados. O exasperado comandante ordenou que seus homens parassem.

Não adianta ir para outro lugar qualquer — disse ele. — É melhor ficarmos por aqui.

A acústica do Fórum era tal, que suas palavras chegaram em alto e bom som aos ouvintes de Camilo, quase como se viessem do céu. As pessoas se entreolharam, perplexas. Ouviram-se risos nervosos e gritos de espanto.

É um augúrio! — gritou alguém. — Um augúrio dos deuses! A voz falou com Marcos Cedício antes de tudo isso começar. Agora, a voz torna a falar conosco! "É melhor ficarmos por aqui."

Ficar por aqui! — cantou o povo. — Ficar por aqui! Ficar por aqui!

A multidão irrompeu numa explosão de vivas, risos e lágrimas de alegria. Camilo, que podia enxergar até o lado oposto do Fórum e sabia exatamente de onde a voz viera, sentiu uma vergonha extrema. Apesar de toda sua eloqüência e paixão, fora uma observação casual, feita por um soldado anônimo, que inclinara os pratos da balança.

De pé, num lugar de honra, mantendo a compostura apesar do barulho da multidão, estavam as vestais. A Virgem Máxima estava rigidamente ereta, permitindo-se um leve sorriso. Fósia, mais enamorada do que nunca por Camilo, olhava extasiada para o ditador. Sua mão procurou a de Pinária e apertou-a com força.

Ah, Pinária! — sussurrou ela. — Nós todas passamos por tanta coisa... você, mais do que qualquer uma de nós. E, no entanto, tudo voltará a ficar bem. Vesta nunca deixou de velar por nós, e agora seu servo, Camilo, irá nos guiar de volta para a virtude!

Pinária não respondeu. A perda do filho e a separação de Pennatus a tinham mergulhado numa dor profunda. A retomada de seus deveres do dia-a-dia como vestal não lhe trazia conforto algum. A contemplação do fogo sagrado só fazia enchê-la de dúvidas. Durante o hiato longe de Roma — assim lhe afirmavam as outras vestais — o fogo jamais tivera um mínimo de oscilação, mas queimara com a firmeza de sempre. Como poderia ser assim, quando Pinária quebrara repetidas vezes o seu voto de castidade? Seus atos de impiedade deveriam ter extingüido o fogo por completo!

O que significaria o fato de Pinária ter pecado e, no entanto, não haver qualquer consequência? Será que a deusa estava distraída, ou era clemente, ou simplesmente não existia? Se um pecado tivesse sido cometido, Pinária deveria estar morta. Se não houvera pecado, ela nunca deveria ter se separado de seu filho!

Fóslia apertou-lhe a mão e dirigiu-lhe um sorriso de comiseração. Pinária sofrerá tanto no cativoiro, que não era de admirar que devesse verter lágrimas. Quando Pinária curvou a cabeça e apertou os seios, Fóslia pensou que sua colega vestal estivesse com dor no peito, sem saber da existência do talismã que estava escondido sob as vestes de Pinária.

373 a.C.

Os CIDADÃOS VOTARAM A FAVOR de demolir Veios e reconstruir Roma. Para comemorar, foi construído um templo no lugar em que Marcos Cedício recebera o aviso divino. O templo foi dedicado a uma nova divindade chamada Aio Locúcio, o Deus da Palavra.

Camilo também decretou uma cerimônia anual para homenagear os gansos por salvarem os romanos que estavam no Capitolino. Uma procissão solene seria liderada por um ganso sagrado de Juno empoleirado, com honras, numa colcha, numa liteira, seguido por um cachorro empalado numa estaca.

A cidade foi reconstruída de forma apressada e, muitas vezes, acidental. Vizinhos faziam construções que invadiam as linhas limítrofes das propriedades. Muitas vezes, novas construções avançavam sobre servidões de passagem, reduzindo ruas em becos estreitos ou bloqueando-as por completo. As disputas de propriedades iriam continuar ao longo de gerações, como aconteceria com as reclamações de que as linhas de esgoto públicas que originalmente corriam sob ruas públicas corriam, agora, sob casas particulares. Durante séculos, quem visitasse Roma observaria que a disposição geral da cidade se parecia mais com um acampamento de grileiros do que com uma cidade projetada como devia, tal como as dos gregos.

O filho de Pinária e Pennatus — que, sem saber, levava a consangüinidade patrícia dos Pinário e dos Potício — foi devidamente adotado pela família quase tão antiga, dos Fábio. Dorso deu ao menino o nome de Kesão e o criou com o mesmo amor como se ele tivesse nascido de

sua virilha. Quando nada, o jovem Kesão recebeu mais favores do que seus irmãos, porque era uma lembrança constante, para Dorso, dos melhores dias de sua juventude. Nenhuma outra fase da vida seria tão especial para Dorso quanto os meses de cativo no topo do Capitolino, quando nada parecia impossível e cada dia de sobrevivência era uma dádiva dos deuses.

Pennatus levava a vida como o leal escravo de Caio Fábio Dorso. Sua inteligência e discrição tiraram seu senhor de muitas confusões ao longo dos anos, muitas vezes sem que Dorso soubesse. Pennatus dedicava um cuidado especial ao jovem Kesão. Amigos da família atribuíam a afeição especial de Pennatus pelo seu jovem protegido ao fato de que ele descobrira e salvara o enjeitado. Ver os dois caminhando pelo Palatino, Pennatus mimando o garoto e o garoto erguendo os olhos para o escravo com total confiança, era uma visão emocionante.

Pinária continuou vestal a vida toda, embora perseguida por dúvidas que mantinha em segredo e não expressava a ninguém. Não tanto em segredo, ela acalentava o presente que Pennatus lhe dera, do qual ela removera, com cuidado, o chumbo, restaurando o brilho dourado, e que ela usava abertamente depois que Postúmia morreu e Fósia se tornou Virgem Máxima. Quando as outras vestais expressavam curiosidade, ela explicava a antigüidade de Fascinus, sem revelar sua origem.

Fósia tinha uma curiosidade especial quanto às qualidades protetoras de Fascinus. Como Virgem Máxima, adotou a prática de incorporar Fascinus nas procissões triunfais. Mandou fazer uma cópia do original de Pinária e escondeu-o sob o carro do general vitorioso, onde servia para afastar qualquer mal que pudesse ser lançado por olhos invejosos. A colocação daquele objeto, chamado de Fascinus, embaixo do carro, virou um dever tradicional das vestais dali por diante. Amuletos semelhantes, feitos de metais sem valor, passaram a ser de uso comum. Com o tempo, quase toda mulher grávida em Roma usava o seu fascinum para proteger a ela e à criança de feitiços malévolos. Alguns tinham asas, mas a maioria, não.

Pinária ficara gostando muito de Dorso durante o cativo no Capitolino. Depois, teve o cuidado de manter uma distância respeitável dele, para evitar que a amizade dos dois levantasse suspeitas desagradáveis. Apesar de tudo, em cerimônias públicas, seus caminhos estavam sempre se cruzando. Em tais ocasiões, às vezes Pinária via Pennatus de relance. Ela evitava fitá-lo nos olhos e nunca falava com ele.

As ocasiões também permitiam que Pinária visse seu filho em várias fases do crescimento. Quando Kesão atingiu a maioridade e comemorou seu 16º aniversário vestindo a toga de homem, ninguém, inclusive ele, achou estranho que Pinária fosse convidada para a festa. Todos sabiam que a vestal testemunhara o famoso caminhar de seu pai além das barricadas, e que o pai tinha uma estima especial por ela.

Mas o jovem Kesão ficou um pouco surpreso quando Pinária pediu que ele se juntasse a ela a sós no jardim. Ficou ainda mais surpreso com o pingente que ela lhe deu. Era uma corrente de ouro, da qual pendia um amuleto de ouro do tipo chamado de fascinum.

Kesão sorriu. Com os cabelos revoltos, cor de palha, e os brilhantes olhos azuis, para Pinária ele ainda parecia uma criança.

Mas não sou uma criancinha! E, sem dúvida, não sou uma mulher grávida! Eu sou um homem. Este é todo o significado desta data!

Mesmo assim, eu quero que aceite. Creio que uma força primitiva, um poder ainda mais velho do que os deuses, acompanhou seu pai e o protegeu em sua famosa caminhada. Aquela força está neste exato amuleto.

A senhora está dizendo que meu pai usava isto quando caminhou por entre os gauleses?

Não. Mas, apesar de tudo, o amuleto estava muito perto dele. Muito perto! Este não é um fascinum comum, do tipo que qualquer pessoa pode comprar no mercado por algumas moedas. Este é o primeiro de todos esses amuletos, o original. Este é Fascinus, que morou em Roma antes de qualquer outro deus, até mesmo de Júpiter ou Hércules.

Kesão ficou um pouco surpreso. Eram palavras estranhas, vindas de uma vestal. Uma imagem do gerador masculino da vida era ura presente estranho de se receber de uma virgem sagrada. Mesmo assim, obediente, ele passou o colar pela cabeça. Examinou o amuleto. As bordas estavam gastas pelo tempo.

Parece, mesmo, *muito* velho.

É antigo... tão antigo quanto o poder divino que ele representa.

Mas é muito valioso! Eu não posso aceitá-lo da senhora.

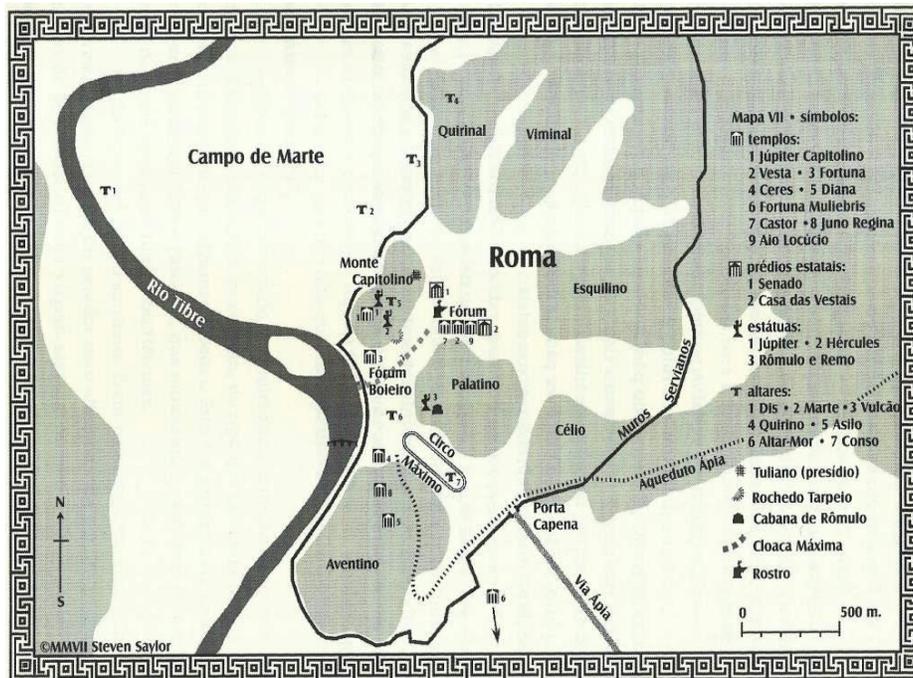
Pode. Tem de aceitar! — Ela segurou-lhe as mãos e apertou-as com força. — Neste dia, seu 16º aniversário, eu, a vestal Pinária, dou Fascinus de presente a você, Kesão Fábio Dorso. Eu lhe peço que o use em ocasiões especiais, e que o passe adiante, na época, ao seu próprio filho. Você fará isso por mim, Kesão?

Claro que farei, vestal. A senhora me honra.

Os dois ouviram um leve ruído e voltaram-se para ver que o escravo Pennatus os estava olhando lá do pórtico. Havia em seu rosto uma expressão que Kesão, que conhecia o escravo a vida toda, nunca vira antes, uma extraordinária expressão de um misto de tristeza e alegria, realização e arrependimento. Confuso, Kesão olhou outra vez para a vestal e ficou impressionado ao ver exatamente a mesma expressão no rosto dela.

Pennatus desapareceu no interior da casa. Pinária soltou as mãos de Kesão e afastou-se numa direção diferente, deixando-o sozinho no jardim, com o amuleto que ela lhe dera.

Os adultos eram tão misteriosos! Kesão se perguntou se estava realmente pronto para se tornar um deles, apesar do fato de aquele ser o seu dia da toga.



CAPÍTULO VII

O ARQUITETO DA PRÓPRIA FORTUNA

312 A.C.

- Então, meu jovem, este é o seu dia da toga... e que dia esplêndido para isso! Diga-me, como comemorou até agora?

Cercado pelos impressionantes jardins no centro de sua suntuosa casa, usando a mais bela toga para a ocasião, Quinto Fábio estava sentado de braços cruzados, franziu o cenho de traços marcados e pareceu zombar do visitante. O jovem Kesão tinha sido avisado sobre a expressão severa de seu eminente primo; o maior general de Roma não era conhecido como um homem que sorrisse. Kesão tentou não se deixar intimidar. Mesmo assim, teve de pigarrear antes que pudesse responder.

— Bem, primo Quinto, eu acordei muito cedo. Meu pai me presenteou com uma herança de família, um fascinum de ouro numa corrente de ouro, que ele tirou do próprio pescoço para colocar sobre o meu. Há uma história ligada a ele; ele foi dado ao meu avô há muito tempo, pela famosa vestal Pinária. Depois, meu pai me deu de presente a minha toga e

ajudou-me a vesti-la. Nunca pensei que fosse tão complicado fazer com que as dobras caíssem de forma correta! Fizemos uma longa caminhada em torno do Fórum, onde ele me apresentou a seus amigos e colegas. Tive permissão para subir na plataforma do orador, para ver como fica o Fórum visto da perspectiva do Rostro.

É claro, quando eu era garoto — disse Quinto, interrompendo —, a plataforma do orador ainda não era chamada de Rostro, porque ainda não tinha sido decorada com todos aqueles esporões de navios. Você sabe quando isso aconteceu?

Kesão tornou a pigarrear.

Creio que foi durante o consulado de Lúcio Fúrio Camilo, neto do grande Camilo. A cidade costeira de Âncio foi subjugada pelas armas romanas, e seus habitantes foram obrigados a retirar os aríetes das proas, os chamados rostros, ou "bicos", de seus navios de guerra e mandá-los, como um tributo, para Roma. Os bicos foram instalados como decorações na plataforma do orador; daí o nome da plataforma, Rostro.

Quinto fez uma careta e confirmou com a cabeça.

Continue.

Depois que estive no Rostro, subimos o Capitolino. Lá, observamos uma tradição da família Dorso: refizemos o caminho seguido por meu bisavô, Caio Fábio Dorso, quando ele andou do Capitolino ao Quirinal, desafiando os gauleses. No altar de Quirino, um adivinho interpretou os auspícios. Um falcão solitário foi visto voando da esquerda para a direita. O adivinho declarou que aquilo era um bom augúrio.

Bom, mesmo! O falcão vai proteger você em combate. E qual é a sensação, meu jovem, de usar uma toga?

A sensação é muito boa, primo Quinto.

Na verdade, a vestimenta de lã era mais pesada e quente do que Kesão esperara.

Quinto confirmou com a cabeça. Ele achava que a toga parecia muito incongruente no jovem Kesão, servindo apenas para enfatizar sua beleza infantil — os cachos louros e as faces enrubescidas e sem barba, os carnudos lábios vermelhos e brilhantes olhos azuis. Em voz alta, Quinto limitou-se a dizer:

Você, agora, é um homem. Parabéns.

Obrigado, primo Quinto. — Kesão forçou um sorriso. De todos os acontecimentos do dia, aquela visita poderia ser o mais importante; em

homenagem à sua ascensão à maturidade, ele tinha sido convidado para jantar, a sós, com o mais eminente de todos os Fábio, o principal membro dos muitos ramos da família, o grande estadista e general Quinto Fábio. Nervoso e cansado, mas decidido a se sair bem, Kesão estava sentado rígido em sua cadeira sem costas e enfrentou o olhar de aço do primo.

Pois então, vamos passar à sala de jantar — disse Quinto. — Você e eu vamos comer e beber como dois homens experientes e conversar sobre o seu futuro.

Na verdade, a conversa foi, quase que em sua totalidade, sobre o passado. Enquanto comiam vários petiscos — fígado de porco com aipo em molho de vinho, dobradinha cozida com canela e noz-moscada, carne de carneiro em creme de erva-doce —, Quinto revelou trechos da história da família. Kesão já tinha ouvido quase tudo aquilo antes, mas nunca como contado pelo grande Quinto. O bisavô de Kesão ainda estava vivo quando Quinto era jovem; Quinto estivera com o ilustre Dorso em várias ocasiões e ouvira a história da famosa caminhada contada pelo próprio.

Quinto também relatou a mais famosa e trágica proeza dos Fábio, o grande sacrifício feito durante a primeira guerra contra Veios, quando a família recrutou um exército inteiro de suas próprias fileiras, apenas para ver todos, exceto um deles, mortos numa terrível emboscada.

De 307 guerreiros, só aquele jovem sobreviveu para continuar o nome da família — disse Quinto. — Como uma floresta de árvores nobres destruída por um incêndio, de uma única planta nova a família se regenerou... prova da determinação dos deuses para que os Fábio tivessem um grande papel na história de Roma.

Quinto não foi menos modesto quanto a alardear suas façanhas. No início de sua carreira, como Senhor dos Cavalos do ditador Lúcio Papírio Cursor, ele entrara em combate com os samnitas, contra as ordens expressas do ditador. Embora conseguisse uma vitória estrondosa, enfrentara a morte pela desobediência.

Lá estava eu no Fórum, com meu pai de joelhos diante de Papírio, implorando pela minha vida. Só um grande protesto do Senado e do povo impediu o ditador de ordenar aos seus lictores que me executassem ali mesmo, com suas varas e seus machados. Apesar de exonerado do cargo, mantive a cabeça... por pouco! Mas as inversões da sorte podem ser rápidas. Apenas três anos mais tarde, eu me tornei um dos mais jovens a ser eleito cônsul. Uma vez mais, infligi uma derrota retumbante aos samnitas e recebi

uma grande marcha triunfal. Logo no ano seguinte, os cônsules que me sucederam deram aos samnitas uma de suas maiores vitórias sobre nós. Para o bem ou para o mal, eu não estava presente no desastre dos Desfiladeiros Caudinos. Suponho que você conhece a vergonhosa história, não?

Kesão, rápido, baixou a azeitona que estava a caminho de sua boca.

Conheço, primo. Um exército romano sob o comando dos cônsules Tito Vetúrio Calvino e Espúrio Postúmio, ao procurar um atalho, passou por estreito desfiladeiro para uma garganta que se estreitava ainda mais no final. Quando chegou ao segundo desfiladeiro, o exército descobriu que a passagem tinha sido totalmente bloqueada com árvores derrubadas e outros entulhos. Eles voltaram correndo para a entrada, só para descobrir que também tinha sido deixada intransitável pelo inimigo. Aqueles estreitos desfiladeiros eram os Desfiladeiros Caudinos, entre os quais o exército inteiro ficou inapelavelmente encurralado. Dias se passaram. Em vez de deixarem os homens passar fome ou tentar uma fuga impossível que teria resultado num massacre completo, os cônsules submeteram-se às condições impostas pelos seus captores samnitas.

E o que aquelas condições incluíam? — perguntou Quinto. — Vamos, rapaz, conte o que lhe ensinaram.

Os romanos foram obrigados a largar as armas e as armaduras e a despir todas as peças de roupa. Nus, foram obrigados a sair pelo desfiladeiro passando debaixo de um jugo, como símbolo de sujeição ao inimigo. Até os cônsules foram obrigados a fazer isso. Os samnitas ovacionavam e riam deles, e brandiam suas espadas diante dos rostos dos romanos. Os soldados voltaram para casa vivos, mas em desgraça. Foi um dia muito negro para Roma.

O mais negro, depois da chegada dos gauleses! — declarou Quinto. — Mas em vez de fingir que isso nunca aconteceu, temos que reconhecê-lo e, ao perceber os erros que os cônsules cometeram, deixando de sondar o caminho à sua frente — vamos fazer com que uma coisa dessas nunca mais se repita. Enquanto isso, a guerra com os samnitas continua, mas não pode haver dúvida quanto ao resultado final. Só pela conquista podemos continuar a prosperar. Só a conquista pode nos deixar seguros! É dever de todo romano erguer a espada e dar a vida, se for preciso, para cumprir o destino de Roma: o domínio de toda a Itália e, depois disso, expansão para o norte, onde, um dia, iremos nos vingar dos gauleses e fazer com que nunca

mais voltem a nos ameaçar. Você vai cumprir com o seu dever para com Roma, rapaz?

Kesão respirou fundo.

Eu gostaria muito de matar alguns samnitas, se for capaz. E talvez, alguns gauleses, também.

Pela primeira vez, Quinto sorriu.

Muito bem, rapaz!

Seu aspecto carrancudo voltou quando ele começou a falar em política. Como patrícios, afirmou ele, cabia a cada Fábio valer-se de seus direitos hereditários em todas as ocasiões e proteger esses privilégios contra qualquer intrusão dos plebeus.

Não há dúvida de que há alguns plebeus que merecem chegar a cargos elevados. É um bem para Roma que os mais ambiciosos e capazes dos plebeus tenham subido para unirem-se às fileiras da nobreza, casando com membros de nossas famílias e governando a cidade ao nosso lado. Roma recompensa o mérito. A ralé, os estrangeiros, até mesmo os escravos libertos, têm a chance de subir, apesar de haver inúmeras barreiras para reduzir o ritmo do progresso deles... o que é como deve ser! A democracia, tal como praticada por algumas colônias gregas no sul da Itália, dando a cada homem o mesmo direito, tem sido mantida longe de Roma, graças aos deuses! Aqui, reinam os princípios republicanos, pelos quais eu me refiro à liberdade da elite nobre competir igual e abertamente por honras políticas.

Ele se recostou em seu divã e interrompeu o discurso por alguns instantes, a fim de desfrutar de cenouras sauté e pastinaca.

Mas eu me desviei da história da família, um assunto mais adequado ao seu dia da toga. A origem dos Fábio está envolta em mistério, é claro, como acontece com todos os assuntos que recuam a uma época anterior à introdução da escrita entre os romanos. No entanto, nossas melhores autoridades acreditam que as primeiras famílias romanas eram descendentes dos deuses.

Meu amigo Marco Júlio diz que a família dele descende de Vênus — disse Kesão.

É mesmo? — disse Quinto, erguendo uma sobrancelha. — Isso pode explicar por que os Júlio são melhores amantes do que combatentes. O nosso pedigree é um pouco mais heróico. De acordo com historiadores da família, o primeiro Fábio que existiu foi filho de Hércules com uma ninfa da floresta, nascido nas margens do Tibre, no início dos tempos. Assim, o

sangue de Hércules corre nas veias dos Fábio, até mesmo agora. — Quinto dirigiu, de má vontade, um segundo sorriso a Kesão, e depois franziu o cenho e ficou calado.

Houve um momento constrangedor quando os dois perceberam que estavam pensando a mesma coisa — que o ramo imediato da família de Kesão, nascido, como nascera, de uma adoção, não tinha o velho sangue fabiano. Nem Quinto nem Kesão tinham como saber que a verdade era muito mais complicada. Na verdade, a alegação dos Fábio, de que descendiam de Hércules, era completamente espúria, enquanto que o sangue do visitante identificado mais tarde como Hércules, corria realmente nas veias de Kesão, através de sua descendência dos Potício, circunstância desconhecida pelos dois.

O momento constrangedor estendeu-se a um ponto intolerável. O rosto de Kesão ficou quente. Tinham chegado perto de um assunto que deixara Kesão contrafeito desde o dia em que ficara sabendo, quando criança, que seu avô não tinha nascido um Fábio, mas era um enjeitado que fora adotado. A história era contada com orgulho, porque demonstrava a piedade do grande Dorso, que das ruínas de Roma erguera um órfão recém-nascido para ser seu filho. Também tinha sido explicado a Kesão que seu avô era especial. Não tinham os deuses determinado que o enjeitado fosse transformado num Fábio? Os deuses punham a vida em movimento; o que importava, depois disso, era no que um homem se transformava. O verdadeiro teste de um romano — era o que dizia o pai de Kesão — não estava na sua linhagem, mas em curvar o mundo à sua vontade.

Apesar dessas afirmativas e garantias, o fato de sua verdadeira linhagem ser desconhecida fazia, com freqüência cada vez maior, com que Kesão se perguntasse sobre suas origens e se preocupasse com elas. Parecia inevitável que o assunto acabasse surgindo naquele dia especial, e surgira, ainda que não fosse mencionado.

Kesão ficou tão aturdido que, de repente, mudou de assunto.

Você falou, mais atrás, de sua ilustre carreira, primo, mas não mencionou um episódio que sempre me deixou intrigado.

Ah, foi? — disse Quinto. — E qual é ele?

Creio que aconteceu não muito tempo antes de eu nascer, quando você estava começando sua carreira política. Teve a ver com um famoso caso de envenenamento, ou melhor, muitos casos de envenenamento.

Quinto fez um gesto afirmativo com a cabeça, sério.

Você se refere à investigação que aconteceu no ano em que servi como edil curul. Uma verdadeira epidemia de veneno!

Se preferir não falar nisso...

Estou perfeitamente disposto a conversar sobre isso. Tal como o desastre nos Desfiladeiros Caudinos. Não faz sentido esconder um episódio desses, por mais desagradável que seja. Como você disse, eu era jovem, e estava muito emocionado por ter sido eleito edil curul, uma magistratura que automaticamente me admitia no quadro do Senado. Cabia a mim a responsabilidade de manter a lei e a ordem na cidade.

Parece um cargo fascinante.

Parece? Na maior parte, consistia em enfadonhosos deveres administrativos: multar cidadãos que tivessem danificado propriedade pública, investigar acusações de cobranças exageradas por parte dos que emprestavam dinheiro, esse tipo de coisa. Não era um posto agradável para um homem que preferiria estar combatendo! Porém, minhas reclamações nada representavam se comparadas com a tristeza geral que reinava sobre a cidade naquele ano. As pessoas estavam temerosas e aflitas, porque parecia que baixara sobre nós uma epidemia da mais estranha natureza. As vítimas eram só homens... não havia uma só mulher entre elas... e os sintomas variavam de modo inexplicável. Alguns morriam depressa. Outros recuperavam-se por um curto período e depois recaíam e morriam. Mais estranho ainda era o fato de um número desproporcional dos que morriam serem homens de alta distinção. As epidemias tendem a atacar, de preferência, os pobres e os de origem inferior, em relação aos mais bem situados, e não o contrário. A natureza peculiar e o crescente número de baixas dessa epidemia só foram percebidos gradativamente ao longo de meses, e àquela altura os sacerdotes e magistrados, ficaram muitíssimo alarmados. Parecia que a ira dos deuses estava em ação. O que teria o povo de Roma, em especial seus líderes, feito para ofendê-los?

"Em dado momento, o Senado apelou para um antigo recurso em épocas de epidemias. Como você sabe, existe uma tabuleta de madeira no interior do Templo de Júpiter, afixada no portal de entrada do santuário de Minerva, à direita. Desde a fundação do templo, todos os anos, nos idos de setembro, um dos cônsules enfia um prego na tabuleta, para assinalar a passagem de cada ano; assim, podem ser calculadas as idades do templo e da República. A tabuleta adorna o santuário de Minerva porque os números foram uma de suas dádivas à humanidade. Mas a tabuleta tem uma outra

função, mais rara. Em tempos de epidemias, pode ser nomeado um ditador especial... uma nomeação religiosa, não militar... para cumprir um único dever: ele tem que botar mais um prego na tabuleta de madeira. Ninguém sabe como surgiu esse costume, mas o efeito é reduzir os males da epidemia. Assim, também, os anos de epidemia podem ser lembrados, e calculada a frequência dessas explosões.

"Assim foi feito naquele caso. Foi nomeado um ditador especial... Cneu Quintílio, pelo que me lembro. Com as vestais, os sacerdotes e todos os magistrados presentes, Quintílio cravou um prego na tabuleta e, depois, cumprido o seu dever, demitiu-se do cargo. Mas o ritual não produziu alívio algum. A epidemia continuou e o número de vítimas aumentava. O povo foi ficando mais amedrontado e, seus líderes, mais aflitos. Eu estava tão preocupado quanto qualquer outra pessoa, é claro, mas como edil curul praticamente não me cabia pensar num meio adequado de agradar aos deuses e acabar com a epidemia.

"Então, um dia, enquanto eu cuidava dos meus afazeres em meus aposentos no Fórum, uma jovem foi me procurar. Ela se recusou a me dizer seu nome, mas pelos trajés e modos, pude ver que talvez fosse de uma criada nascida livre de um respeitável domicílio familiar. Ela disse que tinha algo muito horrível para contar, mas só se eu promettesse protegê-la de um castigo por parte do estado ou vingança daqueles cujos crimes ela iria revelar. Ora, pensei que aquilo iria ser nada mais lúgubre do que um caso de empreiteiro que surrupiasse tijolos da cidade, ou algum colocador de canos cobrando duas vezes pelo conserto do mesmo trecho dos esgotos públicos. Dei-lhe minhas garantias, e ela então me disse que a epidemia que afetava a cidade tinha origem humana... e perpetrada não por homens, mas por mulheres. Ela acusou a própria patroa, juntamente com algumas das mais bem-nascidas mulheres de Roma.

"À primeira vista, a história pareceu um absurdo. Por que possível razão tantas mulheres iriam apelar para o envenenamento dos maridos e vários outros parentes do sexo masculino? Uma mulher poderia apelar para o veneno, sim; mas dezenas de mulheres, repetidas vezes, todas no mesmo ano? E no entanto, àquela altura, centenas de homens tinham morrido, e nenhuma causa ainda fora descoberta. Solicitei uma prova. Ela se ofereceu a me levar a uma casa onde os venenos eram feitos. Se tivéssemos sorte, disse ela, poderíamos pegar algumas das mulheres no ato de prepará-los.

"Eu tinha que agir, e depressa. Naquele momento o serviço que eu achava trivial e enfadonho de repente pesara sobre mim como o mundo deve ter pesado nos ombros de Atlas.

Quinto suspirou, mas seus olhos brilhavam; era evidente que contar a terrível história lhe dava uma grande satisfação.

E o que aconteceu, então, primo Quinto?

A rapidez era essencial, mas formas adequadas tinham que ser observadas, caso contrário, qualquer prova poderia ficar prejudicada. Alertei os cônsules imediatamente... como o velho Caio Valério reclamou quando o acordei de um cochilo durante o dia! Tendo os cônsules como testemunhas, juntamente com seus lictores, fui até a casa em questão, a residência de um patrício chamado Cornélio... uma das primeiras vítimas da epidemia. O nome da viúva era Sérgia. O escravo dela que atendia à porta, ao ver tanta gente do lado de fora, empalideceu e tentou impedir nossa entrada. Eu entrei, abrindo caminho com um empurrão.

"Nos fundos da casa, encontramos um cômodo que devia ter sido uma cozinha, mas que passara a ser inteiramente dedicado ao preparo de poções. Ervas estavam penduradas nas vigas com pedaços de barbante. Potes borbulhavam e ferviam. Um pote fora colocado numa prateleira de madeira para esfriar; ao lado dele havia uma fila de pequenas garrafas de barro. Era evidente que Sérgia era quem mandava; as outras mulheres eram simples criadas. Quando ela nos viu e percebeu o que acontecera, agarrou uma das garrafas e ergueu-a para os lábios. Derrubei a garrafa da mão dela. A garrafa se espatifou no chão e respingou minha túnica de um líquido verde. Os lictores a detiveram. Havia um ódio no olhar dela que me gelou o sangue.

"S Sérgia recusou-se a responder perguntas, mas, com um pouco de persuasão, as escravas falaram logo. Elas nos levaram a mais de vinte casas em que os produtos da cozinha de Sérgia poderiam ser encontrados. Que dia aquele, invadindo uma casa atrás da outra, testemunhando o ultraje das mulheres, o pasmo dos maridos, o medo e a confusão dos filhos. As mulheres envolvidas foram obrigadas a comparecer perante os cônsules no Fórum, juntamente com as poções que tinham sido apreendidas.

"Antes daquele dia, nunca acontecera um inquérito público sobre acusações de envenenamento. Tais casos eram muito raros e, quando aconteciam, tinham sempre sido tratados inteiramente dentro do domicílio familiar afetado, com a justiça aplicada pelo páter-famílias. 'Começou sob o telhado dele, que termine sob o telhado dele', diz o ditado. Se a mulher, a

filha ou o filho do chefe da casa tivesse a ousadia de cometer um crime desses, era prerrogativa do páter-famílias determinar a culpa e exigir o castigo.

"Mas aquilo estava, evidentemente, fora da alçada de qualquer páter-famílias isolado. Simplesmente não havia um precedente para uma coisa dessas... uma vasta rede de crimes tecida por uma conspiração de mulheres! Os cônsules tinham medo das repercussões por parte das poderosas famílias envolvidas. Por isso, ficaram felicíssimos em permitir que eu, como edil curul, chefiasse a inquirição.

"Sérgia acabou rompendo o silêncio. Alegou que suas poções eram remédios para vários males, nenhum dos quais venenoso. Se o caso era esse, disse eu, que cada mulher presente tome a poção que foi encontrada em seu poder. Aquilo causou uma grande agitação entre as mulheres. Houve muito choro, gritos, puxar de cabelos. Aos poucos, as mulheres acalmaram umas às outras. Por fim, concordaram em fazer o teste. Em perfeita harmonia, seguindo a liderança de Sérgia, as mulheres beberam os supostos remédios.

Quinto abanou a cabeça.

Que visão! Que som! Os estertores de mais de vinte mulheres, ali, diante dos nossos olhos! Nem todas as poções eram iguais, e os efeitos diferiam. Algumas das mulheres foram acometidas de violentas convulsões. Outras enrijeceram os corpos e morreram com uma careta horrível. Eu era jovem, mas já lutara em várias batalhas... Tinha matado homens e visto homens serem mortos, mas nunca vira nada tão estranho e aterrorizante do que a morte daquelas mulheres por suas próprias mãos!

Kesão fitou o primo com os olhos arregalados. Os detalhes dos envenenamentos em massa eram totalmente novos para ele. Kesão achou a história ao mesmo tempo emocionante e repulsiva.

O caso terminou ali, primo Quinto?

Longe disso! Os amigos e criados de todas aquelas mulheres mortas tinham muito mais para nos contar. À medida que mais e mais mulheres eram envolvidas, percebemos que a escala da conspiração era maior do que se poderia ter imaginado. No final, mais de 170 foram declaradas culpadas, e todas foram executadas. O assassinato de tantos cidadãos de destaque, a chocante investigação, as execuções... tudo isso lançou uma sombra de desespero sobre a cidade. A verdade era estarrecedora demais para que alguns a aceitassem. Houve quem dissesse que eu tinha ido longe demais,

que meu julgamento tinha falhas, que eu permitira que pessoas malvadas acusassem falsamente as esposas e filhas de seus inimigos. Ora, nem mesmo os deuses são infalíveis! Acredito que minha investigação foi completa e imparcial, e que nenhum outro homem poderia ter feito melhor. Seja como for, os envenenamentos pararam, e os cidadãos de Roma me recompensaram com a eleição para cargos mais elevados nos anos seguintes.

Kesão abanou a cabeça.

Eu não fazia idéia de que os crimes foram tão disseminados, e tão bizarros. Eu só tinha ouvido vagos rumores, antes.

Isso não me surpreende. Quando o deplorável caso acabou, o povo fez o possível para esquecê-lo.

Mas por que todas aquelas mulheres cometeram aqueles crimes?

As razões que elas deram foram tão variadas quanto os venenos que usaram: ganância, vingança, despeito, ciúme. Tendo cometido um assassinato uma vez, muitas das mulheres pareciam incapazes de resistir a repeti-lo. Foi como se uma espécie de loucura se espalhasse entre elas, uma epidemia homicida, uma compulsão para matar. A raiz dessa loucura, ninguém conseguiu determinar. A única cura certa era a morte. Eu coloquei um fim na epidemia de envenenamentos e, desde então, ela nunca mais reapareceu.

Que história fascinante!

Acha, mesmo?

Claro! Eu gostaria de saber ainda mais. Quem eram aquelas mulheres? Quais os nomes delas? Quem elas mataram, por quê, e quando, e...

Divertido e um pouco lisonjeado pelo entusiasmo do jovem primo, Quinto soltou um grunhido bem-humorado que mais parecia uma risada.

Ora, meu rapaz, acontece que guardei um dossiê detalhado de matérias relativas à minha investigação, quando nada para minha proteção, caso viesse a ser procurado mais tarde, pudesse mostrar exatamente que prova conseguira e as circunstâncias nas quais a obtivera. Todos os detalhes estão ali: nomes, datas, até mesmo as receitas que as mulheres usaram para preparar os diversos venenos. Um número muito grande delas sabia ler e escrever, e algumas mantinham anotações prolixas sobre os venenos e seus efeitos.

Você poderia permitir que eu dê uma olhada nesse dossiê, primo?

Claro. Sabe, ninguém me pediu para vê-lo antes. E, no entanto, aquela investigação é agora uma parte da história da família, uma parte da história de Roma.

Ela não deve ser esquecida — disse Kesão.

Quinto confirmou com a cabeça.

Muito bem. O material deve estar em algum lugar entre as minhas recordações. Quando eu tiver um tempo, vou procurá-lo e deixarei que dê uma olhada.

Mais tarde, naquela noite, sozinho em seu quarto em casa de seu pai, Kesão preparava-se para dormir. À tremeluzente luz de uma única lâmpada, ele tirou a toga sem ajuda de ninguém; despír o traje foi muito mais fácil do que vesti-lo. Com cuidado, dobrou a toga e colocou-a sobre uma cadeira. Tirou a túnica interior e a sunga e ficou nu, à exceção do presente que seu pai lhe dera aquela manhã, o fascinum que pendia da corrente em seu pescoço.

Entre os outros presentes que Kesão ganhara naquele dia, estava um pequeno espelho. Um escravo já o pendurara na parede. O espelho era redondo, feito de prata polida e decorado na borda com imagens gravadas no metal. As imagens retratavam os trabalhos de Hércules. Não havia dúvida de que quem dera o presente, um colega do pai de Kesão, achara que o espelho seria um presente muito apropriado para um jovem Fábio que atingira a maioridade, uma vez que os Fábio se achavam descendentes de Hércules; mas o reflexo do seu rosto, cercado por imagens do semi-deus, só fez com que Kesão se lembrasse de que não era realmente um Fábio por sangue, só por adoção.

Kesão ficou nu diante do espelho e olhou para a sua imagem sombria refletida.

— Hoje, você é um homem, Kesão Fábio Dorso — sussurrou ele. — Mas quem é você? De onde veio? Seu avô foi um enjeitado no entulho; será que ele foi gerado por um deus, ou um gaulês? Você vai viver e morrer sem nunca saber o segredo de sua origem, ou haverá um oráculo que possa responder à sua pergunta?

Ele tocou o amuleto em seu peito. O ouro do fascinum captou a luz tremeluzente da lâmpada e, por um breve instante, Kesão ficou ofuscado pelo reflexo dele no espelho.

Na manhã seguinte, Kesão tornou a vestir a toga para fazer uma visita formal a um homem que ele nunca vira.

Ápio Cláudio — o sétimo com este nome na linha que descendia de Atos Clauso — piscou, sem acreditar, quando seu secretário anunciou o primeiro visitante do dia.

O jovem Fábio? — disse ele. — Tem certeza de que ouviu o nome direito?

O escravo confirmou com a cabeça.

Cláudio franziu os lábios e alisou a barba, que ainda era mais preta do que prateada.

Muito bem, traga-o aqui. Vou recebê-lo no jardim. Recuse todos os outros visitantes até acabarmos.

Quando nada, o jardim de Ápio Cláudio, com sua bela fonte que cercava uma estátua das três Musas e seus terraços de rosas, era ainda mais esplendoroso do que o jardim de Quinto Fábio. Kesão ficou impressionado, mas não surpreso. Se havia um homem tão poderoso e tão respeitado em Roma quanto seu primo Quinto, esse homem era o rival de longa data de Quinto, Ápio Cláudio.

Creio que você merece os parabéns, rapaz — disse Cláudio, levantando-se para cumprimentá-lo. — A toga lhe cai bem.

De fato, Kesão se vestira sozinho aquela manhã, sem ajuda de um escravo, e não conseguira fazer com que o traje caísse de forma correta. Ficou contente ao ocupar a cadeira que Cláudio ofereceu. Sentar disfarçava as dobras desajeitadas da toga.

Obrigado por me receber, Censor.

Kesão se dirigiu ao anfitrião pelo título do prestigioso cargo que ocupava. De muitas maneiras, a censura era uma magistratura ainda mais elevada do que o consulado, e sua posição nobre era indicada pela toga purpúrea que só o censor podia usar. O censor tinha o poder de preencher vagas no Senado. Mantinha também a relação dos cidadãos. Podia incluir homens na lista, ou, com justa causa, eliminá-los dela. A lista do censor determinava a divisão dos cidadãos em unidades votantes, um instrumento que há muito os patrícios usavam em proveito próprio. Ao manipular as listas, o censor podia influenciar o curso das eleições.

Ápio Cláudio também usara os poderes do cargo para obter um controle completo sobre dois projetos de obras públicas de um tamanho sem precedentes. Era por isso que Kesão tinha ido procurá-lo.

Se eu parecer um pouco surpreso, você deve compreender que faz muito tempo desde que qualquer homem chamado Fábio surgiu neste jardim — disse Cláudio, que sorria com a mesma facilidade com que Quinto fazia uma careta. Kesão ouvira dizer que o encanto do homem era sua qualidade mais notável; quando os Fábio diziam isso, não se tratava de um cumprimento. — Sempre que surge uma questão política, parece que seu primo Quinto pende numa direção e eu pendo na outra. Parece que nós dois nunca tendemos a nos encontrar, seja em política, seja pessoalmente.

Kesão falou com cautela.

Ninguém tem estima maior por Quinto Fábio do que eu, mas sou um homem independente.

Muito bem dito! Eu mesmo sei, até demais, qual é o fardo de ter parentes dignos... e indignos. Felizmente, os piores já morreram faz muito tempo. Mas tal como você, Kesão, eu sou um homem independente. Não sou mais responsável pelo comportamento criminoso de meu tataravô, o decênviro, do que você é responsável pela política imbecil, retrógrada, do seu estimado primo. Cada um de nós é independente, e cada homem é o arquiteto de sua fortuna. Vamos brindar a isso?

Um escravo aparecera com duas taças de vinho. Kesão, sentindo-se um pouco desleal para com Quinto, mas ansioso por cair nas boas graças de seu anfitrião, sorveu um gole. O vinho não estava aguado e era mais forte do que ao que ele estava acostumado. Quase que de imediato, ele se sentiu quente e um pouco zozzo.

Cláudio fez um sinal para que as taças tornassem a ser cheias.

Tendo em vista as gélidas relações entre o seu primo Quinto e eu, presumo que você deva ter um motivo muito bom para vir me visitar.

Kesão sentia que o vinho começava a soltar-lhe a língua; talvez, no final das contas, não fosse tão difícil assim expor o seu desejo. Ele estava abrindo a boca para falar, quando o anfitrião o interrompeu.

Mas, não... Posso ver que você veio aqui para tratar de algum assunto determinado, e ainda está muito cedo para discutir assuntos sérios. Vamos nos conhecer um ao outro um pouco. Talvez tenhamos interesses em comum. Você lê latim?

Claro que leio, Censor.

E grego?

Bem... um pouco — disse Kesão.

Pelo que você quer dizer que não. É pena! Pensei que poderia lhe mostrar minha biblioteca, que é a melhor de Roma, mas como quase todos os livros são em grego, ela nada significaria para você. Todo romano devia aprender ao menos grego suficiente para ler os grandes dramaturgos: Ésquilo, Sófocles, Eurípides. E, é claro, os grandes filósofos: Platão e Aristóteles. Mas a sua fisionomia continua inexpressiva, Kesão. Esses nomes nada significam para você?

Lamento, mas não, Censor.

Alas! — Cláudio abanou a cabeça. — E sabe de onde vem *essa* palavra, "alas"?

Kesão franziu o cenho.

Não.

E você é um Fábio, com laços de família com Hércules! "Alas" é a latinização de um nome grego, Hilas. Quem foi Hilas?

Kesão franziu a testa e deu de ombros.

Cláudio suspirou.

Hilas foi um rapaz bonito, o adorado de Hércules. Os dois, juntos, acompanharam Jasão e os Argonautas em sua busca pelo Tosão de Ouro. Quando o Argó ancorou na foz do rio Ascânio, Hilas foi mandado buscar água doce das fontes. Mas as ninfas ficaram com inveja de sua beleza e Hilas foi puxado para dentro d'água, e nunca mais foi visto por mortais. Hércules ficou inconsolável. Durante muito tempo... muito depois de perdida a esperança de se achar o rapaz... ele perambulou de um lado para o outro da margem do rio, gritando: "Hilas! Hilas!" E por isso, nós ainda gritamos "Alas! Alas!" quando ficamos diante de uma grande tristeza.

Kesão ergueu as sobrancelhas. Hilas não estava entre os personagens gravados no espelho que tinham dado a ele.

Nunca ouvi esta história antes. É muito bonita.

Existem várias versões da história de Hércules e Hilas nos meus livros, mas você tem que saber grego para ler qualquer uma delas.

Nunca pretendi ser um erudito, Censor. O dever primordial de um romano é servir ao Estado como soldado...

Realmente! E como guerreiro, não há dúvida de que você poderia se beneficiar ao ler a *Iliada* de Homero... ou, melhor ainda, *A vida de Alexandre*, de Cléon de Corinto. Recebi um exemplar ontem mesmo, por um correio vindo lá de um vendedor de livros em Atenas. Você *ouviu* falar em Alexandre?

Alexandre, o Grande, da Macedônia? Quem não ouviu falar nele? Primeiro, ele conquistou a Grécia e, depois, o mundo inteiro ao sul e a leste, Egito, Pérsia e terras bem distantes que não aparecem em nenhum mapa. Meu pai diz que tivemos sorte por ele não dar atenção ao oeste, caso contrário, teríamos que ter lutado contra ele nas margens do Tibre. Mas Alexandre não vai conquistar mais ninguém. Ele morreu há dez anos.

Onze, na verdade; mas você parece saber mesmo quem foi Alexandre. Muito bem! — Cláudio soltou uma gargalhada e deu de ombros. — Nunca se sabe o que um jovem deve saber, ou não saber, graças à terrível situação da educação romana. Muitos romanos podem citar seus ancestrais até dez gerações. Não é uma proeza difícil, uma vez que todos eles tendem a ter o mesmo nome. Mas quantos podem dizer o nome do tirano que reina em Siracusa, ou encontrar Cartago em um mapa?

Kesão sorriu.

Meu pai diz que o senhor é obcecado por Siracusa e Cartago.

Sou mesmo, porque o futuro de Roma está nas rotas marítimas do Mediterrâneo, e aquelas rotas marítimas serão controladas por Siracusa ou por Cartago... ou por nós.

Meu primo Quinto diz que o nosso futuro está no norte, não no sul. Primeiro, conquistamos a Itália toda e, depois, voltamo-nos para a Gália...

Absurdo! Os gauleses nada têm a nos oferecer, nem mesmo um deus que mereça ser adorado, ou uma língua que mereça ser aprendida. A riqueza do mundo vai pertencer a quem controlar o comércio no Mediterrâneo. Para fazer isso, teremos que nos tornar uma potência marítima ou então transformar em súditos aqueles que já têm uma marinha... como os siracusanos e os cartagineses. A interpretação errônea que seu primo Fábio faz do destino de Roma está no âmago da discórdia entre nós. Ah, mas aqui estou eu falando de política quando esperava encontrar um terreno comum entre nós dois. — Cláudio, pensativo, bateu com o dedo indicador nos lábios. — Uma vez que você é um Kesão, suponho que poderia perguntar sua posição quanto à controvérsia sobre a letra "K"?

Controvérsia?

A minha opinião é que ela deveria ser eliminada do alfabeto romano. Qual a necessidade do "K", quando o "C" serve perfeitamente?

Mas... eu gosto muito do "K" no meu nome...

E o que me diz do "Z"? Eu digo que é abominável e temos que nos desfazer dele!

Abominável?

O som que ele representa é desajeitado e não tem lugar numa língua civilizada. O "Z" fere o ouvido e ofende os olhos.

Os olhos?

Veja, observe o meu rosto enquanto eu a pronuncio. — Cláudio separou os lábios, cerrou os dentes, e fez um prolongado barulho de zumbido. — Está vendo? O homem que faz o som do "Z" fica parecido com um crânio rindo. Horrível! O som e a letra têm que ser implacavelmente eliminados da língua latina.

Kesão riu.

- O senhor parece muito apaixonado quanto a isso!

- Paixão é vida, rapaz. E sim, a língua é a minha paixão. Qual é a sua paixão?

Kesão sentiu-se repentinamente sóbrio. À conversa chegara ao motivo de sua ida.

- Quero ser construtor, Censor.

Cláudio ergueu uma sobrancelha.

- Quer?

- Quero. Mais do que qualquer outra coisa! É claro que estou ansioso por lutar por Roma. E se tiver que entrar para a política e aprender algo sobre as leis, entrarei. Eu até irei aprender um pouco de grego, se os gregos puderem me ensinar alguma coisa sobre arquitetura e engenharia, porque o que realmente quero *é construir*. Tem sido assim, desde quando era criança. Quando eu era pequeno, meus brinquedos favoritos eram blocos de armar. Quando atingi idade suficiente para andar sozinho, em vez de ver atletas ou corridas de bigas, ou soldados treinando no Campo de Marte, eu ficava horas no local de um novo templo ou monumento, ou mesmo num lugar em que os muros da cidade estivessem sendo restaurados, observando os operários e o equipamento, vendo como os guindastes, as alavancas e as roldanas eram usados, observando como a argamassa era misturada e os tijolos colocados para fazer arcos e portais. Admito que não tenho nenhum treinamento especial, mas sei desenhar. Sei que um construtor tem de saber desenhar, e sou muito bom com números, muito melhor do que com as letras.

Entendo. E por isso, veio me procurar.

Isso! Dizem que a estrada que o senhor está construindo, que vai para o sul, em direção a Cápua, é diferente de todas as estradas já construídas até

agora... reta como uma régua, plana como uma mesa, dura como um leito de rocha firme. E todo mundo está falando sobre a sua brilhante idéia de trazer água doce para a cidade... fazendo uma ligação com as fontes perto de Gábios, a 16 quilômetros de Roma, levando a água por via subterrânea e depois a entregando à cidade no alto de um canal elevado sustentado por arcos. Um aqueduto, acho que é como o senhor o chama. Impressionante! Esses projetos são as coisas mais empolgantes que já aconteceram na minha vida... mais empolgantes do que batalhas, ou eleições, ou mesmo histórias sobre conquistadores lá no fim do mundo. E quero fazer parte delas. Sei que há muita coisa que vou precisar aprender, mas estou disposto a trabalhar com afinco. Quero fazer o que for possível para ajudar o senhor a construir a sua nova estrada e o seu aqueduto.

Cláudio sorriu.

Seu entusiasmo é lisonjeiro.

Estou sendo sincero, Censor.

Estou vendo. Estranho! Os Fábio sempre foram guerreiros, e dizem que alguns foram estadistas, mas nunca construtores. Eu me pergunto como você adquiriu essa tendência.

Kesão não ligou para a pergunta, uma vez que ela o lembrava de suas origens desconhecidas, mas tentou não deixar que seu tormento transparecesse.

Seu pai sabe que você veio me procurar?

Sabe, Censor. Embora ele não aprove a sua política... ele o chama de populista radical...

Radical? Porque dou a cidadãos comuns um trabalho bem pago em projetos públicos que beneficiam Roma inteira? Suponho que ele também me chame de demagogo.

As maçãs do rosto de Kesão ficaram quentes. Seu pai usara realmente aquela palavra desprezível, importada do grego, para indicar um líder inescrupuloso que explorava as paixões indisciplinadas da turba.

Apesar de nossas diferenças políticas, Censor, meu pai compreende como é grande o meu desejo de trabalhar com o senhor. Ele nada fará para me impedir.

E o seu primo Quinto?

Não conversei com ele sobre isso. Mas não preciso da aprovação dele. Eu sou...

Sim, já sei: você é um homem independente. — Cláudio tamborilou os dedos no joelho por um instante, e depois fez um gesto afirmativo com a cabeça e sorriu. — Muito bem, Kesão Fábio Dorso. Vou arranjar um lugar adequado para você em um dos meus projetos.

Muito obrigado, Censor!

E enquanto isso, para me agradar, talvez você examine a possibilidade de mudar o "K" do seu nome para um "C".

Bem... se o senhor acha mesmo que é necessário...

Kesão, só estou brincando... *alas!*

Ao amanhecer do dia seguinte, seguindo as instruções de Ápio Cláudio, Kesão saiu de sua casa no Palatino. Passou, a pé, pela antiga Cabana de Rômulo e pela figueira chamada de ruminális, descendente da árvore que dava sombra a Aca Larência enquanto ela amamentava Rômulo e Remo. Desceu o sinuoso caminho para pedestres conhecido como a Escada de Caco.

Atravessou o Fórum Boieiro (originalmente Bovieiro, como Ápio Cláudio lhe informara, mas fazia muito tempo que a letra "V" deixara de ter uso comum). Os trabalhadores das lojas e dos mercados começavam o seu dia. Ele passou pelo Altar-Mor, onde, muito tempo atrás, seus ancestrais, os Pinário e os Potício, tinham inaugurado a veneração de Hércules. Os Potício ainda faziam um sacrifício no altar todos os anos, mas um longo declínio das fortunas da família tinha reduzido a festa anual a um evento insignificante. Mesmo com a sua suposta conexão com Hércules através dos Fábio, Kesão estava apenas vagamente ciente da Festa de Hércules que acontecia no Altar-Mor todos os verões, e não fazia idéia de que era a mais antiga comemoração da cidade. De sua descendência dos Pinário e Potício» ele nada sabia.

Seu destino era um canteiro de obras no sopé do Avetino, entre o Templo de Ceres e a extremidade norte do Circo Máximo. Ele percebeu que chegara ao local quando viu as grandes pilhas de terra e a rede de defesas que tinha sido construída em tomo da escavação. Um pequeno exército de operários, formado por cidadãos libertos e nascidos livres, se reunira. Eles se mexiam lentamente em círculos, brincando e reclamando sobre terem de acordar tio cedo.

O céu, clareando a cada instante, estava pontilhado por pequenas nuvens, e uma brisa soprava do leste.

- Parece que vai ser um dia excelente para trabalhar ao ar livre — disse um dos homens, — É pena que vamos ficar metidos no subsolo!

Um capataz apareceu. Os homens formaram uma fila. Um a um, receberam pás e enxadas e desapareceram num buraco que parecia uma caverna, na base do monte Aventino.

Kesão esperou até que o capataz tivesse um momento de pausa e então aproximou-se e se apresentou, como Cláudio o instruíra.

O homem era alto e esguio, mas musculoso. Sua túnica era imaculada, mas havia terra sob as unhas.

- Então você é o jovem Fábio, que veio aprender sobre o aqueduto. Meu nome é Albínio. Sou o encarregado de todas as operações de aquedutos dentro dos muros da cidade, a parte mais interessante do projeto, do ponto de vista da engenharia. Você sabe de onde a cidade tira a sua água, no momento?

Do Tibre, acho eu, e das fontes aqui e ali, dentro da cidade. E algumas pessoas recolhem a água da chuva.

É isso mesmo. E tem sido assim desde o início. Mas a água do Tibre nem sempre é tão limpa quanto se desejaria, e algumas das fontes secaram, e nem sempre se pode depender da chuva. E quanto mais Roma cresce, de mais água o seu povo precisa. Água para beber e cozinhar, é claro, e para irrigar plantações fora da cidade, mas também para tomar banho. A maioria das pessoas gosta de se lavar um pouco todos os dias, e muita gente quer se lavar da cabeça aos pés de dias em dias. Isso requer muita água! A procura cresceu tanto, que chegamos a um ponto em que a cidade não pode receber mais gente, a menos que arranjemos um jeito de conseguir mais água.

"O que fazer? 'Simplesmente, vamos trazer de outro lugar qualquer a água de que precisamos', disse Ápio Cláudio. 'O quê, trazê-la de carroça?', perguntaram os cétricos. 'Não, seus tolos!', disse Cláudio. 'Vamos fazer com que a água venha até aqui por sua livre vontade, pelo canal que irei construir.' E assim, graças ao gênio do censor, nasceu o aqueduto, o primeiro no mundo inteiro, que em breve será invejado por toda cidade da Terra que estiver passando sede. Este é o ponto exato em que o aqueduto vai terminar, com a água jorrando dentro de uma grande fonte pública. Sabe onde o aqueduto começa?

Dezesseis quilômetros a oeste da cidade, nas fontes próximas a Gábios — disse Kesão.

Isso mesmo. A água doce daquelas fontes vai se despejar num canal subterrâneo revestido de pedras e argamassa. Como de lá até aqui é encosta abaixo, aquele canal vai trazer a água até os muros da cidade, a um ponto perto da Porta Capena. O canal subterrâneo é impressionante, quando nada, pela quantidade de mão-de-obra utilizada. Dezesseis quilômetros exigem um bocado de escavação! E nada tem de linha reta; ele gira e se curva para seguir os contornos da paisagem e manter a água descendo morro abaixo. Mas o que acontece quando a água chega à cidade será ainda mais impressionante.

"Cláudio quer que a água chegue aqui, o lugar em que estamos. O natural... deixar a água seguir a disposição do terreno e descer pelo morro... significaria cavar um canal seguindo a espinha da pista de corrida de cavalos no Circo Máximo. Seria muito destruidor. Em vez disso, Cláudio quer que a água faça um desvio em torno do Circo Máximo. Para fazer isso, estamos cavando um túnel através do Aventino. O canal desaparece em um dos lados do morro e sai do outro, exatamente aqui. Impressionante, não? Mas esta ainda não é a parte mais admirável. Venha comigo.

Os dois caminharam pelo sopé do Aventino, atravessando a área ao sul da pista de corridas. Ao se aproximarem do muro da cidade e da Porta Capena, a nova solução de Cláudio para transportar a água ergueu-se à frente deles. Para cobrir o espaço entre o terreno elevado à esquerda da porta e o terreno elevado à direita, estava sendo construído um canal sobre uma série de arcos construídos com tijolos e argamassa. A estrada que levava à porta passava diretamente sob um daqueles arcos.

— Para trazer a água para Roma, Cláudio não vai fazer apenas com que ela corra pelo subsolo; vai fazer com que ela corra por cima da nossa cabeça! — disse Albínio. — Essa parte elevada do aqueduto corre apenas por uns cento e poucos metros, de uma distância total de muitos quilômetros. Mas é uma solução brilhante: um rio no céu! Não há motivo para que esse tipo de construção não possa ser repetido em outro lugar qualquer, e motivo algum para que um aqueduto elevado assim não possa ser construído em escala ainda maior, percorrendo quilômetros e quilômetros. Agora, a água pode ser levada de qualquer ponto elevado para qualquer ponto baixo. Tudo o que é preciso é cavar e abrir túneis e, onde necessário, passar o canal sobre uma série de arcos, como fizemos aqui. Desde a criação do mundo, os homens têm precisado construir cidades onde haja uma fonte adequada de água. Agora, uma cidade pode ser construída

onde quer que o homem deseje, e a água pode ser levada até eles. Essa possibilidade nunca existiu antes. O aqueduto vai mudar não só Roma, mas o mundo inteiro!

O entusiasmo do capataz era contagiante, e Kesão ficou muitíssimo impressionado. Ele teria gostado de passar o resto do dia ao lado do homem, mas, seguindo as instruções de Cláudio, despediu-se de Albínio.

Passando sob o imenso arco do aqueduto, Kesão atravessou a Porta Capena e ficou do lado de fora dos muros da cidade. Passos rápidos o levaram ao outro grande projeto de construção do censor.

O local estava fervilhando de operários ocupados em cavar, misturar argamassa e empurrar carrinhos de mão cheios de cascalho. Kesão perguntou pelo capataz, Décio, e foi conduzido até o homem mais corpulento e musculoso à vista.

Então, você está aqui para aprender sobre construção de estradas, não é? — perguntou Décio. — Ora, venho fazendo isso a vida inteira. Aprendi uma ou duas coisas nos meus quarenta e tantos anos. Mas, graças a Ápio Cláudio, esta é a primeira vez que vi uma estrada planejada com antecedência com tanto cuidado e precisão. O caminho todo foi traçado, todo o material adequado foi adquirido, e a melhor equipe de operários de Roma foi reunida. Pouco importa que os rapazes que estão trabalhando no aqueduto possam querer disputar essa condição! Este vai ser um trabalho do qual todos nós podemos nos orgulhar. Seus descendentes, daqui a mil anos, irão caminhar por esta estrada e dizer: "Por Júpiter, que trabalho estupendo fizeram Ápio Cláudio e seus rapazes quando construíram esta estrada!"

Esta estrada ainda vai existir daqui a mil anos?

Com toda a certeza, vai!

Kesão presumiu que o homem estivesse exagerando, mas à medida que Décio lhe explicava as etapas da construção da estrada, começou a achar que a alegação poderia ter um certo mérito.

Suas primeiras estradas mal passavam de trilhas — disse Décio —, abertas no chão por tantos homens passando... ou animais, uma vez que eles também fazem trilhas e, em geral, podem calcular a melhor maneira de atravessar um passo ou contornar um ponto difícil. Quando os homens começaram a usar carroças, as rodas deixavam sulcos no chão, e isto abria estradas mais largas. Por fim, algum gênio desconhecido decidiu que estava na hora de fazer uma estrada para atender à finalidade, em vez de apenas

deixar que ela surgisse por conta própria, e assim nasceu a arte da construção de estradas.

"A estrada que estamos construindo segue uma trilha muito antiga que está aqui há séculos; Ápio Cláudio diz que ela vem da época dos antigos mercadores de sal e de metais, antes de Roma existir. Aqui, você vê alguns operários realizando a primeira etapa do processo. Está vendo como estão cavando duas valas rasas, paralelas? As valas assinalam a largura da estrada. Esta estrada tem cinco metros de largura, a soma de três homens deitados, com a cabeça de um encostando nos pés do outro. Isto é, homens romanos; são precisos apenas dois gauleses e meio para cobrir esta largura. Dizem que o melhor é um gaulês cortado ao meio, em especial se for a metade sem a cabeça!

Décio deu uma gargalhada sonora diante da própria piada e bateu nas costas de Kesão como se pudesse sacudi-lo para fazer o mesmo.

Agora, se me acompanhar, lá adiante você poderá ver que eles passaram para a segunda etapa. Retiraram a terra solta entre as valas e escavaram até que eles atingiram uma fundação sólida para os materiais se apoiarem. O ponto até o qual é preciso escavar depende do terreno. Às vezes, se o terreno for pantanoso ou o solo for específico, é preciso enfiar estacas na terra. Por sorte, aqui não é este o caso. Um cavador forte pode atingir um leito sólido sem quebrar as costas. Esses caras dificilmente suam. Não é isso, pessoal?

Os cavadores ergueram os olhos para Décio e sorriram. Kesão viu que eles gostavam do capataz.

Continue andando. Vou lhe mostrar a próxima etapa. Está vendo lá, na frente, aquelas grandes pilhas de pedras? São para colocar o primeiro curso da estrada. Aquelas pedras foram todas escolhidas segundo o tamanho; são o que chamamos de pedras do tamanho de uma mão, nem maiores nem menores do que cabe na mão de um homem. Elas compõem a primeira camada. Por cima delas colocamos uma massa de pedras quebradas, na espessura de cerca de 23 centímetros, batida com força e cimentada com cal; isto é chamado de alvenaria de pedra britada. Por cima dela, colocamos o núcleo da estrada, com cerca de 15 centímetros de profundidade, que é composto de pedaços e partes de tijolos e cerâmica, pedaços menores do que as pedras da alvenaria de pedra britada, e cimentada com cal. Você pode ver uma seção onde o núcleo foi terminado, lá na frente.

Ele está um pouco mais alto no meio do que nas bordas, não? — disse Kesão.

Muito observador. Fazemos isso de propósito, para permitir que a água escorra. Por enquanto, para terminar a estrada, estamos depositando uma camada de cascalho. Em geral, isto é o término do trabalho. Neste projeto, porém, a camada de cascalho vai ser apenas temporária. Se o tempo e o dinheiro permitirem, o plano é raspar o cascalho e colocar blocos da pedra mais dura que pudermos achar. Em volta de Roma, isso significa, em geral, lava basáltica. As pedras não são uniformes, como os tijolos; são quebradas e cortadas em todo tipo de formas aleatórias... nós as chamamos de poligonais... mas operários experientes podem escolher e separar entre elas e combiná-las até que a superfície fique tão perfeitamente nivelada e lisa, que você teria muita dificuldade para descobrir até a menor das junções, mesmo usando a ponta do dedo. Já vi muros construídos dessa maneira, e não há motivos para que não se possa fazê-lo numa estrada, também. Lá adiante, terminamos um pequeno trecho da estrada com uma camada de pedra, apenas como amostra, por enquanto. Aqui está ele. Dê uma olhada. Ande nele. Pule nele! Agache-se e passe a mão nele. Tão plano, liso e perfeito, que você não seria capaz de jurar que foi feito de uma só pedra sólida que por acaso tem alguns veios de metal passando por ela?

É impressionante! — disse Kesão. — E belo.

E provavelmente vai durar por mais gerações do que as de todos os seus ancestrais juntos.

Você acha, mesmo, que a estrada toda pode ter esse acabamento tão perfeito, até Cápua?

Acredito que estradas com essa perfeição irão, um dia, correr de um lado para o outro pela Itália, e muito além... até onde qualquer romano ousar viajar. Dos Pilares de Hércules às margens do Ponto Euxino, as pessoas vão dizer: "Por aqui passa uma estrada romana!" - Décio riu. — Sabe o que Ápio Cláudio me disse, um dia? "Alexandre conquistou metade do mundo com o seu exército. Mas você pode imaginar o que ele poderia ter feito, se ao menos os gregos soubessem construir uma estrada romana?"

E HÁ QUANTO TEMPO isso vem acontecendo? — perguntou Quinto Fábio, carrancudo.

Mais ou menos um mês. Desde o dia seguinte ao meu dia da toga - respondeu Kesão.

Foi o que pensei. Esse relacionamento com Ápio Cláudio não vai dar certo, rapaz. Simplesmente não vai dar certo!

Quinto pedira ao primo mais moço que fosse visitá-lo, mas não o recebeu no jardim; em vez disso, encontrou-o no vestíbulo. Não só Kesão estava sendo mantido fora do coração da casa, como um mercador que fazia uma visita indesejada, e sendo mantido em pé em vez de sentar-se, mas ali no vestíbulo, de acordo com o costume patrício, os bustos em cera dos ancestrais de Quinto estavam colocados em nichos nas paredes, dos quais olhavam sem piscar para todos os que chegavam e saíam. Parecia que não apenas Quinto estava olhando, carrancudo, para Kesão e julgando-o; o mesmo acontecia com várias gerações de Fábios com ar severo.

Primo, sei de suas divergências com Ápio Cláudio...

O homem é um degenerado! Ele poluiu a própria mente com a chamada erudição grega. Se lhe der meia chance, ele também vai poluir a sua mente.

Não acho que você precise se preocupar com isso — disse Kesão. Até ali, as tentativas de Cláudio de ensinar-lhe grego tinham sido infrutíferas. Felizmente, a aptidão de Kesão para a engenharia ultrapassava até mesmo suas próprias esperanças, e Cláudio ficara muito impressionado com a inteligência e o entusiasmo do seu novo protegido. — Só fui procurar Ápio Cláudio por causa de seus projetos de construção. Estou aprendendo bastante sobre construção de estradas, e também sobre o novo aqueduto...

Tudo o que você precisa saber sobre esses projetos esbanjadores e ineficientes poderia ter descoberto me perguntando, meu rapaz. Eles são o resultado de um torpe abuso do cargo de censor. De algum modo, Cláudio conseguiu contornar o Senado e saquear o Tesouro para financiar suas tramas ilegais.

Mas essas tramas, como você as chama, são em benefício de toda Roma, sem dúvida alguma.

Elas são para o benefício de Cláudio, um meio de ampliar o apoio político dele. Ao dar empregos, ele compra a lealdade dos milhares de cidadãos que emprega. Não há dúvida de que também está enriquecendo a si mesmo!

Kesão franziu o cenho.

Você está mesmo acusando-o de desviar fundos públicos?

Quinto soltou um grunhido.

Eu não acharia que fosse impossível ele fazer isso! Você é jovem, Kesão. Ainda não viu o mundo o suficiente para julgar o caráter de um homem. Acredite em mim, Cláudio não é o tipo de homem com o qual gente como nós deva se associar.

Mas não há dúvida de que ele é tão patrício quanto você e eu — disse Kesão.

Teria Quinto hesitado antes de responder? Estaria ele pensando na origem de Kesão por adoção e em sua consangüinidade incerta? Ele abanou a cabeça.

Os Cláudio sempre foram fúteis e presunçosos, mas pelo menos antigamente eram inabaláveis em seu apoio ao privilégio dos patrícios. Ápio Cláudio deu meia-volta e virou um defensor das classes mais baixas. Ah, da boca para fora ele elogia os ideais patrícios, a glória dos ancestrais e dos fundadores da República, mas no fundo do coração, o homem é um demagogo. Ele é um proxeneta da plebe. Ele flerta com perigosas idéias democráticas, que provavelmente colheu ao ler aqueles detestáveis filósofos gregos que admira. Nunca se devia ter dado a ele o controle das listas de cidadãos.

Mas como censor, o dever dele é esse.

Atualizar as listas, sim, mas não alterá-las, e de maneira muitíssimo irresponsável. Ah, ele vai lhe dizer que está simplesmente reorganizando os blocos votantes para torná-los mais eficientes, mas o plano dele é tornar as eleições mais democráticas e menos favoráveis aos blocos dominados por patrícios; uma idéia muito perigosa! Os fundadores, em sua sabedoria, projetaram o processo eleitoral deliberadamente, para dar mais influência às famílias cujas realizações de muito tempo atrás lhes deram um lugar especial no estado. Nada deverá ser feito para erodir esse sistema. Ele tem servido bem a Roma desde o nascimento da República. Vai nos servir com a mesma eficiência por outros duzentos anos.

"O que é ainda pior, meu rapaz, é o abuso que Cláudio faz do direito do censor de preencher vagas no Senado. Toda vaga é preenchida por um homem leal a Cláudio — e alguns desses novos senadores são filhos de liberados! Uma tal degradação do Senado teria sido impensável na época de meu avô. A que ponto nós chegamos?"

Os tempos mudam, primo — disse Kesão.

E raramente para melhor! Tão logo uma idéia radical cria raízes, ninguém pode prever a rapidez ou até que ponto ela irá se expandir. Pense

no consulado. Por um longo tempo, só patrícios podiam ser eleitos para o cargo mais elevado de todos, fechando a porta aos plebeus. O direito exclusivo dos patrícios ao consulado tornou-se uma tradição que, com o tempo, adquiriu força de lei. Mas os chamados reformadores foram contra e, faz 55 anos, conseguiram aprovar uma lei que permitia que um dos dois cônsules fosse plebeu. Uma questão de justiça, disseram os reformadores; se um plebeu for inteligente bastante para ser eleito cônsul, por que não? Mas isso foi apenas o começo. Trinta anos atrás, os reformadores aprovaram uma outra lei, e esta ordenava que um dos cônsules *tivesse de ser* um plebeu! Onde isso vai parar? Tais mudanças são sempre devidas a provocadores da plebe como Ápio Cláudio, traidores de seu sangue patrício. Cláudio é um homem perigoso. Você deve ficar longe dele.

Kesão suspirou.

Primo Quinto, compreenda, por favor. Eu compartilho de suas opiniões políticas. Como não poderia compartilhar? Elas são as idéias que meu pai me passou enquanto eu crescia. Mas assim como convenci meu pai a me permitir trabalhar sob as ordens de Cláudio, espero também convencer você a cancelar suas objeções. Eu não tenho intenção alguma de ajudar ou apoiar Ápio Cláudio em quaisquer tramas de incitar a plebe. Mas o aqueduto e a nova estrada estão sendo construídos, não importam as objeções que você possa ter, e eu quero ter uma participação neles. Se projetos desse tipo rendem benefícios políticos, por que deveria Cláudio ser o único beneficiário? Por que não deveria haver um Fábio envolvido nos projetos, aprendendo como funciona o processo? Nos anos futuros, mais estradas e mais aquedutos serão construídos e, quando isso acontecer, quero que seja um Fábio que leve o crédito e colha os benefícios.

Quinto abanou a cabeça.

Você está trilhando um caminho perigoso, Kesão. Aprender um pouco sobre construções e engenharia não é mau. Mas Cláudio é um homem desonesto, e charmoso. Ele ainda pode seduzir você para o modo dele pensar.

Eu lhe garanto, primo, que ele não fará isso. Você ficaria tranqüilo se eu promettesse que não vou aprender uma única palavra de grego? Seria uma promessa fácil, uma vez que, de qualquer maneira, parece que tão tenho competência para aprender.

Quinto, de má vontade, dirigiu-lhe um leve sorriso.

Kesão, Kesão! Muito bem. Uma vez que você convenceu seu pai a concordar com esse entendimento, não vou fazer objeção, pelo menos, em público. Vou ficar de boca fechada e esperar que você saiba o que está fazendo. — Ele olhou para as fileiras de effigies de cera em seus nichos. — Lembre-se sempre de seus ancestrais, Kesão, e preserve a dignidade do seu nome!

Teria ele, uma vez mais, hesitado e piscado, enquanto olhava dos rostos dos Fábio mortos para o rosto de Kesão, que não tinha traço algum da família?

Mas eu o chamei até aqui por outro motivo — disse Quinto. — Tenho uma coisa para você, isto é, se você ainda estiver interessado. Venha comigo.

Kesão o seguiu até um aposento em que as paredes estavam cobertas de escaninhos cheios de pergaminhos. Em mesas aqui e ali, documentos desenrolados estavam presos por pesos de papel para segurar as pontas. A biblioteca de Quinto Fábio era menor do que a de Ápio Cláudio, e seu conteúdo era bem diferente. Ali não se encontrava um único texto em grego, ou quaisquer volumes relativos à história de povos estrangeiros. Todos os documentos que estavam na biblioteca de Quinto Fábio diziam respeito a assuntos legais, direitos de propriedade, transações monetárias, história da família, ou genealogia.

Você expressou interesse em ver os vários documentos relativos à investigação que comandeí há muitos anos, como edil curul, sobre os envenenamentos em massa na cidade. Eles estavam um pouco espalhados, mas creio que consegui reuni-los num só lugar. — Quinto indicou um tubo feito de couro, no qual tinha sido inserida uma grande quantidade de pergaminhos. — Este é o dossiê relativo ao caso. É claro que entendo que seus estudos sob o comando de Ápio Cláudio podem estar exigindo todo o seu tempo e sua atenção...

Em absoluto, primo Quinto! Fico muito grato por você ter se lembrado do meu interesse pelo assunto e que tenha se dado tanto trabalho para colocar esses documentos à minha disposição.

Na verdade, na animação com o seu trabalho para Cláudio, Kesão se esquecerá por completo da conversa sobre os envenenamentos, mas não tinha como dizer aquilo. Será que o primo pretendia que ele se sentasse ali na biblioteca, examinando os documentos? Kesão não tinha tempo; estava ansioso por chegar em casa, para que pudesse fazer uma tarefa que Cláudio

lhe atribuíra, recalculando as medições para uma seção do aqueduto. — Seria possível levar isso comigo, para que eu possa examinar o conteúdo nas horas vagas?

Quinto franziu o cenho.

Em geral, eu nunca deixaria qualquer um desses documentos sair de perto de mim. Alguns contêm informações delicadas. Muitos são insubstituíveis. Mas... por que não? Peço apenas que tenha muito cuidado com eles e os devolva no devido tempo. Espero que o façam compreender um pouco os desafios e as responsabilidades de exercer uma magistratura. Uma vida de serviço público pode ser muito exigente, mas também muito compensadora. Você precisa pensar no seu futuro, Kesão, acima desse trabalho que está fazendo para o censor.

É muita bondade sua, primo. Vou dar uma olhada neles hoje à noite.

Aconteceu que, trabalhando sob a tremeluzente luz de uma lâmpada com o formato de cabeça de hidra, que estava pendurada no teto do quarto, Kesão trabalhou até tarde demais, naquela noite, para se dar o trabalho de olhar os documentos cedidos por Quinto. Ele acabou caindo na cama, exausto.

Mas não dormiu bem. Talvez a cabeça estivesse demasiado cheia de números. Talvez a desaprovação do primo lhe fosse mais pesada do que ele imaginara.

Em seu sonho, Kesão estava de volta ao vestíbulo da casa do primo, sozinho, a não ser pelos bustos de cera dos ancestrais, nos nichos. De repente, todas as efígies piscaram ao mesmo tempo. As cabeças sem corpo voltaram-se para olhar fixo para ele, carrancudas, e então começaram a falar. Suas vozes eram sarcásticas e abomináveis.

Ele não é dos nossos.

Quem é ele?

De onde veio?

Quem sabe o tipo de sangue que corre em suas veias?

Ele deve ser filho de um gaulês!

O horrível produto de um estupro!

Poluição!

Corrupção!

Imundície!

O sangue dos nobres Fábio pode recuar séculos, mas essa criatura vem do nada!

Ele parece uma mosca que surge de um monte de estrume!

No sonho, Kesão saiu da sala correndo. Viu-se no Fórum. Seu pai o estava conduzindo ao Rostro. Uma grande multidão se reunira diante da plataforma para ouvi-lo falar, mas quando ele abriu a boca só saíram absurdos. A multidão começou a rir e zombar dele. As cabeças deles eram feitas de cera, como as efígies dos Fábio.

Ele se afastou correndo do Rostro, em direção à casa de Ápio Cláudio. O censor o recebeu calorosamente, sem perceber sua perturbação. Desenrolou um mapa que mostrava o curso do aqueduto. A linha até Gábios saía do mapa, seguindo para um nada cinzento.

Mas onde estão as fontes? — perguntou Kesão.

Ah, não se preocupe com isso — disse Cláudio. — Eu sei de onde a água virá. O que não sei, meu rapaz, é de onde *você* vem!

De repente, o censor estava olhando de sobrolho carregado para Kesão, parecendo tão rigoroso e recriminador quanto as efígies do vestíbulo de Quinto.

Kesão acordou. Seu corpo estava coberto de um suor frio.

A lâmpada de leitura ainda estava acesa. De tão exausto, ele se esquecera de apagar as pequeninas chamas que dançavam nas línguas que se projetavam de cada uma das cabeças da hidra. Desesperado à procura de qualquer distração, ele estendeu a mão para o dossiê que o primo Quinto lhe dera. Retirou os documentos, esfregou os olhos e começou a ler.

A história dos envenenamentos e da investigação que se seguiu estava contada em trechos esparsos. A natureza fragmentária do material apenas a tornava mais fascinante, como um quebra-cabeça com muitas peças. Agradecido por qualquer coisa para fazê-lo esquecer o pesadelo, Kesão consultou os documentos até tarde da noite.

Nos MESES QUE SE SEGUIRAM, a vida de Kesão entrou num padrão confortável. Ele trabalhava muito sob a tutela de Ápio Cláudio, aprendendo tudo o que podia sobre cada aspecto da grande estrada, que os homens estavam chamando de Via Ápia, e sobre o canal para levar a água, que os homens tinham batizado de Aqueduto Ápia. Não havia tarefa, difícil ou simples, da qual ele não tomasse parte, de cavar fossos a calcular o volume de água que podia passar por uma determinada seção do aqueduto num determinado espaço de tempo.

Ele até conseguiu aprender o alfabeto grego e alguns rudimentos da língua, mas sempre que Cláudio lhe dava a tarefa de traduzir um trecho em grego sobre hidráulica ou engenharia, a complexidade da língua continuava a deixá-lo sem saída.

— Uma coisa é clara — disse Cláudio, desesperado, um dia —, não pode haver uma gota de sangue grego em você!

O comentário foi totalmente inocente, mas disparou um novo ciclo de pesadelos que assombravam o sono de Kesão.

À noite, depois de um longo dia de trabalho árduo com o corpo e a mente, Kesão ficava ansioso por comer um suculento jantar com seus pais, relaxar um pouco no jardim e, depois, passar mais ou menos uma hora lendo os documentos que Quinto lhe emprestara. Ele achava estranhamente relaxante consultar as confissões das envenenadoras, as listas e os memorandos escritos pelo próprio Quinto, os decretos oficiais do Senado e dos cônsules, e as várias peças apresentadas como provas. Uma obscura referência em um documento levava-o a procurar um outro, e então um terceiro que ele já poderia ter lido embora não tivesse compreendido por completo sem o conhecimento posterior que fora obtido por mais pesquisa. A natureza de quebra-cabeça do material o divertia e absorvia. A partir de pedaços e peças aparentemente sem relação entre eles, começava a surgir um retrato cada vez mais coerente dos eventos, como a criação de um fascinante mosaico feito de pedaços desiguais de pedra colorida.

Repetidas vezes, e extremamente fascinado, ele lia os depoimentos apresentados pelas mulheres.

Fiz isso porque meu marido dormiu com outra mulher — disse uma.

Fiz isso porque o comerciante me olhou de maneira errada — disse outra.

Meu irmão e eu sempre discutimos — disse uma. — Fiquei cansada de discutir.

E outra:

Fiz isso porque minhas duas irmãs tinham feito isso com os maridos delas e eu não queria me sentir excluída.

A notória Sérgia tinha realizado uma grande quantidade de experimentos com várias plantas e outras substâncias, tomando notas sobre como os venenos podiam ser extraídos, quais os que eram mais ou menos confiáveis, os sintomas que provocavam, o tempo que levavam para fazer efeito, e como funcionavam se combinados. Sérgia também fizera

detalhados esboços de inúmeras plantas, para servirem de guias para suas criadas quando ela as despachava para procurar espécimes que nasciam na selva.

Característica das notas de Sérgia era o item sobre acônito, ilustrado por um desenho da planta em flor:

Acônito. Pó branco derivado da planta chamada de capacete-de-plutão, porque a flor púrpura, que cresce em cachos eretos, tem a forma do capacete de um guerreiro, com um elmo alto e placas para as faces. A planta chega a uma altura equivalente até o joelho ou os quadris, e cresce à sombra de árvores, em solo úmido. Um mercador grego me disse que seu povo a chama de Rainha dos Venenos. Diz a lenda que a planta brotou, da primeira vez, da saliva do cão de três cabeças, Cérbero, guardião do inferno. Todas as partes da planta parecem ser tóxicas, porém mais especialmente as raízes, das quais se origina o pó branco. A ingestão provoca a morte. O pó também pode matar uma mulher, se tiver contato com suas partes genitais. De ação muito rápida — a morte pode ocorrer em dez minutos, e quase que certamente em quatro horas. A vítima sente, rapidamente, dormência e cócega na boca e na garganta, com as duas parecendo ressecadas; há também uma forte sensação de queimadura da garganta até o abdome. Uma coceira se espalha até as mãos e os pés e, depois, pelo corpo inteiro. A pele e as extremidades parecem frias e úmidas ao toque, mas, ao mesmo tempo, a vítima pode sentir como que seus membros estão sendo esfolados. As pernas ficam fracas. A vista e a audição ficam embotadas, mas a vítima vai ficar lúcida até o momento da morte. Músculos se contorcem e entram em convulsão. O pulso fica fraco. As pupilas dilatam. O mínimo esforço resulta num desmaio fatal

E ASSIM POR DIANTE, COM Kesão adormecendo com detalhes de assassinatos muito antigos na cabeça. Esse tipo de leitura proporcionava uma fuga dos prementes problemas do dia. Seu último pensamento consciente tinha menos probabilidades de ser sobre algum irritante enigma técnico oferecido pelo aqueduto, do que sobre a matrona patricia Cornélia, que matara o marido enquanto os dois copulavam, inserindo o dedo médio, coberto com o pó branco acônito, no ânus dele — método de estímulo que ele exigia dela e que ela achava repugnante. O veneno matou a vítima em questão de minutos, mas não, segundo Cornélia, antes dele ter atingido um

orgasmo de violência fora do comum. O dossiê estava cheio de detalhes extraordinários desse tipo.

Por mais que ele lesse, nada acabava com os sonhos que nasciam das angústias de Kesão em relação a suas origens. Os pesadelos ocorriam de vez em quando, em geral provocados por alguma observação casual dirigida a ele durante o dia que nada tinha a ver com a sua descendência, mas que, mesmo assim, fazia com que ele se sentisse exposto e vulnerável — um intruso, um impostor dentro de uma das famílias mais antigas e distintas de Roma.

ASSIM, POR ALGUM TEMPO, A vida de Kesão entrou num padrão confortável. Então, chegou um dia que ele sabia que iria mudar sua vida para sempre, mas não pelo motivo que imaginava.

O óbvio acontecimento do dia foi o seu noivado com uma jovem chamada Galéria. O noivado foi o clímax de intensas negociações entre as duas famílias patrícias envolvidas. Do lado dos Fábio, foi Quinto quem se esforçou para que Kesão se casasse. O rapaz se mostrara ser inteligente e ambicioso mas, também, teimoso e birrento; as responsabilidades do casamento poderiam ser a coisa certa para domar sua afoita energia.

Kesão tinha sentimentos confusos sobre a perspectiva de casamento, mas Galéria era uma jovem bonita, com o corpo de uma Vênus, e nas conversas que ele tivera com ela, sempre acompanhada, ela fora encantadoramente tímida e doce.

O noivado foi celebrado numa tarde, na casa de Quinto Fábio. Kesão, seu pai e o pai de Galéria beberam vários brindes com o melhor vinho de Quinto. Assim que pôde, Kesão, sentindo-se um pouco tonto, esgueirou-se e seguiu para a casa de Ápio Cláudio, ansioso por dar a notícia ao seu mentor.

O escravo porteiro, explicando que o censor estava num encontro com um visitante sobre assuntos oficiais de Estado, pediu-lhe que esperasse na antecâmara junto à biblioteca de Cláudio. Era um dia quente, e as portas estavam abertas. Kesão ouvia com bastante nitidez a conversa que acontecia na sala anexa.

Admito — dizia Cláudio — que existe algum precedente para o que você está me pedindo. A religião estatal ficou tão grande e complexa, com tantos rituais que têm que ser realizados todos os dias, na cidade inteira, que nos últimos anos um número cada vez maior de deveres tem sido delegado a escravos de templos, que pertencem ao Estado e recebem um treinamento

especial por parte dos clérigos. Apesar disso, Tito Potício, o que você propõe é um pouco diferente e, sem dúvida, controverso.

O nome Potício pouco significava para Kesão. Ele sabia que os Potício eram uma família patricia — uma das mais antigas — mas figuravam pouco na política do presente e raramente eram vistos nos exaltados círculos sociais dos Fábios. Se pressionado, ele poderia ter se lembrado de que eles tinham alguma coisa a ver com o Altar-Mor e, de fato, era sobre aquele antigo dever hereditário que Tito Potício tinha ido conversar com Cláudio.

Por favor, entenda, Censor. — O homem soava como um velho, e sua voz era cansada e oprimida. — Se eu visse qualquer outra solução para os males da família, nunca teria vindo procurá-lo com esse pedido. O triste fato é que os Potício não têm mais recursos para manter o altar ou para realizar a festa anual em homenagem a Hércules. O próprio altar está lamentavelmente precisando de restauração. Você já olhou o local ultimamente? É um constrangimento para todos nós! A festa se tornou um banquete de pobres; fico muito constrangido ao admitir isso, mas esta é a verdade, sem tirar nem pôr. Nossa incapacidade de cumprir de forma adequada esses deveres não recai de forma honrosa sobre Roma, ou sobre o deus, ou sobre os Potício. Nossas contínuas tentativas de fazê-lo só fazem levar a família a uma pobreza maior. Infelizmente, na época dos nossos ancestrais, um altar podia ser nada mais do que uma pedra lisa, e uma festa podia ser um punhado de feijão! Mas Roma não é mais assim. À medida que o poder e a riqueza da cidade cresceram, o mesmo aconteceu com os padrões da observância religiosa. O Estado tem recursos para restaurar e manter o Altar-Mor e honrar Hércules com um festival que deixará Roma orgulhosa. Os Potício, não podem.

Sua opinião é bem recebida, Tito Potício. Em troca de ceder esse privilégio ao Estado, presumo que você espere um pagamento vultoso.

Seria adequado.

Um pagamento que dê para tirar você e seus parentes do buraco financeiro em que se encontram.

A generosa recompensa do Estado será bem aplicada, Censor.

Então, um dever religioso exclusivo, hereditário, zelosamente mantido por três séculos, é apenas uma mercadoria que pode ser comprada e vendida? Você percebe que é isso que algumas pessoas vão dizer.

Como Censor, acredito que o senhor tem autoridade para aprovar essa transação.

E se eu aprovar, o que vão dizer de mim? "Lá vai Ápio Cláudio, tornando a abusar do cargo! Não basta ele encher o Senado com seus amigos de baixo berço e fraudar eleições; agora, está interferindo nos mais antigos ritos religiosos da cidade!"

Potício suspirou.

Entendo que seria difícil a sua decisão...

Pelo contrário! Aprovo de todo o coração a sua idéia.

Aprova?

Claro. A idéia antiquada de que certos cleros e ritos religiosos devem permanecer sob o controle exclusivo de uma determinada família é antipática. Qualquer função religiosa que afete todo o Estado deveria estar nas mãos do Estado. A religião do povo deveria ser controlada pelo povo. Por este motivo, que não tem nada a ver com os males financeiros de sua família, aprovo inteiramente a sua oferta de ceder ao Estado a autoridade sobre o Altar-Mor e a Festa de Hércules. Com essa finalidade, estou certo de que poderei proporcionar uma compensação justa a ser paga à sua família.

Censor, não sei como expressar minha gratidão...

Pois então, não expresse, pelo menos por enquanto. Como avisei, haverá algumas pessoas que irão se opor furiosamente a essa troca. Elas vão me acusar de impiedade e de abuso de autoridade. Vão difamar você e seus parentes. Você tem de estar preparado para a maledicência deles.

Compreendo, Censor.

Muito bem. Antes que possamos prosseguir, tenho que lhe perguntar se você realmente representa a vontade da família toda. De acordo com os pergaminhos do censo... — Kesão ouviu um farfalhar de pergaminhos. Cláudio grunhiu. — Estou vendo que o número de membros de sua família é menor do que eu supunha. Será que isso está certo? Há apenas 12 domicílios familiares diferentes dos Potício que restam em Roma, compreendendo cerca de trinta homens que usam esse nome?

Está certo. O nosso número vem diminuindo com as nossas fortunas.

E você tem autoridade para falar por todos eles?

Eu sou o páter-famílias mais velho de todos. O assunto foi detalhadamente discutido na família, e decidido.

Muito bem.

Cláudio mandou chamar um secretário, a quem deu algumas instruções. Trocou algumas palavras bem-humoradas ao se despedir de Tito Potício e acompanhou-o na saída da sala. Quando os dois entraram na antecâmara, Cláudio viu Kesão e teve um sorriso largo. Kesão viu que Potício tinha cabelos grisalhos e uma barba grisalha para combinar com a voz de idoso, e usava uma toga que já tivera um aspecto melhor. O idoso dirigiu a Kesão um olhar passageiro e depois parou e olhou fixo para ele.

Eu o conheço, meu rapaz? — perguntou.

Não creio que nos conheçamos — respondeu Kesão.

Permita que eu lhe apresente Kesão Fábio Dorso — disse Cláudio —, um jovem com uma cabeça maravilhosa. Ele está me ajudando a construir a nova estrada e o aqueduto. E este, Kesão, é o venerando Tito Potício, páter-famílias dos Potício.

Uma de nossas mais antigas famílias — disse Kesão, apenas para ser cortês.

Deixamos a nossa marca na cidade nos primórdios dela — disse Potício. — Agora é a vez de famílias como os Fábio deixarem a sua marca, como estou certo de que você fará, rapaz, Mas devo dizer... — Ele olhou com atenção para Kesão, semicerrou os olhos e abanou a cabeça. — Você me faz lembrar de alguém... meu primo Marcos, que morreu faz alguns anos. Sim, você é a própria imagem de Marcos quando ele era jovem. A semelhança é impressionante! Até na voz você se parece com ele. Eu me pergunto se é possível que vocês dois tenham um certo grau de parentesco. Não me recordo de nenhum casamento entre os Potício e os Fábio nos últimos anos, mas talvez...

Acho que não — disse Kesão, bruscamente. — Estou plenamente certo de que não há laços familiares entre nós dois.

Kesão, seu rosto está vermelho como uma telha! — disse Cláudio.

Estou sentindo calor — murmurou Kesão. — Deve ser o vinho que tomei na casa do primo Quinto.

Ah, bem; então, a semelhança é apenas uma coincidência — disse Potício, mas continuou a olhar fixo para Kesão. Por fim, baixou os olhos, só para voltar a olhar, dessa vez ao fascinum que pendia de uma corrente ao pescoço de Kesão, que decidira usá-lo aquela manhã para assinalar a ocasião de seu noivado.

O que é isso? — perguntou Potício.

Kesão recuou, irritado com o exame minucioso do homem.

É uma lembrança de família. A famosa vestal Pinária o deu ao meu avô no dia da toga dele. Sem dúvida, o senhor já viu um fascinum antes.

Essas bugigangas costumam ser feitas de metal barato, não de ouro, e este parece ter asas abertas... muito original! No entanto, parece estranhamente familiar. Sim, estou certo de que me faz lembrar de alguma coisa, mas do quê? — Potício coçou a cabeça.

Kesão começava a não gostar mesmo do velho. Ágil, Cláudio segurou o braço de Potício e dirigiu-o para o vestíbulo.

Tenho certeza de que você deve estar ansioso por voltar para sua família e transmitir a eles o sucesso de sua proposta — disse ele. — Adeus, Tito Potício. Um escravo porteiro o acompanhará até a saída.

Adeus, Censor, e muito obrigado! — O velho segurou as mãos de Cláudio e apertou-as. Antes de se voltar e se afastar, lançou um último e curioso olhar para Kesão e o amuleto que ele usava.

Um sujeito desagradável — disse Kesão, depois que Potício se retirou.

Um pouco desmiolado, mas inofensivo — disse Cláudio.

Kesão franziu o nariz.

Ele imagina que somos parentes.

Cláudio deu de ombros.

Eu mesmo sou parente dele, apesar de muito longe. A conexão retroage aos primeiros dias da República. Uma filha do primeiro Ápio Cláudio casou-se com um Potício, mas o sujeito virou traidor e lutou contra Roma com Coriolano. Durante muito tempo, houve rancor entre nossas duas famílias. Mas agora, tudo isso é passado, e os Potício entraram em tantas dificuldades, que só se pode ter pena deles. Mas venha, Kesão, vamos falar sobre coisas mais alegres! A menos que eu esteja errado, você veio me dar boas notícias.

Kesão falou com ele sobre o noivado. Enquanto os dois celebravam com uma taça de vinho, Kesão afastou da mente o desagradável encontro com Tito Potício.

— QUE VESTÍBULO ENORME! — declarou a mãe de Kesão, entrando pela porta da frente da pequena casa no Aventino.

Mamãe, isto não é o vestíbulo. Não há vestíbulo. Isto é a casa.

O quê? Só este cômodo?

Claro que não. Há um jardim no centro da casa...

Aquele pequenino pedaço de terra, sob aquele buraco no telhado?

E há outro aposento nos fundos, que serve como cozinha e despensa. Atrás dele há um cubículo para os escravos dormirem, apesar de eu não achar que vamos manter mais de um para cada um de nós; eles vão ter que dormir amontoados.

Bem, acho que não vai custar muito mobiliar a casa! — Aos 40 anos de idade, Hermínia ainda era uma mulher bonita, mas tinha a tendência de fazer caretas desagradáveis que estragavam sua aparência. — Na verdade, praticamente não vale a pena você se mudar da casa da família para aposentos assim tão apertados.

Bobagem! — disse o pai de Kesão. — O presente de casamento dado pelo primo Quinto é muito generoso. Não é todo casal recém-casado que pode celebrar a cerimônia em sua própria casa. Ela precisa de um pouco de conserto, sem dúvida...

Espero que Galéria goste de um desafio! — disse Hermínia.

O que eu mais gosto é da localização — disse Kesão.

O Aventino? — Hermínia fez uma careta muito desagradável.

Bem, pelo menos vocês estão no talude norte.

Venha ver a vista desta janela. Cuidado com as lajotas soltas no piso. — Kesão abriu os postigos. — Espetacular, não é?

Vejo um grande aglomerado de telhados — disse Hermínia, dubiamente.

Não, mamãe, olhe ali... entre aquelas duas casas. — Kesão apontou.

Ah, sim... dá para ver de relance a parte elevada do aqueduto, aquela monstruosidade que seu amigo Cláudio impôs à cidade.

O pai de Kesão pigarreou.

Temos muito o que fazer hoje, mulher.

Temos, mesmo! Preciso fazer a lista dos convidados.

Então, acho melhor irmos.

Vou ficar aqui mais um pouco, se os senhores não se importarem - disse Kesão.

Muito bem. — Hermínia beijou a testa do filho e saiu depressa do aposento.

O pai de Kesão demorou-se um instante. Bateu o pé nas lajotas do piso que estavam soltas.

Não se preocupe, filho. Vamos arranjar o dinheiro para consertar a casa.

O senhor se esquece de que eu tenho renda própria, papai. Cláudio me paga um salário muito generoso.

Creio que é o Estado que lhe paga. O censor apenas fixa o salário.

É claro, papai. Não é melhor o senhor ir para perto da mamãe, antes que ela fique impaciente?

Kesão foi deixado sozinho. As cáusticas observações de sua mãe nada fizeram para arrefecer o seu ânimo. Os deuses estavam sorrindo para ele. Seu trabalho para Ápio Cláudio estava mais fascinante do que nunca, o dia do seu casamento se aproximava com rapidez, e o presente de uma casa, dado pelo primo Quinto, não apenas o surpreendera, mas o deixara profundamente emocionado. Ele se lembrou de um dos aforismos favoritos de Cláudio, e o disse em voz alta:

"Cada homem é arquiteto da própria fortuna." — Kesão olhou pela janela, para o aqueduto distante. — Se isso for verdade, devo ser realmente um arquiteto muito bom!

Estou certo de que é — disse uma voz atrás dele.

Kesão girou sobre os calcanhares. Seu pai devia ter deixado a porta entreaberta. Um homem idoso, vestindo uma túnica surrada, estava em pé no meio do aposento. Kesão olhou para ele por um instante e depois franziu o cenho.

Tito Potício?

Então você se lembra de mim?

Lamento mas me lembro. O que é que o senhor está fazendo aqui?

O seu tom é muito ríspido, rapaz. Isso não é maneira de se dirigir a um idoso, especialmente um idoso que é parente.

Do que é que o senhor está falando, velho? — Kesão endireitou os ombros, mas no peito sentiu uma sensação de desânimo.

Você e eu temos muito que conversar, Kesão.

Não temos nada que conversar.

Potício inclinou a cabeça e olhou para ele.

Hoje, você não está usando o fascinum.

Kesão tocou o ponto vazio em seu peito.

Eu só o uso em ocasiões especiais.

Você sabe de onde ele vem?

A vestal Pinária o deu...

Mas antes disso? Sabe de quem ela o obteve?

Não. Mas sei que é muito antigo.

É, mesmo... tão antigo quanto os Potício.

O que está dizendo, velho?

Eu sou o páter-famílias de todos os Potício. Sou também o cronista e historiador da família. Pelo que sei, seu primo Quinto exerce mais ou menos a mesma função para os Fábio: guardar pedaços de pergaminho e anotações sobre quem se casou com quem, e os nomes de seus descendentes, e quem fez o quê e quando, e como. Nossas famílias são tão antigas, e nossos ancestrais realizaram tantas coisas... grandes e pequenas, maravilhosas e terríveis... que é difícil acompanhar! Às vezes, penso que seria um alívio se todos nós virássemos pó, para que o resto do mundo pudesse simplesmente nos esquecer e seguir vivendo como se nunca tivéssemos existido.

Não acho que Quinto Fábio pense assim.

Potício emitiu um som de grasnido, que Kesão presumiu ser uma risada.

Afirmo que você tem razão. Mas, imagine as coisas que temos de saber! O cronista de uma família fica sabendo de todo tipo de segredos. Ele sabe das coisas de que ninguém poderá falar, nunca: mortes misteriosas, bebês nascidos fora do casamento, bastardos feitos com jovens escravas...

Se o senhor tem alguma a coisa dizer, diga!

Muito bem. Você e eu somos parentes, Kesão. Você é descendente dos Potício.

A boca de Kesão ficou repentinamente seca.

Como sabe disso?

Antes de tudo, pude ver simplesmente olhando para você. Você se parece, mais do que ninguém, com o meu primo Marcos, mas com esses olhos, esse queixo e a forma da boca, poderia passar como filho ou irmão de uma grande quantidade de meus primos. A princípio, pensei que talvez o velho Marcos tivesse derramado sua semente fora do leito matrimonial, mas quando comecei a perseguir a verdade, percebi que a conexão era muito mais complicada e recuei ainda mais no tempo. Agora mesmo, enquanto ele saía, olhei bem para seu pai. Ele também tem a aparência de um Potício, mas os traços são menos característicos. Por algum motivo, os deuses decretaram que os traços de família ressurgissem plenamente em você.

"Foi o seu precioso fascinum que forneceu a chave. Em algum ponto das crônicas da família, eu sabia que tinha visto uma referência a um fascinum alado, feito de ouro. Ele era usado por um ancestral meu, também chamado Tito, que viveu na época dos decênviros. Depois desse Tito, não

há outra referência ao dourado falo alado, que desaparece da história da família. No entanto, segundo a lenda da família, Tito teve um filho fora do casamento e a criança se tornou um escravo. Como pode imaginar, raramente se fala nisso. Mas escravos são propriedades, e os romanos mantêm registros detalhados de seus bens, tão detalhados quanto seus registros genealógicos! Com persistência e incomodando bastante, e um pouco de adivinhação, pude levantar a descendência daquele filho bastardo até um escravo chamado Pennatus. Já ouviu falar nele?

Kesão engoliu uma bola dura que estava em sua garganta.

Foi um escravo chamado Pennatus que encontrou meu avô nas ruínas deixadas pelos gauleses.

E foi, mesmo! Sabia que esse mesmo Pennatus ficou encurralado vários meses no topo do Capitolino com a vestal Pinária, que de algum modo ficou de posse do fascinum de ouro e, por motivos nunca explicados, sentiu-se obrigada a passá-lo para o seu avô quando ele atingiu a maioridade? Agora, você usa o fascinum, Kesão, e você é a imagem exata de um Potício! Está começando a ver como todas essas coisas estão interligadas?

Adivinhação! Insinuação! O senhor difama a memória de uma piedosa vestal! O senhor não tem prova de nada!

Os deuses sabem a verdade a seu respeito, Kesão. E agora você também sabe.

Kesão sentiu-se fraco. O aposento parecia jogar e balançar à sua volta.

Por que está me dizendo isso?

Não é sempre melhor saber a verdade?

Não!

O que foi que o ouvi dizer, enquanto olhava pela janela? Algo sobre ser o arquiteto da própria fortuna? Como pode construir um monumento duradouro, uma vida de virtude e realizações, a menos que comece com uma firme fundação de autoconhecimento?

Você é um velho estúpido, Tito Potício! Você e sua família de terceira classe dissiparam a boa fortuna que lhes foi atribuída. Vocês ofenderam os deuses ao vender o seu direito de nascença ao Altar-Mor. Como tem a ousadia de vir me procurar com tamanha mentira, sugerindo que meu avô era filho bastardo de uma vestal e um escravo?

Potício suspirou.

Isso teve um resultado horrível. Nunca tive a intenção de ofendê-lo. Não se preocupe, Kesão. Serei discreto. O que descobri é apenas para os seus ouvidos. Não contei a nenhum outro membro da família.

Conte suas mentiras aos brados, do alto dos telhados, se tiver coragem! Irá apenas se transformar em motivo de zombaria maior do que já é.

Tito Potício caminhou a passos lentos em direção à porta e desapareceu. Kesão deu um pontapé violento no chão, fazendo com que uma lajota voasse contra a parede.

NAQUELA NOITE, O SONO CUSTOU a chegar. Quando chegou, Kesão foi perseguido por pesadelos mais vividos e perturbadores do que qualquer outro que já tivesse tido antes.

Um sono levava, dissonantemente, ao seguinte. Em cada um deles, ele se sentia dolorosamente sozinho e desolado, objeto do ridículo e do desdém de outros homens. A certa altura, nu e coberto de suor, sentou-se ereto na cama e ergueu a mão para descobrir que estava usando o fascinum, embora não se lembrasse de tê-lo colocado. Zangado e atormentado, em lágrimas, arrancou a corrente do pescoço e atirou o amuleto na escuridão, só para vê-lo voltar voando em sua direção! Ele gritou de terror — e só então acordou, percebendo que ainda estivera sonhando.

Sua mãe e seu pai estavam parados à porta, olhando fixo para ele; os gritos os tinham acordado. Ele se sentiu constrangido por estar nu diante da mãe, mas não havia nada com que pudesse se cobrir. Olhou novamente, e no lugar do pai viu Uto Potício, estalando a língua.

— Pronto, pronto, meu filho — disse o velho —, não tenha medo da verdade...

Kesão ainda estava sonhando.

Quando, afinal, acordou, sentiu-se extremamente exausto. Olhou desconfiado, com os olhos semicerrados, para a luz do sol que vazava em torno dos postigos, com medo de que ainda pudesse estar dormindo, preso em mais um pesadelo.

Levantou-se da cama. Com as pernas tremendo, atravessou de pés arrastando o quarto e abriu a caixa onde guardava o fascinum. A visão do amuleto o repeliu. Ele devia jogar fora aquela coisa horrível! Mas seu pai iria esperar que ele o usasse no dia do casamento. Livrar-se dele agora só iria chamar atenção para a ausência. Ele fechou a caixa com força.

NA VÉSPERA DO CASAMENTO, KESÃO foi à casa no Aventino, para certificar-se de que tudo estava pronto para receber a ele e sua mulher no dia seguinte. Nos preparativos para a cerimônia, tinha sido erguido um altar diante da porta da frente, para o sacrifício da ovelha e a leitura dos auspícios. Dentro da casa estavam as cadeiras cerimoniais para a noiva e o noivo, prontas para serem levadas para a rua, para a celebração ao ar livre. As duas cadeiras estavam com altas pilhas de guirlandas que seriam usadas para decorar a entrada. Entre as duas, estava o tapete de pele de ovelha no qual ele iria colocar Galéria depois de carregá-la para dentro, como se ela fosse a sua sabina raptada. O coração de Kesão acelerou as batidas quando pensou na importância do evento iminente. Àquela hora, no dia seguinte, ele seria um homem casado.

A casa estava esparsamente mobiliada, mas as lajotas do piso haviam sido consertadas e a casa toda tinha sido esfregada e limpa. O pequeno jardim fora plantado com novos arbustos e flores, e a cozinha estava abastecida de panelas e frigideiras. Ele viu a cama que tinha sido colocada junto à parede, perto da janela — uma cama nova, maior do que aquela em que costumava dormir sozinho — e sentiu uma palpitação de antecipação erótica. Galéria ficava mais bonita a cada vez que a via; em breve iria vê-la nua e estaria nu com ela, e iria possuí-la. Qualquer hesitação que sentia sobre a cerimônia desaparecia de sua mente quando seus pensamentos se voltavam para os prazeres carnis que o aguardavam. Atravessou o quarto, querendo olhar melhor para a cama.

Uma voz que era quase um sussurro disse:

A casa parece muito boa.

Kesão girou sobre os calcanhares.

O que é que *você* está fazendo aqui? Saia!

Tito Potício estava em pé à porta.

Será que um parente não pode visitar outro parente na véspera do seu casamento, para desejar-lhe felicidades?

Você é um louco. Os deuses fizeram você ficar maluco, como castigo por vender o seu direito hereditário.

Então, nós o vendemos por muito pouco.

Ápio Cláudio deveria tê-lo expulsado, quando você veio implorar. Ele não devia ter-lhe dado nem mesmo uma moeda de cobre.

É curioso você falar em dinheiro. Juntamente com apresentar meus cumprimentos, ele é uma das razões pelas quais eu vim procurá-lo. — Potício ficou com as mãos entrelaçadas à frente e os olhos baixos. — A família de Galéria é rica. Presumo que ela venha para você com um vultoso dote. Da mesma forma, acho que o censor deve ter-lhe conseguido um salário muito generoso. Você tem até casa própria! É um jovem de muitíssima sorte, para ter independência financeira com uma idade assim tão tenra.

E você é um velho louco, por ter dissipado tudo na sua idade.

Os trabalhos dos Potício começaram muito tempo antes de eu nascer. É típico de nossos infortúnios o fato de um dos mais talentosos jovens de sua geração, que devia ser o descendente da família, nem mesmo levar o nome Potício! Ainda assim, numa fase de problemas, tenho a esperança de que aquele jovem atenda ao chamado do sangue em suas veias e ajude seus parentes.

Kesão cerrou os dentes.

O que quer de mim?

Um empréstimo. Só isso. Um pequeno empréstimo, de um parente para outro.

Por que agora? Por que precisa estragar um dia em que eu não devia estar pensando em outra coisa a não ser meu casamento?

Meu pedido nada tem a ver com o seu casamento, embora eu esteja certo de que o pai da noiva ficaria chocado se soubesse que ela está para se casar com o descendente de um escravo com uma vestal maculada.

As pernas de Kesão ficaram bambas. Ele se sentou na cama.

A voz de Potício era delicada.

É curioso que você seja um construtor. Seu ancestral Tito Potício, o amigo de Coriolano, era construtor também, sabia? Ele foi também o primeiro a envergonhar a família. Seria uma pena se você também sáísse a ele quanto a isso.

Quanto você quer?

Potício mencionou uma quantia. Kesão respirou fundo, estarecido com a ganância do velho, mas aliviado por ele não ter pedido mais. Ficou combinado que Potício iria procurá-lo dali a dois dias e que, então, Kesão iria fazer o pagamento.

O IMPRESSIONANTE FOI QUE, APESAR da emoção do casamento iminente e das angústias provocadas pelo indesejado visitante, Kesão dormiu como uma pedra aquela noite. Não teve pesadelo algum. Acordou cedo, antes do primeiro cantar do galo, sentindo-se lúcido e recuperado. Acendeu uma lâmpada.

Algum tempo antes, ele terminara de ler todos os documentos que lhe tinham sido emprestados pelo primo Quinto. Pensara em devolvê-los, mas na pressa de se preparar para o casamento, deixara de fazê-lo. Apanhou-os naquele momento. Viu-se relendo alguns deles, de vez em quando fazendo um gesto afirmativo com a cabeça e cantarolando.

Depois de certo tempo, pôs de lado os documentos, apagou a lâmpada e dormiu por mais uma hora, como fazem os homens que tomaram uma decisão irrevogável e estão em paz com os deuses e consigo mesmos.

QUANDO TITO POTÍCIO VOLTOU A fazer uma visita, foi ostensivamente para apresentar seus respeitos aos recém-casados. Kesão recebeu o visitante em sua nova casa, sem sinal de rancor. Chegou até a falar com ele com cordialidade e pediu desculpas pelas palavras rudes de antes, e depois apresentou-o à nova esposa.

Para Potício, parecia que uma noite de felicidade marital tinha feito maravilhas para corrigir a atitude de Kesão. E por que não? Segundo ele, não havia necessidade de Kesão agir com hostilidade. Tendo se convencido de que vender os direitos da família sobre o Altar-Mor era aceitável, Potício ainda se convencera de que o pedido de ajuda a Kesão era plenamente razoável. Afinal, eles eram parentes. Kesão tinha bastante dinheiro, e Potício estava num aperto terrível. Os deuses sorriam para a generosidade. Não havia motivo para que a transação fosse desagradável. Na verdade, Kesão devia ficar orgulhoso por ajudar um parente mais velho que passava necessidades.

Com a cabeça cheia desses raciocínios, e com a guarda baixa, Potício não pensou em nada quando a recém-casada lhe ofereceu uma porção do tradicional prato de feijão que sobrara da festa do casamento, e não percebeu que foi Kesão quem colocou a terrina em suas mãos. Ele estava com fome, e o feijão era delicioso. Discretamente, Kesão passou-lhe um pequeno saco de moedas e depois o levou às pressas para a porta. Potício não se ofendeu ao ser dispensado com tanta rapidez. Era natural que o noivo estivesse ansioso por ficar a sós com sua mulher.

Dando tapinhas no saco de dinheiro que estava pendurado à sua cintura, cantarolando uma canção alegre, Potício atravessou o Aventino, seguindo para sua casa no menos elegante lado sul do monte. Caminhando em frente ao Templo de Juno Regina, viu que um dos gansos sagrados tinha fugido do cercado e estava andando pelo alpendre, esticando o pescoço de um lado para o outro. Potício sorriu e então sentiu um súbito formigamento na garganta. A boca estava muito seca; ele devia ter pedido algo para beber, para ajudar a descida do feijão.

De repente, uma chama parecia descer-lhe pela garganta, indo até o intestino. A sensação foi tão intensa e tão peculiar, que ele percebeu que havia algo de gravemente errado. Ele chegara à avançada idade na qual se podia morrer a qualquer instante, de súbito e sem causa aparente. Estaria aquilo acontecendo naquele momento? Será que os deuses finalmente tinham decidido pôr um fim na história de sua vida?

Sem saber como tinha chegado até ali, ele se viu deitado por inteiro, de costas, no chão em frente ao templo, praticamente sem poder se mexer. Uma multidão reuniu-se em volta. Pessoas se curvavam e olhavam para ele. As expressões não eram animadoras. Homens abanavam a cabeça. Uma mulher cobriu o rosto e começou a chorar.

Frio — conseguiu ele dizer. — Não posso... me mexer.

Como se para contradizê-lo, braços e pernas começaram a se contorcer, um pouco, no início, e, depois, com tanta violência que as pessoas recuaram, com medo. O ganso, alarmado, grasnou e bateu as asas.

Potício percebeu o que tinha acontecido. Não pensou que se tratasse de assassinato, mas, sim, de mais um infortúnio a cair sobre os Potício. Como os deuses deviam odiar a sua família! Nunca lhe ocorreu acusar Kesão em seu último suspiro; admitir a extorsão iria apenas sujar seu nome e humilhar ainda mais a família. As convulsões cessaram, juntamente com a respiração.

Tito, o páter-famílias reinante dos Potício, morreu com rapidez e em silêncio.

Dois lictores enviados pelo edil curul chegaram para cuidar do corpo até que um membro da família pudesse ir buscá-lo. O lictor que fez um levantamento dos bens do morto reconheceu Potício e expressou surpresa que o homem idoso carregasse consigo tamanha quantia em dinheiro.

Os Potício estão sempre alegando pobreza, mas vejam todas essas moedas!

Talvez seja o que restou daquele pagamento que o censor fez a ele por vender os direitos ao Altar-Mor — disse o colega dele. — Nada de bom poderia resultar de um sacrilégio desses.

Nada de bom já aconteceu a esse pobre homem!

PARA KESÃO, TITO POTÍCIO, o filho do falecido páter-famílias, parecia apenas ligeiramente mais moço do que o pai.

Desse modo — disse Potício —, pelo que pude calcular, você deve ter sido uma das últimas pessoas a vê-lo com vida. Papai disse a um dos escravos que iria dar uma parada aqui a caminho de casa, mas não disse o motivo. É um tanto estranho ele ter em seu poder tanto dinheiro. Ninguém tem uma pista sobre onde ele conseguiu aquele saco de moedas.

Os dois estavam sentados no pequeno jardim da nova casa de Kesão. Não havia insinuação ou desconfiança alguma na voz de Potício; ele parecia um filho consternado que simplesmente queria saber de tudo que fosse possível sobre as últimas horas do pai. Ainda assim, Kesão sentia um toque de ansiedade no peito. Escolheu as palavras com cuidado e falou no que esperava ser um adequado tom de comiseração na voz.

É verdade, seu pai nos fez uma breve visita naquele dia. Ele e eu tínhamos nos encontrado rapidamente, antes, em casa de Ápio Cláudio. Foi muita consideração dele passar por aqui e nos cumprimentar pelo casamento.

Um senhor tão bom — observou Galéria, que estava sentada perto dos dois, com sua roca, tecendo lã.com a ajuda de sua escrava. Galéria tinha muitas virtudes antiquadas, mas ficar calada não era uma delas, e a casa era pequena demais para que Kesão pudesse ter uma conversa sem que ela ouvisse. — Ele parecia gostar muito de você, Kesão.

Potício sorriu.

Posso ver o motivo pelo qual papai pode ter gostado de você. Talvez você o lembrasse do primo Marcos.

Mesmo?

Sim, a semelhança é impressionante. E papai era muito sentimental. E... não sabia deixar de abusar das pessoas. Ele não... — Potício baixou os olhos. — Ele não lhe pediu, por acaso, dinheiro, pediu? Lamento dizer que papai tinha o mau hábito de pedir dinheiro emprestado, até mesmo a pessoas que mal conhecia.

Claro que não!

Potício suspirou.

Bem, eu tinha que perguntar. Ainda estou levantando as dívidas dele que não foram pagas. Onde ele conseguiu aquele saco de moedas pode continuar sendo um mistério.

Kesão fez um gesto afirmativo com a cabeça, compreensivo. Era evidente que o Tito Potício mais moço nada sabia do plano do pai de extorquir dinheiro dele. No entanto, a preocupação do homem com o saco de moedas e sua observação sobre a semelhança de Kesão com um parente deixavam Kesão aflito.

Respirou fundo. A sensação em seu peito diminuiu. Como ocorrera nas primeiras horas do dia de seu casamento, uma resolução tomou conta dele e, com ela, uma sensação de paz.

Ele olhou sério para Potício.

Tal como meu caro amigo Ápio Cláudio, estou emocionado com a situação difícil de sua família. O fato de uma das mais antigas famílias de Roma ter diminuído tanto em quantidade e caído em tamanha pobreza deve ser motivo de preocupação de todos os patrícios da cidade. Nós, das famílias antigas, discutimos muito entre nós, quando devíamos estar cuidando uns dos outros. Sou apenas um jovem, e tenho muito pouca influência...

Você se subestima, Kesão. Você é ouvido tanto por Quinto Fábio quanto por Ápio Cláudio. Não são muitos os homens de Roma que podem dizer isso.

Acho que é verdade. E eu gostaria de fazer o que puder para ajudar os Potício.

Eu ficaria muito grato por qualquer ajuda que puder nos dar. — Potício suspirou. — Os deveres de páter-famílias são muito pesados para mim!

Talvez eu possa ajudar a aliviar esse peso, ainda que apenas um pouco. Com a minha recomendação, meu primo Quinto poderia arranjar cargos para alguns de seus parentes, e o censor também. Você e eu devemos nos encontrar outra vez, Tito, com um pouco de comida e vinho.

Seria uma honra — disse Potício. — Minha casa mal tem condições de recebê-los, mas se você e sua esposa aceitarem um convite para jantar...

E assim Kesão começou a insinuar-se no domicílio familiar e na confiança do novo páter-famílias dos Potício.

311 a.C.

A NOVA FONTE NO TERMINAL do aqueduto não era apenas a maior fonte de Roma, mas uma esplêndida obra de arte. O raso e elevado tanque no qual a água iria cair era um círculo de 4,6 m de diâmetro. No centro, das bocas de três duendes de rio magnificamente esculpidos em pedra, a água iria jorrar ininterruptamente no tanque.

Muitos dos mais distintos cidadãos da cidade tinham se reunido para assistir à inauguração da fonte. O principal deles era Ápio Cláudio, sorrindo largamente e resplandecente em sua toga púrpura de censor. Quinto Fábio também estava lá, exibindo sua perpétua fisionomia carrancuda. Ele concordara em comparecer a contragosto, e Kesão sentia-se obrigado a ficar perto dele.

Os auspícios tinham sido examinados; o adivinho localizara várias aves fluviais girando sobre o Tibre que ficava próximo dali, sinal certo do favor dos deuses. Houve um intervalo nas festividades enquanto os engenheiros se preparavam para abrir as válvulas. Quinto começou a resmungar.

Com que então, esta é a desculpa do seu amigo Cláudio para continuar sendo o censor, muito além do prazo legal: uma fonte!

Kesão franziu os lábios.

Cláudio alegou que seu trabalho no aqueduto e na estrada é importante demais para ser interrompido. Pediu para continuar como censor. O Senado concordou.

Só porque Cláudio encheu o Senado com esbirros! Ele é tão trapaceiro e teimoso quanto seus ancestrais, e tão perigoso quanto eles. Para atingir seus fins egoístas, ele provocou uma crise política na cidade. — Quinto abanou a cabeça. — Esses chamados grandes projetos são apenas uma diversão enquanto ele continua a fazer pressão em prol da implementação de seus planos radicais de votação. Ele não vai descansar enquanto não transformar a república romana numa democracia grega governada por um demagogo como ele, um desastre que nunca irá acontecer enquanto me restar um sopro de vida.

Por favor, primo! Estamos aqui para comemorar um feito da engenharia romana, não para discutir política. Não há dúvida de que o aqueduto é algo de que todos nós podemos ficar orgulhosos.

Quinto respondeu com um grunhido. De repente, o cenho se anuviou.

Como vai o pequenino?

Kesão sorriu. Galéria ficara grávida logo depois do casamento, e havia pouco tempo dera à luz um filho. Kesão sabia que Quinto ficaria contente, mas surpreendeu-se com a avidez com que o primo babava pelo menino.

O pequeno Kesão está bem de saúde. Ele adora o chocalho que você deu a ele, e todos os outros brinquedos.

Quinto fez um gesto afirmativo com a cabeça.

Ótimo! Aquele seu filho é muito inteligente e alerta. Com aqueles pulmões, um dia vai dar um poderoso orador.

Não há dúvida de que se fará ouvir — concordou Kesão.

Cláudio subiu numa plataforma e ergueu as mãos para silenciar a multidão.

Cidadãos! Estamos quase prontos para encher a fonte. Mas, primeiro, se me derem atenção, gostaria de dizer algumas palavras sobre como foi executado esse maravilhoso feito de engenharia.

Ele passou a discorrer sobre a importância da água para a cidade que crescia, recordou o lampejo de percepção que o inspirara a começar a planejar o aqueduto, e recontou alguns casos sobre a construção. Sua fala, feita de memória, estava cheia de trocadilhos e de inteligente fraseado. Até Quinto abafou uma involuntária risada ao ouvir alguns de seus ditos espirituosos.

Há muitos e muitos homens a quem devemos agradecer por suas contribuições a este grande empreendimento — disse Cláudio. — Para que não me esquecesse de um único, anotei seus nomes.

Cláudio passou a ler os nomes. Kesão ficou lisonjeado ao ser mencionado entre os primeiros da longa lista.

Enquanto Cláudio continuava a ler, Quinto sussurrou para Kesão.

Por que ele semicerra tanto os olhos?

Kesão franziu o cenho. Quinto tocara num assunto que o preocupava cada vez mais: a visão do censor. Muito abruptamente, a visão de Cláudio começara a se deteriorar, a tal ponto que ele precisava imprensar o nariz contra seus adorados pergaminhos gregos para lê-los. A lista que agora lia havia sido escrita em letras grandes e, no entanto, ele tinha que apertar os olhos para distinguir os nomes.

Quinto viu a preocupação no rosto de Kesão.

Então, o rumor é verdade? Ápio Cláudio está ficando cego?

Claro que não! — disse Kesão. — Ele apenas forçou muito os olhos de tanto trabalhar.

Quinto ergueu uma sobrancelha.

Você sabe o que as pessoas estão dizendo, não sabe?

O povo é tolo! — sussurrou Kesão. Ele tinha realmente ouvido o maldoso boato difundido pelos inimigos de Cláudio. Diziam que o censor, que gostava tanto dos prazeres de ler e escrever, estava sendo castigado pelos deuses com a cegueira, por ter permitido a transferência de deveres religiosos no Altar-Mor, da família Potício para escravos do templo. — O que quer que você possa pensar sobre a política dele, primo, Ápio Cláudio é um homem piedoso que honra os deuses. Se a visão dele está falhando, não é porque os deuses o estejam punindo.

E, no entanto, os deuses castigaram aqueles outros inauspiciosos amigos seus, os Potício, não? E com muita severidade!

Kesão respirou fundo, mas não respondeu. Em seus tratos com os Potício ao longo do último ano, Kesão estivera agindo por interesse próprio, para apagar o segredo de suas origens e salvaguardar o futuro de seu descendente. Mas será que os deuses tinham participado de alguma maneira, fazendo dele o instrumento de sua ira contra uma ímpia família que estava no ponto para ser destruída?

Você duvida que o terrível fim dos Potício foi o resultado do julgamento divino? — disse Quinto, pressionando-o. — Que outra explicação pode haver para tal seqüência extraordinária de mortes? Em questão de meses, todos os homens da família adoeceram e morreram. Não ficou um único Potício para transmitir o nome. Uma das mais antigas famílias de Roma ficou extinta!

Há quem diga que eles morreram da peste — disse Kesão.

Uma peste atacando apenas uma família, e só os homens?

Foi no que os próprios Potício acreditaram.

Sim, e no desespero em que se encontravam, convenceram o Senado a nomear um ditador especial para pregar um prego na tabuleta de madeira do lado de fora do santuário de Minerva, para afastar a peste. Não adiantou. Pelo menos, eles tiveram o conforto de um amigo constante: você, Kesão. Outros deram as costas aos Potício, temerosos de que fossem contaminados pelo azar deles. Mas você, tendo se tornado amigo deles há pouco tempo, continuou leal até o final. Nunca parou de visitar os doentes e consolar os sobreviventes. — Quinto fez um solene gesto afirmativo com a cabeça. —

Certa vez, faz muito tempo, nós, os Fábios, quase fomos extintos, como você bem sabe. Mas foi de maneira honrada, em combate, e os deuses decidiram poupar um dos nossos para continuar com a linhagem. A História irá refletir de maneira muito diferente sobre o destino dos desgraçados Potício. Tenha orgulho do nome que você passou para o seu filho, Kesão!

O nome significa mais, para mim, do que a própria vida, primo.

Ápio Cláudio terminou de ler a lista. Em meio aos aplausos, ele ergueu a mão para ordenar a abertura das válvulas.

— Que o aqueduto flua!

Da boca dos três duendes do rio saiu um grande jato de ar, como se eles gemessem. O som de gargarejo fez Kesão lembrar-se do chocalhar de morte de suas vítimas.

Quanta engenhosidade, esperteza e trabalho muitíssimo árduo tinha sido exigido dele, para conquistar a confiança dos Potício e assegurar-se de que eles nunca desconfiassem dele! Com Ápio Cláudio, ele aprendera as artes do charme; do primo Quinto, aprendera tudo o que era preciso saber sobre venenos. Uma vez começada, a sua busca de erradicar os Potício tornara-se exaustiva. Cada novo sucesso era mais estimulante do que o anterior. Kesão quase lamentara matar a última de suas vítimas, mas, quando terminara, tivera uma indescritível sensação de alívio. Seu segredo estava a salvo. Nenhum homem jamais iria contar ao filho de Kesão a vergonhosa verdade de suas origens.

O gemido dos duendes do rio ficou mais alto. O barulho era tão impressionante, que a multidão recuou e engoliu em seco. Então, água começou a projetar-se de todas as três bocas ao mesmo tempo. Foi uma visão espetacular. Espumando e espadanando, as torrentes começaram a encher o tanque.

Acima do barulho, Cláudio gritou.

Cidadãos, eu lhes dou água! Água doce, pura, vinda lá das fontes de Gábios!

A multidão irrompeu num aplauso extasiado.

Salve Ápio Cláudio! — gritavam homens. — Salve o homem que fez o aqueduto!

DIANTE DO SENADO, o IDOSO Ápio Cláudio, agora chamado de Ápio Cláudio Cego, fazia o mais imponente discurso de sua vida. Mais de duzentos anos depois, o orador Cícero iria declarar que aquele discurso era um dos mais sublimes exercícios da língua latina, e Ápio Cláudio Cego seria reverenciado como Pai da Prosa Latina.

A ocasião era um debate sobre a resistência de Roma ao aventureiro grego, o rei Pirro, a maior ameaça a enfrentar os romanos desde os gauleses. Assim como seu parente Alexandre, o Grande, cinqüenta anos antes tinha conquistado o Oriente com a velocidade de um relâmpago, Pirro achava que podia invadir a Itália e subjugar rapidamente os seus "bárbaros" — com o termo sendo um epíteto grego para qualquer raça que não falasse o idioma deles.

Até então, os romanos tinham frustrado os planos de Pirro. O invasor continuava a vencer batalhas, mas esses triunfos dispendiosos esticavam suas linhas de abastecimento, enfraqueciam o moral de seus oficiais sobrecarregados e diminuía o número de seus combatentes.

Se houver muitas mais dessas "vitórias de Pirro" — declarou Ápio Cláudio Cego —, o rei Pirro poderá descobrir, em breve e para sua consternação, que venceu *uma batalha demais!*

A câmara retumbou com gargalhadas. A infatigável inteligência e o inflexível otimismo do senador cego eram muito apreciados em meio dos sombrios debates dos últimos anos.

Alguns dos senhores estão pedindo paz com Pirro — disse Cláudio. — Os senhores querem um fim para o derramamento de sangue romano e do sangue de nossos aliados e súditos. Os senhores estão prontos a oferecer concessões. Não permitir que Pirro obtenha o permanente pé de apoio que ele procura em solo italiano, na esperança de que se contente com um pequeno reino aqui e abandone seu sonho de um império ocidental que rivalize com o império de Alexandre no Oriente. Eu lhes digo, Pirro jamais aceitará isso! Ele nunca vai parar de tramar tirar-nos tudo. Não ficará satisfeito enquanto não nos tiver transformado em escravos dele.

"Todos os senhores sabem que sou um homem que dá um grande valor à erudição grega e às belezas da literatura e da arte gregas. Mas jamais terei um grego reinando sobre mim, e jamais obedecerei a qualquer lei que não seja talhada em latim! O futuro da Itália pertence a nós: ao povo e ao Senado de Roma. Não pertence a grego algum, nem a rei algum. Temos que continuar a lutar contra Pirro, não importa o custo, até que o expulsemos

por completo da Itália. Quando o último navio grego levar embora os últimos remanescentes de seu exausto exército, a Itália será nossa, e Roma estará livre para cumprir com o destino que os deuses decretaram para nós!

A maioria dos senadores ergueu-se de um salto, aplaudindo e gritando palavras de louvor. Vendo que Cláudio decididamente levava a melhor, aqueles que tinham argumentado em favor de contentar Pirro juntaram-se, a contragosto, à ovação. A guerra contra Pirro iria continuar.

Mesmo enquanto se retirava do Senado, ajudado por um escravo para guiá-lo nos degraus, Cláudio estava pensando já em sua oração seguinte. Incapaz de ler ou escrever, ele se tornara adepto de compor e memorizar longos trechos em sua cabeça. O assunto seria o relacionamento de Roma com Cartago, o grande porto marítimo na costa da África fundado por fenícios mais ou menos na mesma época em que Rômulo fundara sua cidade, e cuja ascensão para um posto de destaque assemelhava-se, em muitos pontos, à de Roma. O Senado acabara de assinar um tratado de amizade com Cartago, e a incursão de Pirro em sua esfera mútua de interesse tinha feito com que Roma e Cartago virassem aliados — mas por quanto tempo? Assim que Pirro fosse expulso, Cláudio acreditava que era certo vir à tona uma rivalidade natural entre Roma e Cartago quanto à dominação da Sicília, do sul da Itália e das vias marítimas do Mediterrâneo ocidental.

É claro, uma vez mais, que aqueles tolos dos Fábio não conseguem ver o óbvio — murmurou ele para si mesmo. — Eles ainda pensam que Roma deve expandir seu alcance para o norte, para os Alpes e além deles, e seguir uma política de moderação com relação a Cartago. Mas o nosso destino está no sul e no mar. Um choque com Cartago é inevitável!

O escravo continuou calado. Estava acostumado a ouvir seu senhor falar sozinho. Às vezes, Cláudio mantinha discussões minuciosas consigo mesmo, que duravam horas, mudando de voz enquanto mudava de pontos de vista.

Agora no crepúsculo da vida, fragilizado e quase cego, um homem que não fosse do nível de Cláudio poderia ter sucumbido à amargura. Suas tentativas radicais de reformas haviam fracassado; poucos anos depois do cargo de censor, Quinto Fábio assumira o controle do cargo e, implacável, desfizera quase todos os atos populistas de Cláudio. Quinto Fábio foi eleito cônsul repetidas vezes, e seus adeptos o apelidaram de Máximo. Ápio Cláudio se tornara o Cego, enquanto Quinto Fábio se tornara o Maior!

Cláudio tinha sido obrigado a concluir que um governo realmente popular jamais criaria raízes em Roma. Mas seus monumentos físicos iriam durar. O Aqueduto Ápia ficou sendo uma maravilha da engenharia, e a cada ano mais um trecho da Via Ápia era pavimentado com uma pedra que iria durar para sempre. Depois de uma vida de vitórias e derrotas, Ápio Cláudio Cego estava mais apaixonado do que nunca em relação ao destino de Roma.

Atravessando o Fórum, apoiado no braço do guia, Cláudio ouviu uma voz bradar:

Senador! Posso ter uma palavra com o senhor?

Cláudio se deteve abruptamente, quase certo de que conhecia a voz - e, no entanto, era impossível! Aquela voz, adorada pela sua lembrança, pertencia ao seu protegido de outrora, Kesão Fábio Dorso. Mas Kesão já não estava mais entre os mortais. Morrera fazia muitos meses, numa batalha contra Pirro. Embora eles tivessem se afastado ao longo dos anos, Cláudio acompanhara de longe a carreira de Kesão. O juvenil interesse dele por construções acabara sendo ofuscado por sua excelência como soldado; como um Fábio típico, Kesão nascera para ser guerreiro. Cláudio sofrerá muito quando soube de sua morte. Ouvir a sua voz, agora, trouxe uma onda de recordações.

Cláudio agarrou o braço do guia.

Quem está falando comigo? O que você vê, escravo? É um homem, ou apenas a sombra de um homem?

Eu lhe garanto, senador, que não sou uma sombra — disse a voz que parecia conhecida. — Meu nome é Kesão Fábio Dorso.

Ah! Você deve ser o filho do-meu velho amigo.

— Então o senhor se lembra de meu pai?

Claro que me lembro. Minhas condolências pela morte dele.

Ele morreu de maneira honrada, lutando em favor de Roma. Eu também lutei naquela batalha, sob o comando dele. Eu o vi cair. Depois, cuidei do corpo dele.

Você pode se orgulhar muito dele.

Eu me orgulho. Ele foi um guerreiro temível. Homens dizem que ele matou mais inimigos, naquela campanha, do que qualquer outro soldado da legião. Meu pai sentia um violento deleite ao levar a morte aos invasores.

A sede de sangue tem seu lugar no campo de batalha — declarou Cláudio. — O prazer que seu pai tinha de matar redundou na glória de Roma e na honra de nossos deuses.

Kesão ergueu a mão para tocar o talismã que lhe pendia do pescoço - o fascino de ouro que retirara do corpo do pai no campo de batalha. O amuleto deixara de proteger seu usuário contra a lança que o matara, mas mesmo assim era uma venerada herança de família. Kesão o usava em memória do pai.

Diga-me, Kesão, que idade você tem?

Trinta e dois.

E seu pai, quando morreu?

Ele estava com 50.

Como podem tantos anos ter passado tão depressa? — Cláudio abanou a cabeça. — Mas o que é isso, rapaz? Será que o estou ouvindo chorar?

Só um pouco. Eu me sinto muito honrado, senhor, ao ouvir meu pai elogiado por um homem tão famoso por seu estilo nobre de falar.

É mesmo? — Cláudio deu um sorriso radiante.

Seu escravo olhou para Kesão, desconfiado, e falou ao ouvido de Cláudio.

Senhor! O sujeito é um Fábio.

É, mesmo. Mas o pai era diferente dos demais deles. Talvez o filho tenha saído ao pai. Ele parece bem respeitoso.

Eu lhe garanto, senador, que tenho a maior admiração pelas suas realizações. Foi por isso que o abordei hoje. Tinha a esperança de que o senhor atendesse a um pedido.

Talvez, rapaz, apesar de eu estar muito ocupado. Fale.

Meu pai sempre citava seus aforismos. Às vezes, parecia que metade das frases dele começavam com "Como Ápio Cláudio dizia tão bem..." Eu esperava, em honra a meu pai, que o senhor pudesse me ajudar em fazer uma compilação daquelas frases. É claro que sei muitas delas de cor, mas eu odiaria errar em alguma palavra, e deve haver algumas que esqueci, e outras que nunca ouvi. Estava pensando que o senhor poderia ditá-las para mim e que eu poderia anotá-las, e poderíamos agrupá-las de acordo com o assunto. Poderíamos até tentar uma tradução do latim para o grego.

Você sabe grego?

O suficiente para ter servido como tradutor de meu pai, para as mensagens que interceptávamos dos mensageiros especiais de Pirro.

O filho de Kesão não só tem tendências literárias, mas aprendeu grego! Sem dúvida, cada geração vem melhor do que a anterior.

—Jamais posso pretender ser o matador de homens que meu pai foi — disse Kesão, com humildade.

Venha, me acompanhe nesta caminhada. O dia está ameno e eu preciso de exercício. Vamos andar até o Capitolino, e você vai me descrever as recentes ornamentações que, infelizmente, não consigo ver com os meus olhos deficientes.

Subiram pela trilha sinuosa até o cume, onde nos últimos anos a cidade entregara-se ao seu fervor por suntuosas obras públicas. O árido cimo, onde certa vez Rômulo montara o seu asilo para os proscritos, tornara-se um lugar de templos dispendiosos e magníficas estátuas de bronze.

Essa nova estátua de Hércules — disse Cláudio. — É tão impressionante quanto se diz? Toquei nela, mas é tão grande, que não posso ir além de segurar-lhe os calcanhares.

Para Kesão, a estátua nem parecia nova — estava lá desde quando ele era um menino — mas talvez o tempo fosse medido de forma diferente por Cláudio, que era muito mais velho.

Bem, é claro, minha família é descendente de Hércules...

Ah! Vocês, os Fábios, nunca perdem uma oportunidade de nos lembrar desse direito.

Por isso, tenho uma tendência de favorecer qualquer imagem do deus, e quanto maior, melhor. Na verdade, o trabalho em bronze é muito bom. Hércules usa o capuz do leão de Neméia e segura um bastão. A expressão é muito fechada. Se um dia os gauleses tiverem a ousadia de voltar, acho que só a imagem dele bastará para afugentá-los do Capitolino.

Como é ela, em comparação com a colossal estátua de Júpiter, lá no templo?

Ah, a de Júpiter é muito maior do que a de Hércules, como suponho que o pai deve ser. É possível vê-la do monte Alba, 16 quilômetros pela Via Ápia!

Você conhece a história da criação da estátua?

Conheço. Depois que Espúrio Carvílio esmagou os samnitas, ele derreteu as peitorais, as grevas e os elmos deles para fazer a estátua. O enorme tamanho do deus representa, literalmente, a magnitude de nossa vitória sobre o nosso velho inimigo. Da limalha do bronze que sobrara, o cônsul fez a estátua dele próprio, em tamanho natural, que está aos pés da de Júpiter.

Não precisa descrever isso para mim. Eu me lembro, muito claramente, de como Carvílio é feio! E no alto do Templo de Júpiter; a quadriga é tão imponente quanto dizem? Ela era feita de terracota, sabe, um material expressivo, mas muito delicado. Era restaurada de vez em quando, mas algumas partes eram tão antigas quanto o templo, e provavelmente feitas pelas mãos do próprio artista, Vulca. Mas agora a terracota foi retirada e substituída por uma réplica exata, feita inteiramente de bronze.

Eu me lembro da terracota original — disse Kesão. — Acredite, o bronze é muito mais impressionante. Os detalhes do rosto de Júpiter, as dilatadas narinas dos corcéis, a decoração da quadriga, são todos impressionantes.

—*Alas*, se ao menos eu ainda tivesse olhos para ver! A substituição de bronze para a quadriga foi feita pelos meus queridos colegas Cneu e Quinto Ogúlnio, sabe? Fico satisfeito ao ver homens de uma geração mais nova assumir a bandeira populista. No ano em que os dois irmãos Ogúlnio serviram como edis curuis, eles levaram a julgamento os piores dos emprestadores de dinheiro ricos, e os condenaram. Tirando dos bens confiscados, os Ogúlnios pagaram a nova quadriga de bronze. Também pagaram por aquela nova estátua de Rômulo e Remo no alto do Palatino, que se tornou um santuário muito importante para o povo comum da cidade.

Sabe que eu nunca a vi?

Verdade? Nem eu, mas a minha desculpa é a cegueira. Como o seu primo Quinto deve detestar os Ogúlnio e suas políticas!

Hoje em dia, nós chamamos o nosso venerável primo de "Máximo" — disse Kesão.

Suponho que ele tenha evitado, de propósito, que todos os Fábio homenageassem o grande monumento dos Ogúlnio. Temos que ir agora mesmo, para que, finalmente, você possa vê-lo.

Desceram o Capitolino, atravessaram o Fórum e subiram a Escada de Caco. O escravo praticamente não precisou ajudar Cláudio, que sabia o caminho de cor. Aos pés da figueira que não ficava longe da Cabana de Rômulo, a estátua dos Gêmeos tinha sido erguida sobre um pedestal. Não era de tamanho colossal, mas a imagem era impressionante: embaixo de uma loba em pé, dois bebês nus agachavam-se e viravam o rosto para cima, para sugar as tetas do animal.

Bem, o que acha, rapaz?

É impressionante. Muito poderosa. Muito bonita.

Você acha que o fundador da cidade e seu infeliz irmão foram literalmente criados por uma loba?

É o que a lenda nos diz.

E você nunca questiona lendas? Há quem acredite que a loba é uma metáfora ou, talvez, uma interpretação demasiado literal de uma história transmitida oralmente. A mesma palavra, no final das contas, pode se referir a uma mulher da variedade das lobas: uma prostituta. Não é mais provável que os Gêmeos tenham sido criados por uma mulher dessas, e não por um animal selvagem?

Cláudio não pôde ver a expressão do homem mais moço, mas pelo silêncio que se seguiu podia dizer que Kesão ficara confuso. Cláudio deu uma risada bem-humorada.

Perdoe a minha franqueza. É óbvio que idéias desse tipo não são expressas nos sérios domicílios familiares dos Fábio!

Algumas de suas idéias... são novas para mim — admitiu Kesão. — Meu pai dizia que o senhor muitas vezes questionava as maneiras dele pensar, mas que também o inspirou. Obrigado por me mostrar a estátua dos Gêmeos e a loba.

Cláudio sorriu.

Não estamos longe de minha casa. Gostaria de ver a minha biblioteca? Ela aumentou muito, desde a época em que tentei ensinar grego ao seu pai. Todos os meses, chegam novos pergaminhos. É claro que não posso lê-los. Alguém tem que lê-los em voz alta, para mim. Você tem uma voz muito agradável, Kesão.

Senador, eu me sentiria honrado ao ler em voz alta para o senhor.

O escravo os guiou para a casa.

Vamos beber e comer alguma coisa — disse Cláudio, atravessando o vestibulo. — Depois, talvez possamos trabalhar naquela coleção de aforismos que você sugere.

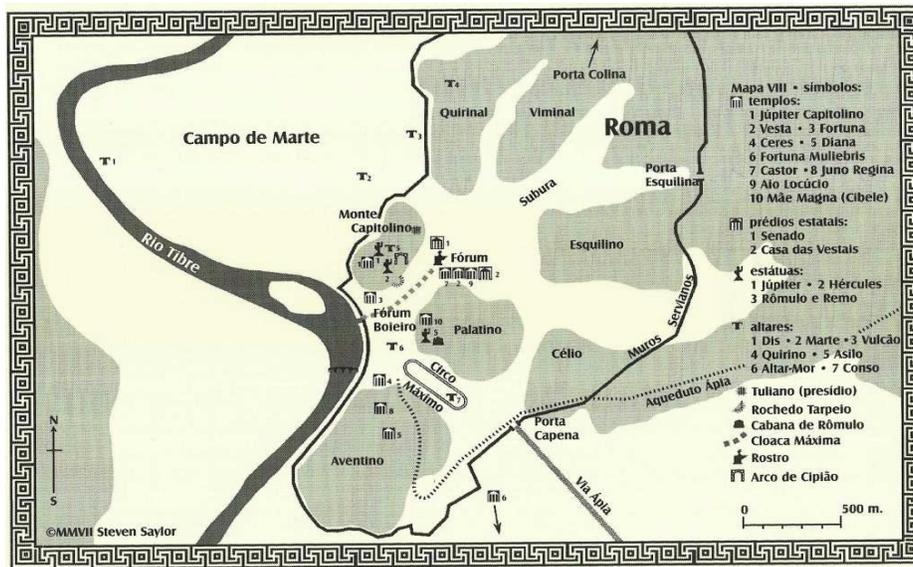
Kesão fez um gesto afirmativo com a cabeça, feliz, e depois franziu o cenho.

Há uma de suas frases que meu pai considerava de uma inspiração especial. Algo a ver com arquitetura e fortuna...

"Cada homem é o arquiteto de sua fortuna."

Exatamente! Meu pai vivia motivado por essas palavras.

Tenho certeza de que nenhum homem pôs essas palavras em prática mais fielmente do que Kesão Fábio Dorso!



CAPÍTULO VIII

A SOMBRA DE CIPLÃO

216 A.C.

- Já fizemos esses malditos cartagineses ficar de joelhos uma vez. Vamos tornar a fazê-lo!

Assim declarou Quinto Fábio Máximo, usando uma expressão carrancuda o bastante para ter agradado ao seu bisavô, que tinha sido o primeiro a receber o sobrenome Máximo quase noventa anos antes. Com uma das mãos, ele segurava uma taça de vinho. Com a outra, dava tapinhas no lábio superior, um hábito nervoso que chamava a atenção para uma verruga muito destacada. Devido àquele detalhe característico num rosto que, sem ele, seria simples, os amigos, de brincadeira, tinham lhe dado um sobrenome adicional, Verrugoso.

Do outro lado da sala de jantar, o jovem Kesão olhava furtivamente para o anfitrião — um homem que ele achava muito amedrontador — e desejava que suas próprias imperfeições físicas fossem limitadas a uma ou duas verrugas horríveis.

Uma das pernas de Kesão era mais curta do que a outra. Um de seus antebraços tinha uma estranha curvatura e os músculos daquele antebraço

nem sempre estavam inteiramente sob seu controle. Ele andava com um leve mancar e nunca conseguira montar num cavalo. Também sofria de epilepsia. O oscilar da cabeça acontecia nos momentos mais inoportunos. Na pior das crises, fazia com que ele perdesse por completo a consciência.

Apesar dessas imperfeições, a mãe de Kesão sempre lhe garantia que ele era bonito. Aos 20 anos, Kesão tinha idade suficiente para ver-se num espelho com olhar crítico e ver que aquilo não era lisonja ou racionalização de desejo de uma mãe, mas a verdade. Seus olhos tinham um tom raro de azul. Os cabelos lustrosos eram da cor da luz do sol no mel. O rosto poderia servir de modelo para um escultor grego. Mas do que adiantava um rosto bonito se o corpo fosse impróprio para cavalgar, ou marchar, ou lutar, como exigia a época? Era muito melhor ter um corpo forte e uma verruga no lábio do tamanho de um grão-de-bico, como seu grande e poderoso primo Máximo — que acabara de pegar Kesão olhando fixo e devolveu-lhe o olhar, fazendo uma careta.

Kesão baixou os olhos e, nervoso, deu uns tapinhas no fascinum de ouro que estava pendurado em seu pescoço, uma preciosa herança de família que ele usara especialmente para aquela ocasião muito importante.

Os dois outros convidados do jantar tinham a mesma idade de Kesão. Seu primo Quinto era filho de Máximo; Públio Cornélio Cipião era amigo dos dois. A ocasião era sombria. Quando amanhecesse, Quinto e Cipião estariam partindo para a guerra. Como Kesão queria ir com eles!

Setenta anos tinham passado desde que Ápio Cláudio Cego fizera seu instigante discurso no Senado contra o invasor grego, Pirro. A retirada final de Pirro da Itália era agora, uma lembrança distante, mas ainda havia antigos combatentes vivos que se lembravam da guerra ainda mais importante que se seguira, com Cartago. Como Ápio Cláudio havia previsto, depois que seu inimigo mútuo, Pirro, foi derrotado, o rival marítimo de Roma tornara-se seu inimigo militar. Durante vinte anos, na Sicília e na África, em terra e no mar, os romanos e os cartagineses se envolveram numa guerra sangrenta. A paz que se seguira, em condições que representavam vantagem para Roma, durara uma geração, mas agora as duas cidades estavam de novo em guerra, e Cartago, chefiada por um general chamado Aníbal, tinha levado a guerra para a Itália.

— Quando seguirem para a batalha — disse Máximo, dirigindo-se ao filho e a Cipião, mas acentuadamente ignorando Kesão —, nunca se

esqueçam não foi Roma que violou a paz. Foi aquele louco maquinador, Aníbal,

quando ousou atacar nossos aliados na Espanha. O homem não tem vergonha, não tem escrúpulos, e não tem honra. Maldito seja seu exército mestiço de líbios, númeridas, espanhóis e gauleses! Que os elefantes deles enlouqueçam e os pisoteiem até transformá-los em pó!

Aprovado, aprovado! — disse Quinto, erguendo a taça. Tal como o pai, ele era sem graça e exibia a mesma careta carrancuda, que parecia mais uma tromba em seu rosto jovem.

Cipião ergueu sua taça e juntou-se ao brinde. Tal como Kesão, Cipião tinha sido abençoado pelos deuses com uma aparência notável, apesar dos cabelos mais escuros e os traços parecerem mais rudes. Ele usava os cabelos compridos e puxados totalmente para trás — tal como Alexandre, dizia-se — e tinha um físico musculoso. Quando estudante, igualara depressa e depois ultrapassara a erudição de seus tutores. Como atleta, tinha sido melhor do que todos os demais. Como soldado, já adquirira fama. Era conhecido pelo andar firme e rápido, e pelo pulso forte. Cipião causava uma impressão poderosa em todas as pessoas que ele conhecia.

Atrasado, Kesão também ergueu sua taça. Só Cipião pareceu percebê-lo, inclinando a taça em direção a Kesão e dirigindo-lhe um rápido sorriso.

Como você diz, Máximo, não há dúvida alguma de que os cartagineses estão errados — disse Cipião. A voz grave era forte, mas delicada. Muitas vezes havia quem observasse que ele daria um belo orador quando tivesse idade bastante para concorrer ao cargo. — Mas sem dúvida você se expressa mal quando diz que Aníbal é louco. Obcecado, talvez; nós todos sabemos a história de que o pai dele, amargurado pela humilhação pessoal e pelas concessões feitas por Cartago depois da última guerra, fez o menino Aníbal jurar um ódio eterno a Roma e tudo que fosse romano. É evidente que Aníbal levou o juramento a sério. Ninguém pode acusá-lo de negligenciar o seu dever filial! Ele violou deliberadamente a paz quando atacou nossos aliados na Espanha. Depois, dizem, teve um sonho sobre o futuro: um deus colocou-o nas costas de uma cobra gigantesca e ele cavalgou a cobra pela Terra, arrancando árvores e pedras enormes e provocando total destruição. Aníbal entendeu que o sonho significava que ele estava destinado a devastar a Itália inteira.

Foi o que ele disse aos seus soldados. — Quinto teve um sorriso afetado. — É provável que tenha inventado aquele sonho para instigá-los a

ir em frente.

Verdade ou não, ele partiu da Espanha e atravessou a costa sul da Gália. Todo mundo dizia que os Alpes iriam mantê-lo longe da Itália; ninguém pensou que ele pudesse atravessar as montanhas com o exército e os elefantes intatos. Mas ele encontrou um passo e caiu sobre nós como uma tempestade de fogo! Ele tem nos dado uma surra atrás da outra. Eu estava com o meu pai no rio Ticino, no primeiro enfrentamento da guerra, quando o dia foi tão ruim para nós...

Não seja modesto, Cipião — disse Quinto. — Você salvou a vida de seu pai quando ele foi ferido no campo de batalha, e todo mundo sabe disso.

Fiz o que qualquer filho faria. — Se Cipião menosprezava sua própria bravura, também atenuava a magnitude das repetidas derrotas que os romanos tinham recebido da mão de Aníbal.

Em suas devastadoras incursões pela península italiana, Aníbal adquirira a reputação de uma engenhosidade e uma resiliência quase sobre-humanas. Mostrara ser um mestre em disfarces, escapando de tramas para assassiná-lo ao usar perucas e fantasias. Tinha se recuperado de ferimentos terríveis, inclusive a perda de um olho. Concebera e executara estratégias ultrajantes. Certa noite bem escura, ele fez um exército romano ficar em total confusão ao amarrar tochas acesas nos chifres de um rebanho de bovinos que, em pânico, criaram a ilusão de um imenso exército avançando em todas as direções por uma encosta de montanha que, excetuando-se o gado, estava deserta.

Até mesmo enquanto seu ódio implacável e sua aparente invencibilidade inspiravam o medo e o desprezo deles, Aníbal angariara a relutante admiração de muitos romanos, e Cipião falava nele com um certo respeito.

Agora, o Caco caolho e seus mercenários mestiços penetraram até o coração da Itália — disse Quinto. — Eles vagam e devastam à vontade, e eliminam nossos aliados, um atrás do outro Mas não por muito mais tempo, não é, Cipião?

Tem razão, Quinto. Amanhã vamos partir para caçar Aníbal e pôr um fim nele, de uma vez por todas!

Máximo resmungou.

— Você conhece minha opinião sobre esse assunto — disse ele, carrancudo.

No ano anterior, Máximo tinha sido nomeado ditador, com poderes de emergência. Enquanto seus colegas no Senado clamavam por mais uma confrontação com os invasores, Fábio praticara uma guerra-fantasma, instigando e não dando sossego ao exército de Aníbal, mas evitando um enfrentamento direto. Seu conselho tinha sido, e ainda era, cautela e paciência. Enquanto os romanos continuavam a lutar contra os cartagineses em outras arenas — no mar, na Espanha e na Sicília —, na Itália, acreditava ele, eles deveriam evitar quaisquer novas batalhas campais com Aníbal, cujos violentos elefantes e cuja cavalaria núpida tinham se mostrado, até ali, invencíveis. Em vez disso, os romanos deveriam ficar sentados, à vontade, e deixar que os problemas logísticos de alimentar e encontrar abrigo no inverno para 50 mil mercenários e 10 mil cavalos fizessem seus estragos. Mas as táticas de Máximo tinham sido ridicularizadas e desdenhadas. Seus inimigos o apelidaram de Cunctator — "o Protelador" — e ele se tornara o homem mais impopular de Roma.

Agora, o momento pertencia ao recém-eleito cônsul, Caio Terêncio Varro, um agitador populista decidido a levar o combate a Aníbal. Ele e seu colega cônsul, Lúcio Emílio Paulo, estariam partindo na manhã seguinte à frente do maior exército romano já reunido, mais de 80 mil homens. O plano era dominar Aníbal pela vantagem numérica. Apesar das objeções de seu pai à campanha, Quinto estaria servindo no posto de tribuno militar, o mesmo acontecendo com Cipião.

Kesão olhou para os dois outros jovens e sentiu-se agudamente cômico de suas limitações físicas. Por sorte sua, as imperfeições não tinham ficado evidentes logo ao nascer; caso contrário, ele poderia ter sido exposto aos elementos logo depois de surgir do ventre; sua mãe gerara dois filhos anteriores com defeitos físicos tão gritantes, que tinham sido levados para longe, para morrer, por ordem do pai de Kesão. Depois de Kesão, sua desesperançada mãe não tivera mais filhos. Quando o pai morreu na batalha do Ticino, Kesão tornou-se o páter-famílias de seu pequeno ramo dos Fábio. Mas a liberdade e a posição de pouco lhe serviriam; incapaz de completar o pré-requisito de dez anos de serviço militar, Kesão nunca teria condições de se candidatar a um cargo público e, assim, não poderia competir no Curso de Honra, a seqüência de postos que levavam ao Senado e às magistraturas mais altas.

Kesão olhou para seu amigo Cipião, do outro lado da sala, e ficou tomado por emoções mistas. Como ele admirava Cipião! Como o invejava!

A amizade inabalável de Cipião fazia com que ele se sentisse muito especial e, no entanto, sempre que se comparava a Cipião, só sentia desdém por si próprio. Cipião era tudo o que Kesão não era.

Será que temos que acrescentar a surdez à lista de seus defeitos, rapaz? — vociferou Máximo. Kesão, rudemente acordado de seu devaneio, olhou para o primo mais velho, sem compreender. — É tedioso o convidado que faz com que o anfitrião repita o que disse. Eu lhe pedi que fizesse um brinde. Dizem que você é bom no uso das palavras, Kesão, ainda que não o seja com qualquer outra coisa. Não há dúvida de que esses dois jovens guerreiros merecem algumas palavras de estímulo de nós, que vamos ficar de fora dessa batalha.

Kesão ficou calado a noite toda — disse Cipião. Seu sorriso caloroso e o tom delicado faziam um forte contraste com a rudeza de Máximo. — Não é uma característica do nosso Kesão. Ele costuma ser muito engraçado! Desconfio que, esta noite, o meu querido amigo deve estar tendo alguns pensamentos muito profundos.

Eu estava pensando... — Kesão pigarreou. — Eu estava pensando que meu inteligente primo Máximo está absolutamente certo. Não importa o que outros digam, a estratégia adequada para lidar com o desonesto cartaginês é fazer um jogo de evasão e esperar. Deixem que ele se esgote contra os nossos aliados. Quanto mais território ele tomar, mais ele terá que defender. Deixem que ele se prenda com obrigações por toda a Itália e se estenda tanto, a ponto de ficar fraco. Deixem que as safras quebrem, e vejam suas tropas passar fome. Deixem que as tempestades de inverno cheguem e espalhem doença pelos homens dele. Como ouvi você declarar em mais de uma ocasião, primo Máximo, o nosso novo cônsul Varro é um tolo estouvado. Você nunca tem papas na língua, tem, primo? Nem mesmo com um pobre aleijado como eu! Mas...

Kesão respirou fundo.

Mas, se tiver que haver uma batalha, e se ela tiver de ser mais cedo em vez de mais tarde, Roma não poderia pedir melhores homens para lutar por ela do que estes dois. — Ele ergueu sua taça. — Se todo homem no exército de Varro e Paulo fosse igual a você, Cipião... e a você, primo Quinto... os elefantes de Aníbal deviam meter as trombas entre as pernas e ir embora da Itália amanhã!

Os dois guerreiros riram e ergueram as taças.

Este é o Kesão! — disse Cipião. — O único que me faz rir!

Kesão aqueceu-se no olhar afetuoso do amigo e esqueceu os sentimentos de inveja e desmerecimento.

O último prato, com cebolas ensopadas num caldo de carne, foi servido. Quinto sugeriu um último brinde, mas, em vez disso, Máximo chamou um escravo para recolher as taças.

Vocês vão me agradecer amanhã de manhã, quando deixarem Roma perfeitamente lúcidos!

Os convidados para o jantar seguiram para o vestíbulo, a fim de se despedirem. Kesão seguiu atrás de Máximo, que passou o braço sobre o ombro de Quinto e falou ao ouvido dele. Kesão não pôde deixar de ouvir.

Fico contente por termos passado esse tempo juntos, filho, apesar de que, se você me perguntar, devia ter sido uma festa apenas para combatentes. Eu nunca teria convidado o primo Kesão, só que seu amigo Cipião insistiu. Não entendo o que ele vê naquele rapaz!

Quinto deu de ombros.

Cipião diz que a vida tem mais coisas do que só guerra e política. Ele e Kesão têm interesses em comum. Os dois adoram livros e poesia.

Mesmo assim...

A atenção de Kesão foi repentinamente chamada pela mão em seu ombro.

Acho que você deve ter bebido vinho demais, esta noite — disse Cipião. — Seu rosto está vermelho.

De repente, Kesão enfiou a mão na túnica e tirou um pedaço de pergaminho bem enrolado. Ele o meteu na mão de Cipião.

O que é isso?

Um presente de despedida — disse Kesão. — Não, não desenrole agora. Leia-o mais tarde.

De que se trata?

Encomendei um poema ao Ênio. Sei que ele é o seu preferido.

Escrito especialmente para a ocasião? Mas por que você não leu em voz alta no jantar? Você podia ter acrescentado um certo polimento à noite.

Kesão ficou ainda mais vermelho. O poema não tinha sido algo que ele estava disposto a compartilhar, com Máximo olhando para ele, furioso.

— Ênio é um combatente, como você. O poema é um alarme. Muito estimulante, eu lhe garanto. Ninguém faz esse tipo de coisa melhor do que Ênio.

Um dia desses, ele vai ficar tão famoso quanto Homero, pode acreditar — disse Cipião.

Kesão deu de ombros.

Um pouco empolado para o meu gosto, mas sei o quanto você gosta da poesia dele. Leia antes da batalha, para estimular sua coragem. Ou depois da batalha, para comemorar.

Presumindo que eu sobreviva à batalha — disse Cipião.

Kesão sentiu um calafrio.

Não diga uma coisa dessas, Cipião.

Nos próximos dias, qualquer que seja o resultado dos combates, muitos e muitos homens vão morrer. Eu poderei ser um deles.

Não! Os deuses irão protegê-lo.

Cipião sorriu.

Obrigado pela bênção, Kesão. E obrigado pelo poema.

DEPOIS DE DEIXAREM A CASA de Máximo, Cipião e Quinto foram numa direção, enquanto Kesão seguiu em outra.

A noite de verão estava quente. A lua estava cheia. Taciturno, Kesão observava sua sombra — uma figura que mancava, atravessando as ruas escuras, silenciosas, do Palatino. A animosidade de Máximo e a conversa de Cipião sobre a morte o tinham deixado melancólico e angustiado, mas ele conhecia um lugar onde poderia respirar em liberdade e relaxar, mesmo àquela hora adiantada.

Kesão chegou ao sopé do Palatino e atravessou o Fórum. Passando além do bairro de templos e espaços públicos, ele entrou numa parte muito mais humilde da cidade. As ruas estreitas e sinuosas do Subura ofereciam distrações de todo tipo, em especial depois do anoitecer. Naquela última noite antes de partirem para a guerra, soldados lotavam as tabernas, antros de Jogatina e bordéis. Os sons de uma briga chegaram de um ponto perto dele. De um outro ponto chegaram vozes bêbedas cantando uma velha marcha. A área toda fedia a vinho derramado, urina e vômito. Os postigos de uma janela num andar superior abriu-se de supetão. O luar forte revelou uma prostituta sorridente, usando uma túnica sumária. Ela olhou para Kesão e, descarada, fez um gesto, chamando-o. Kesão olhou direto à frente e apressou o passo.

Achou o beco que procurava. A úmida passagem era tão estreita, que ele tocava nas duas paredes ao mesmo tempo. Não havia tochas nas

paredes, e o luar não penetrava a escuridão; o caminho estava muito escuro. Kesão chegou ao seu destino. Bateu na porta bem rústica.

Uma vigia se abriu. Um olho deu uma espiada nele. Kesão disse seu nome. O escravo abriu imediatamente a porta.

Kesão entrou num aposento lotado, onde a atmosfera era muito diferente do decoro sério, patricio, que reinava na casa de Máximo. A um canto, um músico tocava uma canção animada numa flauta, porém mal dava para ouvi-lo acima do alarido da conversa. Uma mistura de fregueses de todas as idades — alguns ricamente trajados, outros em túnicas surradas — sentava-se junta em divãs ou em tapetes no chão; havia até algumas mulheres presentes.

Todas as mãos seguravam uma taça. O estalajadeiro — um homem corpulento, barbudo, na casa dos 30 — circulava despejando vinho de uma ânfora de barro com alça rachada. Tito Mácio Plauto ergueu os olhos do trabalho, viu Kesão, deu um sorriso largo e dirigiu-se a ele, espargindo vinho em cima de um dos fregueses, um jovem de aspecto frágil que soltou uma gargalhada estridente.

Plauto achou uma taça abandonada, encaixou-a na mão de Kesão, e serviu um pouco de vinho.

Pronto, patrão! Remédio para a sua melancolia.

O que o faz pensar que estou melancólico?

Esse franzir de cenho. Mas vamos nos livrar disso logo, logo, patrão. — Plauto deu uns tapinhas nas costas de Kesão, com uma familiaridade avuncular.

Não me chame de patrão, seu tolo sibarita.

Mas você é mesmo meu patrão! Eu sou dramaturgo, e você é dono de uma parte substancial da trupe teatral. Isso faz de você meu patrão, não faz? E patrão de todos os homens aqui. Bem, de qualquer modo, dos atores. Não dos admiradores deles.

Kesão correu o olhar pelo aposento. Embora a apresentação de peças fosse patrocinada pelo Estado, como parte dos vários festivais religiosos, representar não era profissão para cidadãos respeitáveis. A maioria dos atores de Plauto era formada por escravos ou ex-escravos de várias nacionalidades. Aqueles que representavam papéis heróicos ou mulheres tendiam a ser muito jovens, e alguns eram muito bonitos. Todos extrovertidos; eram poucos os sinais de timidez no salão.

Um dos atores, um espanhol trigueiro, ergueu-se abruptamente de um salto do chão e começou a fazer malabarismo com uma taça, um broche de cobre e uma pequena lâmpada de barro. Os espectadores largaram as taças e começaram a bater palmas no ritmo da música da flauta. O malabarista estava num estado de sobriedade que mal dava para manter os objetos no ar. Ele deu um grande espetáculo ao cambalear pelo salão deixando em perigo quem estava por perto. Seus companheiros gargalhavam todas as vezes em que ele por pouco não agarrava um dos objetos voadores.

Observando aquela estridente bufonaria, Kesão suspirou fundo e sentiu-se relaxar devagar. Como ele se sentia mais à vontade ali do que na casa de Máximo! O olhar de Kesão caiu sobre um dos atores mais jovens, um recém-chegado com traços bem-feitos e longos cabelos louros. O rapaz lembrou um pouco Cipião.

Não posso condená-lo por olhar assim para o garoto grego — disse Plauto em seu ouvido —, mas o sujeito que precisamos impressionar esta noite é aquele que está sentado ali, usando a toga que parece ser muito cara.

Quem é ele?

Nada mais do que Tibério Graco, herdeiro de uma família plebéia muito rica. Foi eleito edil curul e, por isso, vai organizar os anuais Jogos Romanos, que vão acontecer em setembro. Juntamente com a procissão religiosa e a Festa de Júpiter, e as corridas de quadrigas e lutas de boxe, haverá, é claro, um dia de comédias para divertir as massas. Como Graco está pagando a conta, e por ser um aficionado do teatro, ele tem um interesse pessoal por escolher o programa.

Presumo que você tenha submetido um roteiro à aprovação dele?

Submeti, sim: uma comédia de matar de rir, que chamo de *O soldado fanfarrão*. Adaptado de um original grego, como está na moda, mas acho que consegui dar ao material um toque decididamente romano. Graco veio aqui esta noite para devolver o roteiro e me apresentar seus comentários.

E?

Ele adorou! Disse que caiu do sofá, de tanto rir. Ele vê o mulherengo meio bufão do título como uma sátira ao nosso belicoso cônsul, Varro; disse que a peça é oportuna e hilária. Isso é bom, uma vez que estou pedindo por essa produção uma taxa mais alta do que jamais tive coragem de pedir.

Seu trabalho vale, Plauto. Você tem os melhores atores de qualquer trupe da cidade, e escreve o diálogo mais espirituoso que qualquer dramaturgo vivo. O que Ênio é para a poesia, você é para a comédia.

Plauto rolou os olhos para os céus.

E pensar que fui criado como um pobre menino do interior na Úmbria. Tive de ganhar a vida como padeiro quando vim para Roma; pensei que nunca tiraria a farinha dos cabelos. Durante anos, fui apenas mais um pretense ator deslumbrado, com um nome artístico engraçado... sim, eles me chamavam de Plauto por causa dos meus pés chatos, mas imaginei que fosse um nome que ninguém iria esquecer. Mas a roda da Fortuna vai girando e Plauto, o palhaço, é o melhor dramaturgo da cidade. Patrão, você me faz enrubescer.

Não me chame disso!

Os dois tiveram a atenção despertada por um repentino barulho. O malabarista tinha largado tudo ao mesmo tempo. A lâmpada se despedaçara contra uma parede. A taça deslizou pelo chão. O broche de bronze atingiu um dos atores na testa. O sujeito ergueu-se de um salto e lançou-se contra o malabarista, os punhos se agitando. O flautista deu um trinado, uma canção dissonante, como que para estimulá-los. Plauto apressou-se a apartar a briga.

Kesão ouviu um rizinho atrás dele.

Eu vi que isso ia acontecer! Saí da frente bem na hora. Acho que você é Kesão Fábio Dorso.

Kesão se voltou.

Sou. E você é Tibério Graco.

Sou.

Era difícil imaginar a idade do homem. Os cabelos estavam ficando grisalhos nas têmporas, mas a pele queimada do sol apresentava poucas rugas. Ele tinha um queixo poderoso e fortes malares, mas a irregularidade das feições era atenuada por um brilho travesso de diversão em seus olhos cinzentos. Se estava bêbado, não demonstrava. Ele se conduzia com uma graciosa dignidade que parecia inteiramente natural.

Kesão e Graco conversaram. Graco falou a maior parte do tempo, principalmente sobre os desafios de organizar os Jogos Romanos e o belo trabalho que Plauto fizera em *O soldado fanfarrão*. Graco tinha uma memória notável. Repetiu longos trechos de diálogo palavra por palavra, e sua apresentação com a cara sem expressão fez com que Kesão soltasse gargalhadas. Não se falou em Aníbal, dever, ou morte. Esses assuntos pesados ficariam deslocados na casa de Plauto.

Depois de um certo tempo, os olhos de Kesão caíram no jovem recém- chegado que ele notara antes. O jovem grego respondeu com um sorriso.

Creio que o nome dele é Hilarion — disse Graco, seguindo o olhar de Kesão.

-É?

É. Hilarion significa "alegre" em grego. O nome se encaixa bem nele. Por que você não tenta sua chance com o rapaz esta noite, antes que todos os demais o tenham?

— Não sei ao certo a que você se refere — disse Kesão.

Graco deu um sorriso astuto.

—Ter relações com catamitos não era o tipo de coisa que nossos sérios ancestrais aprovavam, embora eu desconfie que eles faziam um pouco dessas coisas, quer isso fosse comentado, quer não. E ousou dizer que nem o seu sério primo Máximo iria aprovar até mesmo hoje. Mas nós vivemos numa nova era, Kesão. Habitamos um mundo muito maior do que o de nossos ancestrais, um mundo maior do que aquele que homens como Máximo têm olhos para ver. Os espartanos, que são famosos como grandes guerreiros, consideram que não existe nada mais másculo do que o amor de dois soldados; em sua noite de núpcias, uma mulher espartana tem de cortar os cabelos e vestir uma túnica de rapaz, para estimular o noivo a desejá-la. Os atenienses colocam o amor de um homem mais velho por um mais moço no centro de sua filosofia. Generais cartagineses têm relações sexuais com seus jovens oficiais antes de deixar que eles se casem com suas filhas. Júpiter teve o seu Ganimedes, Hércules, o seu Hílas, Aquiles, o seu Pátroclo, Alexandre, o seu Heféstion, ou talvez tenha sido o contrário, uma vez que Alexandre era o parceiro mais moço. A Natureza nos dá apetites; os apetites têm que ser alimentados. Se seus olhos caírem sobre um escravo grego bonito e disponível, por que não fazer alguma coisa? Desde que você mantenha o papel dominante, é claro. O homem romano tem que dominar, sempre.

Kesão fez um gesto afirmativo com a cabeça. O vinho estava quente em suas veias. Ele olhou para o jovem grego de cabelos compridos e deixou-se sentir desejo, mas em seu coração ele ansiava por Cipião.

O MÊS DE SEXTILIS, QUE ficava no meio do verão, levou para Roma um calor de abafar. Todo mundo reclamava do calor; as pessoas ficavam

apáticas e irascíveis. Uma névoa sufocante instalou-se sobre a cidade e, com ela, uma atmosfera de tensão e presságio.

Todos os dias, o Fórum ficava cheio de gente à procura de notícias sobre a guerra, e elas eram sempre as mesmas: os cônsules romanos e Aníbal estavam seguindo um ao outro pela Itália, enquanto cada lado manobrava para entrar em combate no local mais oportuno. Era apenas uma questão de tempo; o confronto há tanto esperado iria acontecer a qualquer dia.

Kesão atravessava o Fórum mancando, assobiando feliz uma canção depois de uma noite de prazer em casa de Plauto, no dia em que a terrível notícia chegou.

Perto do Templo de Vesta, uma mulher que chorava passou correndo na frente dele. Então, ele deu com dois senadores idosos, vestindo togas. A princípio, pensou que os dois estavam discutindo, porque um deles gritava com o outro.

Todos eles? — perguntou o homem. — Como é possível? Não acredito no que está dizendo!

Pois então, não acredite — disse o outro. — A notícia não é oficial. Não há notícia oficial, uma vez que nenhum oficial sobreviveu para mandar uma mensagem para Roma!

Não pode ser verdade, simplesmente não pode!

Kesão sentiu um formigamento na nuca.

Qual é a notícia?

Os senadores olharam para ele com os rostos pálidos.

Um desastre completo! — disse o mais calmo. — Varro e Paulos enfrentaram Aníbal num lugar chamado Canas, perto da costa adriática. De algum modo, os romanos ficaram cercados. O exército inteiro foi aniquilado. O destino de Varro é desconhecido, mas Paulos está morto, juntamente com a maioria do Senado.

Como é que o senhor sabe disso?

Alguns sobreviventes chegaram cambaleando ao Fórum, hoje de manhã. Todos eles contam a mesma história. Um completo massacre! O maior exército jamais reunido... eliminado! O pior dia na história de Roma; nem a captura da cidade pelos gauleses foi tão ruim assim. E não há nada que impeça que Aníbal faça o mesmo que os gauleses fizeram, marchar sobre a cidade e queimá-la por completo. Não há ninguém para enfrentá-lo. Não existe exército romano!

Não pode ser tão ruim assim — disse Kesão, sacudindo a cabeça.
Mas era.

A vitória de Aníbal em Canas foi avassaladora. No segundo dia do mês de sextilis, mais de 70 mil romanos morreram e 10 mil foram feitos prisioneiros. Uns meros 3.500 escaparam, e muitos deles ficaram feridos. A magnitude da perda chegava muito além de qualquer coisa que os romanos jamais experimentaram.

Em meio ao pânico que ameaçava dominar a cidade, foi Máximo quem assumiu o comando. A sabedoria de sua desdenhada política ficara, agora, evidente, e a mão firme com que assumiu o controle da cidade impressionou a todos. Os membros restantes do Senado, uma assembléia grisalha e desdentada, concedeu-lhe poderes emergenciais. Ninguém se opôs à nomeação, ainda que apenas porque não restava ninguém para se opor. Praticamente todo membro do Senado fisicamente capaz morrera em Canas ou estava combatendo os cartagineses no exterior. Não restava, na cidade, nenhum homem com a experiência e a estatura de Máximo.

Em grande parte pelo mesmo motivo — porque ele era um dos poucos magistrados que restavam — o edil curul Tibério Graco foi nomeado para servir como Mestre do Cavalos, que era o braço direito do ditador.

Primeiro, Máximo despachou cavaleiros para procurar os sobreviventes que estavam espalhados, na esperança de que pudessem ter escapado mais homens do que se imaginara antes. Quando os cavaleiros voltaram, trazendo um punhado de homens, eles só fizeram confirmar a triste verdade.

Para reunir um novo exército, Máximo decretou que meninos menores de idade seriam convocados. Quando o número deles mostrou ser insuficiente, ele declarou que os escravos poderiam entrar para o serviço militar. Oito mil foram recrutados e armados. Uma coisa dessas nunca tinha sido feita antes, mas ninguém podia sugerir uma solução melhor.

Kesão, ansioso, respondeu ao chamado às armas, mas na frente do oficial de recrutamento, diante do público no Campo de Marte, sofreu um ataque de epilepsia. Foi levado para casa inconsciente e proibido de se apresentar outra vez pelo próprio Máximo, que não queria sofrer mais constrangimento por parte de um membro da família.

Em meio ao histerismo geral, duas vestais, Opímia e Florônia, foram acusadas de quebrar seus votos. A notícia provocou levantes. Uma turba do

lado de fora da Casa das Vestais acusou as transgressoras de levar a ruína à cidade. As duas foram rapidamente julgadas e consideradas culpadas. Opímia cometeu suicídio. Florônia foi enterrada viva perto da Porta Colina, enquanto a vociferante turba assistia. Os homens considerados culpados de desonrá-las foram publicamente mortos a cacetadas pelo Pontífice Máximo.

Todo dia, aos milhares, mais homens tinham sua morte confirmada. Grandes multidões de mulheres, reunidas no Fórum para receber a notícia, reagiam com uma dor incontrolável. Elas rasgavam as roupas, arrancavam os cabelos, e caíam ao chão gritando de dor. O desvario espalhou-se pela cidade. Em todas as ruas, ouvia-se o som de choro a noite inteira. Roma era uma cidade à beira da loucura.

Por fim, Máximo declarou que aquelas demonstrações extremas de emoção ofendiam a decência religiosa; a cacofonia de tantos choros iria levar os deuses para fora da cidade. Ele ordenou que todas as mulheres fossem trancadas dentro de casa e impôs-lhes a lei do silêncio. Foi decretado que o período de luto pelos mortos em Canas ficaria limitado a trinta dias. Depois disso, a cidade retomaria suas atividades de sempre.

— O ESPETÁCULO TEM QUE continuar! — declarou Plauto, em meio à barulhada das marteladas.

Isso é o que você diz — murmurou Kesão.

É o que diz o seu primo, o ditador Máximo. É o que diz nosso amigo Tibério Graco, que me garante que os Jogos Romanos vão acontecer exatamente como planejados. Como todos os demais, à luz da crise, eu presumira que as peças seriam canceladas. Será que existe alguém disposto a ter um dia de comédia? Mas o ditador acredita que manter o calendário normal dará segurança ao público. E espero que Aníbal não apareça justo quando começarmos a primeira cena de *O soldado fanfarrão*.

Do alto, um carpinteiro deixou cair um martelo, que passou assobiando rente à cabeça de Plauto, por pouco não o atingindo.

Idiota! — berrou Plauto. — É isso o que consigo por contratar mão-de-obra livre, em vez de alugar escravos. Está bem, talvez não seja uma boa idéia ficar parado embaixo desse andaime.

Eles estavam no Circo Máximo, onde, na grande curva em uma das pontas da comprida pista de corridas, um palco temporário estava sendo construído para os Jogos Romanos. As arquibancadas curvas, descobertas, serviriam de assento para a platéia, com os mais humildes apertando-se no

semicírculo de terreno aberto em frente ao palco. O palco — uma plataforma de madeira com uma parede decorada para servir de pano de fundo — seria montado rapidamente e, ainda mais depressa, desmontado; depois de um único dia de espetáculos, ele seria desfeito durante a noite, para liberar a pista de corrida para as competições atléticas do dia seguinte. Em conseqüência, os padrões de qualidade não foram mais altos do que precisavam ser. As colunas floreadas e as esculturas em relevo do pano de fundo eram ilusões feitas de madeira, gesso, tecido e tinta, de mau gosto quando vistos bem de perto, mas bastante convincentes de longe.

Os gregos não têm teatros permanentes, feitos de pedra? - perguntou Kesão.

Têm, às vezes construídos nas encostas de montanhas, com uma acústica tão extraordinária, que os atores praticamente não precisam erguer a voz para serem ouvidos da última fileira. Mas os gregos são um povo decadente, amante dos prazeres, excessivamente sensual; os romanos, não. Por isso, embora adoremos uma boa comédia, uma peça só pode ser desfrutada no contexto de um festival religioso, e o palco e todos os seus apetrechos têm que desaparecer antes do fim do festival. É uma política idiota, mas mantém esses medíocres carpinteiros empregados. Você parece preocupado, patrão.

Estou preocupado com os meus amigos. Ainda não chegou informação alguma sobre o primo Quinto... ou sobre Cipião... — Kesão franziu o cenho.

A falta de notícias é uma boa notícia.

Acho que sim.

E a melhor notícia é que não há notícia de que Aníbal esteja marchando contra Roma. Eu gostaria de saber o que estará impedindo que ele faça isso.

Máximo fez um discurso, outro dia. Ele disse: "A mão do próprio Júpiter deteve o monstro cartaginês."

Plauto franziu o nariz.

O Ênio está escrevendo os discursos dele, agora? As massas adoram esse tipo de bobagens religiosas. Isso as deixa tranqüilas, como organizar um festival quando o fim do mundo pode estar perto. — Ele abanou a cabeça. — Eu tenho que me perguntar se Aníbal não se parece um pouco com um de seus elefantes: enorme e destruidor, mas no final das contas, muito idiota.

Tibério Graco especula que Aníbal, em vez de seguir direto para Roma, pode querer atrair nossos inimigos e sitiar nossos aliados, de modo a dominar a Itália toda enquanto estamos incapazes de detê-lo.

Mas por que ele iria se dar o trabalho de conquistar os membros, um a um, quando poderia cortar a cabeça? No entanto, os dias passam, e Aníbal não chega.

Nem uma notícia sobre Cipião — sussurrou Kesão.

Olhe, aí vem Tibério Graco... e não parece contente.

Na verdade, Graco parecia muito sério. Sem o brilho malicioso nos olhos, seu rosto assumia um aspecto carrancudo adequado ao Mestre do Cavalo na hora mais negra de Roma.

Más notícias? — perguntou Plauto.

Notícias más e notícias piores — disse Graco.

Plauto suspirou.

Pois então quero ouvir primeiro as más.

Depois de uma discussão muito longa e muito desagradável, o ditador e eu decidimos que *O soldado fanfarrão* não é adequado para ser apresentado nos Jogos Romanos.

O quê? Não! — Plauto estava escandalizado. — Então, as comédias estão canceladas?

Não, as peças vão acontecer, mas *O soldado fanfarrão* não será uma delas.

Vocês estão retirando a peça? Nós temos um contrato, Graco. Você assinou, na qualidade de edil curul.

Raciocine, Plauto! A comédia faz uma sátira de um militar pomposo, namorador. Quem vai rir disso, depois do que aconteceu em Canas?

Você a achou engraçada. Pensou que se tratasse de Varro!

Que mal escapou vivo! O público está estupefato com a derrota de Varro, está perplexo com os erros de cálculo dele, está insensível de tanta raiva; mas ninguém quer vê-lo sendo escarnecido, em especial depois que 70 mil homens morreram!

Plauto beliscou a ponte de seu nariz.

Todas essas incessantes marteladas estão me dando dor de cabeça. Sim, entendo o que quer dizer. O que vamos fazer, então?

Você irá arranjar uma peça substituta.

Em cima da hora? Impossível!

Você deve ter alguma coisa. Pense!

Bem... há um texto, no qual tenho trabalhado. Não é nem de perto tão engraçado quanto *O soldado fanfarrão*. Intitula-se *O esquife*; uma agradável farsa sobre uma garota exposta ao nascer que acaba reencontrando os pais. Nessas circunstâncias, acho que pelo menos ela teria a virtude de ser inofensiva. Mas precisa de trabalho. Várias cenas precisam ser totalmente reescritas.

Você simplesmente terá que montá-la — disse Graco. — Você pode fazer isso, Plauto. Você é engraçado quando escreve sob pressão.

Não, eu tenho indigestão quando escrevo sob pressão. Mas, se for preciso... Sim, acho que pode ser feito... se Hilarion puder fazer o papel da garota...

A expressão de Graco ficou ainda mais carrancuda. Plauto enrijeceu o corpo.

Más notícias, você disse... e notícias piores. O que foi, Graco? Graco baixou os olhos. Que tipo de notícia poderia fazer com que o Mestre do Cavalo desviasse o olhar? Kesão prendeu a respiração.

Você se lembra quando as vestais foram acusadas de violar os votos?

Como poderia esquecer? — disse Plauto. — Por alguns dias, a cidade toda ficou obcecada pelo escândalo. Ele tirou o pensamento das pessoas de Aníbal, apesar de dar a elas alguém em que pôr a culpa pelo ocorrido em Canas. Como se duas vestais, ao perderem a virgindade, fossem responsáveis por tantas mortes! Se, na verdade, as vestais *fossem* culpadas. Se o público queria vingança, era Varro que ele tinha de ter enterrado vivo, em vez daquela pobre jovem.

Graco respirou fundo.

— Você se esquece da minha posição, Plauto. Como Mestre do Cavalo, eu represento a religião estatal tanto quanto o Pontífice Máximo. Questionar o veredicto ou o castigo das vestais é o mesmo que uma blasfêmia.

Você é quem sabe. Por ser um menino do interior, de Úmbria, eu ainda acho a religião romana um tanto intrigante...

Estou falando sério, Plauto. O povo não está disposto a aturar conversas antipatrióticas ou anti-religiosas. Você precisa ter cuidado com o que fala.

O dramaturgo estalou a língua.

Recomendação anotada! Mas, você estava dizendo...?

A vestal Florônia foi castigada com devia, mas Opímia fugiu ao castigo ao se suicidar. Presságios foram lidos. Uma visão desfavorável, de pássaros, confirmou que os deuses não tinham sido satisfeitos da forma adequada. Algo devia ser feito para compensar o fato de não ter enterrado uma das vestais viva. Os Livros Sibilinos foram consultados. Encontrou-se um versículo.

Graco citou o trecho escolhido:

Uma ovelha destinada ao sacrifício morre cedo demais.
Mate dois pares de animais antes da próxima lua,
Vindos de campos ao norte e a leste do ponto mais alto.

Plauto franziu o nariz.

Se ao menos meus patrocinadores fossem tão indulgentes em relação ao meu fraseado maluco quanto Tarquínio foi em relação ao da Sibila! E qual foi a interpretação desses belos versos?

Os sacerdotes debateram entre eles. Ficou decidido que, para limpar a cidade dos pecados das vestais, dois gauleses e dois gregos terão que ser enterrados vivos.

Plauto abanou a cabeça.

O sacrifício humano é um vício cartaginês! É uma das razões pelas quais nós os desprezamos por serem selvagens.

Não cabe a você ou a mim questionar os ditames dos Livros Sibilinos. — Graco suspirou. — Os sacerdotes me procuraram pedindo uma lista de nomes.

Você?

Os edis curules mantêm um registro de todos os estrangeiros que vivem em Roma. O mesmo acontece com um registro de todos os escravos, relacionando a nacionalidade. Os sacerdotes pediram as listas. Eu as forneci. Não sei como os sacerdotes determinaram quais são os dois gauleses e os dois gregos, mas eles me informaram de sua decisão hoje de manhã.

Plauto bufou.

Eu mesmo tenho um ou dois gauleses, e mais de dois gregos! — O semblante assumiu um aspecto consternado. — Por Hércules! É por isso que você está aqui, não é? O cancelamento de *O soldado fanfarrão* foi apenas a má notícia. A notícia pior, você disse...

Um dos gregos que eles escolheram foi Hilarion.
Kesão, que ficara ouvindo em silêncio, resfolegou.
Você será compensado de forma adequada, é claro — apressou-se a dizer Graco, desviando o olhar.

Compensado?

Pelo sacrifício de sua propriedade.

Mas... por que o Hilarion?

Não sei. Os sacerdotes escolheram os nomes. O Pontífice Máximo confirmou a decisão deles.

Suponho que não tenho opção neste caso?

Absolutamente nenhuma. Lictores foram despachados para a sua casa antes de eu vir até aqui. Imagino que eles já estejam com Hilarion sob custódia. Operários começaram a cavar a cova no Fórum Boieiro, ontem à noite. O enterro vai acontecer hoje à tarde.

Qual é o velho adágio etrusco? "Fazer mais rápido é fazer melhor", disse Plauto com amargor. Ele agarrou a cabeça. — Ah, aquele martelar infernal!

Tibério Graco despediu-se e se afastou.

Kesão sentiu-se desequilibrado. Houve uma confusão em sua cabeça, como a que às vezes precedia seus acessos. A visão ficou turva. Lágrimas encheram-lhe os olhos. Ele tremeu, mas não chorou.

Loucura! — sussurrou Plauto. — Quando um horror como Canas acontece, os homens reagem com compaixão, razão, bondade? Não! Eles culpam o estrangeiro; punem os inocentes. E se você chama atenção para a loucura deles, eles o chamam de traidor e blasfemo! Graças aos deuses, tenho um vaso no qual posso despejar meus sentimentos mais negros: minhas comédias! Caso contrário, eu ficaria tão louco quanto os demais.

Suas peças não são negras — disse Kesão, desanimado. — Elas fazem o público rir.

A comédia é mais negra do que a tragédia — disse Plauto. — Nenhuma risada jamais surgiu, exceto provocada pelo sofrimento de alguém, em geral meu. E agora... pobre Hilarion!

Os dois ficaram imóveis um longo tempo, agüentando o barulho dos martelos. De repente, Kesão piscou e franziu o cenho.

Aquele é... o meu primo Quinto?

Um jovem oficial, usando a insígnia de tribuno militar, caminhava decidido pela imensidão aberta do Circo. Kesão correu em sua direção.

Quinto parecia pálido e abatido. Havia uma cicatriz recente na testa, mas, fora isso, ele parecia estar intato.

Você está vivo! — disse Kesão.

Pela vontade dos deuses.

Não recebemos notícia alguma. Seu pai tem estado doente de tanto se preocupar.

Mesmo assim, parece que ele conseguiu manter a cidade funcionando. Eu soube que ele foi nomeado ditador.

Você não esteve com ele?

Acabo de chegar.

Quais são as novas?

Novas?

Kesão tinha medo de perguntar.

O que houve com Cipião?

Quinto sorriu.

Você não sabe? Ele provou sua bravura, uma vez mais, tal como fizera no Ticino. Se houve um herói romano a surgir da catástrofe em Canas, foi o Cipião.

Me conte!

Os mestiços nos cercaram. A matança foi terrível. Só uns poucos de nós conseguimos abrir caminho lutando e fugir para salvar a vida. Nós nos separamos. Estávamos feridos, tontos, com medo de captura a qualquer momento. Levamos dias para nos encontrarmos, um a um, o tempo todo nos escondendo dos mercenários de Aníbal. Quando, finalmente, tornamos a nos agrupar e colocamos uma distância suficiente entre nós e o inimigo para tomar fôlego, surgiu um debate. Para onde deveríamos ir, e quem iria guiar-nos até lá? Confesso que estive entre aqueles que cederam ao desespero e alegaram que devíamos sair da Itália. Pensamos que Aníbal fosse marchar contra Roma imediatamente, incendiar a cidade e escravizar os cidadãos. Há um exército romano na Espanha e uma marinha romana participando da guerra no mar. Vamos nos unir a eles, alegava eu, e ver para onde o futuro nos leva, porque Roma está acabada para sempre e não há como voltar para casa.

"Mas Cipião não quis saber disso. Muito embora o pai e o tio dele estivessem lutando na Espanha, ele disse que não tinha intenção alguma de juntar-se a eles enquanto Roma precisasse de nós para defendê-la. Zombou do nosso desespero. Ele nos fez ficar envergonhados. Nos fez fazer um

juramento a Júpiter de nunca abandonar a cidade, de morrer lutando por ela em vez de nos rendermos a Aníbal. Assim que fizemos o juramento, foi como se um grande peso tivesse sido tirado de cima da gente. Sabíamos que poderíamos suportar tudo, porque Cipião devolvera a nossa honra.

"Então, observamos e esperamos. Dias se passaram, mas Aníbal não fez movimento algum para marchar em direção à cidade. Ficamos intrigados, e depois eufóricos. Começamos a viagem de volta a Roma, seguindo estradas remotas, para que nenhum batedor cartaginês nos achasse. O progresso foi lento. Alguns homens estavam gravemente feridos, e Cipião se recusava a deixá-los para trás. Por fim, chegamos à Via Ápia, e eu vim na frente, a cavalo. Sou o primeiro a chegar.

E Cipião?

Ele deve chegar amanhã, ou depois de amanhã.

Então ele está vivo?

Está.

Tem certeza?

É claro.

Kesão começou a chorar, soluçando desavergonhadamente de alegria, como não pudera chorar de tristeza por Hilarion. Na verdade, no alívio em relação a Cipião, ele quase esqueceu a dor por causa de Hilarion. Quinto, que tinha visto coisas horríveis em Canas e perdera a esperança de voltar a Roma um dia, também estava com lágrimas escorrendo-lhe pelo rosto.

Juntos, eles foram procurar Máximo.

NA VÉSPERA DOS JOGOS ROMANOS, a cidade foi tomada por mais uma crise.

Um emissário de Aníbal, o nobre cartaginês chamado Cartalo, chegou às portas da cidade. Em troca de um vultoso resgate, ele propôs devolver um grande número de prisioneiros romanos. Alguns representantes dos prisioneiros foram com ele, para defender sua causa, porque os romanos tinham uma longa história de dar as costas a homens que tivessem se rendido ao inimigo. Apesar da proibição, uma imensa multidão de mulheres reuniu-se no Fórum para defender o resgate de seus maridos, pais e filhos.

Por trás de portas fechadas, o Senado debateu o caso.

Os representantes dos prisioneiros defenderam seus atos. Eles tinham permanecido no campo de batalha de Canas até que os corpos formavam uma camada espessa à sua volta, e então conseguiram furar o cerco do

inimigo e fugir para o campo romano. De manhã, em vez de morrer nas defesas, eles se entregaram. Era verdade que não tinham morrido com bravura nem sido espertos o bastante para fugir. No entanto, alegavam, não era melhor pagar pela volta de autênticos soldados romanos do que recrutar ainda mais escravos para defender a cidade?

Os que se opunham ao resgate alegavam que os cativos tinham se entregado, em vez de morrer lutando e, portanto, tinham mostrado que eram covardes que mereciam ser vendidos como escravos pelos captores. Além do mais, qualquer resgate pago com dinheiro público iria enriquecer Aníbal e possibilitar que ele contratasse mais mercenários.

No fim, ficou decidido que o resgate não seria pago. Os prisioneiros foram abandonados à própria sorte. A maior parte seria mandada para Cartago como escravos. Seus parentes nunca mais tornariam a vê-los.

Houve uma amarga lamentação por toda a cidade. Máximo despachou seus lictores para manter a ordem.

Numa atmosfera daquelas, chegou o dia dos Jogos Romanos. A invocação de Júpiter no Capitolineo tinha um toque de desespero. A procissão que seguiu do Templo de Júpiter ao Circo Máximo foi um espetáculo triste; muitos dos senadores e magistrados que normalmente teriam desfilado diante do público primaram pela ausência. A Festa de Júpiter consistiu de pouco mais do que as escassas rações permitidas pelo ditador enquanto durasse a crise.

A companhia de Plauto representou *O esquife*. O ensaio da nova peça tinha sido apressado e caótico, e o terrível destino de Hilarion demolira o moral deles. A produção foi um desastre. O único consolo de Plauto foi que os espectadores da comédia estavam ainda mais deprimidos do que os atores. A platéia praticamente não percebeu as entradas atrasadas, as deixas ignoradas, e as falas ditas de maneira errada. Ninguém chiou ou vaiou; tampouco ninguém riu.

As competições atléticas foram igualmente sem brilho. Muitos dos melhores jovens corredores e boxeadores de Roma tinham morrido em Canas, e os escravos altamente treinados que se classificavam como os mais rápidos entre os corredores de quadrigas, tinham sido convocados para o serviço militar.

Os cidadãos que tomaram parte nos Jogos Romanos apenas agiram maquinalmente, cumprindo o patriótico dever de comparecer a uma celebração anual que datava da época dos reis. Eles tinham ficado

insensíveis devido ao massacre em Canas, ao escândalo das virgens vestais e à dolorosa recusa da súplica pelo resgate feita pelos cativos.

Roma estava entorpecida pela dor e pela preocupação. O futuro da cidade era muito duvidoso.

212 a.C.

QUATRO ANOS MAIS TARDE, A guerra com Cartago continuava a campear, sem que houvesse um fim à vista.

Aníbal nunca marchou contra Roma. Este fato curioso iria tornar-se parte da lenda da cidade, mais um elemento de sua mística: no momento mais vulnerável da cidade, ela foi poupada de um ataque que, sem dúvida, teria terminado com a sua destruição. Como e por que Roma sobreviveu? Fábio Máximo recebeu o crédito de segurar as rédeas quando o caos era uma ameaça, e Cipião foi amplamente elogiado por seu inspirador exemplo para a geração mais jovem; mas a maioria dos romanos, concordando com seus sacerdotes, acreditava que o próprio Júpiter desviara a ira de Aníbal, dando aos romanos uma chance de refazer as forças.

Aníbal e seu exército saqueador continuaram na Itália. Sua aparente estratégia — isolar Roma e solapar seu domínio da península levando para o lado dele os aliados romanos, pela força ou por persuasão — conseguiu apenas um sucesso limitado. Os romanos evitavam tenazmente outra confrontação direta com Aníbal, mas atacavam de forma implacável os aliados que os tinham traído. Ao reagrupar suas forças, disciplinar seus recursos e elevar novamente o moral, os romanos mostraram uma capacidade de recuperação impressionante.

Enquanto isso, o teatro da guerra, já travada na Espanha e na Sicília e no mar, expandiu-se para o Leste. Filipe da Macedônia, o herdeiro da terra natal de Alexandre, aliou-se a Cartago. Para se opor à ameaça de Filipe, Roma despachou embaixadores para procurar novas alianças na Grécia e na Ásia.

À medida que a luta entre as duas cidades espalhava-se por todo o mundo mediterrâneo, dos Pilares de Hércules aos estreitos de Helesponto, os romanos adotavam uma política externa olhando cada vez mais para fora. Os homens mais visionários do Senado ousavam entregar-se a sonos intoxicantes de um império muito além dos limites da Itália. Roma parecia a legendária fênix consumida pelo fogo, só para erguer-se das próprias cinzas.

A VIRAVOLTA DOS ACONTECIMENTOS LEVOU uma inesperada boa sorte para Kesão. Devido ao seu mancar e às inexistentes perspectivas políticas, seus pais tinham perdido a esperança de encontrar para ele uma esposa adequada. Depois do massacre de Canas e com a conseqüente escassez de jovens solteiros, a mãe de Kesão conseguiu achar uma jovem patricia perfeitamente aceitável para se casar com ele.

Séstia não era bonita. Dizia-se que tinha feições masculinas, mas Kesão achava que ela era agradável o bastante para se ver. Tal como Kesão, ela não esperava se casar, e ficou contente por Fortuna ter permitido que ela adquirisse o status de matrona. Ela parecia satisfeita por confinar seus interesses a cuidar do domicílio familiar, e não exigia de Kesão uma atenção maior do que aquela que ele exigia dela. Ela jamais questionava as despesas ou os negócios deles, suas abruptas idas e vindas, os horários estranhos que ele seguia, ou as exóticas fragrâncias que, com freqüência, perfumavam suas roupas. Suas simples necessidades e a natureza indiferente convinham a Kesão.

Os dois aceitaram, desde o início, que a principal finalidade do casamento era criar um filho. Eles tinham relações com regularidade, embora sem grande entusiasmo de parte a parte. Seus esforços esmerados foram recompensados. Antes de completar um ano depois do casamento, Séstia deu à luz uma filha.

Quando viu que a pequenina Fábria nascera sem defeitos físicos, Kesão ficou imensamente aliviado. Ele temera que a criança pudesse ser um monstro, como os filhos que o tinham precedido do ventre de sua mãe ou, na melhor das hipóteses, defeituosa e deselegante, como ele. Mas Fábria era perfeita sob todos os aspectos. Naquele momento, depois de agradecer aos deuses, Kesão jurou nunca mais ter outro filho.

Dar-se por satisfeito com uma filha não era o estilo romano. Os parentes e afins de Kesão sugeriam que ele e Séstia deviam tentar outra vez, para ver se ela podia dar-lhe um filho homem. Mas Kesão, com medo de tentar o Destino, e pouco atraído a fazer sexo com a mulher, continuou inflexível na decisão de que não iria fazer mais filhos depois de Fábria. Ela estava agora com quase 3 anos de idade.

Séstia levava consigo um dote pequeno, mas útil. Com ele, Kesão pudera comprar a cota dos outros investidores na companhia teatral de Plauto. Ser o único dono de uma trupe de comédias jamais o tornaria rico, e

certamente jamais iria angariar-lhe o respeito de seus parentes patrícios, mas Kesão sentia prazer na função de empresário e tinha um papel ativo na direção da companhia. Ele consultava Plauto sobre o material de origem grega para suas peças, regateava com magistrados sobre orçamentos e verbas para festivais, e tinha uma predileção por julgar os testes dos jovens escravos que Plauto apresentava como possíveis adições à companhia.

O QUARTO ANIVERSÁRIO DE CANAS chegou e passou, provocando amargas recordações do massacre e suas conseqüências, mas, também, uma sensação de rejuvenescimento e esperança; o indescritível desespero daqueles dias parecia, agora, distante e irreal, como um pesadelo. Quando sextilis cedeu lugar a setembro, Kesão ficou ansioso pela chegada dos Jogos Romanos anuais, com uma expectativa especial, porque seu querido amigo Cipião tinha sido eleito edil curul e estava encarregado de organizar as festividades.

Segundo a lei, Cipião era jovem demais para concorrer à magistratura. Mas no dia da votação, uma multidão apaixonada ergueu Cipião nos ombros e o carregou pela cidade, exigindo sua eleição com cantos, canções e uma ensurdecidora ovação. A multidão ficou tão grande e tão ingovernável, que os funcionários encarregados da Votação foram dominados por completo. Depois de uma apressada conferência, permitiram a eleição, sem precedentes, de um homem de 24 anos para o cargo de edil curul.

Depois, com um piscar de olhos e uma risada, Cipião negou qualquer responsabilidade na organização do "espontâneo" quase-tumulto que resultara em sua eleição.

Se Roma inteira quer me tornar um edil — disse ele —, ora, então... eu devo ter idade suficiente!

Surpreso ou não com a sua eleição, ele pareceu muito preparado para o cargo. No mesmo dia em que assumiu a edilidade, anunciou um plano detalhado para organizar os mais pródigos Jogos Romanos já produzidos.

A cidade precisa de uma comemoração — declarou ele —, uma fuga dos meses e anos de constante preocupação. Este ano, que os jogos sejam não um dever patriótico, mas puro deleite!

Uns poucos que reclamaram alegavam que as leis eleitorais que tinham servido a Roma durante séculos haviam sido violadas para recompensar um jovem presunçoso, e que os desmentidos brandos de auto-

promoção por parte de Cipião comprovavam que ele era desonesto e insincero. Ora, pensou Kesão, qual o político que não era assim? E se havia alguém que merecia ter as leis flexionadas em seu favor, não era o jovem herói do Ticino e de Canas? Kesão tinha um medo reverencial da disposição e da ambição irredutíveis de seu amigo, e praticamente não se surpreendia pela extraordinária popularidade dele. A Kesão parecia que nenhum outro homem merecia mais o amor de todos.

Para o programa teatral, muito naturalmente, Cipião pediu uma comédia à companhia de Kesão. Depois de consultar Plauto, Kesão sugeriu *O soldado fanfarrão*.

Foi uma jogada ousada. Em conseqüência de Canas, Graco cancelara a peça, por temer que o retrato que ela fazia de um militar fútil, devasso, fosse considerado uma sátira desagradável aos generais romanos derrotados. Mas agora, com a inserção de alguns novos trocadilhos e algumas referências com os trajes — será que uma venda sobre um dos olhos ficaria demasiado óbvia? — o personagem do Soldado Fanfarrão poderia ser visto como uma paródia do mais arrogante de todos os militares: Aníbal. Até aquele momento, o temor dos romanos em relação ao cartaginês tinha sido grande demais para que se fizesse uma sátira, mas nos anos que se seguiram a Canas ele se mostrara indeciso e cada vez mais falível. Os romanos ainda abominavam e desprezavam Aníbal; estariam prontos para zombar dele?

Quando Cipião foi à casa de Kesão para pegar uma cópia da peça, Kesão esperava que ele a levasse e a lesse nas horas de folga. Em vez disso, Cipião começou a lê-la na mesma hora. Kesão o deixou a sós em seu estúdio e, durante algum tempo, caminhou, nervoso, no jardim. Então, ouviu Cipião rir. Durante a hora que se seguiu, as risadas continuaram, praticamente sem parar. Por fim, Cipião saiu para o jardim, segurando o pergaminho em uma das mãos e, com a outra, afastando uma lágrima de riso. Ele deu um sorriso travesso, parecendo tão feliz quanto um jovem que ainda não vestira a primeira toga.

Hilária! Encantadora! Um máximo de deleite. Os amantes acabam juntos, e o Soldado Fanfarrão recebe o castigo justo: um belo açoite, bem ali, no palco! "Trate todos os devassos desse jeito, e a devassidão vai parar de crescer"... é mesmo! É a peça ideal para a ocasião. Por Hércules, eu precisava rir assim... e o povo de Roma também precisa! Eles vão adorá-la,

e vão me adorar por oferecer-lhes a peça! — Ele bateu no peito de Kesão com o pergaminho. — Você é um sujeito inteligente, Kesão Fábio Dorso.

Kesão baixou os olhos.

Plauto é que é o inteligente.

Claro que é. Mas sem você para financiar a companhia, o dramaturgo não teria um palco, e sem um palco, todas as suas falas inteligentes não seriam mais do que sussurros ao vento. Não se menospreze, Kesão. Você sabe reconhecer um talento, assim como um bom general sabe reconhecer a bravura. Você é uma pessoa que vale a pena se conhecer.

A peça deixara Cipião com tal espírito brincalhão, que ele desgrenhou os cabelos de Kesão e depois deu uma batida de brincadeira no traseiro dele, com o pergaminho.

Kesão enrubesceu tanto, que Cipião recuou e piscou para ele impressionado, e depois tornou a bater-lhe no traseiro e soltou uma gargalhada. Kesão respirou fundo e começou a rir, também. Riu de si mesmo, do absurdo do mundo, da ridícula vaidade do Soldado Fanfarrão. Riu até que os lados começaram a doer e lágrimas lhe saíram dos olhos. Fazia muito tempo que ele não ria assim.

O ESPLENDOR DOS JOGOS ROMANOS naquele ano foi de uma escala que Roma jamais vira. Os ritos sagrados no alto do Capitolino transpiravam um ar de alegria e otimismo; homens sorriam enquanto entoavam as antigas fórmulas para dedicar as festividades dos próximos dias a Júpiter, o maior de todos os deuses. A procissão até o Circo Máximo tornou-se uma celebração alegre, liderada por aurigas a cavalo, boxeadores a pé, vestindo sungas sumárias, e dançarinos girando dardos ao som de flautas, liras e tamborins. Mímicos disfarçados de sátiros metiam-se e saíam da multidão, beliscando traseiros e tirando gritos de risadas das mulheres e moças. Incensórios com cabeça de grifos pendurados em varas eram agitados, perfumando o ar com nuvens de incenso.

Nos arredores do Circo Máximo, o perfume dos incensórios cedia lugar ao aroma de carne sendo assada ao ar livre, ao cheiro de pão que acabara de sair do forno, ao picante cheiro de peixe em salmoura e ao delicado odor de azeitonas salgadas servidas em azeite. Nenhum edil curul alimentara os cidadãos de Roma tão bem e com tanta fartura. Era tanta a comida oferecida, em tantos lugares, que praticamente ninguém precisava entrar em fila, e todos podiam voltar quantas vezes quisessem. A Festa de

Júpiter iria durar o dia todo, e continuaria também no dia seguinte. Era como se todo mundo, por dois dias, fosse rico, com uma barriga tão cheia quanto quisesse, e as horas repletas de lazer, seguro das bênçãos de Júpiter.

Em meio à festança, um jovem de voz poderosa — um dos estagiários de Plauto como ator — estava trepado num caixote e se dirigia à multidão.

— Cidadãos! Parem de encher a cara por uma hora e venham ver *O soldado fanfarrão!* É uma nova comédia de Plauto — isso mesmo, o dramaturgo de pé chato vindo da Úmbria, aquele que faz a gente rir até mijar! Venham ver o Soldado Fanfarrão em pessoa, Pirgopolinices, que faz investidas sexuais sobre sua concubina, a encantadora Filocomásio!

Na multidão, algumas pessoas começaram a rir, ainda que só ao ouvir o rapaz enrolar a língua para dizer os nomes gregos absurdamente convolutos.

Venham, cidadãos, e vejam o profundamente infeliz Plêusicles, um jovem desesperadamente apaixonado, fazer o máximo para resgatar a concubina do soldado! Venham ver o velho zangado, Periplectomênio... — O rapaz ergueu as sobrancelhas e apertou os lábios com um dedo indicador. — E façam o que fizerem, *não* revelem a Periplectomênio a passagem secreta entre a casa dele e a do soldado, se não vocês vão estragar a trama! Venham ver os ardilosos escravos Palestrião, Celedro e Lúrcio; eles sempre sabem mais do que aparentam!

O rapaz saltou do caixote, sacou uma flauta e tocou uma melodia alegre para conduzir os espectadores para o Circo Máximo.

Debaixo do palco, Kesão estava não muito longe do alçapão — Plauto pensara em vários modos inteligentes de usar a abertura durante a peça — e olhava por uma vigia, para observar as arquibancadas se enchendo. Ele viu que Cipião foi um dos primeiros a chegar, assumindo seu lugar no setor dos dignitários, juntamente com uma comitiva de amigos e colegas. O dia estava ameno e o céu, claro, sem sinal de chuva. A festa deixara a audiência feliz, pronta para ser distraída. De barriga cheia e com um sol morno, o perigo era pegar no sono.

Como se viu, não havia chance disso acontecer. Qualquer espectador que cochilasse mesmo por um instante seria despertado pelo volume das gargalhadas à sua volta. Os atores fizeram um trabalho notável. Durante os ensaios, Kesão nunca os vira atacar as falas de Plauto com tamanho vigor; a risada da audiência os inspirava a se superarem. Naquele dia, como nunca

antes, Kesão viu a prova viva de uma crença que Plauto, depois de várias taças de vinho, certa vez lhe confienciara:

Quando é que a comédia se torna sublime? Quando há uma colaboração, em medidas iguais, entre dramaturgo, atores e espectadores, todos trabalhando juntos em harmonia para deliciar os deuses com a música do riso humano. Quando as pessoas riem, os deuses riem, e por um breve espaço de tempo este mundo miserável se torna não apenas suportável, mas belo.

O aplauso ao final da peça foi tonitruante. A platéia aclamou os atores, em especial o que representara o fanfarrão Pírgopolinices. Plauto entrou correndo no palco para agradecer várias vezes os aplausos. Então Cipião, rindo e realmente pego de surpresa, foi arrebatado e erguido aos ombros de seus companheiros para receber a gratidão do povo entusiasmado.

Kesão ficou debaixo do palco, observando a platéia através da vigia. Naquele momento, ele queria muito estar junto a Cipião, mas numa multidão daquela, até mesmo aproximar-se dele seria impossível. Enquanto ele olhava, Cipião despachou um jovem escravo, que habilidosamente abriu uma trilha pelo aperto e seguiu para debaixo do palco.

O escravo encontrou Kesão e respirou fundo.

Meu senhor, Públio Cornélio Cipião, manda lhe dizer que gostaria de poder cumprimentá-lo pessoalmente, mas, com todos os acontecimentos do dia, ele tem que se retirar logo. No entanto, daqui a três dias, quando os Jogos terão terminado e já não exigirem a atenção dele, ele diz que ficaria honrado se o senhor fosse jantar com ele.

Claro — disse Kesão, — É claro que iremos. Plauto vai ficar encantado.

O escravo sorriu e abanou a cabeça.

O meu senhor pede que o senhor vá sozinho. Ele disse que irá homenagear o dramaturgo uma outra noite, mas, uma vez terminados os Jogos, ele estará ansioso por um tranqüilo repasto em companhia de um velho amigo.

Nenhum poder terreno poderia ter impedido que Kesão fosse ter com Cipião na noite marcada.

— QUE TORVELINHO! Eu APENAS gostaria que meu pai pudesse ter estado aqui para vê-lo.

Cipião olhou para o interior de sua taça e agitou o vinho. Kesão achou que o amigo tinha bebido muito pouco aquela noite. Talvez Cipião achasse que o sucesso dos Jogos já era inebriante o bastante.

Seu pai está onde Roma mais precisa que ele esteja, com o seu tio, comandando as legiões na Espanha — disse Kesão. — Teve notícias recentes deles?

Cipião franziu o cenho.

A última carta que recebi de meu pai foi há quase dois meses. Uma carta do tio Cneu chegou poucos dias depois. Desde então, nenhuma palavra. Absolutamente nenhuma notícia vinda da Espanha. Só um longo silêncio.

Kesão deu de ombros.

Mensagens se extraviam. Seu pai e seu tio são homens tão ocupados, que fico surpreso por terem algum tempo para escrever. Chamam a Espanha de ninho da víbora, não? Porque ela foi a base de operações original de Aníbal? Todo mundo concorda que não há um campo de batalha na guerra mais importante do que ela.

Ou disputado com mais violência. Eles estão envolvidos nela há anos, tentando expulsar os cartagineses. Segundo meu pai, se há um homem que nos odeia mais do que Aníbal, é o irmão dele, Asdrúbal, que comanda os cartagineses na Espanha.

Kesão confirmou com a cabeça, na dúvida sobre o que mais dizer. Ele teria gostado de mais vinho, porém não era polido beber mais do que o anfitrião. A taça cheia de Cipião parecia apenas um espelho escuro no qual focalizar seu olhar.

Na última carta de meu pai — disse Cipião —, ele reclamava da covardia dos nativos. Seus aliados celtiberos desertaram do acampamento romano da noite para o dia. Eles alegaram que havia um conclave tribal que exigia o comparecimento deles lá do outro lado da península, mas era óbvio que estavam fugindo porque chegara a informação de que um exército de suessitanos estava vindo da Gália para reforçar o inimigo. — Cipião suspirou. — Papai já estava se sentindo em inferioridade numérica em relação aos cartagineses e aos númidas. Que cavalaria aqueles bastardos africanos podem montar... como aprendemos, para azar nosso, em Canas! Os númidas nascem montados num cavalo. Papai disse que eles têm um líder muito forte na Espanha, um jovem príncipe audacioso chamado Masinissa, quase um garoto, mas extremamente seguro de si. Agora é

Masinissa que o preocupa, mais ainda do que Asdrúbal. — Cipião tornou a suspirar.

— Talvez esse Masinissa tenha sido o verdadeiro modelo para o Soldado Fanfarrão — disse Kesão. Para alívio dele, Cipião deu uma risada.

Que delícia, aquela peça! É verdade, Kesão, a sua trupe se superou. Eles me deixaram muito orgulhoso. Assisti a todas as outras comédias, mas nenhuma delas me fez rir nem a metade do que ri na sua.

O Plauto é que deve receber o crédito. Mas, em nome dele, eu aceito, agradecido, suas palavras elogiosas. Ao Plauto! — Kesão ergueu sua taça. Cipião fez o mesmo, e Kesão ficou satisfeito por vê-lo esvaziar a dele.

O vinho pareceu fazer um efeito imediato sobre Cipião. Talvez por ser normalmente muito abstinente, ele fosse mais vulnerável à embriaguez do que um bebedor contumaz como Kesão.

Uma peça esplêndida — disse ele, sonhador. — E as competições atléticas foram tão esplêndidas quanto ela. Maravilhosas corridas de quadrigas! Excelentes lutas de boxe, corridas a pé e lançamento de dardos. Gostei especialmente daquela exibição de luta livre ao estilo grego, apesar de os atletas não estarem *totalmente* nus, como preferem os gregos. — Ele deu um sorriso. — Talvez você tivesse preferido isso, também, Kesão?

Kesão balbuciou por um instante, mas Cipião não parecia esperar uma resposta. A conversa sobre os Jogos o tinha deixado agitado.

O que achou da Festa de Júpiter?

Foi a melhor festa pública de que tenho lembrança. Distribuir copos de azeite de oliva a todos que compareceram foi um toque muito bonito. E o cardápio do segundo dia foi ainda melhor do que o do primeiro.

Foi, não foi? Carne assada de porco e de galinha, picantes cebolas em espetos, e grãos-de-bico com garo. Você não gosta de garo, Kesão? Eu me refiro a um garo bom de verdade, não doce demais, não salgado demais... não aquele molho barato de peixe conservado em salmoura que eles vendem no Subura, mas o tipo que foi devidamente fermentado, tão pungente que estoura o topo da nossa cabeça. Aposto que a maioria das pessoas que compareceram à Festa de Júpiter este ano nunca tinha provado um garo tão bom quanto o que lhes dei. Quando elas pensarem no melhor garo que já comeram na vida, vão sempre pensar em mim.

E votar em você?

Exatamente! — Cipião teve um sorriso afetado, como um garoto, e ergueu um braço musculoso para empurrar para trás a juba de cabelos

castanhos.

Kesão piscou e tentou pensar em algo para dizer.

Os Jogos devem ter lhe custado uma fortuna.

Custaram, mesmo! Papai forneceu a maior parte do dinheiro, mas nem chegou perto do necessário. Você nem pode imaginar o total das despesas! Foi como fazer uma campanha militar: logística, linhas de abastecimento, transporte. Lamento, mas tive de tomar emprestada uma boa parte.

Cipião! Eu agora vou me sentir culpado, se pedir o pagamento que tínhamos combinado.

Bobagem. Todo político faz dívidas para financiar divertimentos públicos para os eleitores. É para isso que servem as pessoas que emprestam dinheiro. Sabe de uma coisa? Acho que vou tomar mais um pouco desse vinho, que é muito bom. No final das contas, paguei por ele com o dinheiro do orçamento dos Jogos!

Cipião serviu outra taça para os dois.

Um brinde à nossa amizade!

À nossa amizade — sussurrou Kesão e ambos beberam um bom gole.

Os olhos de Cipião cintilaram à luz da lâmpada.

Dou um grande valor à nossa amizade, Kesão. Você é muito diferente da maioria dos homens com quem eu convivo hoje em dia. Eles são de uma ambição inflexível, estão sempre forçando o progresso deles, preocupados apenas com lutas e política. A vida deles não tem outra dimensão: há o Curso da Honra, e nada mais. Seus casamentos são apenas um meio para um fim, como acontece com suas amizades. O mesmo se aplica à educação; eles decoram devidamente alguns trechos para que de vez em quando possam incluir uma citação erudita num discurso, mas não apreciam nada referente a escritos bonitos e idéias grandiosas; não sabem diferenciar Ênio da *Iliada*. Até mesmo a adoração dos deuses nada significa para eles, a não ser o papel que ela representa no avanço de suas carreiras.

Ele suspirou.

Acho que o mundo é assim, mas você e eu, Kesão, sabemos que a vida é mais do que correr atrás da riqueza e da honra. Há uma centelha de vida dentro de nós, sem igual e separada de tudo o mais, uma espécie de chama secreta que tem de ser acalentada e bem tratada, como as vestais cuidam da lareira sagrada. Às vezes acho difícil me lembrar disso. Há vezes em que o invejo, Kesão, por ficar fora do Curso da Honra.

Kesão conseguiu uma risada fraca.

Você deve estar brincando, Cipião.

Ele olhou para o amigo, admirando-lhe a beleza, muitíssimo cômico das realizações dele e da adoração que ele recebia de outros homens, e achou muito difícil imaginar que Cipião sentisse inveja de qualquer homem.

A fisionomia de Cipião ficou séria. Ele pousou a mão na de Kesão e olhou-o nos olhos.

Não, Kesão, não estou brincando. A sua amizade é diferente de qualquer outra. Ela significa muito para mim. *Você* significa muito para mim.

Kesão olhou para a mão que continuava sobre a sua. Se ele tivesse a ousadia de mexer o dedo indicador, este iria roçar no indicador de Cipião, num indiscutível gesto de intimidade.

Acho que isso deve ser o vinho falando — sussurrou ele.

Talvez. Mas no vinho está a verdade, segundo o ditado. Você não sente o mesmo por mim?

O pulso de Kesão começou a acelerar. Ele se sentiu zozinho. A boca ficou seca de repente. *Vinho, dê-me a força para dizer a verdade!*, pensou ele. Mas será que ele tinha coragem de dizer em voz alta o que sentia por Cipião? Ele não tinha medo de que o amigo fosse zombar ou rir, ou fazer qualquer coisa que o humilhasse ou censurasse, mas até mesmo a menor expressão de pena ou desdém no rosto de Cipião seria arrasadora para ele.

Kesão abriu a boca para falar. Ergueu o olhar, com a intenção de olhar fixo nos olhos de Cipião, mas o amigo estava olhando para trás dele, para um escravo que entrara na sala.

O que é, Dáfnis?

Um mensageiro, senhor. Ele diz que é muito urgente.

Cipião bufou.

Provavelmente um empreiteiro dos Jogos, querendo um pagamento.

Não, senhor. É um centurião. Ele traz uma mensagem de seu tio na Espanha.

Cipião retirou a mão da de Kesão. Sentou-se ereto. Respirou fundo. Todos os sinais de embriaguez desapareceram.

Faça o homem entrar.

O centurião estava com a fisionomia fechada. Estendeu uma pequena tabuleta de cera para Cipião, do tipo usado para escrever e reescrever

missivas curtas. Cipião olhou para ela por um instante, e depois abanou a cabeça.

Não, leia em voz alta para mim.

O centurião refugou.

Tem certeza, edil?

Leia!

O centurião desatou os laços e abriu a capa presa por dobradiças. Por um longo espaço de tempo, olhou fixo para as letras pequeninas, complicadas, riscadas na cera, e depois pigarreou.

"Ao meu sobrinho Públio, envio notícias trágicas. Seu pai, meu adorado irmão..." — O soldado hesitou um longo instante, depois projetou o queixo à frente e continuou. — "Seu pai, meu adorado irmão, morreu. Avançando a cavalo para enfrentar os suessitanos antes que eles pudessem alcançar e reforçar os cartagineses e os númidas, ele enfrentou, sem esperar, todos os três inimigos, um atrás do outro. Ficou flanqueado. No auge da batalha... lutando, reagrupando seus homens, expondo-se onde quer que eles tivessem mais necessidade — ele teve o lado direito penetrado por uma lança..."

Cipião deu um grito e apertou a boca com um punho. Depois de um momento, acenou ao centurião para que continuasse.

"Ele caiu do cavalo. Os romanos perderam o ânimo e bateram em retirada, mas fugir através da linha da cavalaria númida, era impossível. Os únicos sobreviventes foram aqueles que conseguiram manter-se vivos até o anoitecer, quando a escuridão pôs um fim à batalha e permitiu que eles iludissem o inimigo.

"Sobrinho, eu choro com você, mas no momento não posso escrever mais. A morte heróica de seu pai fez com que Asdrúbal e Masinissa ficassem mais ousados do que nunca. Eles estão nos pressionando. Nossos auxiliares espanhóis dissolveram-se. A situação é desesperadora. Júpiter, seja o meu escudo! Marte, seja minha espada! Adeus, sobrinho. Seu tio, Cneu."

Tendo terminado, o centurião tornou a oferecer a tabuleta a Cipião, que a pegou mas parecia incapaz de focalizar os olhos na cera. Ele pôs a tabuleta de lado. Sua voz era oca.

Isso foi tudo o que meu tio mandou? Ele não enviou nenhuma lembrança de meu pai? Um pedaço da armadura? Nenhum lembrete?

Seu tio...

Sim? Fale!

Seu tio também morreu, edil. Devido a tempestades, tive que esperar muitos dias para pegar um navio saindo da Espanha. Justo quando eu estava subindo a bordo do navio, chegou outro mensageiro. Ele trazia notícias da batalha na qual Cneu Cornélio Cipião pereceu. O inimigo sitiou seu acampamento e dominou as defesas. Ele se refugiou na torre de vigia. A torre foi incendiada. O comandante e seus homens saíram e morreram lutando. Não conheço outros detalhes, mas estou certo de que ele morreu de forma tão heróica quanto o irmão dele, antes.

Cipião olhou fixo para a oscilante chama da lâmpada que iluminava a sala. Sua voz estava estranhamente distante.

Meu pai... meu tio... ambos mortos?

Sim, edil.

Impossível!

Eu lhe asseguro, edil...

Mas quem está comandando as legiões na Espanha?

Eu... eu não sei ao certo, edil.

Durante muito tempo, Cipião olhou fixo para a chama. O centurião, acostumado a aguardar ordens, permaneceu calado e imóvel. Kesão não tinha coragem de olhar para o rosto do amigo, temendo ver a angústia que o dominava. Mas Cipião, com seus longos cabelos e suas belas feições, poderia ter sido uma estátua de Alexandre. Sem se mexer, sem expressão, ele olhava fixo para a chama.

Por fim, Cipião se mexeu. Levantou-se e baixou os olhos para cada um de seus membros com uma expressão confusa, como se tivesse esquecido quem ele era e precisasse fazer uma análise de si mesmo. Depois, retirou-se, decidido, da sala.

Kesão foi atrás dele.

Cipião, aonde você vai?

Aonde o deus me chama — disse Cipião, sem mais explicações.

No vestíbulo, ele fez uma pausa para olhar para as efígies em cera de seus ancestrais. Depois, vestido tal como estava, numa túnica leve e sandálias de sola fina, abriu a porta e saiu da casa.

Caminhou com firmeza pelas ruas escuras e desertas, desceu até o Fórum, e então dirigiu-se para a trilha que o levaria ao topo do Capitolino. Kesão o seguia a uma certa distância. Em poemas e peças, ele lera sobre homens possuídos pelos deuses, mas nunca vira uma coisa daquelas. Será

que Cipião tinha sido possuído por um deus? Sua reação à terrível notícia parecia tão estranha, e seus movimentos tão controlados e deliberados, que Kesão mal podia acreditar que Cipião estivesse agindo por sua livre e espontânea vontade.

No alto do Capitolino, Cipião entrou no Templo de Júpiter. Kesão parou ao pé da escada. Parecia um tanto impróprio seguir Cipião até lá dentro.

Kesão esperou. A paisagem da noite lhe parecia estranha, e ligeiramente sobrenatural. O sagrado recinto de templos e de enormes estátuas estava extremamente silencioso, como se os próprios deuses estivessem dormindo.

Mas não por muito tempo. Um cintilar de tochas atraiu o olhar de Kesão. Um grupo de magistrados e sacerdotes se aproximou, liderado pelo Pontífice Máximo.

O sacerdote dirigiu a ele um aceno de reconhecimento com a cabeça.

Você é o jovem primo de Máximo.

Sou. Kesão Fábio Dorso.

Você já soube? Uma catástrofe! A pior derrota desde Canas!

Ouvi a notícia ao lado do próprio edil curul — disse Kesão, calmo. — Eu o segui até aqui.

O jovem Cipião está no templo?

— Júpiter o convocou.

Convocou-o?

Foi o que Cipião disse.

O Pontífice Máximo ergueu o olhar, na dúvida, para as portas do templo, que estavam abertas. Tal como Kesão, ele e os outros preferiram esperar ao pé dos degraus. Em pouco tempo outros se juntaram a eles, porque a notícia do desastre estava se espalhando com rapidez pela cidade, assim como a solitária vigília de Cipião no interior do templo. Pouco a pouco, reuniu-se uma grande multidão. O espaço ficou cheio de baixos murmúrios de lamentação e gritos de dor. A luz de muitas tochas transformou a noite em dia. Se os deuses estavam dormindo antes, pensou Kesão, eles agora estavam acordados.

Por fim, Cipião surgiu do templo. Houve quem gritasse o seu nome, juntamente com os nomes de seu pai e de seu tio, e berrasse para Júpiter, pedindo proteção e salvação. Muitos dos que estavam na multidão ansiosa e

sofredora acreditavam que Cipião estivera numa conversa íntima com o deus e aguardavam a sua mensagem.

Cipião ficou tanto tempo no alpendre do templo, imóvel e praticamente parecendo não tomar conhecimento da multidão, que Kesão começou a temer que seu amigo tivesse perdido o juízo.

De repente, Cipião adiantou-se, ergueu os braços e soltou um grito.

Cidadãos! Calem-se! Não conseguem ouvir a voz de Júpiter falando? Façam silêncio!

A multidão ficou calada. Todos os olhares estavam dirigidos para Cipião. Ele inclinou a cabeça para o lado e respondeu ao olhar da multidão com uma expressão de perplexidade. Por fim, como que resolvendo um enigma, ergueu as sobrancelhas e fez um gesto afirmativo com a cabeça.

Não, nenhum de vocês pode ouvir o que ouço, mas podem ouvir a *minha* voz; por isso, ouçam o que tenho a dizer. Cidadãos! Salvei a vida de meu pai em combate uma vez, há muito tempo, no rio Ticino. Mas quando a fúria combinada de nossos inimigos o cercou na Espanha, eu não estava lá e não pude salvá-lo. Quando eles voltaram sua ira contra o irmão dele, Cneu, meu pai não estava lá para ajudá-lo, tampouco eu.

"Meu pai está morto. Meu tio está morto. As legiões na Espanha estão prostradas e sem comando. Roma está indefesa contra os nossos inimigos no oeste. Se Asdrúbal for juntar-se ao seu irmão Aníbal na Itália... se ele trazer consigo o malcriado rapaz númida, Masinissa... o que vai ser de Roma?

Ouviram-se gritos de alarme vindos da multidão.

Isso jamais poderá acontecer! — bradou Cipião. — O ferimento da Espanha, que está sangrando, tem que ser costurado. Asdrúbal e Masinissa têm que ser expulsos. Os suessitanos têm que ser castigados. Esta noite, aqui diante de vocês, nos degraus da residência do deus, faço o juramento que Júpiter exige de mim. Juro tomar o lugar do meu pai, se o povo de Roma achar por bem me dar o comando. Juro vingar a morte dele. Juro expulsar da Itália o inimigo caolho, juntamente com cada mercenário mestiço que estiver sob o seu comando. No leste, Filipe da Macedônia será punido por aliar-se ao nosso inimigo. Vamos levar a guerra a Cartago. Vamos fazer com que eles lamentem o fato de um dia terem desafiado a vontade de Roma.

"Pode levar muitos anos, pode levar todos os dias que restam da minha vida, mas quando eu tiver acabado, vou fazer com que Cartago nunca

mais torne a nos ameaçar. Faço esse juramento a vocês, e faço esse juramento a Júpiter, o maior de todos os deuses. A Júpiter, eu imploro a força. A vocês, peço o comando que foi de meu pai.

A multidão reagiu. Gemidos e choros transformaram-se em gritos de júbilo. O público começou a cantar:

Mandem o filho à Espanha! Mandem o filho à Espanha! Mandem o filho à Espanha!

Kesão olhou para o rosto dos magistrados e sacerdotes à frente da multidão. Eles não participaram dos cantos, mas não ousavam acabar com eles. Homens experientes alegariam que Cipião era jovem e inexperiente demais para receber um comando daqueles, assim como fora jovem demais para servir como edil curul. Mas ele tinha pedido diretamente ao povo o comando na Espanha, e quem podia duvidar que iria recebê-lo?

Kesão curvou a cabeça e refletiu sobre a sua própria audácia. Como poderia ter pensado, alguma vez, por mais fugaz que fosse, que poderia reivindicar o afeto de um homem tão adorado por tanta gente? Destinado ao triunfo ou à derrota, Cipião entrara por uma trilha pela qual Kesão não podia ter a esperança de seguir.

— ACHO QUE DEVO TER me sentido como homens na presença de Alexandre, o Grande — disse Kesão.

Plauto lançou-lhe um olhar sardônico.

Loucamente apaixonado pelo sujeito, você quer dizer?

Kesão teve um sorriso torto.

Que idéia absurda!

Mesmo na atmosfera desinibida da casa do dramaturgo, ele se sentia constrangido ao falar de seus sentimentos por Cipião.

É tão absurdo assim? — disse Plauto. — Os homens de Alexandre estavam todos apaixonados por ele, e por que não? Dizem que nunca houve homem mais bonito ou mais cheio de fogo: um fogo divino, uma centelha enviada pelos deuses. E Alexandre retribuiu o amor de pelo menos um deles, seu companheiro da vida inteira, Eféstio. Dizem que ele ficou louco de tristeza depois que Eféstio morreu, e apressou-se a unir-se ao seu amado no Inferno. Quem vai dizer que você não pode ser o Eféstio do Alexandre que Cipião representa?

Não seja ridículo! Para início de conversa, Eféstio era igual a Alexandre como atleta e guerreiro. Além do mais, gregos são gregos, e

romanos são romanos.

Plauto abanou a cabeça.

Os homens são iguais em toda parte. É por isso que a comédia é universal. Graças aos deuses! Uma risada é uma risada, esteja você em Corinto ou na Córsega, ou em Cartago, diria eu. Todo homem adora rir, comer, despejar sua semente e dormir bem à noite, em geral nesta ordem.

Kesão deu de ombros e sorveu o vinho.

O dramaturgo deu um sorriso afetado.

Centelha divina ou não, seu amigo Cipião ficou atrasado com seus compromissos sociais. Você não disse que ele pretendia me convidar, para comemorar nosso sucesso mútuo? Faz quase um mês desde que os Jogos Romanos aconteceram, e ainda estou esperando pelo *meu* convite para jantar.

Você não pode estar falando sério, Plauto. Já imaginou como Cipião deve estar ocupado, preparando-se para assumir o comando na Espanha? Ele não tem tempo para receber ninguém! Eu talvez tenha sido a última pessoa com a qual ele se sentou e desfrutou de uma refeição.

Então, você devia sentir-se com sorte, e honrado.

Eu me sinto. Vai se passar muito tempo, imagino, antes que Cipião torne a sorrir como sorriu naquela noite: à vontade e contente, praticamente sem preocupações. Agora, o peso do destino está sobre os ombros dele.

Plauto confirmou com a cabeça.

Ele preparou para si mesmo uma árdua tarefa. Ela irá consagrá-lo ou destruí-lo.

Só o tempo dirá — sussurrou Kesão. Ele fez com os lábios uma oração silenciosa para que Júpiter protegesse o amigo.

201 a.C.

ONZE ANOS DEPOIS, CIPILÃO CUMPRIRA OS juramentos que fizera a Júpiter, às sombras de seu pai e seu tio, e ao povo de Roma.

Depois de vitórias decisivas na Espanha, Cipião levava a guerra para a África e fora ameaçar Cartago. Isso foi feito contra as persistentes objeções de Fábio Máximo, que disse ao Senado que Aníbal devia ser derrotado de forma decisiva na Itália, em vez de atraído para longe dela, e manifestou-se contra as incertezas e os obstáculos de uma campanha africana. Mas a estratégia de Cipião obteve um sucesso brilhante. Em pânico, os cartagineses convocaram Aníbal de volta da Itália, para defender a cidade

deles. Assim como muitos dos invejosos aliados e súditos de Roma a tinham traído com ânsia, o mesmo fizeram muitos dos vizinhos de Cartago. Cipião fez valer a sua vantagem. Na batalha de Zama, a cerca de 160 quilômetros de Cartago para o interior, a longa guerra atingiu o seu clímax.

Antes da batalha, numa última tentativa de negociações, Aníbal pediu para falar com Cipião, e os dois se encontraram cara a cara na tenda de Cipião. Por um longo momento, ambos ficaram mudos, devido ao desprezo e à admiração mútuos. Aníbal falou primeiro, pedindo paz, apesar do gosto amargo da palavra em sua boca. Ofereceu condições vantajosas para Roma — mas não o suficiente. Cipião ansiava por uma vitória, não um acordo. Nada menos do que isso iria satisfazer ao seu juramento a Júpiter.

Aníbal fez um último apelo.

— Você era um garoto quando comecei minha guerra contra Roma. Você cresceu. Eu envelheci. Seu sol está se levantando. Vejo o crepúsculo pela frente. Com a idade vem o cansaço, mas também a sabedoria. Escute o que digo, Cipião: quanto maior o sucesso de um homem, menos se pode confiar em que ele dure. A Fortuna pode se voltar para um homem, num piscar de olho. Você acredita que tem a vantagem ao entrar nessa batalha, mas quando o derramamento de sangue e a loucura começarem, todas as vantagens passam a valer zero. Você vai arriscar o sacrifício de tanto sangue e tantos anos de luta, no resultado de apenas uma hora?

Cipião não ficou impressionado. Salientou que Roma sugerira condições de paz em inúmeras ocasiões, às quais Cartago sempre fizera ouvido de mouco. Negociação já não era uma opção. Quanto à Fortuna, Cipião estava bem a par de seus caprichos. Ela levava os que lhe eram mais caros, mas também lhe dera uma chance de arrancar sua vingança.

Aníbal foi autorizado a voltar ileso para o acampamento cartaginês.

No dia seguinte, os dois mais famosos generais, comandando os dois exércitos mais poderosos do mundo, avançaram para o combate. A disputa, feita em contato direto, foi um teste de resistência por parte dos dois lados. Cipião rezara por derrotar e afugentar o inimigo; obteve uma vitória simples, mas mesmo assim uma vitória. Derrotado, exausto, abandonado por Fortuna, Aníbal fugiu de volta para Cartago.

As condições dos romanos foram duras. Despojada dos navios de guerra e do material militar e obrigada a pagar maciças indenizações, Cartago ficou reduzida a pouco mais do que um estado cliente de Roma. Uma guerra que assolara todo o Mediterrâneo durante 17 anos acabara

chegando ao fim, e Roma surgira mais forte do que nunca, uma potência com porte para rivalizar com os fabulosos egípcios ou com os persas no auge de seus impérios. Os sobreviventes que tinham lutado e vencido a guerra podiam, com todo direito, considerar-se a maior geração da história romana, e o maior deles, sem dúvida, era Públio Cornélio Cipião, dali em diante chamado, para sempre, de Africano — o conquistador da África.

ELE CORTOU OS CABELOS! Quando foi que isso aconteceu? Nunca o vi sem a longa Juba de cabelos castanhos.

Kesão disse aquilo com tristeza. Pela vigia embaixo do palco, ele olhava para as arquibancadas lotadas do Circo Máximo, onde Cipião finalmente chegara para assumir seu lugar de honra. A multidão levantou-se e o ovacionou por um longo tempo, gritando "Africano! Africano!" Por fim, os espectadores começaram a se sentar, e Kesão conseguiu uma visão clara do alvo da aclamação.

Está decepcionado, patrão? — perguntou Plauto, que fazia uma inspeção de última hora do alçapão. A tarefa simples o fez resfolegar; com o passar dos anos, ele ficara gordo de tanto sucesso. — Os cabelos curtos não ficam bem nele?

Muito pelo contrário! Ficam realmente muito bem. — Kesão semicerrou ligeiramente os olhos; sua visão já não era tão boa. — Ele não parece mais um garoto...

É evidente que não! Ele deve estar, no mínimo, com 35 anos.

Mas está mais bonito do que nunca. Já não se parece tanto com Alexandre; mais com Hércules, talvez. Ele era quase bonito demais, sabe? Agora, está muito enrugado, muito...

Por Vênus e Marte, pare de se extasiar! — Plauto deu uma risada.

Ele é apenas um homem.

É mesmo? Você viu a procissão triunfal?

Só uma parte. Foi longa demais para que eu pudesse ver toda ela.

Todos aqueles prisioneiros, todo aquele butim! O esplendor da quadriga dele, a magnificência da armadura! Toda aquela gente gritando o nome dele...

Gostei dele ter decidido incluir uma tarde de comédia entre as festividades, apesar de ter que admitir que fiquei um pouco surpreso quando ele pediu que eu revivesse *O soldado fanfarrão* para a ocasião.

Por que não *O soldado fanfarrão*? Ele faz lembrar o primeiro cargo eletivo dele; as pessoas ainda comentam os Jogos Romanos daquele ano. E é uma maneira inteligente de mostrar ao povo que ele não se leva muito a sério. A platéia pode assistir à peça como uma afetiva paródia do soldado mais adorado de Roma, um homem que conquistou o direito de se gabar, o invencível Cipião Africano. Fazendo com que o público ria à sua custa só vai fazer com que gostem mais dele.

Enquanto você, meu caro patrão, praticamente não poderia gostar mais de Cipião do que já gosta.

Kesão não respondeu. Estava profundamente absorto, refletindo sobre o sucesso espetacular de Cipião. A sua vida parecia inapelavelmente monótona e miserável, comparada com a de Cipião — um casamento confortável, mas sem amor, uma filha em relação à qual ele nunca se sentira muito chegado, uma série interminável de flertes com atores e garotos escravos, e um sustento apenas adequado obtido com a sua companhia teatral e com sua equipe de escribas, que se especializara em copiar livros gregos para vender às classes superiores instruídas.

Plauto deu-lhe um tapa nas costas.

Deixe disso, patrão! Você tem sido uma sombra de Cipião a vida toda. Você o tem admirado, desejado, idolatrado, invejado; já fez de tudo, acho eu, exceto odiá-lo.

Isso eu jamais poderia fazer!

Mas aí você difere de todos os seus concidadãos. Eles o adoram agora, o veneram como a um deus, mas um dia se voltarão contra Cipião.

Impossível!

Inevitável. A platéia é volúvel, Kesão. Só você é fiel, como um zelador de santuário. Cipião devia apreciá-lo mais do que aprecia! Ele já o convidou para jantar até mesmo uma única vez, desde que nos encontramos para falar sobre a encenação da peça?

Ele tem estado muito ocupado.

Kesão franziu o cenho. Então, um movimento rápido atraiu o seu olhar; um dos atores se esquecera de que lado precisava entrar em cena e estava usando a passagem sob o palco para passar para o outro lado. O ator era novo na companhia, e muito jovem; a cada ano, eles pareciam ficar mais jovens. Ele era, também, de uma beleza fora do comum, com cabelos compridos e ombros largos. Ele abriu um sorriso para Kesão enquanto passava, rápido.

Plauto olhou por cima do ombro e depois tornou a olhar para Kesão, e sorriu.

Ah, sim, o novo garoto, vindo de Massília. Apesar do corte de cabelo de Cipião, estou vendo que você não perdeu de todo o seu gosto por beldades de cabelos compridos.

Acho que não — admitiu Kesão, com um sorriso maldoso.

Acima de suas cabeças, a peça começou. O pisar dos atores nas tábuas chegava alto em seus ouvidos, mas não tão alto quanto o primeiro explodir de gargalhadas da platéia. Em meio ao barulho, Kesão teve a certeza de que ouviu, distintamente, Cipião rindo mais alto e com maior intensidade do que qualquer outra pessoa.

191 a.C.

- Parece que nunca mais nos encontramos, exceto no teatro — disse Cipião. — Quando foi que o vi pela última vez, Kesão? Deve ter sido há dois anos, no mínimo.

A ocasião festiva era a inauguração de um templo no Palatino, dedicado a uma deusa nova para Roma: Cibele, a Grande Mãe dos Deuses, que os romanos chamavam de Mãe Magna. Dizia-se que o seu culto recuava a épocas pré-históricas, mas não era natural de Roma, nem mesmo da Itália. Tinha sido importado de um dos novos aliados de Roma no Leste, o reino da Frígia. Desde a derrota de Cartago, a esfera de influência de Roma, em expansão, resultara num influxo de novos povos, novas línguas, novas idéias — e novas divindades. Cibele era inteiramente diferente de qualquer deusa vista antes em Roma. A estátua no novo templo retratava-a usando trajes exóticos e adornada, da cabeça aos pés, com testículos de touro. Juntamente com a estátua, os sacerdotes de Cibele tinham sido importados da Frígia. Eram chamados de gaios e também eram algo novo para Roma: eunucos.

Para comemorar o fato, tinham sido organizados jogos, e um teatro provisório havia sido erguido em frente ao novo templo. A companhia de Plauto estava prestes a apresentar uma nova comédia. Para aquele espetáculo, Kesão decidira sentar-se na platéia, em vez de ficar nos bastidores, e convidara Cipião a sentar-se ao seu lado. Antes que ele pudesse responder à pergunta do amigo, uma pequena agitação na platéia distraiu a atenção dos dois. Os gaios tinham chegado em grupo e, em fila,

estavam se dirigindo para os seus assentos de honra, não longe de Kesão e Cipião. Os sacerdotes estavam trajados com exagero, com turbantes vermelhos e túnicas amarelas. Usavam braceletes nos pulsos e tinta nas faces.

— Já imaginou nossos avôs incluindo eunucos nascidos no exterior na folha de pagamento sagrada? — perguntou Cipião. — Nossos ancestrais consideravam os eunucos, se é que pensavam neles, estritamente como bajuladores de reis, meios-homens que jamais podiam procriar e, por isso, nunca tentariam colocar seus descendentes à frente dos herdeiros do rei. Uma república não tem rei; logo, não há necessidade de eunucos. No entanto, agora temos eunucos em Roma, graças a Cibele! Fascinantes, não são? Ouvi dizer que eles mesmos cortam seus testículos. Entram em tamanho delírio, que nem mesmo sentem o ato. São impressionantes os atos aos quais a devoção religiosa leva um homem!

Kesão fez uma careta ao pensar no ato de um homem castrando a si mesmo, mas viu-se olhando para um dos gaios, um jovem de olhos negros, excepcionalmente bem apessoado, com lábios cheios e pele parecendo mármore. Ele tinha ouvido dizer que o homem castrado na idade adulta não perdia os apetites eróticos. Que tipo de inclinação poderia possuir um homem tão jovem, que se dispusera a fazer uma coisa daquelas pela sua deusa? Kesão não podia deixar de ficar curioso.

Em voz alta, disse:

— Se há alguém que deve saber a respeito da Grande Mãe e seus gaios, esse alguém é você, Cipião. Afinal, foi você quem os recebeu oficialmente na cidade e aceitou o presente da pedra negra.

A pedra negra, mais até do que a estátua da deusa, era a peça decorativa do novo templo. Dizia-se que ela caíra do céu, e sua forma retratava, aproximadamente, uma imagem ainda mais primitiva da deusa, uma massa amorfa sugerindo uma mulher maciçamente grávida, sem nenhum traço que a distinguisse. A pedra negra também não se parecia com coisa alguma anteriormente adorada em Roma, mas quando os gaios na cidade frígia de Pessinunte a ofereceram como presente, juntamente com o pedido de criar a adoração a Cibele em Roma, encontrou-se um versículo nos Livros Sibílicos que pedia ao povo romano que aceitasse o presente e acolhesse a nova deusa.

Qualquer que fosse a sua função religiosa, a importação de Cibele também tinha uma dimensão política. Homens de visão, como Cipião,

acreditavam que o futuro de Roma estava, agora, no Oriente. Depois de Aníbal ter sido derrotado, os romanos voltaram suas energias para derrotar Filipe da Macedônia, e tinham feito isso com a ajuda da Frígia. A adoção da Grande Mãe por parte de Roma iria fortalecer seus laços com a nova aliada. Quando a pedra chegou de navio a Óstia, o versículo dos Livros Sibílicos exigia que só o maior dos romanos poderia recebê-la. Naturalmente, Públio Cornélio Cipião Africano foi escolhido para ter aquela honra.

Talvez por estar pensando nos gaios e no sacrifício deles, Kesão tocou o fascinum de ouro que pendia do colar que estava usando. Ele tinha guardado a herança de família muitos anos antes, e praticamente o esquecera, até que por acaso o encontrara enquanto vasculhava uma caixa de coisas velhas. O brilho do ouro chamara a atenção e, num capricho, ele decidira começar a usá-lo outra vez em ocasiões especiais, como tinha sido o hábito, pelo que lhe haviam contado, de seus ancestrais.

O toque do fascinum levou a uma outra seqüência de pensamentos, Ele pigarreou e disse a Cipião, de modo informal:

Todas essas novas religiões que inundam Roma, algumas oficiais, outras... não tão oficiais. O que você acha do chamado Culto de Baco? Dizem que ele oferece uma iniciação a ritos secretos que prometem uma libertação extática do mundo material.

Cipião olhou para ele de soslaio e ergueu uma sobrancelha.

O Culto de Baco é controvertido, para dizer o mínimo. Como todo mundo, já ouvi falar nele. Parece ser uma ramificação de um culto grego que adora um deus do vinho e da loucura. Em quanto do que ouvi falar se pode acreditar, ou até que ponto o culto se espalhou, não sei. O que sei é que ele não é reconhecido pelo Estado.

Então não é ilegal?

Acho que tecnicamente, não. Mas, pelo que ouvi dizer, os rituais "extáticos" do culto não passam de orgias bêbedas onde se estimula todo ato sexual possível. E também... — Cipião baixou a voz. — A iniciação dos homens no culto requer que eles se submetam à penetração anal, como se fossem meninos escravos! Também ouvi dizer que o culto nada mais é do que uma fachada para esconder um grupo de criminosos cruéis. Os supostos sacerdotes e sacerdotisas são falsificadores, chantagistas, até mesmo assassinos. — Cipião respirou fundo. — Eu lhe aconselharia, Kesão, a ficar longe de qualquer culto que não tenha atividade oficial, em especial o Culto de Baco!

Sim, é claro — murmurou Kesão. Ele se apressou a mudar de assunto.
— Eu já sou avô!

Cipião sorriu.

Eu já soube. Parabéns.

Minha filha teve sorte quando se casou com o jovem Menênio. Nenhum outro homem poderia dar a ela um filho tão bonito. Eu só queria que minha mulher tivesse vivido para ver a pequena Menênia.

É, eu fiquei triste ao saber da morte de Séstia.

Kesão deu de ombros.

Para ser sincero, nunca fui grande coisa como marido para ela. Também não fui um bom pai para a Fábria. Mas o papel de avô parece combinar comigo. Eu paparico Menênia desavergonhadamente, como nunca papariquei a mãe dela ou a avó. E você, Cipião? Você acaba de ganhar uma filha.

Ganhei, mesmo! Se você acha que paparica Menênia, devia me ver com a Cornélia.

Kesão fez um gesto afirmativo com a cabeça.

Curioso é sua filha e a minha neta terem quase que exatamente a mesma idade.

Talvez elas possam ser amigas quando crescerem, como você e eu temos sido amigos, Kesão.

Eu gostaria disso — disse Kesão. — Gostaria muito.

Ele olhou firme para Cipião. Os cabelos castanhos, cortados curtos, agora se misturavam com grisalhos. Nas feições enrugadas, todos os traços do menino tinham desaparecido, exceto nos olhos, que às vezes brilhavam com uma exuberância juvenil quando ele ria. Aquela era uma das razões pelas quais Kesão convidara Cipião para sentar-se a seu lado no teatro naquele dia, porque ver Cipião rir lhe daria um grande prazer.

Eles foram distraídos pelo som de aplausos e uma onda de movimentos. Muitas pessoas da platéia levantaram-se espontaneamente de seus lugares. Plauto acabara de entrar no teatro e estava seguindo para o lugar vazio ao lado de Kesão. Aos 63 anos de idade, o dramaturgo úmbrio era o grande veterano do palco romano. A platéia o conhecia de vista e o ovacionou de pé.

Só os gaios não o reconheceram. Eles se entreolharam, intrigados, e depois se levantaram e, sem saber o motivo, juntaram-se ao aplauso.

Plauto abraçou Kesão e depois trocou cumprimentos com Cipião. Os três se sentaram, e o aplauso foi diminuindo aos poucos.

Então, meu amigo pé-chato, qual é a peça de hoje? — perguntou Cipião.

Plauto deu de ombros.

Ah, uma bobagem à qual dei como título o nome do personagem principal, um escravo piadista. O título é *Psêudolo*.

Uma bobagem? É sua obra-prima! — declarou Kesão.

— Dito com toda a convicção que seria de se esperar do dono da companhia! — Plauto deu uma risada. — Ah, devo admitir que o diálogo cintila em certos trechos, mas não com o brilho com que palavras podem cintilar na vida real. Eu me refiro, Cipião, ao diálogo que você teve com o seu velho inimigo Aníbal, quando se encontraram cara a cara em sua recente missão ao Oriente, se é que se pode confiar nos mexericos. Pode-se, mesmo, acreditar nos mexericos?

Cipião já contara o caso a Kesão, quando eles se encontraram do lado de fora do teatro, mas, delicado, repetiu-o.

É verdade. Enquanto estava em Éfeso, eu soube que, por acaso, Aníbal também estava lá, e consegui encontrar-me com ele. Nossos espiões dizem que ele tem perambulado pelo Oriente há anos, oferecendo seus serviços a qualquer rei que queira desafiar Roma. É por causa daquele maldito juramento que fez ao pai dele; ele nunca pode parar de tramar a nossa desgraça enquanto restar um sopro de vida em seu corpo. Até agora, não conseguiu ninguém que aceitasse. Na verdade, ele passou a ser um tanto ridículo.

Sobre o quê vocês dois conversaram? — perguntou Plauto.

Várias coisas. A certa altura, perguntei que general, na opinião dele, era o maior de todos os tempos.

Uma pergunta que sugere uma determinada resposta! — disse Plauto. — Qual foi a resposta dele?

"Alexandre", respondeu Aníbal. E que comandante ele colocaria em segundo lugar? "Pirro", disse ele. E em terceiro? "Eu!", declarou Aníbal. Ora, eu tive que cair na gargalhada. Perguntei: "E onde você ficaria se tivesse me *derrotado*?" Aníbal me encarou e respondeu: "Nesse caso, eu me colocaria na frente de Pirro e até mesmo na frente de Alexandre; na verdade, na frente de todos os outros generais que já existiram!"

Plauto deu uma palmada no próprio joelho.

Ultrajante! Realmente, eu jamais poderia inventar uma fala como essa, ou um personagem como Aníbal.

Isso é lisonja cartaginesa, não percebe? — disse Cipião. — Tortuosa e indireta. Mas... mesmo assim, fiquei lisonjeado. — Ele suspirou. — Um dia, não tenho dúvida, Aníbal será assassinado, ou então levado ao suicídio. Não por mim, é claro, mas por aqueles que vierem depois de mim.

Kesão abanou a cabeça.

Nunca vai haver outro homem grande o bastante para tomar o seu lugar.

Cipião riu, com um pouco de tristeza e com um pouco de amargura.

Doces palavras, meu amigo, mas infelizmente eu vou ficando menor a cada dia, e o espaço que ocupo fica mais fácil de ser preenchido. Sinto minha influência diminuindo. O mundo se cansou de mim, assim como o mundo se cansou de Aníbal. Quando as pessoas ouvem o nome dele, já não tremem mais. Elas têm um sorriso malicioso. Ouvem o meu nome e dão de ombros. Meus inimigos políticos me cercam como lobos, esperando pela chance de me derrubar com base em alguma acusação forjada. Mais cedo ou mais tarde, os mesmos homens mesquinhos que vão assassinar Aníbal irão me mandar para o exílio, se puderem.

Kesão estava angustiado.

Não! Eu não acredito. É evidente que você está no auge do poder. Foi escolhido para receber a pedra negra de Cibele. Um arco magnífico está sendo construído em sua homenagem, para servir como engrada para o morro Capitolino. O arco de Cipião Africano vai estar em pé para sempre, como um monumento à sua glória.

Talvez. Os monumentos duram. Os homens, não. Quanto à glória... — Cipião abanou a cabeça. — Quando nos encontramos pela primeira vez, antes da batalha de Zama, Aníbal disse uma coisa que nunca esqueci: "Quanto maior for o sucesso de um homem, menos se pode confiar que ele vá durar." Nós dois, Aníbal e eu, seremos postos de lado, engolidos pela fúria do tempo. Você quer ver o futuro? Olhe para lá.

Ele apontou para um senador que estava na platéia, um homem na casa dos 40, talvez um pouco mais moço do que Cipião. O rosto magro, visto de perfil, era dominado por um nariz adunco. Ele estava inclinado à frente, com uma postura tensa, e correndo os olhos pela multidão com um olhar predador, semelhante a um pássaro.

Minha nêmesse: Marcos Pórcio Catão — disse Cipião. — Um chamado Novo Homem, primeiro da família a ocupar um cargo por eleição — acrescentou ele, com um certo desdém. — Mas a sua condição de neófito não o impede de me caluniar sempre que tem oportunidade, e sussurrar pelas minhas costas sobre "acabar" a guerra com Cartago, como se tivéssemos qualquer motivo para atacar um porto marítimo aleijado que perdeu seu defensor, sua marinha e suas colônias. Ele diz que o meu modo de tratar a colônia depois de Zama foi "sofrível, quase incompetente"; diz que não consegui nada a longo prazo porque não mandei decapitar Aníbal e queimar Cartago por inteiro. Ele me calunia, também, quanto à minha vida particular; diz que "virei grego" porque gosto dos banhos e de teatro. Devido ao desprezo de Catão por tudo que não é romano, estou surpreso por vê-lo na platéia, hoje. Que diabos ele está fazendo aqui?

Como que esperando a deixa, Catão levantou-se do assento.

Cidadãos! Cidadãos! Escutem! — bradou ele, com uma voz tão potente e estridente, que em pouco tempo ficou com a atenção de todos os presentes na platéia.

Cidadãos, vocês me conhecem bem. Sou Marcos Pórcio Catão. Comecei meu serviço a Roma quando me alistei com a idade de 17 anos, quando aquele bandido do Aníbal estava em sua fase de sorte, pondo fogo na Itália. Desde aquela época, tenho dedicado a vida toda à salvação desta cidade e à preservação do estilo de vida romano. Há quatro anos, vocês me honraram ao me eleger cônsul e mandar-me para a Espanha; subseqüentemente, obtive uma marcha triunfal por ter pacificado a revolta lá. Se outra agitação estourou depois da minha partida, penso que podemos dizer, sem medo de errar, que foi por culpa do meu sucessor.

Cipião murmurou um palavrão. Tinha sido ele que assumira o controle da Espanha depois de Catão.

Em termos de ocupar cargos altos, há quem me chame de "Novo Homem" — disse Catão. — Mas em termos da bravura e da perícia de meus ancestrais, eu lhes asseguro de que tenho a idade de qualquer homem aqui! Assim, espero que prestem bem atenção por alguns instantes e pensem no que tenho a dizer.

"Cidadãos! O que estão fazendo hoje, aqui? Que espetáculo decadente é este, do qual vocês decidiram participar? Pensem bem: aqui estão vocês, reunidos para assistir a uma peça baseada num original grego, representada em honra a uma deusa asiática importada de uma terra governada por um

rei, tudo para fazer com que um grupo de eunucos estrangeiros se sintam em casa! A tudo isso, eu digo: não, não, não!

"Como pode ter acontecido uma coisa tão abominável assim? Eu vou lhes dizer. A riqueza e todos os vícios que emanam da riqueza... ganância, amor ao luxo, oportunismo crasso... estão desviando vocês das virtudes corretas de seus ancestrais. Eu olho ao meu redor, e em toda parte vejo moral frouxa, vida frouxa e pensamentos frouxos. Agora, acontece o seguinte: estamos poluindo deliberadamente a pureza de nossa adoração religiosa, diluindo e aviltando nossa reverência pelos deuses antigos que nos vêm preservando há séculos!

"As coisas estão indo de mal a pior. Importar um sacerdócio de eunucos já é bem ruim, mas tem-se notícia de cultos estrangeiros ainda mais estranhos e insidiosos espalhando-se pelo populacho. A peça a que vocês serão submetidos hoje será, ousado dizer, muito ruim, mais um revoltante compêndio de palavrões gregos, mas recentemente alguns senadores, que deviam saber distinguir entre o certo e o errado, têm falado em erigir um teatro *permanente* em Roma, feito de pedra. Será que nós, os romanos, vamos virar indolentes e amantes dos prazeres, como os gregos?

"Você aí, Marco Júnio Bruto! — Catão apontou para o pretor que patrocinava os jogos. — O que diria o seu heróico ancestral, que vingou o estupro de Lutécia e derrubou o último rei, Tarquínio, se pudesse ver esse triste espetáculo? Será que a nossa querida Roma subiu a alturas de glória sem paralelo, só para cair num abismo de vergonha?

"Cidadãos, eu lhes imploro! Se minhas palavras tiverem provocado a menor centelha de patriotismo em seu coração, façam o que eu faço agora, e retirem-se imediatamente deste local!

Ostensivamente, Catão recolheu as dobras de sua toga. Depois de alguns passos, parou e voltou.

— Ah, e mais uma coisa: Cartago tem que ser destruída!

Com isso, ele se retirou do teatro a passos largos e pomposos, seguido por uma enorme comitiva.

Umhas poucas pessoas espalhadas pela platéia fizeram o mesmo, mas um número maior começou a vaiar Catão, que desapareceu pela saída sem olhar para trás. Houve quem se mexesse, inquieto, em seus assentos. Um murmúrio espalhou-se pela platéia.

Cipião se levantou. Não disse coisa alguma para pedir a atenção da multidão, mas aos poucos todos os olhos se fixaram nele. A platéia ficou em

silêncio.

Cidadãos! Se o senador que acabou de abusar de nossa paciência ao macular a natureza alegre desta ocasião não tivesse achado justificado atacar-me pessoalmente... algo que ele parece fazer de modo compulsivo, como um homem com um cacoete incontrolável... eu não teria a presunção de testar ainda mais a sua paciência dirigindo-me aos senhores. No entanto, eu me sinto obrigado, primeiro, a dizer o seguinte: o homem que deixa sujeira atrás de si não tem condições de caluniar o homem que vem depois dele. Assim como tive que limpar a sujeira deixada pelos elefantes de Aníbal, tive de limpar a sujeira que Catão deixou na Espanha.

A platéia estourou em gargalhadas. A tensão deixada na esteira de Catão foi dispersada num instante.

Segundo: se, depois de todos os meus anos a serviço do povo romano, eu tiver qualquer direito de falar em nome dele, permitam que peça desculpas aos nossos anfitriões de honra, os sacerdotes da deusa Cibele, pelas calúnias lançadas sobre eles pelo senador. Eu lhes asseguro que nem todos os romanos são tão grosseiros e inospitais.

Os gaios, que tinham ficado sentados impassíveis durante a arenga de Catão, sorriram e fizeram com a cabeça um gesto de agradecimento à cortesia de Cipião

— Da mesma forma, permitam que eu peça desculpas pelas palavras grosseiras que meu colega dirigiu a você, Marco Júnio Bruto, generoso patrocinador destas festividades. Em vez de citar seu grande ancestral para destacar um duvidoso detalhe de retórica, que ele use o exemplo de um dos famosos ancestrais dele. Ah, mas estou me esquecendo: Catão não tem ancestrais famosos.

Bruto riu e bradou.

Aprovado, aprovado! Disse-o bem, Africano!

Quanto a toda a outra sujeira que jorrou da boca do senador, digo apenas uma coisa. — Cipião fez um gesto para Plauto. — No terrível ano de Canas, nem todo o poder de Aníbal pôde impedir a apresentação da obra

desse dramaturgo. Não há dúvida de que um acesso de raiva de Catão não irá impedi-la hoje. O espetáculo tem que continuar!

Rindo e aplaudindo, a platéia ergueu-se de um salto e dirigiu a Cipião uma ovação jubilosa.

A reação da multidão tranqüilizou Kesão. Ali estava a prova, pensou ele, de que os temores sombrios de Cipião quanto ao futuro não tinham

fundamento. Mas que peso o seu amigo tinha que suportar, aturando o abuso de homens como Catão! Fossem quais fossem os pequenos problemas de Kesão, pelo menos ele não tinha que se preocupar com rivais implacáveis que tramavam sua destruição. Talvez houvesse alguma coisa a se dizer em favor de levar uma vida insignificante. Ele pensou nas palavras de Aníbal para Cipião, mas inverteu o significado. Em voz alta, balbuciou:

Quanto *menor* for o sucesso de um homem, *mais* pode se confiar que ele vá durar.

O que foi que você disse? — perguntou Flauto, enquanto a ovação começava a diminuir.

Nada — disse Kesão. — Absolutamente nada.

A peça foi um alegre sucesso.

Depois que ela acabou, Kesão recusou um convite para comemorar em casa de Plauto. Mancando ligeiramente, ele partiu sozinho. As festividades oficiais do dia tinham acabado, mas ainda havia um número muito grande de pessoas andando de um lado para o outro. Kesão era empurrado pela multidão. Mais de uma vez, teve que se desviar de uma poça de vômito deixada por alguém que comemorara demais. Ele tinha apenas uma vaga noção daquelas irritações; como sempre depois de ver Cipião, estava inquieto e perturbado, preocupado por pensamentos de como sua vida poderia ter sido se ele tivesse sido um homem diferente com um destino diferente, um homem como Cipião ou, então, um homem que pudesse ter sido companheiro de armas de Cipião, digno de compartilhar suas aventuras, sua glória, sua tenda...

À medida que ele se aproximava de seu destino, uma casa no monte Aventino, a quantidade de pessoas diminuía. As ruas estavam quase desertas. Ele suspirou de alívio, satisfeito por ter saído do aperto e sabendo que o local para onde se dirigia iria oferecer alívio de todas as suas preocupações terrenas.

Numa rua respeitável de um bairro respeitável, ele chegou a uma casa na qual todas as janelas estavam com os postigos fechados. Ele bateu na porta. A vigia abriu-se. Por um instante, esqueceu a frase que era a senha, mas então se lembrou: "No monte Falerno, na Campânia, nascem as uvas das quais é feito o vinho Falerno." A frase era mudada com frequência, mas sempre tinha algo a ver com vinho, porque o vinho era o presente de Baco à humanidade, e essencial à adoração dele.

A porta se abriu e fechou-se rapidamente depois que Kesão entrou. O jardim ao centro da casa tinha sido isolado, e todas as janelas tinham sido fechadas, com grossos reposteiros colocados sobre elas, para impedir que os sons chegassem aos vizinhos. Em consequência, o interior era muito escuro, exceto pela suave iluminação espalhada por lâmpadas, e os sons que vinham lá de dentro eram estranhamente abafados.

Entre aqueles sons estava uma música exótica tocada em pandeiros e flautas. A melodia variava de lânguida e sonhadora a rápida e frenética. Rostos conhecidos, de homens e mulheres, surgiram das sombras. Eles sorriram e curvaram a cabeça, em respeito a ele.

Seja bem-vindo, alto sacerdote — disseram em uníssono.

Um deles sussurrou-lhe ao ouvido:

Lá dentro está uma pessoa, esperando a iniciação ao acolitato.

Kesão ergueu os braços, que pendiam do lado, até ficarem paralelos ao chão. Os homens e as mulheres o despiram e depois untaram seu corpo nu, da cabeça aos pés, com um óleo de cheiro suave. Uma taça cheia de vinho foi encostada aos seus lábios. Ele virou a cabeça para trás e engoliu. Vinho transbordou da boca e escorreu para o peito, onde línguas gananciosas o lamberam. Mãos deslizavam sobre os ombros, o peito, os quadris e as nádegas, acariciando-o, excitando-o.

Ele foi tomado pelas duas mãos e levado para um aposento que cheirava a suor e incenso. Ali, a música era mais alta, e agora ele podia discernir o murmúrio de um canto baixo, insistente, no qual era invocado o nome de Baco. O aposento estava enevoado de incenso e tomado por corpos quentes e nus apertados uns nos outros. Presidindo acima da multidão, sobre um alto pedestal, estava uma estátua do deus — Baco, divindade do vinho e da euforia, com folhas de videiras nos cabelos e um sorriso de felicidade, no rosto barbudo.

Kesão ergueu o olhar para o deus com reverência e gratidão. A chegada do culto em Roma assinalara o começo de uma nova fase em sua vida. No abraço caloroso, secreto, do deus, Kesão finalmente encontrara um propósito para sua existência.

De repente, Kesão sentiu uma vibração na cabeça, do tipo que às vezes precedia um de seus ataques de epilepsia, mas não se sentiu angustiado. Os sacerdotes e sacerdotisas de Baco tinham explicado que a aflição que ele sentia não era uma maldição, mas um sinal de favor especial enviado pelo deus. Assim como Cipião sempre desfrutara de um

relacionamento especial com Júpiter, Kesão, finalmente, descobrira a sua ligação especial com o deus Baco.

A vibração na cabeça cessou. Naquela vez, o deus achara por bem apenas passar através dele sem deixá-lo desacordado.

Alguém sussurrou ao seu ouvido:

Alto sacerdote, a pessoa está pronta para o ritual.

Seu sexo rígido foi agarrado com firmeza, e no outro ouvido uma voz sussurrou:

E o senhor parece estar pronto para ela!

Kesão tocou o fascinum que estava apoiado em seu peito desnudo. Fechou bem os olhos. Passo a passo, os acólitos o guiaram para a frente, até que seu sexo encontrou um círculo de resistência e depois foi engolido por um abraço convulsivo. Ele ouviu um grito abafado da pessoa iniciada, seguido de uma reclamação e de um gemido. Kesão rendeu-se ao êxtase.

Quem estava diante dele, sendo iniciado? Homem ou mulher, jovem ou de idade? Ele não sabia. Por trás dos olhos fechados, era Cipião que ele imaginava, Cipião quando os cabelos ainda eram compridos e não havia uma única cicatriz de batalha maculando a beleza perfeita. Era em Cipião que ele enfiava todo o amor e todo o desejo que havia dentro de si.

Mesmo nos ardores do êxtase, ele sabia que a visão que ele tinha de Cipião era apenas uma fantasia. Mas a felicidade que sentia era autêntica. No final das contas, só aqueles breves instantes de liberação eram verdadeiros. Tudo o mais era uma ilusão. A glória terrena nada significava; o próprio Cipião admitira isso. Cipião atingira um ápice de suposta grandeza desconhecido por outros homens, mas será que um dia Cipião tinha sentido as inenarráveis delícias que Kesão experimentara desde que entrara para o Culto de Baco?

183 a.C.

KESÃO PASSOU OS DEDOS PELO punhado de cabelos grisalhos da cabeça e fechou os olhos para descansá-los por um instante. Como sua visão ficara fraca nos últimos anos! Quando era mais moço, mesmo com 40 e tantos anos, ele conseguia ler sem dificuldade todos aqueles poemas de Ênio e peças de Plauto, por menores que fossem as letras. Agora, por mais que apertasse os olhos, era quase impossível ler qualquer um dos documentos

que estavam espalhados à sua frente. Ler era o serviço de seu secretário, é claro, mas Kesão queria se certificar de que nenhum erro fosse cometido.

Ele havia decidido liquidar todos os seus bens. Tinha sido encontrado um grupo de compradores para a sua trupe teatral, e seu quadro de escribas estava sendo vendido por partes. Ele também estava cuidando de seu testamento, embora os termos fossem bem simples; todos os bens seriam deixados em custódia para sua neta, Menênia.

Kesão abriu os olhos e correu-os pelo estúdio, olhando para todas as estantes em forma de escaninhos entupidos de pergaminhos. Ao longo dos anos, ele acumulara uma biblioteca bem grande, prevendo longos anos de aposentadoria nos quais iria precisar de muitos livros para lhe fazer companhia.

Entre as estantes havia um pequeno oratório, um pequeno altar de pedra sobre o qual ficava uma estátua de Baco em miniatura. Kesão fitou os sorridentes olhos do deus por um longo momento, e depois desviou o olhar.

— Acho que o nosso trabalho terminou. Você pode ir embora — disse ele ao secretário. — Mande o Cleto aqui.

O secretário retirou-se. Pouco depois, um bonito escravo jovem, de ombros largos e cabelos compridos, entrou no aposento.

Cleto, hoje eu quero dar uma caminhada.

Claro, senhor. O tempo está muito bom.

O escravo ofereceu um musculoso antebraço para Kesão se apoiar. Na verdade, Kesão não precisava do apoio, mas mesmo assim, gostava de agarrar-se ao braço de Cleto.

Juntos, eles deram um longo passeio pela cidade.

Primeiro, Kesão visitou o arco que tinha sido construído para comemorar as vitórias de Cipião, conspicuamente localizado sobre a trilha que levava ao topo do Capitolino. As esculturas em alto-relevo, retratando os triunfos de Africano, eram tão imponentes quanto ele se lembrava. Era um monumento digno ao seu amigo.

Em seguida, ele se aventurou a ir à necrópole, do lado de fora da Porta Esquilina, onde colocou flores no modesto monumento funerário de Plauto. Aquele dia era o primeiro aniversário da morte do dramaturgo. Kesão sentia muitas saudades dele — de suas observações perspicazes, seu humor penetrante, sua inabalável lealdade aos amigos. Pelo menos, as dezenas de peças que Plauto escrevera continuariam vivas; Kesão guardara cópias de todas elas.

Apoiando-se no braço de Cleto — porque estava realmente sentindo-se um pouco cansado —, Kesão seguiu em direção ao monte Aventino para o último destino de sua excursão. Perto do Circo Máximo, ele percebeu um grupo de homens muito animados. Pela maneira como estavam todos falando ao mesmo tempo, pareciam estar discutindo alguma notícia muitíssimo importante. Seria uma notícia horrível, ou alegre? Pela expressão deles, não dava para Kesão saber.

Entre os homens, ele reconheceu um velho conhecido, Lúcio Pinário, e mandou Cleto convidá-lo para juntar-se a ele.

O que está havendo, Lúcio?

Você não soube?

Eu estaria perguntando, se soubesse?

Aníbal morreu.

Kesão respirou fundo. Muito simples: Aníbal morreu. Era como saber que o mar secou, ou que a lua tinha caído do céu. E, no entanto, devia ser verdade. O que poderia ser mais simples, ou mais inevitável? Aníbal morreu.

Como?

Suicídio. Sessenta e quatro anos de idade, e ainda tramando contra nós, tentando provocar confusão na Grécia e na Ásia. O Senado finalmente resolveu dar um basta na sua deslealdade e mandou uma força militar para extraditá-lo. Suponho que ele não pôde enfrentar a humilhação de ser julgado e executado. Tomou veneno. Mas antes de morrer, ditou suas últimas palavras a um escriba: "Ponhamos um fim, agora, à grande angústia dos romanos, que acharam uma tarefa muito demorada e muito pesada esperar que um velho odiado morresse."

Um fim amargo.

E que já devia ter chegado há muito tempo, Cipião Africano...

É, eu sei: Cipião devia tê-lo matado quando teve a chance, e incendiado Cartago por inteiro. Mas não quero ouvir uma palavra contra a memória de meu querido amigo falecido, ainda mais hoje!

Kesão afastou-se de Pinário. Chamou Cleto para que lhe desse o braço, para que pudessem seguir em frente.

Como Cipião fora presciente! Tudo acontecera tal como ele previra. Mas que golpe do destino, o fato de os dois grandes generais que outrora cavalgaram o mundo como Titãs terem morrido com um intervalo de menos de um ano!

Com Cleto para ajudá-lo, Kesão subiu com dificuldade a encosta do Aventino, chegando finalmente à humilde casa de Ênio. O poeta morava sozinho, com apenas uma escrava para servi-lo. Ela abriu a porta para Kesão e levou-o ao estúdio de Ênio. Cleto ficou para trás, no vestíbulo.

Suponho que você tenha sabido da novidade — disse Kesão.

Sobre Aníbal? Soube. — O poeta, que era descuidado quanto aos trajes e estava sempre precisando cortar os cabelos e fazer a barba, parecia mais maltrapilho do que o normal. — Eu não acho que vá precisar de epitáfio para a sua lápide. Pelo que eu soube, ele emitiu o dele com o último suspiro.

Kesão sorriu.

E o epitáfio de Cipião? Você já o terminou?

—Terminei, sim. Está pronto para ser cinzelado no monumento dele. Eu me senti muito honrado por ele, em seu testamento, ter me pedido que o compusesse.

Que outra pessoa seria? Você sempre foi o poeta favorito dele.

Bem?

Ênio entregou-lhe um pedaço de pergaminho. Kesão fez uma careta.

Você sabe que não consigo ler isso. Recite-o em voz alta para mim.

Ênio pigarreou.

O sol que nasce sobre os pântanos no extremo leste do lago Meótis

Não ilumina ninguém igual a mim em feitos.

Se algum mortal puder subir ao céu dos imortais,

Só para mim o portão dos deuses está aberto.

Kesão conseguiu um sorriso forçado.

Um pouco pomposo para o meu gosto, mas o tipo de coisa que Cipião iria querer. Onde fica esse lago Meótis?

Ênio ergueu uma sobrancelha.

É o corpo d'água localizado depois do mar Euxino, na beira extrema do mundo civilizado. Não tenho recordações dele nesta vida, mas acho que na minha primeira vida devo ter ido até lá; é claro que nunca teria visto o nascer do sol, uma vez que naquela encarnação eu era cego.

Kesão fez um gesto afirmativo com a cabeça. Desde que se tornara um seguidor dos ensinamentos do filósofo grego Pitágoras, Ênio ficara convencido da transmigração das almas. Ele tinha certeza de que começara

a existência no corpo de Homero, autor de *A Ilíada*. Suas outras encarnações incluíam um pavão, vários grandes guerreiros, e o próprio Pitágoras.

Ênio ainda estava falando, mas Kesão, que achava cansativas aquelas teorias, deixou a mente vagar. Seus pensamentos voltaram para Cipião. Como era grande o grau de precisão com que seu amigo previra o próprio destino! No fim, os inimigos o tinham dominado. Ele conquistara realmente uma última vitória militar, uma campanha bem-sucedida contra o arrogante rei Antíoco, que teve a presunção de desafiar a hegemonia de Roma na Grécia. Mas foi uma vitória de Pirro; quando Cipião voltou para Roma, foi acusado de receber subornos do rei e conspirar para unir-se a ele como co-governante. Nenhuma acusação podia ser mais danosa para um político romano do que a alegação de que desejara transformar-se em rei. Foi Catão, é claro, quem tramou a acusação. Em vez de enfrentar o julgamento, Cipião retirou-se para sua propriedade particular em Literno, na costa ao sul de Roma. Atrás de grossos muros, com uma colônia de veteranos leais para protegê-lo, ele se retirara das guerras, da política e da vida. De coração partido e amargurado, ficou doente e morreu aos 52 anos de idade. E agora, no espaço de um ano, Aníbal também estava morto.

Dois gigantes, caçados até a morte por homens inferiores — murmurou Kesão.

Se você me perguntar, foi bom Cipião ficar fora disso — disse Ênio. — Roma se tornou um lugar amargo. A atmosfera é venenosa. Reacionários mesquinhos, como Catão, conquistaram o comando.

Kesão confirmou com a cabeça.

Os gostos das pessoas também mudaram. Vejo isso no teatro. Não há mais comédias escritas por Plauto. Agora, temos tragédias escritas por Ênio. O público sai do teatro triste, para combinar com esses dias tristes.

Ênio resmungou.

Eu gostaria de escrever uma comédia, se visse alguma coisa engraçada. Como foi que chegamos a isso? Quando finalmente derrubamos Cartago, lembra-se da euforia que o povo sentia, o senso ilimitado de bem-estar e camaradagem? Depois, vieram nossas vitórias no Oriente: dias inebriantes, com uma riqueza interminável e excitantes idéias novas inundando Roma. Mas as coisas mudaram depressa demais. O povo ficou inquieto. Homens como Catão manipulavam os temores do povo, e o

resultado foi uma reação muito ruim. — Ênio suspirou. — Acho que a pior manifestação daquela revolta foi a pavorosa supressão do culto de Baco.

Kesão enrijeceu o corpo. Abriu a boca para mudar de assunto, mas Ênio estava apenas no começo do discurso bombástico.

Que dias horríveis, aqueles! O inquérito oficial, as frágeis acusações de crimes e conspiração contra o Estado, o culto e todos os seus membros declarados fora da lei. Milhares de homens e mulheres executados, forçados ao exílio, levados ao suicídio! O ódio desencadeado contra aquela pobre gente foi nojento, e absolutamente nada podia ser feito para detê-lo; dissesse alguma coisa contra o inquérito, e você era tachado de simpatizante e perseguido junto com eles! Eu mesmo nunca participei do culto, mas conhecia homens que participavam, e até mesmo aquela tênue associação me colocou sob suspeita durante um certo tempo. Fiquei aterrorizado.

"E no entanto, ainda pode ter sobrevivido um remanescente do culto. Tem havido uma nova série de prisões. Outro dia, assisti a uma, bem nesta rua. A cena já era por demais conhecida: o acusado, perplexo, tremendo de medo, sendo arrastado de casa por lictores de fisionomia impassível. Enquanto isso, o escravo da família que traiu o pobre miserável mantinha-se afastado, tentando não parecer culpado. Uma visão deprimente!

Kesão não agüentou mais. Levantou-se de repente e disse a Ênio que precisava se retirar.

Já? Eu esperava...

Eu sinto, mas não tenho tempo. Eu queria apenas ouvir o epitáfio de Cipião. Muito obrigado. Mas agora tenho que ir embora. Estou esperando visitas em casa, mais tarde.

Convidados para o jantar?

Não é bem assim.

DE VOLTA A CASA, CANSADO depois da longa caminhada, Kesão sentou-se sozinho em seu estúdio e olhou para os inúmeros pergaminhos que enchiam a biblioteca; eles eram como velhos amigos, aos quais ele devia dar um triste adeus. Certificou-se de que seu testamento estava no lugar adequado. Embora não conseguisse lê-lo, encontrou o trecho que mandara seu secretário sublinhar naquela manhã. O documento fazia uma menção específica ao fascinum e ao seu desejo de que Menênia o usasse em ocasiões especiais, e que quando o usasse, se lembrasse de seu adorado avô. Kesão retirou o talismã do pescoço e colocou-o sobre o testamento.

Pegou uma decantadeira e encheu uma taça de vinho — um belo Falerno — e no vinho dissolveu um pó. Segurando a taça, ajoelhou-se diante do oratório de Baco. Beijou a estátua do deus e ficou esperando.

Não demorou muito, e ouviu uma forte batida na porta da frente. Momentos depois, Cleto entrou correndo no estúdio.

Homens armados, senhor. Estão exigindo permissão para entrar.

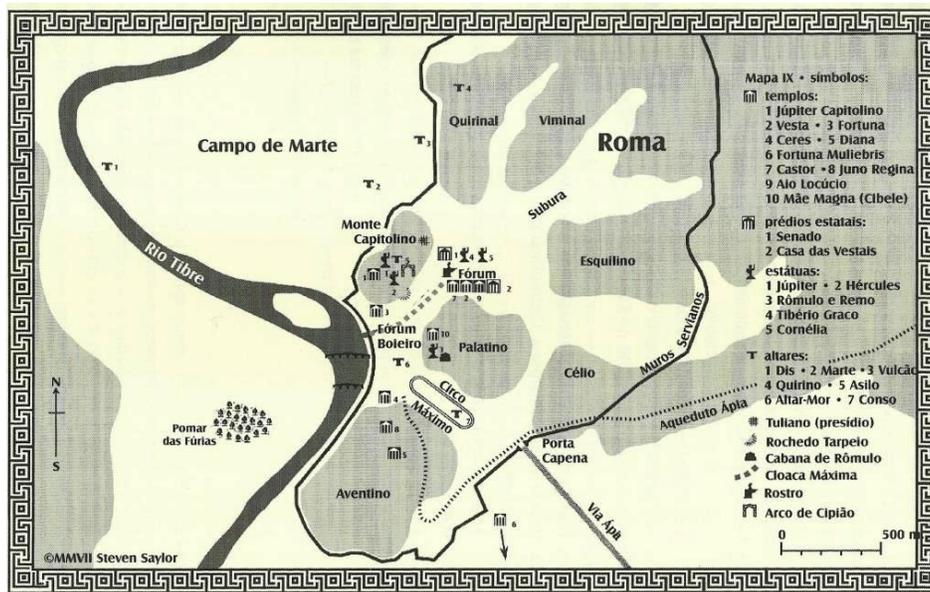
Sim, eu os estou esperando.

Senhor? — A cor deixou o rosto de Cleto.

Não é esta a hora na qual você disse a eles que viessem? Ouvi você conversando com aquele sujeito no Fórum, ontem, Cleto. Por que você me traiu?

Ouviu-se o som de uma agitação procedente do vestibulo. Os lictores já não estavam esperando à porta. Cleto olhou para o outro lado, incapaz de esconder a culpa.

Rápido, Kesão bebeu o veneno. Ele morreria tendo nos lábios o sabor da safra favorita do deus.



CAPÍTULO IX

AMIGO DOS GRACO

146 A.C.

- Filha, mãe, esposa, viúva...

Enquanto pronunciava cada palavra, Cornélia unia uma ponta de dedo de cada mão, colocada uma contra a outra — um gesto de orador que ela observara seu pai fazer. Cornélia era muito jovem quando Cipião morreu, mas, mesmo assim, ele deixara nela uma imensa impressão, e muitos dos gestos e expressões faciais dele, até mesmo um pouco de seu fraseado, continuavam nela. Ela também herdara a famosa beleza do pai. Agora com 30 e tantos anos, Cornélia era uma mulher impressionantemente bela. Os cabelos castanhos tinham um brilho vermelho e ouro ao refletir a brilhante e mesclada luz do sol do jardim.

Filha, mãe, esposa, viúva — repetiu ela. — Qual é o papel mais importante da mulher na vida? O que você acha, Menênia?

Eu acho... — a amiga sorriu um pouco timidamente. Menênia tinha a mesma idade de Cornélia e, como Cornélia, estava viúva. Apesar de não tão bonita, ela se comportava com tal graça, que a probabilidade de cabeças se voltarem em sua direção era a mesma que em relação a Cornélia, quando as

duas entravam num aposento juntas. — Eu acho, Cornélia, que você deixou de fora uma categoria.

Qual seria ela?

Amante.

Com uma das mãos, Menênia tocou no talismã que lhe pendia no pescoço, um antigo fascinum herdado de seu avô. Com a outra, tocou o braço do homem que estava sentado ao seu lado, e os dois trocaram um longo e significativo olhar.

Blóssio era filósofo, um italiano nascido em Cumas. Com os longos cabelos que iam ficando grisalhos e a barba aparada com perfeição, ele transparecia um ar de dignidade que combinava com o de Menênia. Cornélia se emocionava com a centelha especial entre sua amiga mais querida e o tutor dos filhos dela. Ali estavam dois adultos maduros, há muito além da idade do romance inebriante, que mesmo assim encontraram um no outro não apenas um companheiro, mas uma alma irmã.

O que a levou a fazer essa pergunta? — perguntou Blóssio. Como pedagogo da escola estoíca, ele tinha a tendência de questionar uma pergunta, em vez de respondê-la.

Cornélia fechou os olhos e ergueu o rosto para a morna luz do sol. Era um dia tranqüilo no Palatino; ela ouvia a música do canto de pássaros, vinda de cima dos telhados.

Pensamentos à toa. Eu estava pensando que Menênia e eu perdemos nossos pais muito novas. E ambas estamos viúvas, tendo nos casado com maridos bem mais velhos do que nós, e os enterrado. Depois da morte de meu pai, parentes providenciaram para que eu me casasse com o querido e velho Tibério Graco. E você foi a segunda esposa de Lúcio Pinário, não foi?

Na verdade, a terceira — disse Menênia. — O velho querido estava procurando mais uma zeladora do que uma égua reprodutora.

No entanto, ele lhe deu um filho maravilhoso, o jovem Lúcio.

É verdade. E Tibério lhe deu muitos filhos.

Para ser exata, 12. Todos me eram muito caros. Infelizmente, só três sobreviveram!

Mas que filhos notáveis são esses três — disse Menênia —, graças, em grande parte, à educação que receberam de Blóssio. — Ela apertou o braço do amante. — Sua filha Semprônia já está num casamento feliz, e o mundo espera grandes coisas de seus filhos Tibério e Caio.

Cornélia confirmou com a cabeça.

Creio que respondemos à pergunta que fiz, pelo menos no que me dizia respeito. Como já não tenho pai ou marido vivo, nem tempo para um amante, a maternidade é o meu papel mais importante. Minha realização serão meus filhos homens. Pretendo que eles realizem coisas tão importantes que, quando minha vida chegar ao fim, as pessoas digam não que eu era filha de Cipião Africano, mas a mãe de Tibério e Caio Graco.

Blóssio enrugou os lábios.

Uma nobre aspiração. Mas será que uma mulher deve existir só através dos homens em sua vida: pais, maridos, filhos homens... amantes? — Ele lançou a Menênia um olhar afetuosos. — O estoicismo ensina que cada homem é valioso por si mesmo, seja qual for a sua condição na vida. Cidadão ou escravo, cônsul ou soldado da infantaria, todos têm uma centelha, sem igual, de essência divina. Mas, e as mulheres? Não terão elas um valor intrínseco, maior e acima de qualquer papel que representem no relacionamento com os homens de suas vidas?

Cornélia riu.

Querido Blóssio, só um estóico teria coragem de expor uma teoria tão radical assim! Uma geração atrás, você poderia ter sido exilado só por sugerir uma idéia dessas.

Talvez — disse Blóssio. — Mas uma geração atrás, não havia a possibilidade de duas mulheres terem permissão para sentar-se sozinhas e sem acompanhantes, num jardim, discutindo idéias com um filósofo.

Mesmo hoje em dia, muito romano antiquado ficaria horrorizado se escutasse esta conversa — disse Menênia. — No entanto, aqui estamos sentados. O mundo muda.

O mundo está sempre mudando — concordou Blóssio. — Às vezes, para pior.

Então, caberá aos nossos filhos mudá-lo para melhor — declarou Cornélia.

Menênia sorriu.

E qual dos seus filhos vai fazer mais para mudar o mundo?

É difícil dizer. Eles são muito diferentes. Tibério é muito sério, muito determinado para um jovem de 18 anos, maduro demais para a idade.

Agora que é soldado, lutando lá fora contra aqueles pobres cartagineses, ou o que resta deles, eu espero que sua perspectiva não fique ainda mais sombria. O pequeno Caio tem apenas 9 anos, mas como é diferente! Receio que elè possa vir a ser impulsivo e temerário *demais*.

Mas muito seguro de si mesmo — disse Blóssio —, especialmente para um menino de sua idade. Como tutor deles, posso dizer que os dois irmãos têm uma auto-confiança notável, um traço que atribuo à mãe deles.

Enquanto eu o atribuo ao avô deles, apesar dele ter morrido muito antes de os dois nascerem. Gostaria muito que os meninos pudessem tê-lo conhecido, e que eu pudesse conhecê-lo por mais tempo do que conheci. Mesmo assim, tenho feito todo o possível para instilar nos garotos um profundo respeito pelas realizações do avô. Eles usam com orgulho o nome Graco, e com muita justiça, mas também estão obrigados a viver de acordo com os padrões de Cipião Africano.

Menênia suspirou.

Bem, quanto ao meu Lúcio, só espero que ele volte vivo e ileso da guerra de Catão.

Aquele era o nome que muita gente em Roma dera à renovada campanha contra Cartago. O próprio Catão não vivera para ver o estourar da guerra, mas nunca deixara de provocar agitação em favor dela. Durante anos, não importava o assunto — construção de estradas, comandos militares, reparos em esgotos — ele encerrava cada discurso no Senado com a mesma frase: "E concluindo... Cartago tem que ser destruída!" Homens riam de sua obsessão pertinaz, mas no fim, lá do túmulo, Catão vencera. Parecia que agora o seu sonho seria realizado. De acordo com os mais recentes despachos chegados da África, forças romanas estavam sitiando Cartago, cujos defensores não podiam esperar resistir por muito tempo.

Cornélia piscou e fez sombra para os olhos. O jardim, de repente, ficara quente demais e, a luz do sol, brilhante demais. Os pássaros canoros tinham se calado.

Dizem que já não é uma questão de *se* Cartago for destruída...

Mas *quando* — disse Blóssio.

E quando isso acontecer...

Cartago será a segunda cidade, numa questão de meses, a sofrer tal destino em mãos de Roma. — O filósofo morava na casa de Cornélia, e os dois se encontravam quase todos os dias; seus pensamentos, muitas vezes, seguiam lado a lado, como cavalos atrelados juntos. — Quando o general Múmio capturou Corinto, houve comemorações nas ruas de Roma.

E choro nas ruas de Corinto! — Cornélia abanou a cabeça. — Todos os homens foram mortos, todas as mulheres foram escravizadas! Uma das

mais sofisticadas e opulentas cidades em toda a Grécia, eliminada por armas romanas.

Blóssio ergueu uma sobrancelha.

"Um exemplo para todo aquele que tiver a ousadia de desafiar a nossa supremacia", segundo Múmio.

Templos foram profanados. Obras de arte de valor incalculável foram destruídas pelos soldados desordeiros dele. Até os reacionários mais anti-gregos de Roma ficaram constrangidos diante do barbarismo de Múmio...

Cornélia calou-se de repente. Ergueu um ouvido em direção ao céu. Em lugar de um cantar de pássaro, agora um outro som estava no ar.

Estão ouvindo? Algum tipo de agitação.

Vindo do Fórum? — perguntou Menênia.

Mais perto, acho eu. Míron!

Um jovem escravo que estava sentado no chão perto deles levantou-se, desajeitado. Cornélia mandou que ele descobrisse o que estava acontecendo. Enquanto aguardavam a volta dele, os três ficaram sentados em silêncio, compartilhando da mesma aflição. Uma comoção significava notícia de algum tipo. As notícias podiam ser boas, ou más...

Por fim, Míron voltou, sem fôlego mas sorrindo.

Senhora, uma notícia fantástica, vinda da África! Cartago foi ocupada. A guerra acabou! Um navio atracou em Óstia hoje de manhã, e os mensageiros acabam de chegar a Roma. Foi tudo o que consegui apurar até agora, mas se a senhora quiser, posso ir correndo até o Fórum.

Menênia começou a chorar. Blóssio a abraçou. Os dois pareciam ignorar a presença de Cornélia. Observando-os, ela de repente se sentiu muito

sozinha. O calor do jardim fez com que se sentisse zozna. A brilhante luz do sol provocou-lhe lágrimas nos olhos.

Sim, Míron, vá ver o que mais você pode descobrir. Talvez haja alguma informação sobre... baixas romanas.

É para já, senhora.

Míron girou sobre os calcanhares e, subitamente, colidiu com um homem que estava entrando no jardim.

Cornélia protegeu os olhos do sol. Com os olhos semicerrados, olhou para o recém-chegado, e depois deu um grito.

Nicomedes! É mesmo você?

O homem era um dos escravos de Tibério. Ele acompanhara o seu senhor a Cartago.

Mas, Nicomedes, o que é que você está fazendo aqui? Por que ainda não está com o Tibério?

Apesar do calor, Cornélia teve um calafrio.

Em vez de falar pelo meu senhor, meu senhor poderá falar por si mesmo.

Nicomedes sorriu e, de uma sacola que levava, tirou uma tabuleta de cera protegida por uma capa.

Uma carta? De Tibério?

Gravada pela minha mão em meio às ruínas fumegantes de Cartago, tal como ditada pelo seu filho, senhora, que não só está vivo e bem, mas é um herói das legiões romanas.

Um herói?

Como a senhora vai compreender quando ler a carta dele.

Cornélia fez um gesto afirmativo com a cabeça. Ela se sentia estranhamente calma.

Míron, vá buscar o jovem Caio. Ele deve estar presente para ouvir a carta do irmão ser lida em voz alta. Blóssio, por favor, quer lê-la? — Ela entregou a tabuleta a ele. — Minhas mãos estão tremendo, e acho que não vou conseguir entender as palavras.

Um instante depois, Caio apareceu, correndo na frente de Míron. Ele era um menino bonito, imagem exata do avô.

É verdade, mamãe? Cartago está ocupada e chegou uma carta de Tibério?

É, Caio. Sente-se aqui ao meu lado, enquanto Blóssio lê a carta.

O filósofo pigarreou.

"A minha adorada mãe, filha do grande Africano: escrevo estas palavras para a senhora, da cidade que meu avô conquistou no passado e que acaba de ser conquistada outra vez por armas romanas. Ela jamais será conquistada uma terceira vez. De hoje em diante, Cartago não existirá mais. Juntamente com esta carta, Nicomedes também leva uma lembrança minha. É a coroa mural, com a qual fui agraciado por ter sido o primeiro soldado a escalar os muros inimigos."

Da sacola, Nicomedes tirou uma coroa feita de prata e modelada para parecer uma muralha crenelada com torres, como as que podem cercar uma cidade. Ele entregou a coroa a Cornélia.

Seu filho a recebeu numa cerimônia pública diante das tropas, e usou-a num lugar de honra na festa da vitória. Ele a mandou para casa comigo, a fim de que a mãe dele pudesse ser a primeira pessoa de Roma a vê-la.

O primeiro a escalar os muros! — sussurrou Caio, olhando fixo para a coroa nas mãos de sua mãe. — O primeiro romano a entrar em Cartago! Podem imaginar como isso deve ter sido perigoso?

Cornélia bem podia imaginar, e o pensamento deixou-a tonta. Mas conseguiu dar um sorriso e colocou a coroa na cabeça de Caio. Era muito grande para ele e escorregou, cobrindo-lhe os olhos. Todos riram. Irritado, Caio empurrou a coroa da cabeça. Ela caiu, com estrépito, nas pedras do piso.

Isso não tem graça, mamãe! A coroa não foi feita para mim!

Cale-se, Caio! — Com um suspiro, Cornélia inclinou-se para apanhar a coroa e colocou-a no colo. — Vamos ouvir o resto da carta de seu irmão. Continue, Blóssio, por favor.

"Para sua amiga Menênia, também tenho boas notícias: o filho dela, Lúcio, lutou bravamente no combate, matou muitos inimigos, e não se feriu."

Graças aos deuses! — bradou Menênia,

Ela tentou segurar a mão de Blóssio, mas ele estava distraído com a carta. Olhava para ela atentamente, lendo antes de falar. A fisionomia estava carrancuda.

Continue, Blóssio — disse Cornélia. — O que mais Tibério escreveu?

Só... um pouco de descrição... da batalha. Nada de natureza pessoal.

Muito bem. Vamos ouvir.

Não estou certo de que deva ler isto em voz alta, diante do menino. Ou, mesmo, diante de você. Suponho que seja um sinal do profundo respeito de Tibério por você, o fato de escrever à mãe com a franqueza com que teria escrito ao seu falecido pai...

O que é que você acabava de dizer, Blóssio, sobre o valor das mulheres?

Não é uma questão de mérito, mas de... delicadeza.

Absurdo, Blóssio. Se você não quer ler em voz alta, eu leio.

Cornélia largou a coroa mural, levantou-se e tirou a tabuleta dele.

"Quanto a Cartago" — leu ela —, "finalmente o fantasma de Catão pode descansar: a cidade, que era tão antiga quanto Roma, agora está totalmente destruída. O porto está demolido, as casas incendiadas, os altares

para sacrifício humano, reduzidos a escombros. Os jardins foram revirados. Os grandes mosaicos das praças públicas foram inundados com poças de sangue.

"Os homens foram massacrados, enquanto tivemos força para massacrá-los; os poucos que sobreviveram irão tornar-se escravos. Até onde sei, todas as mulheres foram estupradas, sem diferença de idade ou posição. Muitas foram mortas, apesar de gritarem por misericórdia; foi essa a loucura de destruição que dominou os vencedores. As mulheres e os homens que sobreviveram serão separados por sexo e vendidos em mercados de escravos a centenas de quilômetros de distância entre eles, para que nenhum cartaginês e nenhuma cartaginesa possam um dia tornar a copular e, assim, a raça será extinta. Antes de serem vendidos, as línguas deles serão extraídas, para que o idioma, e até mesmo os nomes dos deuses deles, desapareçam da Terra.

"A própria terra será tornada infecunda. Está sendo aplicado sal no solo que cerca a cidade, para que durante uma geração nenhum produto possa ser cultivado. O sal foi a preciosa substância que fez Roma nascer, há muito tempo — foi o que Blóssio me ensinou —, de modo que é apropriado que o sal deva selar o enterro de Cartago.

"Quando Alexandre conquistou a Pérsia, preferiu deixar a cidade de Babilônia intata e transformar o povo em súdito dele; devido à sua clemência, ele foi exaltado por deuses e homens. Nós seguimos um exemplo mais antigo, dos implacáveis gregos que saquearam a cidade de Tróia e só deixaram ruínas. Os dramaturgos gregos falam de muitas infelicidades que, depois disso, aconteceram aos gregos vitoriosos — Ajax, Ulisses, Agamenon, e os demais. Rezo para que os deuses aprovelem o que fizemos a Cartago e concedam um destino íntegro ao povo romano, que fez essa coisa horrenda pela glória de Júpiter."

Com as mãos trêmulas, Cornélia largou a tabuleta.

Se ao menos eu tivesse estado lá! — disse Caio, os olhos brilhando de euforia. — Que dia glorioso deve ter sido! E agora isso nunca mais acontecerá, uma vez que Cartago se foi e eu era jovem demais para estar lá, e nunca haverá outra guerra com ela. Mas posso esperar que Tibério retorne e me conte mais sobre isso.

A guerra é um costume do mundo, e sempre será — disse Blóssio, com calma. — É evidente que os deuses de Roma foram mais poderosos do que os de Cartago. Temos que ser gratos por isso. No entanto... eu temo

pelo futuro de Roma. Como Tibério é astuto ao referir-se ao exemplo dos gregos contra Tróia! Eu me lembro do herói grego, Aquiles, que era praticamente invencível; mas, quando profanou o cadáver do troiano Heitor, os deuses não aprovaram a arrogância e retiraram sua proteção, e Aquiles morreu como qualquer outro mortal, no campo de batalha.

"Roma entrou numa nova era. Com a destruição de Corinto, o respeito dos romanos pela cultura grega degenerou em saque desenfreado. Com a destruição de Cartago, os romanos não têm rival no Mediterrâneo. Mas, como é que Roma vai suportar as responsabilidades de poder e riqueza sem precedentes na história do mundo? Temos que rezar para que os deuses dêem

a Roma homens sábios para conduzi-la ao futuro — e mulheres sábias para alimentar esses homens enquanto eles são crianças!

Blóssio, Menênia e Cornélia voltaram os olhos para o jovem Caio. Inspirado por visões da carnificina de Cartago, ele tomara coragem para apanhar a coroa mural e estava tentando encaixá-la na cabeça outra vez, sem perceber o exame minucioso por parte deles.

133 a.C.

— TIBÉRIO VAI SE METER em encrenca, mamãe. Uma encrenca grave. Ele não faz idéia do que tem pela frente. Não quero ter nada a ver com isso.

Lúcio Pinário, que tinha cabelos ruivos e brilhantes olhos verdes típicos de muitos Pinário, deu uma dentada num repolho cozido marinado em garo. O prato, servido frio, era um favorito da família para um quente dia de meados do verão.

Blóssio também se serviu de um pedaço do repolho, apesar da tendência que aquilo tinha de lhe provocar indigestão. Apesar de todos os filhos de Cornélia serem, agora, crescidos, Blóssio ainda morava na casa dela, mas passava grande parte do tempo ali, na casa de Menênia, que ficava a apenas alguns passos do Palatino. Era inimaginável que Menênia e Blóssio — um patrício romano e filósofo de Cumas — um dia fossem se casar, mas o relacionamento passara no teste do tempo. A viúva e o estóico estavam ficando grisalhos juntos.

Menênia não comeu nenhum pedaço de repolho. Quando fazia calor, ela não tinha apetite; lamentava o fato de que durante todo o mês de sextilis

não podia comer absolutamente nada. Um escravo atrás dela abanava um leque de pavão para agitar o lânguido ar do jardim.

— Tibério Graco sempre foi seu amigo, Lúcio — disse ela. — Você deveria sentir-se feliz com a atuação dele. Poderia ter considerado a eleição dele ao tribunato como uma oportunidade para você mesmo. Em vez disso, durante o último ano, você o evitou, de propósito. O que acha dessa legislação que ele conseguiu promulgar, formando uma comissão para redistribuir terras agrícolas? Você poderia ter servido naquela comissão...

Se eu quisesse acabar com a minha carreira antes dela começar! A coisa toda vai acabar sendo um desastre.

Não é bem assim — disse Blóssio. — É certo que Tibério está correndo um grande risco. Francamente, a ousadia dele me deixa perplexo, apesar de que não devia ser assim; ele é descendente do avô, no final das contas, e filho da mãe dele.

E pupilo de Blóssio! — vociferou Lúcio. — Vocês, estóicos, estão sempre alegando que a melhor forma de governo não é uma república, mas um rei justo. Você meteu todo tipo de idéias perigosas na cabeça de Tibério.

Blóssio conteve o mau humor, mas o repolho começou a roncar em sua barriga.

Tibério é um visionário. Se meus ensinamentos o tiverem inspirado, eu sinto orgulho dessa realização.

Mas você vai sofrer as conseqüências junto com ele, quando todo o empreendimento fracassar?

Tibério é o homem mais adorado de Roma — disse Blóssio.

É também o homem mais odiado de Roma — contrapôs Lúcio.

Lúcio! Blóssio! Parem de brigar! O dia está quente demais para isso. —Menênia suspirou. — Agora, quero que cada um de vocês me explique, uma vez mais, do seu ponto de vista, exatamente o que Tibério Graco está tentando fazer, e por que isso leva a promessa de um grande sucesso... ou fracasso.

Blóssio ergueu uma sobrancelha.

Você finge ignorância, minha cara, num esforço para nos fazer defender nossas posições com lógica, em vez de emoção. Você poderia resumir a situação tão bem quanto qualquer um de nós dois.

Menênia riu.

Se isso for manter os dois calados, vou resumir! Na época em que nossos ancestrais estavam conquistando a Itália, pedaço por pedaço, Roma

adquiriu vastas áreas de terra pública. Mais adiante, ainda mais terra foi tomada de cidades italianas que passaram para Aníbal. A política pública tem sido distribuir essa terra a cidadãos romanos e a italianos aliados, como recompensa pelo serviço militar: pequenas fazendas mantêm a economia estável, e fornecem mais soldados, uma vez que os donos de terras são obrigados a servir ao exército. Para manter as propriedades pequenas e tornar justos os desembolsos, sempre houve limites para a área que qualquer indivíduo pode ter.

"Mas, como diz o provérbio etrusco, o dinheiro altera tudo. Durante a minha existência, quantidades fantásticas de ouro e prata foram despejadas em Roma, vindas de cidades e províncias conquistadas, e o resultado é que um grupo muito pequeno de cidadãos ficou muito, muito rico. Alguns desses homens encontraram meios de contornar os limites legais e compraram áreas imensas de terras públicas, juntamente com escravos para trabalhar as enormes propriedades. Em conseqüência, homens livres por toda a Itália foram forçados a deixar a terra e ir para as cidades, onde lutam para sobreviver, evitam criar famílias, e não têm obrigação de servir ao exército. A situação não beneficia ninguém, exceto um reduzido número de proprietários de terra imensamente ricos. As massas pobres da Itália perderam a posse de suas terras, e a força humana disponível para as legiões romanas está diminuindo. Alguma coisa tem que ser feita para retomar dos grandes proprietários as terras adquiridas de forma ilegal e redistribuí-las ao povo. — Menênia parecia satisfeita consigo mesma. — Pronto. Será que expliquei a situação geral de modo a satisfazer vocês dois?

Eu não poderia ter explicado melhor — disse Blóssio —, embora pudesse acrescentar que as ramificações dessa situação vão muito além do controle de terras. Há a guerra atual, na Espanha, um caso gratuito, abafado, desastroso que tem sido mal executada pela camarilha governante no Senado. Isso tem levado a uma insatisfação maciça nas fileiras e à imposição de uma disciplina dura e humilhante. Estou pensando no caso em que os desertores da campanha espanhola foram capturados, açoitados e vendidos como escravos.

Ele lançou um olhar ardente para o repolho, mas decidiu não comer mais um pedaço.

O enorme influxo de escravos levou aos problemas próprios da categoria, como a maciça revolta que está acontecendo na Sicília neste exato momento. Escravos estão ameaçando tomar conta da ilha inteira! E

esta é apenas a mais recente e maior onda de violência por parte de escravos renegados. A quantidade deles aumentou em proporções alarmantes por toda a Itália, e muitos são terrivelmente brutalizados. A situação fica mais perigosa a cada dia que passa. Fazendeiros expulsos da terra; muito pouco respeito e muito pouca recompensa para a soldadesca comum; um número demasiado de escravos miseráveis e desesperados. Os cidadãos de Roma estão exigindo que se faça alguma coisa — e Tibério Graco declarou ser ele o homem para isso.

Só 29 anos de idade, e já é um tribuno! — disse Menênia. — Cornélia deve estar muito orgulhosa.

Lúcio tomou aquilo como um menosprezo. Uma careta perturbou seus belos traços.

—Ter um sogro importante/ajuda! Ápio Cláudio talvez seja o homem mais poderoso do Senado.

Ah, os Cláudio, sempre conosco! E a política deles parece ficar mais radical a cada geração — disse Blóssio. — Sim, Tibério tem em Cláudio um aliado poderoso. Mas os grandes donos de terras farão de tudo para manter suas propriedades. Temos visto como tem sido o jogo até agora. Tibério apresentou uma proposta de redistribuir a terra, mas basta um dos outros nove tribunos para vetar uma proposta dessas, e os donos de terra conseguiram convencer o tribuno Marco Otávio a fazer isso.

Lúcio foi ficando cada vez mais agitado.

E agora chegamos ao motivo pelo qual não quero ter nada a ver com Tibério e sua política. Quando Otávio deu o seu veto, Tibério pediu que Otávio fosse exonerado por voto popular e obrigou-o a deixar o cargo. Mas Otávio recusou-se a sair, depois do que um dos liberados de Tibério arrastou-o à força para fora da plataforma do orador, e na briga que se seguiu, um dos criados de Otávio ficou cego. Agora, os detratores de Tibério o estão chamando de inimigo do povo, por ter feito o que nem Coriolano conseguiu fazer: obrigou um tribuno a se exonerar!

O ato de Tibério estava totalmente dentro da lei...

Não sei se a expulsão de Otávio foi legal ou não. O que sei é que Tibério apelou para a violência. Sim, ele acabou tendo o que queria: sua proposta virou lei. Para redistribuir a terra, tem que haver uma comissão. E quem

Tibério nomeia para essa poderosa comissão? Ele mesmo, o sogro, Ápio Cláudio, e seu irmão mais moço, Caio, que tem apenas 21 anos!

Tibério precisava de homens em quem pudesse confiar — insistiu Blóssio.

Isso fede a nepotismo — disse Lúcio. — Mamãe, mais atrás a senhora sugeriu que eu poderia ter conseguido um lugar na comissão de Tibério. Eu lhe garanto que força alguma sobre a Terra poderia ter me convencido a fazer isso!

"E agora vemos a mais recente jogada de Tibério. Como a senhora salientou, mamãe, o dinheiro muda tudo. O rei Átalo, de Pérgamo, morreu, e seu testamento deixa o reino inteiro para Roma; as terras que pertenceram a Tróia antigamente, agora vão ser nossas. O influxo de riqueza será enorme. Normalmente, todo esse ouro e todos esses bens iriam direto para os cofres do Senado, mas Tibério tem uma idéia diferente. Ele propõe que tudo vá diretamente para o povo, distribuído juntamente com as terras, de modo a que pague os equipamentos agrícolas e os suprimentos iniciais. Os inimigos dele chamam isso de suborno público numa escala sem precedentes. Eles acusam Tibério de visar transformar-se em rei.

Nunca! — escarneceu Blóssio.

Quando nada, Tibério está tentando uma espécie de revolução de baixo para cima. Ele desafia a supremacia do Senado ao usar o cargo de tribuno para fazer coisas que nenhum tribuno fez antes.

Eu acho que tudo isso é terrivelmente emocionante — disse Menênia. — Por que está tão convencido de que Tibério vai fracassar?

Porque, mamãe, o apoio a ele se enfraquece a cada dia. A gente comum, agindo em seu interesse ou não, rendeu-se ao argumento de que Tibério impugnou a soberania do povo quando expulsou do cargo um tribuno rival. E se ele pensa que pode se apropriar da riqueza de Pérgamo para seus fins políticos, aproveitando-se do Senado, está realmente brincando com fogo. *Será* que Tibério quer ser rei, como dizem seus inimigos? — Lúcio transferiu o olhar para Blóssio. — Ele já detém o controle da situação como um rei, mantendo um filósofo grego como conselheiro.

Blóssio ficou indignado.

Minha filosofia é grega, mas sou italiano de nascimento, de nobre sangue campaniense. Sim, fui tutor de Tibério quando ele era menino. Se depois de adulto ele ainda me consulta, por que não?

Porque magistrados romanos não consultam filósofos gregos sobre assuntos de Estado; a menos que queiram se parecer com tiranos gregos. Eu

apenas repito o que os inimigos de Tibério estão dizendo. Eles também perguntam: quando chegou em Roma, a quem o embaixador pergameno entregou o testamento real e o diadema e capa púrpura do falecido rei Átalo? Ao Senado? Não! Ele foi direto à casa de Tibério.

Não para ungi-lo rei! — protestou Blóssio. — O embaixador foi visitar Tibério apenas como cortesia. Os elos diplomáticos entre os Graco e a casa de Átalo existem há uma geração. Foi há trinta anos que o pai de Tibério chefiou uma embaixada romana para investigar acusações de sedição contra o pai do falecido rei e livrou-o de todas as suspeitas. Desde então, a família real de Pérgamo tem mantido um relacionamento especial com os Graco.

Seja qual for a explicação, o fato parece suspeito.

Blóssio abanou a cabeça.

Bobagem! Os inimigos de Tibério se valem de qualquer calúnia para derrubá-lo. Ele defende o povo, e os posseiros dizem que ele quer ser o rei do povo. Os eleitores deveriam saber que não devem acreditar em mentiras desse tipo.

Vamos ver o que os eleitores pensam, muito em breve — disse Lúcio. — Tibério está concorrendo a um segundo período como tribuno. É nitidamente ilegal outros magistrados exercerem um cargo dois anos seguidos...

Mas não para o tribunado — disse Blóssio. — *Existe* um precedente para que um tribuno que esteja no cargo continue nele. Se não houver candidatos novos às dez vagas num determinado ano...

É *isso* que Tibério está tramando? Manter o cargo mediante o suborno ou a ameaça para manter afastados outros candidatos?

Os outros vão sair porque o povo assim exigirá.

Lúcio grunhiu, desesperado.

Será que você não percebe para onde isso está indo? Se Tibério tiver permissão para concorrer a tribuno outra vez, invocando algum detalhe técnico, e se ele ganhar, seus inimigos vão ficar mais decididos a detê-lo; isso significa mais violência. Se perder, ele perderá a imunidade do cargo, e os inimigos irão arrastá-lo ao tribunal com base em alguma acusação forjada e exilá-lo. Aconteça o que acontecer, Tibério está numa posição muito perigosa.

Seguiu-se um longo silêncio, rompido, no fim, por um suspiro de Lúcio.

Não é que eu não concorde com a proposta de Tibério de redistribuir a terra. Trata-se de um objetivo nobre. Isso tem de ser feito, e será feito... no devido tempo. Se ao menos Tibério tivesse adotado uma abordagem mais lenta, mais gradativa...

Mesmo assim, os gananciosos proprietários de terra teriam sido contra mim — disse uma voz rouca.

Tibério! — bradou Menênia. Ela se levantou de um salto, abraçou o recém-chegado e deu-lhe um beijo no rosto. — De onde você veio?

Estava falando no Fórum, é claro. O dia da eleição está chegando. Achei que talvez encontrasse Blóssio aqui.

Tibério Graco se tornara um homem de uma beleza impressionante; muitas das pessoas que o comparavam a bustos do avô diziam que era ainda mais bonito. Naquele dia, ele parecia um pouco abatido; as ininterruptas exigências da campanha para sua reeleição estavam cobrando um tributo. Apesar da fadiga, ele projetava uma aura que parecia maior do que a sua presença física, aquela indefinível fascinação que os gregos chamavam de carisma. A disposição íntima do jardim de Menênia parecia pequena demais para contê-lo.

Blóssio se levantou e o cumprimentou. Os dois trocaram algumas palavras abafadas. Depois, Tibério voltou-se para Lúcio, que continuara sentado e calado.

Não pude deixar de ouvir alguns de seus comentários, Lúcio. Eu já me acostumei a me defender diante de meus inimigos. Talvez devesse passar mais tempo explicando aos meus amigos o que pretendo.

Lúcio de levantou e jogou os ombros para trás.

Eu não quis ofender ninguém, Tibério. Mas aqui, em casa de minha mãe, não faço segredo de minhas preocupações. Falei livremente diante do Blóssio.

E tenho certeza de que Blóssio me defendeu. Mas nem mesmo Blóssio pode expressar as palavras que saem diretamente de meu coração, porque nem mesmo Blóssio passou o que eu passei no último ano. Menênia, posso beber um pouco de vinho? Minha garganta está seca, de tanto falar.

Imediatamente, um escravo lhe trouxe uma taça. Tibério bebeu com avidez, mas a voz não ficou menos rouca do que antes.

Lúcio, há um ano, quando comecei minha primeira campanha para o tribunato, era pouco diferente de qualquer outro homem que concorresse ao cargo. Eu estava à procura de progresso político, na esperança de me tornar

famoso. Sim, eu acreditava nos discursos que fazia... ou, devo dizer, nos discursos que Blóssio escrevia para mim... e na necessidade da reforma agrária, de um melhor tratamento a dar aos soldados, e assim por diante. Mas a promoção daquelas metas era pouco mais de um meio para atingir um fim, uma maneira de achar um eleitorado e começar minha ascensão no Curso da Honra.

"Então, fiz uma viagem por toda a Itália, para ver com os meus próprios olhos a situação do interior. O que vi foi pavoroso. As áreas rurais foram praticamente esvaziadas de homens livres e suas famílias. É como se a península inteira fosse inclinada pela mão de algum Titã e toda aquela gente tivesse escorregado em direção a Roma, e aqui vivem eles empilhados uns nos outros. Hoje em dia, mal se consegue passar pelas ruas de Subura, de tão lotado que ficou.

"E depois que o interior ficou despovoado de homens livres, tornou a ser enchido... de escravos. Cultivar a rica terra agrícola, labutando nos vinhedos... exércitos inteiros de escravos nascidos no exterior, trabalhando até cair para os poucos ricos que se apossaram de toda a terra. Digo isso no sentido bem literal: esses escravos caem no local em que trabalham e morrem lá. Não é raro ver um escravo morto caído num campo enquanto os outros continuam a trabalhar em volta dele, sob o chicote de um capataz impiedoso. Os escravos ficaram tão baratos, tão descartáveis, que são tratados muito pior do que o gado.

Tibério abanou a cabeça.

Todos sabemos que essa situação existe. Todos nós falamos do "problema da terra" no sentido abstrato e nos preocupamos com o que poderia ser feito, e discutimos pontos de política. Mas ver a realidade em primeira mão, viajando um dia atrás do outro pelo interior, é uma experiência muito diferente. Fiquei abalado até o âmago pelo que vi.

"Mas foi uma outra coisa que realmente me modificou. Eu disse que o interior está despovoado de homens livres, mas isso não é de todo verdade. Num ou noutro lugar, encontra-se um pequeno agricultor que de algum jeito conseguiu ficar com a sua terra, cultivando os campos à moda antiga; os membros da família trabalham lado a lado com alguns escravos, e todo mundo se esforça junto. Essas pequenas propriedades ficaram cercadas por fazendas enormes; parecem pequenas ilhas do interior romano de antigamente. E devido ao fato de que aqueles pequenos agricultores adquiriram sua terra graças ao serviço militar, ou no momento têm filhos

alistados nas legiões, é freqüente ver-se uma estimada peça de armadura ou uma réplica de um galhardete de legionários orgulhosamente exibidos na porteira. Num relance, vê-se a conexão entre uma comunidade próspera de pequenos agricultores, um exército forte, e uma Roma saudável, vibrante.

"Passando por uma dessas fazendas pequenas, lá na Etrúria, vi um cartaz erguido sobre a porteira. O cartaz dizia: 'Tibério Graco, ajude-nos a ficar com a nossa terra.' — Ele mostrou um sorriso triste. — Meu nome estava grafado de maneira errada, e as letras tinham sido feitas de forma muito rústica, mas aquele cartaz me deu uma sacudidela. E foi apenas o primeiro cartaz que vi. Depois dele, em cada propriedade pequena pela qual eu passava, mesmo aquelas distantes das estradas principais, vi cartazes semelhantes. 'Tibério Graco, devolva a terra pública aos pobres.' 'Tibério Graco, detenha a disseminação de escravos.' 'Tibério Graco, nos devolva a nossa terra e o nosso trabalho.' 'Tibério Graco, nos ajude.' De algum modo, a notícia da minha viagem tinha se espalhado de fazenda em fazenda, de boca a boca. Quando voltei a Roma...

A voz de Tibério ficou sufocada pela emoção, e estava tão rouca, que ele mal continuou a falar. Menênia lhe trouxe mais vinho. Ele bebeu e continuou.

— A missão de que me incumbi é muito mais importante do que eu. Os políticos vêm e vão, com suas disputas, suas calúnias e a desavergonhada corrida pela melhoria. O que importa é o destino de Roma, e o destino do povo romano, em especial daqueles que alimentam a cidade e lutam por ela, que dão o suor e o sangue e os descendentes de seu púbis pela glória de Roma.

Seguiu-se um longo silêncio. Por fim, Blóssio adiantou-se. Havia lágrimas em seus olhos.

Meu querido rapaz! Eu me vanglorio de ter sido o seu tutor, mas o estudante ultrapassou, e muito, o professor! Você foi sempre inteligente, sempre sério e disciplinado... e, no entanto, nunca imaginei que o filhinho de Cornélia iria crescer a ponto de fazer sombra a todos nós.

Tibério teve um sorriso fraco.

Blóssio, acho que você, por pouco, não está percebendo o significado. Quando digo que os políticos vêm e vão, enquanto o destino do povo permanece, estou querendo dizer exatamente isso. Não tenho ilusões sobre a minha importância ou sobre a minha permanência, exceto quanto à

possibilidade de encontrar um meio de canalizar o poder do povo em benefício do povo, e para a maior glória de Roma.

Claro. Muito bem dito! — Blóssio deu uns toques com as mangas da túnica em seus olhos úmidos. — Mas você disse que veio procurando por mim?

Sim. Há alguns assuntos puramente práticos que eu quero discutir. Ápio Cláudio acha que eu devia propor a redução do tempo do serviço militar, antes da eleição. Ele acha também que devíamos apresentar a idéia de permitir que pessoas que não sejam senadores atuem como juizes.

Isso requer uma discussão séria. Talvez na casa de sua mãe?

Claro. Menênia e Lúcio já agüentaram bastante minhas divagações.

Bobagem! — disse Menênia. — Você é bem-vindo a esta casa a qualquer hora, Tibério. Sabe que adoro ouvi-lo falar! Mas você precisa fazer alguma coisa sobre essa rouquidão. Uma infusão de hortelã e mel em água quente pode fazer maravilhas.

Vou tentar — prometeu Tibério. — Adeus, Menênia. E adeus, Lúcio.

Ele sorriu, mas Lúcio apenas respondeu com um aceno da cabeça. Tibério e Blóssio se retiraram.

De repente, o jardim pareceu muito silencioso e parado e, de algum modo, vazio. Mãe e filho estavam sentados afastados, com seus pensamentos em separado.

A história de Tibério sobre os cartazes no interior, aparentemente muito sincera, deixara Lúcio indiferente. A ele parecia que Tibério devia ser ou um político compulsivo, incapaz de deixar de exagerar ao manifestar uma emoção e de arengar, nem mesmo no jardim de um amigo, ou, então, um autêntico idealista, cego por visões de grandeza e indiferente aos terríveis perigos que tinha pela frente. Em qualquer dos dois casos, as apaixonadas palavras de Tibério fizeram com que Lúcio se sentisse mais apreensivo do que nunca.

Menênia estava pensando na amiga Cornélia, e em como os filhos das duas tinham saído tão diferentes. O que era melhor: ter um filho que abria um caminho como um cometa, com toda a brilhante incerteza do fogo celestial, ou ter um filho tão apático e previsível quanto um punhado de terra? Menênia tinha de admitir que sentia inveja de Cornélia, pelo menos por enquanto. Mas será que teria motivos para ter pena de Cornélia no futuro?

— SE AO MENOS A eleição para tribuno não acontecesse em meio ao verão — reclamou Tibério. — É precisamente nessa época que meus mais poderosos partidários estão fora de Roma, procurando serviço nas colheitas no interior. Blóssio, você acha que podia...?

Uma dobra da toga de Tibério recusava-se a cair de forma correta sobre um dos ombros. Blóssio a endireitou.

Não é por acaso que as eleições acontecem na época escolhida — observou o filósofo. — As famílias que mandam em Roma sempre prepararam todos os aspectos de toda eleição, de modo a dar a elas a maior vantagem e, ao público comum, a menor. Mas se a causa for justa e o candidato for firme, a vontade do povo não será contrariada.

Cornélia entrou no quarto.

Deixe-me dar uma olhada em você, Tibério. — O filho, amavelmente, recuou e fez uma pose, agarrando as dobras da toga com uma das mãos. — Como você está esplêndido! Seu pai e seu avô ficariam muito orgulhosos. Eu só queria que seu irmão caçula estivesse aqui para vê-lo.

Caio tinha sido mandado vasculhar o interior à procura de adeptos e convencê-los a voltar a Roma para a eleição.

Cornélia deu um beijo no rosto de Tibério.

Então, venha comigo. O áugure já chegou. Ele está nos esperando no jardim. Pare de virar os olhos, Blóssio! Sei o que você pensa das formalidades religiosas, mas esse ritual tem de ser observado em nome da tradição. O pai e o avô de Tibério nunca teriam aparecido diante dos eleitores numa eleição sem primeiro consultar um áugure.

No jardim, o áugure colocou no chão uma gaiola com três galinhas. Ele rodeou a gaiola três vezes, invocando os deuses e os ancestrais de Tibério Graco. Espalhou grãos no chão, um pouco à direita e um pouco à esquerda na gaiola, e depois abriu a portinhola. Os auspícios seriam determinados observando-se o movimento das aves, se elas se mexiam em grupo ou individualmente e em que direção; para a direita, indicava o favor dos deuses; para a esquerda, a contrariedade deles.

Mas as galinhas não saíram da gaiola. Cacarejaram e esbarravam umas nas outras, ignorando a portinhola aberta. O áugure bateu o pé. Fez gestos indicando espantar. Em dado momento, agarrou a parte superior da gaiola e deu-lhe uma boa sacudidela. Por fim, uma das galinhas saiu. A ave ignorou as duas porções de cereais. Ergueu a asa esquerda, fez meia-volta e retornou correndo para a gaiola.

O áugure parecia muito constrangido.

Os auspícios... são inconclusivos — disse ele.

Cornélia franziu o cenho.

A asa esquerda — sussurrou ela. Sentiu uma premonição de honor.

Infelizmente — disse Tibério —, a ciência do áugure não é tão exata quanto poderíamos desejar. Um véu está cobrindo o futuro. Mesmo assim, o futuro chegará.

Mãe e filho trocaram um longo olhar. Cornélia viu que Tibério estava tão apreensivo quanto ela, mas não disse nada.

Tibério foi até o vestibulo. Fez uma pausa para olhar as imagens de seus ancestrais. Tocou a testa do grande Africano, depois acenou com a cabeça para que o escravo abrisse a porta.

Lá fora, na rua, um grande número de adeptos o esperava. Muitos tinham passado a noite em frente à casa, revezando-se na dormida e na proteção da porta. Nos últimos dias de campanha, a retórica de ambos os lados ficara tão exaltada, e as brigas de rua entre as facções tão violentas, que muitos temiam pela segurança de Tibério. Havia um rumor de que seus inimigos estavam conspirando assassiná-lo antes da eleição; seus adversários alegavam que o próprio Tibério espalhara o boato, para incitar seus adeptos. Fosse qual fosse a verdade, uma grande multidão o aguardava na rua, e quando o viram, explodiram numa ovação.

Com um sorriso largo, Tibério avançou. Tropeçou no portal e perdeu o equilíbrio. Cambaleando à frente, bateu o dedão do pé esquerdo numa pedra do calçamento com tanta força, que pensou ouvir um osso estalar. No mínimo, a unha do dedo tinha se quebrado. Sangue escorreu pela frente do sapato e escureceu o couro. Ele se sentiu zozzo e enjoado. Estendeu a mão para se apoiar, achou o braço de Blóssio e agarrou-o com força.

Você se feriu! — sussurrou Blóssio.

Eles viram? — Tibério manteve o rosto para baixo e falou entre dentes.

Blóssio correu os olhos pela multidão que ovacionava.

Ninguém parece ter notado.

Ótimo. Então, vamos continuar como se isso nunca tivesse acontecido.

Mas você consegue andar?

Se segurar bem o seu braço, Primeiro, porém, vou dizer algumas palavras. Esses homens ficaram aqui a noite toda, esperando por este

momento.

Tibério olhou para multidão e conseguiu dar um sorriso. Ergueu as mãos, pedindo silêncio.

Leais adeptos, queridos amigos, companheiros romanos: a longa noite passou e, qualquer que tenha sido a maldade que nossos inimigos estiveram tramando, todos nós ainda estamos vivos!

Aquilo foi respondido com muitos vivas e muita risada.

Vocês velaram por mim a noite toda. Por isso, eu lhes agradeço. E em troca, no segundo ano de meu tribunado, prometo fazer todo o possível para velar por vocês todos... devolver a vocês as terras que lhes pertencem por direito, protegê-los dos gananciosos posseiros e suas cruéis quadrilhas, e fazer da Roma de seus filhos um lugar mais bonito, mais rico e melhor para todos os cidadãos que trabalhem com afinco.

"Para fazer tudo isso, tenho que ganhar a eleição de hoje. E para ganhar a eleição, primeiro, e mais importante, tenho que continuar vivo. A ameaça vinda de nossos inimigos é muito verdadeira. Em qualquer lugar e a qualquer momento, poderei ser atacado. Não tenho medo de uma luta; já lutei bastante! Fui o primeiro a escalar os muros de Cartago e recebi a coroa mural. Mas aqui em Roma, não sou mais soldado, mas um cidadão particular. Não porto armas. Vocês têm que ser meus guardiões. Sem a sua proteção, fico indefeso.

Nós o defenderemos! — gritou um homem à frente da multidão. — Se for preciso, morreremos por você, Tibério Graco!

A ele juntaram-se muitos outros.

Eu rezo para Júpiter para que nunca se chegue a esse ponto. Mas se perceber alguma ameaça imediata e precisar de um círculo de bravos à minha volta, poderei não ter condições de gritar por vocês. Minha voz está rouca, e o barulho pode ser muito grande. Por isso, este será o meu sinal.

Tibério ergueu os braços bem alto e depois dobrou os cotovelos de modo a apontar para sua cabeça com as duas mãos. O sinal era inconfundível: protejam o chefe.

A multidão começou a bater palmas e cantar o nome dele. Tibério agarrou o braço de Blóssio com uma das mãos e acenou com a outra. Andou para a frente, tentando não fazer careta por causa da dor.

Talvez eu ter tropeçado tenha sido um bom sinal — sussurrou ele para Blóssio. — Os auspícios indicaram um mau começo. Agora, esse mau começo já ficou para trás!

Mancando ligeiramente apesar do apoio de Blóssio, Tibério seguiu para o Capitolino, onde aconteceria a votação. Quando descia o Palatino, mais adeptos juntaram-se à comitiva. Muitos mais estavam esperando no Fórum. Abriram caminho para ele, ovacionando e estendendo a mão para tocá-lo enquanto passava, e depois de juntaram à multidão que o seguia.

Nos degraus que levavam ao Capitolino, Tibério fez uma pausa diante do Arco de Cipião Africano. O monumento estava decorado com imagens dos triunfos de seu avô na África e na Ásia. Cipião sobrevivera à batalha de Canas e humilhara seus colegas oficiais com a sua coragem, perdera o pai cuja vida ele tinha salvado em combate, e enfrentara Aníbal e o derrotara. Tibério deu uma gargalhada diante do absurdo do fato de um dedo contundido lhe dar um momento de pausa. Fez um voto silencioso de subir até o local de votação sem mancar ou sem se apoiar em Blóssio, e de não mostrar sinal algum de dor.

Ele tinha passado sob o arco e avançara a certa distância, quando ouviu um barulho vindo do alto. Gritando bastante e batendo as asas, dois corvos brigavam no telhado de um prédio junto à trilha, à esquerda dele. A alteração deles deslocou uma telha. A telha caiu bem em frente de Tibério e estilhaçou-se com um barulho surdo. Tibério se encolheu.

O áugure, o tropeção... e agora, isto! — sussurrou ele. — Um mau agouro atrás do outro...

Bobagem! — disse Blóssio ao seu ouvido. — Galinhas se portam como galinhas. As pessoas dão topadas todos os dias. Corvos brigam. Tibério, se você começar a ver maus presságios em todo acidente ou casualidade, estará mesmo agindo como um rei; só um tirano imagina que o universo gira em torno dele. Um corvo deslocou um pedaço de telha que estava solto; nada mais!

Tibério confirmou com a cabeça, endireitou a toga e continuou a subida.

O grande espaço aberto em frente ao Templo de Júpiter já estava cheio de gente quando Tibério chegou com sua comitiva. Só plebeus podiam votar para tribuno, e eles faziam isso dividindo-se, primeiro, em blocos votantes chamados de tribos. Mesmos nos mais pacíficos dias de eleição, os funcionários encarregados tinham dificuldades para manter a ordem; para se protegerem e para conter a multidão agitada, eles tinham permissão para portar hastes de lanças sem pontas de metal. A notícia da chegada de Tibério foi recebida com um tremendo explodir de uma mistura

de aclamação e vaia. Empurrados de um lado para o outro, alguns dos que estavam na multidão revidaram, empurrando também. Brigas de soco espocaram. Os funcionários esforçavam-se para manter a ordem, brandindo as hastes.

Ao longo dos séculos, a área de reunião ficara tão congestionada com santuários e estátuas, e o número de eleitores aumentara tanto, que o simples procedimento de separar em tribos se tornara um desafio logístico. Eleições podiam ser ganhas ou perdidas, dependendo se os adeptos de um candidato podiam se reunir quando chamados. Os adeptos de Tibério tinham chegado cedo e em grande número, para defender os melhores pontos para se dirigir à multidão e manter passagens livres. Se os adeptos de candidatos da oposição pudessem ser mantidos na periferia da área de votação ou excluídos por completo, as chances de Tibério aumentariam.

Com Blóssio a seu lado e cercado por um quadro de seus adeptos mais ardorosos, Tibério foi conduzido através da multidão e escoltado até os degraus do Templo de Júpiter. Ao ser avistado, outra ovação irrompeu do centro da multidão e, das margens, gritos imitando o miado de gatos.

Tibério tivera a esperança de se dirigir à multidão, mas o incessante barulho tornou aquilo impossível. Ele nunca vira uma reunião eleitoral tão barulhenta. Os participantes pareciam estar em movimento contínuo, gritando e gesticulando. Espalhados aqui e ali, em especial em torno da periferia e em locais apertados onde uma estátua ou um santuário dificultava a movimentação, parecia estar havendo escaramuças. Não era diferente de se olhar para um campo de batalha.

Alguns dos funcionários eleitorais, desesperados, batiam as hastes no chão, pedindo ordem e exigindo que começasse a reunião das tribos. Os eleitores não estavam dispostos a cooperar, ou não conseguiam ouvi-los. O cenário era caótico.

Uma passagem se abriu na multidão e um dos adeptos de Tibério no Senado, Fúlvio Flaco, correu em direção a ele, ofegante de aflição.

—Tibério, acabo de chegar de uma reunião de emergência do Senado. A manhã toda, seus inimigos vêm exigindo que o cônsul Cévola declare que a eleição de hoje é uma assembléia ilegal...

Ilegal? O povo tem o direito de eleger tribunos...

Eles alegam que a desordem está demais, que é uma ameaça à segurança pública... ou coisa pior.

Pior?

Seu primo Cipião Nasica diz que você está reunindo uma turba para derrubar o Estado. Depois que você massacrar seus adversários no Senado, vai se declarar rei...

Nasica! — Tibério como que cuspiu o nome.

Os dois primos, ambos herdeiros da linhagem de Africano, se desprezavam. Não havia no Senado um reacionário maior do que Nasica. Enquanto Tibério se tornara o defensor do povo comum, Nasica não fazia segredo de que desprezava aquele povo. Mesmo quando fazia campanha para atrair o voto deles, não resistia à oportunidade de insultá-los.

Eu sei, melhor do que gente de sua classe, o que é bom para o Estado — gritara ele, certa vez, para uma multidão refratária; adversários brincavam, dizendo que aquela era a idéia que ele fazia de um lema de campanha. E uma vez, apertando a palma calejada de um trabalhador agrícola, Nasica comentara, com desprezo: — Como é que se consegue calos assim? Você anda com as mãos no chão?

Blóssio falou.

O cônsul Cévola é um homem bom.

É, mesmo — disse Flaco. — Ele se recusou a sancionar qualquer tentativa de cancelar a eleição. Mas isso não deteve Nasica. "Se o cônsul não agir para salvar o Estado, os cidadãos privados terão de fazê-lo", foi o que disse Nasica. Ele e vários outros senadores se reuniram do lado de fora, e depois uma quadrilha de assassinos, os tipos mais violentos que se possa imaginar, armados de porretes, juntou-se a eles.

Eles planejaram isso com antecedência — disse Blóssio.

É evidente! — disse Flaco. — E agora, estão vindo para cá, com Nasica na liderança. Eles pretendem matá-lo, Tibério! Eles pensam que estão numa missão sagrada: os senadores envolveram a bainha vermelha das togas nas testas, como sacerdotes prestes a fazer um sacrifício!

O sangue de Tibério gelou. Ele olhou para a multidão, que de nada desconfiava.

O sinal! — bradou Blóssio. — Dê o sinal!

Tibério ergueu os braços esticados. O movimento atraiu a atenção da multidão. Com todos os olhares dirigidos para ele, Tibério apontou para sua cabeça.

Seus adeptos entenderam imediatamente. Agarraram as hastes em poder dos funcionários eleitorais, partiram-nas em pedaços e passaram os fragmentos entre eles; os pedaços mais compridos poderiam servir de

porretes, e as pontas lascadas, como adagas. Havia diversos bancos em toda a área de reunião. Eles começaram a despedaçá-los também, para usar os fragmentos como armas.

Os adversários de Tibério que estavam na multidão acharam que o sinal significava outra coisa.

Ele está apontando para a cabeça dele... está exigindo uma coroa! — gritaram alguns. — Olhem para os seguidores dele, recolhendo armas: eles pretendem tomar o Capitolino à força. Vão declarar Tibério rei!

Em meio ao caos que aumentava, houve uma comoção ainda maior na entrada da área de reunião. Nasica e seus colegas senadores, com sua quadrilha de assassinos, tinham chegado.

Seguiu-se um violento vale-tudo. No alto do Palatino e lá embaixo, no Fórum, e até mesmo no lado oposto do Tibre, era possível ouvir os sons do combate no topo do Capitolino.

Vários-dos adeptos de Tibério correram para perto dele e ofereceram-lhe suas armas, mas ele se recusou a pegá-las. Em vez disso, deu as costas para a confusão, ficou de frente para o Templo de Júpiter e ergueu os braços, em oração.

Júpiter, maior de todos os deuses, protetor do meu avô em combate...

Blóssio agarrou as dobras de sua toga e gritou para ele.

Entre no templo! Corra! Quando eles chegarem para buscá-lo, alegue a proteção de Júpiter...

Blóssio foi atingido na barriga por um porrete. Sem poder respirar, caiu de joelhos.

Mãos convergiram para Tibério. Elas agarraram-lhe a toga e arrancaram-na. Usando apenas a túnica de baixo, Tibério subiu correndo os degraus do templo, mancando devido ao dedo do pé machucado; tropeçou num degrau e caiu para a frente. Antes que pudesse se levantar, um porrete atingiu-lhe a cabeça e o fez cambalear. Cegamente, ergueu-se com dificuldade e ficou balançando o corpo por um instante. Um outro porrete, brandido com uma força tremenda, atingiu a cabeça e partiu o crânio com um estalo horrível.

Blóssio acabara de conseguir pôr-se de pé. Sangue coagulado e pálidos pedaços de cérebro salpicaram suas túnicas. Ele ficou chocado e olhando, boquiaberto, para os ensangüentados restos mortais que jaziam amontoados nos degraus.

Um dos assassinos o reconheceu.

É o filósofo grego, o conselheiro do pretense rei!

—Joguem-no de cima do Rochedo Tarpeio!

Gritando e rindo, eles pegaram Blóssio pelas mãos e pés e desceram os degraus carregando-o. Dirigiram-se para o rochedo, esquivando-se de porretes e pulando por cima de cadáveres que enchiam o caminho.

Chegaram ao precipício, mas em vez de jogar Blóssio por ele, divertiram-se balançando-o para trás e para a frente, para trás e para a frente, ganhando impulso.

Quando chegar a três: um... dois... três!

Eles o soltaram e lançaram no espaço.

Por um breve instante, Blóssio pareceu desafiar a atração da terra. Subiu bem alto. Depois, com uma repugnante torção da barriga, começou a cair.

Eles o tinham jogado longe do precipício. Em circunstâncias normais, o mergulho teria acabado aos pés do Capitolino. Mas muitos homens tinham sido empurrados do Rochedo Tarpeio antes dele. Alguns tinham conseguido agarrar-se ao lado da rocha e ficar pendurados no despenhadeiro. Agitando-se freneticamente, Blóssio agarrou os trajes de um daqueles homens e interrompeu a queda. Quase que de imediato, perdeu o apoio e caiu sobre o homem que estava logo abaixo. Desse modo, agarrando-se a um homem desesperado atrás do outro, interrompendo repetidas vezes a queda e depois tornando a cair, ele desceu do rochedo. Mais de uma vez, o homem acima dele perdeu o apoio e passou por ele caindo e gritando.

Finalmente, sem o último vestígio de vontade, dominado pelo terror, sem nada mais em que se agarrar, Blóssio caiu com força.

Caiu não em terra dura, mas em cima de uma pilha de corpos. Mais corpos caíram à sua volta, como granizo caindo do céu.

QUANDO A NOITE CAÍA, os assassinos reuniram os corpos dos mortos, colocaram-nos em carroças e os levaram pelo Fórum Boieiro, a fim de atirá-los no Tibre.

Blóssio acordou aos poucos. A princípio, imaginou que tivesse sido enterrado vivo, mas a massa que o cercava não era terra, mas carne morta. A carroça sacudia e trepidava abaixo dele, enviando uma grande dor que pulsava em todas as partes do corpo. Ele teria gemido, mas não havia ar nos pulmões. A pressão contra o seu peito não permitia que ele respirasse fundo.

Vindos de algum lugar, ele ouvia sons abafados — mulheres soluçando e gritando. Uma mulher bradou: "Deixe eu ficar com o corpo do meu marido! Pelo menos, me dê o corpo dele!" Uma ríspida voz masculina mandou que ela recuasse.

A carroça parou. O mundo começou a se inclinar. A massa de carne por toda a sua volta deslocou-se e cedeu, como um rochedo se desintegrando num deslizamento de terras. Indefeso, ele rolou para a frente.

De repente, estava debaixo d'água. O choque fez com que voltasse à plena consciência. Cuspindo, agitando os braços, encontrou a superfície e sorveu uma quantidade de ar que deu para encher os pulmões.

O céu, lá em cima, estava escuro e cheio de estrelas. A corrente rápida estava cheia de corpos. Em seu estado de pasmo, ele conseguiu pressentir qual era a margem mais distante e nadou em direção a ela. Repetidas vezes, esbarrou em corpos que flutuavam. Um deles pareceu envolvê-lo com os braços.

Em pânico, ele lutou para se livrar. Não era possível que o homem estivesse vivo; isso era óbvio pelo seu crânio esmagado.

Enquanto Blóssio se libertava, viu de relance o rosto do morto.

Era Tibério.

Impulsivamente, estendeu o braço para o corpo, mas este escorregou e foi levado pela corrente, o torso girando, os membros balançando, tão sem vida quanto um galho que flutuava.

Esgotado e arrasado de tanto soluçar, Blóssio arrastou-se para a margem do rio e mergulhou no esquecimento.

— SE EU TIVESSE SEGUIDO O SEU CONSELHO, querida mãe... se tivesse atrelado meu futuro ao de Tibério... imagine as conseqüências! — Lúcio Pinário andava de um lado para o outro no jardim, nervoso. — Agora, *a senhora* tem que seguir *o meu* conselho. Mande esse louco perigoso para fora de nossa casa!

Ele apontou para Blóssio, que estava sentado de torso nu, permitindo, com paciência, que Menênia cuidasse de seus ferimentos com unguento e bandagens limpas. Três dias tinham se passado desde que ele quase morrera, mas ainda estava muitíssimo abalado.

A cidade toda estava abalada com o choque do massacre no Capitolino. Pelo menos trezentos homens tinham sido mortos. Nenhum homem vivo se lembrava de nada parecido; pela primeira vez desde a queda

de Tarquínio e dos precários primeiros anos da República, a disputa política explodira num maciço derramamento de sangue, com romanos matando romanos. A irresponsável profanação dos corpos era muito ofensiva até mesmo para muitos dos que se opunham a Tibério, e provocara uma raiva e um ressentimento generalizados. Mas a facção senatorial que dera um fim a Tibério, liderada por Cipião Nasica, não se arrependera. Depois de conquistarem o comando, tinham ordenado a prisão, o interrogatório e a execução, sem julgamento, de todos os envolvidos no que chamavam de "sedição dos Graco". Novos nomes estavam sendo sempre acrescentados à lista de suspeitos; os detidos eram torturados até envolverem outros. O rumor e o pânico dominavam a cidade. O Tibre estava entupido de barcos levando homens para Óstia, onde eles tinham a esperança de pegar navios que os levassem para longe da Itália, para o exílio.

Blóssio fez uma careta quando Menênia colocou, com pequenos toques, um unguento que ardia num corte no ombro dele, e depois segurou a mão dela e a beijou.

Seu filho tem razão — disse ele. — Eu escapei do massacre no Capitolino, e de algum modo, até aqui, os capangas de Nasica me esqueceram. Mas muito em breve virão me buscar.

Houve uma batida forte na porta. Blóssio enrijeceu o corpo, depois se levantou e se cobriu.

Uma tropa de lictores armados entrou a passos largos no jardim. O mais velho dirigiu apenas um olhar para Lúcio e sua mãe, e depois olhou com raiva para Blóssio.

Aí está, filósofo! Primeiro, fomos procurar por você na casa do pretense rei. Não é lá o seu endereço oficial aqui em Roma, onde você explora a filha do Africano? Pensou que podia fugir de nós escondendo-se aqui? Ou é assim que vocês, filósofos, ganham a vida, indo de casa em casa de uma solitária viúva romana para outra, bebendo o vinho delas e derramando sua semente no leito delas?

Lúcio lançou-se à frente, irritado, mas o lictor ergueu o porrete e Lúcio recuou. A mãe dele foi menos tímida. Ela molhou as pontas dos dedos no vidro de unguento e sacudiu-os na cara do lictor. O homem largou o porrete e limpou dos olhos o unguento ardente.

Putá! — gritou ele. — Se você fosse qualquer coisa, menos uma mulher, isso seria considerado como um ato de sedição, e eu a veria despida e açoitada!

O homem curvou-se para apanhar o porrete. Erguendo-se, ele atingiu Blóssio com força na barriga. Blóssio dobrou-se em dois, de dor. Dois lictores agarraram-lhe os braços e, com brutalidade, retiraram-no do jardim.

Menênia cobriu o rosto e começou a chorar. O lictor olhou-a de esguelha, malicioso.

Vai sentir tanta falta assim do velho estóico? Ele parece um pouco decrépito para atuar como garanhão. Você ainda é uma égua bem bonita. Sem dúvida, poderá encontrar um romano jovem e forte para montá-la!

O homem olhou de lado para Lúcio; o insulto era dirigido tanto a ele quanto à mãe dele, desafiando-o a revidar. Lúcio cerrou os punhos e curvou a cabeça, fervendo de raiva e vergonha.

Assim que os lictores partiram, Menênia agarrou-lhe o braço.

Vá atrás deles — implorou ela. — Faça o que for possível pelo Blóssio!

Mamãe, não há nada que alguém possa fazer.

Então, pelo menos veja para onde o levam e o que fazem com ele. Eu não vou conseguir suportar, se ele simplesmente desaparecer e eu nunca souber o que aconteceu. Por favor, Lúcio, eu lhe imploro!

Incapaz de agüentar o choro dela, Lúcio saiu correndo da casa. O coração batendo forte, ele seguiu os lictores a uma distância segura e observou-os enquanto entravam de casa em casa no Palatino, prendendo um homem atrás do outro. Os prisioneiros foram amarrados juntos e guiados, em fila indiana, descendo por uma trilha sinuosa em direção ao Fórum.

Seguindo os cativos, Lúcio presenciou uma visão que parecia mais adequada a um pesadelo do que ao Fórum em plena luz do dia. Enquanto um círculo de homens bem vestidos, alguns deles senadores, olhavam e escarneciam, lictores obrigaram um homem em trajes esfarrapados e ensangüentados a entrar numa caixa de madeira que mal dava para contê-lo. Antes de fecharem a tampa, despejaram dentro dela um pote cheio de víboras que se contorciam. Mesmo abafados pela caixa, os gritos do homem ecoaram pelo Fórum. O círculo que assistia batia na caixa com varas e ria.

Os cativos foram arrastados para um tribunal a céu aberto. Lúcio juntou-se à multidão de espectadores, colocando-se mais para trás e tentando não chamar atenção.

Entre os juizes na plataforma estava Cipião Nasica, que comandou o interrogatório. Blóssio foi o primeiro prisioneiro a ser interrogado.

Você é Blóssio de Cumas, o filósofo estóico? — perguntou Nasica.

Você sabe que sou.

Simplesmente responda à pergunta. Há um protocolo para interrogar cidadãos, e outro para os estrangeiros. Você é Blóssio de Cumas?

Sou. Você me chama de estrangeiro, mas sou italiano de nascença.

Itália não é Roma.

Mesmo assim, sou de nobre sangue campaniense.

Nasica ergueu uma sobrancelha.

Sim, o tribunal está bem ciente de seus ancestrais entre os Blóssio que traíram Roma e levaram seus companheiros campanienses a pegar em armas com Aníbal.

Blóssio suspirou.

Isso foi há muito tempo.

Talvez. Você é de Cumas, não é?

Sou.

Como eu disse, Itália não é Roma, e Cumas mal pode ser considerada parte da Itália. Os cumeus falam grego. Praticam vícios gregos. Enviam filósofos para difundir poluídas idéias gregas aqui em Roma.

Quando Tibério Graco era menino, ensinei a ele virtude, não vício. Quando ele se tornou homem, eu lhe dei assessoria e orientação...

O tribunal não tem interesse algum em sua duvidosa carreira. Estamos investigando uma sedição muito real, não a sua imaginária filosofia. Estamos principalmente interessados em saber o que você sabe sobre as atividades do pretense rei, Tibério Graco, e sua recente tentativa de derrubar o Estado.

Isto é um absurdo! Não houve essa tentativa.

—Você estava presente quando Tibério Graco se encontrou com o embaixador pergameno, que entregou o testamento real do falecido rei Átalo?

Estava.

E viu Tibério Graco receber o diadema e o manto púrpura do rei?

Vi. Mas...

Ele não colocou o diadema na cabeça?

Talvez rapidamente, numa espécie de brincadeira...

Você não redigiu, a pedido de Tibério Graco, um registro contábil para gastar o tesouro legado a Roma pelo rei Átalo?

Aquele registro foi puramente hipotético e dependente de...

Percebo, Blóssio, que você não está acostumado a responder perguntas com um simples "sim" ou "não". Como vocês, filósofos, gostam de ouvir vocês mesmos falar! Talvez, para apressar este depoimento, eu devesse mandar arrancar sua língua. Então, você poderá responder batendo o pé no chão; uma vez para sim, duas para não.

Blóssio empalideceu. Os espectadores caíram na gargalhada. De pé no meio deles, Lúcio se encolheu e ansiou por se tornar invisível.

À medida que o interrogatório continuava, ficava claro que o propósito de Nasica não era tanto incriminar Blóssio quanto salientar a sua base lógica para agir contra Tibério. A uma pergunta que sugeria determinada resposta atrás da outra, ele levava Blóssio a responder sim ou não.

Pelas suas respostas, acredito que o tribunal deve concluir que qualquer e todos os crimes que você cometeu contra o Estado romano foram executados a pedido de Tibério Graco. Está correto?

Blóssio suspirou.

Como posso responder a uma pergunta dessas?

Vou reformulá-la. Qualquer ação que você realizou que afetasse o estado romano, você a realizou a pedido de Tibério Graco. Sim, ou não?

Sim.

Muito bem. Uma última pergunta: e se Tibério Graco tivesse ordenado que você pusesse fogo no Capitolineo? Teria feito isso?

Isso é loucura! Tibério nunca teria dado uma ordem dessas.

Responda à pergunta!

Blóssio rangeu os dentes.

Se Tibério tivesse ordenado uma coisa dessas, teria sido a coisa certa a fazer, porque Tibério nunca deu uma ordem que não fosse do melhor interesse do povo!

Nasica recostou na cadeira e cruzou os braços, dando uma grande exibição de nojo.

Está aí, senhores: o filósofo fala, e podemos ver como suas idéias são realmente corruptas e insidiosas! Meu interrogatório terminou. Há algum homem presente que queira depor em favor do acusado?

Ele olhou para os espectadores. Lúcio abaixou o rosto e escondeu-se na multidão.

Os juizes que estavam na plataforma conversaram rapidamente, e então Nasica se levantou e dirigiu-se aos espectadores.

Declaramos que Blóssio de Cumas depôs livre e sinceramente com relação à recente sedição cometida por Tibério Graco. Declaramos ainda que Blóssio, por suas próprias palavras, trouxe o descrédito para si mesmo, seus ensinamentos e qualquer pessoa que um dia tenha sido seu pupilo. Se ele fosse um cidadão, seria executado por traição, mas como é apenas um estrangeiro, será exilado da cidade pelo resto da vida. Ele tem liberdade de retirar-se deste tribunal. Deverá sair de Roma antes do nascer do sol ou então enfrentar a execução imediata. Tragam o próximo prisioneiro!

— NEM UMA ÚNICA PERGUNTA sobre minhas crenças! Nem uma única acusação tendo alguma coisa a ver com o estoicismo ou com os valores que ensinei a Tibério! Que arrogância daqueles homens! Eu, Blóssio de Cumas, sou tão insignificante, que nem vale a pena me executar!

Blóssio havia empacotado seus pertences em casa de Cornélia. Ele tinha ido à casa de Menênia para se despedir.

Eu devia ir com você. Aqui, não há nada para mim.

A voz de Menênia era triste e sem vida. O terror da prisão de Blóssio, o alívio por ele ter sido libertado, e depois a cruel notícia de seu exílio, a tinham esgotado por completo.

Bobagem — disse Blóssio. — Seu filho está aqui. Não chegamos à conclusão, faz muito tempo, de que o maior papel da mulher é ser mãe?

Essa conclusão foi de Cornélia, não minha.

Cornélia precisa de sua amizade mais do que nunca. A perda de Tibério deixou-a arrasada.

Menênia abanou a cabeça.

Eu devia ir com você.

Não, querida. O exílio não é para você.

Lúcio estava perto, sem dizer nada. Ele estivera certo, e ali estava a prova: a política radical de Tibério acabara em desastre para ele e para todos os associados a ele. Mas estar certo não dava satisfação alguma a Lúcio. Ele sentia apenas vergonha e amargura.

Aonde você vai, Blóssio? — perguntou Menênia.

Primeiro, vou pegar um barco para descer o rio até Óstia...

Nas altas horas da noite?

Blóssio resmungou.

Atualmente, é quando o tráfego no rio é o mais movimentado. Não serei o único homem fugindo da cidade! Em Óstia, vou pegar o primeiro

navio para o leste. Deve haver algum monarca, em algum lugar na Grécia ou da Ásia, que me ofereça asilo, um homem que simpatize com os ensinamentos estoicos... um homem que não tenha medo de Roma...

Você se refere a um idiota... como você, pensou Lúcio. Mas mordeu a língua e não disse nada.

129 a.C.

Lúcio PINÁRIO TIROU A CARTA da mão trêmula de sua mãe. Estava escrita em grego, num pergaminho da mais alta qualidade. Lúcio leu devagar, prestando cuidadosa atenção a cada palavra.

De Blóssio a Menênia, saudações e os mais profundos afetos:

Que conforto suas cartas são para mim, como bálsamo num ferimento! Todo dia que um mensageiro chega com uma missiva sua é um dia de comemoração para mim.

Fico contente ao saber que você e Lúcio gozam de boa saúde. Fico contente com o fato de o negócio de seu filho estar prosperando. Deve haver muito dinheiro para se ganhar como empreiteiro do Estado, em especial no ramo das construções.

Obrigado por mandar notícias de Cornélia. O fato de ela continuar de luto três anos depois da morte de Tibério é, na minha opinião, perfeitamente justo. A natureza da morte do filho, a profanação do corpo e o revoltante resultado, todos justificam um período de luto mais longo do que aquele que costuma ser considerado apropriado.

Mas o irmão de Tibério, diz você, já não usa o preto. Ora, Caio é jovem e deve levar a vida adiante. Eu tenho sentimentos antagônicos quanto à aparente decisão dele de se retirar por completo da vida política e dedicar-se (como o Lúcio) inteiramente a ganhar dinheiro. Em certos pontos, o potencial de Caio como líder ultrapassava o do irmão. Que desperdício, ele abrir mão do Curso de Honra! Mas depois de ver o que foi feito com Tibério, quem pode acusá-lo de perseguir um destino diferente?

Mas eu me pergunto, porém, se Caio não vai acabar sendo atraído de volta à vida pública. A sedução da política é muito forte em seu sangue!

Quanto à minha carreira, tenho o orgulho de comunicar que o rei Aristonico, a cada dia que passa, aumenta a sua confiança em mim. Sim, eu o chamo, com orgulho, de rei, embora os romanos se recusem a reconhecer

a condição dele e o tachment de rebelde. O testamento do falecido rei Átalo foi considerado sem validade quando o general Aristonico reclamou o direito ao trono de Pérgamo pela força das armas e pela autoridade moral. Como os senadores romanos devem ter ficado irritados, ao verem malogrados os seus sonhos de pôr as mãos no tesouro de Pérgamo! A ganância deles quanto àquele tesouro foi uma das razões para o assassinato de Tibério.

O rei Aristonico é um homem notável. Estou plenamente convicto de que, com a minha assessoria, ele vai atingir o ideal estóico de um rei justo. É freqüente conversarmos sobre o novo capitólio que ele sonha fundar — vamos chamá-lo de Heliópolis, a Cidade do Sol —, no qual todos os homens de todas as classes, incluindo os escravos, serão livres.

Aristonico é também um gênio militar, graças aos deuses! Ele vai defender ousadamente o seu direito ao trono de Pérgamo, contra as armas romanas. Quando virem que ele venceu, existe a esperança de que outros líderes da Ásia e da Grécia se levantem e quebrem o grilhão de Roma e sua república corrupta. A única esperança para o resto do mundo é resistir, a cada momento, ao domínio de Roma.

Mas aqui estou eu, falando de política sem parar! Desculpe, meu amor. Sem você ao meu lado, tenho pouca coisa mais em que pensar. Minha vida está desequilibrada; a parte de mim que está muito essencialmente viva — um homem corporal capaz de amar, desejar, chorar e rir — está enrugada e murcha, como uma videira outrora resistente arrancada da terra rica e úmida. Sinto muitas saudades de você! Suas palavras, seu rosto, a música de sua voz, o calor do seu corpo! Talvez um dia — em Heliópolis? — estejamos juntos outra vez. Mas, infelizmente, essa hora ainda não chegou!

Como sempre, insisto para que você destrua esta carta assim que tiver acabado de lê-la. Resista a qualquer tentação de guardar minhas cartas por motivos sentimentais. Queime-as! Eu faço o mesmo com todas as cartas que recebo de você, apesar de depois minhas lágrimas caírem por entre as cinzas. Isso é para sua segurança, não minha. Nós já vimos, para tristeza nossa, o quanto os inimigos da virtude se tornaram implacáveis, e como podem torcer as palavras dos virtuosos contra eles.

Com todo o meu amor...

Lúcio ARRIOU O PERGAMINHO COM um tremor. Ele não tinha certeza do que o ofendia mais — o cumprimento sarcástico do estóico pelas atividades

de Lúcio que davam dinheiro, sua bajulação tipicamente presumida em relação ao arrogante Aristonico, ou suas obscenas metáforas relativas a ele e Menênia. Uma videira outrora resistente arrancada da terra rica e úmida... francamente!

Jure, mamãe, que a senhora tem feito exatamente o que ele manda: que a senhora destruiu cada carta que ele já lhe mandou.

Menênia olhou para ele com lágrimas nos olhos. Franziu as sobrancelhas. Encolheu um dos ombros.

Por Hércules e Hades! A senhora *não* as queimou, queimou? A senhora as guardou.

Nem todas! Só algumas — sussurrou Menênia. — Só as mais... pessoais. Não havia nada, em qualquer das cartas que guardei, que pudesse...

Qualquer carta de Blóssio é perigosa, mamãe. A senhora não entende? Temos que destruir tudo o que estabeleça um elo continuado entre ele e nós desde que saiu de Roma, em especial desde que ele se uniu a Aristonico. O conteúdo não importa, embora esta mais recente não possa ser mais prejudicial! Onde estão as cartas que a senhora guardou? Vá buscá-las! Agora! Vá a senhora mesma; não mande um escravo. Traga-as aqui imediatamente. Vou atizar o fogo no braseiro.

A sós no jardim por um instante, Lúcio curvou a cabeça e deixou que os braços caíssem para o lado. Os joelhos viraram água; por um momento, ele pensou que poderia desmaiar. Pelo bem de sua mãe, ele pusera uma máscara, mostrando apenas raiva, escondendo o pânico que aumentava dentro dele desde o momento em que atravessara o Fórum naquela manhã e ouvira a notícia de Pérgamo.

Aristonico, o Pretendente, tinha sido capturado. Suas forças haviam sido aniquiladas. O reino do falecido Átalo e seu imenso tesouro foram tomados finalmente por armas romanas. O comandante romano, Marcos Perperna, já se gabava da marcha triunfal que desfrutaria quando desfilasse por Roma exibindo Aristonico nu, quando o açoitasse em público até que ele implorasse para morrer, e depois o estrangulasse na úmida cela do presídio Tuliano.

Ao ouvir a notícia, Lúcio correrá para casa, contara bruscamente à mãe que Aristonico tinha sido derrotado, e quisera ver quaisquer pedaços de correspondência recebida de Blóssio. Ele não dera a ela a notícia sobre

Blóssio. Até ali, por estar demasiado chocada ou demasiado receosa para perguntar, a mãe não perguntara. Lúcio temia muito aquele momento!

Menênia voltou com alguns pedaços de pergaminho. Pelo estado deles, que indicava muito manuseio, Lúcio percebeu que ela os relera inúmeras vezes. Com um suspiro, ele tirou as cartas dela.

Tem certeza de que estas são todas as cartas?

Tenho, Lúcio.

Temos de rezar aos deuses para que Blóssio tenha feito o que lhe prometeu e também queimando todas as suas cartas dirigidas a ele.

Uma a uma, Lúcio colocou as cartas nas chamas. Ele e a mãe ficaram vendo-as pegar fogo e depois se desfazerem em cinzas.

Todas as cartas dele... todas as suas palavras... desapareceram — sussurrou Menênia. Ela tomou coragem. — E Blóssio?

Blóssio morreu, mamãe. Ele fez a coisa certa, a coisa digna. Se o tivessem capturado... — Lúcio não quis enunciar as palavras em voz alta: *tortura, humilhação, morte lenta*. Ele pigarreou. — Em vez de enfrentar a captura, ele se matou. Morreu como um romano.

Ele morreu como um estóxico. — Menênia fechou os olhos. O calor emitido pelas cartas aqueceu as lágrimas em suas faces.

Lúcio olhou para a mãe. Apesar do que ele pensava de Blóssio, ficou emocionado com a dor dela. Como aconteceu no dia em que Blóssio partira, Lúcio não teve nenhuma sensação de vingança, mas apenas de vergonha e tristeza.

124 a.C.

— QUANDO EU ERA MENINO — disse Caio Graco, sorrindo para os ouvintes —, meu velho tutor Blóssio me fez ler cada verso de Eurípides. Querido Blóssio! Não me ficou muita coisa de Eurípides, lamento dizer, exceto alguns versos de sua peça *As bacantes*:

Os deuses têm muitos disfarces.

Os deuses levam as crises ao clímax enquanto o homem conjectura.

O fim previsto não foi consumado.

Mas deus encontrou um meio pelo qual nenhum homem esperava.

Assim termina a peça.

Bem, meus caros amigos, "a peça" está longe de acabar. Está só começando! Mas os deuses já encontraram um meio "pelo qual nenhum homem esperava". Há nove anos, quando meu irmão Tibério morreu, quem, dentre nós, poderia ter previsto este dia?

Caio fez uma pausa para deixar aquelas palavras serem absorvidas. Em silêncio, contou até dez. A pausa deliberada, bem encaixada, era uma técnica de orador que Tibério lhe ensinara: *Você vai muito depressa, irmãozinho. Pare de vez em quando, especialmente depois de ter dito algo inteligente ou profundo. Tome fôlego — conte até dez — deixe que os ouvintes pensem e sintam por um instante...*

Caio não estava no Fórum, fazendo discursos bombásticos para uma multidão heterogênea de cidadãos, mas no jardim iluminado por lâmpadas da casa de sua mãe no Palatino, dirigindo-se a um grupo íntimo de seus mais ardorosos adeptos. Aquilo era uma celebração de vitória. Caio Graco, que jurara ter deixado a política para sempre depois da morte do irmão, acabara de ser eleito tribuno dos plebeus, seguindo os passos de Tibério.

— Bem, talvez minha mãe pudesse ter previsto isso. — Caio fez um sinal com a cabeça em direção a Cornélia, que estava reclinada num sofá perto dele. — Não se passou um só dia de minha infância em que eu não fosse exortado a seguir o exemplo de meu avô. No entanto, é o exemplo de minha mãe que mais me inspira, que estabelece o maior desafio para mim. Alguma vez já houve um mortal de qualquer dos dois sexos que tivesse tanta firmeza e coragem? Vocês todos, unam-se a mim para saudá-la: Cornélia, filha de Africano, esposa de Tibério Graco, que foi duas vezes cônsul e cuja estátua se encontra no Fórum, mãe de Tibério, o mártir do povo!

Cornélia sorriu com tamanha graça, que um observador poderia ter pensado que ela nunca ouvira palavras assim antes. Na verdade, aparecera ao lado de Caio inúmeras vezes durante a campanha, por toda Roma e de um lado para o outro no interior, fazendo o papel de mãe orgulhosa e feliz receptora dos extravagantes tributos de seu filho. Os adeptos de Caio adoravam Cornélia; adoravam Caio por ele adorá-la.

Nos últimos dias da campanha, as multidões que iam ouvir Caio aumentaram além de todas as expectativas. Até mesmo Tibério, no auge da popularidade, nunca reunira tanta gente. Quando chegou o dia da eleição, foi tamanha a onda de gente que invadiu Roma para votar, que as estalagens

não tiveram como acomodar a todos. Houve quem dormisse em árvores, à beira de estradas e em cima de telhados.

Um dos resultados do massacre graco tinha sido a transferência da área de votação. As eleições não aconteciam mais no alto do apertado Capitolino, mas no Campo de Marte, do lado de fora dos muros da cidade, onde havia bastante espaço para as tribos se reunirem. Estruturas que pareciam currais de ovelhas foram construídas para que os eleitores pudessem passar, um de cada vez, para dar seus votos. Mas até as novas acomodações se mostraram inadequadas para o número de eleitores que compareceram para apoiar Caio. Mais de uma vez, o aperto ameaçara se transformar em tumulto, mas no fim a votação acabou sem derramamento de sangue. Caio se saíra um vencedor indiscutível, com um mandado para executar uma plataforma de reformas ainda mais radicais do que as de seu irmão.

Depois de saudar Cornélia, Caio voltou o olhar para uma outra pessoa que estava sentada perto dele.

— E não nos esqueçamos de meu querido amigo Lúcio Pinário. Nem mesmo ele previu a minha volta à política. No entanto, quando decidi concorrer a tribuno, esse homem se dedicou, junto com sua enorme fortuna, inteiramente à minha campanha. Lúcio representa uma poderosa força nova nesta cidade: a classe de homens que chamamos de Cavaleiros, devido à tradição de nossos ancestrais de recompensar seus melhores guerreiros com um cavalo de batalha à custa do erário. Hoje em dia, homens são admitidos ao quadro dos Cavaleiros pelo censor, e a distinção deles não se refere à habilidade com um cavalo ou à audácia, mas ao acúmulo de riqueza; são homens de recursos que optaram por abrir mão do Curso de Honra e, com isso, formam uma elite distinta do Senado. Lúcio Pinário é um homem de negócios tão bom, que juro que o comércio deve estar em seu sangue, assim como a política está no meu. Os Cavaleiros de Roma, que trabalham com afinco e arriscam suas fortunas para tornar esta cidade mais próspera, são o futuro. Os senadores indolentes que consomem mais riqueza do que criam — e que olham com desprezo para os demais — representam um passado que morreu.

"Lúcio é um construtor, responsável por projetos de construção por toda a cidade. Ele tem uma esposa dedicada e um filho jovem, e todo o sucesso terreno que um homem pode desejar. Lúcio e eu somos sócios comerciais há muitos anos. Nós nos conhecemos tão bem, que...

Terminamos as frases um do outro? — gracejou Lúcio.

Isso mesmo! E no entanto, quando decidi me candidatar a tribuno, ninguém ficou mais surpreso do que Lúcio. E ninguém ficou mais surpreso do que eu quando Lúcio mergulhou de cabeça na política junto comigo... ou, devo dizer, atrás de mim, uma vez que ele prefere o papel de manda-chuva nos bastidores. Saúdem-no comigo, todos vocês: Lúcio Pinário, distinto Cavaleiro, amigo, apoiador financeiro, confidente de confiança!

Ao contrário de Cornélia, Lúcio não estava acostumado a ser elogiado de público. Estava agora com mais de 40 anos, mas ruborizou-se como um menino.

O mundo todo conhecia a história de Caio: o trauma do assassinato de Tibério, a retirada da arena pública, o eventual — agora triunfante — retorno à política. Mas ninguém conhecia a história de Lúcio, exceto o próprio. Só ele sabia das emoções confusas que o tinham conduzido àquela noite. A vergonha de sua passividade antes e depois do assassinato de Tibério nunca cessara de atormentá-lo. A carreira lhe proporcionara uma distração lucrativa; a vida familiar lhe dera muitas recompensas; sua posição como Cavaleiro lhe dera uma grande satisfação. Mas todas aquelas realizações nada tinham feito para atenuar a sua sensação de fracasso. Ele só encontrara redenção seguindo a liderança de Caio, mandando a cautela às favas, e fazendo troça das forças reacionárias que tinham destruído a felicidade de sua mãe e o seu senso de auto-estima.

Ao lado de Lúcio está sentada a mãe dele, a virtuosa Menênia. Ao lado dela está minha bela esposa, Licínia — disse Caio. — Agradeço a vocês duas por ficarem acordadas fazendo companhia a minha mãe todas aquelas noites em que cheguei em casa tarde, depois de pagar uma rodada de vinho para os eleitores.

A mulher dele inclinou a cabeça, num gesto de recato.

Mas Caio, meu querido, você precisava pagar uma rodada *todas* as noites, para *todos* os eleitores, em *todas* as tabernas de Roma?

Aquilo provocou uma gargalhada cordial por parte dos convidados e pedidos de mais vinho.

Meus amigos, eu poderia passar a noite toda agradecendo publicamente a cada um de vocês e citando cada eleitor pelo nome, mas esta é uma festa de vitória, e vocês vão ouvir um discurso de vitória! Já ouviram todas as minhas promessas, eu sei, mas eis uma diferença: antes, vocês as

ouviram de um simples candidato; agora, estão ouvindo-as do recém-eleito tribuno dos plebeus!

Caio esperou que a ensurdecadora ovação parasse.

Primeiro, com relação aos militares, proponho que o Estado pague para vestir seus soldados, em vez de exigir que eles mesmos o façam à própria custa. Proponho, ainda, que ninguém com menos de 17 anos deva ser obrigado a servir. O mais importante, novas colônias devem ser criadas para oferecer novas moradias aos nossos veteranos. Homens valentes perambulam pelas ruas, sem rumo, homens que prestaram anos de serviço e arriscaram a vida e os membros pela promessa de uma vida melhor. Essa promessa tem de ser cumprida!

"Para o bem comum, proponho que o Estado deve fixar o preço dos grãos. Não estou dizendo que se deve dar grãos *de graça* às pessoas, como afirmam meus adversários, mas grãos a um preço razoável, estabilizado por subsídios pagos pelo Tesouro e pela construção de silos na cidade para estocar um excedente de safra. Se o Estado não puder fazer com que os alimentos tenham preços ao alcance de um cidadão que trabalha e sua família, para que serve então o Estado?

"Proponho um maciço programa de construção de estradas, supervisionado por Cavaleiros qualificados e empregando cidadãos fisicamente capazes, não escravos. O Tesouro está abarrotado devido a conquistas estrangeiras; por que deixar esse dinheiro parado, quando podemos colocá-lo nas mãos dos trabalhadores e ter, em troca, estradas novas e melhores?

"Tem de haver, também, a reforma das cortes. Desde tempos imemoriais, só os senadores têm mantido o direito de julgar os demais cidadãos. Eles dominam as cortes civis e criminais. Chegam até a julgar a eles mesmos; quando um governador de província é acusado de extorsão, seus colegas senadores determinam sua inocência ou sua culpa. Ao conjunto de trezentos senadores que podem ser eleitos para servir como juizes, proponho que se acrescentem trezentos Cavaleiros. O sistema judicial vai receber uma sacudidela muitíssimo necessária, e talvez comecemos a ver a verdadeira responsabilidade final!

"Isso, meus amigos, resume o programa que foi esmagadoramente apoiado pelos eleitores hoje. Vamos conquistar o apoio dos cidadãos mais pobres com o subsídio aos grãos, o emprego estatal e novas colônias. Vamos conquistar o apoio dos ricos Cavaleiros com lucrativos contratos

públicos e novos privilégios jurídicos. Coitados dos pobres senadores: vão ficar só com a dignidade!

Os convidados aplaudiram calorosamente. Alguém gritou:

E a reforma agrária?

Caio fez uma careta, e depois forçou um sorriso indefinido.

Sim, e a reforma agrária? Bem, ao longo dos últimos nove anos, grande parte da necessária redistribuição de terras já foi feita. Irônico, não é? Meu irmão Tibério viu a enorme necessidade de uma reforma agrária. Ele a defendeu com bravura, fez pressão em favor dela e, por isso, foi assassinado. Depois, seus assassinos perceberam que a reforma era inevitável: ou isso, ou haveria uma revolução. E logo, logo, as cínicas víboras estavam elogiando falsamente as metas de Tibério, atenuando a legislação dele e jogando seus nomes nela, e depois dando-se tapinhas nas costas e congratulando uns aos outros por terem salvado a República!

A voz de Caio subira para um tom estridente. Um criado que estava atrás dele levou uma flauta aos lábios e soprou uma nota grave. A tensão no ambiente foi substituída por risos e esparsos aplausos. Caio relaxou visivelmente. Sorriu, girou sobre os calcanhares e envolveu com um braço o baixo e calvo flautista.

Vocês todos conhecem Licínio; ele é um dos libertos de minha esposa. Licínio me ajuda a praticar um truque de orador que meu irmão me ensinou. Sempre que começo a ficar um pouco descontrolado... emotivo demais, exaltado demais... Licínio toca uma nota na flauta e eu me controlo. Ele me mantém bem treinado, não acham?

Caio deu um beijo na careca do homem. Os convidados morreram de rir.

Bem, voltemos ao meu discurso. Chegamos ao ponto crucial, o projeto mais ambicioso de todos: estender a plena cidadania a *todos* os aliados de Roma, por toda a Itália. Durante anos, temos testemunhado abusos, por magistrados romanos, contra o povo súdito da Itália, que paga impostos e luta nas legiões ao nosso lado, mas sem os privilégios de plena cidadania. Dêem a eles esse presente, e Roma irá adquirir um maciço influxo de novos cidadãos leais, e esses novos eleitores irão lembrar-se do tribuno que conquistou o direito para eles. Com uma base assim tão potente, aquele tribuno poderia guiar Roma para o seu mais alto destino.

Caio baixou os olhos.

Quando eu era menino, Blóssio me deu aulas sobre a Idade de Ouro de Atenas, e sobre o grande líder que tornou possível aquela Idade de Ouro, um homem de visão extraordinária chamado Péricles. Roma, apesar de todas as suas conquistas, ainda não entrou em sua Idade de Ouro. Mas, com esta eleição, rogo aos deuses que Roma tenha, finalmente, encontrado o seu Péricles.

Lúcio, que prestava atenção, prendeu a respiração. Aquilo era um novo floreio retórico; nunca antes Caio falara numa Idade de Ouro ou se comparara a Péricles. Aquilo era matéria perspicaz. Ela fazia pressupor ambições muito além daquelas de Tibério. Ouvindo aquela fala, Lúcio sentiu uma forte emoção, mas também um tremor de apreensão. Olhando rápido para os rostos de sua mãe, de Licínia e de Cornélia, ele viu a mesma reação mista.

Caio encerrou num tom sombrio:

Em toda parte por onde viajei durante a campanha para tribuno, me faziam duas perguntas: O que o convenceu a entrar na campanha? E você não teme o mesmo destino que ocorreu com seu irmão?

"Àqueles cidadãos, e a vocês aqui esta noite, dou a seguinte resposta: foi um sonho que me levou a pôr de lado o medo e a indolência, e parar de me esconder do mundo. No sonho, Tibério chamou o meu nome. Ele me disse: 'Irmão, por que você está demorando? Não há como fugir do destino. Uma vida e uma morte estão indicadas para nós dois; gaste uma, e enfrente a outra, e faça as duas a serviço do povo.'

Todos os convidados tinham ouvido aquela história antes, durante a campanha eleitoral. Ainda assim, tornando a ouvi-la naquela ocasião jubilosa, irromperam num aplauso emocionado. Muitos verteram lágrimas.

Concluído o discurso da vitória, Caio caminhou por entre os convidados, preocupando-se em agradecer pessoalmente a cada um deles. Depois, retirou-se para um canto tranqüilo com sua mãe, sua mulher, Menênia e Lúcio.

Como você ficou refinado! — disse Menênia. — Sabe, acho que você é um orador ainda melhor do que seu irmão foi. Se Blóssio pudesse ouvi-lo! É muito gentil você homenageá-lo em seus discursos.

Mas me faz ficar arrepiada — disse Cornélia — ouvir aquela história do seu sonho com Tibério. Falar com tanta despreocupação sobre a morte...

É uma bela história, mamãe. A senhora viu como eles adoraram; eu provoço a mesma reação todas as vezes em que a conto. Além do mais, é

verdade. Eu realmente tive aquele sonho, e ele mudou a minha vida.

Mas profetizar a sua morte...

Não há nenhuma visão oracular. É claro que vou morrer servindo ao povo! Talvez enquanto estiver fazendo um discurso no Fórum, talvez enquanto liderando um exército no campo de batalha, talvez enquanto durmo em minha cama; talvez amanhã, ou talvez daqui a cinqüenta anos. Tal como Tibério, sou patriota e político. De que outro modo posso morrer, a não ser a serviço de Roma?

— Ah, Caio, que cinismo! — Cornélia franziu o nariz, mas era evidente que estava aliviada pela resposta pouco sincera dele.

Lúcio também estava secretamente aliviado. Talvez o cinismo de Caio fosse exatamente a qualidade que iria mantê-lo vivo.

122 a.C.

— MAS ONDE ESTÃO TODOS? — Lúcio contornou o peristilo, olhando para o lado oposto do jardim com excesso de plantas e nos vários cômodos que o cercavam.

A nova casa de Caio no Subura era maior, mas não tão bonita quanto a casa ancestral dos Graco no Palatino. Para o seu segundo mandato consecutivo como tribuno, Caio decidira, de propósito, mudar-se para longe de sua mãe e para longe do Palatino, com suas ricas residências. Para seu novo lar, ele escolhera uma casa ampla mas caindo aos pedaços no oprimido bairro de Subura, para que pudesse situar-se e instalar seu quartel-general entre os cidadãos comuns que mais fortemente o apoiavam.

Lúcio compreendia a motivação política do amigo para a mudança, mas ainda assim achava a área deprimente, com prostitutas em cada esquina, veteranos de guerra mutilados esmolando nas ruas, e um miasma de odores desagradáveis. E por que a casa estava tão vazia? Onde estavam os empreiteiros e os engenheiros do Estado, os embaixadores estrangeiros, os magistrados, os soldados, e os eruditos que caracteristicamente enchiam a casa no Palatino durante o primeiro ano de Caio como tribuno, quando o seu incansável programa legislativo e sua inabalável energia fizeram dele a força mais poderosa do Estado?

— Eles vão voltar — disse Caio, saindo de trás de uma das colunas do peristilo. Sua voz denunciava preocupação e cansaço. Ele acabara de chegar de várias semanas no local em que existira Cartago, aonde tinha ido

lançar a base para uma nova colônia romana. Uma geração se passara desde que Tibério recebera a coroa mural por escalar os muros do inimigo; os campos salgados em volta da cidade arrasada tinham ficado férteis outra vez. A nova colônia romana iria chamar-se Junônia.

Como andaram as coisas... em Junônia? — perguntou Lúcio.

Você parece um pouco desconfiado, Lúcio. O que foi que você ouviu dizer?

Lúcio deu de ombros.

Rumores.

E não eram bons, posso apostar. — Caio suspirou. — Devo confessar que a tomada dos auspícios na cerimônia de fundação deu errado. Ventos fortes quebraram os estandartes e levaram os sacrifícios que estavam sobre os altares. Aquele maldito vento! O sacerdote disse que dava para ouvir, nele, a risada de Aníbal.

E... dizem que lobos fugiram carregando os marcadores das fronteiras da cidade — disse Lúcio.

Isso é uma rematada mentira, espalhada pelos meus inimigos! — vociferou Caio. Ele fechou os olhos e respirou fundo. — Onde está o Licínio, com aquela flauta, para me acalmar? O importante é que, apesar de todos os obstáculos, Cartago está sendo reanimada como colônia de Roma. — Ele sorriu. — Haverá bastante trabalho para você lá, Lúcio, se algum dia você ficar sem projetos de construção de estradas aqui na Itália. O que é que andou fazendo enquanto estive fora?

Lúcio pensou na resposta, satisfeito com a mudança de assunto, e depois soltou uma gargalhada.

Se você tiver algo que provoque risada — disse Caio —, por Hércules, me conte!

Muito bem. Há poucos dias, estive no Fórum Boieiro. Havia uma longa fila de homens e mulheres portando vales para comprar sua cota do estoque de grãos do governo. Quem eu vi em pé pacientemente na fila, se não aquele velho detestável, o Piso Frugi?

Piso Frugi? Não acredito!

O mesmo senador que se pronunciou com a maior veemência contra a adoção do subsídio dos grãos! Fiquei ali, pasmo, olhando para ele por um instante, e por fim perguntei: "Como ousa se beneficiar de uma lei à qual se opôs de forma tão implacável?"

E o que foi que ele respondeu?

O velho miserável piscou para mim e depois levantou o nariz. "Se aquele ladrão do Caio Graco roubasse todos os meus sapatos e os dividisse entre os cidadãos, e a única maneira de pegar de volta mesmo um único pé de sapato fosse entrar na fila com todos os demais, eu o faria, puramente por uma questão de princípio. Em vez disso, ele surrupia o Tesouro para comprar grãos para os seus inferiores. Por isso, sim, vou ficar nesta fila, porque pretendo pegar de volta a cota que me for possível!"

Caio abanou a cabeça.

Inacreditável! Já percebeu como os homens que mais alto se manifestam contra os benefícios públicos sempre abrem caminho com os cotovelos para chegar à frente da fila quando esses benefícios são distribuídos?

Foi exatamente o que pensei!

O que mais aconteceu em Roma enquanto estive fora?

Caio falara de modo despretensioso, mas a expressão do olhar dera peso à pergunta. Quando Lúcio hesitou em responder, ele resmungou, exasperado.

Vamos, Lúcio, me conte o pior! É o Lívio Druso, não é? O que é que o maldito traidor vem armando?

O problema com o tribuno colega de Caio começara antes de Caio partir para a África. A partida de Caio deveria ter sido assinalada por uma realização culminante: a aprovação, pela assembleia-geral, de uma lei estendendo a cidadania aos italianos aliados de Roma. No último instante, porém, o tribuno Lívio Druso, que sempre apoiara as reformas de Caio, fizera comícios contra a legislação, apelando, da maneira mais baixa, ao interesse próprio da plebe.

Vocês acham que está difícil agora conseguir um bom lugar no teatro? — perguntava ele. — Pois esperem até que todos os italianos venham à cidade desfrutar de nossos festivais! Vocês gostam de ficar em longas filas nas festas públicas, ou entrar na fila para receber o subsídio aos grãos? Então, vão adorar quando todos aqueles italianos chegarem antes de vocês! Vocês gostariam de ter todos os seus privilégios diluídos, só para que Caio Graco possa conquistar a simpatia de seus novos amigos?

Quando Druso vetou a legislação, ele o fez com o apoio popular. Foi uma derrota dolorosa para Caio às vésperas de sua partida.

Druso não ficou inerte durante a sua ausência — admitiu Lúcio. — Na verdade, ele tem sido incansável em seus esforços de solapar o apoio

que você tem. Dizem que ele "foi mais Graco do que Caio Graco".

Explique.

Primeiro, propôs instalar colônias para veteranos em condições ainda mais generosas do que aquelas que você sugeriu. Depois, acusou você de explorar os pobres...

O quê!

...porque suas leis cobram renda das pessoas, se elas quiserem explorar terras do Estado.

A renda é nominal! Foi uma concessão necessária para conseguir um apoio mais amplo para a lei.

Druso propõe uma legislação que permita que os pobres cultivem terras do Estado de graça.

E o que é que os mesquinhos reacionários do Senado dizem a isso?

Eles apoiam Druso em todos os pontos. Você não entende? Druso é o testa-de-ferro deles. Ao "ser mais Graco" do que você, ele rouba os seus partidários. Temporariamente, seus inimigos estão dispostos a legislar contra os próprios interesses egoístas, a atirar alguns ossos para o povo comum.

Mas assim que eu for neutralizado, eles estarão livres para cuspir na cara do povo e agir como sempre agiram.

Exato. Lamentavelmente, os cidadãos comuns parecem incapazes de ver o que está por trás da fachada de Druso. Eles foram conquistados pela ostensiva exploração de suas fraquezas por parte dele.

Os ombros de Caio caíram. Ele parecia extremamente exausto.

No meu primeiro ano de tribuno, nada podia dar errado. No segundo ano, nada tem dado certo! Só posso ter a esperança de que no meu terceiro ano...

Um terceiro mandato como tribuno? Caio, isso não é possível. Você só obteve um segundo mandato devido à technicalidade legal que Tibério esperara explorar... não houve um número suficiente de candidatos para preencher todas as dez vagas. Para conseguir isso, foi preciso ter a cooperação de homens que, normalmente, teriam sido seus rivais.

E a mesma coisa vai acontecer outra vez este ano, porque o povo assim o exigirá!

Lúcio pensava de forma diferente, mas ficou calado.

121 a.C.

— ELES VÃO ME INSTIGAR a usar de violência, se puderem. É isso que eles querem: encurralar-me, desonrar-me, levar-me a um desespero tal que vou revidar. Então, poderão me destruir e alegar que o fizeram para o bem de Roma.

Caio andava, nervoso, a passos ritmados, pelo caminho sob o peristilo, rodeando o jardim coberto de vegetação em sua casa, no Subura. Desde que não conseguira conquistar um terceiro mandato de tribuno, sua situação ficava cada vez mais precária.

A eleição foi uma farsa — disse ele —, cheia de ilegalidades...

Isso já é passado, Caio. Já o discutimos muitas vezes antes. O passado não pode ser desfeito.

Lúcio, que nunca foi de caminhar de um lado para o outro, estava tão imóvel quanto a coluna na qual se recostava. Sua aflição era interna, invisível.

Quando iria Caio parar de falar na eleição fraudada? A dura verdade era que, quando chegou o dia da eleição, o apoio que ele tinha caíra muito; a estratégia de solapa, usada pelos inimigos, funcionara tal como planejada. Após a eleição, em seus últimos dias no cargo, a influência de Caio continuara a diminuir. A frustração dera lugar à temeridade.

Admito que foi um erro...

Um erro crucial.

...quando mandei meus adeptos demolirem os bancos de madeira montados para a luta de gladiadores. Tive um bom motivo para fazer isso. Uma área de lugares pagos para os ricos toldava a visão dos pobres...

Mas você apelou para a violência.

O dano foi material. Ninguém ficou ferido, pelo menos com gravidade,

Você provocou um tumulto, Caio. Fez o jogo de seus inimigos. Eles o estão chamando de perigoso agitador das massas, um violento demagogo.

Lúcio suspirou. Eles tinham discutido isso muitas vezes antes.

Agora que Caio não estava mais no cargo, os inimigos iam sistematicamente revogando as leis que ele aprovara, apagando suas realizações. Aquele dia trouxera a pior de todas as notícias. O Senado estava programado para debater a revogação da autorização para criar Junônia. A colônia que estava para ser o monumento mais duradouro de Caio — estabelecer, para sempre, um elo entre seu avô, o conquistador de Aníbal, e

seu irmão, o primeiro a escalar os muros de Cartago, e ele próprio, o fundador de Junônia — iria ser abandonada.

Caio estava amargurado. E também com medo. Ele se convencera de que seus inimigos não aceitariam outra coisa que não o sangue dele.

É verdade, o que andam dizendo sobre a... caridade de Cornélia? — perguntou Lúcio.

Do que é que você está falando?

Sua mãe criou um programa para trazer ceifeiros desempregados do interior para Roma, à procura de emprego.

Todo mundo sabe disso. Nem Piso Frugi fez objeção. Os ceifeiros proporcionam mão-de-obra barata.

Há quem diga que o programa é apenas um pretexto, uma maneira de inchar o número de seus adeptos leais na cidade... a título de prevenção.

Prevenção do quê?

A violência para a qual os dois lados estão se preparando.

Lúcio olhou por cima do ombro. Alguns ceifeiros estavam em casa de Caio naquele exato momento, deslocando-se de um lado para o outro, inquietos, armados de bastões e segadeiras.

O que é que vai acontecer, Caio?

Seja lá o que for, fique totalmente de fora, Lúcio.

Você nunca mais me falou sobre seus planos. Desde que voltou de Junônia, você me isolou. Faz reuniões sem a minha presença. Demoliu as arquibancadas da luta de gladiadores sem me dizer nada. Eu não soube, com antecedência, de nada sobre o programa de Cornélia para ajudar os ceifeiros.

Se isolei você de minhas deliberações, Lúcio, foi para o seu próprio bem. As pessoas já não falam de nós ao mesmo tempo. Se tiver sorte, eles vão esquecer que você já foi o meu mais forte apoio entre os Cavaleiros. Você é um homem de negócios, Lúcio, não um político. Está fora do Curso de Honra. Não representa ameaça alguma aos meus inimigos do Senado. Por que iria ter o mesmo destino que eu?

Eu sou seu amigo, Caio.

Você também era amigo de Tibério e, no entanto, nunca levantou um dedo para ajudá-lo, ou, mesmo, para ajudar Blóssio.

Lúcio respirou fundo. O desespero levava à tona um lado mesquinho e odioso da natureza de Caio.

Quando a Fortuna o favorecia, Caio, desfrutei do prazer de sua amizade. A Fortuna pode ter lhe dado as costas, mas eu nunca darei.

Caio deu de ombros.

Pois então venha comigo agora.

Aonde?

Ao Fórum. Vai haver um protesto contra a moção de abandonar Junônia.

Caio pareceu receber uma descarga de nova energia. Andou pela casa, gritando e reunindo sua comitiva.

Todo mundo de pé! O que é que estamos esperando? Chega de indolência! Vamos seguir para o Senado!

Atendendo a um impulso, Lúcio entrou depressa no estúdio de Caio e pegou uma tabuleta de cera e um estilo. Caio ainda era o maior orador de sua geração. Naquela ocasião, ele poderia dizer alguma coisa que não devesse ser esquecida. O estilo de metal era um instrumento temível, feito com elegância mas muito sólido e pesado na mão de Lúcio, e com uma ponta afiada em uma das extremidades.

O DIA ESTAVA QUENTE E de uma umidade opressiva, com trovões no ar.

Quando Caio e sua comitiva se aproximavam do Senado, viram um homem alto, magro, saindo por uma porta lateral, levando uma bacia rasa. O homem era Quinto Antílio, secretário do cônsul Opímio. A bacia que ele levava estava cheia de entranhas de bode. Antes do início das atividades de cada dia, o Senado assistia a um sacrifício ritual e ao exame dos órgãos do animal por um augúrio. Antílio estava jogando fora as entranhas.

Ao passar, Antílio fez uma careta para Caio e seus seguidores.

Saiam da frente, lixo de rua! Abram caminho para um cidadão decente!

O insulto provocou a revolta que normalmente Lúcio mantinha sob controle. O sangue pulsou em suas têmporas. O rosto ficou quente.

Quem você tem a ousadia de chamar de lixo? — perguntou ele.

Esse pedaço de esterco.

Antílio fez um gesto em direção a Caio, usando a bacia. Etranhas escorregaram e respingaram na toga de Caio. Ele franziu o nariz e levou um susto, o que fez com que Antílio soltasse uma gargalhada.

Sem refletir, agindo por puro instinto, Lúcio lançou-se à frente. Enfiou o estilo de metal no peito de Antílio.

Homens ficaram pasmos. Antílio largou a bacia. Entranhas respingaram por toda parte, fazendo com que quem estava por perto recuasse depressa. Antílio agarrou o estilo e tentou puxá-lo do peito, mas o metal polido estava escorregadio demais por causa do sangue. A frente da toga ficou vermelha. Ele teve uma convulsão e caiu para trás, rachando a cabeça numa pedra do calçamento.

Caio olhou boquiaberto para o corpo, e depois para Lúcio, sem acreditar no que via.

Alguém da rua tinha testemunhado o assassinato e corraera para dentro do prédio, para contar aos senadores. Logo depois eles saíram correndo, alguns pela entrada principal, outros pela porta lateral, todos convergindo para Caio e sua comitiva. À frente deles estava o cônsul Opímio. Quando ele viu o corpo de Antílio, a primeira expressão foi de afronta. Esta foi rapidamente seguida por uma expressão que nem disfarçava um entusiasmo abafado.

Assassino! — gritou ele, olhando com olhos arregalados para Caio. — Você matou um funcionário do Senado enquanto ele estava cumprindo um dever sagrado!

O homem jogou entranhas ensangüentadas num tribuno dos plebeus — gritou Caio. — Você mandou que ele fizesse isso?

Você já não é mais tribuno. É apenas um louco... e um assassino!

Homens dos dois lados começaram a gritar insultos. Um dos homens de Caio correu para buscar os adeptos que estavam se reunindo em frente ao Senado. Quando eles começaram a chegar, alguns dos senadores acharam que estavam sendo cercados de propósito. Entraram em pânico. Brigas eclodiram.

Um relâmpago iluminou a cena com uma luz espalhafatosa. Caio gritou para que seus homens permanecessem pacíficos, mas suas palavras foram engolidas por uma ensurdecadora trovoada. Um momento depois, o céu se abriu. Uma chuva forte bombardeou a multidão. Ventos violentos varreram o Fórum. Os arruaceiros espalharam-se e se dispersaram.

Criado lendo livros de História, Lúcio se lembrou de uma narrativa dos primórdios da cidade e sentiu um arrepio de medo. Rômulo, o primeiro rei, havia desaparecido numa tempestade ofuscante. Caio tinha sido acusado de querer uma coroa, e ali estava uma tempestade como Lúcio nunca vira antes. Lúcio não sabia o papel que um Pinário anterior representara na

morte de Rômulo, mas sabia que seu ato louco, impulsivo, tinha selado o destino de Caio Graco.

No DIA SEGUINTE, Lúcio FEZ uma coisa que só fizera uma vez antes. Usou o fascinum da família.

De tempos em tempos, quando criança, ele vira sua mãe usá-lo. Quando Lúcio foi pai, Menênia passara, cerimoniosamente, a herança de família para ele; ela explicara a grande antigüidade do objeto e o pouco que sabia de sua origem, e falara sobre a força como talismã para evitar o mal. Lúcio o usara no dia em que o recebera, apenas para agradar sua mãe, e depois o guardara e se esquecera dele.

Naquela noite, porém, enquanto a tempestade continuava violenta, o fascinum aparecera em seus sonhos, pairando em frente a uma grande fogueira. Quando Lúcio acordou, procurou por ele em meio à confusão de adornos abandonados que mantinha num cofre. Colocou a corrente no pescoço. O talismã de ouro, escondido sob a túnica e a toga, estava frio no toque com o peito. Lúcio não era um homem muito religioso, mas se o fascinum possuísse quaisquer poderes protetores, fossem quais fossem, de todos os dias de sua vida, não havia dúvida de que aquele era o dia para usá-lo.

Para chegar à casa de Caio no Subura, Lúcio tinha de atravessar o Fórum. Vindos da direção do Senado, ele ouviu ecos de gritos e choros. Uma multidão velava Quinto Antílio.

A casa de Caio estava mais cheia de gente do que ele jamais vira. A atmosfera era de um histerismo que mal dava para abafar. Havia um espírito surpreendentemente animado entre os homens que corriam alucinados de um lado para o outro, quase uma sensação de comemoração. A última vez em que Lúcio vira aquela mistura de medo, previsão e companheirismo tinha sido quando estivera diante dos muros de Cartago com Tibério, logo antes do cerco final. Havia um sentimento de que um novo mundo, para melhor ou para pior, estava por nascer, e a idéia de que muitos deles não estariam vivos no dia seguinte para vê-lo.

Caio, em meio a um grupo de ceifeiros com segadeiras, avistou-o e acenou para que se aproximasse.

Você veio pelo Fórum?

Vim, mas me mantive afastado do Senado. Ouvi gritos, mas não vi...

Não importa. — O tom de Caio era estranhamente alheio. — Meus olhos e ouvidos vinham e iam correndo, trazendo notícias frescas a um

intervalo de poucos minutos. Quinto Antílio foi colocado num estrado para transportar esquifes, em frente ao Rostro. Vários senadores estão competindo para ver qual deles pode fazer o elogio fúnebre. Os carpidores choram e puxam os cabelos. Enquanto isso, acho que alguns de meus mais ansiosos adeptos se reuniram na periferia. Ainda não houve violência, apenas xingamento. Sempre que os carpidores gritam "Antílio!", meus homens revidam, gritando "Tibério!" É claro, o corpo de meu irmão foi arrastado pelas ruas e jogado no rio. Ninguém pode me acusar de fazer uma coisa dessas com Antílio.

Caio, o que eu fiz ontem... foi imperdoável.

E extremamente em desacordo com o personagem! — Caio sorriu, mas o olhar estava triste. — As próprias Fúrias devem ter soltado a sua raiva. Quem imaginaria que você tinha tanta raiva dentro de si? Pois bem, Quinto Antílio não é uma grande perda para o mundo. Claro que Opímio me culpa pelo crime. Neste exato momento, ele está fazendo um discurso bombástico para seus colegas senadores, com todo tipo de alegações malucas, dizendo que pretendo matar todos eles. "Os Graco estão planejando um banho de sangue!", brada ele. É curioso como gente do tipo dele acusa a oposição dos mesmos crimes que eles mesmos estão tramando.

Vai chegar a esse ponto, Caio? Um banho de sangue?

Pergunte a Opímio. Ele está fazendo todo o possível para levar os senadores ao delírio. Propôs uma medida que ele chama de Decreto Máximo. O som é ameaçador, não é? Vai permitir que os senadores "tomem todas as medidas necessárias para defender o Estado". Em outras palavras, ficarão com o poder de matar qualquer cidadão na hora, sem julgamento.

Caio, isso não pode estar acontecendo.

No entanto, os deuses o permitiram. Um simplório como Opímio não percebe que uma coisa como esse chamado Decreto Máximo nunca será usado apenas uma vez. Eles estão abrindo a caixa de Pandora. Permita-se que o Estado mate seus cidadãos uma vez, e a mesma coisa vai acontecer repetidas vezes. — Seu tom superficial cedeu de repente e sua voz rachou. — Infelizmente, Lúcio! O que será da nossa adorada República? Nossa desgraçada, espedaçada, inapelavelmente perdida República?

Por um instante, ele segurou Lúcio pelas mãos, e depois recuou e voltou-se para dirigir-se aos ceifeiros e aos outros que estavam perto.

Vocês todos, peguem as armas que tiverem! Filócrates, traga a minha espada! Não vou esperar que eles me ataquem em minha casa. Vou para o

Fórum fazer uma oração diante da estátua de meu pai.

Licínia chegou correndo. Agarrou-lhe a toga.

Não, marido! Você está a salvo nesta casa, onde seus adeptos podem protegê-lo.

Agora, só os deuses podem me proteger.

Então, vá desarmado! Se sair armado, com homens armados à sua volta, não há dúvida de que haverá violência, e eles vão pôr a culpa em você.

Prefiro morrer em combate do que como uma ovelha oferecida em sacrifício. — Ele deu um sorriso forçado.

Caio, isso não é piada! Os mesmos homens que mataram Tibério estão decididos a matar você também.

Enquanto eu respirar, ainda serei um cidadão livre, de Roma. Não vou ficar preso em minha casa.

Caio livrou-se dela e seguiu em direção à porta.

Licínia ficou sacudida pelo choro. Lúcio tentou passar o braço em torno dela, mas ela o afastou com um safanão, recusando-se a ser consolada. Quando o último membro da comitiva de Caio desapareceu do vestíbulo, Lúcio saiu correndo atrás deles.

Enquanto Caio seguia pelas ruas do Subura, postigos se abriam. Homens o ovacionavam, mas poucos se juntaram ao grupo. Lúcio, nervoso, correu os olhos a sua volta. Onde estavam as imensas multidões que certa vez tinham prometido defender Caio até a morte? Pareciam ter-se derretido. Quando o pequeno grupo entrou no Fórum, vadios e pessoas curiosas olhavam abobalhados e curiosos, e depois se espalharam, pressentindo encrenca e fugindo dela.

Diante da estátua de seu pai, Caio fez uma longa pausa, os olhos erguidos para o rosto do Tibério mais velho. Seu fiel jovem escravo, Filócrates, estava à sua direita. Caio falou, numa voz sonhadora:

Meu avô foi muito importante; as pessoas me conhecem como neto de Cipião Africano, não o filho de Tibério Graco. Mas meu pai também foi um grande romano. Suas vitórias na Espanha estabeleceram uma paz que durou 25 anos. Suas embaixadas enviadas à Ásia fizeram dele um confidente de reis. Foi eleito cônsul duas vezes, por duas vezes recebeu uma marcha triunfal, e serviu como censor. Meu irmão teria sido tão grande quanto ele, se tivesse vivido. Eu tinha esperança de poder... — A voz dele falhou.

Lágrimas encheram-lhe os olhos e escorreram pelas faces. — Será que vivemos e morremos por nada?

Lúcio ouviu gritos vindos da direção do Senado, seguidos pelos sons de uma briga de rua. O barulho chegou mais perto.

Caio, temos que voltar para sua casa. Não estamos com número suficiente para enfrentá-los.

Caio levou um susto. Aguçou os ouvidos e depois abanou a cabeça.

A briga se deslocou para ficar entre nós e o Subura. Não podemos voltar. É aqui que vou fazer a minha resistência. É aqui que vou cair.

Lúcio ficou deprimido, mas respirou fundo.

Não vou desertar, Caio.

Você é um amigo de verdade, Lúcio.

Homens armados apareceram ao longe. Viram Caio, deram um grito e correram em direção a ele. A comitiva estava em enorme inferioridade numérica. Homens olhavam para Caio à espera de ordens, mas ele ficou duro e calado como a estátua de seu pai. Alguns de seus adeptos entraram em pânico e começaram a fugir em todas as direções.

Por fim, Caio, desesperado, gritou:

Lúcio! Filócrates! Vocês todos, sigam-me!

Ele tirou a toga, e o mesmo fizeram Lúcio e os outros que as usavam, porque era melhor correr só de túnica de baixo.

Com a turba no seu encalço, eles saíram correndo do Fórum. Contornaram a encosta do Palatino e atravessaram correndo o Circo Máximo. Nas estreitas ruas do Aventino, despistaram os perseguidores. Perto da crista da colina, chegaram ao Templo de Diana.

Caio entrou correndo no templo. O pequeno grupo de adeptos que o seguiam viram-no cair de joelhos diante da estátua da deusa.

Rainha da caça! — bradou ele, ofegante. — Filha de Júpiter, irmã de Apolo! Aceite este sacrifício!

Ele colocou o punho da espada no chão e apontou a lâmina em direção do peito. Antes que pudesse cair sobre ela, dois de seus seguidores correram para detê-lo. Um deles agarrou-lhe os ombros e puxou-o para trás. O outro apanhou rápido a espada e entregou-a a Filócrates.

Caio chorou. Bateu os punhos contra o chão.

Ingratos, traiçoeiros romanos, eu os amaldiçôo! — gritou ele. — Mostrei o caminho para a liberdade, e vocês se voltaram contra mim.

Arrisquei tudo por vocês, e agora vocês me abandonam. Pois então, sejam escravos para sempre dos assassinos do Senado!

Lúcio achou que a loucura tomara conta de seu amigo. Caio sempre fora um homem bravo e um lutador, mas agora parecia decidido a morrer pelas próprias mãos, sem lutar. Caio estivera extremamente certo de sua causa, mas agora renunciava a ela; tinha sido extremamente dedicado ao homem comum de Roma, mas agora o amaldiçoava. Lúcio estava horrorizado, mas não podia julgar Caio. Ele mesmo tinha sido dominado pela loucura no dia anterior, quando matara Antílio sem pensar.

Um elemento do grupo que se extraviara entrou correndo no templo.

Eles estão bem atrás de mim! — gritou ele. — Estão vindo para cá!

Lúcio e Filócrates puxaram Caio para pô-lo de pé. Viraram-no em direção da entrada. Como se estivesse embriagado, ele correu para a rua. Seus perseguidores o viram e gritaram. A perseguição recomeçou.

Para Lúcio, a fuga precipitada parecia um pesadelo. As sinuosas ruas do Aventino, a antiga fonte na boca do Aqueduto Ápia, os armazéns de sal ao longo do Tibre, e os movimentados mercados do Fórum Boieiro, todos aqueles lugares eram muitíssimo conhecidos e, no entanto, muitíssimo estranhos. Ao vê-los passar, homens riam e os ovacionavam a título de estímulo, como espectadores de uma corrida a pé. Outros vaiavam o pequeno grupo desesperado e atiravam rabanetes, nabos e pedaços de ossos e patas, tirados do mercado.

Na ponte que atravessava o Tibre, alguns dos homens pararam e deram meia-volta, decididos a oferecer resistência. Imploraram para que Caio continuasse correndo, jurando defender a ponte o tempo que pudessem. Acompanhado apenas de Filócrates e Lúcio, Caio chegou ao outro lado do Tibre no momento exato em que seus perseguidores chegavam à ponte. Os sons de uma batalha ecoaram pelo rio.

A margem oeste do Tibre era, em sua grande parte, selvagem e sem construções. Os três saíram da estrada, pensando em desaparecer em meio à densa folhagem. Uma trilha estreita levou-os a um grupo de árvores altas. A terra macia parecia engolir o som de suas passadas. Em meio às sombras das folhas, um facho de sol caía sobre um altar de pedra numa pequena clareira. Lúcio sentiu, mais do que nunca, que estava se movimentando num sonho.

Que lugar é este? — sussurrou ele.

O Pomar das Fúrias — respondeu Caio, com a voz sem expressão. — Tisifone, Megera e Alectó: as irmãs vingativas que punem com a loucura os mortais pecadores. Só ovelhas negras podem ser sacrificadas em homenagem a elas. Está vendo as imagens delas no altar? Elas seguram açoitões e tochas. Os cabelos são feitos de serpentes. São mais velhas do que Júpiter. Nasceram do sangue que foi derramado quando Crono, o Titã, castrou seu pai Urano... nascidas de um crime de um filho contra seu pai. No entanto, sempre honrei meu pai e meu avô! Por que as Fúrias me guiaram até aqui?

Ele caiu de joelhos diante do altar. Gritos ecoaram por entre as copas das árvores. Os perseguidores estavam chegando perto.

Filócrates, você está com a minha espada?

O jovem escravo recuou, aterrorizado.

Senhor, por favor...

Acabe comigo, Filócrates. No Templo de Diana, perdi a coragem. Deixei que me impedissem. Faça isso por mim, Filócrates. Agora! — Ele jogou a cabeça para trás e ergueu o peito.

Senhor, eu não tenho coragem de fazer isso.

Estou mandando, Filócrates!

Chorando e tremendo, o jovem escravo voltou a lâmina contra si mesmo e caiu para a frente. Seu grito de angústia reverberou pelo bosque.

Os perseguidores ouviram e gritaram uns para os outros. Estavam muito perto.

Caio ajoelhou-se por cima do escravo. Acariciou os cabelos do rapaz e depois puxou a espada do peito dele. Levantou os olhos para Lúcio e estendeu o punho em sua direção.

É isto que as Fúrias querem — sussurrou Caio. — É isto que elas exigem de você, Lúcio. Você provocou esta crise, quando matou Antílio. Agora, tem que acabar com ela.

Fazendo aquilo que menos desejo fazer no mundo? — bradou Lúcio.

Você deixaria que eu fosse torturado e feito em pedaços pelos meus inimigos?

Lúcio pegou a espada. Não conseguia olhar para o rosto de Caio. Rodeou-o, ajoelhou-se atrás dele e abraçou-o com força com um dos braços. Ergueu a lâmina para a garganta de Caio.

Com seu último suspiro, Caio, entre dentes, lançou uma maldição:

Que eles sejam escravos do Senado para sempre!

Lúcio passou a lâmina na garganta de Caio. Este se contorceu. Sangue jorrou quente e úmido sobre o braço de Lúcio que o abraçava.

Lúcio recuou e levantou-se, desajeitado. Ainda se contorcendo, o corpo de Caio caiu ao lado do cadáver do escravo. Lúcio largou a espada entre os dois.

Recuou para as sombras e escondeu-se em meio à folhagem, no exato momento em que os perseguidores entraram na pequena clareira.

Colhões de Numa! Já estão mortos! — gritou um deles. — Olhem para eles: ele deixou o escravo matá-lo, e depois o escravo se matou. O covarde nos trapaceou!

Pouco importa—disse um outro. — A recompensa é a mesma, não importa quem o matou. O cônsul Opímio prometeu uma boa recompensa pela cabeça de cada um dos cidadãos que estão na lista dele, e a maior de todas as recompensas é pela cabeça de Caio Graco. Eu fico com ela!

Afastando os demais com um rosnado, o homem ergueu sua espada e golpeou o pescoço de Calo até a cabeça se soltar. Ele a levantou pelos cabelos e agitou o troféu num círculo acima da cabeça, gritando de triunfo. Sangue e pedaços de coágulos respingaram nos que assistiam e mancharam o altar. Algumas gotas penetraram a folhagem e atingiram Lúcio no rosto, mas ele nem se mexeu.

E o escravo? — perguntou alguém, dando um pontapé no corpo.

Não vale nada. Deixe-o aí. Vamos voltar para a cidade, meus amigos, onde ainda tem muita gente para se matar!

Com náuseas, queimando de raiva, paralisado pelo medo, Lúcio continuou calado e invisível nas sombras. Depois que os homens foram embora, ele ergueu a mão para tocar o peito e sentiu o fascinum por baixo da túnica. Impressionado por ainda estar vivo, sussurrou uma oração para qualquer que fosse o poder que achava que seria bom protegê-lo.

Nos DIAS QUE SE SEGUIRAM, sob a sanção do Decreto Máximo, mais de 3.000 cidadãos romanos foram mortos. O movimento graquense foi suprimido.

O notável foi que Lúcio sobreviveu ileso ao massacre. Ele ficou isolado em casa por muitos dias, esperando uma batida na porta que nunca veio. Seu nome nunca apareceu na lista oficial de inimigos do Estado. Ele não achava explicação para aquela omissão. É certo que, na fase final, seu relacionamento com Caio ficara menos público e mais privado. Por

qualquer motivo que fosse, os inimigos de Caio não tomaram conhecimento dele, um golpe de sorte com o qual Lúcio nunca deixou de ficar intrigado.

Parecia que seu destino não tinha pé nem cabeça. Ele se afastara de Tibério e Blóssio e, ao fazê-lo, sobrevivera às loucuras deles, o que o deixava envergonhado e arrependido; abraçara com ousadia a causa de Caio e, no entanto, sobrevivera à queda dele, sentindo-se ainda mais envergonhado e arrependido. Lúcio concluiu que sua vida era encantada, curiosamente imune aos reversos comuns da sorte. No tempo de vida que ainda lhe restava, ele deu as costas para a política e dedicou-se a sua carreira, que o mantinha muito atarefado; sempre havia mais estradas a serem construídas. Também ficou mais religioso. Todas as noites, antes de ir para a cama, fazia uma oração de ação de graças ao deus do fascinum que salvara sua vida quando a morte estivera muito perto. Foi em seu leito que ele morreu muitos anos depois, um marido e pai adorado, um perfeito construtor de estradas e um membro muito respeitado da ordem do Cavaleiro.

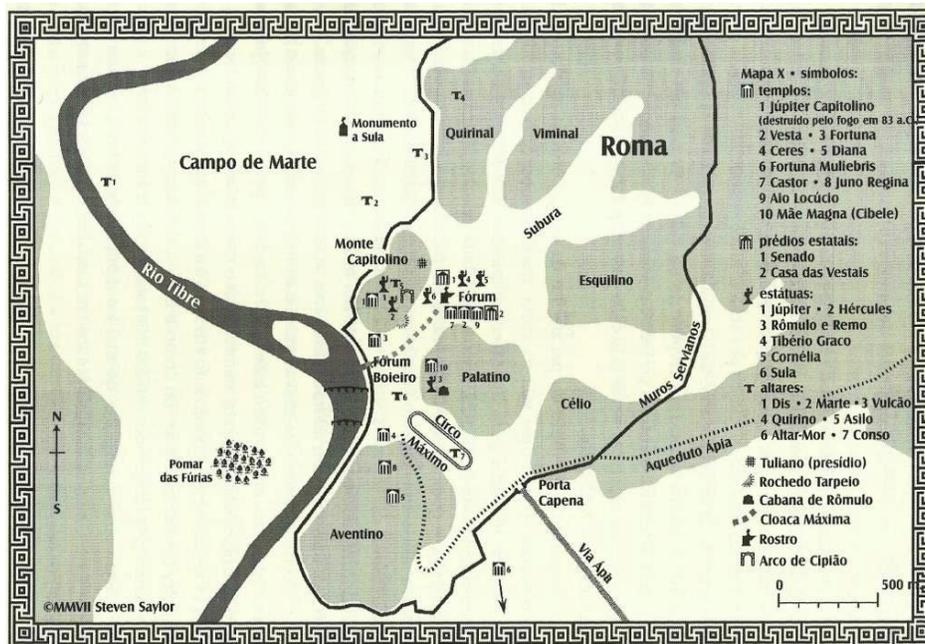
O cônsul Opímio acabou sendo levado a julgamento por cometer o massacre de cidadãos romanos, mas foi inocentado; o Decreto Máximo foi considerado um ato legal e, assim, protegeu-o do castigo. Mais tarde em sua carreira, porém, ele foi condenado por aceitar subornos enquanto servia como embaixador junto ao rei Jugurta, da Numídia. Opímio tornou-se um homem amargurado e muito odiado no crepúsculo da vida, e morreu em desgraça. Seu legado a Roma foi a autoria do Decreto Máximo que, como Caio previra, iria ser invocado repetidas vezes nos cada vez mais caóticos, cada vez mais sangrentos anos vindouros.

Seguindo o exemplo do pai no fim da vida, Cornélia mudou-se de Roma e retirou-se para uma vila na costa, num promontório chamado Miseno, levando Menênia para lhe fazer companhia. Em Miseno, ela recebia dignitários e filósofos visitantes, e ficou legendária pela força estoica diante de tanta tragédia. A quem pedia, tinha prazer em partilhar as recordações do pai, mas ficava ainda mais feliz ao falar sobre os filhos. Falava em Tibério e Caio sem sofrimento ou lágrimas, como se estivesse falando de grandes homens dos primórdios da República. Depois de sua morte, uma estátua foi colocada na cidade e tornou-se um adorado santuário para as mulheres de Roma.

Cornélia expressara muitas vezes o desejo de ser lembrada não como a filha de Africano, mas como a mãe dos Graco. Foi o que aconteceu. Na

morte, os dois irmãos continuaram amados com o mesmo fervor, e odiados com a mesma violência como tinham sido em vida, e a dupla tragédia de suas mortes fizera deles figuras lendárias. Tal como a mãe, foram imortalizados com estátuas, e santuários foram construídos nos locais em que morreram.

Seja como exemplares do mal ou modelos de virtude, os nomes de Tibério e Caio Graco seriam invocados em discursos e debates enquanto durasse a República.



CAPÍTULO X

CABEÇAS NO FÓRUM

81 A.C.

- Como chegou a este ponto? — murmurou Lúcio Pinário, falando consigo mesmo para manter a coragem enquanto atravessava apressado o Fórum. Apesar das amenas condições do tempo na primavera, ele usava uma capa com capuz. Nervoso, mexia no fascinum que lhe pendia ao peito — uma herança de família recebida de seu falecido avô — e sussurrava uma oração para que os deuses o mantivessem vivo.

O sol poente do final da tarde pairava, vermelho-sangue, acima dos telhados, projetando sombras compridas. Acelerando o ritmo, Lúcio passou pelo Rostro. Agora, os esporões de navios capturados não eram os únicos troféus que adornavam a plataforma do orador. Lúcio tentou não olhar, mas, mesmo contra a vontade, deu uma rápida olhada para as cabeças cortadas enfiadas na fileira de compridas varas que agora rodeavam a plataforma. Algumas das cabeças estavam no Rostro há um mês, ou mais, e tinham chegado a um adiantado estado de putrefação, as feições já irreconhecíveis.

Outras, com sangue pingando, tinham sido colocadas há tão pouco tempo, que as bocas abertas e os olhos arregalados ainda exprimiam choque e terror.

Lúcio correu os olhos pelos rostos. Agradeceu aos deuses por não haver ninguém que ele reconhecesse.

Erguendo-se acima e além do Rosto, em cima de um alto pedestal, estava o mais recente ornamento do Fórum, a estátua de um general a cavalo.

A estátua dourada cintilava com um fogo vermelho à luz do sol que morria, com tanto brilho que olhar para ela fez doer os olhos de Lúcio. O escultor capturara à perfeição a postura confiante e as feições ousadas do ditador Lúcio Cornélio Sula. A estátua parecia estar olhando para as cabeças cortadas com um sorriso plácido, de contentamento.

Acima e além da estátua de Sula elevava-se outra lembrança da desesperadora situação a que Roma chegara: o escarpado cimo do morro Capitolino, sobre os quais os antigos templos encontravam-se em ruínas chamuscadas. Há dois anos, um grande incêndio varrera o Capitolino, destruindo tudo que havia no caminho, inclusive o antigo Templo de Júpiter. O incêndio tinha sido um mau agouro, pressagiando os indescritíveis terrores da guerra civil e a terrível vingança do vitorioso.

Lúcio afastou-se do Rosto. Seguiu apressado até chegar ao muro de avisos. Um grupo de homens se reunira para ler as listas mais recentes. Elas eram chamadas de listas de proscricção, porque continham os nomes daqueles que haviam sido oficialmente denunciados como inimigos do ditador Sula. Um proscrito podia ser morto por qualquer pessoa, até mesmo em sua residência, sem que houvesse punição para o culpado. Sua cabeça valia uma recompensa. Sua propriedade era sumariamente confiscada e leiloada pelo Estado.

Lendo as novas listas, alguns homens soltaram um suspiro de alívio. Uns poucos abafaram gritos de desespero. A maioria mantinha o rosto encoberto. Lúcio fez o mesmo, puxando o capuz para a testa enquanto seguia para a frente da multidão a fim de ler as listas.

O nome que Lúcio temia ver, o do irmão mais moço de sua mulher, não estava lá. Lúcio tocou no fascinum e sussurrou uma oração de alívio.

O que é isso?

Um homem que estava atrás dele inclinou-se à frente e espiou, com os olhos apertados, por cima do ombro de Lúcio. Falou numa voz com um

volume fora do comum:

Será possível? Estou vendo que eles incluíram o nome de um tal de... Lúcio Pinário!

Lúcio deu meia-volta, o coração batendo forte. Reconheceu o homem que falara, mas não de todo — o homem era amigo de um amigo cujo nome lhe escapava. Vendo a expressão no rosto de Lúcio, o homem soltou uma gargalhada assustadora.

Estou só brincando! — disse ele.

Isso não tem graça... não tem graça nenhuma! — vociferou Lúcio, a voz entrecortada. — Dizer uma coisa dessas, mesmo por brincadeira... eu poderia ter sido morto, seu idiota! Assassinado aqui mesmo onde estou, antes que pudesse dizer uma só palavra!

Era verdade. Atrocidades desse tipo aconteciam todos os dias. Um homem ia até o painel de avisos para ler a lista mais recente, descobria, horrorizado, que seu nome estava lá, entregava-se com um grito de consternação e então, numa questão de momentos, era morto por assassinos que ficavam à espreita ali por perto, à espera da oportunidade de matar um dos inimigos do ditador e reivindicar a recompensa.

Com os cotovelos, Lúcio abriu caminho para sair da multidão e atravessou o Fórum com a rapidez que ousava usar; andar depressa demais poderia chamar atenção. A trilha reta, íngreme, atrás do Templo de Castor, levou-o rapidamente para a crista do Palatino. Dali, era apenas uma curta caminhada até em casa.

Lúcio entrou numa rua estreita. Levou um susto. Um de seus vizinhos estava sendo arrastado para fora de casa por um bando de brutamontes. O homem segurou o batente da porta, agarrando-se a ele com as unhas, em desespero, até que os homens o puxaram, soltando-o, e o jogaram na rua. De dentro da casa vinham os gritos da família.

As poucas pessoas que estavam paradas na rua giraram nos calcanhares e fugiram logo, à exceção de Lúcio, que estava assustado demais para se mexer. Viu, horrorizado, os assassinos passarem a esfaquear o homem até à morte. O som de metal rasgando carne era enjoativo. A mulher e os filhos do homem correram para fora a tempo de verem os matadores deceparem a cabeça dele.

O mais velho do grupo ergueu a cabeça cortada. Lúcio reconheceu o assassino, um notório capanga de Sula chamado Cornélio Fagites.

Dá para acreditar? — disse Fagites a seus companheiros. — Este aqui está na lista há mais de um mês. Ficou escondido desde aquela época, até hoje, quando teve a coragem de voltar para casa. O idiota do bastardo pensava que podia escapar de Fagites! Existe um prêmio especial por homens que ficaram na lista esse tempo todo. Esta cabeça vai valer uma pequena fortuna quando nós a entregarmos a Sula!

Fagites sorriu, mostrando dentes tortos com uma abertura no meio. Ele viu Lúcio olhando e fez um beijo com o lábio superior, lançando um olhar tão malévolo, que Lúcio pensou que poderia perder o controle sobre sua bexiga.

O que é que está olhando, cidadão?

Lúcio não disse nada e afastou-se, apressado.

Chegou em casa terrivelmente abalado. O escravo que o deixou entrar trancou depressa a porta. Sua mulher estava no átrio depois do vestibulo, amamentando o filho recém-nascido. Uma ama-seca estava perto, esperando para levar a criança para dormir. Ao ver Lúcio, e a terrível expressão em seu rosto, Júlia afastou o bebê do seio. Beijou a testa do menino e o entregou à escrava. Esperou até que a jovem desaparecesse, antes de falar.

São más notícias, não são? Por favor, Lúcio, me conte logo!

Não é o que você está pensando. — Ele correu a abraçá-la, tanto para confortar a si mesmo como para tranqüilizá-la. — Vi uma coisa... terrível... na vinda para casa. Terrível! Mas a nova lista...

Caio estava na lista, ou não? — Júlia, com um empurrão, soltou-se do abraço dele. Os dedos dela enterraram-se dolorosamente nos braços dele.

Não, Júlia, não! Acalme-se. O nome dele não estava lá.

Por enquanto — disse uma voz áspera, vinda das sombras. — Mas um dia desses eles *vão* incluir o meu nome. É o que dizem meus informantes.

Júlia soltou Lúcio e correu para a figura curvada que estava nas sombras.

Irmãozinho, o que está fazendo fora da cama? Você está doente demais para se levantar.

Caio Júlio César tinha apenas 18 anos, mas a expressão era de fadiga e ele se deslocava como um velho, duro e curvo.

Estava com barba por fazer, e os cabelos, emaranhados, despenteados, zombavam de seu nome; muitas gerações atrás, o seu ramo da família Júlio

adotara o cognome César, que significa "possuidor de belos cabelos".

Estou me sentindo muito melhor, irmã. Juro. A febre cedeu. Os calafrios foram embora.

Eles vão voltar. É assim que a febre quartã segue o seu curso. Ela vem e vai até acabar por completo.

Você agora é minha médica, tanto quanto minha irmã? Júlia beijou-lhe a testa.

Você está, mesmo, mais frio do que antes. Acha que poderia engolir um pouco de sopa? Precisa manter as forças.

NA SALA DE JANTAR, LÚCIO ergueu com as duas mãos um pequeno prato de prata. Curvou a cabeça e entoou uma prece.

Asileu, nós oferecemos os melhores pedaços da refeição a você... Você, que era adorado em especial pelo pai Rômulo; você, padroeiro dos vagabundos, dos fugitivos e dos exilados; você, cujo antigo altar no Capitolino oferecia um local de abrigo àqueles que não podiam consegui-lo em qualquer outro lugar. Mantenha a salvo esse querido visitante em minha casa, meu irmão por casamento, o jovem Caio. Conceda-lhe asilo ao abrigo de minha casa. A você, Asileu, eu faço esta oração.

Asileu, proteja meu irmão! — disse Júlia.

Proteja todos nós — sussurrou Caio.

Lúcio reclinou-se no sofá, ao lado de Júlia. Ele pegava "pedaços de porco assado num prato de prata. Seu estômago estava vazio, mas depois dos horrores que vira naquele dia, olhar para carne chamuscada provocava repugnância. Júlia também não estava com apetite, mas Caio tomou rápido uma tigela de sopa e começou outra.

Caio viu que Lúcio o olhava com olhos fixos. Deu um sorriso fraco.

Você teve um ato de bravura, hoje, cunhado, indo até o Fórum para ler a nova lista. Eu lhe agradeço.

Lúcio deu de ombros.

Fiz isso para a minha própria paz de espírito. Enquanto você não estiver oficialmente na lista, Júlia e eu não podemos ser punidos por manter sob nosso teto um homem procurado.

Prometo que vou me mudar amanhã.

Bobagem! — disse Júlia. — Você pode ficar aqui o tempo que quiser.

No íntimo, Lúcio grunhiu, mas Caio poupou-lhe o constrangimento de uma objeção.

Obrigado, irmã, mas pela minha própria segurança, preciso seguir em frente. Assim que estiver em condições, terei de sair da cidade e me afastar da Itália o máximo que puder. Se não fosse essa maldita febre, eu já teria ido embora. Sula me quer morto.

Lúcio abanou a cabeça.

Como foi que a coisa chegou a este ponto? Na época dos nossos avós, Caio Graco foi decapitado e seu assassino recebeu uma recompensa, e os corpos dos Graco foram jogados no Tibre, sem um enterro adequado, mas romanos decentes ficaram indignados. Agora, dezenas de cabeças são acrescentadas todos os dias à exibição no Rostro, e os homens não fazem nada. Os corpos sem cabeça dos cidadãos são despejados no rio como se fossem restos do mercado de peixe, sem a menor preocupação. Você soube do ultraje mais recente? Sula desenterrou e depois, deliberadamente, profanou o corpo do seu tio, Mário, o único homem que poderia ter posto um ponto final na loucura dele. Ele cortou o corpo em pedaços e sujou-o com fezes, arrancou os olhos das cavidades e cortou a língua. Em que era nós vivemos! Homens fortes já não temem os deuses. A maldade não tem limites.

Caio empalideceu.

É verdade, sobre o Mário? Será que até Sula cometeria tamanha abominação?

Está todo mundo sussurrando sobre isso. Por que não iria ser verdade? Sula não respeita nada nem ninguém para punir seus inimigos. Ele os tortura enquanto eles estão vivos. Agora, profana os corpos depois que morrem.

Caio olhou para o interior de sua tigela de sopa. Sua expressão era vaga, mas Lúcio sabia que o cunhado estava em estado de profunda meditação. Por natureza, o jovem Caio era analítico e imparcial. Abatido pela doença e encontrando-se em circunstâncias precárias, mesmo assim mantinha as emoções sob controle. Lúcio tinha inveja de seu auto-controle.

— Você pergunta como a coisa chegou a este ponto, Lúcio. Você dá a entender qual é a resposta quando menciona os Graco. Na época de seus avós, o destino de Roma estava em um de dois caminhos: o caminho dos Graco, ou o caminho dos inimigos deles. Os inimigos venceram. O caminho errado foi seguido. Desde então, nada deu certo.

"Caio Graco tentou expandir os direitos do cidadão comum e estender esses direitos aos nossos aliados. Seus inimigos egoístas, míopes, foram

contra a legislação dele, mas os problemas criados pela injustiça e pela desigualdade não desapareceram. Em vez disso, estourou uma guerra longa e sangrenta entre nós e nossos aliados italianos. O que os Graco poderiam ter conseguido por meios pacíficos foi, ao contrário, resolvido por derramamento de sangue e pela força bruta. Que desperdício!

"Como os Graco viam um futuro melhor, foram destruídos. Seus inimigos ficaram impunes quanto aos assassinatos e, desde então, os homens no poder nunca hesitaram em usar a violência. Quando os Graco foram mortos, as pessoas ficaram chocadas ao verem romanos matando romanos. Agora, sofremos uma guerra civil em escala plena, e uma catástrofe que teria sido considerada impensável pelos nossos ancestrais: um exército romano sitiando a própria Roma!

Em retrospecto, a guerra civil de que Caio falara talvez tivesse sido inevitável. As guerras externas de Roma, em expansão, levaram à reunião de exércitos cada vez mais numerosos, e à aquisição de uma riqueza cada vez maior por parte de seus comandantes militares. Uma era de conquista criara uma geração de senhores de guerra cujo poder cresceu a ponto de ultrapassar o do Senado. Levados mais pela ambição pessoal e pela desconfiança mútua do que pela política, os senhores da guerra voltaram-se uns contra os outros. Na curta mas feroz guerra civil que disso resultou, fora Sula, ao sobreviver a seus rivais Mário e Cina, que surgira como o último homem em pé. Sula marchara contra Roma, sitiara a cidade e depois forçara o Senado a declará-lo ditador.

Agora, o vencedor tem a cidade sob o seu jugo — disse Caio. — Ele jura piamente que vai restaurar a República e o governo legítimo do Senado, mas não antes de expurgar o Estado de todos os seus inimigos e inimigos em potencial e dividir a propriedade deles entre seus asseclas.

Caio baixou os olhos e olhou para dentro da tigela de sopa. Pelo fato de Mário ter sido seu tio e de Caio ter-se casado recentemente com Cornélia, cujo pai, Cina, tinha sido outro dos rivais de Sula, ele achava certo ser considerado como um dos inimigos de Sula.

O fato de um monstro desses mandar em nós é prova da nossa decadência — declarou Júlia. — Os deuses estão irados. Eles nos castigam. Antigamente, "ditador" era um título muito honroso e respeitoso. Nossos ancestrais foram abençoados por terem um ditador como Cincinato, um homem que pegou em armas para salvar o Estado e depois se retirou. Depois de Sula, "ditador" será, para sempre, um palavrão.

Um monstro, como você diz — murmurou Lúcio, roendo, nervoso, a unha do polegar. — Um louco! Vocês se lembram de quando a primeira lista de proscrição foi afixada? Homens se reuniam junto ao muro para ler os nomes. Como ficaram chocados ao verem oitenta nomes da lista; oitenta! Oitenta cidadãos que perderam toda a proteção, oitenta bons romanos reduzidos a animais a serem caçados e abatidos. Sentimo-nos ultrajados com a impunidade de Sula, horrorizados com um total daqueles. E então, no dia seguinte, houve um acréscimo à lista: mais duzentos nomes. E no dia seguinte, mais duzentos! No quarto dia, Sula fez um discurso sobre restaurar a lei e a ordem. Alguém teve a ousadia de perguntar quantos homens ele pretendia proscriver. O tom de voz foi quase um pedido de desculpas, como um magistrado que deixou de cumprir seu dever. "Até agora, proscreei os inimigos de que consegui me lembrar, mas não há dúvida de que alguns me fugiram à lembrança. Eu lhes prometo que, assim que me lembrar deles, também irei proscriver esses homens."

Ele estava fazendo piada — disse Caio, pesaroso. — Você tem de admitir que Sula tem um espírito perverso.

—Ele é louco como a Cassandra! — disse Lúcio. — A matança não pára nunca. Todo dia há uma nova lista. E quem der abrigo a um proscrito será automaticamente proscrito, também, até mesmo os pais do indivíduo. Os filhos e netos do proscrito perdem a cidadania e têm seus bens roubados. Isso acontece não apenas em Roma, mas em cidades por toda a Itália. Homens estão sendo assassinados a cada minuto de cada dia, e todo assassino recebe uma recompensa, mesmo o escravo que matar o seu senhor, mesmo o filho que matar o pai. É uma loucura, um insulto aos nossos ancestrais, um crime contra os deuses.

É uma maneira de Sula e seus amigos acumularem uma imensa riqueza — disse Caio. — Os primeiros homens da lista eram realmente inimigos, homens que tinham lutado contra ele na guerra civil. Depois, começamos a ver outros nomes: Cavaleiros que nunca tinham se interessado por política, ou fazendeiros ricos que nunca sequer tinham vindo à cidade. Por que foram proscritos? Para que Sula pudesse apossar-se de suas propriedades. O Estado vende os bens em leilões públicos, mas os amigos do ditador são os únicos que têm a ousadia de dar lances.

É bem simples — disse Lúcio. — Homens estão sendo assassinados por causa de suas propriedades.

Homens estão sendo assassinados *pelas* suas propriedades — disse Caio. — Eu estive em Alba, um dia desses. Passei por uma bela casa de campo, com jardins e vinhedos, e o sujeito que estava comigo disse: "Essa é a propriedade que matou Quinto Aurélio."

Júlia gemeu.

Caio, isso não tem graça!

Então não acho que você vá rir quando eu lhe disser que homens que cometeram assassinato estão providenciando para que suas vítimas sejam incluídas nas listas com retroatividade. Dizem que Lúcio Sérgio Catilina conseguiu isso, depois de matar o cunhado. Não só o crime foi considerado legal, como Catilina recebeu uma recompensa por ele!

A sombria conversa sofreu uma parada de alguns momentos. Caio tomou mais sopa. Lúcio meditou sobre a comida intocada à sua frente. Por fim, Júlia falou:

Vocês acham que podemos acreditar na palavra de Sula, quando ele promete abandonar o cargo de ditador e recolher-se à vida privada? Ele diz que fará isso dentro de um ano ou, no máximo, dois.

Só podemos rezar para que ele esteja dizendo a verdade — disse Lúcio, carrancudo.

E se estiver? — replicou Caio. — O que terá mudado, se Sula renunciar? As eleições serão retomadas, e o Senado voltará a mandar... com todos os homens de Mário mortos e os homens de Sula ocupando o lugar deles. Mas o Estado ainda ficará aleijado. As coisas que foram quebradas antes da guerra civil continuarão quebradas, meramente remendadas com remédios improvisados. Caio Graco, se tivesse tido a chance, poderia ter resolvido as coisas e soprado uma nova vida na República; um tirano mesquinho e vingativo como Sula não é o homem para realizar isso. Vai ser preciso um outro homem para salvar Roma, alguém que possa combinar a visão política dos Graco, o gênio militar de Cipião Africano, e, também, uma dose da crueldade de Sula.

Havia uma expressão distante nos olhos de Caio, quase como se ele estivesse falando de suas ambições quanto ao futuro. Aquilo era um absurdo, pensou Lúcio. A febre estava dando ao seu cunhado ilusões de grandeza. Caio devia estar cuidando de manter a própria cabeça, não de sonhar acordado com salvar a República.

Talvez — sugeriu Lúcio — o homem no qual está pensando seja Pompeu, o Grande.

Ele se referia a um dos protegidos de Sula, um prodígio militar apenas seis anos mais velho do que Caio. Sula, que gostava de apelidos — ele mesmo tinha se apelidado de Félix, "Sortudo" —, passara a dirigir-se ao jovem Cneu Pompeu, meio brincando, meio com entusiasmo, como Magnus, "o Grande". O nome pegara.

Pompeu! — zombou Caio. — Eu não pensaria assim. Ele não tem a força de caráter para ser um verdadeiro líder.

Bem... — Lúcio ergueu uma sobrancelha. Ele não tinha qualquer afeição a Pompeu, mas achava que Caio praticamente não possuía experiência bastante para fazer uma avaliação tão rigorosa assim. Caio interpretou sua expressão.

Será que devo justificar meu comentário? Muito bem, preciso citar apenas um exemplo para mostrar a fraqueza fundamental do caráter de Pompeu. Afora decepar cabeças, qual é o comportamento mais despótico de Sula?

Arranjar casamentos para os que o cercam. E não apenas uma atividade inocente de casamenteiro. Contra a vontade delas, ele tem forçado mulheres a se casarem com os favoritos dele; isso transforma o casamento em estupro, uma ofensa aos deuses. Ele tem até mesmo dissolvido casamentos já existentes, obrigando os esposos a se divorciarem e se casarem outra vez com novos parceiros escolhidos por ele.

Mais um sintoma da loucura de Sula — disse Lúcio.

Talvez. Mas se Pompeu acha isso, o chamado Grande não foi grande o bastante para enfrentar o mestre. Sula mandou Pompeu se divorciar de Antístia, uma esposa dedicada, sob todos os aspectos, e casar-se com a enteada de Sula, Emília, mesmo apesar de Emília já estar grávida do marido! E Pompeu, como o bajulador de um monarca asiático, obedeceu sem um protesto sequer. É este o homem para conduzir Roma para sair da selva? Eu não acho! — Caio abanou a cabeça. — Eu nunca me submeteria a um comportamento tão desonroso e vergonhoso assim para conquistar os favores de outro homem, não importa quais sejam as conseqüências. Nunca!

Bem — disse Júlia, procurando diminuir a tensão na sala —, vamos rezar para que você nunca tenha que enfrentar uma escolha tão terrível. Que seu casamento com Cornélia seja longo e fecundo! — Ela teve um sorriso fraco. — Quando penso num bom casamento, penso nos nossos pais, não é, Caio? Eles sempre pareciam muito felizes juntos. Se ao menos os deuses não tivessem levado papai tão depressa, tão de repente...

Júlia e Caio tinham perdido o pai três anos antes. Ao que tudo indicava, o Caio mais velho tinha sido um homem saudável, vigoroso, no auge da vida, mas um dia, enquanto calçava os sapatos, ficara tonto e caíra morto. O pai dele também morrera jovem, de modo igualmente repentino. Os filhos sentiram profundamente a perda e ficaram ainda mais unidos desde então.

Caio, vendo a expressão de tristeza no rosto da irmã, inclinou-se para ela e tocou-lhe delicadamente o ombro.

De repente, veio um barulho do vestibulo, tão alto que todos os três levaram um susto e levantaram-se de um salto. Alguém não estava apenas batendo na porta, mas tentando derrubá-la. Ouviu-se um ruído de madeira se partindo e o grito das dobradiças cedendo.

Caio voltou-se para fugir, mas só conseguiu dar poucos passos. Estava fraco demais para correr. Balançou e teria caído se Júlia não tivesse corrido para o seu lado.

Um grupo de homens armados irrompeu na sala. Lúcio empalideceu ao reconhecer o chefe deles: Cornélio Fagites.

Fagites sorriu, mostrando a falha entre os dentes tortos.

Ah, aí está exatamente o homem que estou procurando: o jovem César!

Júlia colocou-se na frente de Caio, como a mãe protegendo o filho. Embora seus joelhos tremessem, Lúcio aproximou-se de Fagites, que era muito mais alto, e ergueu bem o queixo.

Você se enganou. Este é o irmão de minha esposa, Caio Júlio César. O nome dele *não está* nas listas de proscricção.

Fagites deu uma risada.

"O nome não está na lista!" — disse ele, zombeteira — Quantas vezes já ouvimos esta frase?

É verdade! Eu mesmo verifiquei as listas novas, hoje à tarde. Você me viu quando eu estava voltando do Fórum. Não se lembra?

Fagites fitou-o com olhos semicerrados.

Bem... se o nome dele ainda não está na lista, sempre poderá ser acrescentado mais tarde — disse ele, mas em sua voz havia um fio de dúvida.

Lúcio fez o possível para se aproveitar daquilo.

Prender homens que estão na lista é uma coisa, Fagites. Prender homens que não estão na lista, é outra. Mais cedo ou mais tarde, de acordo

com o que ele mesmo prometeu, Lúcio Cornélio Sula vai pedir exoneração de sua ditadura. Ele deu a si mesmo uma imunidade vitalícia quanto a ser processado, mas duvido que tenha dado esse tipo de proteção a você. Deu?

Fagites franziu o cenho.

Não.

O que significa que um dia *haverá* uma cobrança de... de erros que foram cometidos. Este é um desses enganos, Fagites. Caio Júlio César *não está* na lista. Ele é um cidadão com plenos direitos, não um inimigo do Estado. Você não tem o direito de prejudicá-lo.

Fagites voltou-se para um de seus subordinados, que apresentou um pedaço de pergaminho e, juntos, os dois o examinaram por um instante, sussurrando e trocando críticas entre si. Por fim, Fagites deu um passo atrás. Deu um sorriso afetado e olhou com desprezo para Lúcio.

Quanto você está disposto a me pagar para garantir que não vou cometer nenhum... erro?

Lúcio mordeu o lábio. Pensou por um momento, e depois sussurrou uma quantia.

Fagites soltou uma gargalhada.

Eu não o culpo por sussurrar! Você devia ter vergonha, me oferecendo tão pouco para garantir que nada de ruim aconteça ao queridinho irmão de sua mulher. Chegue a quatro vezes esse valor e vou pensar na sua oferta.

Lúcio engoliu em seco.

Muito bem.

Fagites confirmou com a cabeça.

Assim é mais razoável. Agora, tudo o que tem a fazer é implorar para que eu aceite o dinheiro, e depois eu vou embora.

O quê!

Implore. Tenho que me divertir um pouco esta noite, não tenho? Fique de joelhos, cidadão, e implore para que eu aceite sua oferta.

Lúcio olhou para Júlia, que virou o rosto para o outro lado. Caio parecia ter perdido a última gota de força devido ao pânico repentino, e mal conseguia ficar em pé. Lúcio caiu de joelhos.

Eu lhe imploro, Cornélio Fagites, aceite o dinheiro que estou oferecendo e deixe-nos em paz!

Fagites riu. Desmanchou o cabelo de Lúcio.

Muito melhor, homenzinho! Muito bem, vá buscar o meu dinheiro. Mas você está sendo tolo. Seu cunhado estará morto antes dos próximos

idos. Oh, vou aceitar o seu dinheiro agora e deixar o jovem César manter a cabeça; e mais tarde, quando eu realmente tirar a cabeça dele, vou receber um segundo pagamento, de Sula. Vou ser pago duas vezes pela mesma cabeça: nos ombros e fora deles!

Lúcio apanhou o dinheiro. Fagites e seus homens saíram sem dizer qualquer outra palavra. Júlia estava perturbada demais para falar. Caio se dirigiu, cambaleando, até o sofá de jantar e desabou nele.

Lúcio tocou a testa de Caio. O rapaz estava queimando de febre outra vez.

APESAR DA DOENÇA DE CAIO, mais tarde, naquela noite, Lúcio e Júlia mandaram trazer uma liteira e levaram-no para outro esconderijo. Se Fagites achava Caio, alguém mais poderia fazer o mesmo. O fato de seu nome ainda não estar entre os proscritos não era, evidentemente, nenhuma garantia de segurança.

Nos dias e noites que se seguiram, apesar da febre que não ia embora, Caio deslocou-se de um refúgio para outro. Enquanto isso, os mais velhos dos Júlio iniciaram agitadas negociações com membros do círculo íntimo de Sula, tentando livrar Caio do perigo. Lúcio se encontrava com os Júlio todos os dias, na esperança de boas notícias.

As proscricções continuavam. Novos nomes eram acrescentados diariamente. Lúcio começou a temer que ele mesmo fosse adicionado às listas. Mandou que a porta derrubada por Fagites e seus homens fosse consertada e tornada mais forte do que antes. Mantinha uma adaga consigo o tempo todo. De um tipo duvidoso que havia no cais, comprou um veneno de ação rápida e entregou-o a Júlia para guardar. A morte por decapitação seria horrível mas rápida, disse ele para consigo mesmo, mas estremeceu ao pensar o que poderia ser feito a Júlia depois que ele morresse. Ele queria que ela tivesse um meio de fuga rápida. Em que época eles estavam vivendo, a ponto de um homem ter que fazer planos para aquele tipo de contingências!

Um dia, chegou em casa dele um visitante, acompanhado por muitos guarda-costas. Era um bonito jovem com cabelos louros compridos. Lúcio o reconheceu: Crisógono, um ator que se tornara um dos favoritos de Sula. Desde quando era jovem, Sula tivera uma fraqueza por atores, em especial pelos louros. Crisógono vestia uma túnica de um suntuoso tecido verde

bordado com fios de prata. O traje devia ter custado uma fortuna, pensou Lúcio.

Ficou imaginando quem teria morrido para que o catamito de Sula pudesse usá-lo,

Não vou me demorar — disse Crisógono, correndo um olhar experiente pelo vestíbulo, como que examinando uma propriedade que um dia poderia ser sua. — Meu amigo Félix lhe manda um recado.

Lúcio mal conseguiu abafar a repugnância por ouvir um ex-escravo e ator referir-se com tanta familiaridade ao homem mais poderoso de Roma. Crisógono, sentindo o desdém dele, lançou-lhe um olhar frio. A boca de Lúcio secou.

O que é que Sula manda dizer?

O irmão de sua esposa será poupado...

Tem certeza? — Júlia, que tinha ficado escondida, correu para o lado de Lúcio.

Se me permitirem completar... — Crisógono ergueu uma sobrancelha. — Caio Júlio César será poupado... mas só com a condição de que meu amigo Félix possa encontrar-se cara a cara com ele.

Para que possa ver com os próprios olhos o rapaz ser decapitado? — vociferou Lúcio.

Crisógono lançou-lhe um olhar maligno.

O ditador virá visitá-los hoje à noite. Se quiser receber o perdão do ditador, o jovem César deverá estar aqui.

Com um ar teatral, Crisógono girou sobre os calcanhares e se retirou, cercado pelos guarda-costas.

NAQUELA NOITE, UMA COMITIVA FESTIVA apareceu na rua em frente à casa de Lúcio. Crisógono estava entre eles, juntamente com vários outros atores e mímicos, masculinos e femininos; eles riam e trocavam piadas uns com os outros, como se tivessem saído para um passeio despreocupado à luz de tochas. Os guarda-costas mais pareciam arruaceiros que adoravam uma encrenca do que lictores sérios, sóbrios. A sobriedade estava escassa. Vários membros do grupo estavam visivelmente bêbados.

Observando o grupo pela vigia da porta da frente, Lúcio abanou a cabeça.

Sula chegou numa liteira vermelha acortinada, carregada por uma falange de escravos corpulentos. Um deles ficou de quatro, para que o

ditador pudesse usar suas costas como degrau para descer para a rua. Ao vê-lo, Lúcio engoliu em seco, horrorizado pelo fato de o destino da República e seus cidadãos estar nas mãos de um espécime tão decadente. Outrora sadiamente musculoso, a imagem viva de um vistoso general romano, Sula ficara de mandíbula saliente e gordo. A pele sempre fora manchada — "amoras cobertas de farinha de aveia", como algumas pessoas a descreviam — mas agora um entrelaçado de veias vermelhas, semelhante a uma teia de aranha, tinha sido acrescentado aos seus defeitos.

O ditador bateu na porta com o punho. Lúcio deu um passo atrás e fez com a cabeça um sinal para que o escravo a abrisse, e depois empertigou-se para receber o visitante. Sula passou por ele e entrou no vestíbulo sem dizer palavra, sozinho, sem levar nenhum guarda-costas. Será que ele se considerava invulnerável? Afinal, ele mesmo se apelidara de Félix.

Caio o aguardava no átrio. Fisicamente, o jovem não podia ter apresentado um maior contraste com o ditador. Magro por natureza, com um rosto comprido, Caio tinha sido deixado ainda mais magro pela doença, e seus olhos brilhantes cintilavam de febre. Apesar da fraqueza, seu porte era impávido. Estava com os ombros para trás e o queixo levantado. Para a ocasião, vestia uma toga tomada emprestada a Lúcio. Mesmo com os ajustes feitos por Júlia, a toga estava folgada.

Enquanto Lúcio permanecia afastado, Sula dirigiu a Caio um olhar demorado, avaliador. Aproximou-se.

Então este é o jovem César — disse ele, por fim. — Eu o encaro, você me encara. Eu franzo o cenho, mas você não fica pálido. Quem pensa que é, rapaz?

Sou Caio Júlio César. Filho de meu pai, que foi pretor. Sou descendente dos Júlio, uma antiga casa patrícia. Nossa linhagem vem desde a própria Vênus.

É possível. Mas quando olho para você, meu rapaz, vejo outro Mário.

Lúcio prendeu a respiração. O coração bateu forte em seu peito. Será que Sula pretendia matar Caio com as próprias mãos? O ditador riu.

Apesar disso, resolvi poupá-lo, e vou poupar... desde que minhas condições sejam aceitas.

Lúcio adiantou-se.

Ditador, o senhor exigiu que o jovem César o encontrasse cara a cara, e aqui está ele. O que mais...?

Antes de qualquer outra coisa — disse Sula, dirigindo-se a Caio —, você tem que se divorciar de sua mulher, Cornélia. E depois...

Nunca. — Caio ficou imóvel. Seu rosto não mostrava emoção alguma, mas o tom de voz era inflexível.

Sula ergueu uma sobrancelha. A testa carnuda estava cheia de vincos.

Eu repito: você tem que se divorciar de Cornélia. No seu casamento, as casas de meus inimigos Mário e Cina estão combinadas. Não posso aceitar uma união dessas...

Eu me recuso.

Você o quê?

Eu me recuso. Nem mesmo um ditador pode fazer tal exigência a um cidadão romano.

Sula lançou-lhe um olhar sem expressão. Sua pele florida ficou ainda mais vermelha. Fez um lento gesto afirmativo com a cabeça.

Entendo.

Lúcio preparou-se. Apalpou a adaga sob a toga e ficou imaginando se teria a coragem de usá-la. O que é que Caio estava pensando, para falar com Sula daquela maneira? Tinha que ser a febre, que o fazia delirar. E então, Sula soltou uma gargalhada, longa e alta. Por fim, parou de rir e falou num tom de perplexidade.

Será o Mário que vejo em você, meu rapaz... ou a mim mesmo? Eu gostaria de saber! Muito bem, então, você pode manter a sua cabeça *e* a sua esposa. Mas em troca desse favor, parece justo que *algum* membro, de sua família deva casar-se de novo para me satisfazer. — Sula olhou por cima do ombro. Pela primeira vez desde que entrara na casa, olhou diretamente para Lúcio. — E quanto a você?

Eu, Ditador?

Sim, você. O que você é deste jovem? Cunhado?

Sou, Ditador.

E onde está a irmãoo rapaz, sua esposa? Presumo que esteja escondida por perto; em geral, elas se escondem. Apareça, mulher! Entre no átrio, onde eu possa vê-la.

Júlia surgiu de detrás de um canto, parecendo muito humilde.

Ora, ela é a própria imagem do irmãoo! Muito bem, ela pode tomar o lugar do irmãoo. Você e este sujeito aqui... repita o seu nome.

Lúcio Pinário, Ditador.

Você e Lúcio Pinário irão se divorciar imediatamente. Como se trata de um casamento patricio, certas formalidades terão de ser observadas. Eu lhes dou dois dias, nada mais. Os dois entenderam?

Ditador, por favor — sussurrou Lúcio. — Eu lhe imploro...

Depois que seu casamento for dissolvido, não me importa o que você fará, Pinário. Mas você, Júlia, tem que tornar a se casar imediatamente. Você é sobrinha de Mário, assim como seu irmão é sobrinho dele, e tenho que vigiar todos os Júlio. Mas com quem você irá se casar? Deixe-me pensar. — Ele deu uns tapinhas na testa e depois estalou os dedos. — Quinto Pédio! Sim, exatamente ele.

Eu sequer o conheço! — disse Júlia. Ela estava à beira das lágrimas.

Ora, em breve irá conhecê-lo muito bem! — Sula teve um largo sorriso. — Pronto, está resolvido. O nome do jovem César será retirado das próximas listas de proscricão. Mesmo assim, eu o aconselho a sair da cidade por algum tempo; pode acontecer algum acidente. E também o jovem César pode ficar com sua mulher. Enquanto isso, vocês dois vão se divorciar...

Ditador...

Por favor, me chame de Félix.

Lúcio Cornélio Sula... Félix... Eu lhe peço que reconsidere. Minha mulher e eu somos profundamente dedicados um ao outro. Nosso casamento é um... — Ele queria dizer que o casamento deles era um caso de amor, mas parecia obsceno falar em amor na frente de Sula. — Nós temos um filhinho. Ele ainda mama no seio da mãe...

Sula deu de ombros.

Pois então deixe o menino ficar com a mãe. Você vai abrir mão de todos os direitos sobre ele. Deixe que Quinto Pédio o adote.

Lúcio ficou boquiaberto, perplexo demais para falar. Júlia começou a soluçar.

Caio adiantou-se, sem firmeza nos pés. Estava branco como giz.

Ditador, vejo que fui errado ao me opor ao senhor. Vou fazer o que pediu. Vou me divorciar de Cornélia...

Você não vai fazer nada disso!

Ditador, nunca tive a intenção...

Suas intenções nada significam aqui: *minha* vontade é que manda. A sua vida está poupada. Seu casamento está preservado. Mas sua irmã e o marido vão se divorciar. — Ele virou-se para Lúcio. — Ou isso, ou verei seu nome nas listas de proscricão, Pinário, e sua cabeça numa estaca!

Com um dramático floreado digno de Crisógono, Sula deu meia-volta e retirou-se da casa. Sua comitiva recebeu-o de volta com saudações e risadas bêbadas. Um escravo fechou a porta depressa, para impedir a entrada dos ruídos roucos.

Lúcio olhou fixo para o chão.

Depois de todos os nossos esforços... todos os nossos... sacrifícios... todas as noites sem dormir... o suborno que paguei a Fagites... a humilhação...

Cunhado — sussurrou Caio —, nunca imaginei...

Não me chame disso! Não sou mais seu cunhado!

Do quarto da criança, o bebê começou a gritar. Júlia caiu de joelhos, chorando.

Lúcio olhou para Caio com os olhos arregalados.

Agora, Júlia e eu é que temos de pagar o preço pelo seu orgulho. Para salvar o seu pescoço e preservar a sua preciosa dignidade, temos que abrir mão de tudo. Tudo!

Caio abriu a boca, mas não conseguiu achar nada para dizer.

Você nos deve isto! — bradou Lúcio, apontando o dedo para Caio.

Nunca se esqueça! Nunca se esqueça da dívida que tem para com o meu filho, para com os filhos dele, enquanto você viver!

Aos poucos, ENQUANTO MILHARES MORRIAM ou fugiam para o exílio, o ritmo alucinado das proscricções de Sula diminuiu, mas o ditador continuou a governar Roma com punho de ferro.

O divórcio fizera de Lúcio Pinário um homem amargurado e alquebrado. Ninguém o culpava pelo infortúnio. Amigos, muitos dos quais tinham sofrido terrivelmente, faziam o máximo para reconfortá-lo, e chegavam até a elogiar o seu sacrifício.

Você fez o que tinha que fazer, para salvar a vida de outro homem - diziam eles. — Você fez isso pelo bem de seu filho e de sua mulher; se você tivesse desobedecido, Sula o teria proscrito e sua família teria ficado desamparada.

Mas nenhum argumento podia diminuir a angústia e o arrependimento de Lúcio. Para salvar a família, ele perdera a família. Para manter a cabeça, entregara a dignidade.

O novo marido de Júlia, Quinto Pédio, nada fez para impedir que Lúcio visse o filho, ou mesmo Júlia, mas Lúcio tinha vergonha de encará-

los. Curvar-se diante de um ditador reduzia um homem a uma condição que nada tinha de melhor do que a de um escravo; um romano sem honra não era romano.

Seria melhor, decidiu ele, se seus entes queridos o considerassem um homem morto. Que Júlia fosse uma viúva que tornara a se casar. Que o filho fosse órfão. Como teria sido muito melhor que Lúcio tivesse morrido! Se ao menos ele tivesse pegado a febre quartã de Caio e tivesse morrido dela!

Assim, como se estivesse morto, ele doara prematuramente ao filho uma preciosa herança de família: o fascinum de ouro que estivera na família por inúmeras gerações. O amuleto estava muito gasto, a forma dificilmente reconhecível. Apesar disso, Lúcio enviou-o a Júlia com uma prece para que pudesse proteger o filho deles de um desastre como o que atingira seu pai. O talismã foi passado à geração seguinte.

Sem vontade alguma de tornar a se casar, desesperado e desamparado, ele vivia sozinho em sua casa no Palatino.

Quanto a Caio, acatou o conselho de Sula e deixou Roma assim que ficou em condições de viajar. Aceitou um posto militar na costa do Egeu, servindo na equipe do pretor Minúcio Termo.

Lúcio pensava em Caio o mínimo possível, mas um dia, enquanto atravessava o Fórum, passou por um grupo de homens que conversavam e ouviu um estranho mencionar o nome de Caio. Lúcio parou para prestar atenção.

Sim, Caio Júlio César — repetiu o homem —, aquele cujo pai caiu morto faz dois anos.

Pobre rapaz! Presumo que o rei Nicomedes faz uma vistosa figura de pai, mas nenhum romano deveria se curvar, nunca, para agradar a outro homem, nem mesmo a um rei.

Especialmente a um rei!

Aquilo foi seguido por uma risada lasciva. Lúcio se adiantou.

Do que é que os senhores estão falando?

Das peripécias do jovem César no Oriente — disse um dos mexeriqueiros. — O pretor Termo o mandou numa missão junto ao rei Nicomedes, da Bitínia. Depois que chegou lá, César não quis sair. Parece que ele se deu um pouco bem *demais* com o rei, se é que me entende. Todo aquele alto padrão de vida na corte real virou a cabeça do rapaz... e Nicomedes é realmente um sujeito bonito, a julgar pelas suas moedas. Enquanto isso, Termo parece um marido rejeitado, mandando um

mensageiro atrás do outro ordenando que César volte, mas César não suporta a idéia de deixar a cama do rei!

Como é que vocês podem saber de uma coisa dessas? — vociferou Lúcio. — Se César está detido no cumprimento de uma missão, pode haver uma centena de outras explicações...

— Por favor! — O mexeriqueiro rolou os olhos. — Todo mundo está falando sobre isso. Já ouviu a mais recente piada? Sula deixou que ele mantivesse a cabeça... mas Nicomedes tirou-lhe a virgindade!

As gargalhadas foram muitas. Lúcio, enojado, afastou-se com os maxilares fortemente fechados. Cerrou os punhos. Lágrimas enchiam-lhe os olhos. Era para isso que ele sacrificara tudo? Para que um jovem néscio pudesse desertar de seu posto militar para viver no luxo na Bitínia? Que tipo de romano era César, para falar com admiração de Caio Graco e sonhar acordado com a reconstrução do Estado romano, e depois fugir e bancar o catamito de um monarca bitíneo? Lúcio devia ter deixado Sula levar o jovem idiota e fazer o que quisesse com ele!

78 a.C.

CONTRARIANDO OS PIORES TEMORES DE seus inimigos — os poucos que continuavam vivos —, Sula cumpriu a promessa de renunciar à ditadura depois de dois anos.

Declarando que seu trabalho estava realizado, ele restaurou plena autoridade ao Senado e aos magistrados. No retiro, ditou suas memórias e jactava-se orgulhosamente de que, tendo livrado Roma dos piores "agitadores" (como ele chamava aqueles que se opunham a ele), instituía reformas que levariam a República de volta "aos dias dourados de antes que os Graco mexessem a panela e provocassem uma confusão generalizada".

Mas será que até Sula poderia recuar no tempo? Desde a destruição de Cartago, a política romana tinha sido impulsionada por uma tremenda riqueza e por uma expansão precipitada, e pelas cada vez maiores injustiças e desigualdades que disso resultaram. Roma precisava de generais poderosos para conquistar novos territórios e escravizar novas populações; de que outro modo poderia se acumular mais riqueza? Mas o que seria feito quando aqueles generais se tornassem invejosos e desconfiados uns dos outros e a coletividade dos cidadãos, rasgada pela ganância e pelo ressentimento, fosse obrigada a tomar partido? A guerra civil já acontecera

uma vez. Nada, nas reformas de Sula, iria impedir que uma guerra daquelas tornasse a acontecer. Quando nada, o exemplo dele era um estímulo aos pretensos senhores da guerra com sonhos de poder absoluto. Sula mostrara que um homem podia exterminar implacavelmente toda a oposição, declarar seus atos legítimos e legais, e depois retirar-se para viver o resto de seus dias com conforto e paz, adorado pelos amigos e adeptos que tinham se beneficiado com a sua generosidade.

No mês de Martius, em sua vila dando para a baía perto de Nápoles, aos 60 anos de idade, Sula morreu de causas naturais. Mas sua morte não foi fácil, e nos repulsivos sintomas que o contaminaram houve quem visse a mão da deusa Nêmesis, que restaura o equilíbrio à ordem natural quando tiver sido feita injustiça.

A doença começou com uma ulceração dos intestinos, agravada pelo excesso de bebida e vida suntuosa. Depois, a corrupção se espalhou e converteu a carne em vermes. Dia e noite, médicos retiravam os vermes, porém mais vermes apareciam para substituí-los. Depois, os poros descarregavam um fluxo repulsivo, em quantidades tais que a cama e suas roupas ficavam encharcadas. Por mais banho e esfregação que houvesse, nada conseguia deter a descarga.

Mesmo em seu estado deplorável, Sula continuou a trabalhar. No último dia inteiro de vida, ele ditou o último capítulo de suas memórias, concluindo com a seguinte jactância: "Quando eu era jovem, um adivinho caldeu previu que eu teria uma vida honrada, digna, e acabaria meus dias no auge da prosperidade. O adivinho estava certo."

O secretário de Sula lembrou-o, então, de que ele tinha sido solicitado a resolver o caso de um magistrado local acusado de desviar recursos públicos. O magistrado, que queria se defender, estava na antecâmara, aguardando uma entrevista. Sula concordou em recebê-lo.

O magistrado entrou. Antes que o homem pudesse dizer uma palavra, Sula ordenou que os escravos que estavam no quarto o estrangulassem ali mesmo. Os escravos eram criados particulares de Sula, não assassinos; quando hesitaram, Sula ficou furioso e gritou com eles. A tensão provocou a ruptura de um abscesso no pescoço. Ele começou a sangrar muito. Na confusão que se criou, o magistrado fugiu para não morrer.

Médicos chegaram para estancar o sangramento, mas o fim de Sula havia chegado. Ele ficou confuso e perdeu a consciência. Sobreviveu à noite, mas morreu na manhã seguinte.

UMA INCLINAÇÃO PERVERSA MAS PODEROSA — o desejo de ver um episódio terrível até o amargo fim, ou a necessidade de estar absolutamente certo de que uma criatura horrorosa está realmente morta, sem dúvida alguma — levou Lúcio Pinário a sair de casa para as ruas, para assistir ao funeral de Sula.

A cidade inteira compareceu para assistir à procissão. Lúcio encontrou um ponto com uma boa vista e pensou se teria tido sorte, até que percebeu o motivo pelo qual o ponto estava vago. Um mendigo maltrapilho estava parado perto, emitindo um odor tão fedorento que todas as outras pessoas tinham sido afugentadas. Lúcio não ligou para o mau cheiro. Se pudesse suportar a visão de Sula em sua carroça funerária, disse ele a si mesmo, sem dúvida poderia agüentar o cheiro de um ser humano vivo, seu semelhante.

Liderando a procissão estava uma imagem do próprio Sula, uma duplicata da estátua eqüestre que estava no Fórum. Ao passar, a efígie emitia um odor de especiarias que sobrepujou até mesmo o fedor do pedinte. O homem olhou para Lúcio e abriu um sorriso desdentado.

Dizem que aquela coisa é feita com olíbano e canela e todos os tipos de outras especiarias que custam caro. Eles recolheram uma coleção de todas as mulheres ricas de Roma para esculpi-la. Vão queimá-la na pira funerária, juntamente com Sula. A fumaça vai perfumar a cidade inteira!

Lúcio franziu o cenho.

Sula vai ser cremado? Seus ancestrais entre os Cornélio sempre foram enterrados.

É possível — disse o mendigo —, mas o ditador especificou no testamento que seus restos mortais deverão ser queimados até virarem cinza. — Homens como ele, que podiam passar os dias de orelha em pé e colhendo mexericos, muitas vezes sabiam do que estavam falando. — Você pode imaginar por quê.

Posso?

Pense! O que foi que aconteceu com Mário, rival de Sula, depois que ele morreu? Sula abriu a cripta e cagou no corpo! Existe gente que faria o mesmo com Sula, para se vingar, não tenha a menor dúvida. Em vez de dar-lhes a oportunidade, ele mesmo mandou que o cremassem.

Lúcio olhou de esguelha para o pedinte. O homem não tinha a mão esquerda e apoiava-se numa muleta sob o braço direito. Havia uma

profunda dcatriz no rosto e ele parecia cego de um olho.

Depois da efigie vinham os cônsules e os outros magistrados e, depois deles, todos os membros do Senado, vestindo preto. Os principais Cavaleiros vinham em seguida, e depois o Pontífice Máximo e as virgens vestais. Depois, às centenas, os veteranos de Sula vinham marchando, trajando suas melhores armaduras e liderados pelo jovem Pompeu, o Grande.

Músicos e um coro feminino de cantoras profissionais para funerais, vinham em seguida. Os músicos tocavam uma melodia triste em flautas e liras, ao som da qual o coro cantava uma canção em louvor a Sula.

Seguiam-se mímicos, quebrando o ambiente sombrio com sua bufonaria. Mímicos eram uma tradição no funeral de um homem rico, e entre eles havia alguns dos atores mais famosos de Roma, membros do círculo íntimo de Sula desde a época de sua juventude. O mendigo sentiu-se na obrigação de destacá-los.

Olhe, lá está Rôscio, o comediante! Uma vez, eu o vi fazendo o papel do Soldado Fanfarrão. Dizem que está mais rico do que a maioria dos senadores. E aquele é o velho Metróbio, que sempre se especializou em papéis femininos. Representou a atriz principal na cama de Sula durante anos, dizem, até que o bonitinho do Crisógono tomou o seu lugar; está envelhecendo, mas ainda fica bem de estola. E, é claro, aquele deve ser o Rato, hoje representando o arquímímico, vestido como Sula e imitando o morto. Ele está perfeito no andar e nos gestos com as mãos, não acha? Vamos esperar que ele não comece a decepar a cabeça das pessoas!

Os mímicos foram seguidos pela procissão dos ancestrais de Sula. Homens usavam as máscaras de cera dos mortos e vestiam as túnicas cerimoniais que haviam usado em vida. Levavam erguidas as grinaldas, coroas e outras honrarias militares que Sula tinha recebido em sua longa e vitoriosa carreira.

Por fim, a guarda de honra se aproximou, levando o carro fúnebre. O corpo de Sula jazia num divã de marfim decorado com ornamentos de ouro, drapejado com um tecido púrpura e grinaldas de cipreste. Sua mulher, Valéria, e os filhos de seus cinco casamentos vinham em seguida.

A procissão parecia estar se dirigindo não para a necrópole do lado de fora da Porta Esquilina, mas na direção oposta.

Para onde eles o estão levando? — murmurou Lúcio.

Você não sabia? — perguntou o mendigo. — A pira funerária de Sula está lá fora, no Campo de Marte. O monumento dele também está lá. Eles já o ergueram.

No Campo de Marte? Só os reis foram sepultados lá!

O pedinte deu de ombros.

Mesmo assim, Sula especificou, em seu testamento, que seu monumento deveria ficar no Campo de Marte.

Os últimos membros da procissão passaram. Espectadores entraram atrás. Lúcio, seriamente decidido a ver a cremação do cadáver, juntou-se ao grupo apertado. O mendigo fez o mesmo, permanecendo bem ao lado dele. Para todo o sempre, Lúcio iria se lembrar do fedor do homem toda vez que pensasse no dia do funeral de Sula.

Enquanto a multidão se reunia no Campo de Marte, nuvens carregadas se juntavam. O céu ficou tão escuro, que os homens encarregados da pira confabularam, nervosos. Mas com a mesma rapidez com que tinham se juntado, as nuvens negras se dispersaram. Um facho de luz dourada do sol caiu sobre o estrado que estava no alto da pira.

Você sabe o que vão dizer — sussurrou o pedinte, chegando perto de Lúcio. Seu cheiro tinha aberto um caminho para eles ficarem na frente da multidão. — Vão dizer que a boa sorte seguiu Sula até sua pira funerária. A Fortuna em pessoa mandou a chuva embora!

Houve discursos. Sula foi elogiado como salvador de República. Histórias foram repetidas para demonstrar sua virtude e seu gênio. Aos ouvidos de Lúcio, as palavras pareciam o zumbir de gafanhotos.

A pira foi acesa. As chamas subiam cada vez mais. Lúcio estava tão perto, que o calor lhe dava rajadas no rosto e cinzas giravam à sua volta. O mendigo apontou para o monumento que estava próximo, uma imponente cripta do tamanho de um pequeno templo. Ele disse algo, mas em meio ao estalar das chamas Lúcio não ouvia nada. Lúcio franziu o cenho e abanou a cabeça. O pedinte falou mais alto, quase gritando.

O que diz ela? A inscrição no frontão triangular do templo? Dizem que Sula escreveu o próprio epitáfio.

Ondas de ar aquecido obscureciam a vista, mas, apertando os olhos, Lúcio conseguiu identificar as letras. Leu em voz alta:

"Nenhum amigo lhe fez um benefício, e nenhum inimigo lhe fez um mal, sem receber plena retribuição."

O mendigo crepitou de tanto rir. Lúcio olhou fixo para ele, sentindo pena e repugnância.

Quem é você? — disse ele.

Eu? Ninguém. Todo mundo. Um dos inimigos de Sula que recebeu sua plena retribuição, acho. Fui soldado. Lutei por Cina, depois por Mário... sempre contra Sula, apesar de não ter nenhum motivo particular. E veja só como estou hoje! Sula me retribuiu em dobro. E você, cidadão? Vestido nessas roupas caras, todo arrumadinho, com todos os membros intactos; suponho que era um dos amigos dele. Sula lhe deu o que você merecia?

Lúcio estava com uma pequena bolsa de moedas. Começou a procurar dentro dela, mas mudou de idéia e deu tudo ao mendigo. Antes que o homem pudesse lhe agradecer, Lúcio desapareceu no meio da multidão. Atravessou o monte de gente e voltou para a cidade.

O Fórum estava vazio. Suas passadas ecoavam enquanto ele andava depressa sobre as pedras do calçamento. Passando perto do Rostro, teve um súbito calafrio. Ergueu os olhos e viu a estátua dourada de Sula em silhueta; o sol, por trás da cabeça da estátua, dava-lhe uma auréola cintilante. Até na morte o ditador lançava uma sombra fria em sua vida.

74 a.C.

O INVERNO DAQUELE ANO FOI de um rigor fora do comum. Uma tempestade atrás da outra despejava granizo e chuva sobre a cidade. Em muitas manhãs, os vales ficavam cheios de uma bruma fria e branca, como tigelas cheias de leite, e as colinas cobriam-se de geada, fazendo com que as ruas sinuosas e com calçamento que subiam e desciam pelas encostas ficassem traiçoeiras sob os pés das pessoas.

Lúcio Pinário pegou um resfriado no início do inverno e não conseguia livrar-se dele; o mal se deslocava de uma parte do corpo para outra, mas não ia embora. Ele raramente se arriscava a sair, e recebia poucas visitas. Só muito depois, por um operário falastrão que foi consertar um vazamento no telhado de sua casa, ele ficou sabendo da notícia que todo mexeriqueiro do Fórum já sabia: Caio Júlio César, enquanto viajava no Egeu, tinha sido seqüestrado por piratas.

Lúcio não via Júlia, ou seu filho, há muitos meses. As raras visitas que fazia eram demasiado dolorosas e desagradáveis para todos os

participantes. Mas ao ter notícia da má sorte do irmão dela, ele sabia que Júlia devia estar perturbada, e sentiu-se compelido a ir vê-la.

Tossindo violentamente, Lúcio vestiu um pesado casaco de lã. Um único escravo acompanhou-o pelas ruas úmidas e cobertas de geada até o outro lado do Palatino, onde Júlia morava com o marido, Quinto Pédio.

O casamento parecia ter dado certo para ela. No início, por mais infeliz que ela pudesse ter estado, o prudente fora aproveitar ao máximo, uma vez que não havia como saber quanto tempo Sula iria reinar como ditador. Júlia se adaptara logo à sua nova condição; tal como o irmão, ela era uma sobrevivente, pensava Lúcio, amargurado. Lúcio também se adaptara, à sua moda. Simplesmente para evitar ficar maluco, logo no início ele banira de seus pensamentos qualquer idéia de que um dia Júlia poderia divorciar-se de Pédio e tornar a se casar com ele. Depois da morte de Sula, a idéia penetrava em seus pensamentos às vezes, em especial quando a solidão era mais aguda. Mas o ato de submeter-se a Sula havia lhe roubado a dignidade como romano; sem dignidade, ele não tinha nem a autoridade nem a vontade de pegar de volta o que tinha sido seu. Era inútil culpar os deuses, ou Caio, ou mesmo Sula. O homem tinha que suportar o próprio destino.

Um escravo porteiro admitiu-o na casa de Pédio. Parecendo surpresa e nem um pouco desconfiada, Júlia recebeu-o numa sala fora do jardim, onde um braseiro estava aceso e os postigos tinham sido fechados para impedir a entrada do frio.

Vê-la foi como uma facada no coração. Mesmo através das dobras folgadas da estola, ele pôde ver que estava grávida. Ela o viu olhando fixo para sua barriga e baixou os olhos.

O catarro chocalhou no peito dele. Ele lutou contra a necessidade de tossir.

Vim porque soube da notícia sobre seu irmão.

Júlia engoliu em seco.

O que foi que você soube?

Que ele foi seqüestrado por piratas.

E?

Só isso.

Júlia franziu o cenho. Aquela notícia era antiga. Ele a alarmara ao fazê-la pensar que sabia de algo que ela desconhecia, e agora ela estava irritada com ele.

Se houver alguma coisa que eu possa fazer... — disse ele, pouco convincente.

É bondade sua, Lúcio, mas Quinto e eu conseguimos levantar o resgate. Ele foi enviado já faz algum tempo. Tudo o que podemos fazer é esperar.

Entendo.

Um leve sorriso iluminou os lábios de Júlia.

Os captores dele devem ser analfabetos. Se tivessem lido o que Caio diz sobre eles em suas cartas, nunca teriam deixado que ele as enviasse.

Cartas dele?

Foi como descobrimos sobre a situação dele. "Querida irma, eu estou preso", escreveu ele... como se não fosse nada de importante! "Podia ter a bondade de conseguir um resgate por mim?" Em seguida, passou a escrever os mais baixos insultos sobre seus captores, o quanto são incultos, o quanto são idiotas. Ouvindo Caio contar, ele está mandando neles: dando ordens, exigindo comida decente e quartos de dormir mais confortáveis, até mesmo tentando ensinar-lhes boas maneiras. "É preciso usar um tom de autoridade com essa gente, como se faz com um cachorro." Como se toda a experiência fosse, para ele, um simples exercício de aprendizado, a maneira certa de lidar com uma tripulação pirata! — Ela baixou os olhos. — É claro que a bravata dele pode ser uma tentativa de me tranquilizar e de não se deixar abater. Afinal, esses homens são ladrões e assassinos. As coisas que eles fazem com as pessoas... as histórias terríveis que a gente ouve...

Júlia tremeu e a voz lhe faltou. Tudo o que Lúcio não podia fazer era correr para ela e tomá-la nos braços. Ele resistiu ao impulso porque não tinha o direito de fazer aquilo e porque não poderia suportar se ela o afastasse com força.

Caio é um sobrevivente — disse Lúcio; *tal como a irmã*, pensou. — Estou certo de que ele vai se sair bem. — Ele tossiu na manga do casaco.

Lúcio, você não está bem.

Pelo barulho, parece pior do que é. Devo voltar para casa, agora. Vim só para oferecer... — Ele deu de ombros. — Não sei por que vim.

Júlia olhou para as chamas do braseiro.

Você queria ver...?

Provavelmente será melhor não ver.

Ele está crescendo muito depressa. Tem apenas 6 anos e já sabe ler! Ele sabe da situação do tio. Tem pesadelos com piratas. Ele se parece muito

com você.

Lúcio sentiu um grande peso no peito, como se uma pedra o estivesse esmagando. Tinha sido um erro ir até ali. Enquanto se voltava para sair, um escravo entrou correndo na sala. O homem segurava um pedaço de pergaminho, bem enrolado e amarrado, e lacrado com cera. Quando Júlia viu o pergaminho, seus olhos se arregalaram.

Éde...?

Sim, patroa. Do seu irmão!

Júlia pegou a carta num gesto brusco e desenrolou-a. Correu os olhos pelo conteúdo, e então começou a chorar. Lúcio se preparou, pensando que devia ser uma notícia má. Então, Júlia jogou a cabeça para trás e deu uma risada.

Ele está livre! Caio está vivo, bem e livre! Ah, isso é uma maravilha! Lúcio, você tem de ouvir isso: "Querida irmã, durante quarenta dias fiquei preso contra a minha vontade. Graças ao resgate que vocês mandaram, fui posto em liberdade. A experiência foi muitíssimo desagradável, mas pouco me prejudicou; não se preocupe com o meu bem-estar. Não posso dizer o mesmo sobre os meus captores. Assim que fui libertado, passei a organizar um grupo para caçar os piratas. Eles deram pouco trabalho; os simplórios idiotas estavam ansiosos por gastar os lucros mal ganhos e seguiram para o porto mais próximo que tivesse uma taberna e um bordel. Nós os capturamos com facilidade e recuperamos uma boa parte do resgate; vou devolver o máximo que puder agora, e o saldo, depois. Quanto aos piratas, montamos cruces numa encosta de morro visível a todos os navios que passassem, e os crucificamos. Durante o meu período no cativo, eu os avisei de que iria fazer com que eles acabassem mal, e foi o que fiz. Eu os vi morrer, um a um. Por favor, espalhe esta notícia para todos de Roma. Cá entre nós, estou muito orgulhoso pelo desfecho de tudo isso. A justiça foi feita, e a dignidade romana foi mantida. O episódio vai servir de um esplêndido tema de campanha quando chegar a hora de eu começar o Curso de Honra."

Júlia riu.

Meu querido Caio... sempre de olho no futuro! Acho que um dia ele vai ser cônsul, não acha?

A boca de Lúcio estava seca. O peito doía de tanto tossir.

Talvez ele seja o próximo Sula — disse ele.

Lúcio! Que coisa horrível!

Ou talvez o próximo Graco... só que é provável que seu irmão vença onde os Graco fracassaram.

Antes que Júlia pudesse responder àquilo, o filho deles entrou correndo na sala. O idoso tutor grego do menino veio atrás, parecendo embaraçado.

Senhora, eu não consegui detê-lo. Foi espalhada pela casa a notícia de que a senhora recebeu uma carta de seu irmão. O pequeno Lúcio quer saber...

Onde está o tio Caio? — gritou o menino. Lúcio percebeu que ele estava usando o fascinum de seus ancestrais. A visão do amuleto tanto o agradou quanto o martirizou. — Onde está o tio Caio? Os piratas ainda estão com ele preso?

Júlia segurou o rosto do menino.

Não, não estão! O bravo tio Caio escapou dos piratas.

Escapou?

Escapou. E então, sabe o que ele fez? Foi atrás deles e os matou.

Todos os piratas?

Sim, todos! O tio Caio os pregou em cruzes e deu-lhes a morte terrível que eles mereciam. Aqueles horríveis piratas nunca mais vão incomodar ninguém.

Porque o tio Caio os matou!

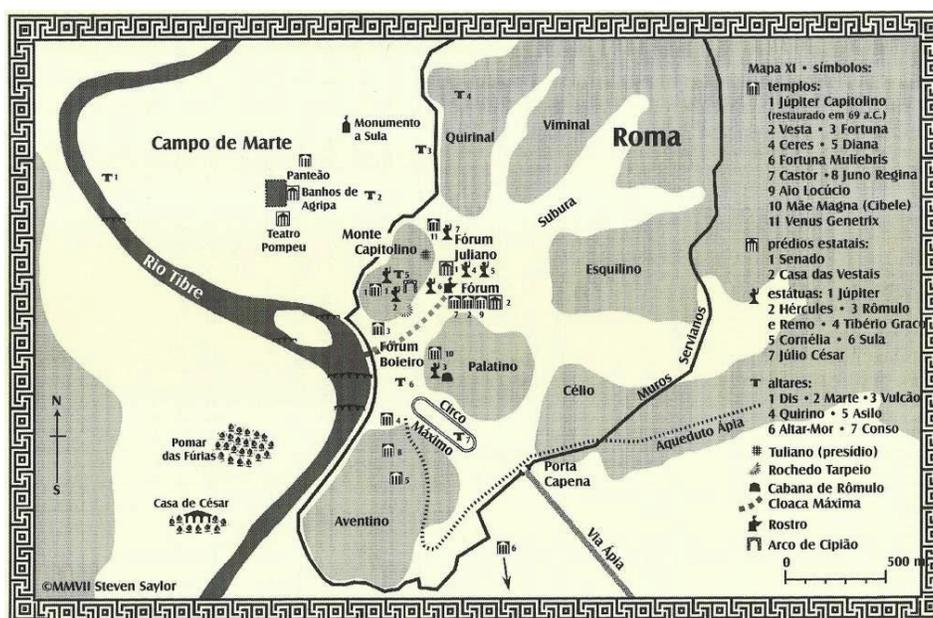
Isso mesmo. Por isso, você não deve mais ter pesadelos sobre eles. Agora, há uma pessoa aqui que você deve cumprimentar.

Júlia ergueu os olhos, mas Lúcio tinha desaparecido.

Na rua, Lúcio tossia violentamente. Seu hálito formava jatos de bruma no ar frio. Ele caminhava depressa, sem destino, os pensamentos embaralhados; o escravo teve que se apressar para acompanhá-lo. Os olhos estavam banhados em lágrimas. As lágrimas que escorriam pelas faces estavam quentes. Toldavam a sua visão. Ele não viu o trecho de gelo nas pedras do calçamento à sua frente. O escravo viu e gritou um aviso, mas foi tarde demais.

Lúcio pisou no gelo. Os membros agitando-se, ele caiu de costas. Bateu com a cabeça numa pedra. Estremeceu e se contorceu, depois ficou muito quieto. Sangue escorria da cabeça.

Ao ver o olhar inexpressivo nos olhos arregalados de seu senhor e a maneira esquisita como o pescoço dele estava torcido, o escravo soltou um grito, mas não havia nada a ser feito. Lúcio estava morto.



CAPÍTULO XI

O HERDEIRO DE CÉSAR

44 A.C.

Estava-se nos Idos de Februarius. Desde a época do rei Rômulo, aquele era o dia destacado para o ritual chamado de Luperciais.

A origem dos Luperciais — a turbulenta ocasião em que os jovens Rômulo e Remo e seu amigo Potído correram nus pelas colinas de Roma, os rostos disfarçados por peles de lobos — há muito que fora esquecida, como acontecia com as origens de muitos dias festivos romanos. Mas acima de tudo o mais, os romanos honravam as tradições que tinham sido transmitidas por seus ancestrais. Prestando uma escrupulosa atenção aos mínimos detalhes, continuavam a observar muitos antigos rituais, sacrifícios, festivais, feriados e sacrifícios expiatórios aos deuses, muito tempo depois de perdidas as origens daqueles ritos.

O calendário romano estava cheio daquelas observâncias enigmáticas, e inúmeros corpos sacerdotais tinham sido criados para mantê-las. Como a religião determinava, ou pelo menos justificava, os atos do Estado, comitês

senatoriais estudavam listas de precedentes para determinar os dias em que certos procedimentos legislativos podiam ou não podiam ser realizados.

Por que os romanos aderiam com tanta fidelidade à tradição? Havia um raciocínio sensato por trás de tanta devoção. Os ancestrais tinham realizado certos rituais e, em troca, foram favorecidos pelos deuses acima de todos os outros povos. Era apenas uma questão de bom senso que os romanos vivos, herdeiros da grandeza de seus predecessores, continuassem a realizar aqueles rituais exatamente como lhes tinham sido transmitidos, quer os compreendessem, quer não. Fazer o contrário era provocar os Destinos. Essa lógica foi a base do conservadorismo romano.

E assim, como seus ancestrais fizeram durante muitas centenas de anos, no dia das Lupercais os magistrados da cidade, juntamente com os jovens de famílias nobres, ficavam nus e corriam pelas ruas da cidade. Levavam tiras de pele de bode e estalavam-nas no ar como se fossem chicotes. Mulheres jovens que estavam ou queriam ficar grávidas corriam de propósito para eles e ofereciam as mãos para ser fustigadas pelas tiras, acreditando que tal ato iria aumentar, num passe de mágica, a fertilidade delas e conceder-lhes um parto fácil. De onde vinha essa crença, ninguém sabia, mas ela fazia parte do grande compêndio de crenças que tinham chegado até elas e, assim, merecia ser observada.

Presidindo às festividades, sentado no Rostro num trono dourado, vestido com magníficas túnicas púrpuras, e acompanhado por uma dedicada comitiva de escribas, guarda-costas, oficiais militares e diversos bajuladores, estava Caio Júlio César.

Aos 56 anos de idade, César era um homem bonito. Tinha um físico perfeito, mas — o que era irônico, devido ao seu cognome — perdera uma grande parte dos cabelos, em especial no topo da cabeça e nas têmporas; o que restava, ele penteava por cima da testa, numa vã tentativa de esconder a calvície. Os homens que o cercavam concordavam com tudo o que ele dizia. Os cidadãos, reunidos para assistir às Lupercais, olhavam para ele com medo, respeito temeroso, ódio e até mesmo amor, mas nunca com indiferença. Segundo as aparências, César poderia ter sido um rei governando seus súditos, exceto pelo fato de não usar coroa.

Uma vida inteira de manobras políticas e conquistas militares tinha levado César àquele ponto. No início da carreira, ele mostrara ser um mestre da atividade política; ninguém podia manipular as convolutas regras do Senado com a habilidade de César, e eram muitas as ocasiões em que

derrotara seus rivais ao invocar alguma obscura questão de ordem. Ele provara ser, também, um gênio militar; em menos de dez anos, conquistara a Gália inteira, escravizando milhões e acumulando uma enorme fortuna para si próprio. Quando seus invejosos e temerosos inimigos no Senado tentaram privá-lo de suas legiões e de seu poder, César marchara contra a própria Roma. Começara uma segunda guerra civil, o grande temor de todo romano desde a época de Sula.

Pompeu, o Grande, que às vezes tinha sido aliado de César, liderara a coalizão contra ele. Na batalha de Farsália, na Grécia, as forças de Pompeu foram destruídas. Pompeu fugiu para o Egito, onde os subordinados do menino-rei Ptolomeu o mataram e deram sua cabeça de presente a César.

César tinha percorrido o Mediterrâneo, destruindo todos os vestígios de oposição. Pusera em ordem os Estados vassalos de Roma, confirmando a lealdade de seus governantes e tornando-os responsáveis apenas perante ele. O Egito, o grande produtor de grãos do mundo, continuara independente, mas César se desfizera do rei Ptolomeu e colocara no trono a irmã ligeiramente mais velha do menino, Cleópatra. O relacionamento de César com a jovem rainha era tanto político quanto pessoal; dizia-se que Cleópatra lhe dera um filho. Naquele momento, ela e a criança moravam fora de Roma, na margem oposta do Tibre, numa imponente casa adequada a um chefe de Estado visitante.

A autoridade de César era absoluta. Tal como Sula antes dele, ele assumia com orgulho o título de ditador. Ao contrário de Sula, não mostrava tendência alguma de um dia abdicar do poder. Ao contrário, anunciava de público a intenção de reinar como ditador pelo resto da vida. "Rei" era uma palavra proibida em Roma, mas César era rei em tudo, exceto no nome. Ele acabara com as eleições e nomeara magistrados para exercerem o cargo por vários anos; seu braço direito, Marco Antônio, servia como cônsul. Os quadros do Senado, reduzidos pela guerra civil, tinham sido preenchidos por novos membros escolhidos a dedo por César. Entre os novos senadores estavam, para ofensa de muitos, alguns gauleses, cuja lealdade era maior para com César do que para com Roma. Não estava clara a função que o Senado exerceria dali por diante, exceto aprovar as decisões de César. Ele tinha dado o controle da emissão de moedas e do tesouro público a escravos e libertos seus. Toda a legislação e toda a moeda estavam sob o seu controle. Sua fortuna pessoal, adquirida ao longo de muitos anos de

conquista, era de um volume inimaginável. Perto dele, os homens mais ricos de Roma eram indigentes.

Qualquer que fosse o seu título, ficara claro, para todos, que o triunfo de César assinalara a morte da República. Roma não seria mais governada por um Senado de iguais que competiam, mas por um só homem com poder absoluto sobre todos os demais, inclusive o poder de vida e morte.

A longa guerra civil interrompera muitas tradições. Como todo o poder estava agora nas mãos do ditador vitalício, cabia a ele supervisionar um retorno à normalidade. E assim, nos Idos de Februarius, César sentou-se num trono no Rostro e presidiu as Lupercais.

Entre os corredores reunidos no Fórum, esticando as pernas e se preparando, estava Lúcio Pinário. Sua avó tinha sido a falecida Júlia, uma das irmãs de César. Seu avô tinha sido Lúcio Pinário Infélix — "o Azarado" — assim chamado, segundo disseram ao jovem Lúcio, por causa de sua morte prematura em consequência de uma queda numa rua coberta de gelo. Lúcio estava com 17 anos e já havia corrido nas Lupercais antes, mas sentia uma agitação especial por estar fazendo aquilo naquele dia, sob a presidência de seu tio-avô Caio.

Um homem corpulento, com um peito largo e peludo e membros poderosos, aproximou-se dele andando com ares de superioridade. Alguns homens, quando chegam aos 35 anos, começam a amolecer e engordar, mas não Marco Antônio. Ele tinha um ar de imensa confiança; parecia inteiramente à vontade, até mesmo satisfeito, ao ser visto nu em público. Lúcio ainda tinha o corpo de um garoto, esguio e liso, e teve inveja do físico atlético de Antônio; Lúcio achava que o homem estava com um aspecto excelente. Lúcio também ficara fascinado pela reputação do cônsul quanto à boa vida; ninguém podia jogar mais, beber mais, brigar mais ou pegar mais prostitutas do que Antônio. Mas Antônio era um sujeito tão camarada, que Lúcio nunca se sentia constrangido ou tímido perto dele, como acontecia com freqüência quando estava com o tio.

O que é isso? — Antônio deu uma batidinha do pingente que estava pendurado numa corrente no pescoço de Lúcio.

Um talismã, cônsul — disse Lúcio.

Antônio resfolegou.

Me chame de Marco, por favor. Se um dia eu ficar tão inchado que meus amigos tenham que me chamar por um título, enfie um alfinete em mim.

Lúcio sorriu.

Muito bem, Marco.

Onde foi que você conseguiu isso? — perguntou Antônio, referindo-se ao pingente. — Um presente de César?

Ah, não, é uma herança de família, pelo lado de meu pai. Ele o passou para mim no meu dia da toga, o ano passado.

Antônio olhou atentamente para o amuleto. Seus olhos estavam um pouco injetados devido à farra da noite anterior.

Não consigo distinguir a forma.

Ninguém consegue. Nós não temos certeza quanto ao que ele é. Meu pai diz que foi gasto pelo tempo. Ele diz que é muito, muito antigo, talvez da época dos reis, ou mesmo antes.

Antônio fez um gesto afirmativo com a cabeça.

"Da época dos reis"... é o que dizem as pessoas quando se referem a algo tão antigo que nem dá para imaginar. Como se uma época de reis nunca pudesse tornar a acontecer.

Ele ergueu os olhos para o Rosto e fez com a cabeça um sinal para César, que respondeu com um gesto igual e depois se levantou para se dirigir à multidão.

Cidadãos! — bradou César. A única palavra calou a multidão e conquistou para ele a atenção de todos. Entre suas outras qualidades, César era um dos melhores oradores de Roma, capaz de projetar a voz a uma grande distância e a falar de improviso e com grande eloquência sobre qualquer assunto. Naquela ocasião, sua fala foi curta e concisa.

Cidadãos, estamos reunidos para assistir a um dos mais antigos e venerados de todos os rituais, as corridas das Lupercais. Os mais altos servidores do Estado e os jovens de nossas famílias mais antigas irão participar. As Lupercais nos levam de volta à época pastoral de nossos ancestrais, quando os romanos viviam junto à terra, junto aos seus rebanhos e junto aos deuses, que deram a Roma os dons de fertilidade e abundância.

"Cidadãos, nos últimos anos, devido às interrupções provocadas pela guerra, muitos rituais foram negligenciados ou realizados de maneira superficial. As Lupercais têm sido corridas com um contingente muito pequeno e com pouco entusiasmo. Mas desprezar nossas obrigações religiosas é desprezar nossos ancestrais. Realizar nossos rituais vitais com uma adequação sofrível é fazer uma adoração apenas adequada aos deuses. Hoje, tenho o prazer de dizer, temos um contingente muito numeroso e

muito robusto para correr as Lupercais. Nossa adorada cidade tem tido sua população reduzida pelos infortúnios da guerra; muitos ótimos homens foram perdidos. Mas com o estalar das tiras sagradas, que esses corredores iniciem o repovoamento de Roma! Que todas as mulheres em idade de engravidar ofereçam o pulso! Que haja alegria e abundância!

"Cidadãos, os sacerdotes observaram os auspícios para hoje. Os auspícios são bons. Portanto, ao erguer a minha mão, eu, Caio Júlio César, o seu ditador, declaro que as Lupercais podem começar!

A uma explosão de aplauso por parte da multidão, os corredores partiram. O curso iria levá-los a vários pontos por toda a cidade, e eles iriam fazer o percurso três vezes, ao todo.

Lúcio ficou perto de Antônio. Ele gostava da familiaridade com que o homem o tratava, como se os dois fossem velhos companheiros de bebidas ou colegas guerreiros, inclinando-se mais para perto para dizer uma piada sobre um traseiro caído de um dos magistrados que participavam, ou fazer comentários lascivos sobre as mulheres reunidas ao longo do caminho. Ao verem Antônio, mulheres sussurravam e davam risinhos abafados, provocando uma às outras para se adiantarem e apresentarem os pulsos para receberem a batida. Como era fácil Antônio flertar com elas!

Quando Antônio viu que Lúcio se continha, estimulou-o a avançar.

Rosne para elas... elas adoram! Corra em volta delas. Não tenha medo de olhá-las bem nos olhos, e de alto a baixo. Imagine que você é um lobo escolhendo a mais rechonchuda das ovelhas.

Mas, Marco, não sei se tenho...

Bobagem! Você ouviu o que seu tio disse, rapaz: este é o seu dever religioso! Venha comigo e faça o mesmo que eu fizer. Peça um pouco de coragem a esse amuleto que está usando!

Lúcio respirou fundo e fez o que lhe mandaram. Com Antônio indo na frente, era fácil. Ele sentiu a força das pernas enquanto elas o levavam adiante, e a invasão do ar nos pulmões. Viu os rostos sorridentes das garotas reunidas ao longo do percurso, e sorria para elas. Estalava sua tira no ar, Jogava a cabeça para trás e uivava.

Uma sensação de euforia tomou conta dele, e a natureza sagrada do ritual lhe foi revelada. Quando correria nas Lupercais antes, ele cumprira o seu dever de cor, sem se abandonar ao espírito da ocasião. O que havia de diferente naquele dia? Em primeiro lugar, ele era um homem, e Antônio estava a seu lado, e seu tio-avô Caio era o indiscutível governante de Roma,

presidindo o renascimento do mundo. A grande fonte da fecundidade da Terra, que encontrava expressão nas Lupercais, correu por Lúcio. Quando bateu no pulso de uma jovem eufórica e sorridente com a sua tira, sentiu uma conexão com algo divino como nunca sentira antes. A sensação manifestou-se fisicamente, também. De vez em quando, ele sentia um movimento agradável e um peso entre as pernas. Deu uma olhada para o sexo de Antônio e viu que o amigo também estava ligeiramente excitado.

Antônio percebeu a mudança em Lúcio e riu.

É isso aí, meu rapaz! Assim é que se faz!

Eles completaram o primeiro circuito e correram de volta pelo Fórum, onde uma multidão ainda maior tinha se reunido em frente ao Rostro. O público queria estar presente para o término da corrida, e para o festival público que viria em seguida. Quando os corredores passaram pelo Rostro, César continuou sentado no trono, mas ergueu o braço numa saudação.

Espere por mim aqui — disse Antônio a Lúcio. Ele se separou do grupo e subiu o Rostro, dando passos gigantescos. De algum lugar (ele não o estivera levando antes) tirou um diadema feito de ouro e envolto em folhas de louro. Ergueu o diadema bem alto, para que todos que estavam na multidão pudessem ver. Ajoelhou-se diante de César, depois se levantou e segurou a coroa acima da cabeça de César.

A multidão reagiu com surpresa. Aquilo não fazia parte do ritual das Lupercais. Alguns riram, outros ovacionaram. Uns poucos ousaram zombar e grunhir, desaprovando. César abafou um sorriso. Conseguindo ficar muito sério, ergueu a mão e impediu que Antônio colocasse a coroa em sua cabeça.

A multidão aplaudiu e ovacionou. César ficou sentado, imóvel. Só os olhos se mexiam, percorrendo a multidão, observando atentamente a reação dela. Com a mão erguida, fez um gesto de dispensa, indicando que Antônio devia continuar a corrida.

O que foi isso? — perguntou Lúcio, quando Antônio voltou para o grupo.

Numa das mãos, Antônio ainda segurava o diadema; na outra, a tira de pele de bode. Ele deu de ombros.

O brilho da careca de seu tio-avô estava me cegando. Achei que ela precisava de algo para cobri-la.

Marco, fale sério.

Para um homem com a idade de César, não há nada mais sério do que uma careca.

Marco!

Mas Antônio não quis dizer mais nada. Ele grunhiu e uivou e saltou em direção a um grupo de jovens que gritaram de emoção. Lúcio foi atrás, ansioso por recuperar a euforia que sentira durante o primeiro circuito.

Quando atravessaram o Fórum correndo para fazer a segunda passagem diante do Rostro, a multidão tinha aumentado ainda mais. Uma vez mais, Antônio abandonou o grupo e correu para a plataforma. Uma vez mais, exibiu o diadema para a multidão. Alguns dos presentes começaram a cantar: "Coroe! Coroe!" Outros gritavam: "Um rei, nunca; uma coroa, nunca! Um rei, nunca; uma coroa, nunca!"

Como um mímico num palco, Antônio exagerou bem o ato de tentar colocar o diadema na cabeça de César. Uma vez mais, César recusou-a, delicado, abanando a mão como que para afastar um inseto que zumbia. A reação da multidão foi ainda mais entusiástica do que antes. Ela ovacionou e bateu os pés.

Antônio retirou-se e voltou para o grupo.

Marco, o que é que está acontecendo? — perguntou Lúcio.

Antônio resmungou.

César é o meu comandante. Eu estava pensando que aquela careca vulnerável bem que poderia usar um pouco de cobertura estratégica.

Marco, isso não tem graça!

Antônio abanou a cabeça e deu uma risada.

Não há nada tão engraçado quanto a careca do seu tio-avô! — E não disse mais nada.

Eles completaram o terceiro e último circuito. Uma imensa multidão se reunira em frente ao Rostro, formada não apenas pelos piedosos e por aqueles que desejavam tirar vantagem do festival, mas por muitos outros, porque a notícia da recusa de uma coroa por parte de César tinha se espalhado por toda a cidade. Quando Antônio subiu para o Rostro, os cantos adversários eram ensurdecedores.

Coroe! Coroe!

Um rei, nunca; uma coroa, nunca! Um rei, nunca; uma coroa, nunca!

Uma terceira vez, Antônio tentou colocar o diadema na cabeça de César. Pela terceira vez, César a recusou.

O aplauso foi trovejante.

César se pôs de pé. Ergueu as mãos, pedindo silêncio. Tirou o diadema de Antônio e ergueu-o bem alto, acima, de sua cabeça. A multidão ficou olhando, em suspense. Por um instante, parecia que César poderia coroar a si mesmo.

Cidadãos! — bradou ele. — Nós, os romanos, conhecemos apenas um rei: Júpiter, rei dos deuses. Marco Antônio, pegue de volta este diadema e leve-o para o Templo de Júpiter. Ofereça-o ao deus em nome de Caio Júlio César e do povo de Roma.

O aplauso da multidão foi ensurdecedor. César tornou a erguer as mãos, pedindo silêncio.

Eu declaro que as Lupercais foram bem e verdadeiramente corridas. Que os festejos comecem!

Em meio à multidão que crescia, Lúcio ficou parado em frente ao Rostro e ergueu os olhos para seu tio-avô. Não sabia o que pensar do espetáculo a que acabara de assistir, nem o que achar da reação da multidão. A Lúcio pareceu que aqueles que cantavam "Coroe!" tinham ovacionado com mais força

quando César recusara a coroa, como se o próprio ato de rejeição do símbolo lhe desse o poder que o símbolo representava. Os que tinham cantado "Um rei, nunca; uma coroa, nunca!" também tinham ovacionado; seriam eles tão idiotas a ponto de acreditar que por César ter recusado um diadema ele não era, de fato, o rei deles? "Em política, a aparência é tudo", dissera-lhe Antônio um dia. Mesmo assim, era tudo muito confuso.

Lúcio também não estava certo quanto a como julgar César. Todo homem, toda mulher e toda criança de Roma pareciam reverenciar ou desprezar o homem com uma grande intensidade, mas para Lúcio, César sempre fora o tio Caio, um pouco legendário, sem dúvida, mas muito humano, com seu ar preocupado, seus cabelos penteados para cobrir a calvície, e seu hábito ligeiramente absurdo de referir-se a si mesmo na terceira pessoa. César pairava sobre Lúcio a vida toda e, no entanto, sempre parecia um pouco distante e indiferente. Na verdade, sempre que os dois tinham ficado a sós, Lúcio percebera um mal-estar no comportamento do tio-avô. Havia vezes em que César desviava os olhos em vez de encarar Lúcio. Por que seria?

Algumas vezes, o pai de Lúcio fizera referências veladas a uma dívida que César tinha para com a família, mas nunca explicara. Lúcio sentia que algo trágico ou vergonhoso ocorrera no passado, o tipo de coisa

que os adultos nunca discutiam diante de crianças. Ele fazia uma idéia, apesar de não saber dizer o motivo, de que o caso envolvia seus avós, Júlia e Lúcio, o Infeliz. O que foi que César fizera a eles, ou deixara de fazer? Provavelmente havia dinheiro envolvido, ou um insulto à dignidade de alguém, ou ambos. Qualquer que tivesse sido o lapso ou a transgressão, não havia dúvida de que era um assunto muito pequeno quando comparado com a escravização da Gália ou a carnificina da guerra civil. Ainda assim, Lúcio estava curioso. Agora que era um homem, será que iriam contar-lhe o que acontecera naquela época misteriosa, distante, antes de ele ter nascido?

UM MÊS DEPOIS — NA véspera dos Idos de Martius — Lúcio Pinário compareceu a um jantar em casa de Marco Lépido, no Palatino. Lépido lutara sob as ordens de César e agora servia como Mestre do Cavalo do ditador. O próprio César estava presente, como estavam Marco Antônio e vários outros dos oficiais de maior confiança de César.

Antônio bebia mais do que ninguém. Não mostrava nenhum sinal óbvio de embriaguez — a voz não estava arrastada, os gestos eram controlados — mas os olhos tinham um brilho travesso.

Então, comandante, qual é o grande comunicado que o senhor nos reuniu para ouvir esta noite?

César sorriu. Ele mantivera o suspense durante o prato de peixe e o prato de caça, mas parecia que Antônio não iria sujeitar-se a comer o manjar sem ouvir o que César tinha a dizer.

Você ficou enfiado e impaciente muito depressa, Antônio. Bem, acho que ultimamente eu mesmo tenho estado um pouco enfiado. Foi por isso que pedi ao Lépido que convidasse este grupo para jantar. Alguns de vocês me serviram na Gália, e viram a rendição de Vercingetórix. Alguns me serviram em Farsália, onde derrotamos Pompeu. Alguns estiveram em Alexandria, onde estabelecemos a paz entre os egípcios briguentos, apesar das traições e ardis deles. E alguns estiveram em Tapso, onde Catão encontrou o seu fim. Todos vocês foram testados em combate... ou serão, em breve. — Ele sorriu e olhou para Lúcio. — Vocês formam um bando seleta, a nata dos guerreiros de Roma. Vocês são os homens em quem eu mais confio. Foi por isso que quis encontrar todos esta noite, antes do comunicado oficial que vou fazer amanhã.

Sim! — sussurrou Antônio. — Trata-se de...

Pártia — disse César, que se recusou a deixar até mesmo Antônio dizer a palavra antes dele. — Eu cheguei a uma conclusão sobre a exeqüibilidade de uma invasão de Pártia.

Houve uma certa agitação pela sala. Todos sabiam o que César devia estar prestes a dizer, mas a magnitude do tema era tal, que não podia ser totalmente verdadeiro até que as palavras fossem ditas em voz alta.

- E? — disse Antônio, mexendo-se como um menino.

César riu.

Paciência, Antônio! Paciência! O manjar está a caminho. Vamos degustar pedaços tenros de ave e carne de porco num manjar de ovos temperado com garo. Não é verdade, Lépido? Lépido tem um dos melhores cozinheiros do Palatino...

Comandante, por favor!

Muito bem, o manjar vai ter que esperar. — César pigarreou. — Suponho que vou ter de apoiar isso, e todos vocês devem pegar suas taças. Meus bons amigos: amanhã, César vai apresentar um pedido ao Senado... e o Senado, tenho certeza, *vai* concordar. — Aquilo provocou um riso moderado.

César vai pedir um novo comando. A finalidade específica desse comando será uma campanha militar contra... Antônio, você parece que vai explodir.

Houve mais risadas, até que afinal César disse a palavra que eles esperavam ouvir: — Pártia!

Pártia! — gritaram eles, erguendo suas taças.

Então o rumor era verdade, pensou Lúcio, esvaziando sua taça com os demais. Seu tio-avô, não se contentando em ter dominado todo o mundo mediterrâneo, voltara sua mira para mais uma conquista: a terra dos antigos persas que, desde a conquista por Alexandre, tornara-se o reino da Pártia.

Em todo o mundo conhecido, a Pártia era a única potência que poderia rivalizar com Roma. Quando Lúcio tinha 9 anos de idade, um homem chamado Marco Licínio Crasso, que ficara famoso por ter sufocado a grande revolta de escravos liderada por Espártaco, conduziu um exército romano para enfrentar os párticos, usando a Síria como base de operações. Crasso tinha sido o homem mais rico de Roma e o equivalente político a Pompeu e César; por um certo tempo, os três formaram o chamado Triunvirato, que equilibrou temporariamente a rivalidade entre eles, apesar de cada um tramar pegar uma fatia maior do poder. A aposta de Crasso na

fortuna tinha sido a invasão da Pártia. Ele esperara realizar ali o que César já conseguira na Gália, colhendo riqueza e glória — só que os fabulosos espólios da Pártia iriam exceder, em muito, qualquer coisa a ser tirada da Gália.

Em vez disso, Crasso encontrara Nêmesis. Na batalha de Carras, seu exército foi cercado e submetido a uma implacável barragem de flechas párticas que penetravam em armaduras. Liderando uma unidade de cavalaria para tentar atravessar as linhas párticas, o filho de Crasso, Públio, morreu; sua cabeça foi decepada e usada para zombar de seu tristonho pai. Depois da

perda de 20 mil soldados romanos e da captura de outros 10 mil, os párticos ofereceram uma trégua a Crasso e depois o traíram e o mataram, e o decapitaram como tinham feito com o filho. Os párticos comemoraram o triunfo sobre os invasores romanos com grande pompa e deram a cabeça de Crasso de presente ao aliado deles, o rei da Armênia, que, segundo diziam, a usara numa produção da peça de Eurípides, *As bacantes*. Crasso tivera a esperança de ser a cabeça do mundo; em vez disso, sua cabeça tornou-se parte do cenário de uma peça teatral.

A sombra da derrota de Crasso perseguira os romanos desde então. Os párticos apareciam como o grande e inconquistado inimigo do Leste. Agora que a guerra civil tinha resolvido a luta pelo poder dentro da fracionada República, parecia natural que o senhor de Roma voltasse sua atenção para a Pártia.

Deixem que eu diga logo que o valor militar dos párticos não deve ser desprezado — disse César. — Mas também não deve ser superestimado. Não devemos desanimar com a derrota de Crasso. Para ser sincero, como comandante ele não era igual a qualquer homem aqui... e eu incluo você, Lúcio, apesar de não ter sido testado. Como oficial principiante, Crasso serviu bem a Sula, mas sempre foi ofuscado por Pompeu. É verdade que ele acabou com a revolta de escravos de Espártaco, mas depois o Senado se recusou a dar-lhe uma marcha triunfal, e por um bom motivo; teria sido indecoroso um romano celebrar uma vitória sobre um exército de escravos. A campanha pártica foi a tentativa desesperada de Crasso de deixar a sua marca como militar. Ele falhou, por tentar alcançar o que não podia.

Mesmo assim — disse Antônio —, se formos enfrentar os párticos, eu pretendo ver se meu testamento está em ordem. — A piada horrível era típica do seu humor, em especial quando ele estava bebendo.

A observação de Antônio foi saudada por vaias bem-humoradas por parte dos outros, mas César afastou as objeções deles.

Antônio falou com propriedade. O meu testamento está guardado em segurança pelas virgens vestais. O homem tem de pensar no dia em que tudo o que restar dele será o seu nome. Enquanto as pessoas citarem o seu nome, sua glória estará viva. Quanto aos bens materiais, muitos ou poucos, deve-se tomar as providências para que sejam distribuídos de acordo com a sua vontade.

César olhou para Lúcio, depois para Antônio, mas o significado dos olhares era difícil de decifrar.

Que cláusulas o testamento de César poderia conter? Ninguém sabia. César era rei em tudo, menos no nome, mas um rei sem um herdeiro certo. Ele nunca reconhecera o filho de Cleópatra como seu. Rumores afirmavam que Marco Júnio Bruto, que tinha lutado contra César e sido perdoado por ele, era um bastardo de César, mas César nunca reconhecera tal possibilidade. Os parentes homens mais chegados a César eram filhos de suas duas irmãs — o sobrinho Quinto Pédio, que o servira na Gália, e os jovens sobrinhos-netos, Caio Otávio e Lúcio Pinário. Dos três, só Lúcio estava presente ao jantar; os outros estavam fora de Roma, em missões militares.

Antônio observou a ausência deles.

É pena que seus outros dois sobrinhos não tenham podido estar aqui esta noite.

É. Mas todos os três terão a oportunidade de se cobrirem de glória na campanha pártica. Quinto já foi testado em combate. Quanto a Caio... — Os olhos de César brilharam; ele gostava muito de Caio Otávio. — Ele tem apenas 18 anos, mas é cheio de ânimo; ele me lembra de mim mesmo, nessa idade. Apesar dos infortúnios do último ano... doença e naufrágio... ele conseguiu tomar parte na última incursão contra os remanescentes pompeístas na Espanha, e se saiu bem. Perdeu o pai quando tinha apenas 4 anos. Eu também perdi o meu quando era criança, e por isso fiz o possível para tomar conta dele. E ele também não é um mau orador.

Ele teve o melhor professor possível — disse Antônio.

César abanou a cabeça.

Não fui eu. Isso é da natureza dele. Ainda me lembro do elogio fúnebre que ele fez no funeral da avó, quando tinha apenas 12 anos.

E esse sujeito aqui? — disse Antônio, sorrindo para Lúcio. Por um instante, Lúcio receou que o homem fosse estender a mão e embaralhar-lhe os cabelos, como se ele ainda fosse um menino. Ouvir César elogiar seu primo Caio fez com que Lúcio se sentisse muito cômico de sua falta de realizações.

Lúcio está apenas começando a carreira — disse César. — Mas estou de olho nele. A Pártia lhe dará a chance de mostrar ao mundo como ele é.

À campanha pártica, então! — disse Lúcio, segurando impulsivamente a sua taça e erguendo-a bem alto.

À campanha pártica! — disse Antônio. Ele e os demais juntaram-se ao brinde. César acenou com a cabeça, aprovando.

Houve mais comida e mais vinho. A conversa mudou. Lépido comentou o fato de César ter achado por bem restaurar as estátuas de Sula e de Pompeu, que tinham sido derrubadas e esmigalhadas pela turba na esteira da vitória de César. Por que teria César recolocado seus inimigos em seus pedestais?

Lépido, você sabe que sempre foi uma política de César mostrar clemência; a vingança nada traz ao homem a longo prazo. Sula, apesar de seus crimes, e Pompeu, apesar de seus erros fatais, foram grandes romanos. Eles merecem ser lembrados. E assim, por ordem de César, a estátua dourada de Sula a cavalo estará, em breve, de volta ao seu pedestal perto do Rostro. A estátua de Pompeu já voltou ao seu lugar de honra, na sala de reuniões no teatro que Pompeu construiu no Campo de Marte. É lá que o Senado irá reunir-se amanhã. A estátua de Pompeu irá testemunhar o meu pedido do comando para a Pártia.

Ele pegou um pedaço de manjar e sorriu.

Foi bom Pompeu ter dado a Roma seu primeiro teatro permanente. Quando nada, nos lembraremos dele por isso. Quanto a Sula, ele foi um bronco político ao abdicar da ditadura. Mas se ele não tivesse feito isso, onde estaria César hoje?

Onde estaríamos todos nós? — perguntou Antônio, que viu a oportunidade para mais um brinde.

Lúcio, por fim, sentiu-se suficientemente incentivado pelo vinho e pela camaradagem dos outros para entrar na conversa.

Tio — disse ele —, posso ter a ousadia de perguntar quais são suas intenções em relação a Roma?

O que você quer dizer, rapaz?

Refiro-me às suas intenções para com a cidade propriamente dita. Há um boato de que o senhor pode deslocar a capital para o antigo local de Tróia, ou mesmo para Alexandria.

César olhou para ele com um olhar travesso.

Como é que esses boatos começam? Eu me pergunto: por que Tróia?

Lúcio deu de ombros.

Meus tutores alegam que existe um antigo elo entre Tróia e Roma. Há muito tempo, mesmo antes da época de Rômulo e Remo, o guerreiro troiano Eneas sobreviveu à queda de sua cidade, fugiu atravessando o mar e instalou-se perto do Tibre. A linhagem de sangue dele corre no sangue dos romanos.

E por isso eu deveria abandonar a cidade em que nasci e erguer minha capital em Tróia? — disse César. — Sem dúvida, sua localização na costa da Ásia fez dela um ponto central entre Oriente e Ocidente, especialmente se nossas possessões forem expandidas até a Pártia e além dela. Mas, não, eu não vou construir uma nova capital em Tróia. E por que eu iria transferir a capital para Alexandria? A razão para esse boato é óbvia, acho eu. Entre Roma e o Egito existe agora, digamos, um relacionamento especial.

Você colocou uma estátua da rainha Cleópatra no seu novo Templo de Vênus, bem ao lado da deusa — observou Antônio.

Coloquei. Pareceu-me um gesto apropriado para comemorar a visita oficial que ela fez. Quanto a Alexandria, é uma cidade muito antiga, muito sofisticada...

Uma cidade fundada por um conquistador, e acostumada a ser governada por reis — disse Antônio.

Mesmo assim, não tenho intenção alguma de fazer dela a capital do mundo.

Mas o senhor pode ver, tio — disse Lúcio —, o motivo pelo qual as pessoas ficam tão perturbadas com esse tipo de rumores. Elas temem que se o senhor levar o tesouro e a burocracia do Estado para um outro lugar, Roma fique reduzida a um lugar afastado, provinciano, e o Senado se torne pouco mais do que um conselho municipal.

César riu.

Por mais divertida que essa teoria possa ser, não tenho intenção de transferir a capital. Penso que deva deixar isso claro no meu discurso aos senadores amanhã, para diminuir as preocupações deles. Os próprios deuses decretaram que Roma deveria ser o centro do mundo; assim será, sempre.

Longe de abandonar a cidade, tenho planos de aumentá-la e enriquecê-la. Meus engenheiros estão trabalhando num plano para desviar o curso do Tibre e construir quebra-mares ao longo da costa, para transformar Óstia num porto tão grande quanto foi Cartago. Pensem no impulso que isso dará ao comércio de Roma!

E por falar em Cartago... — disse Antônio.

César confirmou com a cabeça.

Sim, já comecei a construir novas colônias em Cartago e em Corinto, as duas grandes cidades que nossos ancestrais destruíram num só ano. Os gregos irão elogiar o renascimento de Corinto, e a colônia em Cartago transforma em realidade o antigo e frustrado sonho de Caio Graco. Sim, grandes planos estão em andamento. Grandes planos...

A conversa ficou mais solta à medida que corria mais vinho. Lúcio percebeu que César bebia muito menos do que os outros e que Antônio, muito mais.

Foi Lépido quem levantou o assunto sobre a morte.

Todos nós sabemos como Sula morreu, na cama, com uma doença horrível; mas até o fim, ele se portou como um tirano cruel, ordenando a morte de um outro. Crasso também teve um fim horrível. Depois de Farsália, Pompeu viajou para o Egito, na esperança de fazer uma última resistência, mas os subordinados do rei Ptolomeu o mataram a facadas antes que ele pudesse pisar em terra firme, e depois entregaram sua cabeça como troféu para César. Depois da batalha de Tapso, Catão caiu sobre a própria espada, mas seus leais criados o encontraram e o costuraram; ele teve de esperar até eles dormirem para arrancar os pontos com os dedos e acabar a própria estripação.

E o seu motivo para desfiar esse horrível catálogo, Lépido? — perguntou Antônio.

A morte chega de muitas formas. Se fosse possível escolher, qual seria a melhor morte?

César respondeu logo.

Súbita e inesperada, ainda que sangrenta e dolorosa. Isso seria muito preferível a uma morte lenta. De todos os episódios que você mencionou, Lépido, a morte de Pompeu foi a melhor. Os outros todos viram a sombra da morte muito antes de ela alcançá-los, e devem tê-la previsto com medo, mas até o último minuto Pompeu ainda tinha esperança, embora frágil, e seu fim chegou de surpresa, apesar de chocante. Sem dúvida, seu corpo foi

profanado, mas quando fiquei de posse de seus restos mortais, providenciei para que fossem purificados e recebessem os ritos adequados. Seu espírito está em paz.

O JANTAR CHEGOU AO FIM. Os convidados se despediram. César declarou sua vontade de seguir a pé, sozinho com Lúcio, até a casa dos pais dele.

Há um assunto particular que eu gostaria de tratar com o meu sobrinho — disse ele, olhando para Lúcio e depois desviando o olhar.

Sozinho? Só vocês dois? — perguntou Antônio.

Por que não?

Pelo menos alguns de nós deviam ir com você — disse Antônio. — Para sua proteção. Se você precisa de privacidade, poderíamos ficar alguns passos atrás.

César abanou a cabeça.

Com que finalidade César tem feito tanto para agradar ao povo de Roma, com grandes festas populares e diversões, se não para tornar seguro para ele caminhar pela cidade sem um guarda-costas?

É uma bela teoria — disse Antônio —, mas na realidade...

Não, Antônio. Não vou caminhar pelas ruas da minha cidade temendo pela minha vida. Só se morre uma vez. O medo da morte provoca muito mais sofrimento do que o fato em si, e não vou me submeter a isso. Daqui até a casa de Lúcio é uma curta caminhada, e ainda mais curta de lá até a minha. Vou estar perfeitamente a salvo.

Antônio começou a protestar, mas César silenciou-o com um olhar.

Enquanto os dois atravessavam o monte Palatino sozinhos, sob o luar, Lúcio sentiu-se um pouco constrangido, como sempre, na presença de seu tio-avô, e percebeu que César também estava. Várias vezes, César começou a falar, mas depois ficou calado. O maior general do mundo e o segundo maior orador — porque até César cedera o lugar mais alto ao eloqüente Cícero — parecia incapaz de se expressar.

Ao diabo com isso! — murmurou ele, por fim. — Vou falar com a simplicidade que me for possível. Lúcio, seu avô...

Aquele que chamam de Infeliz?

É. Certa vez, ele me fez um grande favor. Ele me salvou a vida.

Como foi que ele fez isso, tio?

É muito difícil falar sobre isso. Na verdade, nunca contei essa história a ninguém. Mas você merece saber a verdade sobre os seus avós, Lúcio, e o sacrifício que eles fizeram por minha causa. Foi durante a ditadura de Sula, no auge das proscricções. Eu era muito jovem, só um ano, mais ou menos, do que você tem agora. Eu corria um grande perigo. Estava também muito doente, sofrendo de febre quartã. — Ele olhou para a lua. À suave luz dela, Lúcio percebeu um lampejo do jovem que César tinha sido. — Talvez seja por isso que agora eu me recuso a temer a morte; já tive medo suficiente da morte quando era jovem. Seja como for, eu fugia de casa em casa, escondendo-me dos capangas de Sula, mas em casa de seus avós um sujeito chamado Fagites me descobriu...

Ele contou a Lúcio sobre o suborno que o avô de Lúcio pagou para salvar-lhe a vida, e mais tarde, na presença do próprio Sula, o extraordinário sacrifício que foi exigido de Júlia e Lúcio, o Infeliz: a dissolução do casamento deles, quando César se recusou a se divorciar de sua mulher por um capricho de Sula.

Sua avó ficou de coração partido, mas adaptou-se depressa; a natureza dela era assim. Mas seu avô nunca mais foi o mesmo. Tornou-se um homem derrotado. Ele tinha agido com honra, mas assim mesmo sentia-se desonrado. Não via como consertar o erro que tinha sido cometido contra ele. Se tivesse vivido, eu talvez acabasse encontrando alguma maneira de recompensá-lo, algum meio de ajudá-lo a recuperar a auto-estima. Mas ele morreu quando ainda era muito moço, e antes que eu pudesse deixar a minha marca no mundo.

Eles tinham estado caminhando a passo lento. César parou de repente.

Você sabe como ele morreu?

Ele caiu num trecho coberto de gelo.

Foi. Você sabe onde?

Lúcio deu de ombros.

Acho que num ponto aqui no Palatino.

Foi exatamente no lugar em que estamos agora.

Sob o luar prateado, não era difícil imaginar as pedras do calçamento cobertas de gelo. Lúcio teve um arrepio.

Segundo o seu cálculo, tio, ele teve uma boa morte: rápida e sem avisar. Talvez os deuses tenham concedido a ele uma morte prematura como uma espécie de misericórdia.

—Talvez. Mas a dívida que eu tinha para com o seu avô tem me pesado desde então. Nem mesmo os deuses podem mudar o passado, e os mortos estão fora do nosso alcance. Mas eu *posso* garantir que você, Lúcio, terá todas as oportunidades para conquistar o seu lugar de honra. Eu teria feito isso de qualquer maneira, porque você é meu parente; mas queria que você ficasse sabendo do sacrifício de seu avô, para que entre nós dois haja uma compreensão do que aconteceu antes. Eu me sentiria recompensado ao ver você conseguir a dignidade que seu avô acreditava ter perdido.

Lúcio refletiu sobre aquilo.

Obrigado por me contar, tio. Não estou certo do que mais eu deva dizer.

Em silêncio, ele refletiu sobre as palavras que César dissera com tanta gravidade. O que "dignidade" e "honra" valiam agora? Num mundo governado por um rei, o antigo Curso de Honra, com cada homem competindo com iguais para se tornar o primeiro homem no Estado, perdera o significado.

César pareceu ler seus pensamentos.

No futuro, o Curso de Honra não terá exatamente o mesmo significado que tinha para nossos ancestrais. Mas homens ambiciosos ainda vão poder conquistar a gratidão de Roma, juntamente com riqueza pessoal e glória, no campo de batalha. Posso lhe confiar um segredo, Lúcio? Algo que não revelei nem mesmo a Antônio?

Ele recomeçou a andar, em direção à casa de Lúcio.

Minhas ambições militares... minhas ambições para Roma... são ainda maiores do que Antônio e os outros supõem. A idéia de conquistar a Pártia os deixa muito agitados, como você viu, mas isso é até onde a imaginação deles consegue chegar. Os planos de César se estendem muito além da conquista da Pártia. Meu sonho é ocupar a Pártia, sim, e depois atravessar o lado oposto do mar Euxino e voltar formando um círculo, conquistar a Cítia e a Germânia e todas as terras que lhes são fronteiriças, atravessar o canal para a Britânia, e depois voltar para a Itália via Gália, acabando onde comecei. Quando César tiver terminado, o domínio de Roma compreenderá um verdadeiro império mundial, cercado por todos os lados por um oceano.

Lúcio ficou impressionado com a grandiosidade daquela visão. Sentiu-se lisonjeado por César confiar nele. Mas César não terminara.

Nenhum império assim existiu antes; nem o império de Alexandre conseguiu ir tão longe. E, é claro, depois de sua morte, as terras que

Alexandre conquistou não continuaram unificadas, mas foram divididas entre os herdeiros dele, com muita confusão e derramamento de sangue. O general de Alexandre, Ptolomeu, fez o possível, quando ocupou o Egito; a rainha Cleópatra é sua descendente direta. Mas o que acontecerá ao império de Roma quando eu morrer, Lúcio? Será um único reino, com um único governante? Será cuidadosamente dividido em muitos reinos, todos fortemente aliados? Ou será dividido em reinos rivais, cada um em guerra contra os outros?

Será que não poderia voltar a ser uma república, tio?

César sorriu, como se estivesse diante de uma teoria excêntrica.

Tudo é possível, acho eu... até mesmo isso! Nenhum homem da minha geração pôde encontrar um meio de fazer a República funcionar, mas talvez homens que venham mais adiante consigam fazê-lo. Enquanto isso, eu penso para a frente. Faço o possível para preparar o caminho do futuro. Pode ser que eu viva até ficar muito velho e encontre um meio de transmitir meu legado intacto; ou posso morrer esta noite, como meu pai e o pai dele morreram, abatidos pelos deuses sem, aviso prévio. No momento, meu testamento beneficia meus herdeiros e, é claro, você está entre eles, Lúcio. Mas se o meu poder durar e meus planos derem fruto, serão necessárias providências mais complicadas.

"Eu lhe digo tudo isso, Lúcio, porque pode ser que os deuses tenham para você um destino muito especial. Através de sua linhagem dos Júlio, você é descendente de Vênus, exatamente como eu. Do lado de seu pai, você tem um dos nomes mais antigos da história de Roma. Os Pinário são muito antigos; mas você, Lúcio, é muito jovem. Você não realizou nada, por enquanto; mas também não cometeu erro algum. Prepare-se. Seja leal a mim. Prove o seu valor em combate. Observe a conduta de outros homens; adote as virtudes deles e evite seus vícios. Estou pensando especificamente em Antônio. Sei que você se sente íntimo dele. Mas você tem condições de se tornar um homem muito melhor do que ele.

Lúcio franziu o cenho.

O senhor confia muito no Antônio.

Confio. Mas não sou cego quanto aos defeitos dele.

Depois de ter merecido tamanha confiança por parte de César, Lúcio sentiu-se encorajado a perguntar a ele sobre o incidente, um mês atrás, quando Antônio oferecera a César, por três vezes, o diadema durante as Lupercais.

Você estava lá — disse César. — Viu tudo o que aconteceu. O que foi que você pensou?

Acho que o senhor montou o incidente, como se fosse uma peça, para testar a reação dos cidadãos a uma coroa. Quando viu que tanta gente não aprovava, tranqüilizou-os dizendo que não queria ser rei.

César confirmou com a cabeça.

Na política, a realidade e as aparências têm a mesma importância. Não se pode cuidar de uma e desprezar a outra. O homem tem que determinar tanto o que ele é, como o que os outros acreditam que ele seja. É uma questão arriscada, essa história de coroas e títulos. Posso lhe contar mais um segredo?

Lúcio balançou a cabeça.

Amanhã, antes do debate sobre o comando pártico, um dos meus leais senadores fará uma comunicação sobre os Livros Sibílicos. Parece que os sacerdotes encarregados de interpretar os versos descobriram um trecho muito importante, indicando que os párticos só podem ser conquistados por um rei. Recusei o diadema que me foi oferecido por Antônio nas Lupercais, com o aplauso do público. Mas e se o Senado implorasse a César que aceitasse um título real, para garantir a conquista da Pártia?

Então, o senhor vai mesmo tornar-se rei? — disse Lúcio. — E isso vai acontecer amanhã?

César teve um sorriso irônico.

O plano é este: o Senado vai declarar que César é o rei de todas as províncias romanas fora da Itália, com o direito a usar uma coroa em qualquer lugar, na terra ou no mar, exceto na Itália. Esse detalhe técnico satisfará tanto a necessidade de autoridade por parte de César, como a necessidade do Senado e dos cidadãos de se acreditarem livres de um rei. César será o rei do resto do mundo, em nome de Roma.

Lúcio franziu o cenho.

Augúrios e presságios, e os Livros Sibílicos: serão eles apenas instrumentos a ser usados pelos homens? Será que expressam realmente a vontade dos deuses?

Talvez as duas proposições sejam verdadeiras. Os augúrios e os demais são instrumentos, sim; e o homem que dominar esses instrumentos o faz porque goza dos favores dos deuses. É impressionante a frequência com que a vontade divina coincide com os desejos de homens bem-sucedidos. — César sorriu. — É claro que nem todo áugure é favorável. Se eu desse

ouvidos a todos os avisos que recebo de cada adivinho em cada esquina de Roma, jamais poderia ter saído de casa, e sem dúvida não me arriscaria a falar ao Senado amanhã!

O senhor recebeu um aviso específico?

— Numa quantidade que nem dá para contar! Estrelas cadentes, bodes nascidos com duas cabeças, lágrimas derramadas por estátuas, cartas misteriosamente formadas na areia... todos os tipos de presságios foram trazidos à minha atenção no último mês. Alguns desses avisos citam especificamente os Idos de Martius como um dia de mau agouro. Este é um dos motivos pelos quais Antônio vem bancando a mamãe-galinha ultimamente. Ele acha que eu devia estar o tempo todo cercado de guarda-costas. Mas César decidiu ignorar esses chamados agouros e fazer o que quiser.

A tranqüila conversa foi interrompida abruptamente por vozes altas provenientes de uma rua secundária. Um grupo de homens seguia bem na direção deles. César agarrou o braço de Lúcio e puxou-o para uma porta.

Os homens começaram a cantar, alto e horrivelmente desafinados. Era evidente que estavam bêbados. Um deles viu os dois vultos nas sombras da porta e chegou mais perto, olhando bem para eles.

Colhões de Numa! Se não é o descendente de Vênus em pessoa... o nosso querido ditador!

Quem? — gritou um de seus companheiros.

Caio Júlio César!

Seu mentiroso!

Não, eu juro! Venham ver vocês mesmos.

Os homens se amontoaram em torno da porta. Reconhecendo César, ficaram embasbacados por um breve intervalo, e depois iniciaram uma mímica espalhafatosa de se curvarem e se prostrarem.

Rei César! — bradaram. — Todos saúdem o rei!

César não demonstrou medo algum. Sorriu e, com graça, agradeceu os gestos deles com um balançar da cabeça.

Um dos homens cambaleou para trás e abriu os braços, imitando uma crucificação.

Olhem para mim! Sou um pirata! Oh, grande César, tenha pena de mim!

Um outro ergueu a túnica para esconder a cabeça.

Olhem para mim! Eu sou Pompeu, depois que desembarcou no Egito! Misericordioso César, me devolva a cabeça!

E eu sou a rainha do Nilo! — disse outro, adotando ares de efeminado e enfiando os punhos na túnica para imitar seios enormes. — Me violente, grande César! Nosso filho vai ser o próximo rei do Egito!

Os homens continuaram com a bufonaria por algum tempo, e então pareceram esquecer o que estavam fazendo. Acenando em despedida, seguiram em frente e começaram outra canção. Só quando tinham desaparecido de vista, César relaxou o aperto no braço de Lúcio.

Lúcio olhou para o rosto do tio-avô à luz da lua. Os olhos de César brilhavam com uma singular emoção. Por menor que fosse o instante, César sentira um medo verdadeiro. A passagem do medo parecia tê-lo deixado nem irritado nem abalado, mas alegre.

O DIA SEGUINTE FOI o dos Idos de Martius.

Lúcio acordou encharcado de suor. O quarto estava escuro. A fraca luz azul que precede o amanhecer marcava a silhueta dos postigos da janela. Em algum lugar ao longe, um galo cantava.

Ele estivera tendo um daqueles sonhos estranhos no qual o sonhador é participante e observador ao mesmo tempo, ciente de que está sonhando e, no entanto, incapaz de interromper o sonho. Nele, César tinha morrido. Uma grande multidão tinha se reunido para ouvir a leitura de seu testamento. Nos degraus de um templo, uma virgem vestal pegou um pergaminho e o entregou a Marco Antônio. Antônio desenrolou o documento e passou a lê-lo. Lúcio ficou à frente da multidão, mas por mais que se esforçasse, não conseguia ouvir os nomes que estavam sendo lidos. O barulho da multidão era demais. Ele queria mandar os outros se calarem, mas não conseguia abrir a boca para falar. Não podia se mexer nem um pouco. Antônio continuou a ler, mas Lúcio não podia ouvir, falar ou se mexer.

O sonho não era exatamente um pesadelo, mas ele acordou sentindo-se abalado e coberto de suor. Levantou-se desajeitado da cama e abriu os postigos. O galo tornou a cantar. A vista de sua janela mostrava uma confusão de telhados, as espirais irregulares de ciprestes, e um vislumbre do Templo de Júpiter no alto do Capitolino, reconstruído depois de ser destruído por um incêndio na época de Sula. Estava tudo banhado por uma

luz suave; o mundo poderia ter sido feito de mármore antigo e gasto pelo tempo, sem cor ou cantos agudos.

Lúcio encheu os pulmões de ar frio e estimulante. A cobertura de suor evaporou da pele e deixou-o todo arrepiado. O sonho tinha sido opressivo e perturbador, mas agora ele estava acordado. O mundo estava tal como ele o deixara, e o primeiro lampejo de luz do sol nos telhados assinalou o começo de um dia como outro qualquer.

No entanto, numa questão de horas, César iria receber o comando do Senado para iniciar a conquista da Pártia. Ele seria declarado rei de todas as províncias fora da Itália. A era da República acabaria, e uma nova era iria começar.

Ansioso por sair do quarto e deixar para trás o sonho agitado, Lúcio se vestiu depressa. Colocou a melhor túnica, que era de um azul brilhante com bainha amarela, e deu o laço no seu melhor par de sapatos. Quando o povo começasse a ovacionar a decisão de César de fazer guerra contra a Pártia, não ficaria bem o jovem parente de César ser visto usando trajes que estivessem abaixo do que ele tinha de melhor.

Ele saiu de casa e, por uns momentos, andou sem destino, vendo a cidade acordar. Nas grandes casas do Palatino, escravos abriam portas da frente para arejar os vestibulos, apagavam as lâmpadas que tinham ficado acesas a noite toda e varriam os portais. Entre duas casas, Lúcio viu de relance, ao longe, o Fórum Boieiro e a margem do Tibre. No mercado, comerciantes se instalavam. Muitos tinham mostruários especiais de cestos cheios de alimentos. Clientes já formavam fila para comprar os cestos. Lúcio tinha se esquecido de que aquele era o dia de Ana Perena, um dia festivo comemorado apenas pelos plebeus.

Ana Perena era a deusa dos idosos, sempre retratada de cabelos grisalhos, rosto enrugado e costas curvadas; usava uma capa de viagem e levava cestos cheios de alimentos. Sua lenda datava dos primórdios da República, quando os plebeus montaram sua primeira assim chamada secessão, retirando-se em massa da cidade para protestar contra os privilégios especiais dos patrícios e exigir tribunos para sua proteção. Quando os plebeus sofreram escassez de provisões, surgiu entre eles uma mulher idosa que dizia chamar-se Ana Perena, com cestos de alimentos. Por mais alimentos que as pessoas tirassem dos cestos, estes continuavam milagrosamente cheios, e por isso os plebeus nunca passaram fome.

Depois da secessão, Ana Perena desapareceu e nunca mais foi vista. No dia consagrado a ela, os Idos de Martius, famílias plebéias saíam da cidade para fazer piqueniques nas margens do Tibre. Elas preparavam seus próprios cestos de alimentos ou compravam cestos já completos no mercado. Armavam pequenas tendas e estendiam cobertores. Crianças brincavam com bolas e varas na grama. Jovens casais namoravam em caramanchões. Todo mundo comia e bebia o quanto podia, e depois tirava uma soneca nas margens do rio. Ao pôr-do-sol, as famílias plebéias voltavam em peso para a cidade numa procissão informal, cantando canções de elogios a Ana Perena.

O dia festivo pouco significava para Lúcio. Por ser um patrício, ele nunca participara das comemorações. Mesmo assim, atravessando a pé o Fórum, passando por famílias a caminho do rio levando cestos de alimentos, cobertores e brinquedos, ele achou o espírito festivo contagiante. Achou mais engraçado pensar que entre todos aqueles festeiros despreocupados, só ele sabia que aquele dia iria acabar sendo momentoso e memorável, graças aos pedidos especiais que César iria submeter ao Senado.

Pensando em César, Lúcio caminhou para o local diretamente ao norte do antigo Fórum, onde nos últimos anos uma grande área de terra tinha sido limpa e reconstruída pelo seu tio-avô e batizada com o nome dele. O Fórum Juliano era cercado por um enorme pórtico retangular de brilhantes colunas de mármore. Num dos extremos ficava um novo templo dedicado a Vênus, construído de mármore maciço, o comprimento de uma promessa que César fizera à deusa antes de sua vitória em Farsália. Em frente ao templo havia uma fonte adornada com ninfas. Dominando a praça aberta, estava uma imponente estátua de César, vestindo uma armadura, pronto para a batalha, e montado num cavalo de guerra branco.

As obras do Fórum não estavam acabadas. Quando estivessem, o pórtico iria dar para salas de tribunal e escritórios de advocacia. As idas e vindas de escribas, secretários, juizes e advogados iriam fazer do Fórum Juliano um dos pontos mais movimentados de Roma. De certo modo, naquela manhã, Lúcio era a única pessoa presente. Ele passou por baixo da estátua de César, divertido ao ver a expressão séria no rosto de seu tio-avô, e depois passou pela fonte, que estava cheia de água, mas não esguichando. Sua superfície imóvel refletia as perfeitas proporções e a impressionante fachada de mármore do Templo de Vênus.

Lúcio subiu os degraus. Um escravo do templo, que cochilava ao lado da porta, agitou-se quando ele se aproximou. Reconhecendo Lúcio — os parentes do ditador eram visitantes freqüentes do templo de sua ancestral — o escravo apressou-se a abrir-lhe as portas.

Na opinião de Lúcio, o interior do templo era o interior mais bonito em toda Roma, talvez no mundo inteiro. Os pisos, as paredes, o teto e as colunas eram feitos de mármore maciço, num surpreendente conjunto de cores, e recém-polidos, de modo que cada superfície brilhava com um polimento semelhante a um espelho. As paredes opostas do curto vestíbulo estavam decoradas por duas das mais famosas pinturas do mundo, o *Ájax* e a *Medéia*, do renomado artista *Timômaco*. No interior do santuário, exibidas em seis armários com prateleiras, estavam as extraordinárias coleções de jóias e pedras preciosas que César adquirira em suas viagens. Para Lúcio, o artigo mais fascinante era um peitoral de aparência selvagem, decorado com pequeninas pérolas, da ilha de *Britânia*.

No lado dos fundos da câmara, magnífica sobre o pedestal, estava a própria *Vênus*, tal como captada em mármore por *Arcesilau*, o escultor mais bem pago do mundo. A deusa se achava em pé, com um dos braços dobrado para tocar o ombro e o outro ligeiramente esticado; um dos seios estava nu. A moldagem de seus traços serenos e das dobras do fino vestido era extraordinariamente delicada.

Ao lado de *Vênus* ficava uma estátua de *Cleópatra*, igualmente impressionante, executada em bronze e coberta de ouro. A rainha estava retratada não com os grotescos trajes dos faraós, de que os *Ptolomeu* tinham se apropriado quando assumiram o governo do Egito, mas com um elegante vestido grego, mais castamente coberta do que *Vênus* e usando um simples diadema na cabeça. Aos olhos de Lúcio, *Cleópatra* não era uma mulher especificamente bonita — sem dúvida não tão bonita quanto a bela imagem idealizada de *Vênus* a seu lado —, mas mesmo assim, o escultor conseguira captar a indefinível qualidade que tanto cativara um homem como César. A decisão de César, de colocar a estátua dela no novo Templo de *Vênus*, provocara uma intensa especulação sobre suas intenções. Se o propósito do templo era homenagear sua ancestral, que lugar a rainha do Egito tinha ali, a menos que César pretendesse fazer dela a mãe de seus descendentes?

Lúcio só estivera com a rainha uma vez, quando ela chegara a Roma para sua visita oficial. Durante as festas e os entretenimentos, Lúcio tinha sido rapidamente apresentado a ela como um dos jovens parentes de César.

A rainha tinha sido delicada, mas indiferente; Lúcio ficara com a língua inteiramente presa. Desde então, César instalara Cleópatra numa suntuosa casa num jardim, na margem mais distante do Tibre, onde a rainha dera vários jantares pródigos para se apresentar à elite da cidade.

Erguendo os olhos para olhar bem a estátua, Lúcio sentiu um repentino impulso de fazer-lhe uma visita. Por que não? As confidências de César para com ele na noite anterior o encorajaram. Lúcio não era apenas um dos herdeiros do grande homem; era o confidente de César. Tinha tanto direito de fazer uma visita social à rainha do Egito, quanto qualquer outro romano. Claro que não usava o traje formal de sua toga, mas estava com a sua melhor túnica. Ele deu meia-volta, saiu do templo e dirigiu-se para a ponte sobre o Tibre.

Passando pelo mercado no Fórum Boieiro, ele se viu cercado por plebeus indo comemorar a Festa de Ana Perena. Eram tantos os que procuravam sair da cidade, que havia uma fila para atravessar a ponte. No outro lado, os que iam fazer piquenique se dirigiam para os terrenos públicos ao longo da margem do rio, mas Lúcio seguiu rápido para mais adiante, em direção às grandes propriedades privadas fronteiras ao trecho mais agradável do Tibre. Ali, os ricos de Roma tinham sua segunda casa fora da cidade, onde podiam descansar em seus jardins, dedicar-se ao passatempo da moda de criar abelhas, e andar de barco e nadar no rio.

Numa das mais imponentes daquelas casas, que pertencia a César, Cleópatra passara a morar. Quando Lúcio bateu no portão, um escravo egípcio, os olhos com contornos de *kohl*, olhou para ele pela vigia. Lúcio se identificou — "Lúcio Pinário, sobrinho-neto de Caio Júlio César" — e logo depois o escravo abriu o portão.

O grandalhão olhou para além dele.

Só o senhor? — perguntou ele em grego.

Lúcio deu uma risada.

Suponho que a rainha tem muito poucos visitantes que chegam sem uma comitiva, e a pé. Mas sim, só eu. Meu tio tem outro compromisso hoje, como talvez a rainha saiba.

Ele foi conduzido a um ensolarado jardim com vista para o rio. O jardim era projetado de maneira formal, com arbustos bem aparados, caminhos de cascalho e roseiras bem podadas. Enfiadas em meio aos arbustos, havia singulares peças de estatuária grega. Lúcio percebeu uma, de um Eros alado, ajoelhado para tocar numa borboleta, e uma outra de um

menino absorvido em tirar um espinho do pé. Lúcio sentou-se num banco de pedra e olhou para os reflexos de luz matutina do sol no rio.

Você é tão bonito quanto uma estátua.

Lúcio se levantou e girou para ver a rainha, parada perto dele.

Por favor, continue sentado — disse ela. — Eu estava desfrutando a sua visão. Você parecia uma outra estátua do jardim: *Menino romano contemplando o Tibre*.

Não sou um menino, majestade — disse Lúcio, levemente irritado. — Eu teria usado a minha toga, mas...

Os homens romanos e suas togas! Acho que, para mim, sempre parecem um tanto ridículos.

Os homens, ou as togas?

Cleópatra sorriu.

Você é esperto — disse ela. — E é claro que não é um menino. Eu não quis ofendê-lo. Sei o quanto isso pode constranger quando se é jovem mas decidido a ser levado a sério.

A própria Cleópatra não tinha mais de 25 anos de idade. Sua estátua no templo fazia com que parecesse mais velha, pensou Lúcio, tal como acontecera com os trajes reais dela quando a vira pela primeira vez. Mas agora ela usava um vestido de linho simples, sem mangas, amarrado à cintura com uma faixa tecida com fios de ouro. Os cabelos, em geral presos no alto da cabeça, caíam pelos dois lados do rosto. Ela não usava diadema algum. O dia estava no início, e a rainha ainda não estava vestida para visitantes formais.

É bondade sua me receber — disse Lúcio.

Eu não podia rejeitar um parente de César. Está havendo uma comemoração? Minhas sentinelas me disseram que todos os tipos de pessoas estão fora de casa, divertindo-se na margem do rio. Isso tem alguma coisa a ver com o pronunciamento de César no Senado?

Lúcio sorriu diante do engano dela.

A Festa de Ana Perena é um antigo feriado plebeu. Nada tem a ver comigo ou com César. Ele só vai falar ao Senado mais tarde, esta manhã.

Entendo. Tenho muito que aprender sobre os costumes romanos. Talvez você possa me ensinar.

Eu, majestade?

Por direito, a tarefa deveria caber a César. Quando ele estava em Alexandria, dei a ele instruções sobre o protocolo da corte egípcia. Mas

César é ocupado demais. E na cidade há tão pouca gente em que posso confiar!

Mas Vossa Majestade tem conhecido muita gente desde que chegou. Todas as melhores pessoas vêm aos jantares aqui em sua casa.

Sim, e todas se retiram extremamente encantadas com a rainha do Egito... ou fingindo isso, para conquistar favores de César. De vez em quando, recebo notícias sobre a verdadeira reação delas. Aquele tal de Cícero, por exemplo. Na minha frente, o famoso advogado era todo sorrisos e elogios. Pelas costas, escreveu uma carta a um amigo, reclamando que mal suportava estar no mesmo recinto que eu.

Como Vossa Majestade sabe disso?

Ela deu de ombros.

Não se sobrevive como princesa em Alexandria sem aprender como descobrir a verdade. Francamente, não entendo como César permite que aquele homem mantenha a cabeça. Cícero não se opôs e ele na guerra civil e não lutou ao lado de Pompeu?

Sim. Bruto também se opôs a ele, mas depois de Farsália, César perdoou os dois. César é famoso pela sua clemência.

A rainha semicerrou os olhos.

Suponho que funcionando numa república, a clemência fosse uma ferramenta da ciência de governar. César vai aprender novos meios de lidar com os inimigos quando finalmente deixar para trás os últimos vestígios dessa forma primitiva de governo.

Primitiva? — Lúcio levou os ombros para trás. Mais do que nunca, desejou que tivesse usado a sua toga; ela dava ao indivíduo uma sensação de autoridade. — Roma é muito, muito mais antiga do que Alexandria. E acredito que a República romana antecede o estabelecimento de sua dinastia em quase duzentos anos.

Talvez. Mas quando meu ancestral Ptolomeu herdou de Alexandre o controle do Egito, assumiu o título, a insígnia real e o status divino dos faraós que o antecederam. As dinastias deles podem ser rastreadas até milhares de anos atrás, bem no início dos tempos. Em comparação, a civilização dos romanos é muito jovem; infantil, na verdade. As grandes pirâmides foram construídas muitos séculos antes de os gregos sitiarem Tróia, e Roma foi fundada centenas de anos depois que Tróia caiu.

Ela franziu o cenho.

Um dia desses, recebi um grupo de eruditos romanos, para discutir o acervo da Biblioteca de Alexandria. Acabamos falando sobre as origens de Roma, e eles apresentaram uma teoria muito nova. Disseram que um guerreiro troiano, Enéias, escapou do saque da cidade, navegou até as costas da Itália e instalou-se perto do Tibre e, por isso, o sangue de Tróia sobrevive nos romanos. Mas quando pedi provas, eles não tinham nenhuma. Devo me perguntar se os seus eruditos não estão usando um pouco de licença quando falam nesse elo entre Roma e Tróia.

Há quem diga que os historiadores inventam o passado — admitiu Lúcio.

Cleópatra sorriu.

Prefiro inventar o futuro.

Ela caminhou até um local que proporcionava uma vista melhor da água. À jusante do rio, pequeninas ao longe, viam-se figuras descansando na margem.

Conhecemos muito pouco sobre os nossos ancestrais, na verdade, até mesmo nós que podemos citar os nomes deles recuando muitas gerações. Suponho que os Pinário sejam uma família antiga, não?

Havia um Pinário em Roma quando Hércules apareceu e matou o monstro Caco. E os Júlio devem ser tão antigos quanto eles. César diz que a linhagem foi iniciada por uma união com Vênus.

O que faz de César quase tão divino quanto eu. Não há dúvida de que ele se porta como um deus. — Ela sorriu, depois franziu o cenho. — Enquanto estão na Terra, os deuses fazem ótimas coisas; mas quando deixam a Terra, ficam tão calados quanto mortais mortos. Estou sempre rezando para o primeiro Ptolomeu, que sem dúvida alguma foi um deus; eu falo, mas ele nunca responde. Ele lutou ao lado de Alexandre, banhou-se ao lado dele, comeu ao lado dele. Há mil perguntas que eu gostaria de fazer a ele: como era o som da risada de Alexandre? Ele roncava? Que cheiro ele tinha? Mas para essas perguntas não há respostas, e nunca haverá. Os mortos todos viraram pó. O passado é tão impossível de saber quanto o futuro. Quando César e eu virarmos pó, será que os homens do futuro vão saber apenas os nossos nomes, e nada mais a nosso respeito?

Lúcio não conseguiu pensar em nada para dizer. Ele nunca ouvira uma mulher, ou mesmo um homem, falar daquela maneira. Até César tinha a tendência de ruminar mais sobre movimentos de tropas do que questões de eternidade.

Cleópatra sorriu.

É curioso eu ser tão jovem, e César tão velho... mais do dobro da minha idade... enquanto as idades relativas de nossos reinos são o contrário. O Egito é como uma rainha madura, rica, mundana, coberta de jóias, sofisticada até a ponta dos dedos. Roma é uma nova potência forte, impetuosa, briguenta. As duas não precisam estar em desacordo. Em alguns pontos, são aliadas naturais, como César e eu somos aliados naturais.

É isso que os senhores são? Aliados?

Para conquistar a Pártia, César vai precisar da ajuda do Egito.

Mas sem dúvida há algo mais entre vocês do que isso.

Observando os graciosos movimentos, ouvindo-a falar, Lúcio começara a entender a atração que Cleópatra devia provocar em César. Ele também percebera as qualidades que deviam ser tão repelentes para um homem como Cícero, que acreditava nas virtudes sérias, silenciosas e matronais do mundo feminino romano.

Pela primeira vez, Lúcio achava que parecia possível, até mesmo provável, que César pretendesse divorciar-se de sua mulher romana. César tinha uma desculpa viável: Calpúrnia não conseguira lhe dar um filho homem. Se o rei de Roma se casasse com a rainha do Egito, a Pártia seria um presente para o filho deles? O que seria dos outros herdeiros de César?

Um grito infantil irrompeu do lado oposto do jardim. Duas criadas surgiram, parecendo ligeiramente mortificadas. Entre elas estava um garotinho com os braços erguidos. As mulheres o seguravam pelas mãos ou, mais precisamente, o continham, porque ele estava ansioso por livrar-se delas e correr para sua mãe.

Cleópatra riu e bateu palmas.

Venha até aqui, Cesário!

O menino correu para ela. Algumas vezes Lúcio pensou que ele fosse cair, mas Cesário permaneceu ereto durante a distância toda. Jogou-se contra a mãe e agarrou-lhe as pernas, depois ergueu um olhar tímido para Lúcio. Não parecia nada diferente de qualquer outra criança.

Que idade ele tem? — perguntou Lúcio.

Três anos.

Parece grande para a idade.

Ótimo. Ele precisa crescer depressa.

A rainha fez um gesto para as criadas, que foram pegar Cesário e depois se puseram a distraí-lo no jardim.

Agora você vai me dar licença, Lúcio Pinário. César virá me visitar mais tarde, depois de seu pronunciamento perante o Senado. Preciso me preparar. Foi bom você ter vindo me visitar. Você e eu precisamos nos conhecer melhor.

Lúcio voltou para a cidade.

Escolheu um caminho que o levou pelo Bosque das Fúrias. O isolado local sagrado estava deserto e silencioso, exceto quanto aos cantos distantes dos que se divertiam ao longo da margem do rio. Passando pelo altar, Lúcio lembrou-se da história de Caio Graco e do destino terrível que ele tivera naquele exato ponto, caçado e derrubado por seus inimigos e morto por um escravo de confiança, que depois se matou. O tataravô de Lúcio tinha sido amigo de Caio Graco, ou foi isso que contaram a Lúcio; sobre as verdadeiras ligações entre os dois homens, Lúcio nada sabia.

Ele recordou o que Cleópatra dissera: *Nós conhecemos muito pouco sobre os nossos ancestrais, na verdade, até mesmo nós que podemos citar os nomes deles recuando muitas gerações.* Era verdade. O que é que Lúcio sabia sobre aqueles que tinham existido antes dele? Ele sabia os nomes, pelas listas guardadas pela sua família, de casamentos e descendentes, e dos registros oficiais que relacionavam os magistrados da República. Sobre alguns deles, ele ouvira uma história ou duas, embora os detalhes muitas vezes divergissem, dependendo de quem contava. No vestibulo da casa de seu pai, havia imagens em cera de alguns dos ancestrais, de modo que Lúcio fazia uma idéia da aparência deles. Mas dos homens e mulheres propriamente ditos — seus sonhos e paixões, seus fracassos e triunfos — ele não sabia praticamente nada. Para ele, seus ancestrais eram estranhos.

Até a noite anterior, ele nem mesmo sabia do terrível sacrifício feito por seus avós para salvar a vida de César. O que mais ele ignorava? A magnitude da sua ignorância era avassaladora — tantas vidas, tão cheias de incidentes e sentimentos, perdidas para o seu conhecimento por completo e para sempre. O que foi que Cleópatra dissera? *O passado é tão impossível de se conhecer quanto o futuro.* De repente, ele percebeu sua existência como um pontinho iluminado pelo mais fino dos pontos de luz — o *agora* — suspenso entre duas infinidades de escuridão — o *antes* e o *depois*.

Ele saiu do bosque, atravessou a ponte e cruzou, sem pressa, o Fórum Boieiro. Bem perto do Templo de Hércules erguia-se o Altar-Mor, o altar mais antigo de toda a Roma, dedicado a Hércules, que salvara o povo de

Caco. Será que realmente existiram um Hércules e um Caco, um herói e um monstro?

Era o que os sacerdotes diziam, e os historiadores concordavam; assim comprovava o monumento. Se a história era verdade, existira um Pinário entre os romanos já naquela época, e os Pinário, até os primórdios de República, tinham sido incumbidos do dever de manter o Altar-Mor e celebrar a Festa de Hércules. Eles haviam dividido o dever com uma família chamada Potício, que não existia mais. Por que teriam os Pinário abandonado a obrigação? Que fim levaram os Potício? Lúcio não sabia.

Do Templo de Hércules, ele ouviu um homem gritando "Xô! Xô!" Um escravo do templo apareceu na porta aberta, brandindo um espanador feito de rabo de cavalo, para expulsar uma mosca do santuário. Todo mundo sabia que moscas eram proibidas de entrar no templo, porque moscas tinham, num enxame, cercado Hércules e o perturbado quando ele lutava contra Caco. Tampouco os cachorros podiam se aproximar, porque o cão que pertencera a Hércules deixara de avisá-lo sobre a aproximação do monstro. Essas coisas deviam ter acontecido, porque de que outro modo existiriam rituais para comemorá-las, muitas gerações depois?

Lúcio lembrou-se da história dos romanos encurralados pelos gauleses no alto do Capitolino; os gansos deram o alarme, enquanto os cachorros não latiram. Para comemorar aquele evento, todo ano um cachorro era empalado numa estaca e desfilado pela cidade, juntamente com um dos gansos sagrados de Juno levado numa liteira. A primeira vez em que Lúcio assistira àquele espetáculo, quando criança, ficara intrigado e revoltado, até que o pai explicara o significado. Agora, quando via o ritual todos os anos, Lúcio o achava tranqüilizador, uma lembrança tanto do passado da cidade, como da infância dele e da primeira vez em que vira a procissão.

Pensando em todos os muitos rituais que aconteciam durante o ano, e em todas as tradições dos ancestrais preservadas com tanto escrúpulo ao longo dos séculos, Lúcio se sentiu reconfortado. A religião existia para honrar e aplacar os deuses, mas será que também não tornava o passado e o futuro um pouco menos misteriosos e, portanto, menos amedrontadores?

PERDIDO EM PENSAMENTOS, LÚCIO FOI andando para casa. Ao dobrar uma esquina, percebeu que estava muito perto da casa de Bruto. Um impulso fizera com que Lúcio fosse visitar Cleópatra. Um impulso

igualmente espontâneo o levava agora a fazer uma visita a Bruto que, segundo os rumores, era outro dos possíveis herdeiros de César.

Todo mundo sabia que César tinha sido amante da mãe de Bruto, Servília. O fato fora revelado antes de Lúcio nascer, e no plenário do Senado, logo nele. Servília era meia-irmã de Catão, neto do famoso Catão que pedira a destruição de Cartago. Catão tinha sido um dos mais implacáveis inimigos de César. Vinte anos atrás, durante um acirrado debate no Senado sobre uma suposta conspiração por parte do populista Catilina, César tinha sido visto recebendo um bilhete de um mensageiro. Catão, desconfiando de que o bilhete poderia implicar César na trama, insistira para que ele lesse a mensagem em voz alta. César se recusara. Catão ficara mais desconfiado e mais veemente, até que por fim César cedera e lera a mensagem em voz alta. Era um recado amoroso enviado por Servília, irmã de Catão. Catão ficara humilhado. César se divertira bastante. Daquele dia em diante, seu caso com Servília passou a ser do conhecimento público e começou a especulação de que ele poderia ser o pai do filho dela, Marco Júnio Bruto. A atenção especial com que César sempre tratara Bruto, mesmo quando Bruto ficara do lado de Pompeu, alimentara ainda mais aquela especulação.

Qualquer que fosse o relacionamento deles, Bruto estava entre os homens que César escolhera para ocupar vários postos quando começou a reconstruir o governo. Naquele momento, Bruto era pretor encarregado da cidade, mas no ano seguinte partiria para a Macedônia, a fim de servir como governador provincial. Como a campanha pártica de César poderia manter o ditador ausente de Roma por um período indefinido, todas as nomeações daquele tipo tinham sido feitas não pelo prazo habitual de um ano, mas por cinco anos.

Bruto era também um membro-chave do Senado, e ocorreu a Lúcio que ele já poderia ter saído de casa, seguindo para o Campo de Marte e a reunião do Senado na sala de sessões no Teatro de Pompeu. Mas era evidente que Bruto ainda estava em casa, porque enquanto Lúcio se aproximava mais da casa, viu vários homens em togas senatoriais de bordas vermelhas sendo admitidos pela porta da frente. Lúcio presumiu que eles deviam estar se reunindo antes de seguirem em grupo para o plenário. Era evidente que aquela não era uma boa hora para Lúcio fazer uma visita. Mesmo assim, continuou na mesma direção, para a casa de Bruto.

De repente, ouviu o barulho de muitas passadas atrás dele. Um grande grupo de homens o alcançou e passou por ele com rapidez. Lúcio viu uma confusão de togas e percebeu, de relance, vários rostos conhecidos. Não havia dúvida de que alguns senadores o tinham reconhecido, mas nenhum deles emitiu um cumprimento. Desviaram os olhos dele. Enquanto seguiam apressados, trocando sussurros, ele pensou ter ouvido falarem seu nome. Era muito estranho.

Os senadores chegaram à casa de Bruto, bateram na porta e desapareceram no interior.

Lúcio chegou à soleira e olhou, carrancudo, para a porta. O que estaria acontecendo na casa de Bruto? Alguma coisa estava errada. Ocorreu-lhe que os senadores poderiam estar trazendo más notícias — algo a ver com César, talvez? Lúcio tomou coragem e bateu na porta.

Uma vigia se abriu. Lúcio disse o seu nome. Foi examinado por um par de olhos que não piscavam. A vigia se fechou. Lúcio foi deixado esperando tanto tempo que concluiu que tinha sido esquecido e estava para se retirar. Então, uma porta se abriu. Um escravo, de cara amarrada, admitiu-o no vestíbulo.

Espere aqui — disse o escravo e desapareceu.

Lúcio andou lentamente de um lado para o outro. Olhou para os bustos dos ancestrais em seus nichos, mal prestando atenção, até que viu um que era evidentemente mais homenageado do que todos os demais, colocado num nicho especial, tendo de cada lado velas votivas em candeeiros. A máscara parecia muito, muito antiga. Era um rosto famoso, conhecido por todos os romanos devido a estátuas públicas que havia em tudo quanto era canto da cidade.

Essa é apenas uma cópia, é claro — disse uma voz. — As máscaras de cera não duram para sempre, e mais de um ramo da família reivindica a descendência dele, de modo que foi preciso fazer duplicatas. Ainda assim, essa máscara é muito antiga, e muito sagrada, como pode imaginar. As velas são mantidas acesas sempre, dia e noite.

Bruto estava diante dele. Curioso para ver se podia achar uma semelhança, Lúcio olhou do rosto de Bruto para o rosto de seu famoso ancestral e xará — o homem que tinha sido sobrinho do último rei, Tarquínio, que vingara o estupro de Lucrecia, que ajudara a derrubar a monarquia e se tornara o primeiro cônsul, que vira os próprios filhos executados por traição à República.

Lúcio franziu o cenho.

Vocês não têm nada em comum, pelo que posso ver.

Não? Mesmo assim, acho que podemos compartilhar de um destino similar. De qualquer maneira, o exemplo dele me inspira, especialmente hoje.

Será que Bruto estava com febre? Lúcio achou que os olhos do homem tinham um brilho fora do comum.

Por que você veio? — perguntou Bruto.

Não sei ao certo. Passei por acaso. Vi seus visitantes chegando. Achei que alguma coisa... que talvez alguma coisa estivesse errada...

A voz dele morreu quando um outro homem apareceu atrás de Bruto. Caio Cássio Longino era cunhado de Bruto, casado com a irmã dele. Era um dos senadores que tinham passado às pressas por Lúcio na rua. Lúcio deu um aceno de cabeça para ele.

Bom dia, Cássio.

Cássio não retribuiu a saudação. Sussurrou alguma coisa ao ouvido de Bruto. Parecia tenso e pálido.

Os dois trocaram mais sussurros e lançaram olhares furtivos para Lúcio. Pareciam estar discutindo e tentando chegar a uma decisão. Lúcio começou a achar irritante o exame minucioso por parte deles.

Bruto agarrou o braço de Cássio e puxou-o para o lado oposto do aposento, mas o seu sussurro era tão alto, que deu para que Lúcio ouvisse.

Não! Nós já chegamos a um acordo: César, e *apenas* César. Ninguém mais! Caso contrário, vamos mostrar que não somos melhores do que...

Cássio lançou um olhar frio para Lúcio, silenciou Bruto com um chiado e puxou-o para o outro aposento.

Se ainda estavam sussurrando, Lúcio não conseguiu ouvir; as batidas de seu coração ficaram de repente tão fortes em seus ouvidos, que ele não ouvia nada mais. Olhou para a porta da frente. Ela estava bloqueada pelo escravo carrancudo. Do átrio surgiram mais escravos, seguidos de Bruto.

— Não o machuquem! — gritou Bruto. — Quero apenas que ele seja detido. Vamos mantê-lo aqui até...

Não havia tempo para pensar. Uma onda de pânico passou por Lúcio e ele agiu puramente por instinto. Lançou-se em direção à porta, mas mãos em seus braços e ombros o fizeram recuar. Tentou livrar-se, porém as mãos o agarraram com mais firmeza. Com toda a força, ele se livrou, voltou-se e agitou os punhos. As juntas fizeram contato com o duro maxilar de um dos

escravos e mandaram um choque doloroso pelo braço. O escravo reagiu e acertou um golpe indireto no ombro. Lúcio acertou o homem bem na cara. O escravo cambaleou para trás, o sangue jorrando pelo nariz.

Agora, só restava em seu caminho o escravo que protegia a porta. Lúcio correu em direção a ele, abaixou a cabeça e acertou o homem na barriga. O escravo soltou um grito de dor e curvou-se para a frente, agarrando a barriga. Lúcio o empurrou para fora do caminho e conseguiu esgueirar-se pela porta e sair para a rua.

Ele pretendia correr em direção à casa de César, mas já havia homens na rua, bloqueando a passagem. Ele deu meia-volta e correu na direção oposta, para longe do Fórum, longe do Campo de Marte e do Teatro de Pompeu.

Lúcio era jovem e rápido, e conhecia bem as ruas do Palatino. Ganhou uma boa vantagem sobre os perseguidores. Dobrou uma esquina, e depois outra, e não os via atrás de si. Mas estava ficando cansado; precisava de um refúgio. Percebeu que estava perto da casa de Públio Servílio Casca. Claro que podia confiar em Casca, que devia muito a César. O rotundo, corado e desajeitado Casca era uma espécie de bufão. Era impossível imaginá-lo como uma ameaça a alguém.

Lúcio fez uma pausa rápida para se orientar, e depois correu para o fim da rua e dobrou uma esquina. Lá estava a casa de Casca — e Casca em pessoa de pé na porta aberta, evidentemente de saída, mas dando uma parada para se certificar de que não se esquecera de nada. Ele procurava alguma coisa nas dobras de sua volumosa toga e parecia confuso.

Um tanto zozinho por causa da corrida e por ter escapado por pouco, Lúcio respirou bem fundo. Casca, assustado pela sua aproximação repentina, deu um salto e cambaleou contra o batente da porta.

— Casca? O que é que você está procurando? — perguntou Lúcio, ofegante. — Se você puder me esconder com a metade da perfeição com que escondeu...

Mesmo enquanto Lúcio falava, Casca mostrou a coisa que estivera procurando. Sua mão segurava uma adaga curta, mas muito afiada. A expressão em seus olhos eriçaram os cabelos na nuca de Lúcio.

Lúcio ouviu gritos atrás de si. Afinal, ele não tinha se livrado dos perseguidores. Correu, mas Casca agarrou-lhe o braço. O homem era mais forte do que parecia. Chamou os escravos para que fossem ajudá-lo. Lúcio se debateu. Ao se livrar, sentiu uma dor lacerante no antebraço. A lâmina de

Casca o arranhara, só o bastante para provocar uma linha de sangue. Lúcio ficou enjoado, mas não teve coragem de parar de correr.

A fuga continuou pelo vale do Circo Máximo e subiu pelas sinuosas ruas do Aventino. Perto do Templo de Juno, Lúcio teve a certeza de que se livrara deles. Escondeu-se numa porta, o coração batendo e os pulmões em fogo. O risco de sangue tinha engrossado no antebraço. O ferimento superficial ardia como se tivesse sido queimado por um tição.

Onde estava César? Àquela altura, devia estar a caminho da reunião no Senado. Antônio devia estar com ele, sem dúvida, juntamente com outros homens que o defenderiam. Mas será que nem em Antônio era possível confiar? E se César insistisse em abrir mão de seus guarda-costas? Lúcio pensou no risco que os dois tinham corrido na noite anterior, andando sozinhos pelo Palatino e tremeu.

Precisava encontrar César e avisá-lo, mas como? Lúcio corria bem, mas mesmo que lhe brotassem asas e ele voasse, era quase certo que César chegaria ao Teatro de Pompeu antes dele, e se Bruto e os demais já estivessem esperando por ele...

Lúcio tinha que tentar. Respirou bem fundo e recomeçou a correr.

Correu Aventino abaixo, contornou o Aqueduto Ápia e passou pelo Altar-Mor. De repente, sentiu-se muito cansado. As pernas viraram chumbo e o peito parecia estar sendo apertado por uma tira de ferro. Havia bolhas nos pés. Os sapatos que calçara naquela manhã não eram bons para correr.

Ainda assim, correu, mais depressa do que imaginara possível.

Por fim, cresceu à sua frente a maciça fachada do teatro. Para evitar acusações de decadência, Pompeu tinha inaugurado o complexo não como um teatro, mas como um templo. Por um inteligente truque arquitetônico, as fileiras de assentos do teatro também serviam de degraus que levavam a um santuário de Vênus no alto. Projetando-se para fora do teatro havia vários pórticos decorados com centenas de estátuas. Aquelas arcadas abrigavam santuários, jardins, lojas e câmaras públicas, incluindo o grande salão de sessões em que o Senado iria se reunir.

A praça pública e os largos degraus que levavam ao pórtico principal estavam vazios. Lúcio tivera a esperança de ver a área cheia de vermelho e branco; ali os senadores, em suas togas com bordas vermelhas, estavam acostumados a ficar andando de um lado para o outro antes de entrar. Eles já tinham entrado.

Mas não — nem todos eles já estavam lá dentro. Lúcio localizou duas figuras nos degraus, perto do topo. Estavam bem juntos um do outro, aparentemente tendo uma conversa séria. Lúcio atravessou a praça depressa e chegou à base dos degraus. Olhando para cima, viu que um dos homens era Antônio. O outro era um senador que reconheceu vagamente, um homem chamado Trebônio.

Lúcio subiu correndo. Os homens o viram aproximar-se e interromperam a conversa. Lúcio se aproximou, tonto e resfolegando. Cambaleou. Antônio agarrou-lhe o braço, para equilibrá-lo.

Por Hércules, você parece apavorado! — Antônio sorriu. Ele parecia mais divertido do que alarmado com a aparência de Lúcio. — O que foi que houve, rapaz?

Lúcio estava tão sem fôlego, que era difícil falar.

César... — conseguiu dizer.

Lá dentro, com todos os outros — disse Antônio.

Mas por que... por que você não está com ele?

Antônio ergueu uma sobrancelha.

Trebônio, aqui, me puxou para o lado...

Para discutir um assunto importante... *em particular*. — Trebônio lançou a Lúcio um olhar duro, ameaçador.

Mas Já acabamos, não é, Trebônio? Temos mesmo que entrar. Eles ainda não fecharam as portas, fecharam?

Antônio olhou por cima do ombro, para a entrada da sala de sessões. Em frente às maciças portas de bronze, que estavam abertas, sacerdotes tiravam sangue e órgãos do altar de mármore onde os auspícios eram tomados antes do início das atividades de cada dia. Antônio, cujo ânimo alegre parecia inabalável, sorria e gargalhava.

Você não ia acreditar na matança que acaba de acontecer lá — disse ele a Lúcio. — uma pobre criatura atrás da outra, sacrificada e aberta, para tomar os presságios. A primeira galinha não tinha coração, o que deixou os sacerdotes muito alarmados. César ordenou outro sacrifício, e depois outro, mas os sacerdotes continuavam dizendo que as entranhas estavam torcidas e todos os augúrios eram contrários. Por fim, César disse a eles: "Ao Diabo com esse absurdo, os presságios antes da batalha de Farsália eram tão ruins quanto esses. Que o Senado dê prosseguimento aos trabalhos!"

Antônio sorriu. Por que seria que estava tão jovial? Lúcio recuou, afastando-se dos dois homens. Será que nem em Antônio era possível

confiar?

Lúcio sentiu-se fraco. Pontos nadavam diante de seus olhos. O momento parecia irreal e como se fosse um sonho. Olhou com olhos arregalados para o altar perto deles, onde um sacerdote enxugava restos. A visão do pano, ensopado de sangue e pedaços de sangue coagulado, fez com que o pânico o dominasse. Empurrou os dois homens para passar e correu em direção à entrada.

O salão era um poço de formato oval, com assentos dos dois lados descendo em camadas até o piso principal. A sessão ainda não começara. Havia uma leve zoeira de conversa. A maioria dos senadores assumira seus lugares, mas outros andavam pelo piso principal em frente à cadeira de gala — ninguém tinha coragem de chamá-la de trono — na qual César estava sentado. Como César parecia tranqüilo, confiante! Numa das mãos, segurava um estilo, para marcar documentos. Virava o estilo de um lado para o outro, com dedos ágeis, o único sinal da excitação nervosa que ele devia estar sentindo num dia momentoso como aquele.

Um dos senadores, Tílio Cimbro, aproximou-se dele, curvando-se ligeiramente como se estivesse importunando César com um pedido de favor. Aparentemente, César achou o pedido inadequado. Abanou a cabeça e agitou o estilo num gesto de dispensa. Em vez de se retirar, Cimbro chegou mais perto e agarrou a toga de César perto do ombro.

Não! — gritou Lúcio. Sua voz soou alta e estridente, como a de um menino. Cabeças voltaram-se para ele. César ergueu os olhos, o viu e franziu o cenho, e imediatamente voltou a atenção para Cimbro.

César falou por entre dentes.

Tire a mão de cima de mim, Cimbro!

Em vez disso, Cimbro deu um puxão na toga, com tanta força, que César quase foi arrancado da cadeira. Sua toga estava torta. A carne nua do ombro ficou exposta.

Agarrando-se com força à toga de César, Cimbro olhou para os outros que estavam perto. Quando César tentou se libertar, a expressão de Cimbro se tornou a de um desvairado.

O que é que vocês todos estão esperando? — bradou Cimbro. — Vamos! Agora!

O corpulento Casca adiantou-se. A testa estava coberta de suor. Uma careta expunha as gengivas. Ele ergueu a adaga bem alto.

A visão provocou arfares e exclamações de todos os pontos do salão. Só César parecia não perceber o que estava para acontecer. Ainda olhava fixo para Cimbro, parecendo irritado e confuso. Virou a cabeça justo quando Casca arriou a adaga com força. Seu rosto registrou o choque quando a lâmina atingiu a pele exposta abaixo do pescoço. Ouviu-se um som repugnante de metal penetrando em carne.

César soltou um rugido. Agarrou o pulso de Casca com uma das mãos. Com a outra, enfiou o estilo fundo no antebraço de Casca. Este baliu de dor, retirou a ensangüentada adaga e afastou-se depressa.

Outros homens se adiantaram, sacando suas adagas.

César se debateu e livrou-se das mãos de Cimbro. Sua toga estava tão desalinhada que ele tropeçou nela. Ele sangrava copiosamente do ferimento no pescoço. Sua expressão era de ultraje e incredulidade.

Mesmo então, Lúcio pensou que o desastre poderia ser evitado. César estava ferido, mas em pé. Tinha uma espécie de arma — o seu estilo. Se pudesse manter os pretensos assassinos afastados o tempo suficiente para que os outros senadores corressem em seu auxílio, tudo poderia acabar bem. Se ao menos Lúcio tivesse uma arma!

E onde estava Antônio?

Lúcio olhou para trás, em direção à entrada. Antônio acabara de aparecer. Ele estava na porta com uma expressão de perplexidade, percebendo, pelo súbito tumulto, que havia algo de terrivelmente errado.

Lúcio gritou para ele.

— Antônio! Rápido! Venha depressa!

Mas quando voltou a olhar para César, Lúcio perdeu todas as esperanças. Os assassinos tinham convergido sobre a vítima. César largara o estilo. Ergueu os braços, tentando desesperadamente defender-se dos atacantes. Eles o esfaquearam repetidas vezes. Em toda aquela confusão, alguns deles pareciam ter esfaqueado uns aos outros por acaso.

Havia sangue por todo lado. A toga de César estava encharcada dele, e as togas dos assassinos estavam manchadas de sangue. Havia tanto sangue no chão, que Casca escorregou e caiu.

Em meio às adagas que faiscavam, Lúcio viu César de relance. O rosto mal dava para ser reconhecido, contorcido em agonia. Ele soltou um grito que parecia sair de um animal, não de um homem. O som gelou Lúcio até a medula.

César libertou-se dos homens que o cercavam. Balançou para trás, pisando na toga e batendo os pés enquanto passava cambaleando pela cadeira de gala em direção à parede, onde uma estátua do fundador do salão ocupava um lugar de honra. César caiu contra o pedestal da estátua de Pompeu. Escorregou para baixo, manchando de sangue a inscrição. Acabou caído no chão, as costas apoiadas no pedestal, as pernas esticadas.

Sua confusão era indecente; a subtúnica estava torcida e puxada para o lado, de modo a desnudar o trecho de carne em que a coxa se encontrava com a virilha. Sacudindo-se como se estivesse tendo uma convulsão, agitando os braços de forma grotesca, ele parecia estar tentando, com uma das mãos, cobrir o rosto com uma dobra da toga e, com a outra, cobrir sua nudez. César estava morrendo, mas ainda assim procurava preservar a dignidade.

Alguns dos assassinos olhavam, horrorizados, para o que tinham feito. Outros pareciam satisfeitos, até mesmo jubilosos. Entre os últimos estava Cássio, coberto de sangue. Ele caminhou até Bruto, que estava à margem do grupo e não tinha um único pingo de sangue. Tampouco havia qualquer sinal de sangue na adaga em sua mão.

Você também, Bruto! — disse Cássio.

Bruto parecia entorpecido. Parecia incapaz de se mexer.

Você tem que fazer isso — insistiu Cássio. — Cada um de nós tem que acertar um golpe. Vinte e três bravos; vinte e três golpes pela liberdade. Vamos!

Bruto seguiu lentamente em direção à figura que se contorcia, ensangüentada, na base da estátua de Pompeu. Ele parecia horrorizado com a aparência de César. Engoliu em seco, agarrou a adaga, e ajoelhou-se ao lado dele.

Com sangue saindo pela boca e escorrendo pelo queixo, César conseguiu uma última frase:

Você também... meu filho?

Bruto pareceu encorajado pelas palavras. Apertou os dentes, ergueu a adaga e mergulhou-a no local exposto em que a coxa de César encontrava a virilha. César se debateu e teve uma convulsão. Sangue borbulhou de seus lábios. Ele enrijeceu o corpo, soltou um último grunhido, e não tornou a se mexer.

Lúcio, observando de certa distância, viu tudo. Estava paralisado de horror, sem perceber o estouro de senadores que corriam para a saída.

Sentiu a mão no ombro e levou um susto. Era Antônio. O rosto do homem estava cinzento. Sua voz tremia.

Venha comigo, Lúcio. Você não está seguro aqui.

Lúcio abanou a cabeça. Sentia-se preso ao chão, incapaz de se mexer. Ele tinha ido avisar César. E fracassara.

Bruto caminhou lenta e calmamente em direção a eles. O brilho febril deixara seus olhos. Tinha os ombros lançados para trás, o queixo erguido, com a aparência de um homem que fizera uma coisa difícil, e que a fizera bem.

Ninguém vai lhe fazer mal, Lúcio Pinário. Você nada tem a temer. Nem você, Antônio, desde que não levante sua espada contra nós.

A câmara estava quase vazia. Os únicos senadores remanescentes eram os que estavam velhos demais para correr.

Bruto abanou a cabeça, desanimado.

Não foi essa a reação que prevíamos. Eu pretendia fazer um discurso depois disso, para explicar o nosso ato aos outros. Mas todos eles fugiram, como gansos amedrontados.

Um discurso? — perguntou Antônio, incrédulo.

Bruto enfiou a mão na toga e tirou um pedaço de pergaminho. Seus dedos mancharam de sangue o documento. Ele franziu o cenho, contrariado por tê-lo maculado.

Fiquei acordado a noite toda, trabalhando nele. Bem, se não hoje, então eu o farei amanhã, quando o Senado voltar à atividade normal.

Atividade normal? — Antônio abanou a cabeça, sem acreditar.

É. A atividade normal do Senado de Roma, livre do governo de um tirano. A República foi restaurada. O povo vai ficar contente. Há quinhentos anos, meu ancestral Bruto libertou Roma de um rei malvado. Hoje, seguimos o exemplo dele...

Faça o seu discurso para outra pessoa! — gritou Lúcio. Ele empurrou Bruto para o lado e correu para a saída, chorando.

Antônio o alcançou.

Venha comigo, Lúcio. Não importa o que Bruto disse, não estamos a salvo. Minha casa tem portas fortes, muros altos...

Eles estavam nos degraus, descendo para a praça pública. Não se via uma única pessoa.

Mas... o corpo dele — disse Lúcio. — E se eles o jogarem no Tibre, como fizeram com os Graco?

Isso não vai acontecer — disse Antônio, sério. — Não vou deixar que aconteça uma coisa dessas. César terá um funeral adequado. Por minha honra como romano, eu lhe prometo isso!

QUANDO ELE ESTAVA ABORRECIDO, A VOZ de Caio Otávio ficava às vezes muito estridente. Lúcio achava que ele precisava de aulas de oratória para vencer o defeito. Nos dias que se seguiram ao assassinato de César e à volta de Caio Otávio para Roma, Lúcio ficara muito cansado de ouvir aquela nota estridente na voz do primo.

De hoje em diante, Antônio, você vai me chamar de *César* — disse Otávio, soando ainda mais estridente e irritado que de costume. — Não estou lhe pedindo isso. Estou exigindo!

Exigindo? *Você exige algo de mim?* — Antônio reclinou-se na cadeira e cruzou os braços. Franziu o nariz. — Em primeiro lugar, rapaz, esta casa é minha; aqui, *eu* dou as ordens. Eu aceitava ordens de César porque ele era o meu comandante, mas César morreu. Ele foi o último homem do qual receberei ordens. É claro que não vou receber ordens do filhote da sobrinha dele... e não vou chamar você pelo nome dele! Uma vez que estamos discutindo títulos, talvez você devesse dirigir-se a mim como cônsul, pois sou o único de nós três aqui nesta sala que exerce uma magistratura.

Só porque César achou por bem nomear você, tal como achou por bem me nomear filho e herdeiro dele! — vociferou Otávio.

Antônio se irritou.

Esta casa é minha, Otávio. Você é meu convidado...

Lúcio se levantou.

Marco! Primo Caio! Será que esta reunião precisa ser tão belicosa? A cidade toda é um ninho de víboras. Se eu quiser ser submetido a argumentos malévolos e palavras horríveis, basta sair pela porta. Será que nós três não podemos falar um com o outro com um certo grau de decoro?

Boa idéia, primo — disse Otávio. — O decoro começa tratando-se uma pessoa pelo nome legítimo. O testamento de César me tornou filho dele por adoção, e passei a usar o nome dele. Agora sou Caio Júlio César Otaviano.

— Compreendo — disse Lúcio. — Mas se por acaso Antônio chamá-lo pelo nome antigo, por que não permitir? Otávio é um nome conceituado, um nome patricio, e ele homenageia você e seus ancestrais quando o pronuncia. Antônio é nosso amigo, primo. Nós precisamos dele. Ele é o

escudo entre nós e os homens que assassinaram nosso tio. Nós não somos aliados? Não partilhamos um propósito comum? Nós três não somos íntimos o bastante para nos tratarmos pelo primeiro nome ou pelo sobrenome, ou pelo nome que quisermos? Será que você não pode pôr o argumento de lado, por enquanto, primo Caio? A questão a ser discutida não é como chamamos uns aos outros, ou mais uma discussão do testamento de César, mas como manter a cabeça no pescoço!

Por enquanto, Otávio ficou calado, o mesmo acontecendo com Antônio. Ainda deixou Lúcio surpreso o fato dele poder chamar a atenção deles e argumentar com tanta auto-confiança. Quase que da noite para o dia, depois que o choque inicial do assassinato de César tinha passado, Lúcio se sentira transformado. Já não era mais um jovem imaturo que hesitava em se firmar em conversa com os mais velhos. Ele era um dos herdeiros de César, envolvido numa luta desesperada pelo futuro.

Quando se resumia a questão, Otávio era apenas dois anos mais velho e ligeiramente mais experiente do que ele. Era verdade que Otávio tivera uma pequena participação em combate, mas não o suficiente para mostrar ser um talentoso estrategista, muito menos um herói. Seu orgulho exagerado era fruto da vaidade, não de realizações. Sob certos aspectos, pelo menos na opinião de Lúcio, o primo era muito deficiente. Para início de conversa, as habilidades oratórias de Otávio nada tinham de impressionantes, não importa o que César tivesse pensado.

Antônio era um orador muito mais experiente e persuasivo, como demonstrara quando fizera a oração fúnebre de César diante de uma enorme multidão. O discurso tinha sido intensamente dramático, mas impressionantemente sutil. Antônio nunca disse uma só palavra contra os assassinos, mas, ao elogiar César, levava os ouvintes a lágrimas de dor e gritos de raiva. Sem declarar diretamente, ele defendera a tese de que Roma tinha sido aviltada pelo assassinato de um grande líder, e não liberada pelo assassinio de um tirano. Antônio revelara, também, uma das cláusulas do testamento de César: de sua imensa fortuna pessoal, César decretara um generoso desembolso de 75 dracmas atenienses para cada cidadão que morasse em Roma. Aquilo fizera muito para voltar a multidão contra os assassinos de César.

Mas Antônio também tinha seus defeitos, como Lúcio ficara sabendo muito bem nos últimos dias. Em primeiro lugar, bebia demais. Em épocas mais felizes, o apetite do homem pela libertinagem deixara Lúcio

impressionado e até intimidado. Agora, ele o considerava atrevido; o perigo em que eles se encontravam exigia um raciocínio claro. Antônio também tinha um trato de mesquinhez. Sua recusa de chamar Otávio de César talvez fosse compreensível, porque levantava um detalhe doloroso: Otávio era o principal beneficiário do testamento de César, enquanto Antônio, para surpresa geral, tinha sido deixado totalmente de fora. Apesar disso, o repetido e proposital tormento verbal de Otávio não beneficiava ninguém.

O testamento era o xis do problema. Nele, César adotava postumamente Otávio como filho e deixava para ele metade do espólio. A outra metade, ele dividiu em partes iguais entre seu sobrinho Quinto Pédio, que ainda estava fora da cidade, e seu sobrinho-neto, Lúcio Pinário. Era aquele o pagamento que César devera a Lúcio por conta do sacrifício do avô; Otávio merecera a adoção, mas Lúcio, não! Lúcio tinha suas razões de guardar ressentimento para com Otávio, mas estava decidido a deixá-las de lado.

O testamento não fizera menção alguma a Cesário, filho de Cleópatra. Imediatamente após o assassinato, a rainha egípcia desocupara a casa de César e embarcara de volta para Alexandria.

Politicamente, foi deixado a cargo dos veteranos subordinados de César, Antônio e Lépido, defender seus editos e manter a ordem que ele havia imposto ao Estado, mas sem o benefício de seus poderes ditatoriais. A cooperação dos herdeiros de César era vital para a causa deles. Cada um dos três primos herdara uma fortuna imensa, e podia exercer um tremendo apelo sentimental sobre aqueles que tinham apoiado César e agora lamentavam a sua morte. Em troca, os herdeiros precisavam da proteção e do experiente aconselhamento que Lépido e, em especial, Antônio podiam dar. Levada pela necessidade, aquela aliança tinha sido apreensiva desde o início, cheia de desconfianças e ressentimentos mútuos, especialmente entre Otávio e Antônio.

Em consequência do assassinato de César, Roma se tornara um caldeirão de intrigas. Os conspiradores contra César somavam, no mínimo, sessenta homens; alguns tinham participado da execução, enquanto outros só deram apoio. Esses homens deviam ser declarados criminosos e levados a julgamento, ou aplaudidos como salvadores da República? Três dias depois dos Idos de Martius, o Senado votou uma anistia para os assassinos, redigida em termos cuidadosos que nem reconheciam a sua culpa nem elogiavam seu patriotismo.

Apesar da anistia dada pelo Senado, violentos partidários dos dois lados apelaram para a violência. Um tribuno inocente chamado Cina, que tivera a infelicidade de ser confundido com um dos conspiradores, tinha sido literalmente feito em pedaços por uma turba enfurecida; pedaços do corpo foram espalhados pelo Fórum. Depois que bandos ameaçaram pôr fogo nas casas de Cássio e Bruto, os dois deixaram Roma para reivindicar prematuramente as governanças provinciais que César programara para eles.

Aquilo levantava mais uma questão: as nomeações de César ainda estavam válidas? Bruto e Cássio alegavam que César era um tirano e um usurpador. Se fosse assim, como poderia qualquer de seus decretos ser legalmente válido, inclusive as nomeações deles para as províncias?

A legitimidade de cada decreto por todos os magistrados era agora rotineiramente questionada pelos partidários de um lado ou de outro. Quem tinha a autoridade legal, e com base em que direito? Aqueles que tinham tido a esperança de que a morte de César resultasse numa rápida e harmoniosa restauração do poder senatorial ficaram amargamente decepcionados. Roma estava equilibrada num fio de espada, pronta para cair no caos. Depois de tantos anos de morte e destruição, o estouro de outra guerra civil era uma expectativa quase insuportável, mas cada vez parecia mais Inevitável.

O futuro estava carregado de incerteza. Era o futuro que Lúcio e seu primo tinham ido à casa de Antônio para discutir. No entanto, a discussão parecia girar, sem parar, em torno de recriminações sobre coisas que já estavam no passado.

Foi Otávio quem rompeu o tenso silêncio.

Devia-se ter cuidado dos conspiradores de imediato. Você, Antônio, como cônsul, tinha poderes para prendê-los. Poderia ter invocado o Decreto Máximo...

Não restavam senadores na câmara para votar uma proposta dessas!

Mesmo assim, se, em vez de fugir para sua casa, você tivesse agido imediatamente contra os homens que mataram meu pai...

Se você pensa que teria sido assim tão fácil, rapaz, você é mais ingênuo do que eu pensava, e com toda certeza *não é* filho de César!

Já chega! — disse Lúcio. — Vocês dois precisam parar com essa briga e voltar ao assunto em pauta. Ou seja, a necessidade de tratar de Cássio e Bruto. Pode ser, ou não, possível convencer o Senado a declarar

que o assassinato de César foi um ato criminoso. A maioria dos senadores parece inclinada a imitar Cícero. Vão evitar tomar partido enquanto for possível, até verem como as coisas se encaixam. Por enquanto, a anistia do Senado protege os assassinos.

"No entanto, parece-me que a prematura assunção, por parte de Cássio e de Bruto, de suas províncias foi indiscutivelmente ilegal. Esses atos poderiam ser considerados como hostis contra o Estado e, assim, deixar os dois abertos a um processo militar por você, Antônio, agindo como cônsul,

Se qualquer providência militar for tomada, César também deve participar — disse Otávio, adotando o hábito de seu tio-avô de se referir a si mesmo na terceira pessoa; contra a vontade de Antônio, como comprovado pelo ranger de dentes dele. — É a fortuna de César que pode recrutar as tropas. É ao nome de César que seus veteranos vão jurar lealdade. E se eu for comandar tropas no campo, terei que receber plena autoridade consular.

Impossível! — disse Antônio. — Você é jovem demais.

Com base em que cálculo? Meu tio-avô nomeava para magistérios homens que estavam abaixo da idade exigida. Assim, existe precedente legal...

Um detalhe importante, primo — disse Lúcio. — Temos de mostrar que seguimos a lei. Qualquer ação militar tem que ser considerada justa e necessária. Não deverá haver nenhuma base para que alguém possa dizer que nós iniciamos... — ele hesitou até em dizer as palavras — que nós iniciamos uma guerra civil para obter vantagens pessoais ou uma vingança privada. Temos de conquistar o apoio do Senado, das legiões e do povo. Mas como? Este é o tipo de desafio que tio Caio vencera com muito brilhantismo.

Lúcio respirou fundo. Olhou de um para o outro. Ele não tinha ilusões de que podia assumir o manto de liderança de César, porém cada vez mais parecia que nem Antônio nem Otávio estavam aptos a fazer isso, não importava se um tinha sido o braço direito de César e o outro fosse o filho adotivo. Os dois mal conseguiam manter a paz entre eles.

Como se para provar que ele tinha razão, os dois começaram a falar ao mesmo tempo. Nenhum deles queria ceder. Em vez disso, levantaram a voz. Lúcio tapou os ouvidos com as mãos.

Marco! Primo Caio! Calem a boca e ouçam o que tenho a dizer. Os dois são homens ambiciosos. Os dois estão ansiosos por governar o Estado.

Ótimo! Os deuses admiram a ambição, especialmente num romano. Mas a minha ambição, minha única ambição, é vingar a morte de César. Todos os assassinos têm de ser declarados foras-da-lei. Têm de ser caçados. Têm de ser mortos. Bruto e Cássio são a nossa principal preocupação. Estou ansioso por pegar em armas contra eles. Coloquem uma espada na minha mão, e imediatamente servirei sob o comando de qualquer um de vocês dois: de você, Caio, ou de você, Marco, não importa qual! Mas não acredito que nenhum dos dois possa cumprir a tarefa sem o outro. Eu imploro, parem com essa briga e dobrem suas vontades diante do fim comum!

Ele olhou fixo para Antônio, que acabou dando de ombros e confirmando com a cabeça.

Olhou fixo para Otávio. Seu primo ergueu uma sobrancelha.

Você está certo, é claro. Obrigado, primo Lúcio. É exatamente desse senso de propósito tão evidente que precisamos para continuarmos no caminho certo. Bem, Antônio? Vamos voltar ao que interessa?

A discussão que se seguiu foi proveitosa. Lúcio ficou contente por ter desabafado. Mas quando olhava de Otávio para Antônio sabia que suas palavras não tinham sido de todo verdadeiras. Ele tinha dito que não se importava quanto a sob as ordens de quem ele servisse, mas no fundo do coração, não havia dúvida de qual dos dois ele preferia: o estourado, o sincero, o libertino e às vezes rude Antônio. Em parte, devido ao afeto que o homem demonstrara para com ele. Em parte, porque, seu primo Caio era fútil e tinha sangue-frio. A Antônio, ele poderia servir com entusiasmo. A Otávio, serviria se tivesse que servir.

Lúcio rezava aos deuses para que nunca fosse obrigado a escolher entre os dois.

1 a.C.

Lúcio PINÁRIO TEVE UM SONHO antigo, que reaparecia. Era um pesadelo que tivera pela primeira vez há muito tempo, nos Idos de Martius, quando era rapaz.

No sonho, ele era ao mesmo tempo participante e observador, cômico de que estava sonhando e, no entanto, incapaz de interromper o sonho. César tinha morrido. Uma grande multidão se reunira para ouvir a leitura de seu testamento. Uma virgem vestal apresentou um pergaminho. Marco Antônio desenrolou o documento e passou a ler. Apesar de Lúcio estar à

frente da multidão, não conseguiu ouvir os nomes que eram lidos. Ouvia apenas o rugir da multidão em seus ouvidos, como o bater de ondas. Ele queria mandar os outros se calarem, mas não conseguiu abrir a boca para falar. Não podia se mexer, de modo algum. Antônio continuava a ler, mas Lúcio não conseguia ouvir, falar ou se mexer.

Com um susto e um tremor, ele despertou do sonho. Estava tremendo e coberto de suor. O sonho parecia um velho inimigo, ainda o perseguindo depois de todos aqueles anos, escarnecendo dele com lembranças de sua juventude e das belas promessas que tinham sido despedaçadas pela morte de César. Mas o sonho vinha visitando-o há tantos anos que quase se tornara um velho amigo. Em que outro lugar, a não ser no sonho, ele podia rever o rosto de Antônio, vivo e no vigor dos anos?

Lúcio esfregou os olhos, para afastar o sono. Aos poucos, foi recuperando os sentidos. O sonho desapareceu.

Contra todas as probabilidades, Lúcio Pinário se tornara um homem idoso. Estava com 60 anos. Eram muitos os homens de sua geração que tinham morrido nas guerras civis que se seguiram à morte de César. Se sobreviviam às guerras, um acidente ou uma doença acabavam por levá-los para o Inferno. Mas Lúcio ainda estava vivo.

Ele se levantou da cama, aliviou-se no urinol e vestiu uma túnica. Mais tarde, iria vestir sua toga senatorial, porque aquele era um dia importante, mas por enquanto uma túnica seria o bastante.

O cozinheiro preparou-lhe um desjejum simples, de farinha feita com um pouco de leite e água e adoçada com uma pitada de mel. Lúcio ainda tinha dentes fortes, mas a digestão não era mais a mesma. Agora, quanto mais leve a comida, melhor. Mastigando um bocado de mingau, seu pensamento recuou para a época de festejos intermináveis em Alexandria. Vinhos da Grécia, tâmaras da Pérsia, ovos de crocodilos do Nilo; criadas servindo, vindas da Núbia, dançarinas da Etiópia, cortesãs de Antioquia! O que quer que se falasse sobre Antônio e Cleópatra, ninguém podia negar que aqueles dois tinham sabido como organizar um banquete — em especial nos seus últimos meses e dias, quando o fim deles se aproximava.

Era culpa do sonho, ele estar pensando em Antônio. As recordações deixavam Lúcio triste. O mingau ficou amargo em sua boca.

Mas aquele dia não se referia ao passado. Aquele dia se referia ao futuro. Seu neto ia chegar.

Enquanto pensava no menino, o escravo porteiro anunciou que o jovem Lúcio Pinário acabara de chegar e estava aguardando no vestíbulo.

— Já? — disse Lúcio. — Ele chegou cedo. Não faz mal, ele pode passar alguns minutos contemplando as efígies de seus ancestrais enquanto enfio um pouco mais desse mingau pela goela. Enquanto isso, mande que os carregadores tragam uma liteira para a porta da frente.

Qual das liteiras, senhor?

Ah, aquela vistosa, acho eu, com as cortinas amarelas e as almofadas bordadas e todas aquelas bugigangas de metal penduradas. Hoje é um dia especial!

— ANTIGAMENTE, ANTES DESTA MALDITA rigidez dos joelhos, eu teria ido a pé aos Banhos de Agripa, não importa que eles fiquem lá no Campo de Marte. Mas aqui estamos, dois homens romanos, seguindo de liteira pelas ruas. Fico envergonhado só de imaginar o que nossos ancestrais teriam pensado sobre essa indulgência!

Lúcio sorriu para o neto, que estava sentado ao seu lado e parecia estar gostando do passeio. O menino inclinava-se para a frente e virava a cabeça para um lado e para o outro, olhando com atenção para os pontos que passavam, com a insaciável curiosidade de um menino de 10 anos. O ideal seria se Lúcio tivesse esperado até o dia da toga do neto para aquela ocasião, mas para isso ainda faltavam muitos anos. Lúcio poderia não viver para vê-lo. Era melhor cumprir com o seu dever agora, enquanto ele ainda estava em seu juízo perfeito e podia mandar.

Por que eles chamam isso de Campo de Marte, vovô?

Deixe-me ver. Faz muito, muito tempo, creio que ele devia chamar-se Campo de Mavors, porque este era o antigo nome de Marte. Acho que alguém construiu um altar para o deus e, naturalmente, deu-se a toda a área o nome em homenagem a Marte...

Sim, mas por que ele é chamado de *campo*? Não há campo nenhum, aqui. Tudo o que eu consigo ver são ruas e prédios.

Ah, sei o que você quer dizer. Sim, agora ele está todo tomado por construções. Mas nem sempre foi assim. Eu me lembro de uma época em que o Campo de Marte, ou pelo menos uma grande parte dele, ainda estava a céu aberto, um local para os soldados treinarem e para grandes grupos se reunirem. Agora, a cidade se espalhou para fora, para encher cada pedacinho de terra entre os antigos muros e o Tibre. Vejo que agora estamos

passando pelo teatro de Pompeu. Eu tinha mais ou menos a sua idade quando ele foi inaugurado.

Os olhos de Lúcio seguiram os degraus que levavam ao pórtico principal. Ele nunca passava pelo teatro sem se lembrar do que tinha presenciado lá, mas não estava com disposição para falar no assunto e ficou agradecido com o fato de o menino não fazer perguntas sobre ele.

Lá adiante está o Panteão, é claro, que foi construído pelo braço direito do imperador, Marco Agripa. E perto do Panteão ficam os banhos, que Agripa construiu ao mesmo tempo. Quando os banhos foram inaugurados, há vinte anos, foi um acontecimento e tanto, porque nunca antes houvera qualquer coisa parecida em Roma. Uma vez inaugurados os banhos, todos os tipos de lojas e galerias foram construídos nas vizinhanças.

O menino franziu o cenho.

Se os Banhos de Agripa foram os primeiros banhos construídos em Roma, ninguém tomava banho antes disso?

Lúcio sorriu. Pelo menos, o menino era curioso quanto ao passado. Tanta gente parecia ignorar tudo o que acontecera antes, como se Roma sempre estivera em paz e fosse governada por um imperador — como se nunca tivesse havido uma república, ou uma série de guerras civis, ou um homem chamado Antônio.

Lá estava ele, tornando a pensar em Antônio...

Os Banhos de Agripa não foram os primeiros banhos em Roma, mas eram muito maiores e muito mais bonitos do que qualquer um dos anteriores. Foram também os primeiros a ficar abertos a qualquer pessoa e de graça, um presente do imperador ao povo, o que os tornava muito populares. Metade do motivo para ir aos banhos é ver e ser visto, e misturar-se com pessoas de outras classes. As disparidades econômicas e sociais entre os cidadãos tendem a desaparecer quando todo mundo está nu e molhado.

O jovem Lúcio deu uma risada.

O senhor diz coisas muitíssimo engraçadas, vovô.

Eu tento. Falando nos banhos, chegamos.

Lúcio ADOROU A MANHÃ. O tempo passado com o neto sempre era precioso, e as diversões oferecidas pelos banhos estavam entre os maiores prazeres da vida na cidade. O dia começou com a barba feita pelo escravo em que ele mais confiava. O jovem Lúcio observava tudo com grande

interesse. Seu pai usava barba, de modo que o menino não estava acostumado a ver o uso habilidoso de uma lâmina afiada no rosto de um homem.

Depois da barba, eles saíram para a piscina ao ar livre — um lago artificial, como algumas pessoas a chamavam, devido ao tamanho — onde os dois nadaram algumas voltas lado a lado. As braçadas do menino eram rápidas, mas a técnica de respiração era boa. Para onde quer que a vida o levasse, não havia dúvida de que o jovem Lúcio teria oportunidade de viajar de navio, e seria de grande valia saber nadar. Quantos dos soldados de Antônio tinham se afogado na decisiva batalha de Ácio, não porque as armaduras os puxassem para baixo, mas simplesmente porque eles não sabiam nadar?

Uma vez mais, ele se viu pensando em Antônio...

Um ginasiarca organizou uma série de competições na comprida pista de corridas ao lado da piscina. Lúcio estimulou o neto a participar. Ficou encantado ao ver o menino ganhar as primeiras duas corridas. O jovem Lúcio foi derrotado na terceira, mas apenas por um nariz. Seu neto era um corredor forte.

Um outro ginasiarca organizou uma série de luta romana. Os competidores eram todos mais velhos e maiores do que o jovem Lúcio, que estava sentado com o avô entre os espectadores. Os lutadores competiam ao estilo grego, nus e com os corpos oleados. Uma diversão como aquela, tal como ser carregado numa liteira, pareceu a Lúcio ligeiramente decadente. O que iriam pensar seus ancestrais? Os verdadeiros romanos preferiam ver gladiadores lutarem até à morte.

Lúcio recordou o quanto o imperador, em sua acalorada guerra de propaganda contra Antônio e Cleópatra, se rebelara contra o perigoso influxo de vícios estrangeiros, dizendo que a rainha de sangue grego tinha corrompido Antônio com os apetites do luxuoso Oriente. No entanto, assim que derrotou os rivais, o imperador fizera de Roma uma cidade mais cosmopolita do que nunca. Permitiu que Agripa construísse os banhos. Importou a adoração a deuses exóticos. Atendia, a toda hora, o apetite dos cidadãos por diversão e prazer.

Depois do exercício matutino, Lúcio e o menino tomaram banho. Começaram raspando o suor do corpo, usando pequenas almofadas. Fizeram isso à sombra da famosa estátua esculpida por Lisipo, que retratava um atleta nu fazendo exatamente a mesma coisa, dobrando para trás um

braço musculoso para passar a almofada no outro braço, que estava esticado à frente. Agripa instalara a estátua nos banhos com grande pompa. Lisipo tinha sido o escultor da corte de Alexandre, o Grande. Apesar de muitas cópias terem sido feitas do *Apoxyomenos*, como *O esfregador* era conhecido em grego, o original em bronze tinha um valor incalculável. A estátua era mais um generoso presente do imperador ao povo de Roma.

Lúcio e o menino iam e voltavam entre piscinas de temperatura variada. A mais fria era muito estimulante depois do exercício deles. A mais quente era obscurecida por uma cortina de vapor e exigia um processo gradativo de imersão. Até os pisos eram aquecidos, por água canalizada por baixo das lajotas. As paredes eram de mármore, e até mesmo nas áreas mais molhadas os decoradores de Agripa tinham encontrado meios de adorná-las com pinturas, fazendo a infusão de tinturas em cera de abelha e depois fixando e endurecendo as imagens com calor. As pinturas retratavam deuses, deusas e heróis. Cenas de lendas pareciam pairar no vapor.

Depois do banho, eles se enrolaram em toalhas de linho e fizeram uma refeição leve numa galeria vizinha. O menino comeu pedaços de pão generosamente cobertos de garo. Lúcio absteve-se do picante garo e, em vez disso, comeu pasta de figo.

Conversaram sobre os estudos do menino. No momento, ele estava lendo *A Eneida*, do falecido Virgílio, que tinha sido o poeta favorito do imperador. Quando o imperador pediu a Virgílio que criasse um épico romano que se igualasse à *Iliada* e à *Odisséia* dos gregos, o resultado foi *A Eneida*. O longo poema sobre as aventuras de Enéias celebrava o guerreiro troiano como filho de Vênus e fundador da raça romana. Enéias, ao que se apurara, era ancestral não só do imperador e de seu tio, o Divino Júlio, mas também de Rômulo e Remo. Se Lúcio tinha dúvidas sobre a validade histórica da *Eneida*, não as expressou ao menino. Não havia como negar que Virgílio criara uma obra de arte que deixara o imperador muitíssimo satisfeito.

Depois de comerem, eles descansaram. Uns poucos velhos amigos e colegas pararam para um cumprimento, e Lúcio sentiu-se encantado ao apresentar o neto. A conversa passou para importações estrangeiras, o custo dos escravos, as vantagens e desvantagens do transporte por terra ou por mar, e quem tinha recebido contratos para vários projetos de construção na cidade.

Como pode ver, meu garoto — observou Lúcio —, hoje em dia mais negócios são feitos aqui nos banhos do que no Fórum.

Antigamente, é claro, toda a conversa teria sido sobre política e guerra. Agora, a guerra era uma atividade na fronteira distante, que poderia ou não afetar o comércio e a política — a verdadeira política, como seus antepassados tinham entendido o termo, com todos discutindo livremente e gritando para se fazerem ouvir — já não existia mais. Podia-se especular sobre intrigas na família imperial, ou fazer conjeturas sobre a relativa influência exercida por membros do círculo imediato do imperador — mas só em sussurros.

Exercitados, de banho tomado e alimentados, os dois se retiraram para o vestiário. O jovem Lúcio meteu-se na túnica que usara antes, mas o avô, ajudado pelo escravo que o barbeara, vestiu a toga. Enquanto o menino olhava, ele pontificou sobre o modo adequado de usar a toga.

Um homem não se veste simplesmente com a toga — explicou ele. — Ele a porta, como ele mesmo se porta, com uma demonstração de dignidade e orgulho. Ombros para trás, cabeça erguida. E as dobras devem cair exatamente assim. Muito poucas dobras, e você fica parecendo como se alguém tivesse jogado um lençol em cima de você. Dobras demais, e fica parecendo que você está levando uma trouxa de roupa suja para o pisoeiro.

A risada do menino deixou Lúcio encantado. Significava que seu neto estava prestando atenção. Ele observava, ouvia, aprendia.

O escravo entregou ao seu senhor um adorno que brilhava, numa corrente de ouro. Lúcio passou o colar pela cabeça e enfiou-o sob a toga.

O que é isso, vovô? Uma espécie de amuleto?

Não é um amuleto qualquer, meu filho. Ele é muito antigo, e muito importante, e hoje é o último dia em que vou usá-lo. Mas vamos falar sobre ele mais tarde. Por enquanto, quero mostrar a você um pouco da cidade. Há alguns lugares que eu gostaria que você visse com os meus olhos.

Quer que eu chame a liteira? — perguntou o escravo.

Na verdade, acho que não. O mergulho na água quente relaxou tanto os meus joelhos, que penso que vou poder caminhar um pouco. Mas você tem de ser paciente, jovem Lúcio, e não correr à minha frente.

Vou ficar do seu lado, vovô.

Lúcio acenou com a cabeça. O menino era muito delicado, sempre respeitoso e bem-comportado. Era estudioso, também, e muito puro e asseado. O menino era um produto de sua época. O mundo se tornara um

lugar muito mais ordeiro, pacífico, organizado, do que antes, na época das guerras civis. Seus ancestrais ficariam orgulhosos do jovem Lúcio. Ficariam orgulhosos do mundo harmonioso que seus descendentes, através de muito derramamento de sangue e muito esforço, acabaram por conquistar.

Enquanto saíam dos banhos, uma centelha de excitação atravessou o rosto de Lúcio, e ele mordeu o lábio inferior, nervoso.

O que foi, menino?

Eu estava pensando, vovô, que uma vez que estamos caminhando e estamos tão perto... mas o papai diz que se trata de um assunto do qual o senhor não gosta de falar. Só que ele diz que o senhor estava lá, quando aquilo aconteceu...

Ah, sim. Creio que sei o que você está tentando dizer. Sim, essa vai ser a nossa primeira parada. Mas eu devo avisá-lo de que não há nada para ver.

Nada?

Como você vai observar.

Eles caminharam até o Teatro de Pompeu. Lúcio subiu os degraus devagar, mas não por causa dos joelhos. Quando chegaram ao alto, deu para ele sentir o coração batendo no peito. A pele coçava e a respiração ficou ofegante. Mesmo depois de todos aqueles anos, tinha uma sensação de medo ao se aproximar do local.

Chegaram a uma parede de tijolos.

Foi aqui — disse ele. — Este é o local em que o Divino Júlio, seu tetratio, chegou ao fim de sua vida mortal.

O menino franziu o cenho.

Pensei que tivesse acontecido em algum tipo de salão de reuniões, aos pés da estátua de Pompeu.

Foi. A entrada do salão ficava aqui, e o lugar em que César caiu ficava talvez a uns cinqüenta passos deste ponto. Mas a sala foi isolada. Há alguns anos, o imperador decretou, ou melhor, o Senado votou, a pedido do imperador, que este ponto passaria a ser declarado lugar maldito, para nunca mais ser visto nem visitado. A estátua de Pompeu foi retirada e colocada em outra parte do complexo do teatro. A entrada da sala foi emparedada, como um túmulo. Os Idos de Martius foram declarados um dia de infâmia, e ficou proibido que o Senado voltasse a se reunir naquela data. Como eu lhe disse, não há nada para se ver.

Mas é verdade, vovô, que o senhor estava aqui? Que o senhor viu quando aquilo aconteceu?

É. Eu vi os assassinos atacarem. Vi César cair. Ouvi suas últimas palavras ao maldito Bruto. Antônio também estava aqui, apesar de ter chegado depois de mim. Eles o detiveram de propósito do lado de fora, em parte para impedir que protegesse César, mas também, acho eu, porque não queriam matá-lo. Os assassinos tinham um certo senso de honra. Acreditavam realmente que o que estavam fazendo era para o bem de Roma.

Mas como pode ser isso? Eles foram assassinos sanguinários.

Sim, também eram isso.

O menino franziu o cenho.

E Antônio? Pensei que ele fosse...

Mas não vamos falar mais nisso — disse Lúcio. — Há muita coisa mais que quero lhe mostrar.

Eles caminharam em direção às partes mais antigas da cidade. No Fórum Boieiro, Lúcio mostrou ao menino o Altar-Mor e falou sobre o papel outrora representado pelos Pinário na manutenção do culto de Hércules. Há muito tempo, aquele papel religioso tinha sido abandonado pela família, mas ele marcava a primeira aparição dos Pinário na história, e por isso nunca fora esquecido. Tinham dividido a tarefa com uma outra família, mas os Potício há muito que tinham sido extintos, como acontecera com várias das famílias patrícias originais, cujos nomes agora só existiam em anais e inscrições.

Eles subiram o Palatino, andando devagar pela antiga Escada de Caco, que os fez passar por um recesso na rocha onde se acreditava ter sido a caverna em que o monstro tinha morado. Fizeram uma pausa na sombra da figueira que se dizia ser uma descendente da lendária ruminális, debaixo da qual Aca Larência amamentara os infantes Rômulo e Remo. Visitaram a Cabana de Rômulo, que até o menino pôde ver que era nova demais para ser a verdadeira cabana em que o fundador vivera; o marco cívico tinha sido reconstruído muitas vezes ao longo dos séculos.

Eles desceram para o Fórum que, nos últimos anos, ficara ainda mais cheio de monumentos e templos.

Antigamente, tudo isso era um lago, ou pelo menos é o que dizem — observou Lúcio. — É difícil acreditar, não é? Os primeiros templos eram feitos de madeira.

Tudo o que estou vendo é feito de mármore — disse o menino.

Lúcio confirmou com a cabeça.

A orgulhosa jactância do imperador: "Encontrei Roma uma cidade de tijolos, mas vou deixá-la uma cidade de mármore." Durante o reinado dele, houve uma grande quantidade de prédios restaurados, reformados, e até reconstituídos a partir das fundações. Os estranhos santuários foram limpos, as antigas glórias foram polidas; tudo foi deixado maior e mais bonito do que antes. O imperador nos deu paz e prosperidade. O imperador fez de Roma a mais deslumbrante de todas as cidades que já existiram, o indiscutível centro do mundo.

Chegaram a uma estátua do imperador, uma das muitas que havia na cidade. Aquela o retratava como um guerreiro jovem, bonito e viril e armado para entrar em combate. A inscrição se referia à sua grande vitória em Filipos, na Macedônia, quando ele tinha apenas 21 anos de idade: "Mande para o exílio os assassinos de meu pai, e quando eles fizeram guerra contra a República, derrotei-os em combate." Lúcio achava que a estátua bajulava o seu primo. Otávio nunca tinha sido assim tão bonito, e sem dúvida não tinha sido tão musculoso e com os ombros tão largos.

O menino olhou para a estátua com um olhar menos crítico.

Papai me disse que o senhor também esteve em Filipos, vovô, quando os assassinos Bruto e Cássio foram justicados. Ele diz que o senhor lutou ao lado do imperador.

Lúcio ergueu uma sobrancelha.

Não foi bem assim.

Otávio, segundo ele se recordava, ficara de cama, doente, a maior parte da batalha, exceto o tempo que passara escondido num pântano depois que seu acampamento fora tomado por Bruto.

Eu mesmo não derramei sangue algum em Filipos. Estava encarregado das linhas de abastecimento para as legiões lideradas por Marco Antônio.

Antônio? — O menino franziu o cenho. — Mas ele era inimigo do imperador, não era? Ele se tornou, por vontade própria, escravo da prostituta egípcia!

Lúcio fez uma careta.

Isso acontece depois, muito depois. Em Filipos, Otávio e Antônio...

Otávio?

Eu me enganei. Otávio era o nome que o imperador recebeu ao nascer. Mais tarde, é claro, ele foi adotado pelo Divino Júlio e chamado de César dali por diante. Depois, adotou o título majestático de Augusto, e por isso o chamamos de César Augusto. Mas eu me afasto do assunto principal. Como estava dizendo, em Filipos, o imperador e Marco Antônio eram aliados. Lutaram juntos para vingar o Divino Júlio. Cássio e Bruto foram derrotados e se mataram. Mas Filipos foi só o começo. Cerca de sessenta senadores participaram da conspiração contra César; em poucos anos, todos eles morreram. Alguns morreram em naufrágios, alguns em combate; outros tiraram a própria vida, usando a mesma adaga com que tinham golpeado César. Até alguns que não tinham tramado contra César estavam mortos, como Cícero; ele fez de Antônio um inimigo, e por isso perdeu a cabeça e as mãos.

As mãos?

Cícero fez discursos abomináveis contra Antônio, de modo que quando Antônio mandou que o matassem, ordenou que as mãos deveriam ser decepadas juntamente com a cabeça, por ele ter escrito palavras tão ofensivas. Não há como negar que Antônio era vingativo por natureza.

Foi por isso que o imperador matou Antônio, porque ele assassinou Cícero?

Não. — Lúcio suspirou. A verdade era muitíssimo complicada, em especial quando grandes partes dela não deviam ser ditas em voz alta. — Os dois continuaram amigos... bem, aliados... durante alguns anos. Então, Antônio resolveu unir o seu destino ao de Cleópatra, e houve quem pensasse que Antônio e Cleópatra iriam governar o Egito e o Oriente, e o imperador iria governar Roma e o Ocidente. Mas, assim nos dizem os filósofos, como os céus são uma coisa só sob o governo de Júpiter, a Terra deseja, naturalmente, ficar unida sob um único imperador. Os sonhos de Antônio foram arruinados.

Por causa da prostituta egípcia?

Lúcio tornou a fazer uma careta.

Venha comigo, rapaz. Há mais uma coisa que eu quero que você veja.

Eles seguiram para o Fórum Juliano. Deixado inacabado por César, as galerias para os tribunais e os escritórios tinham sido completados pelo imperador. Ainda dominando a praça ao ar livre, estava a magnífica estátua de César montado num cavalo de batalha. Lúcio achava que o Divino Júlio parecia mais à vontade em sua armadura do que o seu sucessor.

A praça estava lotada de homens indo de um lado para o outro, falando entre si e levando documentos. No governo do imperador, os códigos legais tinham se tornado mais complicados do que nunca, e os advogados ficavam até mais ocupados do que estiveram na República, resolvendo disputas privadas, adjudicando falências e negociando contratos.

Lúcio e o menino passaram pela fonte que jorrava e entraram no Templo de Vênus. Lúcio ainda o considerava como o interior mais bonito de toda a Roma, insuperável até pelos mais pródigos projetos do imperador. Ali estavam as famosas pinturas de Ajax e Medéia feitas por Timômaco; ali estavam as estantes contendo as fabulosas jóias e pedras preciosas que César adquirira em suas viagens.

Segurando a mão do menino, Lúcio passou diante das duas estátuas na parte oposta do santuário. A Vênus de Arcesilau continuava insuperável. E, ao lado da Vênus, apesar dos infortúnios que atingiram o original de carne e osso, ficava a estátua dourada de rainha Cleópatra, a última da longa linhagem dos Ptolomeu que tinha governado o Egito desde a época de Alexandre, o Grande. Houve quem pensasse que o imperador fosse retirar a estátua, mas ali estava ela, onde o próprio Júlio César a instalara.

Apesar de tudo o que você pode ter ouvido, ela não era uma prostituta — disse Lúcio, em voz baixa. — Até onde sei, ela dormiu com apenas dois homens em toda a sua vida; o Divino Júlio e Marco Antônio. A ambos, ela deu filhos. O imperador, com sua sabedoria, achou por bem executar Cesário, mas poupou a vida dos filhos dela com Antônio.

Mas todo mundo diz que ela...

Nem sempre o que todo mundo diz é verdade. Chamá-la de prostituta e sedutora serviu aos propósitos do imperador, mas ela foi muito mais do que isso. Ela se considerava uma deusa. Para o que desse e viesse, ela se portava como tal.

O menino franziu o cenho.

E quando ela atraiu Antônio para juntar-se a ela, o senhor ficou do lado do imperador para lutar contra eles?

Não. No início, não. Quando a guerra entre eles começou, lutei ao lado de Antônio.

Ao lado de Antônio? *Com* Cleópatra? *Contra* o imperador? — O menino estava incrédulo.

Antônio era meu amigo. Ele foi o meu protetor quando eu era muito jovem, nos dias perigosos depois que César foi assassinado. Ele sempre fora

leal a César; eu me sentia obrigado a ser leal a ele. Por isso, servi sob suas ordens em Filipos e continuei a serviço dele depois, mesmo quando estourou outra guerra civil e o imperador o declarou inimigo de Roma. Antônio me mandou para a cidade de Cirene, para vigiar seu flanco ocidental. Você sabe onde fica Cirene?

O menino franziu o cenho.

Não sei bem.

Fica na costa líbia, a oeste de Alexandria, que era a capital de Cleópatra. Se ela e Antônio tivessem vencido, meu rapaz, Alexandria, e não Roma, teria se tornado a capital do mundo. Roma poderia ter se tornado nada mais do que um lugar atrasado, provincial.

Impossível!

Sim, você tem razão. Uma vez, ouvi o próprio Divino Júlio declarar que os deuses escolheram Roma para governar o mundo; como poderia esquecer? Mas naquela época inebriante, quando eu era jovem e Antônio e Cleópatra estavam na crista da onda, qualquer coisa parecia possível. Qualquer coisa! — Ele suspirou. — Seja como for, lá estava eu em Cirene. Eu deveria ser o vigia de Antônio, para o caso de seus inimigos tentarem navegar para o Egito costeando a Líbia. Nesse ínterim, enquanto vigiava e esperava, e treinava meus soldados, eu cunhava moedas para Antônio pagar as dívidas. Uma guerra é cara! Isso me faz lembrar, eu tenho um denário de prata para você, uma das moedas que cunhei para Antônio. — Lúcio enfiou a mão na toga. — Hoje em dia, elas são muito raras. Muitas foram derretidas e refeitas com a imagem do imperador.

O menino aceitou a pesada moeda e olhou-a com grande interesse.

Reconheço a Vitória, de seios nus, de perfil, com as asas atrás e portando uma coroa de flores... mas há algo mais que não consigo decifrar...

Uma fronde — disse Lúcio. — As palmeiras são nativas ao longo do Nilo.

O menino virou a moeda.

Mas quem é esse sujeito, com a barba ondulante?

Nada mais que o rei dos deuses, Júpiter.

Mas ele tem chifres de carneiro!

É porque este é Júpiter Amão, sua manifestação egípcia, que é chamado de Zeus Amão pelos alexandrinos, que falam grego. Alexandre, o Grande, adorava Zeus Amão. O mesmo fazia o seu general Ptolomeu, que

herdou o Egito. Foi Ptolomeu quem fundou a dinastia que governou o Egito durante quase trezentos anos, até que a casa real acabou com Cleópatra.

E... ela não era prostituta? — O menino continuava em dúvida.

Os inimigos dela em Roma diziam que era, enquanto viveu. Parece que todo mundo acredita nisso agora, muito tempo depois de sua morte.

Mas César não pensava assim. Antônio também não. Cleópatra considerava-se a manifestação da deusa Ísis. Uma mulher tende a levar a procriação muito a sério, quando pensa que a união carnal poderá resultar num deus ou numa deusa saindo de seu ventre!

O que quer que ela fosse, ela perdeu tudo, não perdeu? E arrastou Antônio com ela?

Lúcio confirmou com a cabeça.

Antônio e Cleópatra reuniram uma grande armada e partiram para a Grécia, a fim de enfrentar o imperador em combate. Eu fiquei em Cirene, e esperei notícias. A batalha naval aconteceu em Ácio. A marinha do imperador, sob o comando de Marco Agripa, destruiu a de Antônio e Cleópatra. Então, tudo acabou, e todo mundo percebeu isso. Antônio me mandou uma mensagem desesperada, dizendo que estava indo apanhar minhas tropas.

E quando foi que isso aconteceu?

A fisionomia de Lúcio ficou séria.

Eu matei os mensageiros. Mandeí um recado a Antônio, dizendo que ele não seria bem-vindo em Cirene. Por fim, eu caí na realidade, entende? Vi que os deuses tinham se colocado do lado do imperador, que sempre tinham feito isso, e só um homem sem religião continuaria a ficar contra ele.

O menino fez um gesto com a cabeça, sério, como se concordasse com o final de uma história de fundo moral, satisfeito com o fato de seu avô, finalmente, ter percebido o que era certo. Mas Lúcio estava de cara fechada.

Antônio e Cleópatra bateram em retirada para Alexandria, para aguardar o fim. Há quem diga que passaram aqueles últimos meses praticando todos os vícios possíveis, espremendo vida pelos últimos vestígios de prazer. Talvez essa história seja apenas mais uma calúnia contra eles, mas para mim tem sinal de verdade. Como aqueles dois adoravam beber e farrear! Cleópatra também se dedicou a testar vários venenos em seus escravos, para determinar qual aquele que provocava a morte menos

dolorosa. Quando o imperador e suas legiões chegaram ao Egito, e toda a esperança acabou, Antônio caiu sobre a própria espada. Mas Cleópatra...

Sim, vovô? O que aconteceu com Cleópatra? — O menino estudou o rosto do avô. Seus olhos estavam arregalados. — O senhor estava lá, vovô? O senhor estava em Alexandria quando...?

Estava, sim. Otávio, o imperador, insistiu para que eu o acompanhasse. Ele estava decidido a pegar Cleópatra viva. Queria levá-la para Roma e exibi-la em sua marcha triunfal. Mas a rainha tinha outros planos.

Até que ponto ele devia contar ao menino? Claro que não a história completa. Ele nunca contara aquilo a ninguém...

ANTÔNIO ESTAVA MORTO. O EXÉRCITO de Cleópatra desaparecera, como fumaça ao vento. Ocupada pelas forças de Otávio, a cidade de Alexandria estava de respiração presa. A rainha continuava no palácio real, trancada, com suas criadas, numa câmara vedada na qual só se podia entrar subindo por uma corda através de um alçapão. Ela não podia fugir, mas também não podia ser levada à força.

Numa varanda do palácio que tinha uma esplêndida vista do porto e do famoso farol, Lúcio foi chamado à presença de Otávio. O comandante dispensou as saudações e foi direto ao assunto.

Você tem uma longa associação com a rainha. Ela o conhece, primo. Ela confia em você.

Não confia mais. Eu a traí.

Mesmo assim, você tem uma melhor chance do que eu de convencê-la a sair da toca. Eu quero Cleópatra viva, não morta. Vá procurá-la. Fale sobre Antônio e sobre os velhos tempos, e o que poderia ter sido. Bajule-a. Induza-a a desistir. Quando tiver recuperado a confiança dela, diga o que tem a dizer para convencê-la a se render a mim. Garanta que pretendo tratá-la com todo o respeito devido ao seu posto e à sua linhagem. Ela vai aparecer na minha marcha triunfal, mas não será maltratada.

Isso é verdade?

Otávio deu uma risada.

Claro que não. Pretendo vê-la completamente derrotada e humilhada antes de morrer. Roma não exige nada menos do que a completa destruição da prostituta egípcia. Ela será estuprada e açoitada, mantida acorrentada, vai passar fome e será torturada. Quando o povo a vir rastejando nua atrás da

minha quadriga, vai se perguntar como foi que uma maldita bruxa pôde seduzir um homem como Antônio. Depois, ela será estrangulada no Tuliano, mas só depois de ver o menino Cesário morto diante dos seus olhos.

Ele só tem 14 anos — disse Lúcio.

E nunca terá 15.

Lúcio não tinha escolha. Concordou em agir como emissário de Otávio.

Através do alçapão, aos sussurros, negociou com as criadas da rainha, Charmion e Iras. Cleópatra concordou em recebê-lo no dia seguinte, mas só se ele fosse sozinho, sem nenhum outro romano à vista.

No dia seguinte, Lúcio chegou na hora combinada. Levava um presente para a rainha. Ela expressara ser louca por figos. O cesto que Lúcio ergueu pelo alçapão estava cheio de figos polpudos, maduros, sobre uma camada de folhas de figueira. Iras aceitou o cesto. Um pouco depois, Charmion baixou uma corda e Lúcio teve permissão para subir.

Ele tinha esperado encontrar as três mulheres encolhidas num esquálido quartinho, mas o aposento era grandioso. Pequenas aberturas no alto das paredes deixavam passar raios de sol. O piso era de mármore preto. As colunas eram de granito vermelho. As paredes estavam pintadas com cores deslumbrantes. Cleópatra estava sentada num trono esplêndido, em forma de um abutre de asas abertas, ornamentado com ouro, prata e lápis-lazúli. Usava um diadema com uma cabeça de cobra e um manto incrustado de jóias. Iras estava sentada a seus pés, com o cesto de figos.

Vossa Majestade não vai mudar de idéia? — perguntou Lúcio.

É tarde demais para isso — disse Cleópatra. Em uma das mãos, ela segurava um figo. No pulso havia a marca de duas picadas — a mordida da víbora, que o próprio Lúcio tinha conseguido com um dos agentes da rainha e escondido sob as folhas de figueira. — Muito obrigada, Lúcio Pinário. Quando eu vir Antônio no Elísio, contarei a ele o grande favor que você me fez.

As pálpebras tremeram e se fecharam. A cabeça pendeu para o lado. O figo caiu-lhe das mãos.

Os olhos de Lúcio encheram-se de lágrimas.

Será que este foi um fim adequado? Terá sido digno de sua patroa? — perguntou ele às criadas.

Irás estava calada. Ela já se unira à sua patroa na morte. Charmion, começando a cambalear e balançar, usava os momentos finais para endireitar a coroa da rainha, para que na morte a aparência dela estivesse perfeita.

Foi muito digno — sussurrou ela —, como merece a última de todos os faraós.

Lúcio chorou, mas só por um breve espaço de tempo. Preparou-se para dar a má notícia a Otávio...

Ao neto, Lúcio disse apenas:

A rainha submeteu-se à picada da víbora. O imperador a queria para a sua marcha triunfal, mas ela tirou dele, pelo menos, essa vitória.

Mesmo assim, dizem que foi a maior marcha triunfal de todos os tempos — disse o menino.

E foi, mesmo. Realmente, uma marcha triunfal muito pomposa. Naquele dia, meu primo Caio, que tinha nascido Otávio mas se tornara César, adotou o nome de Augusto, para comemorar sua elevação a divindade. O mundo inteiro foi avisado de que o imperador era digno de veneração... não apenas um rei, mas um deus na Terra.

Lúcio olhou fixo para a estátua de Cleópatra durante um longo momento, e depois pegou a mão do menino e afastou-se com ele.

Quando deixavam o Templo de Vênus, houve uma agitação na praça.

O imperador! O imperador! — gritavam os homens.

Uma liteira apareceu, esplendidamente decorada com púrpura e ouro e cercada por um verdadeiro exército de criados. Quem assistia recuava, perplexo. Dentro da liteira, podia-se ver nitidamente Augusto, reclinado em almofadas púrpuras. Para Lúcio, apesar da papada e das rugas e todos os outros estragos da idade, Otávio ainda parecia o empedernido menino que, com ousadia, defendera o direito ao legado de César, passara pelo furacão que levava à grandeza, aniquilara todos os rivais e nunca olhara para trás.

Os desejos dos deuses eram caprichosos e impossíveis de serem previstos, pensou Lúcio, e seus métodos eram, muitas vezes, enlouquecedoramente obscuros; e no entanto, sem dúvida, a história da humanidade progredia. Depois de muitas convulsões, o mundo chegara por fim a uma situação de estabilidade e paz, talvez até de perfeição: um só império, sempre em expansão, a ser governado por apenas um imperador, de uma única cidade, Roma.

Homens como Rômulo ou Alexandre ou César podiam parecer terem surgido do nada e mudado tudo. Se homens podiam tornar-se deuses, tudo era possível. Será que os deuses mais antigos, como acontecia com os homens, poderiam perecer por completo? Quem tinha como dizer o que podia estar ocorrendo naquele exato momento em algum outro lugar do mundo — talvez em algum obscuro ponto isolado na borda do império — onde o nascimento de um certo homem ou movimento poderia alterar, uma vez mais, o destino do mundo? Talvez o próprio Júpiter pudesse ser derrubado, para ser substituído por um outro rei dos céus! Não só um império e um imperador, mas um só deus: será que um mundo assim não poderia representar um estado de perfeição ainda maior?

Lúcio expulsou a idéia blasfema e, em vez disso, concentrou-se no esplendor terreno da comitiva de César Augusto, imperador de Roma, que se afastava, sem dúvida o maior de todos os homens que já tinham vivido ou que viessem a viver na Terra.

Mas Lúcio quase se esquecera do mais importante! Enfiou a mão na toga e tirou o colar que estava usando.

Isso é para você, meu menino. Eu gostaria de ter esperado até o seu dia da toga para dá-lo de presente a você, mas acho que você está preparado para ele.

O que é isso, vovô? — O menino olhou fixo para o amuleto em sua mão.

A origem é incerta. Eu nem sei o nome do deus que ele representa. Mas quando o recebi, me disseram que este talismã é mais antigo do que a própria Roma. Tem sido passado adiante em nossa família há muitas gerações desde antes da época de Rômulo.

O jovem Lúcio examinou o objeto com curiosidade, incapaz de discernir o que ele devia representar. Depois de tantos anos e de tantos usuários, os detalhes do falo alado tinham sido gastos. Pelo contorno, a forma parecia ser pouco mais do que uma simples cruz — não diferente, pensou o menino, dos crucifixos nos quais os romanos executavam criminosos.

— Tal como me foi transmitido — disse o avô dele —, eu agora o passo para você, meu xará. Você tem que jurar fazer a mesma coisa, numa geração futura.

O menino olhou fixo para o pingente e então, com ar solene, passou o colar pela cabeça.

NOTA DO AUTOR

As origens e os primórdios do progresso de Roma representam hoje uma das mais estimulantes áreas do estudo histórico no mundo. Ao longo da maior parte do século XX, era moda desprezar as narrativas da fundação feitas pelas fontes antigas por serem consideradas invenções, mas recentes descobertas arqueológicas deram nova credibilidade a histórias antes rejeitadas por serem lendas. Assim, a epigrama de *The Foundation of Rome: Myth and History*, de Alexandre Grandazzi, que abre este livro: "A lenda é histórica, assim como a História é lendária."

Comecei minha pesquisa para *Roma* lendo e relendo *The Beginnings of Rome: Italy and Rome from the Bronze Age to the Punic Wars (c. 1000 to 264 a.C.)*, de T. J. Cornell (Routledge, 1995). Se o leitor quiser saber as fontes específicas para esse período, e compreender a posição de atuais estudos romanos, leia o livro de Cornell.

Nas páginas iniciais, fiquei impressionado com o comentário feito pelo autor, de que "toda história contém um elemento de ficção", e com sua observação de que os historiadores antigos, em contraste com seus semelhantes modernos, praticavam abertamente certas técnicas em comum com modernos romancistas históricos. No romance histórico, observa Cornell, "e na historiografia pré-moderna (...) os autores têm permissão para reconstruir, seguindo suas imaginações, os sentimentos, as aspirações e os motivos de pessoas e grupos, de inventar cenas plausíveis — no campo de batalha, nas ruas, ou no quarto de dormir — e até mesmo colocar palavras suas nas bocas de personagens do drama. Essas convenções eram aceitas sem discussão na antigüidade, quando a história era, pelo menos em parte, um exercício retórico".

R. M. Ogilvie (segundo citação de Betty Radice em sua introdução a *Livy: The War with Hannibal*) compara de forma explícita o grande historiador romano a um autor de ficção: "Como um romancista", Lívio "subordinava a precisão histórica às exigências de personagem e enredo. Ele se abandonava livremente à invenção e à imaginação para apresentar um quadro vivo." Mesmo assim, como observa Radice com ironia, Lívio "jamais comete o erro de tentar criar atmosfera plagiando páginas de Baedeker — George Eliot e Lord Lytton, com todo entusiasmo, fizeram o possível com relação a Florença e Pompéia, mas as pedras mortas nunca

falam. Em vez disso, ele mantém as descrições a um mínimo e recria o espírito de Roma penetrando nos sentimentos do povo e da época (...)"

Tito Lívio, conhecido em inglês como Livy, viveu no reinado de Augusto. Sua monumental história, *Ab Urbe Condita* (da fundação da cidade), é a nossa fonte principal para as muitas primeiras centenas de anos da história romana, desde suas místicas origens aos primórdios de seu império mediterrâneo. Para puros prazer e escapismo, ler Lívio por inteiro é uma experiência comparável à leitura de Tolkien, Tolstoi ou Gibbon; em outras palavras, é uma das grandes experiências de leitura que se pode ter na vida.

Outras fontes antigas para as primeiras fases da história romana são as biografias de Plutarco; *De Republica*, de Cícero; a *Geografia*, de Estrabão; as histórias de Dionísio de Halicarnasso; Diodoro Sículo; Cássio Dio e Políbio; as peças de Plauto; e *Fasti*, de Ovídio, um trabalho menos conhecido do grande poeta latino que dá fascinantes detalhes sobre a prática e a origem de vários costumes e ritos religiosos romanos. Nossas fontes para a fase posterior da República incluem a história de Apiano e a biografia de Júlio César, escrita por Suetônio.

Livros de autores modernos que achei de um estímulo especial incluem *The Foundation of Rome*, de Augusto Frascetti (Edinburgh University Press, 2005; originalmente publicado na Itália como *Romolo II Fondatore* em 2002), *Remus: A Roman Myth*, de T. P. Wiseman (Cambridge University Press, 1995), *The Rise of Rome to 264 B.C.*, de Jacques Heurgon (University of California Press, 1973), *The Punic Wars 264-146 B.C.*, de Nigel Bagnall (Osprey, 2002), e *Daggers in the Fórum: The Revolutionary Lives and Violent Deaths of the Gracchus Brothers*, de Keith Richardson (Cassell, 1976).

Também encontrei inspiração em *Lays of Ancient Rome*, de Thomas Babington Macaulay, uma imaginosa "reconstrução", feita no século XIX, de antigas baladas romanas, a tragédia de Shakespeare, *Coriolanus*, e o longo poema narrativo de Shakespeare, "The Rape of Lucrece".

O *Dictionary of Greek and Roman Antiquities*, de William Smith (tenho um exemplar da edição de 1869, bem como do *Dictionary of Greek and Roman Biography and Mythology*, de Smith, em três volumes, de 1870) e *A Topographical Dictionary of Ancient Rome*, de Samuel Bali Platner (a minha é a edição de 1928) foram meus companheiros de todos os dias. Os

dois trabalhos podem ser encontrados on-line, juntamente com muitos outros textos, mapas e informações adicionais, num site chamado LacusCurtius, mantido por Bill Thayer; durante a pesquisa e a escrita de *Roma*, minhas visitas àquela extraordinária cornucópia foram numerosas demais para serem contadas. Quando precisava tomar emprestado um livro "real", eu visitava as bibliotecas da Universidade da Califórnia em Berkeley.

Os leitores que quiserem saber a exata localização de monumentos e pontos de referência devem consultar o livro *Mapping Augustan Rome* (Journal of Roman Archeology Supplementary Series, 2002), em grande parte produzido por eruditos da Universidade da Pensilvânia. Os mapas em larga escala que acompanham o livro deles são obra de prodigiosa pesquisa e refinado desenho. Por puro prazer, os leitores poderão desejar dar uma olhada no mapa *Roma Arcaica* (uma publicação do Museo della Civiltà Romana que pode ser adquirido na American Classical League), uma vista aérea da cidade tal como ela deve ter parecido nos primeiros dias da República Romana.

Este romance foi o maior e mais complicado projeto que realizei, e sinto-me grato àqueles que me ajudaram durante os trabalhos. A origem mais remota de *Roma* pode recuar a Nick Robinson, da Constable, minha editora do Reino Unido, que sugeriu que eu devia tentar um romance de uma extensão mais ampla do que a minha série *Roma Sub Rosa*; foi no apartamento de Nick em Londres que apresentei pela primeira vez a idéia que se tornou este livro.

Foi durante uma caminhada às margens do Barton Creek em Austin, Texas, que conversei sobre a idéia em maior detalhe com o meu editor da St. Martin's Press, Keith Kahla, que compreendeu de imediato o que eu tentava fazer; alguns anos (e aproximadamente 200 mil palavras) depois, recebi de bom grado os comentários esclarecedores de Keith sobre o primeiro rascunho. Krystyna Green, minha editora na Constable, R.U., também teve um papel ativo no acompanhamento da evolução do livro. Agradeço, também, a Gaylan DuBose, professor de latim e autor de *Farrago Latina*, que leu as provas de paquê e me passou valiosos comentários sobre o texto.

Um agradecimento especial, como sempre, ao meu parceiro, Rick Solomon, e ao meu agente, Alan Nevins, que nunca deixam de me dar ânimo quando necessário.

AS LUTAS POLÍTICAS E MAQUINAÇÕES facciosas em *Roma*, que às vezes nos parecem inacreditavelmente familiares, não são invenção minha, como também não fiz muito para modernizar os termos dos debates. O longo cabo-de-guerra entre patrícios e plebeus, a cínica tática da classe dominante, fomentadora de guerras, de explorar a retórica religiosa e o medo de ameaças externas em proveito próprio, a mudança política dos descendentes de Ápio Cláudio, da extrema direita para a extrema esquerda, a caça às bruxas que eliminou o "subversivo" Culto de Baco, o apelo dos bem-nascidos Graco à ralé privada de seus direitos — cada um desses incidentes nos é dado com explícito detalhe pelas fontes. A República dos romanos durou quase o dobro da nossa até agora, e eles enfrentaram os paradoxos e paradigmas da luta de classes muito antes de nós. Resta saber se a República norte-americana vai acabar com o surgimento de um executivo todo-poderoso, como fez a dos romanos.

Será que Fascinus foi a primeira divindade dos romanos, tal como se contado em *Roma*? Segundo a *História Natural* (28.7), de Plínio, Fascinus era o nome de um deus adorado pelas virgens vestais, que colocavam a imagem dele (um *fascinum*, ou amuleto de um falo) sob a quadriga daqueles que desfilavam na marcha triunfal, a título de proteção contra "fascinação" (o que chamaríamos de mau-olhado). Varro nos diz que amuletos fálicos eram, muitas vezes, pendurados no pescoço de crianças romanas para protegê-las; eram também colocados em jardins e sobre lareiras e forjas. Quem visitar Pompéia, irá notar grafitos e esculturas fálicas, mas poucos poderão perceber que uma imagem que pode parecer obscena ao olhar moderno era sagrada para os antigos.

O falo místico que surge do fogo de uma lareira aparece no mito de origem do rei romano Sêrvio Túlio e, ainda mais cedo, numa variante da história da origem de Rômulo tal como contada pelo historiador Promathion. Antigos autores gregos como Promathion foram os primeiros a especular sobre os primórdios de Roma, aos quais tendiam sobrepor seus próprios mitos; com o tempo, os próprios romanos iriam ligar a fundação de sua cidade a uma lenda grega, a queda de Tróia (tema de *A Eneida*, de Virgílio). "O que é extraordinário" sobre Promathion, como observa T. P. Wiseman em *Remus*, "é que esse antigo escritor grego narrou, evidentemente, uma história nativa romana. O falo fantasma é um conceito

que nada tem de grego. Os deuses gregos não se manifestam dessa maneira."

Se a descrição que Promathion faz do falo divino é extraída de um mito romano autêntico e muito antigo, e se esse falo que sai da lareira é a mesma divindade que mais tarde tornou-se conhecida como Fascinus, pode ser realmente que Fascinus tenha sido o primeiro deus romano. Desconfio que Lívio iria compreender meus motivos para fazer com que fosse.



Reliquia